



Faculdade de Ciências



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
CAMPUS DE BAURU

ENSINO E FORMAÇÃO EM PERMACULTURA NO BRASIL: UMA  
ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DOS CURSOS DE DESIGN EM  
PERMACULTURA (PDCs) E DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ANDRÉ SANTACHIARA FOSSALUZA

BAURU/SP

2019



O presente trabalho foi realizado com apoio do **CNPq**, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (Processo: **163751/2015-3**)



ANDRÉ SANTACHIARA FOSSALUZA

ENSINO E FORMAÇÃO EM PERMACULTURA NO BRASIL: UMA  
ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DOS CURSOS DE DESIGN EM  
PERMACULTURA (PDCs) E DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
graduação em Educação para a Ciência  
como parte dos requisitos para obtenção  
do título de doutorado

Área: Ensino de Ciências e Matemática

Área de concentração: Multidisciplinar

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Freitas de  
Campos Tozoni Reis

BAURU/SP

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Fossaluzza, André Santachiara

Ensino e formação em Permacultura no Brasil: uma análise crítica a partir dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e da Educação Ambiental / André Santachiara Fossaluzza. – São Paulo, 2019.

393 p.: il., tabs., fotos, mapas + 1 CD-ROM

Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru, 2019

Orientadora: Marília Freitas de Campos Tozoni Reis

1. Permacultura. 2. Educação Ambiental. 3. Ensino. 4. Professores Formação. 5. Design. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

Dados fornecidos pelo autor(a).  
Essa ficha não pode ser modificada.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ANDRÉ SANTACHIARA FOSSALUZA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 09 dias do mês de setembro do ano de 2019, às 13:30 horas, no(a) Instituto de Biociências - UNESP campus de Botucatu, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARILIA FREITAS DE CAMPOS TOZONI REIS - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação / Instituto de Biociências - UNESP/Botucatu, Profa. Dra. DANIELE CRISTINA DE SOUZA do(a) Departamento de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias / Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, Prof. Dr. MARCOS SORRENTINO do(a) ESALQ / USP/Piracicaba (SP), Prof. Dr. ARTHUR SCHMIDT NANNI do(a) Geociências / Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Prof. Dr. FERNANDO SILVEIRA FRANCO do(a) Ciências Ambientais / Universidade Federal de São Carlos, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de ANDRÉ SANTACHIARA FOSSALUZA, intitulada **Ensino e Formação em Permacultura no Brasil: uma análise crítica a partir dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e da Educação Ambiental**. Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. MARILIA FREITAS DE CAMPOS TOZONI REIS 

Profa. Dra. DANIELE CRISTINA DE SOUZA 

Prof. Dr. MARCOS SORRENTINO 

Prof. Dr. ARTHUR SCHMIDT NANNI 

Prof. Dr. FERNANDO SILVEIRA FRANCO 

PARTICIPAÇÃO À DISTÂNCIA



***Dedico este trabalho a todas as pessoas que dia após dia usam sua energia para construir sociedades diferentes desta em que vivemos, mesmo diante do cansaço físico e mental, das ameaças, de todas as formas de discriminação e preconceito, da constante exploração das nossas vidas, da morte.***

***E a todas que, com um abraço, um sorriso, um café com bolo ou uma boa conversa, ajudaram a tornar esta pesquisa suportável e possível.***





*As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.*

*Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.*

*Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:*

*Que não são, embora sejam.*

*Que não falam idiomas, falam dialetos.*

*Que não praticam religiões, praticam superstições.*

*Que não fazem arte, fazem artesanato.*

*Que não são seres humanos, são recursos humanos.*

*Que não tem cultura, têm folclore.*

*Que não têm cara, têm braços.*

*Que não têm nome, têm número.*

*Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.*

*Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.*

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre, Brasil: L&PM, 2002. 270 p. Tradução de Eric Nepomuceno.



Pôr-do-Sol em Rubião Júnior, Botucatu/SP, Brasil, em agosto de 2018



## AGRADECIMENTOS

Este trabalho de pesquisa só foi possível devido a inúmeras contribuições de muitas pessoas e instituições. Dificilmente conseguirei citar todas nominalmente neste espaço, mas faço a tentativa.

Em primeiro lugar, neste momento histórico de contínuos ataques ao ensino público de qualidade, gratuito, laico e universal, reitero a essencialidade da universidade pública para o desenvolvimento de ações que colaborem para a criação de sociedades mais justas e equilibradas.

Assim, começo esta seção agradecendo à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), instituição pública de ensino superior à qual estive vinculado desde 2005, seja na graduação em Ciências Biológicas em Botucatu ou na pós-graduação em Bauru, especialmente às belíssimas pessoas que pude conviver no Departamento de Educação do Instituto de Biociências: Maria Augusta Leite Paulino, Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciana Lunardi Campos, Prof. Dr. Renato Eugênio Diniz, Prof. Dr. Leandro Coelho, Prof.<sup>a</sup> Me. Dianne Cassiano e Prof. Me. Guilherme Augusto Fernandes. Entre aulas, projetos, ideias, greves e cafés, foi um prazer enorme conviver com vocês.

À minha orientadora, Prof. Dra. Marília Freitas de Campos Tozoni Reis, por todos os ensinamentos compartilhados, pela paciência e confiança no meu trabalho enquanto pesquisador e educador, além de todo o suporte em questões pessoais.

Aos professores e professoras que compõem a Banca de Defesa desta pesquisa, titulares e suplentes (Marcos Sorrentino – ESALQ/USP, Fernando Silveira Franco – UFSCar, Daniele Cristina de Souza – UFTM e Arthur Nanni – UFSC; Marina Battistetti Festozo – UFL, Lilian Giancomini Cruz Zucchini – UEMS e Lin Chau Ming – UNESP), pelas importantes contribuições feitas ao trabalho e por toda a compreensão com minhas seguidas quebras de prazos de entrega.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por ter financiado esta pesquisa através da concessão de uma bolsa de doutorado e recursos financeiros para compra de materiais, equipamentos e participação em fóruns da área (**Processo: 163751/2015-3**).

Aos/às funcionários/as da Seção Técnica de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências, UNESP, campus de Bauru, por toda a ajuda, paciência e pronto atendimento, mesmo com meus constantes atrasos e distância de Bauru.

Aos/às colegas do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental (GPEA/UNESP), por todas os encontros e discussões que pude participar desde 2011, quando nos conhecemos em Cuba.

Também, aos/às queridos/as estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas com quem tive o prazer de trabalhar como professor em 2016 e 2018 (mesmo que oficialmente entendido como Estagiário de Docência pela universidade, num triste caso de sucateamento do ensino público), na minha primeira experiência na docência no Ensino Superior.

À Universidade de Santiago de Compostela, campus de Lugo (Espanha), em especial ao Prof. Rubén Navarro Patón, pela ótima acolhida e permissão para acompanhar as atividades do Programa de Máster em *Dirección de Actividades Educativas en la Naturaleza*. Também, agradeço aos amigos e amigas que fiz nessa bonita parte do mundo, principalmente a Carlos e Elena (da cervejaria artesanal Toupiña), Chusa e Carmela (da Cooperativa de Plantas Medicinais Millhulloa), Jorge, Javi e Virginia (companheir@s na universidade e nos bares). E aos churros com chocolate nas manhãs ensolaradas e frias.

À toda a equipe da Unidade de Jundiaí/SP do Serviço Social do Comércio (SESC-SP), meu local de trabalho desde novembro de 2018, particularmente à Celina Tamashiro (Gerente), Luiz Fernando Silva (Gerente Adjunto) e Denise Kieling (Supervisora do Núcleo Socioeducativo), por toda a compreensão e apoio para a conclusão deste trabalho acadêmico; também, aos amigos e amigas dos diversos setores que compõem nosso local de trabalho, por toda a ajuda, especialmente nas últimas semanas de escrita.

Ao Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro, por ter me acolhido num dos momentos mais duros da minha vida com um tratamento gratuito e de muita qualidade para a depressão, infelizmente hoje tão comum a nós, estudantes de pós-graduação.

À minha família, pela presença contínua ao longo de tantos anos e por todo o suporte que sempre me deram: meu pai, Otávio Donizetti Fossaluzza, minha mãe, Maria Aparecida Santachiara Fossaluzza, meu irmão, Ricardo Santachiara Fossaluzza.

Também, a meus primos e primas, tios e tias, em especial a Andrey Ricardo Niculuzio, Moniele Urania, Stelinha e Beatriz Marques.

Aos amigos e amigas que me acompanharam nessa longa jornada, seja para celebrar, aguentar minhas lamentações ou nos ajudarmos nesses tempos tão estranhos. Principalmente a Alberto de Azevedo Pinheiro (e Valdir, Estrupício, Cacá, Nequinha, Boca-Preta, Fulô, Beijinho e Kelly), Arnaldo Sardenberg, Camila Vaz de Souza, César Claro Trevelin, David Bui Van, Emerssom Massa Simidu, Enio Yoshinori Hayasaka, Felipe Giroto, Fernanda Helena Palermo, Guilherme Augusto Fernandes, Guilherme Gama, Janete Andrade, João Pompeu (e seus queridos pais, Wilson e Sueli, que nos receberam para tantas pizzadas), José Donizeti “Chura”, Karina Cypriano, Maria Eugênia Lopes Navarro, Marcão, Marquinhos, Miguel Leopardi, Pangua, Pedro Andrade Garcia, Rafael Guerreiro, Raquel de Arruda Santos, Sérgio Akira Adachi, Suelyn da Luz, Tamy Reis Fregonesi, Tereza Telles, Thiago Silva de Carvalho, Vivian Cypriano, Viviany Viriato e Yve Canaveze.

A todo o querido povo com quem tive a alegria de trabalhar durante o *International Design and Development Summit* (IDDS Amazon) em 2016, em Boa Vista do Acará/PA. Especialmente a Débora Leal, Camila Figueiredo, Paula Moreira, Max Krueger, Jorge Espinosa, Michael Schuster, Leandro Telles, José Maria Pool, Débora Chagas, Vanessa Telles, Carol Caracol, Bia, Dona Bete, Seu Adonias, Seu Ivan, Mestre Beбето, Pedro e o querido Seu Orlando, que nos deixou há poucos meses (e a todas as outras queridas pessoas da Associação dos Produtores Orgânicos de Boa Vista do Acará – APOBV – que possa ter me esquecido de mencionar. Viver a Permacultura com vocês foi uma das coisas mais lindas e amorosas de toda a minha vida.

A todas as lindas pessoas que me abrigaram ou compartilharam uma moradia (e suas vidas) comigo durante esses mais de 4 anos, seja de forma mais extensa, em visitas para um café ou nas diversas paradas que tive a oportunidade de fazer neste mundo. Provavelmente não conseguirei mencionar tod@s, mas não tenho palavras para agradecer pelos cuidados, camas e sofás oferecidos e papos compartilhados. Especialmente, agradeço a: Fernando Soriano, Donizete Nicoletti, Maria Eugênia Lopes Navarro e Anselmo Nogueira, em Botucatu; Mariana Rodrigues de Almeida e Danillo Olivatto, em Caçapava; Safira, Fernando, Manuel, Isabel, Cátia e João em Escapães, São João da Madeira e Amsterdã; Teresa Branco e Cindy Pinhal, em

Coimbra; Camila Rossetti e Luiz Corrêa, em Lisboa; Fernanda Oliveira, em Colônia; Monique Ortiz e Vitor Trentim, em Oslo; Yeung Sau Lun, em Hong Kong; Ann Lund, em Gotemburgo; Demétrius Lira Martins, Pedro Folegatti e Patrícia de Oliveira Mota, em Londres e Oxford; Zsuzsi Kneifel, em Budapeste; Silvie Mitlenerová, em Praga; Tobias O'Grady, em Grenoble; Ángel Flores, em Madrid; Mira, em Frankfurt; Jonathan Yabut, Mooreyameen Mohamad e Eva Starke, em Kuala Lumpur; Susanne Thomas, em Banguécoque; Júlio Regil Herasme e Roxane Sajus, em Lugo; Edurne e Raúl, em Bilbao; Dragos Niculescu, em Paris; Paulo Roberto Amaral Lencioni, na Demetria; Carolina Tognetta Minozzi e Andrei Índio, em São Paulo; e André Locatelli, Kátia Manfredi e Thiago Danelutti, em Jundiá.

Aos coletivos, indivíduos e institutos de Permacultura atuantes no Brasil, por serem a inspiração e objeto de estudo desta tese: Rosemary Morrow, Anna Bartoli, Alfred Decker, Bénédicte Allaert, Fabio Copetti e Livia Raccanello com quem convivi durante o curso *Permaculture Teaching Matters*, em Stremiz, na Itália; Desireé Moura e Yuri Almeida, do Pupa Permacultura, em São José dos Campos; Djalma Nery e Flávia Torunsky, da Associação Veracidade, em São Carlos; João Paulo Becker Lotufo Jr., Lucas Lotufo Brant e Tomaz Amaral Lotufo (muito obrigado por ter sido a pessoa que foi a catalisadora de todo esse movimento, desde o início), do Sítio Beira Serra, em Botucatu; Jorge Timmermann, Suzana Maringoni e todas as lindas pessoas que conheci no Curso de Formação de Instrutores de PDC de Yvy Porã, em São Pedro de Alcântara e São José do Cerrito; Gardel Silveira, do Sítio Curupira, em Santo Amaro da Imperatriz; Lachlan McKenzie, da *International Permaculture Education Network* (IPEN), na Austrália; Sergio Pamplona, do Sítio Nós na Teia, em Brasília; aos amigos e amigas que pude conviver como voluntário na Convergência Internacional de Permacultura (IPC India), como Anna Landia, Carlota Herrero Lopez, Júlia Riag, Nadir Zitti Cardenas, Andrew O'Neill, Annaïk Le Net, Dorian, Floriane Duthel, Charlotte Pearsall, Rodrigo Braga, Alby Duncan, Naomi Joy Smith, Mariana Gonzalez, Justin Robertshaw, Fontaine Kirini-Joyce, MC, Albert Walker, Michele Marchi, Martin Lotsander e Nickel Deux Bois, em Hyderabad.

Agradeço, especialmente, ao Grupo Curare de Permacultura. Não mencionarei os nomes de todo mundo – sou uma pessoa afortunada por compartilhar minha vida com as pessoas que amo nos âmbitos profissional e pessoal. Assim, tod@s já foram citados nominalmente em parágrafos anteriores. Obrigado por todos esses anos de

experiências conjuntas, por entenderem minha ausência desde que me mudei para Jundiaí e por ter me ajudado a escrever este trabalho, feito a muitos cérebros.

À Moradia Estudantil da UNESP, campus de Botucatu, especialmente aos Prof. Dr. Francisco Câmara, Prof. Dr. Luiz Roberto Bicudo e a todos os amigos e amigas que participaram do Projeto “Moradia Estudantil Agroecológica”, desde 2006.

À Jaqueline Stefany Diniz e Ananda Casanova, por terem compartilhado suas vidas comigo neste longo período de trabalho de pesquisa e por todo o amor e companheirismo que pudemos vivenciar.

A Alexandra Elbakyan, pela criação e manutenção do Sci-Hub, que permite acesso livre a publicações científicas.

Aos Movimentos Sociais e Ambientais, nos ambientes rurais e urbano, com os quais tanto aprendi desde 2006, quando tive meu primeiro contato com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), na região Sul do Brasil, durante meu primeiro Encontro Nacional dos Estudantes de Biologia (ENEB).

A todas as pessoas que lutam, dia após dia, pela construção de sociedades diferentes dessa, socialmente justas e ecologicamente equilibradas. Que esse período tenebroso que estamos vivendo seja logo superado.

Seguimos!

**Marielle Franco, Presente!**





FOSSALUZA, André Santachiara. **Ensino e formação em Permacultura no Brasil: uma análise crítica a partir dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e da Educação Ambiental**. Bauru/SP, 2019, 393 p. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP).

## RESUMO

A Permacultura, assim como a educação ambiental e outras ações em resposta ao aprofundamento das crises socioambientais inerentes ao modo capitalista de produção, é um movimento que tem se expandido e agido em prol de uma transformação da realidade. As ações de caráter educativo são essenciais para sua disseminação, entre as quais se destacam os Cursos de Design em Permacultura (PDCs). Como um movimento recente no Brasil, ela carece de estudos acadêmicos que abordem como seu ensino tem se dado. Assim, este trabalho buscou analisar o ensino de Permacultura no Brasil, com foco nos PDCs e em cursos de formação de educadores/as que atuam em ambos os cursos. Para tal, realizamos um mapeamento nacional desses cursos e dos/as educadores/as atuantes nos PDCs, coletando dados de ordem quantitativa e qualitativa. Tivemos como base teórico-metodológica o Materialismo Histórico-Dialético e entendemos este trabalho como uma Pesquisa-Ação Participativa. No mapeamento, encontramos 38 grupos que oferecem PDCs no Brasil, contando com a atuação de 210 educadores/as, além de 3 grupos que oferecem cursos de formação de educadores/as de PDC. Os dados indicam que, atualmente, a Permacultura se configura como um campo de disputa, com ações de caráter contraditório e heterogêneo quanto a seu ensino. Se, por um lado, apresenta bases teórico-metodológicas que buscam a superação do modo capitalista de produção, como a busca por metodologias de ensino ativas, participativas e horizontais, por outro não se configura como um movimento social coerente com suas próprias bases ao observarmos os ainda altos custos de inscrição nos PDCs, a menor participação das mulheres, a tímida participação de pessoas negras e indígenas, a inexistência de uma organização nacional representativa que discuta e elabore princípios desses cursos e o reconhecimento parcial da essencial formação na área de educação para a atuação enquanto educadores/as, para uma prática pedagógica de maior qualidade e coerente seus princípios éticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Permacultura. Educação Ambiental. Ensino. Professores Formação. Design.



FOSSALUZA, André Santachiara. ***Permaculture teaching and education in Brazil: a critical analysis from the Permaculture Design Courses (PDCs) and Environmental Education.*** Bauru/SP, 2019, 393 p. Thesis (PhD in Science Education). UNESP School of Sciences, Bauru campus.

## **ABSTRACT**

*Permaculture, as well as environmental education and other actions originated from the aggravation of the socioenvironmental crisis inherent to the capitalist mode of production, is a movement that has evolved and proposed activities that contribute to transform our reality. Educational actions have been essential to its dissemination, of which the Permaculture Design Courses (PDCs) stand out. However, as a recent movement in Brazil, it lacks academic studies that approach its teaching. Thus, this research aimed to analyze Permaculture teaching in Brazil focusing on the PDC and on PDC teacher training courses. For such, we mapped Brazilian PDCs and identified educators who have taught in both courses, collecting quantitative and qualitative data. Dialectical and historical materialism was our theoretical and methodological framework and we understand this work as a Participatory Action Research. We found 38 groups that offer PDCs in Brazil and 210 educators who teach in these courses, besides 3 groups that organize teacher training courses. Our data suggest that Permaculture is a field of dispute, with contradictory and heterogeneous actions regarding its teaching. If, on the one hand, it has theoretical and methodological frameworks that seek to overcome the capitalist mode of production, such as active, participative and horizontal teaching methods, on the other hand it cannot be recognized as a coherent social movement to its own framework when we observe the high registration fees to join the PDCs, the lower participation of women, black and indigenous people, the nonexistence of a representative national organization to discuss and create principles to a pedagogical proposal of these courses – which would allow the autonomous construction of objectives and curricula that are appropriate to our reality – and the partial denial of the importance of one's formation in the field of education when acting as a teacher, which impede an improvement of the educational practice and its coherence to Permaculture ethical principles.*

**KEYWORDS:** *Permaculture. Environmental education. Teaching. Teachers Education. 5. Design*



# SUMÁRIO

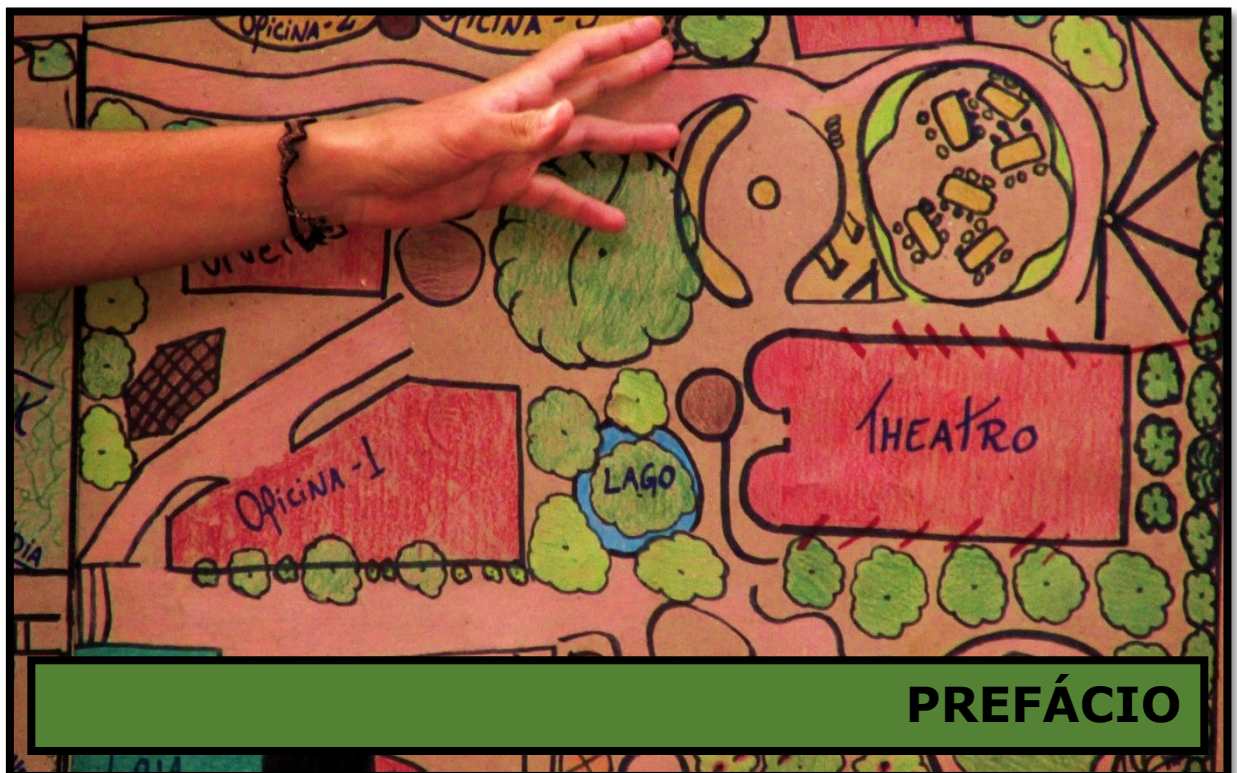
<b>Agradecimentos</b> .....	<b>Página 11</b>
<b>Prefácio</b> .....	<b>Página 24</b>
<b>1. Introdução</b> .....	<b>Página 33</b>
1.1. Educação e Educação Ambiental .....	Página 35
1.2. Permacultura: a Cultura da Permanência .....	Página 41
1.3. Objetivos e justificativas .....	Página 55
<b>2. Metodologia da Pesquisa</b> .....	<b>Página 59</b>
<b>3. Resultados e Discussão</b> .....	<b>Página 79</b>
<b>Parte I – Mapeamento</b> .....	<b>Página 81</b>
Capítulo 1. Os Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil .....	Página 89
Capítulo 2. Os Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil .....	Página 126
<b>Parte II – Ensino e formação em Permacultura</b> .....	<b>Página 133</b>
Capítulo 1. Um mergulho nos PDCs no Brasil .....	Página 137
Capítulo 2. Quem ensina Permacultura no Brasil? .....	Página 164
Capítulo 3. Um mergulho nos Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil – e uma mirada às experiências no exterior .....	Página 193
Capítulo 4. Quem ensina quem ensina Permacultura? .....	Página 208
<b>4. Conclusão</b> .....	<b>Página 217</b>
<b>5. Referências</b> .....	<b>Página 231</b>
<b>Apêndices</b> .....	<b>Página 242</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>Página 382</b>



*Inventamos uma montanha de consumo supérfluo, e é preciso jogar fora e viver comprando e jogando fora. E o que estamos gastando é tempo de vida. Porque quando eu compro algo, ou você, não compramos com dinheiro, compramos com o tempo de vida que tivemos de gastar para ter esse dinheiro. Mas com esta diferença: a única coisa que não se pode comprar é a vida. A vida se gasta. E é miserável gastar a vida para perder liberdade.*

Fala de José Mujica, ex-presidente do Uruguai, no documentário Humano: uma viagem pela vida.

HUMAN. Direção de Yann Arthus-Bertrand. Produção de Florent Gilard. Realização de Yann Arthus-Bertrand. França: Humankind Production; France Télévisions, 2015. (188 min.), son., color. Legendado. Disponível em: < <https://youtu.be/N1WdfVWo1pQ>>. Acesso em: 20 ago. 2019



Apresentação de um Exercício Final de Design no VII PDC do Grupo Curare de Permacultura, Botucatu/SP, Brasil, em janeiro de 2015





## PREFÁCIO

Na última noite de trabalho escrevendo a tese, sentado no quintal de casa, à noite, depois de um dia inteiro de trabalho, pensando na oficina de espiral de ervas que conduziria dali a dois dias e nas últimas questões que deveria trazer a este trabalho, eu chorei. Chorei, no alto dos meus 32 anos de um homem, branco, heterossexual e de esquerda, de raiva e de dor. Chorei por lembrar dos incêndios sem precedentes que aconteciam há dias na Amazônia, pela patética comemoração do governador do Rio de Janeiro após a morte de outro ser humano, pelo corte das verbas para custeio de bolsas de pesquisa e na educação em geral, pela morte do senhor acampado pelo MST que foi atropelado covardemente durante um protesto em Valinhos, pelo assassinato de Marielle, pela prisão de Lula, pela apologia à tortura, racismo, LGBTQfobia e toda forma de preconceito despejada diariamente pelo homem, branco, heterossexual e fascista que ocupa o cargo da presidência do Brasil.

Um choro regado à frustração, assim como o da adolescente, que na tarde do mesmo dia, chorou copiosamente no banheiro do trabalho enquanto nos preparávamos para uma atividade de mapeamento socioambiental no entorno, visitando a comunidade que fica de um lado, e o Jardim Botânico que fica do outro, porque sentia que não podia fazer nada para parar o que estava acontecendo na maior floresta tropical do mundo. Chorei porque, como aconteceu muitas vezes ao longo desses mais de quatro anos de trabalho pesquisa, ensino e extensão, tudo isso parecia ser muito maior do que qualquer pessoa que luta por uma sociedade diferente dessa, mais igualitária, justa e equilibrada ambientalmente, possa suportar.

Parei depois de alguns minutos, respirando e entendendo que precisava encerrar esse ciclo de trabalho acadêmico, mesmo sabendo que o impacto dele é quase irrisório frente a tudo isso. E me dei conta do quanto minha forma de ver todo esse trabalho mudou desde 2015, quando iniciei esse trabalho.

Certamente, todas as análises que escrevi nas páginas a seguir seriam diferentes há alguns anos atrás, antes de toda essa onda desumana que assola nossa país e outras partes do mundo. Eu, talvez, fosse mais crítico em relação a outras posições políticas de esquerda, naquele momento histórico que nos permitia discutir futuros possíveis, pois caminhávamos para a superação de algumas questões fundamentais para a sobrevivência de muitas pessoas, como a quase erradicação do

analfabetismo, diminuição crescente da pobreza extrema, maior acesso a bens de consumo e moradia para boa parte da população, crescimento exponencial de universidades públicas – e o acesso a pessoas de baixa renda, pretas, indígenas, quilombolas, LGBTQs a elas (como sou grato por ver essa mudança no período que estive na universidade pública, de 2005 a 2018)... Fazia mais sentido, naquele momento, evidenciarmos as diferenças entre correntes conservacionistas e críticas da educação ambiental, por exemplo, o campo de estudo podia e devia avançar, buscar novos horizontes.

Isso mudou. Hoje, simpatizo-me com pessoas que buscam a conservação do meio ambiente, mesmo que sua base teórica seja diferente da minha. Caminho ao lado de quem defende a educação, mesmo que nossas compreensões sobre seus propósitos e meios sejam distintos. Vou junto de quem sente na pele as mudanças na Previdência e nas leis trabalhistas, mesmo que tenham votado em alguém diferente de mim. Gosto até do Papa, que pelo menos faz falas sensatas e favoráveis a vida, mesmo que continue um crítico ferrenho da instituição que ele comanda. Nem falo (tanto) mal mais das campanhas para diminuição de uso de canudinhos plásticos, ainda que elas camuflem o real causador dessa crise. Isso não significa que essa criticidade acabou, mas que as prioridades mudaram.

O limite do que aceito mudou, a linha entre o que é suportável ou não ficou mais clara. Tenho uma postura mais questionadora e combativa com pessoas que, conscientemente, tenham escolhido seguir bases fascistas, racistas, contra LGBTQs, contra movimentos sociais, a favor do agronegócio – ainda que minha formação de educador me traga a calma necessária para, num primeiro momento, escutar e, depois, apresentar outros pontos de vista para pelo menos, colocar essas pessoas em dúvida sobre o que acreditam. Passei a ler outras coisas, ver outros pontos de vista; se, antes, as bases teóricas materialistas predominavam, agora outras visões de mundo também me agradam. Comecei a me importar menos com algumas questões, mais com outras, e assim fui seguindo a vida, do lugar de certa segurança de quem não está na linha da frente de morte neste momento histórico – não é o meu sangue, nem das pessoas mais próximas a mim, que corre no chão neste momento.

Talvez, esse seja o maior motivo para continuar escrevendo esta tese de Doutorado: a compreensão de que tenho o privilégio de continuar vivo, pensando, com um trabalho regular, amor, moradia, comida, saúde, companhias da melhor qualidade,

autonomia intelectual, um Uninho 2002, futuros possíveis. E que eu não tenho direito algum, neste momento, de me render – além disso, minha amiga Vânia Feitosa, do trabalho, me disse algo esses dias que me deu um empurrão: *“Está tudo difícil sim, mas para de reclamar tanto. Você é homem, branco e heterossexual. Poderia estar numa situação bem mais difícil”*, terminou. E é verdade.

Enfim, não sei ainda não sei ao certo se esta é a melhor forma de começar um trabalho acadêmico, com todas as suas normas de escrita e postura, mas achei que seria importante trazer esse contexto, pois é essa a realidade que vivo neste momento e que baliza tudo o que acontecerá nele.

Uma tese de doutorado é um trabalho de pesquisa que leva tempo (muito tempo) e um esforço intelectual que eu nunca havia realizado. Confesso, não achei que seria tão difícil, mas os últimos anos foram bastante complicados para nós, que vivemos lutando para ajudar a construir sociedades mais justas, igualitárias e equilibradas ecologicamente. O ano de 2018 foi um dos mais difíceis que já vivi, ao assistir, incrédulo o que acontecia em nosso país. Isso, somado a um contexto pessoal confuso, muitas mudanças de lugar, a própria pós-graduação em si (temos percebido, cada vez mais, como o meio acadêmico pode ser bastante tóxico para quem está nele) e outros motivos que ainda espero entender, levou-me a uma depressão – só superada com o grande trabalho de uma psicóloga que me atendeu no SUS e muito, mas muito apoio de amigos e amigas.

Para a realização de uma pesquisa assim, além de todas as necessidades materiais, há algo mais que é essencial para que ela seja possível, pelo menos no meu caso: que ela faça sentido. Por isso, começo este trabalho compartilhando um pouco da história que permitiu sua realização e que a trouxe sentido.

Entrei em contato com a Permacultura em 2007, um ano após ter ido viver na Moradia Estudantil da UNESP, campus de Botucatu, no segundo ano de graduação em Ciências Biológicas. Ter vivido neste lugar e estudado numa universidade pública mudaram minha vida.

Desde então, tive a oportunidade de atuar em projetos de extensão, centros acadêmicos, ONGs ambientalistas e, principalmente, junto ao Grupo Curare de Permacultura na promoção de ações em educação ambiental e Permacultura. A participação nesse coletivo, o Grupo Curare, é a principal motivação para a realização

deste trabalho de pesquisa – e sua história e importância na minha práxis serão desenvolvidas durante todo o texto.

Além do Curare, a partir de novembro de 2018, logo após o Exame de Qualificação e o término da minha bolsa de doutorado pelo CNPq, fui aprovado num processo seletivo do Sesc/SP para o cargo de Agente de Educação Ambiental – uma nova experiência de atuação profissional que abriu, ainda mais, os horizontes para o desenvolvimento desta pesquisa e, certamente, alterou profundamente a forma como olhava para os dados coletados na pesquisa.

Embora minha orientadora esteja inserida no campo da educação ambiental crítica no Brasil, com muito anos de ensino, pesquisa e extensão universitária, além de muitas publicações – tornando-se uma das grandes referências na área –, ela não possuía experiência com trabalhos de pesquisa em Permacultura. Sua abertura para possibilitar essa pesquisa foi essencial, assim como a busca pelas interfaces entre essas duas áreas.

A união desses dois universos (Permacultura e Educação Ambiental) é a base e motor deste trabalho, o que permite adentrarmos num universo ainda jovem, com poucas discussões e reflexões, mas extremamente produtivo, dinâmico e repleto de ações concretas.

A Permacultura, juntamente com a Agroecologia e outros movimentos que surgem em contraponto à Revolução Verde, traz propostas que atingem uma esfera que as ações em educação ambiental tendem a não chegar: já sabemos que as sociedades, da forma como estão organizadas, não funcionam – ou melhor dito, funcionam de forma desequilibrada, desigual e injusta –, sob um ponto de vista crítico; sabemos, também, que queremos sistemas mais justos socialmente e equilibrados ecologicamente; já temos a crítica esclarecida e bem fundamentada a este modo de produção; a Permacultura, tomando como base essa compreensão, permite a ação imediata no mundo, criando propostas e cenários possíveis de novas formas de organização social, relações interpessoais, produção de alimentos, gestão de resíduos, construções, manejo do solo, água e biodiversidade, enfim, tudo aquilo que compõe o ambiente onde vivemos e do qual somos parte.

A Permacultura só faz sentido se tiver uma ação concreta na realidade: ela traz soluções socioambientais para as pessoas que estão vivas aqui, agora, e que não

aceitam a lógica mercadológica das relações das pessoas entre si e com a natureza. Isso é o que me encanta na Permacultura e o que me motiva a realizar este estudo.

Como todo estudo acadêmico, que se orienta pela pesquisa científica, um recorte deve ser feito. Neste caso, optamos por focarmos nas questões pedagógicas que permeiam o universo da Permacultura. Assim, o diálogo com as bases teóricas da educação ambiental, na sua vertente crítica, estará permanentemente presente neste trabalho, seja pelo maior desenvolvimento teórico nesse campo quando comparado à Permacultura ou pela similaridade entre os objetivos das ações educativas em Permacultura e da educação ambiental, como veremos ao longo do trabalho.

Os resultados da pesquisa e as discussões sobre eles são apresentadas **duas partes**:

**(I) Mapeamento**, dividido em dois capítulos:

- (1) Os Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil.
- (2) Os Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil.

**(II) Ensino e formação em Permacultura**, com quatro capítulos:

- (1) Um mergulho nos PDCs no Brasil.
- (2) Quem ensina Permacultura no Brasil?
- (3) Um mergulho nos Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil – e uma mirada às experiências no exterior.
- (4) Quem ensina quem ensina Permacultura?

Antes deles, trazemos a **Introdução**, que além de apresentar as hipóteses deste trabalho, traz a fundamentação teórica sobre os temas que desenvolvemos na pesquisa: (1) Educação e Educação Ambiental, (2) Permacultura: a Cultura da Permanência, (3) Objetivos e justificativas. Após essa seção introdutória, apresentamos a **Metodologia da Pesquisa**, discutindo os pressupostos teórico-metodológicos que nos guiaram no “como” fazer a investigação e a análise dos dados. Ao fim do trabalho, depois da apresentação e discussão dos resultados nas Partes I e II, trazemos uma **Conclusão**, que traz apontamentos sobre os caminhos do ensino

de Permacultura – muito mais que apresentar respostas às perguntas que temos enquanto permacultores e permacultoras, este trabalho busca contribuir desvelar e trazer ao debate os temas pesquisados. Por fim, trazemos a lista de **Referências** (um desafio em si, dado o volume de publicações fora do ambiente acadêmico ou não traduzidos para a língua portuguesa) e **Anexos**.

Destacamos, ainda, uma seção que pode passar despercebida, mas que consideramos uma grande contribuição deste trabalho: os **Apêndices**. Aqui, trazemos os dados coletados junto a mais de uma centena de pessoas que atuam no ensino de Permacultura no Brasil através de PDCs, além de entrevistas com grandes referências na formação de educadores e educadoras em Permacultura no Brasil e em outros países. Recomendamos, a quem ler este trabalho, que mesmo que considere o trabalho analítico e nossas bases teóricas equivocadas, que passeie por essa seção e tenha contato com o pensamento de pessoas que tem atuado, dia após dia, em prol da Permacultura.

Por diversas vezes me disseram que “herdei” da minha formação em Ciências Biológicas a vontade de fazer um trabalho com uma base de dados ampla, ao invés de fazer um recorte mais reduzido ou estudos de caso isolados – o que também seria uma opção maravilhosa de pesquisa. Justifico essa escolha, que nos trouxe bastante dificuldade na análise qualitativa dos dados, por vivenciar muitos comentários e percepções que não eram baseadas em dados sistematizados e amplos – um senso comum que nos gera incômodo, muitas vezes enviesado por questões de afinidade pessoal entre pessoas que trabalham com Permacultura no Brasil. Além disso, a Permacultura no nosso país vivenciou uma série de conflitos interpessoais e choques entre instituições que, muitas vezes, não mais dialogam entre si; por isso, sentíamos falta de um trabalho de pesquisa que reunisse informações e discussões de vários sujeitos desse processo histórico.

Dessa forma, entendemos que este trabalho traz informações para muitas outras pesquisas, acadêmicas ou não, sobre a Permacultura brasileira, e que, juntamente com outros trabalhos que vem sendo desenvolvidos recentemente, pode servir de base e estímulo para diálogos entre os diversos grupos, coletivos, instituições, universidades e permacultores e permacultoras que atuam individualmente.

No fim, esse talvez seja meu maior sonho ao terminar esta pesquisa: contribuir para que essas pessoas se conversem e falem da Permacultura brasileira com o entusiasmo e a seriedade que ela merece.

Por último, terminamos este prefácio com uma confissão: atuar como pesquisador e, ao mesmo tempo, ser sujeito da sua própria pesquisa é uma das situações mais difíceis e, ao mesmo tempo, mais gostosas que existe. Tudo o que veremos a seguir partiu da nossa própria prática social e foi germinado durante muitos anos em reuniões, projetos, conversas em bares e restaurantes, encontros, viagens, vivências, crises e celebrações. É um prazer imenso poder entender e vivenciar o conceito de práxis como havia lido nos livros.

Que nosso trabalho consiga transpor as barreiras do meio acadêmico e contribuir concretamente com a Permacultura no Brasil!





## **A Educação**

*Nos arredores da Universidade de Stanford, conheci outra universidade, não tão grande, que dá cursos de obediência. Os alunos, cães de todas as raças, cores e tamanhos, aprendem a não ser cães. Quando latem, a professora os castiga com um beliscão no focinho ou com um doloroso tirão na coleira de agulhões de aço. Quando calam, a professora lhes recompensa o silêncio com guloseimas. Assim se ensina o esquecimento de latir.*

GALEANO, Eduardo. **De Pernas pro Ar**: A Escola do Mundo do Aveso. Porto Alegre, Brasil: L&PM Pocket, 2011. Tradução de: Sergio Faraco.



A Moradia Estudantil da Unesp no início das ações do projeto de extensão "Moradia Estudantil Agroecológica", Botucatu/SP, Brasil, em novembro de 2007



# 1. INTRODUÇÃO

A parte introdutória deste trabalho é composta por três seções, nas quais trazemos a fundamentação teórica para o trabalho, fazemos um levantamento bibliográfico do que já foi produzido academicamente em Permacultura e nas suas interfaces com educação ambiental e apresentamos os objetivos, justificativas e hipóteses do trabalho.

A primeira seção, “**Educação e Educação Ambiental**” discute as bases teóricas que sustentam todo o trabalho, deixando em evidência nosso posicionamento político e os referenciais teóricos que consideramos nucleares. A seção 2, intitulada “**Permacultura: a cultura da permanência**”, traz as bases teóricas da Permacultura, um breve histórico das suas ações educativas e um aprofundamento na caracterização dos PDCs, um dos pontos centrais da pesquisa. Finalmente, a última seção traz os **objetivos e justificativas** do trabalho, assim com as **hipóteses** que permearão as discussões a seguir.

## 1.1. Educação e Educação Ambiental

Vivemos num mundo contraditório; nele, há uma grande abundância e diversidade de seres vivos e não vivos, mas elas têm continuamente diminuído e ficado restrita a ilhas de “refúgios naturais”; há, também, uma imensa quantidade de materiais, alimentos, água, minérios e combustíveis que seriam suficientes para garantir condições de vida dignas à toda a comunidade humana, mas que são, crescentemente, limitados a pequenas parcelas da população.

Acredita-se na liberdade, igualdade e fraternidade, mas desde que ela não questione o modo capitalista de produção e as normas sociais vigentes. Ao mesmo tempo, a felicidade nos parece cada vez mais distante – mesmo a pequena porcentagem da população que possui recursos materiais em abundância encontra um caminho de sofrimento e dor dentro de si.

Muitos dizem que passamos por um período de profunda crise ambiental e que as consequências dos nossos atos são evidenciadas com a observação das mudanças ambientais: buracos na camada de ozônio, aquecimento global, alterações nos regimes climáticos, alterações nos ciclos de produção de alimentos, diminuição

acelerada nas populações de abelhas etc. Outras pessoas, porém, recordam-nos que não passamos por um período de crise: tudo isso é inerente a este modo de produção que necessita de tudo o que chamamos inadequadamente de crise – dificuldades extremas em algumas classes sociais (em geral, compostas por muitas pessoas) são oportunidades imperdíveis do ponto de vista econômico para outra classe, dominante, composta por poucas e poderosas pessoas. Cria-se, vende-se e compra-se tudo o que nossa imaginação permitir, sempre tendo o lucro como objetivo final. Assim, às custas de alguns grupos sociais que detêm o poder político e econômico, caminhamos a abismos cada vez mais visíveis.

Essas contradições evidentes na nossa sociedade mostram que a tecnologia e a informação não são capazes, por si só, de fornecer os subsídios para a construção de “sociedades ecologicamente equilibradas e socialmente justas” (FÓRUM INTERNACIONAL DAS ONGS, 1995, p.1) que nos tragam felicidade. Faz-se necessária uma abordagem mais crítica frente a esse modo de produção e, mais especificamente, à forma como se dá a relação entre humanidade e natureza. Tozoni-Reis (2007) afirma que, ao contrário do que compreende a ciência cartesiana, os conhecimentos científicos e técnicos não têm sido suficientes para alterar tal relação, mesmo ao assumirmos que nunca se conheceu tanto o funcionamento dos processos naturais e artificiais como hoje.

A partir da segunda metade do século XX, principalmente, a preocupação com as questões ambientais ganhou corpo em consequência das transformações que as Revoluções Industriais trouxeram para a organização da produção e da reprodução da vida. O sistema de produção que caracteriza a Modernidade, unido à ciência, promoveu o desenvolvimento econômico e científico num ritmo espantosamente acelerado. A humanidade entrou na Modernidade com novas estruturações do poder, e, dessa forma, com novos problemas políticos e sociais; entre eles, o ambiental (TOZONI-REIS, 2008). É a partir dessas preocupações que notamos o surgimento de ações que buscam repensar a relação entre humanidade e natureza, abordadas pela educação ambiental.

Atualmente, diversas pessoas e instituições protagonizam as ações em educação ambiental: governos, organizações não-governamentais (ONGs), empresas, coletivos e indivíduos que, por vezes cooperam, por outras, batalham entre si para resolverem problemáticas ambientais a partir da educação. Simultaneamente,

o campo de pesquisa em educação ambiental tem se desenvolvido e amadurecido, a ponto de constatarmos que não há uma única educação ambiental, mas diferentes vertentes que, inclusive, apresentam distintas concepções de mundo, bases teóricas, objetivos e metodologias (SATO; CARVALHO, 2005; SAUVÈ, 2005, TOZONI-REIS, 2008, SCHILLING-TREIN, 2012, LAYRARGUES; LIMA; 2014).

Nesse sentido, destacamos as contribuições de Layrargues e Lima (2014) ao campo da educação ambiental quando apresentam três principais macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira – classificação que não objetiva criar compartimentos isolados para cada atividade, mas que nos auxilia na análise das ações concretas. Segundo os autores, as ações em educação podem ser mais alinhadas a tendências **conservacionistas**, **pragmáticas** ou **críticas**: “da mesma maneira que existem diferentes concepções de natureza, meio ambiente, sociedade e educação, também existem diferentes concepções de Educação Ambiental” (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p.27).

A macrotendência **conservacionista**, segundo os autores, surge junto aos primeiros passos da educação ambiental, nas décadas de 1960-70, pois acreditava-se na necessidade de um novo olhar e sensibilidade humana para com a natureza frente à crescente degradação ambiental planetária. “Os problemas ambientais eram percebidos como efeitos colaterais de um projeto inevitável de modernização, passíveis de serem corrigidos, ora pela difusão de informação e de educação sobre o meio ambiente, ora pela utilização dos produtos do desenvolvimento tecnológico” (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p.27). Além disso, as ações em educação ambiental tiveram sua origem a partir de movimentos ambientalistas, e não de ordem educacional – reflexo disso é a predominante atuação de biólogos/as e profissionais da área de Ciências Biológicas nesse campo de atividades.

Esse tipo de visão trouxe – e traz – uma visão restrita e conservadora à educação ambiental, limitando sua atuação à educação ecológica ou ao ensino de Ciências e Biologia, o que leva a desconsiderar o contexto humano e social da problemática ambiental. É comum, também, nesse tipo de abordagem, referir-se à natureza ou ao meio ambiente como algo distante das sociedades humanas, que deve ser contemplado e preservado.

Com a crescente percepção da limitação desse tipo de abordagem, especialmente após o término da Ditadura Civil-Militar brasileira em 1984, a queda do

Muro de Berlim e com a ascensão do Neoliberalismo, fortalecem-se movimentos ambientalistas em todo o mundo que passam a questionar hábitos sociais e sua relação com o meio ambiente. Nesse sentido, começam a surgir iniciativas em prol de ações locais (“pensar globalmente, agir localmente”) e individuais, com a ideia de que a soma dos esforços de cada indivíduo seria suficiente para solucionar a problemática ambiental como um todo, além de pactos comportamentais coletivos. No artigo, Layrargues e Lima (2014) caracterizam esse discurso e práticas de educação ambiental como **pragmática**:

“A expressão do ambientalismo de resultados, do pragmatismo contemporâneo e do ecologismo de mercado que decorrem da hegemonia neoliberal instituída mundialmente desde a década de 1980 e no contexto brasileiro desde o governo Collor de Mello nos anos 1990. Caracterizam esse cenário pragmático a dominância da lógica do mercado sobre as outras esferas sociais, a ideologia do consumo como principal utopia, a preocupação com a produção crescente de resíduos sólidos, a revolução tecnológica como última fronteira do progresso e a inspiração privatista que se evidencia em termos como economia e consumo verde, responsabilidade socioambiental, certificações, mecanismos de desenvolvimento limpo e ecoeficiência produtiva” (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p.31).

De forma quase concomitante, outras vertentes, inicialmente rotuladas como alternativas, começam a aparecer em ações com um caráter mais radical – objetivando atingir a raiz dos problemas ambientais na sociedade capitalista –, as quais são classificadas como parte da macrotendência **crítica**. Nela, partimos da concepção de que não faz sentido “lutar por outra cultura na relação entre humano e natureza, sem também lutar por uma nova sociedade” (LAYRARGUES; LIMA, 2014, p. 29). Nesse sentido, é essencial entendermos que vivemos numa sociedade de classes, na qual as responsabilidades de cada classe social são diferentes:

“Essa opção pedagógica se nutriu do pensamento Freireano, dos princípios da Educação Popular, da Teoria Crítica, da Ecologia Política e de autores marxistas e neomarxistas que pregavam a necessidade de incluir no debate ambiental a compreensão dos mecanismos da reprodução social, de que a relação entre o ser humano e a natureza é mediada por relações socioculturais e de classes historicamente construídas. Trazem uma abordagem pedagógica que problematiza os contextos societários em sua interface com a natureza. Por essa perspectiva não era possível conceber os problemas ambientais dissociados dos conflitos sociais; afinal, a crise ambiental não expressava problemas da natureza, mas problemas que se manifestavam na natureza. As causas constituintes destes problemas tinham origem nas relações sociais, nos modelos de sociedade e de desenvolvimento prevaletentes” (LAYRARGUES; LIMA, p.29, 2014).

Com isso, é importante entendermos os significados da palavra “educação” nas diferentes abordagens da educação ambiental. As ações características de vertentes conservacionistas e pragmáticas tendem a buscar resultados imediatos na forma como nos relacionamos com o ambiente, sob a justificativa de diminuir nossos impactos ou preservar o que nos resta do mundo natural. Apesar da importância desse tipo de ação, dado o presente contexto de degradação ambiental e social planetária, essas abordagens tendem a desconsiderar as questões educacionais que deveriam ser inerentes ao processo: foca-se no resultado prático das atividades, as quais se assemelham, por vezes, a um adestramento ambiental (BRÜGGER, 2004).

Temos ainda que destacar, como trazido por Brügger (2004), que o surgimento de uma “educação ambiental” pressupõe reconhecer que a educação tal como a conhecemos não tem sido ambiental:

“(…) o "ambiental" deveria ser parte intrínseca da educação como um todo e não modalidade ou uma de suas dimensões, pois nessa visão reaparece a reificação da questão ambiental e conseqüentemente da própria educação. A compartimentalização do "ambiental", ou a inserção de uma "dimensão ambiental", inevitavelmente confinam o conceito de meio ambiente a uma perspectiva instrumental e o elenco de "problemas ambientais" se reduz à poluição, escassez de recursos naturais, diminuição da biodiversidade etc. A educação ambiental vista dessa forma não ultrapassa as fronteiras da velha educação conservacionista e não faz jus, portanto ao adjetivo a que se propõe” (BRÜGGER, 2004, p.83).

Nesse sentido, compreendemos que concepções críticas da educação ambiental são aquelas que mais têm enfatizado o caráter educativo de suas ações, levando em consideração bases teóricas críticas dessa área do saber.

Como trazido por Apple, Au e Gandin (2011), em livro sobre a Educação Crítica, essa concepção de educação “busca expor o modo como as relações de poder e desigualdade (social, cultural, econômica), em sua miríade de combinações de formas e complexidades, manifestam-se e são postas em questão na educação formal e informal das crianças e adultos” (APPLE; AU; GANDIN, 2011, p.14). Ainda, segundo os autores, atualmente o termo “crítica” tem sido usado de forma muito ampla, perdendo seu significado mais robusto que é intrinsecamente voltado à transformação social.

Tozoni-Reis (2007, p.127), autora que trabalha com perspectivas críticas da educação ambiental, define-a como “uma atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos com o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental”.

Isso significa dizer que entendemos a educação ambiental como uma prática educativa que busca transformar a destrutiva relação entre ser humano e natureza existente na sociedade capitalista, na busca da construção de sociedades mais justas socialmente e equilibradas ecologicamente. Temos clareza, também, que a maior contribuição da educação ambiental crítica é a de instrumentalizar as pessoas com saberes, habilidades, conhecimentos, hábitos e valores que permitam uma atuação com vistas à transformação social, ou seja, a superação das relações predatórias inerentes à sociedade capitalista.

A autora também reforça necessidade de uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória, que ultrapasse as fronteiras da transmissão mecânica de conhecimentos ambientais e da simples mudança de comportamentos individuais ou coletivos em relação à natureza. Ultrapassar essas fronteiras significa fundamentar-se na necessidade de questionarmos e superarmos o modo capitalista de produção para que uma nova relação entre humanidade e natureza e entre as pessoas entre si se estabeleça:

“Em síntese, a pedagogia da educação ambiental deveria mais do que transmitir informações automatizadas sobre os processos ecológicos do ambiente, ensinar a pensar a realidade socioambiental como um processo de construção social pela tematização de valores, atitudes e competências que tornem os sujeitos capazes de interagir nos sistemas socioambientais complexos, orientando as capacidades cognitivas, inquisitivas e criativas do educando para a realização da prática social crítica e transformadora” (TOZONI-REIS, 2007, p.135).

Assim, ao entendermos que educação ambiental crítica tem como base teorias críticas da educação, tentamos dialogar, neste estudo, com importantes correntes desse campo, em especial com a Pedagogia Histórico-Crítica e a Educação Popular, que têm em Dermeval Saviani e Paulo Freire, respectivamente, seus maiores expoentes. Consideramos as contribuições de Paulo Freire especialmente essenciais



para nossas análises neste trabalho, uma vez que seu principal público enquanto educador eram pessoas adultas.

## 1.2. Permacultura: a Cultura da Permanência

Ao longo das últimas décadas, paralelamente às ações em educação ambiental, outros movimentos passaram a atuar na esfera ambiental. Entre essas diversas ações que possuem relação com a educação ambiental, destacamos, neste trabalho, a Permacultura.

A Permacultura tem origem similar a outros movimentos que surgiram e se fortaleceram a partir das décadas de 1960 e 1970, período histórico de intensa mobilização mundial em questões ambientais, sociais e políticas (FERGUSON; LOVELL, 2013). Assim como a Agroecologia, Agricultura Orgânica, Agricultura Natural, Agricultura Biodinâmica e Agricultura Biológica, por exemplo, a Permacultura tem como foco inicial de crítica a agricultura convencional, com propostas e ações criadas em resposta à chamada Revolução Verde<sup>1</sup> (RIBEIRO et al., 2017). Apesar de cada um desses movimentos ter surgido em diferentes contextos, todos têm em comum a busca por desenvolver ações em harmonia<sup>2</sup> com a natureza, e não contra ela, propondo uma relação benéfica entre humanidade e outros seres vivos e não vivos, fortemente baseada na observação do funcionamento dos sistemas naturais e dos processos ecológicos de cooperação.

A Permacultura, mais especificamente, surge na Austrália após um trabalho acadêmico desenvolvido por David Holmgren sob a orientação de Bill Mollison, os quais são considerados seus fundadores. Inicialmente, o termo foi cunhado pela junção dos termos “*agriculture*” e “*permanent*” (agricultura permanente), pois

---

<sup>1</sup> Revolução Verde é o termo utilizado para as mudanças na agricultura implantadas especialmente após a Segunda Guerra Mundial e que predomina até hoje, caracterizado pelo agronegócio. São características desse modelo de agricultura a concentração de terras, latifúndios, monoculturas, baixa riqueza de espécies e diversidade genética, baixa necessidade de mão-de-obra, alta mecanização, utilização crescente da biotecnologia (variedades híbridas ou, mais recentemente, de organismos geneticamente modificados), herbicidas e pesticidas, apropriação privada do uso de sementes (patentes), empobrecimento e falência de pequenos/as camponeses/as.

<sup>2</sup> Uma relação harmônica entre ser humano e natureza, dado o referencial teórico crítico adotado, supera concepções de cunho conservacionista ou de “pureza” de ambientes não antropizados. Além disso, compreende essas relações de forma dialética e complexa, distanciando-se de visões normativas e inquestionáveis – a referida “harmonia” utilizada aqui traz a concepção de que todos os seres vivos têm um valor intrínseco independentemente de seu valor mercadológico, numa lógica de igualdade, não de dominação e exploração.

apresentava as bases para um sistema de cultivo de alimentos que tinha como pilar a utilização de espécies perenes ao invés das predominantes plantas sazonais, geralmente anuais, existentes nos sistemas agrícolas, abordagem também utilizada por Joseph Russel Smith em 1929, em seu livro *Tree crops: a permanent agriculture*. Além disso, ela se assemelha à Agricultura Natural, de Mokiti Okada, por traçar analogias entre ecossistemas naturais e Agroecossistemas (RIBEIRO et al., 2017).

Ao longo do tempo, porém, a Permacultura passou a incorporar novos elementos, sendo compreendida como “cultura permanente” ou “cultura da permanência) (FERGUSON; LOVELL, 2013). Por isso, atualmente, podemos definir a Permacultura como:

“Design consciente e a manutenção de ecossistemas agriculturalmente produtivos que tenham a diversidade, estabilidade e resiliência de ecossistemas naturais. Ela é a integração harmoniosa entre a paisagem e as pessoas, providenciando alimento, energia, abrigo e outras necessidades materiais e não-materiais de forma sustentável. Sem uma agricultura permanente, não há possibilidade de uma ordem social estável. O design Permacultural é um sistema de união de componentes conceituais, materiais e estratégicos num padrão que funciona para beneficiar a vida em todas as suas formas” (MOLLISON, 2009, p.IX)<sup>3</sup>.

De forma sintética, Ferreira Neto (2018) traz a Permacultura como “uma ciência para planejamento de assentamentos humanos sustentáveis” (FERREIRA NETO, p.74, 2018), assim como outros/as autores/as que enfatizam a expansão do conceito de Permacultura de “agricultura permanente” para “cultura permanente sustentável” (HOLMGREN, 2012).

Após sua criação e a publicação de dois livros resultantes do trabalho desenvolvido Mollison e Holmgren (*Permaculture One*) e Mollison (*Permaculture Two*), a Permacultura começou a ser difundida mundialmente.

Bill Mollison (1928-2016) teve um papel essencial nesse movimento ao dedicar sua vida à disseminação das ideias e conceitos trabalhados pela Permacultura. Ele criou um curso inicial para as pessoas que estivessem interessadas em conhecê-la: é

---

<sup>3</sup> Tradução livre da versão original em inglês: “*Conscious design and maintenance of agriculturally productive ecosystems which have the diversity, stability and resilience of natural ecosystems. It is the harmonious integration of landscape and people providing them food, energy, shelter, and other material and nonmaterial needs in a sustainable way. Without permanent agriculture, there is no possibility of a stable social order. Permaculture design is a system of assembling conceptual, material and strategic components in a pattern which functions to benefit life in all its forms*”.

na década de 1980 que surge o Curso de Design em Permacultura (em inglês, *Permaculture Design Course*, de onde vem a sigla que é mais utilizada mundialmente, PDC), curso de, no mínimo, 72 horas, que visa abordar os temas trabalhados pela Permacultura<sup>4</sup> e se tornou a mais importante via de entrada neste universo.

Scott Pittman, um dos pioneiros nos trabalhos em Permacultura, traz que um PDC é a porta de entrada para compreendermos o design em Permacultura. Nesse sentido, a conclusão de um PDC permite o reconhecimento dessa pessoa como um/a aprendiz, e espera-se que ela continue seu processo de aprendizagem atuando de forma prática em todas as categorias que são abordadas no curso (PITTMAN, [2014]).

Suzana Maringoni, Jorge Timmermann e Sérgio Pamplona, referências na Permacultura brasileira, em documento datado de 2018, trazem que o PDC é:

“(...) um curso imaginado e montado por Bill Mollison para formar um permacultor. O curso é baseado no livro clássico *Permaculture Designer’s Manual* (Manual do Designer em Permacultura) (...) Permacultura é uma ciência complexa e não uma técnica ou um conceito vago. Também não se restringe a uma área do conhecimento ou especialidade. Assim, para iniciar o planejamento de espaços permaculturais é essencial ter essa base ampla. Mollison elenca os conteúdos e uma carga horária mínima de 72 horas, além da obrigatoriedade de se elaborar o design como atividade de conclusão de curso. Também estipula a obrigatoriedade de 100% de presença para que se receba ao certificado. Permacultores no mundo inteiro recebem essa formação, que foi balizada por um programa curricular mínimo (*Syllabus*) publicado em 1985” (MARINGONI; TIMMERMANN; PAMPLONA, 2018, p.3-4).

O primeiro PDC realizado por Bill Mollison aconteceu em 1981, nos Estados Unidos, curso que foi totalmente transcrito e publicado (MOLLISON, 2001) pelo Barking Frogs Permaculture Center criando, assim, uma primeira estrutura curricular

---

<sup>4</sup> Encontramos dois significados principais para a sigla PDC a partir da língua inglesa: a primeira é *Permaculture Design Course*, ou Curso de Design em Permacultura; a segunda é *Permaculture Design Certificate*, com a adição de *Course* (*PDC Course*). Em português, há também outras variações, como CPDC, que significa Curso de Desenho e Planejamento em Permacultura. A palavra *diseño* é também utilizada em castelhano em alguns casos, quando temos os *Cursos de Diseño (y Planeamento) de Permacultura*. Neste trabalho, utilizaremos o significado **Curso de Design em Permacultura**, que nos parece a mais utilizada no contexto brasileiro – ainda que existam diversos questionamentos ao uso da palavra “design”.

É comum reconhecer que qualquer pessoa que tenha completado esse curso de 72 horas como permacultor/permacultora. Na língua inglesa, é mais comum encontrarmos a denominação *permaculture designer*. Apesar disso, há pessoas que trabalham com Permacultura sem ter realizado PDCs; ainda, existem organizações que conferem certificações “oficiais” (também conhecidos como “Diplomas”) que reconhecem a formação em Permacultura após a realização de um PDC (também reconhecido por determinada organização) e estágio supervisionado.

para esses cursos – ainda que, até hoje, há uma intensa discussão e uma série de dúvidas sobre qual deveria ser o currículo “oficial” dos PDCs.

O documento mencionado por Maringoni, Timmerman e Pamplona (2018), o *Syllabus*, com autoria de Bill Mollison, Reny Slay e Andrew Jeeves, e edição de George Sobol em 1996, é também mencionado como *PDC Outline*, com autoria de Scott Pittman, produzido em 1983 e revisado em 1985, provavelmente. Em língua portuguesa, usaremos o termo “Manual do Curso de Design em Permacultura” (MOLLISON; SLAY; JEEVES, 1985)<sup>5</sup>. Nele, é apresentada uma lista de conteúdos que devem ser trabalhados num PDC, os quais abordam diversas esferas da vida humana e sua relação com o ambiente.

O desenvolvimento desse manual desdobra-se, em 1988, no lançamento da obra mais importante de Bill Mollison: *Permaculture: a Designers' Manual* (MOLLISON, 2009), ainda não traduzido para a língua portuguesa<sup>6</sup>, que é visto como o currículo recomendado dos PDCs por muitos/as permacultores/as brasileiros/as.

Os conteúdos mundialmente trabalhados num PDC envolvem a apresentação do histórico e contexto da Permacultura, ética, princípios dos ecossistemas naturais, metodologia do design, padrões naturais, climas e microclimas, ecologia cultivada, água, solos, arquitetura apropriada e habitações sustentáveis, modelos alternativos de geração de energia, organização social e estruturas invisíveis (GRUPO CURARE DE PERMACULTURA, 2016).

No Brasil, a Permacultura chega num momento de intenso debate das pautas ambientais, como a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente em 1992 (Rio-92 ou Eco-92). Isso explica porque, inclusive, no ano seguinte, em 1993, tenha acontecido o I PDC no Brasil, em Viamão, próximo a Porto Alegre/RS, ministrado pelo

---

<sup>5</sup> Devido à dificuldade em descobrirmos o real autor da obra e sua data de publicação, já que esses dados não são expostos de forma clara em nenhum dos documentos que tivemos acesso, convencionaremos o termo “Manual do Curso de Design Permacultural”, utilizado por George Sobol na versão que tivemos acesso, ao invés de *Syllabus* e *PDC Outline*, termos da língua inglesa. A *European Permaculture Teachers Partnership*, atribui esse documento à Scott Pittman, mas a maioria dos grupos e menções encontradas usa a referência Mollison, Slay, Jeeves (1985), que utilizaremos neste trabalho.

<sup>6</sup> A ausência de tradução para o português da obra mais importante da Permacultura evidencia um contexto de vários conflitos e posicionamentos contraditórios nesse meio, os quais discutiremos mais a fundo durante o trabalho. Atualmente, apesar de não existir uma versão oficial traduzida, encontramos com facilidade bastantes trechos traduzidos de forma independente.

próprio Bill Mollison e por Scott Pittman, com tradução de Marsha Hanzi (MARIZÁ EPICENTRO, [20-?]), que viria a ser uma das pioneiras da Permacultura no Brasil.

A partir desse marco, começam a ser criados centros de referência em Permacultura no Brasil, os chamados institutos, instalados em regiões que representam os diferentes biomas brasileiros. A figura de André Soares se destaca neste cenário com a fundação do Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC, Pirenópolis/GO) e a tradução do livro *Introduction to Permaculture* para a língua portuguesa (Introdução à Permacultura) (MOLLISON; SLAY, 1991). Outros institutos também surgiram em poucos anos, como o Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA, Ubatuba/SP), o Instituto de Permacultura da Bahia (IPB, Salvador/BA), Instituto de Permacultura e Ecovilas da Pampa (IPEP, Bagé/RS), Instituto de Permacultura da Amazônia (IPA, Manaus/AM) e o Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro (IPAB, Florianópolis/SC), entre outros.

Com o aumento do número de pessoas participantes das formações em Permacultura e alguns anos de atividade dos institutos, surgiram questionamentos sobre o modo de funcionamento desses locais e sobre os altos custos envolvidos nessa formação. Nesse cenário, surgem coletivos formados por permacultores e permacultoras independentes, como a Rede Permeiar, que aglutina importantes pessoas da área, como Jorge Timmerman, Sérgio Borges Paim Pamplona, Tomaz Amaral Lotufo e Suzana Maringoni.

Nos últimos anos, a Permacultura tem se expandido no Brasil e se aproximado de coletivos e organizações não-governamentais. Algumas iniciativas públicas também têm acontecido, como a iniciativa da prefeitura municipal de São Paulo de realizar um curso de Permacultura para gestores de parques públicos (SÃO PAULO, 2012) e em materiais produzidos pelo Ministério do Meio Ambiente sobre o tema.

Esse desenvolvimento histórico da Permacultura no Brasil foi discutido com mais detalhes por Ferreira Neto (2018), em especial no capítulo intitulado “Uma breve historiografia da Permacultura no Brasil”. Aqui, corroboramos com a linha do tempo proposta pelo autor, ainda que, como dito por ele na introdução desse capítulo:

“Toda história é perspectiva. Por isso, a síntese aqui realizada é apenas uma dentre as sínteses possíveis. [...] Portanto, não é objetivo deste livro apresentar uma história definitiva e incontestável da chegada e do desenvolvimento da permacultura no Brasil. Muito pelo contrário: aqui

apresento um rápido panorama de momentos-chave para a consolidação e difusão das práticas permaculturais no país, citando alguns de seus principais agentes e fomentadores, certamente com muitas lacunas” (FERREIRA NETO, 2018, p.119).

As etapas apresentadas pelo autor são: período Difuso (anterior a 1992), Incubação (1992 a 1995), Ativação e Institucionalização (1995 a 2007), Etapa Crítica (2004 a 2008) e Popularização (a partir de 2008).

Já no período de Popularização da Permacultura no Brasil, observamos o surgimento de cursos preocupados com a formação pedagógica dos/as educadores/as que atuam nos PDCs. Uma destas iniciativas pioneiras, no Brasil, foi criada por Suzana Maringoni e Jorge Timmermann, que oferecem um curso de Formação de Instrutores de PDC. Suzana e Jorge têm uma longa história na Permacultura brasileira e, atualmente, coordenam e vivem numa estação de permacultura chamada Yvy-Porã, em Santa Catarina, um projeto coletivo baseado na Permacultura, onde desenvolvem atividades de produção de alimentos, construções sustentáveis, manejo de água e resíduos, organização comunitária e em outras áreas da Permacultura, além de PDCs e outros cursos de Permacultura.

Mais recentemente, também se fortalece a atuação de núcleos acadêmicos de pesquisa e extensão em Permacultura, com a Rede Brasileira da Núcleos de Estudos em Permacultura (Rede NEPerma Brasil). Destacamos as atividades do Núcleo de Estudos de Permacultura da Universidade Federal de Santa Catarina (NEPerma UFSC), sob a coordenação do Prof. Dr. Arthur Nanni. O grupo, além de oferecer PDCs gratuitos na universidade pública, iniciou em setembro de 2018 um movimento para a publicação de um livro intitulado “Ensinando Permacultura”, que busca compartilhar experiências didáticas acumuladas ao longo de seis anos de atividades desenvolvidas pelo grupo<sup>7</sup>. Além desse núcleo na UFSC, existem grupos similares na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal do Cariri (UFCA), Universidade Estadual do Ceará (UEC) e Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e

---

<sup>7</sup> Na página de financiamento coletivo, é feita a seguinte descrição: “O coletivo de servidores técnicos, professores e acadêmicos que participam dessa construção entende que essa publicação pode e deve ser utilizada como ferramenta para a formação básica em Permacultura e, para tal, traz o nosso “jeitinho” de ensinar o Curso de Planejamento em Permacultura, o tradicional Permaculture Design Course (PDC), que é reconhecido mundo afora”. Mais informações na página eletrônica: <<https://www.catarse.me/ensinandoPermacultura>>. Acesso em 21 set. 2018.

Mucuri (UFVJM) (FLORIANÓPOLIS, [2017?])<sup>8</sup>. Isso sem mencionar as inúmeras iniciativas de grupos de agroecologia e dos cursos de Educação do Campo.

Em outros países, damos destaque à atuação de Rosemary Morrow, autora das publicações *Earth User's Guide to Teaching Permaculture* (1997, revisado e republicado em 2014) e *Permaculture Teaching Matters*<sup>9</sup>, nos quais traz contribuições para a atuação pedagógica de educadores/as de PDCs e a relaciona com os diversos conteúdos trabalhados nesse curso. Além disso, cursos de curta duração sob sua tutela ou de pessoas que realizaram o curso consigo vêm sendo organizados em todo o mundo, especialmente na Austrália e Europa.

Conceitualmente, as ideias que fundamentam a Permacultura têm como base o estudo detalhado do funcionamento dos ecossistemas naturais (Ecologia) e de comunidades tradicionais australianas (no caso, populações aborígenes). É importante ressaltar aqui que entendemos todas as ações em Permacultura, especialmente as educativas, como políticas, no sentido atribuído que Paulo Freire (1995) dá à ação educativa do professor:

“Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão, mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho” (FREIRE, p.38, 1995).

Essa opção também concorda com a posição de um dos criadores da Permacultura, David Holmgren ao colocar que “A aceitação covarde do crescimento econômico a qualquer custo e os poderosos interesses hoje vigentes por parte dos

---

<sup>8</sup> Na página eletrônica do NEPerma UFSC, é descrito que “O propósito da Rede NEPerma Brasil é estimular o intercâmbio de experiências de extensão, ensino e pesquisa em permacultura, que estão sendo desenvolvidas nas diferentes IFES. No eixo do ensino, a Rede busca estimular a implementação de disciplinas e cursos, que versam sobre a permacultura nos mais diferentes graus, desde o ensino técnico, passando pela graduação e abrangendo a pós-graduação. No que tange a extensão e a pesquisa, a Rede funciona como um ambiente de colaboração e apoio para a criação e desenvolvimento de iniciativas que promovam a permacultura em meio acadêmico e no campo” (FLORIANÓPOLIS, [2017?]).

<sup>9</sup> Este livro está sendo traduzido para a língua portuguesa, com previsão de publicação digital gratuita em 2020. Participam desse processo de tradução, além de mim, Fernanda de Oliveira Souza, João Paulo Becker Lotufo Júnior, Surian dos Santos e Raquel de Arruda Santos.

governos e do setor empresarial, que tendem a perder força com tal transição, deixam clara a natureza política radical da agenda da permacultura” (HOLMGREN, p.5, 2012).

A Permacultura se baseia numa diretiva principal: “A única decisão ética é assumir a responsabilidade por nossa própria existência e de nossos descendentes. Aja agora.” (MOLLISON, p.1, 2009). De forma sintética, podemos dizer que três pilares a sustentam (Figura 1):

1. **Ecologia (Princípios dos Sistemas Naturais):** o estudo do funcionamento dos sistemas naturais permite a compreensão de uma série de conceitos que sustentam o planejamento e manutenção de assentamentos humanos de forma sustentável. Os estudos de Eugene Odum são grandes referências nessa área, como os princípios dos fluxos energéticos integrais (MOLLISON, 2009). Conceitos como complexidade, diversidade, ciclos, estabilidade e rendimento são fundamentais nos trabalhos desenvolvidos em Permacultura.
2. **Ética:** segundo Holmgren (2002), os três princípios éticos da Permacultura foram desenhados a partir de pesquisas sobre os preceitos éticos em comunidades tradicionais, como comunidades religiosas antigas e grupos cooperativos, argumentando que eles são comuns a todos os povos indígenas. Ainda, “este foco da Permacultura em aprender com culturas indígenas é baseado na evidência de que essas culturas têm existido em relativo equilíbrio com seu ambiente e sobrevivido por mais tempo do que qualquer um dos nossos recentes experimentos de civilização” (HOLMGREN, p.1, 2002). Esses princípios são:

- **Cuidado com a Terra:** segundo Mollison (1991), refere-se ao cuidado com todos os seres, vivos ou não vivos. “Isso implica em atividades inofensivas e reabilitantes, conservação ativa, uso de recursos de forma ética e frugal, e um estilo de vida correto (trabalhando para criar sistemas úteis e benéficos)” (MOLLISON, p.15, 1991).

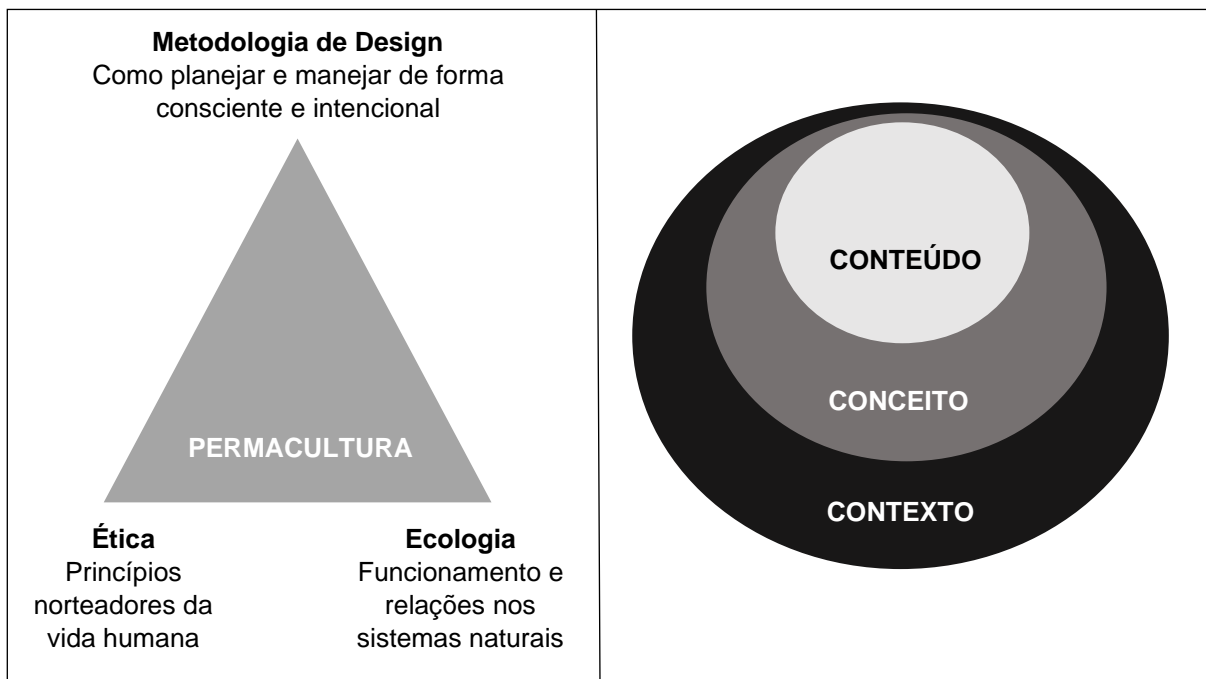
- **Cuidado com as Pessoas:** implica no cuidado consigo mesmo e com as pessoas com quem convivemos (HOLMGREN, 2012), provendo as questões materiais e imateriais que precisamos para viver bem.



- **Partilha justa:** no sentido de compartilhar com outras pessoas nossos excedentes, promovendo uma rede de auxílio mútuo.

**3. Metodologia de Design:** baseada no pensamento sistêmico, o design em Permacultura nos auxilia no “como” fazer o planejamento consciente de um assentamento humano sustentável, apresentando princípios e passos que norteiam esse processo. Além de conceitos de caráter técnico (como a análise de elementos, planejamento por zonas, setorização e localização relativa), a Permacultura oferece princípios originários de uma maneira de perceber o mundo. Holmgren (2012), por exemplo, traz 12 princípios de design baseados nesse pensamento sistêmico.

Além disso, as propostas de ação em Permacultura não visam soluções tecnológicas globais, pois todas as intervenções propostas devem ser apropriadas a um determinado contexto, ou seja, não há uma única solução para um problema que se apresenta. Nesse sentido, a Permacultura reúne saberes de diversas áreas do conhecimento e propõe intervenções que favoreçam a autonomia das comunidades humanas (Figura 2).



**Figuras 1 e 2. (1)** Os três pilares da Permacultura: Ecologia, Ética e Metodologia de Design. **(2)** A figura representa a forma de ação proposta pela Permacultura: na abordagem permacultural, não há solução apropriada a toda situação: deve-se, primeiramente, analisar o contexto da situação, de forma ampla (social, ambiental, econômico, biológico, cultural etc.); a seguir, busca-se o conceito que seja mais

apropriado à situação que se se quer trabalhar; finalmente, escolhe-se a técnica apropriada (conteúdo) que atenda à fundamentação teórica e ao contexto.

Como já observamos, a proposta inicial da Permacultura de propor um sistema sustentável de produção de alimentos de forma perene expandiu-se e evoluiu ao longo do tempo. Atualmente, a Permacultura trabalha com todas as áreas relativas a uma comunidade humana, com o intuito de criar uma cultura sustentável, uma cultura de permanência da nossa espécie no planeta, de forma harmônica e equilibrada ao longo do tempo (HOLMGREN, 2002).

Todas essas áreas de atuação são desenvolvidas numa publicação de um dos criadores da Permacultura, David Holmgren (2002), e sistematizadas graficamente na chamada **Flor da Permacultura** (Figura 3). De forma resumida, pode-se dizer que a Permacultura tem atuado em consonância com os seguintes temas e técnicas:

- **Manejo da Terra e da Natureza:** jardinagem biointensiva, jardinagem florestal, banco de sementes, agricultura orgânica, biodinâmica, plantio natural, linha-chave para coleta de água, manejo holístico de campos, plantio em sequência natural, agrofloresta, floresta baseada na natureza, aquicultura integrada, colheita e caça selvagem, coleta.

- **Espaço Construído:** planejamento solar passivo, construção com material natural, coleta e reuso da água, bioarquitetura, construções de abrigos na terra, construções resistentes a desastres naturais, construção pelo proprietário, linguagem dos padrões.

- **Ferramentas e tecnologia:** reuso e reciclagem criativa, ferramentas manuais, bicicletas e bicicletas elétricas, fogão de lenha eficiente e de baixa poluição, combustíveis de restos orgânicos, gaseificação de madeira, biomassa carbonizada (*biochar*) de reflorestamento, cogeração e micro centrais hidrelétricas (MCH) e vento em pequena escala, cerca elétrica de geração de energia renovável, armazenagem de energia, engenharia de transição.

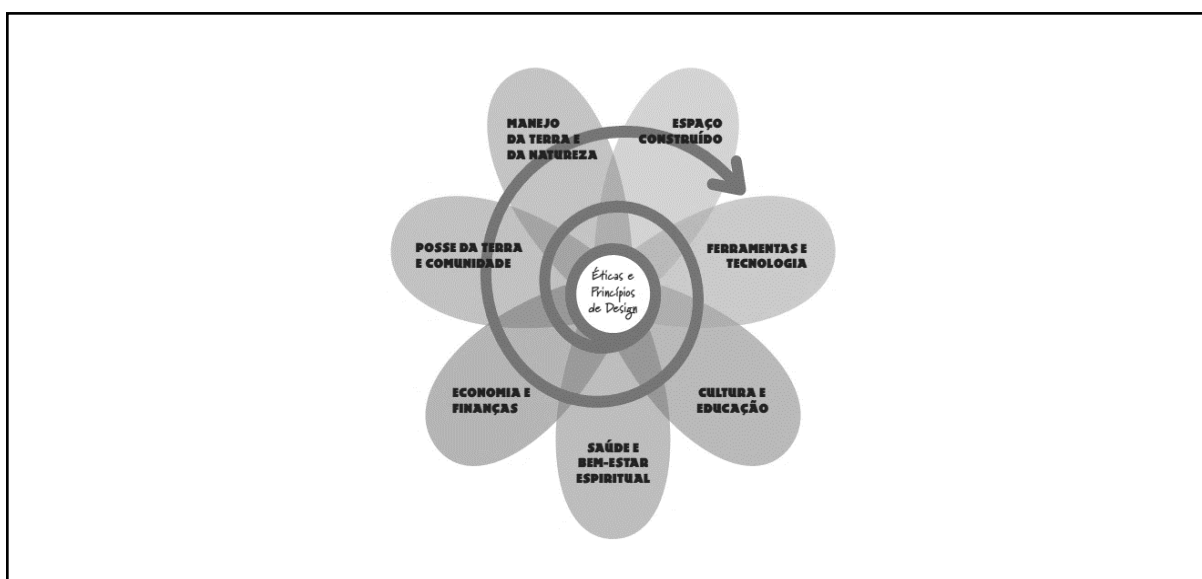
- **Saúde e bem-estar espiritual:** parto em casa e aleitamento materno, medicina complementar e holística, yoga, tai chi, capoeira e outras disciplinas de corpo/mente/espírito, espírito do lugar, renascimento cultural indígena, morte digna.

- **Economia e finanças:** moeda local e regional, rodovias específicas para carros cheios, carona solidária e compartilhamento de carro, investimento ético e comércio

justo, WWOOFing e redes similares, mercados de produtores e agricultura apoiada na comunidade (AAC), cotas de energia cambiável, análise dos ciclos da vida e contabilidade emergética.

- **Posse da terra e comunidade:** cooperativas e associações comunitárias, ecovilas e coabitações, tecnologia para espaço aberto e tomada de decisão por consenso, título nativo e direito tradicional de uso.

- **Cultura e Educação:** educação em casa, educação Waldorf, arte e música participativa, ecologia, pesquisa-ação e cultura de transição.



**Figura 3.** A Flor da Permacultura, representação que traz os campos de trabalho englobados atualmente pela Permacultura, segundo o ponto de vista de um de seus fundadores, David Holmgren. Fonte: <https://permacoletivo.wordpress.com/a-flor>. Acesso: 4 set. 2018.

Em todo o mundo, diversas ONGs, coletivos, governos e indivíduos têm realizado ações nessas linhas de trabalho. Por sua abrangência e diversidade, torna-se difícil definir quando uma proposta tem como base a Permacultura; podemos, por enquanto, entender que ela dialoga com diversas outras áreas do saber e de atuação, apresentando um forte caráter interdisciplinar.

Para além do meio específico da Permacultura, onde conhecemos ações em várias partes do mundo e em diferentes contextos, a produção acadêmica na área é restrita. Nossa afirmação se baseia num levantamento bibliográfico realizado em quatro bases de dados acadêmicos em maio de 2016.

Nesse levantamento, pesquisamos no título, palavras-chave, resumo e texto completo os termos “**Permacultura**” e “**Permacultura e educação ambiental**” nas línguas portuguesa, espanhola (***Permacultura, educación ambiental***) e inglesa (***Permaculture, environmental education***). Os resultados apresentados nos quadros e tabelas a seguir são relativos à soma desses valores.

No levantamento realizado nas bases de dados **Scielo** e **Web of Knowledge**, encontramos os seguintes resultados (Tabela 1):

**Tabela 1.** Mapeamento de artigos acadêmicos em Permacultura e educação ambiental

Base de dados	Palavra-chave	
	Permacultura	Permacultura e educação ambiental
Scielo	7	0 (0,0%)
ISI Web of Knowledge	88	2 (2,3%)
<b>TOTAL</b>	<b>95</b>	<b>2 (2,1%)</b>

Na base de publicações científicas Scielo, que agrega artigos de países de língua portuguesa, inglesa e espanhola (Brasil, África do Sul, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Espanha, México, Paraguai, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela) e permite livre acesso a todas elas, encontramos 7 estudos que continham o termo “Permacultura”, e não encontramos estudos que citam os termos “Permacultura” e “educação ambiental”.

Já a base ISI *Web of Knowledge*, uma das mais importantes no meio acadêmico e que fornece publicações de todo o mundo, especialmente em língua inglesa, encontramos 88 publicações que fazem menção ao termo “Permacultura”, mas apenas 2 que mencionavam, simultaneamente, os termos “Permacultura” e “educação ambiental”.

Assim, temos noventa e cinco artigos científicos que contêm a palavra “Permacultura” e duas publicações que faziam menção aos termos “Permacultura” e “educação ambiental” simultaneamente. Esses dados nos mostram que somente 2,1% das publicações em Permacultura existentes nas bases de dados acadêmicos consultadas discutem a interface entre educação ambiental e Permacultura. Observamos, também, o número baixo de publicações em Permacultura nessas bases de dados – 95 – quando comparadas a publicações não restritas ao meio

acadêmico: no Google Scholar, outra base de dados consultada, esse valor subiu para 17.180 publicações, sendo que 50,0% discutem as relações entre Permacultura e educação ambiental. Para nós, esse dado evidencia a baixa inserção da Permacultura no meio acadêmico, apesar do grande número de publicações em outros espaços e meios de comunicação.

Além disso, procuramos por dissertações e teses publicadas no Brasil utilizando os termos somente em língua portuguesa. Consultamos duas bases de dados, a **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)** e o **Banco de Teses CAPES**, plataformas que reúnem os trabalhos desenvolvidos nas universidades brasileiras.

Na BDTD, encontramos 29 trabalhos sobre Permacultura, sendo que 7 deles abordam os temas Permacultura e educação ambiental. No Banco de Teses CAPES, visualizamos sete trabalhos em Permacultura, e somente 2 deles discutem as relações entre Permacultura e educação ambiental (Tabela 2):

**Tabela 2.** Mapeamento dos trabalhos acadêmicos em Permacultura e educação ambiental

Base de dados	Palavra-chave	
	Permacultura	Permacultura e educação ambiental
Banco de Teses CAPES	7	2 (28,6%)
BDTD	29	7 (24,1%)
<b>TOTAL</b>	<b>36</b>	<b>9 (25,0%)</b>

Como visto, ao consultar as bases de dados de publicações científicas, também encontramos um número reduzido de publicações que discutem as interfaces entre educação ambiental e Permacultura – 25,0% do total de teses e dissertações. Além disso, o número de trabalhos em Permacultura é baixo: apenas 36 trabalhos foram desenvolvidos no Brasil sobre o tema.

Todos esses dados evidenciam como ainda é incipiente a produção acadêmica em Permacultura no Brasil – e ainda menor quando falamos de sua interseção com a educação ambiental. Por outro lado, observamos uma grande quantidade de publicações de livros, cartilhas e manuais fora do meio acadêmico, o que mostra uma atuação presente de permacultores e permacultoras em contextos que não o

acadêmico – muitas delas, porém, não possuem tradução disponível para a língua portuguesa.

Além disso, podemos imaginar a existência de trabalhos em áreas correlatas à Permacultura, mas que não citam, necessariamente, esse termo. Áreas como agroecologia, educação ao ar livre, agricultura sintrópica e outras possuem interfaces com temas trabalhados na Permacultura, mas não foram utilizados neste levantamento.

Damos destaque a três trabalhos já realizados, um internacionalmente e os outros em pesquisas brasileiras. O primeiro deles é de Fergusson e Lovell (2013), que fizeram uma ampla revisão da literatura acadêmica publicada em Permacultura ao discutir sua contribuição para a agroecologia. No artigo, os autores levantaram trabalhos publicados especialmente na língua inglesa, apesar de terem contabilizado resultados em outras sete línguas (espanhol, português, alemão, francês, árabe, japonês e russo). No total, encontraram 230 referências, sendo que 122 são publicações acadêmicas. Dessas, 11,6% trabalham na área de educação. Além disso, os autores indicam um crescimento nas últimas décadas das publicações acadêmicas em Permacultura, mas ressaltam que a “a maioria da literatura em Permacultura é escrita por não-cientistas para um público geral” (FERGUSSON; LOVELL, 2013, p.258, tradução livre).

O segundo trabalho, brasileiro, numa pesquisa não diretamente relacionada à produção acadêmica em Permacultura, Silva (2013) analisa várias ações em Permacultura na América do Sul e discute sua relação com outros movimentos de organização social e produção espacial alternativos. No trabalho, há uma discussão sobre contraculturas espaciais e suas relações como socialismo utópico e correntes anarquistas.

O último trabalho que destacamos foi a pesquisa de mestrado realizada por Djalma Nery Ferreira Neto, em 2017, intitulada “Caminhos e perspectivas para a popularização da Permacultura no Brasil” (FERREIRA NETO, 2017), que serviu de base para a publicação do livro “Uma alternativa para a sociedade: caminhos e perspectivas da Permacultura no Brasil” (FERREIRA NETO, 2018). Em sua pesquisa, Ferreira Neto faz uma análise o desenvolvimento histórico da Permacultura no Brasil a partir de um mapeamento colaborativo que contou com a participação de mais de 100 grupos que trabalham nas diferentes áreas da Permacultura. Além disso, o autor

discute, sob referências críticas, caminhos e perspectivas possíveis para a Permacultura no Brasil.

Além desses, poucos trabalhos acadêmicos possuem um nível mais aprofundado de discussão na área de educação, sendo mais restritos à exposição das bases da Permacultura e aplicações práticas dos preceitos formulados por figuras de importância histórica no meio. Tal constatação leva-nos a concluir que a Permacultura, em especial sua relação com a educação ambiental, é um tema novo, mas em forte processo de desenvolvimento junto ao público ambientalista em geral, situação que demonstra grande potencial de estudos no espaço acadêmico.

### **1.3. Objetivos e justificativas**

Este estudo parte de um pressuposto teórico que entende como necessária a superação do modo de produção capitalista para que seja possível o desenvolvimento de sociedades equilibradas ecologicamente e justas socialmente, concordando com a política radical da agenda da Permacultura, que se contrapõe aos pilares do crescimento econômico a qualquer custo e os interesses de empresas e governos que atuam em prol desse sistema (HOLMGREN, 2013).

Nesse sentido, é importante ter clareza que a Permacultura tem sua origem intimamente relacionada à contestação desse modelo de sociedade e à busca de soluções para além dela. A análise da bibliografia e a própria vivência em diversos espaços de discussão e ação em Permacultura tem nos levado à percepção de que ela tem sido cooptada por esse modo de produção, seja pela reprodução de estruturas excludentes e elitistas ou pela redução de suas bases teóricas críticas e holísticas a simples questões técnicas.

Isso nos leva a formular nossa hipótese inicial: **“a Permacultura e, conseqüentemente, seu ensino, apesar de ter surgido como uma proposta de superação do modelo capitalista de sociedade, tem tomado caminhos que a transformam num reflexo dessa mesma sociedade na qual está inserida, contraditória e desigual, compactuando e reproduzindo a lógica de mercado”.**

Partindo dessa hipótese inicial e entendendo a Permacultura como um campo de disputa, ainda recente, nosso trabalho foi organizado para responder aos seguintes objetivos:

### **1. Identificar os Cursos de Design em Permacultura e cursos de formação de educadores/as de PDC oferecidos no Brasil.**

A constatação da não existência de trabalhos, acadêmicos e não acadêmicos, que apresentem um mapeamento sistematizado dos Cursos de Design em Permacultura<sup>10</sup> e dos cursos de formação de educadores/as de PDC, levou-nos a realizar um mapeamento dessas ações no território brasileiro, além de identificar quais pessoas são responsáveis pelo ensino de Permacultura nesses cursos.

### **2. Analisar os Cursos de Design em Permacultura no Brasil quanto ao seu currículo (fundamentação teórica e conteúdos oferecidos), objetivos e público-alvo.**

O currículo dos PDCs é reconhecido mundialmente por ser padronizado e ter como base o modelo desenvolvido por um dos criadores da Permacultura, Bill Mollison. Por outro lado, observamos que esse currículo tem sofrido modificações ao longo do tempo e contexto. Neste estudo, propusemo-nos a discutir quais as bases teóricas, conteúdos selecionados e objetivos elencados para os diferentes PDCs existentes no Brasil. Além disso, buscamos entender qual seu público-alvo, valores de inscrições e formatos para traçarmos um panorama do ensino de Permacultura no Brasil.

---

<sup>10</sup> Nesse sentido, destacamos a pesquisa de Mestrado desenvolvida pelo sociólogo Djalma Nery Ferreira Neto junto ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura “Luís de Queiroz”, da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP). O trabalho, realizado sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Alves Martirani e co-orientação do Prof. Dr. Marcos Sorrentino, intitulado de “Caminhos e perspectivas para a popularização da Permacultura no Brasil”, mapeou grupos e organizações brasileiras que desenvolvem atividades em Permacultura, verificou como a Permacultura vem se difundindo e se os preceitos originalmente criados pelos seus fundadores vêm sendo mantidos ou se existem contradições latentes com as práticas atuais.



### **3. Analisar a formação dos/as educadores/as dos Cursos de Design em Permacultura<sup>11</sup>.**

Neste objetivo, pretendemos discutir como é a formação dos/as educadores/as de PDCs, especialmente no que se refere às bases pedagógicas para sua atuação e quais efeitos essa formação tem nas atividades desenvolvidas durante o curso. Para isso, entendemos ser necessário conhecer sua trajetória de formação e que referenciais teóricos da área de educação e ensino os/as orienta. Ademais, discutimos o papel desempenhado pelos cursos de formação de educadores/as de PDC no Brasil e em outros países.

---

<sup>11</sup> Os termos Instrutores/as, educadores/as, coordenadores/as, facilitadores/as ou professores/as são usados para se referir às pessoas que ensinam nos PDCs, dependendo do contexto. Neste trabalho, convencionamos o uso da palavra educador/a para nos referirmos a todos esses papéis, dialogando com o termos utilizado por Paulo Freire em sua obra.



*“Eu não estou interessado em nenhuma teoria,  
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais  
Nem em tinta pro meu rosto ou oba oba, ou melodia  
Para acompanhar bocejos, sonhos matinais  
Eu não estou interessado em nenhuma teoria,  
Nem nessas coisas do oriente, romances astrais  
A minha alucinação é suportar o dia-a-dia,  
E meu delírio é a experiência com coisas reais  
Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha  
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais  
Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro  
Os humilhados do parque com os seus jornais  
Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar  
E a solidão das pessoas dessas capitais  
A violência da noite, o movimento do tráfego  
Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais  
Cravos, espinhas no rosto, Rock, Hot Dog, "play it cool, Baby"  
Doze Jovens Coloridos, dois Policiais  
Cumprindo o seu (maldito) duro dever e defendendo o seu amor e nossa  
vida  
Cumprindo o seu (maldito) duro dever e defendendo o seu amor e nossa  
vida  
Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria, em nenhuma fantasia,  
nem no algo mais  
Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia*

**Amar e mudar as coisas me interessa mais  
Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais”**

BELCHIOR. Alucinação. **Alucinação**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1976



Mutirão de construção de banheiro seco de pau-a-pique na Casa Diart's, Botucatu/SP, Brasil, maio de 2016



## **2. METODOLOGIA DA PESQUISA**

Nesta seção, discutiremos a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa científica, desde as bases teóricas que fundamentam as escolhas metodológicas, até os métodos de coleta e análise de dados.

Tendo como base a organização do trabalho desenvolvido por Ferreira Neto (2018), que apresentou de forma sintética as etapas do seu processo de pesquisa – e nos ajudou muito na organização da nossa pesquisa –, nosso trabalho seguiu as seguintes etapas – as quais, é importante ressaltar, não aconteceram, necessariamente, sequencialmente:

- Planejamento;
- Revisão bibliográfica;
- Mapeamento dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil;
- Mapeamento das pessoas que atuam como educadores/as nos PDCs no Brasil;
- Mapeamento dos Cursos de Formação de educadores/as de PDCs no Brasil;
- Envio dos questionários para coleta de dados quantitativos e qualitativos junto a educadores/as de PDCs no Brasil (presenciais e à distância);
- Realização de entrevistas com responsáveis por Cursos de Formação de educadores/as de PDCs no Brasil e em outros países (presenciais e à distância);
- Participação em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil e em Cursos de Formação de educadores/as de PDCs no Brasil e no exterior;
- Sistematização dos dados;
- Análise dos dados;
- Síntese e redação do texto.

### **2.1. Referenciais teórico-metodológicos**

Com esse percurso em mente, é importante enfatizar, inicialmente, que trabalhamos com uma perspectiva crítica de educação; conseqüentemente, as

concepções de educação ambiental e, até mesmo, de Permacultura, também derivam dessa forma de se ver e entender o mundo.

Assim, como exposto por Saviani (2012, p.13), entendemos o trabalho educativo como “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”, num processo que o autor se fundamenta na ideia de criação de uma segunda natureza. Paulo Freire (1995; 2019), outra referência essencial da educação crítica até mundialmente, ajuda-nos a entender que a educação, como experiência especificamente humana, aparece como forma de intervenção no mundo. Como atividade não neutra e praticada por seres humanos que sofrem condicionantes biológicos, culturais, sociais, políticos e históricos, a educação pode nos capacitar a investigar, desvendar e compreender as contradições da sociedade na perspectiva de sua transformação.

Nesse sentido, nosso estudo busca trabalhar com as condições históricas determinantes da vida dos sujeitos na sociedade capitalista, isto é, considerando-se a formação econômica desta sociedade (TOZONI-REIS, 2007), tendo a teoria marxista como principal base para a coleta e análise dos dados (DENZIN; NORMAN, 2006). Isso não significa, todavia, que nossas análises excluam outros determinantes que influenciam nossas vidas, sejam eles de ordem cultural, biológica, política, religiosa e outras, mas que seguirá um referencial teórico claro e bem definido.

Segundo Denzin e Norman (2006), o paradigma ou Teoria Marxista tem como critérios de análise uma teoria emancipatória, falsificável, dialógica, de raça, classe e gênero, sendo que a forma teórica utilizada na interpretação dos dados é crítica, histórica, econômica, com análises socioculturais.

Neste estudo, entendemos que uma abordagem qualitativa é mais interessante e completa para a compreensão das relações entre seres humanos e desses com a natureza, superando-se, assim, a lógica formal cartesiana (MINAYO et al., 1998).

A escolha por darmos prioridade à abordagem qualitativa reforça um posicionamento crítico frente a paradigmas positivistas das Ciências Naturais que foram – e continuam sendo – transferidos de forma simplista para as Ciências Humanas e Sociais (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). A abordagem quantitativa empirista mostrou-se não suficiente e adequada para dar respostas aos problemas dos fenômenos educacionais e de outras áreas da Ciências Humanas, dada a sua

complexidade: por muito tempo, a pesquisa em educação foi realizada de forma isolada do contexto histórico, político e social da realidade que pretendia investigar. Buscando-se a neutralidade, ela foi tratada “como se fosse um fenômeno físico, para uma análise acurada, se possível feita em um laboratório, onde as variáveis que o compõem pudessem também ser isoladas, a fim de se constatar a influência que cada uma delas exercia sobre o fenômeno em questão” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.3).

Por outro lado, por trazermos um componente de mapeamento e um volume grande de dados, também recorreremos aos dados e análises quantitativos, que são essenciais para a compreensão do fenômeno estudado de forma mais ampla. Isso significa dizer que este estudo tem como referência a pesquisa qualitativa, mas não exclui os dados quantitativos nesta interpretação da realidade, já que não se configura como um estudo apenas descritivo da realidade empírica, mas essencialmente interpretativo, isto é, tratamos os dados em busca de dar uma interpretação crítica da realidade empírica.

Minayo et al. (1998) também nos lembra que ambas as modalidades não se excluem, mas que a pesquisa em educação, por ser prática social do conhecimento, exige a contextualização social e histórica, além da necessária tomada de posições, pois a neutralidade é impossível. A pesquisa qualitativa se fundamenta, assim, na explicação **interpretativa** dos dados e descrições de determinados fatos ou situações – mesmo que tais dados sejam de ordem quantitativa.

Assim, este trabalho mergulhará, em alguns momentos, em análises qualitativas mais aprofundadas; noutros, buscará trazer um panorama mais amplo, onde utilizaremos dados de ordem quantitativa.

Além dessa característica (pesquisa quantitativa e qualitativa), veremos, ao longo do trabalho, que podemos dizer que este trabalho tem também inspiração na Pesquisa-Ação Participante, uma modalidade de pesquisa que se diferencia da pesquisa científica tradicional por interferir no próprio objeto de pesquisa ao mesmo tempo em que o estuda, já que esse objeto de estudo faz parte da própria prática social do sujeito. Além disso, como trazido por Thiollent (1986), a Pesquisa-Ação carrega consigo um caráter participativo ao promover intensa interação entre pessoas que pesquisam e pessoas pesquisadas.

Loureiro (2007), reforça ainda que numa Pesquisa-Ação Participante “o pesquisador no processo de construção do conhecimento deve estar engajado na

prática política transformadora da sociedade e comprometido com sua superação dialética” (LOUREIRO, 2007, p.32). Em síntese, o mesmo autor nos traz que:

“(…) a Pesquisa-Ação Participante é o modelo de Pesquisa-Ação que busca sintetizar ambas as tradições. Opção metodológico pela qual os envolvidos devem trabalhar como agentes sociais e igualdade de poder de decisão, mas sem com isso confundir as atribuições distintas e necessárias. Em que há compromisso político com a emancipação e com a ação reflexiva, articulando teoria e prática, para desvelar a realidade e transformá-la no sentido de fazer com que todos exerçam sua cidadania e aprendam no processo” (LOUREIRO, 2007, p. 25).

Apesar de este ser um trabalho de pesquisa “individual” com orientação, que todos os passos dessa pesquisa (desde os questionamentos iniciais para a elaboração do projeto até a análise dos dados coletados junto a outras pessoas que atuam no ensino e formação em Permacultura) os dados e as interpretações também resultam de muitos anos de atuação em Permacultura e intensos debates, especialmente pela atuação do pesquisador<sup>12</sup> no Grupo Curare de Permacultura<sup>13</sup>.

Além disso, notamos uma grande aproximação dessa base metodológica com o terceiro princípio ético da Permacultura, a Partilha Justa. Loureiro (2007, p.26), novamente, traz que a Pesquisa-Ação Participante tem como pressuposto criar “efetivas condições de participar e decidir, sob relações de produção que permitam a justa distribuição do que é socialmente criado (...) para que nossa espécie alcance novos modos de viver e se realizar na natureza e não “contra a natureza”.

---

<sup>12</sup> É importante ressaltar que, nos momentos do texto em que fizemos referência a experiências do pesquisador (André Santachiara Fossaluzza) que não foram compartilhadas com sua orientadora (Prof.<sup>a</sup> Dra. Marília Freitas de Campos Tozoni Reis), utilizaremos a primeira pessoa do **singular**, ao invés da predominante primeira pessoa do **plural**.

<sup>13</sup> O Grupo Curare de Permacultura é coletivo que faço parte desde sua fundação, ainda durante a Graduação em Ciências Biológicas, na UNESP, em Botucatu/SP. Depois de um período de atuação no interior da universidade, o grupo criou suas próprias asas e vem atuando em Botucatu e em outras cidades do estado de São Paulo. Temos como maior objetivo trabalhar a favor da popularização da Permacultura – considerando o contexto de difícil acesso aos cursos e discussões às pessoas de baixa renda e participantes de movimentos sociais, ambientais, grupos de Agroecologia e outras vertentes que atuam a favor de uma sociedade equilibrada ecologicamente e socialmente justa. Além dos PDCs, são atividades do grupo a realização de visitas guiadas em Permacultura no Sítio Beira Serra, organização de cursos e oficinas, exposição de tecnologias sustentáveis em feiras e outros eventos e realização de atividades em Educação Ambiental. Mais informações na página <https://www.grupocurare.com.br/o-curare>.



Ainda, assim como Ferreira Neto (2018), identificamo-nos com essa modalidade de pesquisa e a vemos como fortemente relacionada à concepção política de Permacultura que adotamos:

“Acreditamos, justamente, que a Permacultura pode atuar como uma ferramenta de produção de autonomia e melhoria de vida; como uma fonte de bem-estar individual e coletivo ao buscar superar determinadas situações de escassez, empoderando as pessoas e grupos para prover ou saber como prover parte de suas necessidades materiais imediatas. Logo, nos identificamos com essa modalidade de pesquisa, uma vez que fazemos clara opção política no sentido de tornar a Permacultura acessível a grupos desfavorecidos e socioeconomicamente vulnerabilizados” (FERREIRA NETO, 2018, p.154).

## **2.2. Universo de Pesquisa**

Como já vimos anteriormente, existem muitas frentes de atuação em Permacultura. Apesar da nossa vontade em discutir muitas delas, foi necessário fazer um recorte para podermos trabalhar de forma mais aprofundada e coerente. Por isso, focamo-nos em ações de ensino e formação de educadores/as em Permacultura, ou seja, como os conhecimentos, valores, hábitos, símbolos e conceitos são transmitidos entre as pessoas que se formam para atuar nessa área.

Ainda assim, o rol dessas ações é bastante amplo e diverso – são inúmeras atividades realizadas nesse sentido: de atividades no ensino escolar, até oficinas, cursos, vivências e visitas mediadas no ensino não-formal, passando por estágios, especializações de Nível Superior etc.

Dessa forma, escolhemos como foco de estudo os Cursos de Design em Permacultura (PDCs), já que ele é um curso inicial de formação nesse tema, sistematizado e o mais comumente procurado pelas pessoas que se interessam pela área.

Com o recorte dos PDCs, tivemos duas opções principais de pesquisa. Na primeira, considero que poderíamos coletar dados junto a pessoas que participaram desses cursos como estudantes ou como educadores/as. Mas, por fim, optamos pela segunda possibilidade: trabalhar com os/as educadores/as, analisando como se dá sua atuação nos PDCs e, também, como é sua formação pedagógica.

Por isso, além dos PDCs, abraçamos também nesta pesquisa cursos que propõem a formação pedagógica de pessoas que atuam como educadores/as em PDCs.

Num rápido levantamento inicial no momento de planejamento, concluímos que seria possível para esta pesquisa atingir os seguintes objetivos:

- **Mapear os PDCs existentes no Brasil:** não encontramos pesquisas ou qualquer plataforma que oferecesse essa informação de forma sistematizada. Além disso, pareceu-nos que, como a quantidade de cursos oferecidos no Brasil não era muito grande, isso permitiria um bom estudo de nível de Doutorado. É importante dizer também que descartamos a possibilidade de realizar um estudo sobre os PDCs a nível mundial, já que o volume de dados impediria uma análise qualitativa mais detalhada.
  
- **Mapear os Cursos de Formação de Educadores/as de PDC no Brasil:** desde o início do estudo sabíamos que não existem pesquisas ou bases de dados com informações organizadas sobre esses cursos no Brasil. No entanto, no exterior há uma rede mais organizada e uma base de dados já bem estabelecida sobre esses cursos, reconhecidos como *Teacher Trainings* (Formação de Professores/as, em tradução livre). Assim, entendemos que seria possível mapear quais cursos dessa modalidade são oferecidos no Brasil e discutir como esse movimento tem se dado noutros países.
  
- **Mapear as pessoas que atuam como educadores/as em PDCs e nos Cursos de Formação de Professores/as no Brasil:** novamente, não sabíamos quem eram as pessoas que têm essa atuação no Brasil. Assim, além de identificarmos os cursos, entendemos que era essencial identificar quem são as pessoas que atuam como educadores/as nesses cursos.
  
- **Coletar dados junto ao maior número possível de educadores/as:** minhas vivências no ensino de Permacultura me mostraram que não seria

suficiente entrevistar somente um/a representante de cada grupo de educadores/as responsável por um PDC. Além disso, raramente esses cursos são oferecidos por somente uma pessoa e, muitas vezes, uma mesma pessoa atua como educador/a em cursos organizados por diferentes grupos. Assim, julgamos ser mais interessante coletar dados junto ao maior número possível de pessoas que atuam como educadores/as em PDCs no Brasil para podermos trazer resultados mais fiéis a toda a diversidade de cenários existentes.

Quanto aos Cursos de Formação de Professores/as, percebemos logo o baixo número de iniciativas no Brasil. Por isso, incluímos dados coletados junto a pessoas atuantes noutros países e de reconhecida relevância no meio.

Temporalmente, optamos por coletar dados referentes a cursos oferecidos no período de **2013 a 2017**, que foi escolhido pela alta possibilidade de encontrarmos informações confiáveis em plataformas digitais e pela maior probabilidade de contarmos somente com educadores/as que continuam atuando no ensino e na formação em Permacultura.

Assim, de forma resumida, nosso universo de pesquisa são **os Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil oferecidos entre 2013 e 2017**. Como sujeitos de pesquisa desse universo, optamos pelas **pessoas que atuam como educadores/as em ambos os cursos**.

### **2.3. Coleta de Dados**

A metodologia de coleta de dados e suas técnicas são apresentadas no quadro abaixo (Quadro 1). O projeto de pesquisa, com descrição detalhada dos métodos de coleta e análise de dados foram submetidos para apreciação do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências, UNESP, campus de Bauru, e cadastrados na Plataforma Brasil. Em ambas as instâncias, recebeu parecer favorável à sua realização (Número do Parecer: **2.224.439**).

Todas as pessoas que participaram da pesquisa foram informadas desse procedimento, esclarecidas quanto à natureza da pesquisa e consentiram em fornecer informações ao pesquisador, com a leitura e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 5), confeccionado nas línguas portuguesa e inglesa.

<b>Quadro 1. Objetivos do trabalho e métodos de coleta de dados</b>		
<b>#</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Ferramentas utilizadas na coleta de dados</b>
1	Identificar as instituições, grupos e indivíduos (educadores/as) que oferecem Cursos de Design em Permacultura no Brasil e Cursos de Formação de educadores/as de PDC no Brasil e no exterior	Revisão bibliográfica Análise documental Questionário
2	Analisar os Cursos de Design em Permacultura no Brasil quanto ao seu currículo (fundamentação teórica e conteúdos oferecidos), objetivos e público-alvo	Análise documental Questionário Observação participante
3	Analisar a formação dos/as educadores/as dos Cursos de Design em Permacultura no Brasil e no exterior	Entrevista não-estruturada Observação não-participante

Primeiramente, fizemos um trabalho exploratório de mapeamento, inclusive para a composição do universo de pesquisa, como exposto na seção anterior, dada a quase inexistência de pesquisas com esse caráter Permacultura. A única iniciativa existente nesse sentido que conseguimos identificar foi o trabalho de mestrado de Ferreira Neto (2017), que resultou na publicação de um livro (FERREIRA NETO, 2018). Esse estudo, porém, não teve como objeto de estudo o ensino e a formação em Permacultura.

O mapeamento quantitativo consistiu na busca ativa em bases de dados já existentes e páginas de institutos e coletivos que trabalham com Permacultura, além do mapeamento feito por Ferreira Neto (2017) em sua dissertação de Mestrado. Atualmente, não há uma instituição, rede ou base de dados que agregue todas as atividades desenvolvidas em Permacultura no Brasil, apesar de algumas iniciativas merecerem destaque e serem utilizadas como ponto de partida, como: (1) Rede Permacultura Social Brasileira – <<https://www.facebook.com/redepsb>>), (2) Rede Permeiar de Permacultores (<<http://www.permacultura.org.br>>) e (3) Projeto *Común Tierra* (<<http://www.comuntierra.org>>).

Consultamos, ainda uma rede de dados mundial sobre Permacultura, mas ainda com informações restritas sobre o Brasil, a rede *Permaculture Global: Worldwide Network* (<<https://permacultureglobal.org>>), Nota-se, também, a inexistência de uma rede ou qualquer outra instituição que represente significativamente a Permacultura brasileira, ao contrário de outros países. Tais iniciativas existiram no Brasil nas décadas de 1990 e 2000, mas se extinguiram<sup>14</sup>.

Após o mapeamento, passamos à fase de coleta de dados de ordem quantitativa e qualitativa. A determinação das amostras das populações a serem analisadas sofreu variações ao longo da pesquisa, flexibilidade já esperada em projetos de pesquisa qualitativa (PIRES, 2008): inicialmente, esperávamos realizar um estudo censitário, contatando todas as pessoas que atuam na facilitação desses cursos, mas essa opção se mostrou inviável temporalmente durante o processo de pesquisa, especialmente devido ao (1) grande número de elementos (educadores/as que atuam nos PDCs e nos Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs) nas populações estudadas e (2) dificuldades em contatar os elementos para efetuar a coleta de dados. Ainda assim, obtivemos uma amostra significativa e diversa desta população.

É importante ressaltar aqui uma opção metodológica primordial que fizemos na determinação da população de estudo. Devido à rápida expansão de iniciativas e coletivos em Permacultura, principalmente a partir de 2008 (FERREIRA NETO, 2018), e à existência de PDCs compostos por membros de distintos coletivos, optamos por aplicar os questionários individualmente a cada educador/a, e não a uma pessoa representante de um determinado grupo. Entendemos, também, que essa opção nos permite analisar o ensino e a formação em Permacultura no Brasil de forma mais aprofundada e condizente com a realidade, pois partimos de uma percepção preliminar que pode haver divergências teóricas dentro dos próprios grupos que se propõem a organizar um PDC.

Quanto ao segundo objetivo proposto (analisar os Cursos de Design em Permacultura no Brasil quanto ao seu currículo, objetivos e público-alvo), a análise qualitativa dos dados partiu da análise documental de informações coletadas nas páginas eletrônicas dos PDCs (referentes aos currículos e cronogramas dos cursos)

---

<sup>14</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre o processo histórico da Permacultura no Brasil, recomendamos a leitura do livro “Uma Alternativa para a Sociedade: caminhos e perspectivas da Permacultura no Brasil”, de Djalma Nery Ferreira Neto, publicado em 2018 (FERREIRA NETO, 2018).

e aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas a educadores/as de PDCs no Brasil. Os questionários foram aplicados à distância, através de uma plataforma on-line<sup>15</sup>, documento em .pdf/.doc, ou presencialmente, quando possível. Tomamos o cuidado, antes da divulgação e contato com os sujeitos da pesquisa, de aplicarmos um questionário-piloto, em maio de 2017, a pessoas que já atuaram como educadoras em PDCs ou desenvolveram trabalhos com ensino de Permacultura. A seguir, começamos a ampla divulgação do questionário através de redes sociais, e-mail, telefonemas e conversas.

As respostas foram coletadas entre maio de 2017 e junho de 2018.

Além de algumas informações necessárias para a caracterização dos/as educadores/as de PDCs no Brasil (idade, sexo, raça/cor/etnia, renda mensal média, quando e com quem realizou um PDC como aluno/a, formação e área de atuação profissional), fizemos perguntas fechadas e abertas mais aprofundadas, as quais são apresentadas no Quadro abaixo (Quadro 2)<sup>16</sup>:

<b>Quadro 2. Questionário de coleta de dados junto a educadores/as de PDCs no Brasil</b>		
(Continua)		
#	Pergunta	Opções (em perguntas fechadas)
<b>Parte 1 – DADOS GERAIS</b>		
1.1	Nome completo	
1.2	Idade	
1.3	Sexo	<i>Masculino</i> <i>Feminino</i> <i>Outro</i>
1.4	Raça/Cor/Etnia	- <i>Branca</i> - <i>Preta</i> - <i>Amarela</i> - <i>Parda</i> - <i>Indígena</i> - <i>Outra</i>

<sup>15</sup> Entre as plataformas disponíveis, optamos pelo *Google Forms*, que é gratuita, apesar de não fornecer uma análise mais detalhada dos dados. O questionário está disponível no endereço: <<https://goo.gl/forms/FOgXi4dViOKO5YgE3>>.

<sup>16</sup> O questionário completo é apresentado como material anexo (Apêndice 1).

**Quadro 2. Questionário de coleta de dados junto a educadores/as de PDCs no Brasil**

(Continuação)

#	Pergunta	Opções (em perguntas fechadas)
1.5	Renda mensal média (por pessoa)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Até 1 salário mínimo (Menos de R\$880,00)</li> <li>- De 1 a 3 salários mínimos (R\$880,00 a R\$2.640,00)</li> <li>- De 3 a 5 salários mínimos (R\$2.640,00 a R\$4.400,00)</li> <li>- De 5 a 15 salários mínimos (R\$4.400,00 a 13.200,00)</li> <li>- Mais de 15 salários mínimos (Mais de R\$13.200,00)</li> </ul>
1.6	Formação	
1.7	Área de atuação profissional	
1.8	Quando você fez seu primeiro PDC como aluno/a?	
1.9	Com quem você fez seu primeiro PDC como aluno/a?	
1.10	Há quanto tempo atua como facilitador/a em PDCs?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Menos de 1 ano</li> <li>- Entre 1 e 5 anos</li> <li>- Mais de 5 anos</li> </ul>
1.11	Quantos PDCs participou como facilitador/a neste período?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1</li> <li>- 2 a 5</li> <li>- Mais de 5</li> </ul>
<b>PARTE 2 – PDC</b>		
2.1	Na sua opinião, quais são os objetivos de um PDC?	
2.2	Que publicação(ões) você utiliza como base para determinação dos conteúdos do PDC?	
2.3	Como é a organização do currículo nos PDCs que participa?	
2.4	Quais dos conteúdos abaixo você tem sido responsável nos PDCs que atua?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Introdução</li> <li>- Princípios dos sistemas naturais</li> <li>- Método de design</li> <li>- Padrão no Design</li> <li>- Perfil clássico da paisagem Ecologia cultivada (Produção de alimentos)</li> <li>- A água na paisagem</li> <li>- Solos</li> <li>- Habitações e estruturas Tecnologia e conservação de energias apropriadas</li> <li>- Reciclagem na comunidade</li> <li>- Economia formal e informal</li> <li>- Design para catástrofes</li> <li>- Aquicultura e maricultura Disposição das sobras e reciclagem</li> <li>- Gerenciamento da vida selvagem</li> <li>- Sementes e estufas</li> <li>- Florestas e árvores</li> <li>- Acesso à terra e sistemas urbanos</li> <li>- Formas legais</li> <li>- Desenvolvimento da vila</li> <li>- Comércio</li> <li>- Como os “trainees” em Permacultura operam</li> <li>- Outros</li> </ul>

**Quadro 2. Questionário de coleta de dados junto a educadores/as de PDCs no Brasil**

(Continua)

#	Pergunta	Opções (em perguntas fechadas)
2.5	Os/As participantes do PDC elaboram um projeto de design durante o curso?	- <i>Sim, a partir de uma área visitada durante o curso</i> - <i>Sim, a partir de uma área não visitada durante o curso</i> - <i>Não</i>
2.6	Quantas pessoas participam, em geral, de um PDC que atua como facilitador/a?	- <i>Menos de 10</i> - <i>De 11 a 20</i> - <i>De 21 a 30</i> - <i>Mais de 30</i>
2.7	Qual o público-alvo dos PDCs onde atua como facilitador/a?	
2.8	Quais metodologias de ensino são utilizadas durante as aulas dos PDCs? Quais são utilizadas mais frequentemente?	
2.9	Qual(is) dos seguintes formatos de PDCs você já participou?	- <i>Imersão - Dias seguidos e com todas as pessoas participantes convivendo integralmente no mesmo espaço</i> - <i>Modular presencial - curso oferecido em módulos, de forma presencial</i> - <i>Modular semipresencial - Curso oferecido em módulos, realizados de forma presencial e à distância</i> - <i>À distância - Curso oferecido integralmente on-line</i> - <i>Disciplina ou especialização - Curso caracterizado como parte de uma disciplina, disciplina completa ou programa de especialização</i> - <i>Outro.</i>
2.10	Qual(is) dos formatos de PDC você prefere? Por quê?	
2.11	Você tem alguma crítica/sugestão para o currículo (carga horária, conteúdos, metodologias de ensino, bases teóricas etc.) e outras questões acima levantadas sobre os PDCs?	
<b>PARTE 3 – BASES TEÓRICAS E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA</b>		
3.1	Quem são suas principais referências em Permacultura?	
3.2	Quem são seus principais referenciais teóricos na área de educação? Por quê?	
3.3	Você julga como necessária uma formação pedagógica para sua atuação como educadores/as de PDCs? Por favor, explique-nos o porquê da sua resposta.	
3.4	Na sua opinião, qual a importância de um curso específico de formação para educadores/as de PDCs?	<i>Escala de 1 (Não necessário) a 5 (Essencial)</i>
3.5	Você já participou de algum curso específico de formação pedagógica para educadores/as de PDCs?	- <i>Sim</i> - <i>Não</i>
3.6	Na sua opinião, qual caminho (ou caminhos) deve-se percorrer antes de atuar como facilitador/a de um PDC?	
<b>PARTE 4 - FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA EDUCADORES/AS DE PDCS</b>		
4.1	Qual curso de formação pedagógica você participou?	
4.2	Qual foi o local de realização do curso?	
4.3	Qual foi a carga horária do curso?	



Quadro 2. Questionário de coleta de dados junto a educadores/as de PDCs no Brasil		
(Conclusão)		
#	Pergunta	Opções (em perguntas fechadas)
4.4	Quem organizou/facilitou o curso?	
4.5	Quais conteúdos e metodologias foram utilizadas no curso?	
4.6	Qual a importância deste curso na sua atuação como facilitador/a de PDCs?	Escala de 1 (Nenhuma importância) a 5 (Extremamente importante)
<b>PARTE 5 – CRÍTICAS, SUGESTÕES OU CONSIDERAÇÕES</b>		
5	Caso queira, compartilhe no espaço abaixo críticas, sugestões ou considerações sobre este questionário, sobre os PDCs ou sobre o caminho da Permacultura no Brasil.	

Além do questionário e análise documental, incluímos a **Observação Participante** como metodologia de coleta de dados através da participação na organização pedagógica e nas aulas do I Curso de Design em Permacultura (PDC) Paulo Kageyama, realizado entre 12 e 22 de julho de 2018, em Piracicaba/SP, através do Grupo Curare de Permacultura.

As observações realizadas neste curso, assim como outras vivências em PDCs desde 2009 permeiam todo este trabalho. Entendemos, ainda, que tive uma inserção completa no processo desenvolvido pelo grupo a ser pesquisado, uma participação plena, segundo Minayo (1998). Isso significa que houve um envolvimento profundo em todas as dimensões do Grupo Curare de Permacultura. Sobre essa metodologia, Richardson et al. (2012) trazem que:

“Na observação participante, o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado. Se o pesquisador está empenhado (...). Este tipo de observação é recomendado especialmente para estudos de grupos e comunidades. O observador participante tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não participante” (RICHARDSON, 2012, p. 261).

O terceiro objetivo proposto (Analisar a formação dos/as educadores/as dos Cursos de Design em Permacultura no Brasil e no exterior) foi desenvolvido a partir da coleta de dados por **Entrevistas Não-Estruturadas** (MINAYO, 1998), totalmente gravadas e transcritas com responsáveis por cursos de formação de educadores/as em Permacultura; tais as entrevistas foram guiadas, ou seja, houve um “guia” de temas explorado durante o transcurso da entrevista, com perguntas que não foram

pré-formuladas, mas feitas durante o processo, sem termos estabelecido previamente a ordem dos temas (RICHARDSON et al., 2002).

Entendemos essa como a forma mais interessante para termos acesso aos dados referentes às bases pedagógicas trazidas pelas pessoas que ministram cursos de formação para educadores/as de PDCs. Como exposto por Richardson et al. (2002):

“A entrevista não-estruturada, também chamada de *entrevista em profundidade*, em vez de responder à pergunta por meio de diversas alternativas pré-formuladas, visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo. Por meio de uma conversação guiada, pretende-se obter informações detalhadas que possam ser utilizadas em uma análise qualitativa” (RICHARDSON et al., 2002, p. 208).

Além disso, minha participação, enquanto aluno desses cursos, permitiu a coleta de dados através da **Observação Não-Participante**, de forma assistemática. Novamente, segundo, Richardson et al. (2002), esse tipo de metodologia indica a observação atenta do pesquisador para registrar o máximo de ocorrências interessantes ao trabalho, as quais são feitas de forma mais livre, sem fichas ou roteiros pré-estabelecidos. Essa observação, porém, não será totalmente isenta de participação, já que fui um dos alunos participantes do curso, situação que se assemelha ao descrito por Minayo (1998, p. 60) como “**participante observador**”: “nessa situação, o pesquisador deixa claro para si e para o grupo sua relação como sendo restrita ao momento da pesquisa de campo. Nesse sentido, ele pode desenvolver uma participação no cotidiano do grupo estudado, através da observação de eventos no dia-a-dia”.

## 2.4. Análise de Dados

Por fim, veremos agora como aconteceu a análise dos dados coletados na pesquisa.

Como já adiantamos anteriormente, o caráter participativo desta pesquisa coincide com os pressupostos teóricos-metodológicos para uma **educação ambiental de tradição dialética emancipatória** trazidos por Loureiro (2007). Destacamos, em especial, que;

“A meta das pesquisas participantes é liberar o potencial criativo e favorecer a mobilização de sujeitos individuais e coletivos no enfrentamento e resolução de problemas, sabendo situá-los na história e, com isso, gerar outros “níveis” de consciência do “eu” no mundo” (LOUREIRO, 2007, p.36).

Assumimos a proposta metodológica de superar as observações empíricas da realidade, o senso comum educacional, para, através da reflexão teórica, caminharmos para a etapa da consciência filosófica, a apreensão da realidade concreta (SAVIANI, 1991).

Nesse sentido, ao analisarmos os dados, tomamos como principal referencial o Método Materialista Histórico e Dialético e a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), além de outras propostas críticas da educação, em algumas situações mais apropriadas que a PHC a ações educativas fora do ambiente escolar, como é o caso dos nossos objetos de estudo. Esse método permite formas de análise mais aprofundadas das manifestações históricas da Permacultura e da educação ambiental e consegue discutir a complexidade dessas duas áreas.

O método materialista histórico-dialético propõe uma análise que parta do singular (a percepção que temos do mundo externo) e caminhe em direção ao universal, com a mediação do particular, buscando superar a aparência do fenômeno, como discutido por Pasqualini e Martins (2015, p.363): “o mundo empírico representa apenas a manifestação aparente da realidade em suas definibilidades exteriores” e cabe ao pesquisador superar a *pseudoconcreticidade* da realidade singular num movimento dialético entre singular-particular-universal, compreendendo suas intervinculações e interdependências (PASQUALINI; MARTINS, 2015). Ainda, sobre este método de interpretação da realidade, as autoras dizem que:

“Em síntese, temos que: (a) a expressão singular do fenômeno é irrepitível e revela sua imediaticidade e definibilidades específicas; (b) em sua expressão universal, se revelam as conexões internas e as leis gerais do movimento e evolução do fenômeno; (c) a universalidade se materializa na expressão singular do fenômeno pela mediação da particularidade, razão pela qual afirmamos que o particular condiciona o modo de ser do singular” (PASQUALINI; MARTINS; 2015, p.366).

No contexto deste estudo, a Permacultura, buscamos superar as presentes e inúmeras desavenças pessoais e entre grupos, tentando desvelar questões mais

profundas e relativas às contradições presentes na sociedade capitalista e como elas influenciam a ação educativa em Permacultura – e vice-versa. Além disso, com base no método materialista histórico-dialético, essa interpretação exige tomada de posição pela transformação dessa sociedade contraditória, o que perpassa todas as nossas análises.

Ao pensarmos no fenômeno educacional em si e, considerando-se a necessidade de conhecermos os diversos elementos das práticas educativas para interpretarmos a realidade ambiental e educacional da Permacultura a partir do método materialista histórico-dialético (TOZONI-REIS, 2008), vemos que tanto a Permacultura quanto a educação ambiental permitem que a relação entre ser humano e natureza seja uma possibilidade de se configurar como categoria simples de análise. Ou seja, essa relação sujeito-objeto é o elemento central da análise: “compreender a relação sujeito-objeto é compreender como o ser humano se relaciona com as coisas, com a natureza, com a vida” (PIRES, 1997, p.84).

Por outro lado, entendemos que este estudo tem como principal área de estudo o ensino e a formação em Permacultura, e não necessariamente as manifestações materiais e não materiais no ambiente das pessoas que atuam em Permacultura. Ou seja, isso significa que nossa categoria simples de análise é a **educação**, entendendo que aprendemos, ao longo das nossas vidas, formas de nos relacionarmos com o ambiente, em sociedade (TOZONI-REIS, 2008). Em suma, o questionamento de como se dá o processo o processo educativo na Permacultura é o norte deste estudo.

De forma mais detalhada, analisaremos como se dão as relações entre os seguintes elementos que compõem a prática educativa: (1) o/a aluno/a, (2) o/a educador/a, (3) o saber e o (4) o contexto em que a prática educativa ocorre (LIBÂNEO, 1998)<sup>17</sup>. **Interessa-nos discutir se as ações educacionais e formativas desenvolvidas em Permacultura tendem a contribuir para um processo de humanização<sup>18</sup> das pessoas que participam dos PDCs ou para um processo de**

---

<sup>17</sup> De forma mais detalhada, segundo o autor: “A Pedagogia, com isso, é um campo de estudos com identidade e problemáticas próprias. Seu campo compreende os elementos da ação educativa e sua contextualização, tais como o aluno como sujeito do processo de socialização e aprendizagem; os agentes de formação (inclusive a escola e o professor); as situações concretas em que se dão os processos formativos (entre eles o ensino); o saber como objetivo de transmissão/assimilação; o contexto socioinstitucional das instituições (entre elas as escolas e as salas de aula)” (LIBÂNEO, 1998, p.30).

<sup>18</sup> “Para que a educação seja um instrumento do processo de humanização, o trabalho deve aparecer como princípio educativo. Isto quer dizer que a educação não pode estar voltada para o trabalho de

**alienação, no sentido de reproduzir as relações de exploração e dominação inerentes ao modo capitalista de produção.**

Ainda, é importante ressaltar que utilizamos concepções críticas de currículo e formação de professores para a análise dos dados desses temas (APPLE, 2004; CONTRERAS, 2002; FERNÁNDEZ ENGUITA, 1989; SAVIANI, 2000; 2012). Como já exposto acima, todos os dados são interpretados qualitativamente, ou seja, mesmo os dados de ordem quantitativa, devidamente sistematizados, são analisados de acordo com os referenciais teóricos adotados.

---

forma a responder às necessidades adaptativas, funcionais, de treinamento e domesticação do trabalhador, exigidas em diferentes graus, pelo mundo do trabalho na sociedade moderna, mas sim que a educação pode ter como preocupação fundamental o trabalho em sua forma mais ampla. Analisar o processo educacional a partir de reflexões empírico-teóricas para compreendê-lo em sua concretude, significa refletir sobre as contradições da organização do trabalho em nossa sociedade, sobre as possibilidades de superação de suas condições adversas e empreender, no interior do processo educativo, ações que contribuam para a humanização plena do conjunto dos homens em sociedade” (PIRES, 1997, p.91).



15. DÉCIMA QUINTA SUGESTÃO: *Ensine-lhe sobre a diferença. Torne a diferença algo comum. Torne a diferença normal. Ensine-a a não atribuir valor à diferença. E isso não para ser justa ou boazinha, mas simplesmente para ser humana e prática. Porque a diferença é a realidade do nosso mundo. E, ao ensinar sobre a diferença, você a prepara para sobreviver num mundo diversificado.*

*Ela precisa entender que as pessoas percorrem caminhos diferentes no mundo e que esses caminhos, desde que não prejudiquem as outras pessoas, são válidos e ela deve respeitá-los. Ensine-lhe que não sabemos – não podemos saber – tudo sobre a vida. A religião e a ciência têm espaços para as coisas que não sabemos, e isso basta para nos reconciliarmos com esse fato.*

*Ensine-lhe a nunca universalizar seus critérios ou experiências pessoais. Ensine-lhe que seus critérios valem apenas para ela e não para as outras pessoas. Esta é a única forma necessária de humildade: a percepção de que a diferença é normal.*

*Diga-lhe que aglumas pessoas são homossexuais e outras não. Uma criança tem dois pais ou duas mães porque é assim que algumas pessoas fazem. Diga-lhe que algumas pessoas vão à mesquita, outras à igreja, outras a outros locais de culto e outras ainda não frequentam culto nenhum, porque é assim que é para algumas pessoas.*

*“Você gosta de óleo de palma, mas tem gente que não gosta”, diga a ela. “Por quê?”, ela pergunta. “Não sei. É assim que o mundo é”, você responde.*

*Por favor, note que não estou sugerindo que você crie sua filha para “não julgar”, coisa que se diz muito hoje em dia e que me preocupa um pouco. O sentimento geral por trás da ideia é bom, mas “não julgar” pode facilmente significar “não ter opinião sobre coisa nenhuma” ou “eu guardo minhas opiniões para mim”. Assim, em vez disso, o que desejo a Chizalum é o seguinte: que ela seja cheia de opiniões, e que suas opiniões provenham de uma base bem informada, humana e de uma mente aberta.*

*Que ela tenha saúde e felicidade. Que tenha a vida que quiser ter.*

*Você ficou com dor de cabeça depois de ler tudo isso? Desculpe. Da próxima vez, não me pergunte como criar sua filha como feminista.*

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 94 p. Tradução de Denise Bottmann.



Mesa redonda de encerramento da 13ª Convergência Internacional de Permacultura (IPC), Medak District, Telangana, Índia, em novembro de 2017





Parte

I

*O fim do socialismo é proporcionar a cada um os meios de por em atividade as suas faculdades desenvolvidas, enquanto que hoje a ação da maioria se acha subordinada a um capital de que carece, e nós outros sabemos que este fim não se pode conseguir senão pela socialização das forças produtivas.*

MARX, Karl. **O capital**. Bauru: EDIPRO, 2. ed., 2003. 286 p. Tradução e condensação de Gabriel Deville.



**MAPEAMENTO**

Participantes do V PDC do Grupo Curare de Permacultura, Botucatu/SP, Brasil, em janeiro de 2013



## PARTE I – MAPEAMENTO

A primeira parte da apresentação e discussão dos resultados desta pesquisa traz um panorama dos Cursos de Design em Permacultura (PDCs) e de Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil, organizados em dois capítulos: **Os Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil** e **Os Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil**. Os dados desses capítulos, prioritariamente de caráter quantitativo, mas analisados de forma qualitativa, são de extrema importância para entendermos o contexto do ensino e formação em Permacultura no Brasil, já que não possuímos trabalhos que nos apresentem esse estado da arte.

Como vimos anteriormente, nossas bases iniciais de dados são escassas. O único trabalho encontrado que buscou fazer uma sistematização da atuação de grupos de Permacultura no Brasil foi o de Ferreira Neto (2018). Nesse trabalho, o autor apresenta que 100 grupos “declaram promover e organizar atividades permaculturais no Brasil” (FERREIRA NETO, 2018, p.165). A seguir, o autor evidencia um aumento na taxa de surgimento de grupos de Permacultura no Brasil entre 2014 e 2015, 300% maior do que nos anos anteriores. Além disso, é possível reconhecer uma alta concentração de grupos na região Sudeste do país (63%).

Dos cem grupos mapeados por Ferreira Neto com atuação em Permacultura no Brasil, somente **seis** deles disseram oferecer Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil.

Como veremos nos dois capítulos a seguir, existem muitos outros PDCs oferecidos no Brasil, o que representa um fenômeno interessante e de alcance surpreendentemente rápido, considerando que o primeiro curso aconteceu no Brasil somente em 1993, sob a coordenação do australiano Bill Mollison (um dos fundadores da Permacultura) e do estadunidense Scott Pittman (SILVA, 2013), e não há atualmente, nenhum tipo de organização, legal ou não, a nível nacional para discutir e planejar ações em Permacultura.

A oferta desses cursos no Brasil se confunde com a chegada da própria Permacultura, também em 1992, apesar de Bill Mollison ter feito uma visita ao Brasil na década de 1980. A esse período, anterior a 1992, Ferreira Neto (2018) dá o nome de “Período Difuso” da Permacultura no Brasil. Seguindo sua proposta historiográfica,

o autor apresenta as seguintes etapas do desenvolvimento da Permacultura brasileira após 1992: Incubação (1992-1995), Ativação e Institucionalização (1995-2007), Etapa Crítica (2004-2008) e Popularização (2008-Presente).

Podemos dizer que a dinâmica dos PDCs segue uma dinâmica similar: após as ações iniciais para o estabelecimento de centros de referência em Permacultura em cada bioma brasileiro na etapa de Ativação e Institucionalização<sup>19</sup> (conhecidos como Institutos de Permacultura), responsáveis por demonstrar as possibilidades concretas de atuação em Permacultura e, também, pelo sua disseminação e ensino, a partir da Etapa Crítica (2004), encontramos um panorama de descentralização nos processos de ensino e difusão da Permacultura no Brasil. Inicialmente de forma articulada em redes, como a Rede Permear, o diálogo entre o diversos grupos e indivíduos atuantes no ensino de Permacultura parece ter se tornado mais difuso. Desde 2008, como aponta Ferreira Neto (2018), grupos independentes e não institucionalizados passam a ter papel cada vez mais relevante no oferecimento de PDCs, no período chamado de Popularização.

É importante considerar, porém, que apesar de não mais central, os Institutos de Permacultura fundados na década de 1990 ainda são atuantes e desempenham um papel relevante no meio. Isso significa que os Institutos de Permacultura pioneiros não mais detêm a liderança no oferecimento de PDCs no país, apesar de ainda terem um papel de bastante relevância e serem vistos como grandes referências da área, como veremos nos capítulos a seguir.

Um relevante publicação para as discussões acerca dos PDCs no Brasil aconteceu em março de 2018 com a publicação de um documento intitulado “Bases para um Curso de Design em Permacultura – PDC: Permacultores Pioneiros do Brasil”, assinado por figuras importantes na Permacultura brasileira<sup>20</sup> (Anexo 2).

---

<sup>19</sup> Surgem, nesta etapa: Instituto de Permacultura do Rio Grande do Sul (IPERS), Instituto de Permacultura da Bahia (IPB), Instituto de Permacultura da Amazônia (IPA), Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC) e Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro (IPAB). No fim da década de 1990, são criados, também, o Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA) e o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Pampa (IPEP). Desses institutos, o IPERS, o IPA e o IPAB não possuem mais atividades, apesar de seus coordenadores continuarem atuando.

<sup>20</sup> Assinam este documento Jorge Timmermann, Sérgio Borges Paim Pamplona, Suzana Maringoni, Marsha Hanzi, Peter Webb, Marcelo Bueno, André Soares, João Rockett, Ivone Riquelme, Skye Riquelme, Lucy Legan, Carlos Müller e Cláudio Sanhotene.

Segundo os/as autores/as do documento, que permitiu um diálogo – ainda que à distância – entre referências da Permacultura brasileira que há anos não se conversavam –, o documento foi criado devido às “crescentes reclamações e denúncias sobre posturas antiéticas, PDCs superficiais e casos graves de abusos de diversas formas” (MARINGONI; TIMMERMAN; PAMPLONA, 2018, p.2), com o objetivo de oferecer parâmetros para boas práticas no ensino de Permacultura e manter fidelidade à proposta original dos PDCs.

Nesse documento, reforça-se uma série de instruções normativas que deveriam ser seguidas para que um PDC realmente se caracterize como tal. De forma sintética, destacamos:

1. A importância de que se mantenha o conteúdo curricular dos PDCs, com diferenças metodológicas para cada contexto;
2. A caracterização do PDC como um curso laico, teórico e com exercícios de design em Permacultura;
3. Que apesar de política, os/as educadores/as não devem trazer posicionamentos partidários ou apresentar seu alinhamento ideológico durante o curso;
4. O respeito à diversidade e a atenção ao segundo princípio ética da Permacultura, o Cuidado com as pessoas, não sendo aceitos comportamentos de assédio sexual e moral;
5. Que os valores dos cursos devem respeitar o terceiro princípio ética, da Partilha justa;
6. Que é certificado/a o/a participante que participa de 100% das aulas;
7. Que os/as educadores/as de um PDC devem ter feito o curso anteriormente como participante, ministrado por um/a educador/a reconhecido e ter alguns anos de prática.

Cientes dessa recente e produtiva mobilização, esperamos contribuir, aqui, para trazer bases de dados mais sólidas e significativas ao debate, que superem visões pessoais ou de grupos isolados atuantes em Permacultura no Brasil. Notamos que, para além das experiências regionais, precisamos ter mais clareza sobre o perfil da Permacultura brasileira para podermos trazer mais qualidade ao debate.

É importante ressaltar, também, que apesar da inexistência de uma rede de diálogo entre permacultores e permacultoras a nível nacional, iniciativas de caráter regional ou estadual começaram a surgir a partir de 2017. No Ceará, em 2017 e 2018, aconteceram três Convergências de Permacultura e na região Sul do Brasil aconteceu a primeira em 2019<sup>21</sup>. Houve também esforços, entre 2016 e 2018, para a organização de uma Convergência Brasileira de Permacultura, articulada por indivíduos e coletivos de todo o país, mas que não se concretizou até o momento, processo do qual pude fazer parte. Apesar disso, ficou acordado que cada núcleo regional deveria fomentar a articulação de Convergências regionais ou estaduais de Permacultura, como estamos observando atualmente. Destacamos, também, a rede NEPerma, que agrega grupos de estudo, pesquisa e extensão em Permacultura de universidades brasileiras.

Assim, no primeiro capítulo, focado nos PDCs, traremos um panorama da distribuição, público-alvo, duração, formatos existentes e grupos responsáveis por esses cursos no Brasil, apresentando-os na forma de tabelas, gráficos e mapas.

Os dados coletados para este capítulo foram obtidos através de uma extensa revisão bibliográfica, de análise documental das respostas dos questionários enviados aos/às educadores/as de PDCs, num processo **não-linear** de coleta de dados. Além disso, foi muito importante a minha participação em diversos fóruns, simpósios, encontros e outras atividades do gênero para encontrar contatos que poderiam me trazer mais informações. Sem essa atuação como sujeito de pesquisa simultaneamente à função de pesquisador, não seria possível obter uma quantidade tão significativa de dados, e com tanta qualidade.

---

<sup>21</sup> I Convergência de Permacultura do Ceará, em 2 e 3 de dezembro de 2017, em Eusébio (CE) e II Convergência de Permacultura do Ceará, de 12 a 14 de outubro de 2018 e Convergência Centro-Nordestina de Permacultura, em Crato (CE), além da Convergência de Permacultura do Cariri, em 2018; I Convergência de Permacultura do Sul do Brasil, de 18 a 21 de julho de 2019, em Florianópolis (SC).

Abaixo (Tabela 3), apresentamos quais grupos contribuíram para a construção dessa base de dados ao enviarem respostas aos questionários de pesquisa, acompanhados do número de pessoas de cada grupo que participou da pesquisa e a porcentagem que essas pessoas participantes representam frente ao total de pessoas que compõem cada coletivo.

**Tabela 3. Quantidade e percentual de participantes da pesquisa por grupo/coletivo de Permacultura**

(Continua)

#	Grupo	Quantidade de Participantes	Percentual de pessoas do grupo/coletivo que participaram da pesquisa
1	Grupo Curare de Permacultura	20	95%
2	Coletivo PermaSampa	10	72%
3	Nova Oikos	10	72%
4	Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA)	6	80%
5	Instituto Biorregional do Cerrado (IBC)	6	60%
6	Universidade Federal do Cariri (UFCA)	6	43%
7	UniPermacultura	6	50%
8	Sítio Olho D'Água	5	45%
9	Instituto Çarakura	4	27%
10	Instituto de Permacultura do Ceará (IPC)	4	50%
11	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC – NEPERMA)	4	80%
12	Instituto de Permacultura da Bahia (IPB)	3	60%
13	Instituto de Pesquisas e Criação Taipal (IPC Taipal)	3	30%
14	Instituto Ná Lu'um Latinoamerica	3	100%
15	Instituto Nhandecy	3	50%
16	Morada Ekoa	3	50%
17	Morada da Floresta	3	38%
18	Yvy-Porã Estação de Permacultura	3	100%
19	Sítio Nós na Teia	3	75%
20	Ananda Kirtana	2	100%
21	Associação de Resgate à Cidadania por Amor à Humanidade (ARCAH)	2	100%
22	Clã Pé Vermelho	2	100%
23	Ecoetrix Parquescola	2	100%

**Tabela 3. Quantidade e porcentagem de participantes da pesquisa por grupo/coletivo de Permacultura**

(Conclusão)

#	Grupo	Quantidade de Participantes	Percentual de pessoas do grupo/coletivo que participaram da pesquisa
24	Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente (IPOEMA)	2	50%
25	Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC)	2	34%
26	Instituto Pindorama	2	100%
27	Marizá Epicentro	2	67%
28	Novo Portal Chapada	2	67%
29	Vila Gerais	2	100%
30	Ecossítio Nova Terra Maquiné	1	14%
31	Escola da Cidade	1	11%
32	Instituto Arca Verde	1	14%
33	Instituto de Permacultura Cerrado-Pantanal e Instituto Ambiental Quinta do Sol	1	25%
34	Morada Natural	1	50%
35	Sete Ecos	1	20%
36	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	1	100%
37	Instituto de Permacultura e Ecovilas dos Pampas (IPEP) e Rama Permacultura	0	0%
38	Sítio Nova Canaã	0	0%

Já no Capítulo 2, intitulado “Os Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil”, trabalharemos com uma modalidade de ensino ainda incipiente no país, apesar de estar bem mais desenvolvida no exterior. Dos 100 grupos que trabalham com Permacultura no Brasil mapeados por Ferreira Neto (2018), apenas **um grupo** relatou oferecer um Curso de Formação para Instrutores de PDCs.

Por isso, além da apresentação dos resultados desse mapeamento a nível nacional, traremos experiências de outros países como subsídio à nossa discussão.



## PARTE I

### Capítulo 1. Os Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil

Os primeiros resultados obtidos na investigação nos ajudam a trazer um panorama dos Cursos de Design em Permacultura (PDC) oferecidos no Brasil. Porém, antes de nos atentarmos aos resultados obtidos em si, veremos o que tem caracterizado um Curso de Design em Permacultura no Brasil de forma mais detalhada<sup>22</sup>.

Inicialmente, é essencial reforçar que não há, até o momento, qualquer forma de organização, institucional ou não, a nível nacional, que estabeleça parâmetros ou diretrizes para a realização dos PDCs no país. Existem, porém, redes de diálogo entre permacultores e permacultoras a nível estadual ou regional, além de uma rede universitária de núcleos de Permacultura.

Isso significa dizer que a certificação oferecida nesses cursos não é reconhecida oficialmente por nenhuma instituição ou associação a nível nacional, como acontece em outros países.

Por fim, não localizamos encontros, congressos ou eventos similares que se proponham a discutir o currículo e outras questões relativas aos PDCs brasileiros. Assim, enfatizamos que os PDCs no Brasil têm caminhado numa lógica de “autorregulação”, no sentido de que não há nenhum órgão regulador central que acompanhe essas ações: a qualidade desses cursos tem sido avaliada pelas próprias pessoas participantes enquanto estudantes e pelos/as próprios/as educadores/as, criando uma imensa rede de retroalimentação.

Com isso colocado, partimos de uma convenção utilizada maioria das pessoas que atuam como educadores/as nos PDCs no Brasil, o que pode ser verificado nas respostas dadas ao questionário de pesquisa em seções posteriores: historicamente, para ser considerado um PDC, de acordo com os princípios originalmente elaborados por Bill Mollison, ele deve ter, no mínimo, **72 horas de duração**; os conteúdos abordados devem seguir aqueles determinados por alguns documentos de referência

---

<sup>22</sup> O histórico do surgimento e disseminação dos PDCs a nível mundial e no Brasil foi apresentado na Introdução do trabalho. Aqui, atemo-nos a outras questões que majoritariamente caracterizam os PDCs atualmente.

elaborados nas décadas de 1980 e 1990 por Bill Mollison e outras pessoas pioneiras no ensino de Permacultura, especialmente o ***Permaculture Design Course Outline***<sup>23</sup> (MOLLISON; SLAY; JEEVES, 1985), ou Manual do Curso de Design em Permacultura; e os cursos devem contemplar um trabalho de design como atividade de conclusão desse curso (MARINGONI; TIMMERMANN; PAMPLONA, 2018).

Ao buscar paralelos noutros contextos, vemos que a discussão sobre os PDCs se desenvolveu mais noutros países. Scott Pittman, uma das maiores referências internacionais na área, traz que o “currículo do PDC foi oficialmente aprovado na Convergência Internacional de Permacultura de 1994 e a maioria dos/as professores/as utilizam uma versão desse currículo, que tem permanecido bastante similar desde o começo dos anos 1980” (PITTMAN, [2004b]). O autor menciona a publicação desse currículo, apesar de o endereço para obter o título digitalmente não se encontrar mais disponível (verificado em 15 ago. 2019), além de citar o currículo elaborado pela permacultora Robyn Francis como outra referência (FRANCIS, [2008]). Ainda, Pittman ([2004b]) expõe que “em algum momento no começo dos anos 1990 Bill Mollison declarou que o (livro) *Permaculture: a Designers’ Manual* era o currículo oficial do PDC”. Apesar disso, continua o autor, “muitos professores/as não aceitam essa mudança e continuam usando o currículo antigo<sup>24</sup> com as adições necessárias para se manter atualizado frente a novos dados científicos (*i.e.*, mudanças climáticas) e novas informações na seção Estruturas Invisíveis”<sup>25</sup>.

O portal eletrônico da Associação Europeia de Professores/as de Permacultura<sup>26</sup> (tradução livre de *European Permaculture Teachers Partnership*, reconhecida pela sigla EPT), também menciona o currículo apresentado por Robyn Francis, além de

---

<sup>23</sup> Este documento é chamado de *Syllabus* por muitos/as permacultores/as brasileiros/as.

<sup>24</sup> O currículo antigo se refere à publicação ***Permaculture Design Course Outline*** (MOLLISON; SLAY; JEEVES; 1985).

<sup>25</sup> Tradução livre realizada a partir do trecho original em inglês: “*The PDC curriculum was officially endorsed by the International Permaculture Convergence in 1994 and most teachers utilize some iteration of this curriculum which has remained pretty much the same since the early 80’s. I have posted the Curriculum for Permaculture Institute PDC at [www.permaculture.org](http://www.permaculture.org) and Robyn Francis’ curriculum is available for those interested. I do not have other curricula to share. Sometime in the early 90’s Bill Mollison declared that “Permaculture a Designer’s Manual” was the official curriculum for the PDC. Many teachers do not accept this change and continue to use the old curriculum with those additions that are necessary to stay up to date on new scientific data (i.e. climate change), and new information on “invisible structures”* (PITTMAN, [2004b]).

<sup>26</sup> Endereço eletrônico: <<https://permateachers.eu/other-manuals>>.

oferecer o currículo elaborado por Bill Mollison e mencionado acima por Scott Pittman, assim como o do permacultor Graham Bell (BELL, 2010).

Outras referências bastante utilizadas no exterior são o currículo elaborado pela permacultora australiana Rosemary Morrow, apresentado na publicação *Earth User's Guide to Teaching Permaculture* (MORROW, 2014) e aquele elaborado e frequentemente atualizado pela Associação Britânica de Permacultura (tradução livre de *Permaculture Association Britain*) (PERMACULTURE ASSOCIATION BRITAIN, 2018).

Assim, vemos que há uma série de organizações curriculares disponíveis e sendo utilizadas no mundo todo<sup>27</sup>. No Brasil, com exceção de discussões restritas a espaços dentro dos próprios coletivos, em rede estaduais, regionais ou no ambiente universitário, esta discussão ainda não se disseminou de forma organizada e cooperada entre os diversos grupos de Permacultura no Brasil.

Além do currículo e carga horária mínima para que um curso seja caracterizado como PDC, existem discussões sobre qual o melhor formato de realização. Originalmente, o curso foi desenhado por Bill Mollison num formato que chamamos de **Imersão**: nele, as 72 horas de curso são oferecidas de forma intensiva, num período de 8 ou 9 dias (8 ou 9 horas de atividades diárias).

Esse formato clássico possui pontos positivos e negativos, que serão mais discutidos na Parte II deste trabalho. De forma resumida, os cursos imersivos permitem uma forte ligação afetiva entre os/as participantes e permite a criação de uma comunidade durante o período do curso – o que fortalece uma rede de cooperação após o PDC –, com uma maior integração entre educadores/as e estudantes, maior tempo disponível para os trabalhos de design e facilidade na organização do espaço. Por outro lado, podem surgir conflitos entre as pessoas participantes devido à intensa convivência, a participação da maior parte das pessoas é dificultada devido a seus horários de trabalho, há uma sobrecarga de trabalhos para os/as educadores/as e organizadores/as e o valor do curso tende a ser mais alto (EUROPEAN PERMACULTURE TEACHERS ASSOCIATION, 2014), além de não

---

<sup>27</sup> É importante mencionar, nesta seção, que a publicação utilizada como referência para o currículo dos PDCs (MOLLISON; SLAY; JEEVES, 1985) não possui uma tradução oficial para a língua portuguesa e que esteja disponível ao público – existem uma versão traduzida não oficialmente que circula entre redes de permacultores/as.

permitir um tempo de solidificar as informações passo a passo e tempo para estudo e reflexões entre as aulas.

Posteriormente surgiram novas propostas de formatos para PDCs<sup>28</sup>. A *European Permaculture Teachers Partnership*, por exemplo, menciona 12 formatos diferentes de PDCs (EUROPEAN PERMACULTURE TEACHERS ASSOCIATION, 2014):

- PDC Imersivo de 2 semanas;
- PDC aos fins de semana;
- Introdução on-line 1 dia e encontros de 1 dia ao longo de 3 meses;
- Aulas à noite;
- Duas vezes na semana com um intervalo entre os encontros;
- 4 encontros de 3 dias aos fins de semana;
- PDC Imersivo de 1 semana + vários fins de semana a seguir;
- 1 dia a cada dois meses;
- PDC Imersivo durante 3 meses;
- 16 dias com cursos introdutórios se sobrepondo;
- 1 fim de semana ao mês durante um ano;
- 9 dias (com fins de semana na conclusão).<sup>29</sup>

De forma sintética, propomos agrupar todas essas opções – e mais algumas que identificamos no Brasil – em **quatro formatos**:

---

<sup>28</sup> No questionário de pesquisa, a partir de análises documentais e da vivência do pesquisador como educador em Permacultura, fizemos algumas perguntas referentes aos formatos de PDCs oferecidos no Brasil, colocando como opções as seguintes opções: Imersão - Dias seguidos e com todas as pessoas participantes convivendo integralmente no mesmo espaço/ Modular presencial - curso oferecido em módulos, de forma presencial/ Modular semipresencial - Curso oferecido em módulos, realizados de forma presencial e à distância/ À distância - Curso oferecido integralmente on-line/ Disciplina ou especialização - Curso caracterizado como parte de uma disciplina, disciplina completa ou programa de especialização/ Outros.

<sup>29</sup> Tradução-livre de: “*2 Week Residential PDC; Weekend PDC; on-line intro 1 day then 3 months 1 day; evening classes; 2 times 1 week with time off in between; 4 x 3 days long weekends; 1 week residential + various weekends afterwards; 1 day every two months; 3 months residential; 16 days with intro courses overlapping; one weekend a month for 1 year; 9 days (weekend at each end)*”.

1. **Imersão:** formato clássico, com aulas acontecendo em dias seguidos e com todas as pessoas participantes convivendo presencialmente durante o período do curso. É comum que todas as pessoas sejam acomodadas no local de realização do curso, façam as refeições juntas e compartilhem espaço de troca nos períodos extraclasse;
2. **Modular (presencial ou semipresencial):** curso oferecido em módulos, seja em dias de semana ou fins de semana, durante o período do dia ou da noite, de forma presencial ou com uma parte das aulas realizada à distância e outra de forma presencial. Em geral, quando o curso é semipresencial, é feita uma introdução ao curso ou realização de exercícios entre as aulas com a utilização de plataformas on-line;
3. **À distância:** formato caracterizado pelo uso de plataformas digitais (EaD), sem encontros presenciais. Esse formato tem recebido muitas críticas por, supostamente, descaracterizar o perfil “prático” das ações em permacultura;
4. **Disciplina ou especialização:** cursos oferecidos no Ensino Formal, como componente de uma disciplina, disciplina completa em si, curso de extensão ou programa de especialização, geralmente em universidades.

Assim como os cursos imersivos, os outros formatos de PDCs apresentam pontos positivos e negativos. Se, por um lado, permitem a participação de pessoas que têm empregos regulares, diluem a carga de trabalho dos/as educadores/as e organizadores/as ao longo do tempo, apresentam o conteúdo do curso de forma mais lenta e permitem, inclusive, a realização do curso de forma remota, por outro diminuem a integração social entre os/as participantes, podem diminuir a carga horária de atividades práticas, requerem um comprometimento dos/as participantes, educadores/as e organizadores/as durante um período de tempo maior e diminuem o contato entre educadores/as e participantes, especialmente na modalidade à distância.

Nesta pesquisa, incluímos todos os cursos denominados PDC pelo grupo organizador: independentemente de seu formato e currículo, eles são nosso ponto de partida.

Não pretendemos, aqui, determinar quais deles podem ou não ser considerados PDCs, ainda mais no contexto brasileiro, onde já vimos que não existe qualquer tipo de órgão ou conselho, a nível nacional, para debater esses cursos. Por isso, desejamos que os dados que serão apresentados a seguir sirvam para elucidar o estado da arte dos Cursos de Design em Permacultura no Brasil. A partir desse diagnóstico, enquanto educadores e educadoras, podemos construir redes de diálogo para promover melhorias na formação em Permacultura.

### **1.1. Distribuição Geográfica dos PDCs no território brasileiro**

Quando comecei a entrar no universo da Permacultura, há pouco mais de dez anos, vivíamos num momento digital diferente do atual. Não havia muitas informações disponíveis on-line e nem mesmo o acesso à Internet era tão fácil como é hoje. As informações que nos chegavam é que os PDCs eram oferecidos em Institutos de Permacultura ou pela Rede Permeare, mais perto de nós. Lembro-me de ter ficado surpreso quando um grupo de amigos e amigas encontrou um PDC em Campo Grande/MS, fora de um instituto, sob coordenação do permacultor Skye Riquelme (FOSSALUZA et al., 2018)<sup>30</sup>.

A nossa pesquisa, já contando com o auxílio de plataformas digitais, mostra que **38 grupos/coletivos** organizaram PDCs no período da pesquisa (2013-2017)<sup>31</sup>, destacando que a diversidade de coletivos que têm atuado com esses cursos. No

---

<sup>30</sup> Nos próximos capítulos, usaremos, também, relatos de experiências da participação do autor enquanto membro do Grupo Curare de Permacultura. De forma mais detalhada, a história do grupo pode ser encontrada no capítulo 20 do livro **Plantando Sonhos: experiências em Agroecologia no Estado de São Paulo**, de 2018.

<sup>31</sup> Após o período de coleta de dados, outras iniciativas na realização de PDCs surgiram. Destacamos algumas no estado de São Paulo, devido a nossa proximidade geográfica: coletivo EPARREH (Estudos e Práticas Agroecológicas e Reencantamento Humano), que tem oferecido PDCs gratuitos em São Paulo e municípios dessa região metropolitana; o Sítio Pau D'Água, sob a coordenação do permacultor Edilson Cazeloto, em Piracaia; o Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo que tem elaborado uma proposta de PDC gratuito; o Serviço Social do Comércio (SESC/SP), que tem discutido a oferta de PDCs em diversas unidades, com a realização de cursos em Bauru, São Paulo e Sorocaba no último trimestre de 2019.

Quadro 3, apresentamos esses grupos acompanhados pelos anos quando ofereceram os cursos, sua duração, localidade e educadores/as responsáveis<sup>32</sup>.

<b>Quadro 3. PDCs oferecidos no Brasil entre 2013 e 2017</b>					
(Continua)					
#	Grupos Responsáveis	Ano	Duração (horas)	Localidade	Educadores/as
1	Ananda Kiirtana*	2015 2016 2017	88	Belmiro Braga/MG	Marcelo Bueno Skye Riquelme
2	Associação de Resgate à Cidadania por Amor à Humanidade (ARCAH)  Parceira: Missão CENA	2015	192	Juquitiba/SP	João Paulo Lotufo Jr. Rodrigo Flaire
3	Coletivo PermaSampa  Parcerias: Instituto Casa da Cidade, Sem Muros	2015 2016 2017	80	São Paulo/SP	Andressa Lopes Capriglione Claudia Visoni Felipe Pinheiro Gilberto Machel Giuliana Capello Guilherme Castagna Julio Avanzo Neto Lucas Blaud Ciola Marjory Mafra Nilson Dias Nádia Reciole Peter Webb Tomaz Lotufo Vinícius Pereira
4	Clã Pé Vermelho	2017	80	Rolândia/PR	Adriana Galbiati Moacir Lacerda
5	Ecoetrix Parquescola*	2013 2014	72	São Thomé das Letras/MG  Varginha/MG	Marcos Ninguém Peter Webb

<sup>32</sup> Notem que os/as educadores/as responsáveis por um determinado PDC não necessariamente pertencem a um mesmo grupo/coletivo, sendo observada uma constante interface entre pessoas atuantes em diferentes contextos. Em algumas situações, também, o “Grupo Responsável” pelo PDC não atua nas aulas do curso, convidando educadores/as externos para desempenhar esse papel. A duração de cada curso será um elemento importante para a caracterização dos PDCs adiante neste capítulo. Por ora, relembramos que convencionalmente entende-se que esse curso deva ter, no mínimo, 72 horas de duração.

Também, é importante ressaltar que não necessariamente todos/as os/as educadores/as mencionados nos PDCs de um determinado coletivo atuaram na mesma edição do curso.

\* Os cursos organizados por esses coletivos se caracterizam pela vinda de um grupo de educadores/as responsáveis por ministrar as aulas do PDC, que não necessariamente fazem parte do coletivo que recebeu o curso e vivem noutras localidades.

**Quadro 3. PDCs oferecidos no Brasil entre 2013 e 2017**

(Continua)

#	Grupos Responsáveis	Ano	Duração (horas)	Localidade	Educadores/as
6	EcoSítio Nova Terra Maquiné	2015 2016 2017	72	Maquiné/RS	Cristiano Arejano da Silva Fábio Forgiarini Fernando Massera Josieli Maria Juliano Riciardi Luciana Kalil Rodrigo João de Barro
7	Escola da Cidade	2017	72	São Paulo/SP	Anália Amorim Cristina Brasileira Luis Octavio de Faria e Silva Ondalva Serrano Rainer Grassmann Rita Buono Roberto Pompéia Sylvio Barros Sawaya Valdemir Rosa
8	Grupo Curare de Permacultura  Parcerias: Associação Veracidade, Casa Diart's, Pupa Permacultura e Sítio Beira Serra	2013 2014 2015 2016 2017	72 - 90	Botucatu/SP  São Carlos/SP  São José dos Campos/SP	André Fossaluzza Cecília Lenzi César Claro Trevelin Desireé Moura Djalma Nery Ferreira Neto Enio Yoshinori Hayasaka Fernanda Helena Palermo Flávia Torunski Guilherme A. Fernandes João Paulo Lotufo Jr. Lucas Lotufo Brant Paulo R. Amaral Lencioni Pedro Andrade Garcia Rafael Guerreiro Seraphim Raquel de Arruda Santos Sérgio Akira Adachi Surian dos Santos Tamy Fregonesi Reis Thiago Silva de Carvalho Tomaz Amaral Lotufo Yuri Almeida
9	Instituto Arca Verde  Parcerias: Instituto Biorregional do Cerrado (IBC), Conselho de Assentamentos Sustentáveis das Américas (CASA Brasil) e Cooperativa de Agricultores Familiares de São Francisco de Paula (COOPAF Serrana)	2015 2016 2017	72	São Francisco de Paula/RS	Angélica Jost Leandro Sparrenberger Marcelo Figueireido Duarte Marcos Molz Mateus Raymundo Melissa Dornelles Thomas Enlazador



**Quadro 3. PDCs oferecidos no Brasil entre 2013 e 2017**

(Continua)

#	Grupos Responsáveis	Ano	Duração (horas)	Localidade	Educadores/as
10	Instituto Biorregional do Cerrado (IBC)	2015 2016 2017	90 – 110	Alto Paraíso de Goiás/GO	Aleph Mesquita Cintia Aparecida de Godoy Daniel Cintra Gustavo da Motta Pollmann Henny Freitas Lucia Battezzore Piedad Viteri Sérgio Pamplona Surian dos Santos Thomas Enlazador
11	Instituto Çarakura Parceria: Escola Velotropa	2014 2016 2017	80	Florianópolis/SC	Alessio dos Passos Santos Andrea de Oliveira Dalva Sofia Schuch Fábio Macedo João Daniel Pires Karina Signori Karoline Lisanne Fendel Marcio Mortari Marcos José de Abreu Murilo Leandro Marcos Percy Ney Silva Richard Smith Rodrigo Bicudo Sumara Lisboa Viviane Corazza
12	Instituto de Pesquisas e Criação Taipal (IPC Taipal) Parceria: Sol Soluções Holísticas e Cura Gastronômica	2013 2014 2015 2016 2017	80	Piedade/SP	Amanda Papadakis Claudio Nadaletto Diogo Fonseca Mantovanelli Eugênio Paixão Gabriel Varella de Oliveira Luiz Salgueiro Pedro Kawamura Gonçalves Rafael Carvalho Rebecca Signorelli Tiago Oliveira
13	Instituto Nhandecy	2017	88	Curitiba/PR	Edite Faganello Querer Flavia de Sá Sotto Maior Martin Ewert Raphael Autran Dourado Tiago Lemos Guedes Wil Som
14	Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente (IPOEMA)	2013 2014	80	Brasília/DF	Cláudio Jacintho Eduardo Lyra Rocha Luiza Padoa Mônica Passarinho
15	Instituto de Permacultura da Bahia (IPB)	2014 2016 2017	72	Vale do Capão/BA Rio das Contas/BA	Albertinho B. de Carvalho Catarina Camargo David Alejandro Borja Luciana Vieira Nagoy Sol Correa

**Quadro 3. PDCs oferecidos no Brasil entre 2013 e 2017**

(Continua)

#	Grupos Responsáveis	Ano	Duração (horas)	Localidade	Educadores/as
16	Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA)	2013 2014 2015 2016 2017	72	Ubatuba/SP	Hugo Leonardo da Silva Leonardo de Britto Surian dos Santos Tomaz Amaral Lotufo
17	Instituto de Permacultura do Ceará (IPC)	2013 2014 2015 2016 2017	72	Eusébio/CE	Ângela Araújo Luiz Torres Marcelo Sindeaux Maria Clevandira Dias Mota Maria Eugênia Fraga Brasil Marco George Oliveira Lima Mario Eduardo Fraga Wilton Oliveira Matos
18	Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC)	2013 2014 2015 2016 2017	72	Pirenópolis/GO	André Soares Lucy Legan Luis Fernando Carneiro Tomaz Ahau Pablo Barruntes Tiago Ruprecht
19	Instituto de Permacultura e Ecovilas dos Pampas (IPEP) e Rama Permacultura Parceria: Hotel Fazenda e Escola de Permacultura Fazenda da Serra	2013 2014 2015 2016 2017	80	Itatiaia/RJ Barra do Garças/MT Bagé/RS	João Rockett Tatiana Cavaçana
20	Instituto Ná Lu'um Latinoamerica Parceria: Cidade Escola Ayni	2016	120	Guaporé/RS	Beatriz Ramirez Cruz Elba Echebarría Tierra Martinez
21	Instituto Pindorama	2013 2014 2015 2016 2017	80	Nova Friburgo/RJ	Nilson Dias Tomaz Lotufo
22	Instituto de Permacultura Cerrado-Pantanal e Instituto Ambiental Quinta do Sol	2013 2017	72 – 88	Taboco/MS Corguinho/MS	Adriana Farina Galbiati Ana Carolina Veraldo Daniela Bender João Gilberto P. Milanez
23	Marizá Epicentro	2016	128	Tucano/BA	Ivone Riquelme Marsha Hanzi Skye Riquelme

**Quadro 3. PDCs oferecidos no Brasil entre 2013 e 2017**

(Continua)

#	Grupos Responsáveis	Ano	Duração (horas)	Localidade	Educadores/as
24	Morada da Floresta	2013	88	São Paulo/SP	Cesar Pegoraro Cláudio Spinola Daniel Bonamin Martins Guilherme Castagna Leonardo Tannous Marcelo Bueno Nilson Dias Peter Webb
25	Morada Ekoa	2015 2017	72	Imbituba/SC	Carol Bona Fabio Benitez Felipe Hoffman Fernando Galera Julia Lucena Martins Juliano Riciardi
26	Morada Natural Bioarquitetura e Permacultura Nova Oikos	2016	72	Conceição do Rio Verde/MG	Marcelo Chini Priscila Martins Last
27	Parcerias: Coletivo BioWit, IPEPA, Wake Up Colab, Instituto Ideal do Paraná, Instituto Ná Lu'um, Marcos Ninguém Permacultura, Sítio Pico do Beija Flor, Permacultura Social Brasileira (PSB) e Alianza Permaneser	2014 2015 2016 2017	56 – 104	Curitiba/PR Viamão/RS Florianópolis/SC Alpestre/RS Balneário Camboriú/SC	Cecilia Prompt Clairton da Silva Diego Frazão Djalma Nery Jorge André Pereira Jorge Timmermann Martin Ewert Mildred Gustack Marcos Ninguém Peter Webb Rafael Cabreira Rafaelle Cristine Mendes Rodolfo Schlickmann Suzana Maringoni Thomas Enlazarador Tierra Martinez
28	Novo Portal da Chapada*	2015	72	Alto Paraíso de Goiás/GO	Fábio França Mônico Carapeços Sérgio Pamplona
29	Sete Ecos	2017	72	Sete Lagoas/MG	Daniel Corrêa David Alejandro Borja Diogo Monteiro Jorge Maron Marconi Júnior
30	Sítio Olho D'Água	2014 2017	80 – 88	Mogi das Cruzes/SP	Carla Nicolini Clóvis Oliveira Daniel Bonamin Martins Edison Carrascoa Marcelo Bueno Orlando Rivero Rafael Bueno da Silva Renan Compagnoli Renata Fontes Skye Riquelme Tereza Theruco

**Quadro 3. PDCs oferecidos no Brasil entre 2013 e 2017**

(Continua)

#	Grupos Responsáveis	Ano	Duração (horas)	Localidade	Educadores/as
31	Sítio Nós na Teia Parceria: Toca da Coruja	2017	100	Brasília/DF	Andrea Zimmermann Fábio França Mônica Carapeços Sérgio Pamplona
32	Sítio Nova Canaã	2013	72	Olinda/PE	Chivi Marincola
33	Universidade Federal de Santa Catarina (NEPerma - UFSC)	2016 2017	90 – 126	Florianópolis/SC	Arno Blankesteyn Arthur Nanni Marcelo Venturi Iana Couto Soraya Nórr
34	Universidade Federal do Cariri (UFCA)	2016	80	Juazeiro do Norte/CE	Brisa do S. Cabral de Melo Célida S. Vieira dos Santos Cícero das Chagas Clairton da Silva Daniel Rocha Eduardo Antônio Bonzatto Flavia L. M. Vivacqua Francisca P. dos Santos George Belisário Marcelo C. Cavalcante Marcos Ninguém Paulo E. Rolim Campos Sebastião Cavalcante Souza Sheyla Cristina Xenofonte
35	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	2017	80	Viçosa/MG	Daniel Medeiros Mujalli
36	UniPermacultura Parcerias: Eco Aldeia Flecha da Mata e Reserva do Ser	2013 2014 2015 2016 2017	72 – 96	Alpestre/RS Aracati/CE Chapecó/SC Rio de Janeiro/RJ À distância	Ana Flecha André Sampaio Daniel Berbare Fábio Flecha Filipe Andrade Lima Jandir Santin Marcos Ninguém Samile de Andrade Lima Simone Marcon Silvio Roberto Wilksom Gondim
37	Vila Gerais*	2016	72	Piatã/BA	Catarina Camargo David Alejandro Borja Ramos
38	Yvy-Porã Estação de Permacultura	2013 2014 2015 2016 2017	72	São Pedro de Alcântara/SC	Gardel Silveira Jorge Timmermann Suzana Maringoni

Este quadro nos mostra que ocorreram, pelo menos, 97 PDCs num período de 5 anos, uma média de, aproximadamente, **20 cursos oferecidos por ano**. Se considerarmos que boa parte dos grupos localizados oferecem mais de um PDC por ano, teremos uma quantidade ainda maior de cursos oferecidos no período de estudo.

Esses dados também nos permitem analisar a distribuição geográfica dos PDCs no território brasileiro. Aqui, organizamos os dados de forma a evidenciar a **quantidade de localidades que receberam um PDC** durante o período de estudo (2013–2017). Encontramos que, apesar de 38 grupos serem responsáveis por esses cursos no Brasil, eles foram oferecidos em, pelo menos, **44 localidades diferentes** (Tabela 4). Isso nos mostra que, apesar da atuação na sua localidade-sede, existem grupos que são convidados a atuarem noutras localidades.

Destacamos, aqui, alguns grupos ou indivíduos que vem atuando de forma mais sistemática no oferecimento de PDCs em localidades diferentes da sede do curso:

- **Nova Oikos:** o coletivo de Camboriú tem realizado inúmeras parcerias para a organização de PDCs em outras localidades. Já foram realizados cursos juntamente com o Coletivo BioWit, IPEPA, *Wake Up Colab*, Instituto Ideal do Paraná, Instituto Ná Lu'um, Marcos Ninguém Permacultura, Sítio Pico do Beija-Flor, Permacultura Social Brasileira (PSB) e Alianza Permaneser, os quais aconteceram nos municípios de Alpestre/RS, Curitiba/PR, Florianópolis/SC e Viamão/RS. Destacamos, também, a atuação intensa do grupo na articulação de permacultores e permacultoras na região Sul do Brasil, num movimento coletivo que permitiu a realização da I Convergência de Permacultura do Sul do Brasil, em 2019.
- **Grupo Curare de Permacultura:** ofereceu PDCs em duas outras localidades no interior de São Paulo, além da sede (Botucatu) – São Carlos e São José dos Campos, ambas em parceria com a Associação Veracidade e Pupa Permacultura.
- **Instituto de Permacultura e Ecovilas dos Pampas (IPEP) e Rama Permacultura:** tem atuado em várias regiões, com PDCs oferecidos em Itatiaia/RJ e Barra do Garças/MT, além da sede do Instituto, em Bagé/RS. Destacamos, também, os trabalhos que têm desenvolvido no Pará, apesar de não termos encontrado registros de PDCs no Estado.
- **Marcelo Bueno e Skye Riquelme:** atuantes durante muitos anos como educadores responsáveis pelos PDCs do IPEMA (Ubatuba), os

permacultores ofereceram o curso na Comunidade Espiritual Ananda Kiirtana, em Belmiro Braga, e em outros estados.

- **UniPermacultura**: o grupo, em parceria com a Eco Aldeia Flecha da Mata e Reserva do Ser, ofereceu cursos em várias regiões do Brasil, como nos municípios de Aracati/CE, Chapecó/SC e Rio de Janeiro/RJ. Destacamos, ainda, o oferecido de um PDC à distância, modalidade que discutiremos futuramente no trabalho.

Apesar da abundante oferta de PDCs no Brasil anualmente, sua distribuição geográfica no território nacional não é uniforme (Tabela 4; Figuras 4 e 5). Os dados indicam que esses cursos não foram oferecidos na região Norte durante todo o período estudado – tal constatação nos surpreendeu, já que houve forte atuação do Instituto de Permacultura da Amazônia (IPA) nas décadas de 1990 e 2000 – sua área hoje é administrada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), unidade Zona Leste (GUEDES, 2014)<sup>33</sup>.

A oferta maior de cursos tem acontecido na região **Sudeste**, com cursos oferecidos em **16 localidades** no período – São Paulo é o Estado com a maior quantidade de localidades com PDC. O único Estado da região que não recebeu PDCs no período foi o Espírito Santo.

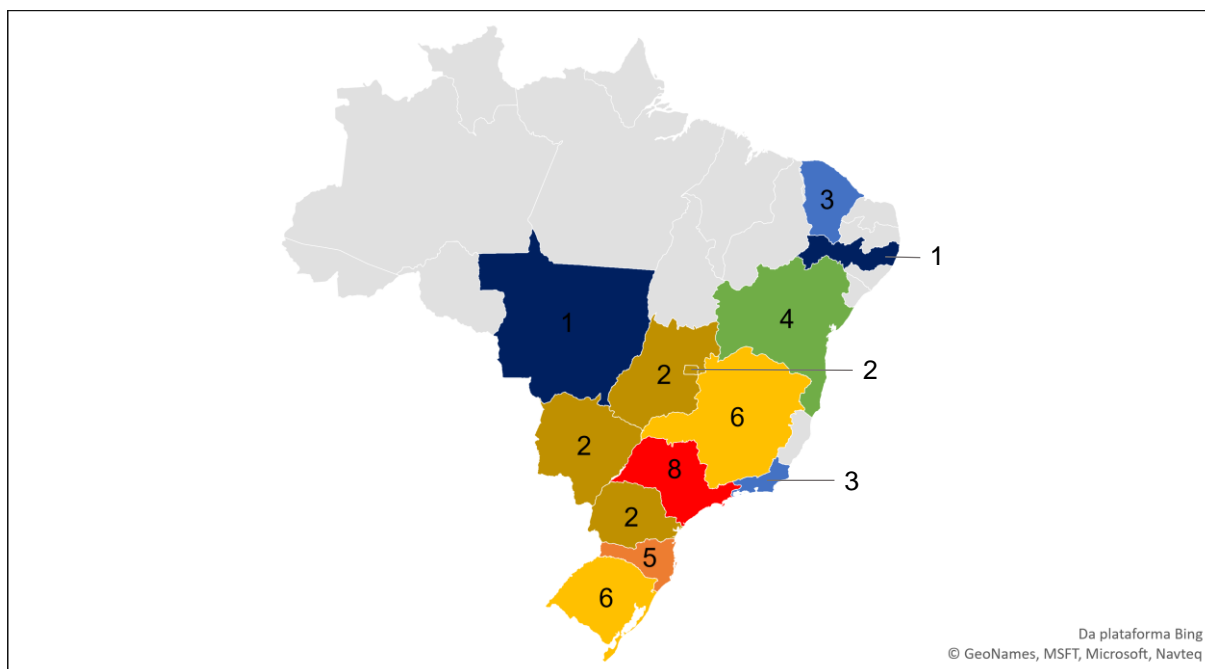
A região **Sul** vem logo a seguir, com **13 localidades** recebendo PDCs no período do estudo, com destaque para os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, regiões com uma tradição mais longa no oferecimento desses cursos. As regiões **Nordeste** (com **8 localidades**) e **Centro-Oeste** (com **6 localidades**) são aquelas com menor oferta de cursos no período. Cabe ressaltar, porém, a atuação histórica do IPEC, em Pirenópolis/GO e do Sítio Nós na Teia, em Brasília/DF, que apesar de não terem atuado em outros municípios da região, vem oferecendo PDCs continuamente há mais de 10 anos.

---

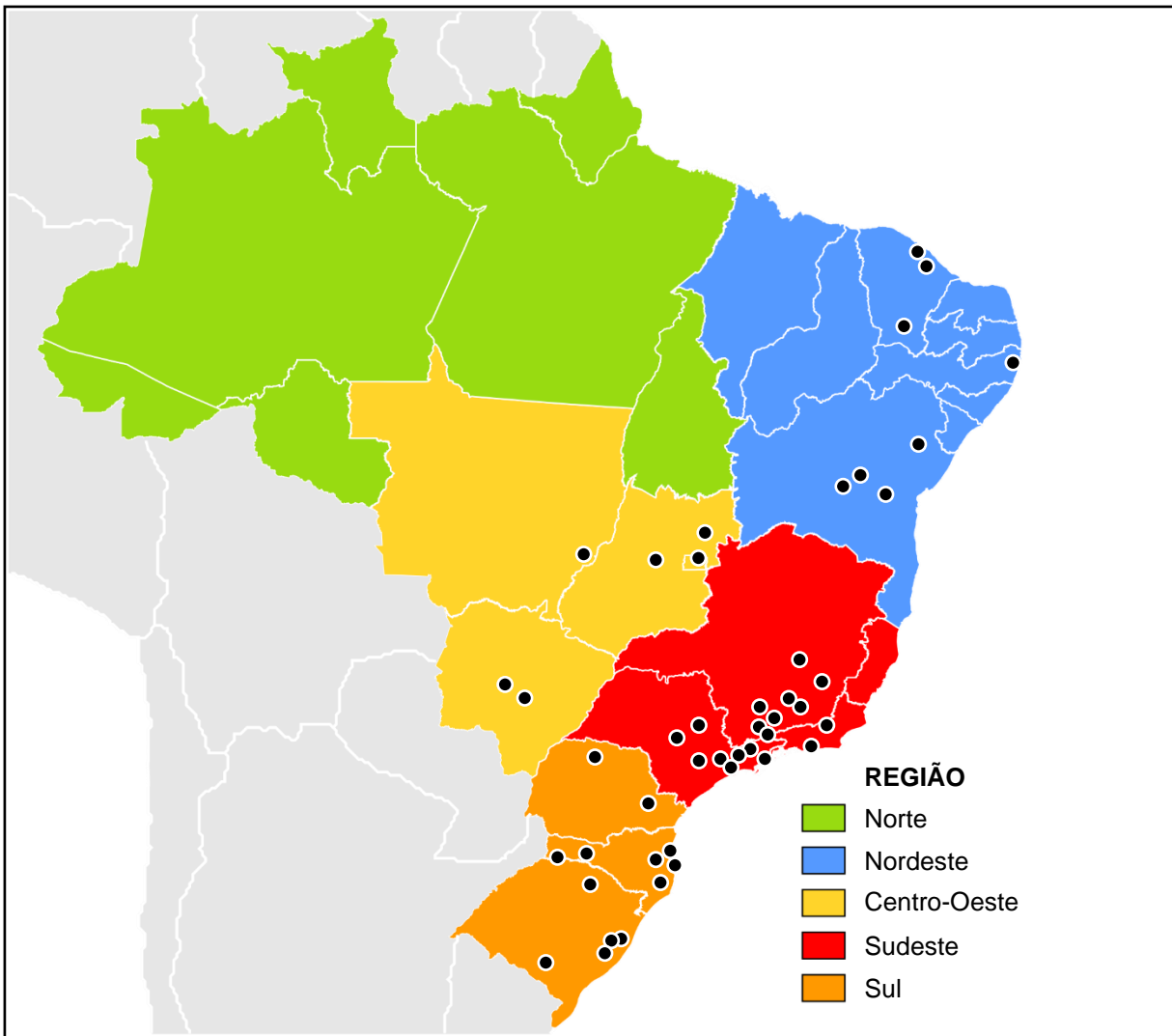
<sup>33</sup> José Guedes relata em seu blog “Um Zé na América” uma visita realizada à antiga sede do IPA, hoje denominado Centro de Referência em Agroecologia, realizada em 2014. O texto está disponível no endereço <<https://umzenaamerica.wordpress.com>>.

**Tabela 4. Quantidade de cidades diferentes que receberam PDCs durante o período do estudo (2013-2017)**

Região	Estado	Quantidade	Quantidade por região
<b>Sudeste</b>	São Paulo	8	<b>16</b>
	Minas Gerais	6	
	Rio de Janeiro	2	
<b>Sul</b>	Rio Grande do Sul	6	<b>13</b>
	Santa Catarina	5	
	Paraná	2	
<b>Nordeste</b>	Bahia	4	<b>8</b>
	Ceará	3	
	Pernambuco	1	
<b>Centro-Oeste</b>	Goiás	2	<b>6</b>
	Mato Grosso do Sul	2	
	Distrito Federal	1	
	Mato Grosso	1	
<b>TOTAL</b>			<b>44</b>



**Figura 4.** Quantidade de grupos que ofereceram PDCs no Brasil no período de 2013 a 2017 em cada Estado brasileiro.



**Figura 5.** Localidades onde foram realizados PDCs no Brasil entre 2013 e 2017. Imagem adaptada de: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=2231836>. Acesso em 11 set. 2018.

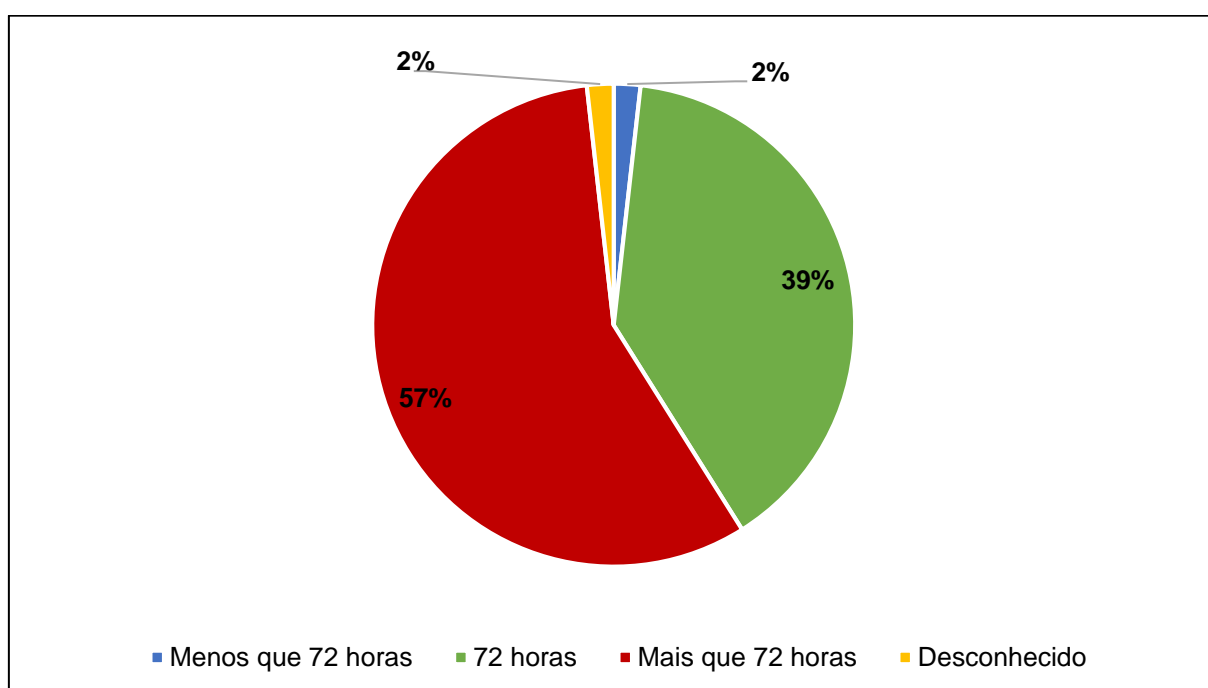
A Figura 5 nos mostra, também, uma grande concentração de PDCs oferecidos ao redor da cidade de São Paulo e no sul de Minas Gerais, além do litoral catarinense e gaúcho. Não discutiremos, aqui, os motivos que influenciam essa distribuição, apesar de notarmos uma similaridade com os limites da chamada Fronteira Agrícola brasileira (estados do Mato Grosso, Tocantins, Piauí e Maranhão, principalmente). É importante ressaltar, porém, que a inexistência de PDCs não indica a ausência de ações educativas em Permacultura, já que muitas iniciativas são reconhecidas.



## 1.2. Duração dos PDCs oferecidos no Brasil

A duração dos cursos oferecidos, também apresentada no Quadro 3, é um ponto bastante importante nas análises dos PDCs no Brasil. Desde sua criação, convencionou-se que um PDC deve ter, no mínimo, 72 horas de duração (MARINGONI; TIMMERMANN; PAMPLONA, 2018; MOLLISON, [198-]) para que seja reconhecido como tal – além de um determinado currículo, que será mais discutido adiante. Não há restrições para horas além desse mínimo.

Os dados, obtidos a partir da consulta às páginas eletrônicas dos grupos que oferecem os PDCs no Brasil, foram apresentados no Quadro 3 e organizados abaixo (Figura 6), em forma de percentuais. Os dados nos mostram que quase a totalidade dos PDCs oferecidos no Brasil possui carga horária igual (40%) ou superior (57%) a 72 horas, evidenciando um movimento de aumento da carga horária mínima dos PDCs, observado globalmente.



**Figura 6.** Carga horária dos PDCs oferecidos no Brasil.

Este dado nos mostra que há uma preocupação quanto à carga horária mínima dos PDCs oferecidos no Brasil. Mundialmente, porém, tem-se defendido a expansão

dessa carga horária para permitir a inclusão de conteúdos socioambientais emergentes.

### **1.3. Valores de inscrição dos PDCs no Brasil**

Iniciaremos esta seção com outro relato pessoal, intimamente relacionado ao movimento que estamos observando na Permacultura nos últimos anos, como exposto por Ferreira Neto (2018), no período de Popularização da Permacultura no Brasil.

Vimos como minha história com a Permacultura começou dentro da universidade pública, como estudante de graduação em Ciências Biológicas e morador da Moradia Estudantil da UNESP<sup>34</sup>. Em 2007, participei de um grupo que iniciou um projeto de extensão em Agroecologia e Permacultura no terreno da Moradia, alojamento oferecido pela universidade a estudantes de baixa renda. Sob a orientação dos Prof. Dr. Francisco Câmara (Faculdade de Ciências Agrônomicas, UNESP, campus de Botucatu) e Luiz Roberto Hernandez Bicudo (Instituto de Biociências, UNESP, campus de Botucatu), este grupo iniciou uma série de intervenções no terreno e de trabalhos de caráter educativo com outros/as estudantes que residiam ali e a comunidade do entorno.

Com esse trabalho, conheci o Curso de Design em Permacultura – um grupo de amigos/as, também estudantes da UNESP, foram a Campo Grande/MS, participar de um desses cursos com o permacultor Skye Riquelme, e voltaram encantados/as. Com a notícia, o grupo do projeto da Moradia Estudantil, chamado “Moradia Estudantil Agroecológica” ficou interessado em participar de um PDC, para entender como a Permacultura funcionava e, então, melhorar as ações que desenvolvíamos no projeto.

Ao pesquisar sobre o que seria necessário para participar desse curso, esbarramos numa questão: o valor do curso. Recordo-me que, nessa época, a maioria de nós recebia uma bolsa de extensão universitária (não me lembro ao certo o valor, mas acredito que em torno R\$250,00 mensais) ou trabalhava aos fins de semana em bares e festas, enquanto um PDC custava entre R\$600,00 e R\$700,00 – aqueles mais

---

<sup>34</sup> A história completa sobre o movimento de Agroecologia, Educação Ambiental e Permacultura podem ser encontradas nos artigos Fossaluzza et al. (2009) e Fossaluzza, Garcia e Fregonesi (2018).

baratos que encontramos. Percebíamos ali, ainda de forma ingênua, mas dolorosa, a primeira barreira que estudar Permacultura oferecia: a econômica.

Dessa frustração, surgiu um movimento que levou à formação, alguns anos depois, do Grupo Curare de Permacultura. Desde então, este coletivo entende que não faz sentido um tema como a Permacultura, que defende o cuidado com as pessoas e a partilha justa, ser tão inacessível, tão elitista, e oferecer essa barreira para a participação de quem tivesse interesse em conhecê-la. Esse movimento, através de uma brilhante parceria com o arquiteto e permacultor Tomaz Lotufo e o Sítio Beira Serra (Botucatu/SP), permitiu a realização de um PDC dentro da universidade pública, com um custo de R\$100,00 por participante e isenção total a estudantes da Moradia Estudantil.

Essa história que vivi é uma das muitas que escutei ao longo desses mais de 10 anos de trabalhos em Permacultura, motivo de muitos questionamentos, fundamentados, sobre sua elitização e distanciamento de movimentos sociais, populares e de pessoas de baixa renda. Por isso, tratar do financiamento dos cursos é de extrema importância neste trabalho e, felizmente, nossos dados mostram que esse panorama tem mudado.

Os dados para elaboração do gráfico abaixo (Tabela 5<sup>35</sup>; Figura 7) foram obtidos através de análise documental e conversas com responsáveis pelos PDCs e são apresentados na Tabela 5. Como vários dos grupos encontrados ofereceram mais de um PDC no período de coleta de dados (2013 a 2017), fizemos uma média dos valores dos cursos de cada grupo, aplicando uma correção aos valores de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo Especial (IPCA-E) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).<sup>36</sup> A seguir, dividimos os valores em quatro categorias

---

<sup>35</sup> Apresentamos os valores mínimos e máximos oferecidos pelos grupos no último ano em que o curso foi oferecido pelo grupo durante o período de estudo, sem aplicar a correção do IPCA. Caso o grupo tenha oferecido mais de uma opção de valor de inscrição ou realizado mais de um curso no mesmo ano, fizemos a média da somatória desses valores. É importante ressaltar que muitos grupos oferecem bolsas integrais a grupos específicos (agricultores/as, participantes de movimentos sociais e ambientais, indígenas, quilombolas, representantes da comunidade local etc.) ou realizam cursos pagos com um valor de inscrição mais alto para viabilizar a realização de outros mais baratos, com públicos diferentes. Existem grupos, também, que oferecem mais de uma opção de valor de inscrição, o qual fica a cargo de uma análise de cada participante. Por fim, encontramos grupos que oferecem descontos para pagamentos antecipados e a possibilidade de pagamento de um valor menor em troca de algum tipo de trabalho antes ou durante o curso. Esses pontos serão discutidos mais profundamente adiante.

<sup>36</sup> O IPCA-E o objetivo de “medir a inflação de um conjunto de produtos e serviços comercializados no varejo, referentes ao consumo pessoal das famílias” (IBGE, [201-]) a cada trimestre. Para a adequação

de acordo com o valor cobrado de inscrição: (1) Gratuitos, (2) Menos que 1 salário mínimo<sup>37</sup>, (3) De 1 a 2 salários mínimos e (4) Mais que 2 salários mínimos.

**Tabela 5.** Valores de inscrição (mínimos e máximos) dos PDCs no Brasil entre 2013 e 2017

(Continua)

<b>Grupo responsável</b>	<b>Datas de realização</b>	<b>Valores de inscrição dos PDCs</b>
Ananda Kiirtana	2015	<b>R\$1.100,00</b>
	2016	<b>R\$1.500,00</b>
	2017	
Associação de Resgate à Cidadania por Amor à Humanidade (ARCAH)	2015	<b>Gratuito</b>
Coletivo PermaSampa	2015	<b>R\$1.200,00</b>
	2016	<b>R\$1.350,00</b>
	2017	
Clã Pé Vermelho	2017	<b>R\$820,00</b>
		<b>R\$920,00</b>
Ecoetrix Parquescola	2013	<b>R\$700,00</b>
	2014	<b>R\$750,00</b>
Ecossítio Nova Terra Maquiné	2015	<b>R\$620,00</b>
	2016	<b>R\$820,00</b>
	2017	
Escola da Cidade	2017	<b>R\$360,00</b>
		<b>R\$400,00</b>
Grupo Curare de Permacultura	2013	
	2014	<b>R\$550,00</b>
	2015	<b>R\$950,00</b>
	2016	
	2017	
Instituto Arca Verde	2015	<b>R\$1.300,00</b>
	2016	<b>R\$1.550,00</b>
	2017	
Instituto Biorregional do Cerrado (IBC)	2015	<b>R\$800,00</b>
	2016	<b>R\$880,00</b>
	2017	
Instituto Çarakura	2014	
	2016	<b>R\$1.000,00</b>
	2017	
Instituto de Pesquisas e Criação Taipal (IPC Taipal)	2013	
	2014	
	2015	<b>R\$550,00</b>
	2016	
	2017	
Instituto Nhandecy	2017	<b>R\$1.300,00</b>
Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente (IPOEMA)	2013	
	2014	<b>R\$1.800,00</b>

dos valores, inserimos o valor cobrado à data de realização do curso e o atualizamos para dezembro de 2017, já que consideramos os PDCs realizados até essa data para a coleta de dados. Para tal, utilizamos a Calculadora do Cidadão, disponibilizada pelo Banco Central do Brasil na página eletrônica <<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores&aba=1>> (Acesso em 22 set. 2018).

<sup>37</sup> O valor do salário mínimo considerado para a determinação das faixas de valores foi de **R\$937,00**, também de dezembro de 2017.

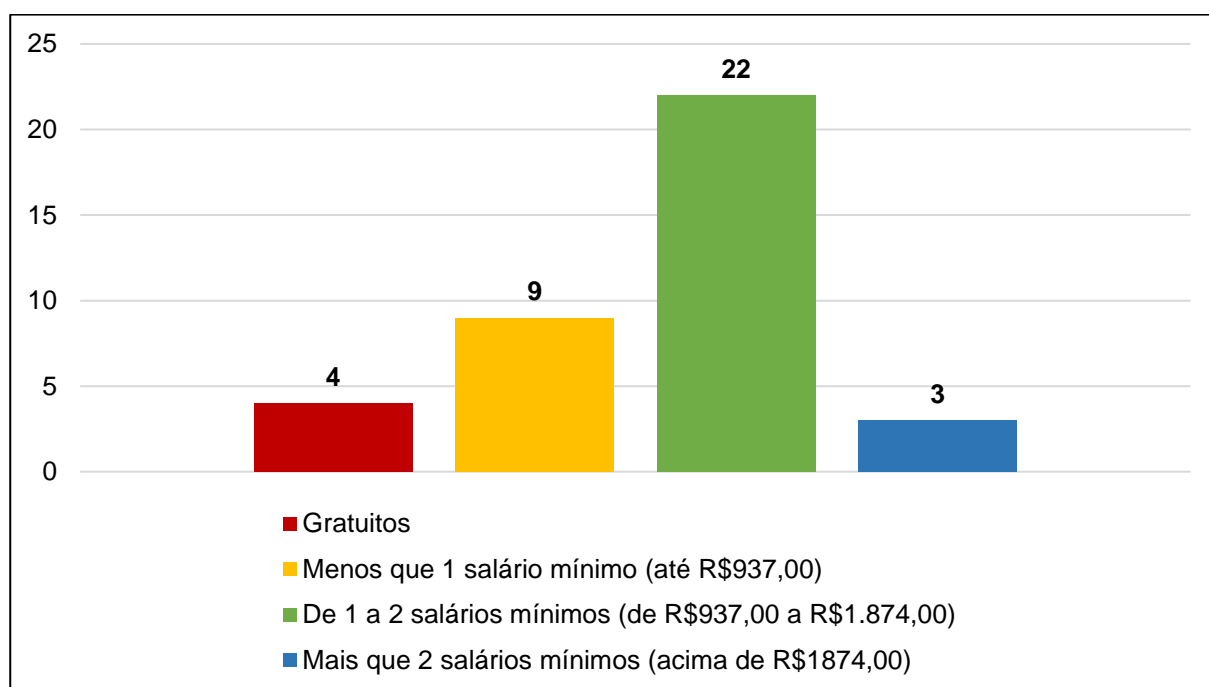
**Tabela 5.** Valores de inscrição (mínimos e máximos) dos PDCs no Brasil entre 2013 e 2017

(Continuação)		
<b>Grupo responsável</b>	<b>Datas de realização</b>	<b>Valores de inscrição dos PDCs</b>
Instituto de Permacultura da Bahia (IPB)	2014	<b>R\$1.400,00</b>
	2016	<b>R\$1.800,00</b>
	2017	
Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA)	2013	
	2014	<b>R\$1.550,00</b>
	2015	<b>R\$1.700,00</b>
	2016	
	2017	
Instituto de Permacultura do Ceará (IPC)	2013	
	2014	<b>R\$1.100,00</b>
	2015	<b>R\$1.200,00</b>
	2016	
	2017	
Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC)	2013	
	2014	<b>R\$2.350,00</b>
	2015	<b>R\$3.500,00</b>
	2016	
	2017	
Instituto de Permacultura e Ecovilas dos Pampas (IPEP) e Rama Permacultura	2013	
	2014	<b>R\$960,00</b>
	2015	<b>R\$2.510,00</b>
	2016	
	2017	
Instituto Ná Lu'um Latinoamerica	2016	<b>R\$1.144,00</b> <b>R\$1.430,00</b>
Instituto Pindorama	2013	
	2014	
	2015	<b>R\$1.599,00</b>
	2016	
	2017	
Instituto de Permacultura Cerrado-Pantanal e Instituto Ambiental Quinta do Sol	2013	<b>R\$1.234,00</b>
	2017	
Marizá Epicentro	2016	<b>R\$1.100,00</b> <b>R\$1.300,00</b>
Morada da Floresta	2013	<b>R\$1.200,00</b> <b>R\$1.300,00</b>
Morada Ekoa	2015	<b>R\$800,00</b>
	2017	<b>R\$1.000,00</b>
Morada Natural Bioarquitetura e Permacultura	2016	<b>R\$1.080,00</b> <b>R\$1.500,00</b>
Nova Oikos	2014	
	2015	<b>R\$810,00</b>
	2016	<b>R\$1.500,00</b>
	2017	
Novo Portal da Chapada	2015	<b>R\$950,00</b>
Sete Ecos	2017	<b>R\$800,00</b> <b>R\$1.050,00</b>
Sítio Olho D'Água	2014	<b>R\$1.300,00</b>
	2017	<b>R\$1.484,00</b>
Sítio Nós na Teia	2017	<b>R\$1.790,00</b>

**Tabela 5.** Valores de inscrição (mínimos e máximos) dos PDCs no Brasil entre 2013 e 2017

(Conclusão)

Grupo responsável	Datas de realização	Valores de inscrição dos PDCs
Sítio Nova Canaã	2013	R\$1.100,00 R\$1.255,00
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC – NEPerma)	2016	Gratuito
	2017	
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	2016	Gratuito
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	2017	Gratuito
UniPermacultura	2013	R\$900,00
	2014	
	2015	
	2016	
	2017	
Vila Gerais	2016	R\$1.080,00
Yvy-Porã Estação de Permacultura	2013	R\$1.650,00
	2014	
	2015	
	2016	
	2017	



**Figura 7.** Valor médio de inscrição dos PDCs

Os dados nos mostram que a **maior parte dos PDCs** oferecidos no Brasil **(57,8%) possuem valor de inscrição de 1 a 2 salários mínimos** (mesmo padrão observado em 2007, quando o valor do salário mínimo brasileiro era de R\$380,00 e

um PDC custava entre R\$600,00 e R\$700,00). Por outro lado, quase **um terço** dos PDC existentes no Brasil (**34,2%**) possui um valor de inscrição menor que um salário mínimo, sendo que 4 desses cursos (**ou 10,5% do total**) são **gratuitos**. Numa direção contrária, apenas **7,9%** dos cursos possui valor de inscrição **superior a 2 salários mínimos**, sendo que o valor máximo cobrado por um PDC no Brasil, no período estudado, foi de **R\$3.500,00**.

É importante ressaltar que, para os cursos no formato **Imersão**, geralmente estão incluídos nos valores de inscrição, além das atividades didáticas, os custos de hospedagem (em formatos que variam de acampamento a quartos coletivos ou individuais) e alimentação (no mínimo, três refeições diárias). Mesmo assim, é possível afirmar que o valor que deve ser pago pelas pessoas participantes é relativamente alto.

Levando em consideração o rendimento médio mensal da população residente no Brasil, de R\$2.112,00, podemos **equivocadamente** ter a percepção de que os valores cobrados pelos PDCs no Brasil são condizentes com a realidade da maior parte dos/as trabalhadores/as brasileiros. O que podemos afirmar, com absoluta certeza, é que os valores de inscrição são muito altos quando tomamos como base o rendimento médio mensal per capita domiciliar da parcela dos 50% mais pobres da população brasileira – em 2017, esse valor correspondia a **R\$754,00**, menos que um salário mínimo (BRASIL, 2018a)<sup>38</sup> –, e que uma pessoa não pode utilizar todo seu rendimento mensal para financiar um curso: é necessário se sustentar ou sustentar sua família antes disso.

Neste quesito, posicionamo-nos de contrariamente a educadores/as em Permacultura que defendem a meritocracia e a elitização dos cursos, afirmando que se a pessoa realmente tem interesse em realizar um PDC, consegue pelos seus próprios esforços, e deve batalhar para conseguir o valor necessário para fazer sua inscrição. Entendemos que esse ponto de vista parte de uma percepção – atualmente equivocada, como veremos em seções posteriores – de que as pessoas participantes de PDCs provêm de classes médias e altas, tendo recursos financeiros para arcar

---

<sup>38</sup> Uma análise mais resumida da pesquisa realizada pelo IBGE pode ser encontrada no endereço eletrônico <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/05/no-brasil-10-mais-ricos-ganham-cerca-de-176-vezes-mais-que-os-40-mais-pobres-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

com valores altos: ainda, se assim fosse a realidade, não seria mais interessante buscar condições para atrair outro tipo de público para os cursos?

Por outro lado, é importante ressaltar que quase a totalidade dos PDCs oferecidos no Brasil não possui financiamento externo, sendo que a receita é majoritariamente proveniente das próprias inscrições dos/as participantes. Assim, esta seção não objetiva deslegitimar o trabalho e os motivos que levam cada grupo a cobrar determinado valor de inscrição em seus PDCs, mas sim levantar o questionamento sobre esta contradição: é possível pensarmos em popularizar a Permacultura e os PDCs sob uma ótica de mercado, como um negócio, praticando esses valores num contexto de rendas *per capita* tão baixas?

#### **1.4. Formatos dos PDCs**

Quando, em 2008, o coletivo de estudantes do projeto Moradia Estudantil Agroecológica se preparava para oferecer seu primeiro PDC em Botucatu/SP, o único formato conhecido era o imersivo. Amigos e amigas que haviam voltado do PDC em Campo Grande/MS relatavam que esse período de “isolamento” era transformador e que deixava as pessoas muito motivados para atuar logo depois do curso, com vontade de mudar o mundo.

Assim, o I PDC da Moradia Estudantil da UNESP, em janeiro de 2009, teve esse formato. Naquele momento, eu compunha a Comissão Organizadora do curso, cuidando das questões estruturais (alojamento e salas de aulas na universidade), *coffee breaks* e a organização do espaço das atividades práticas, a própria Moradia Estudantil – que, naquele momento, passava por uma reforma geral.

Lembro-me que nos organizamos para que os/as participantes ficassem completamente imersos no curso, sem contato com o “mundo exterior”. Isso significava, naquela época, não acessar a internet através de computadores (*Smartphones* ainda não eram popularizados no Brasil) e evitar contato com pessoas que não estavam no curso. Entendíamos que esse isolamento favorecia a vivência integral do curso e permitia um maior entrosamento entre as pessoas participantes, que estariam focadas exclusivamente no PDC. De fato, com exceção do contato com participantes de um outro evento imersivo que acontecia no campus universitário



naquele momento (o Estágio Interdisciplinar de Vivência em Assentamentos do MST – EIV, organizado pelo já extinto grupo de extensão Chico Mendes, da Faculdade de Ciências Agronômicas da UNESP, campus de Botucatu), formamos um grupo bastante coeso, integrado e comprometido com o PDC.

De lá pra cá, esse coletivo (e, posteriormente, o Grupo Curare de Permacultura), repetiu esse formato de curso mais 12 vezes, com algumas alterações ao longo do tempo. A recomendação a evitar contato com o que acontecia fora do curso seguiu, mas de forma mais branda (acredito que não teríamos como competir com os avanços tecnológicos e as redes sociais); por outro lado, criamos uma espécie de revezamento entre os/as educadores/as e a Comissão Organizadora do curso, pois a imersão total causava uma série de conflitos e cansaço extremo, ainda mais porque ficávamos alojados no mesmo espaço que os/as estudantes; depois, quando nosso PDC deixou de acontecer na universidade pública e passou a acontecer na Casa Diart's<sup>39</sup>.

Mais recentemente, após o grupo não ter conseguido pessoas inscritas pagantes suficientes para financiar a décima primeira edição do PDC em Botucatu (inicialmente previsto para janeiro de 2019), desenvolveu-se um olhar mais atencioso a outros formatos de PDCs, como o Modular, que permitiria a participação de pessoas que não conseguem se afastar do trabalho durante um período de 10 dias.

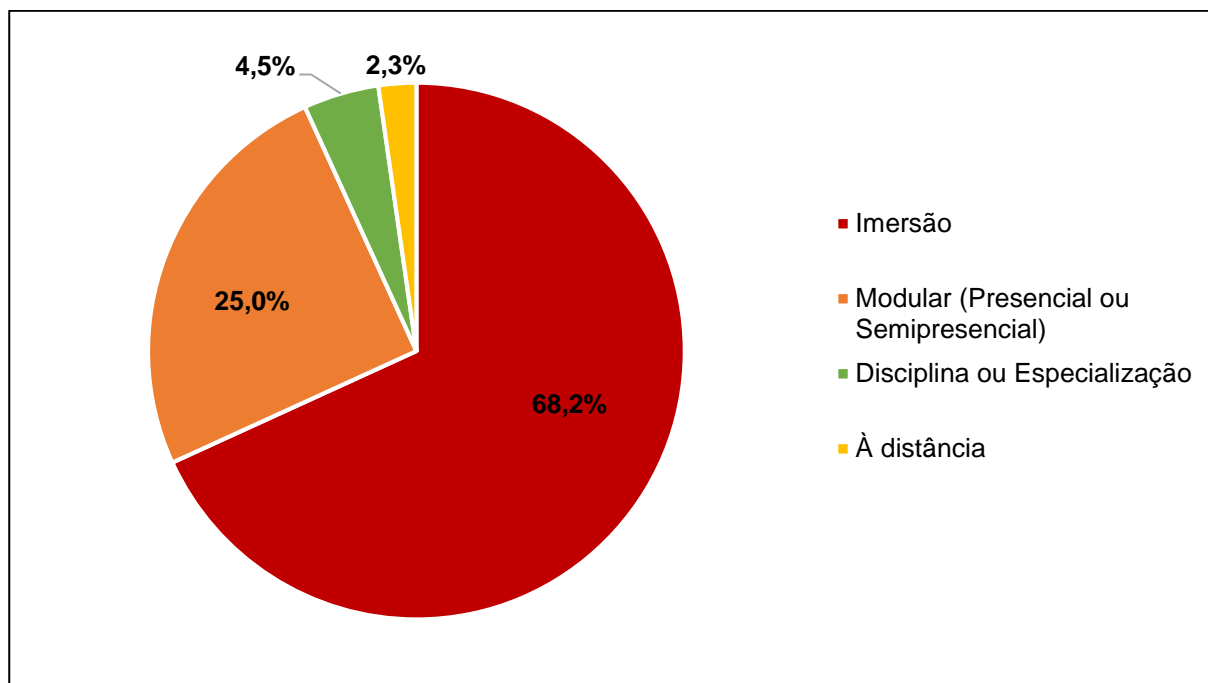
Como apresentamos anteriormente, apesar de os PDCs terem sido formulados como cursos imersivos (denominados aqui como cursos no formato **Imersão**), novos formatos surgiram ao longo do tempo, os quais agrupamos em outras três possibilidades: **Modular** (Presencial ou Semipresencial), **à distância** e **Disciplina**.

Nossos dados nos mostram que a maior parte dos PDCs existentes no Brasil são do formato **Imersão (68,2%)**. A seguir, destacam-se cursos no formato **Modular** (Presencial ou Semipresencial), em **25%** dos casos. Cursos oferecidos como **Disciplina** ou **Especialização**, geralmente vinculados a universidades, ocorrem em

---

<sup>39</sup> A Casa Diart's é uma instituição sediada em Botucatu/SP, sob a coordenação de Alberto de Azevedo Pinheiro, que trabalha com pessoas em situação de rua e, principalmente, em dependência química. As atividades não possuem caráter religioso, não são feitas aplicações de medicamentos contra a dependência e a entrada e saída de pessoas, tanto em tratamento quanto visitantes, é livre. A recuperação das pessoas é proposta através da arte, trabalho e diálogo, numa das iniciativas mais interessantes que pudemos conhecer nesse sentido. A instituição existe há mais de 15 anos e é mantida através de doações de pessoas físicas e de empresas parceiras da cidade. A parceira com o Grupo Curare de Permacultura para a realização de PDCs ali aconteceu entre 2015 e 2018, abraçando quatro cursos.

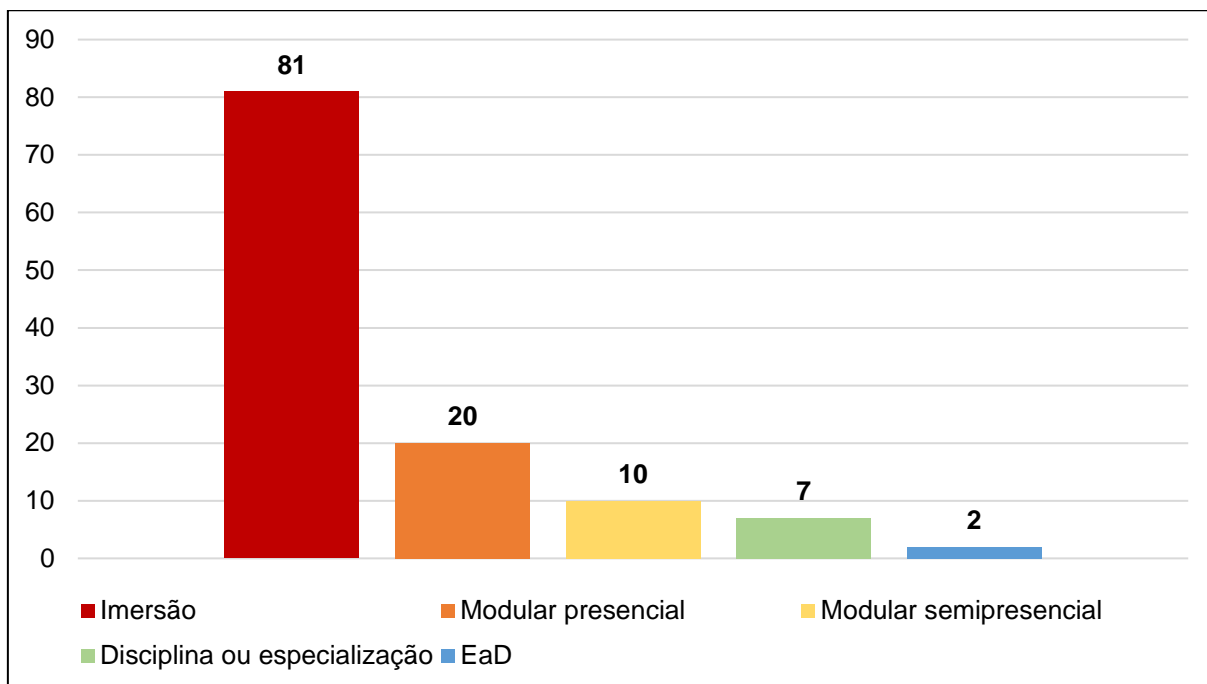
menor quantidade, representando **4,5%** do total. Por fim, o formato de PDC menos observado no Brasil são aqueles realizados **à distância**, os quais correspondem a somente **2,3%** dos cursos (Figura 8).



**Figura 8.** Formato dos PDCs oferecidos no Brasil.

A prevalência de cursos no formato **Imersão** se relaciona às preferências dos/as educadores/as de PDCs no Brasil, como podemos ver na Figura. Das 102 pessoas entrevistadas, **81 (79,4%)** afirmam terem preferência por esse formato de PDC. **30 (25%)** pessoas, por outro lado, indicam preferirem o formato **Modular**, sendo que dois terços dessas na modalidade **presencial**, enquanto o restante apontou a modalidade **semipresencial**. **6,8% (7 pessoas)**, mencionaram o formato **Disciplina ou Especialização** como preferencial, enquanto apenas **2 pessoas (2%)**, o formato **à distância** (Figura 9).

A soma das porcentagens, neste caso, ultrapassa 100% porque algumas pessoas entrevistadas indicaram mais de um formato de preferência, seja por acreditarem que várias opções são adequadas ou porque entendem que cada formato deve ser utilizado num diferente contexto.



**Figura 9.** Preferência dos/as educadores/as quanto ao formato dos PDCs.

Ao analisarmos as justificativas dadas pelos/as educadores/as para suas escolhas quanto aos formatos dos PDCs, destacamos alguns padrões.

Em primeiro lugar, é importante destacar que o formato “à distância” é alvo de muitas críticas pelos/as educadores/as de PDCs no Brasil. Apesar de permitir a participação de pessoas que vivem noutras localidades, distantes dos locais de realização dos cursos e/ou que possuem empregos que não lhes permitem participar presencialmente, entende-se que a realização do curso integralmente através de plataformas digitais elimina questões importantes que são trabalhadas num PDC presencial, comuns a cursos imersivos, modulares ou como disciplinas. Uma das educadoras participantes (P23) argumenta que:

*“Agora, PDC on-line, realmente me parece muito limitado, pois se perde a dimensão social da vivência, da convivência, do ritmo, das relações, esse conhecimento que eh construído junto, pela interação das pessoas, pelas trocas, pelos encontros e não apenas pela clássica relação professor aluno, educador e educando QUE JÁ CARREGA EM SI UM ASPECTO DE DISTÂNCIA E DE PODER, IMAGINA ISSO MEDIADO PELA PRESENCIA DE UMA MÁQUINA, ME PARECE DE MUITA FRIEZA, ME PARECE PERDEMOS AÍ ASPECTOS HUMANOS. É ESSA VIVÊNCIA HUMANA QUE TRAZ A PERMACULTURA PARA O NÍVEL DE UMA FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL. EH QUANDO NOS CONECTAMOS COM UM GRUPO DE PESSOAS AFINS, COM UMA REDE DE APOIO, QUE ESSES*

Outro participante reforça que não acredita "(...) na eficácia do EaD que depende unicamente da vontade do participante podendo ser facilmente deturpado, o que complica para uma certificação (...), e por isso prefiro sempre os módulos presenciais" (P57). Por fim, P43 explica de forma detalhada sua negação a PDCs à distância:

*"Permacultura é fundada em princípios que estão relacionados a relações entre seres humanos e natureza. O contato com a terra, a visualização e aplicação das técnicas, troca entre participantes é a base para a compreensão dos conteúdos abordados. Seguindo essa linha de raciocínio, se não ocorrer de forma presencial, não tem lógica fazer um PDC, já que a literatura disponível fora do PDC é suficiente para compreender os conteúdos. Quando fiz meu PDC, estive com vários outros participantes que nunca haviam feito uma horta, não conheciam plantas. Sem a participação presencial, essas pessoas não teriam essa experiência, fundamental para a permacultura, já que falamos de um design de destinado ao espaço compreendido como rural" (P43).*

Em nossa pesquisa, não encontramos educadores/as que indiquem preferência exclusiva pela modalidade à distância. Observamos educadores/as que, apesar de indicarem preferência por um dos formatos, defendem que todos eles são válidos e que devem ser aplicados de acordo com uma análise do contexto de realização do curso:

*"Acredito que cada um tem sua vantagem, e devemos alternar entre os formatos, pois ainda que o imersivo seja o mais interessante, por promove uma vivência profunda, ele não é acessível a parcela da população que possui emprego fixo e ou afazeres cotidianos. Dessa forma, acho que todos são válidos e o importante é se adequar a realidade do público ou comunidade que queremos trabalhar" (P25).*

Algumas, por outro lado, são irredutíveis quanto à realização de outros formatos, defendendo que "*DEVE SER ASSIM (o formato Imersão), DE OUTRA FORMA NÃO SE CUMPRE O MAIS IMPORTANTE QUESITO, VIVER A PERMACULTURA*" (P98) ou "*É insubstituível, vivências, aprendizagens e a conexão real*" (P95).

O formato “Imersão”, historicamente mais utilizado nestes cursos, favorece a criação de uma Comunidade de Aprendizagem ou de uma rede de apoio, promovendo uma maior interação entre os/as estudantes e entre esses/as e os/as educadores/as. Uma das entrevistadas pela pesquisa justifica sua escolha porque considera a *“parte de viver em comunidade muito importante pra o desenvolvimento de um mundo mais sustentável e alegre”* (P2); na mesma linha de pensamento, P27 menciona sua preferência pelo formato porque *“la sustentabilidad no es un contenido, es un estilo de vida”*.

Além disso, ele permite o desenvolvimento de um sentimento de acolhimento e parceria entre as pessoas que participam do curso, seja no papel de estudante, educador/a ou equipe de apoio. Uma das educadoras entrevistadas, indicou sua preferência por esse formato *“porque o entrosamento do grupo potencializa o aprendizado e gera uma massa crítica mais consistente para promover mudanças na vida de cada um e na coletividade”* (P1).

Outra participante, P13, defende que:

*“Certamente a imersão é a melhor forma. O PDC que participei como aluna foi em três módulos presenciais, e percebi que o debate havia “esfriado” entre um módulo e outro. O de imersão permite que as pessoas convivam não apenas nas aulas, e o contato nestes momentos de socialização são muito importantes pois todos falam, se colocam, o que nem sempre acontece durante as aulas expositivas - porque as pessoas têm vergonha, por exemplo”* (P13).

As relações interpessoais também são frequentemente indicadas como um dos pontos fortes dos cursos imersivos, inclusive para a realização de outras funções (além do papel de estudante) necessárias à realização do curso: *“imersivo com responsabilização de todos, das tarefas de manutenção do espaço”* (P52). P79 explica que:

*“(…) em um ambiente de imersão, emergem relações interpessoais ricas para serem abordadas de forma conectada com aspectos teóricos. Resolução de conflitos, tomadas de decisão e a emocionalidade são temas que aparecem na imersão. Os facilitadores podem, também, criar um ambiente que facilite a criação de vínculo entre os participantes, possibilitando a formação uma rede de permacultores(as)”* (P79).

Além disso, a comunidade criada durante esse período imersivo pode trazer contribuições para a atuação pós-PDC. P102 menciona que *“A imersão produz o efeito vivencial que julgo ser um dos principais pontos fortes do PDC. É criada uma egrégora de transformação, onde nos sentimos partes de um movimento maior amparado por um coletivo. Este efeito de realidade muitas vezes dá a energia necessária pela continuidade da permacultura na vida dos participantes”*.

O isolamento do “mundo exterior” também foi mencionado por um dos educadores entrevistados: *“Imersivo! Acredito que o PDC é como uma cirurgia, então devemos ficar “internados” em retiro, longe de “contaminação” externa. Assim que a cirurgia termina, os participantes voltam para suas rotinas e vidas, carregados e envoltos naquilo que foi trabalhado durante dias”*.

Para além do formato imersivo clássico, há educadores/as que defendem a necessidade de módulos posteriores ao PDC: *“Imersão prática intensiva e contínua com seguimento modular orientado. É mais efetiva na formação de bons designers e resulta em menos aventureiros”* (P3).

Por outro lado, alguns pontos negativos são apontados para o formato Imersão. Um deles é a dedicação intensa da equipe de educadores/as e de apoio durante o período do curso. P38 relata da seguinte maneira *“Contudo também traz como desafios a necessidade do cuidado com a energia, sobretudo de quem participa, a qual é muito consumida continuamente, além do cuidado maior com as relações humanas que são intensificadas e com o exercício do resgate da memória, que também é continuamente exigida”*.

Já quanto aos formatos modulares, presenciais ou semipresenciais, podemos dizer que nossos dados indicam uma avaliação positiva pela maior parte dos/as educadores/as de PDC entrevistados/as.

Muitos/as educadores/as que indicam ter preferência pelo formato Imersão também se dizem simpáticos a formatos que possuem intervalos entre os encontros: *“Imersão. Acredito que sensibiliza mais. Porém, também, gosto de modulares presenciais, pois flexibiliza e acessibiliza para quem tem outros compromissos e não dispõem de muitos dias para a imersão”* (P24).

Numa visão semelhante, também indicando sua preferência por formatos imersivos, mas levantando a possibilidade de trabalhar com cursos modulares, P92 diz que “(...) o conteúdo do PDC é muito denso para uma única imersão de 9 dias ou mais, e muito conteúdo deixa de ser absorvido, o que é normal. As metodologias de aula influenciam muito no cansaço comum deste percurso, principalmente pelo excesso de aulas expositivas que exige pouco dos estudantes”.

Vemos que, apesar de não permitirem a mesma integração e desenvolvimento de uma comunidade de apoio entre as pessoas participantes, outras vantagens são indicadas nos cursos modulares. Por exemplo, ao contrário dos cursos imersivos, eles permitem um tempo maior de reflexão e assimilação dos conteúdos ensinados. P21 defende que sua preferência pelo formato “Modular presencial” porque ele “*promove um aprendizado contínuo e gradual dos temas apresentados, integra os participantes para uma maior sintonia do grupo formado e gera oportunidade para se envolver em projetos permaculturais durante o curso*”.

A importância de cursos modulares para pessoas que não têm como se ausentar do trabalho, estudo ou outros compromissos durante um período de 10 ou mais dias seguidos, como justificado por P1 e P59: “*Mas também considero interessantes os modular presencial, por permitir que outros tipos de público participem. Nem todos tem como ficar em imersão por 11 dias*” e “*modular presencial. Pois é mais condizente com as rotinas de trabalhadores assalariados e empresários, permitindo acesso do PDC a um público que não tem sido contemplado nos PDCs contínuos de imersão*”.

Nas respostas dadas pelos/as educadores/as que indicam preferência pelos formatos “Disciplina ou Especialização”, não foram mencionadas justificativas específicas ou defesas exclusivas a essa modalidade. Nesse sentido, observamos que não, entre educadores/as de PDC no Brasil uma tendência à defesa desses cursos em instituições de Ensino Superior.

### **1.5. Participantes dos PDCs**

Quem gostaríamos que participasse do nosso PDC e quantas pessoas conseguimos comportar para realizar um curso de qualidade? Essas duas perguntas

estiveram sempre presentes nas discussões dos grupos de Permacultura que pude participar durante a organização dos Cursos de Design.

Da mesma forma, foi essa vontade de difundir cada vez mais a Permacultura que levou o coletivo que participo a organizar 13 PDCs num período de 10 anos, todos com lotação máxima, de 30 a 34 participantes que, somados à equipe de educadores/as, apoio estrutural e pedagógico, alimentação e oficinairos/as eventuais, chegava perto de 60 pessoas.

Nas experiências que tive no Curare, refletimos muito sobre a composição do grupo de participantes. Inicialmente, os únicos critérios para participar dos PDCs que organizamos era o momento de realização da inscrição e confirmação do pagamento, ou seja, ordem de chegada e possibilidade financeira para arcar com o custo de inscrição do curso, apesar da existência de algumas bolsas integrais para moradores/as da Moradia Estudantil. Ao longo do tempo, esses critérios não se mostraram suficientes para permitir a participação do público que gostaríamos que tivesse acesso ao PDC. Já na terceira edição, em 2011, oferecemos bolsas a participantes de movimentos sociais.

Ainda assim, e com o alto volume de pessoas que queriam se inscrever nos nossos PDCs<sup>40</sup>, o grupo buscou aprimorar a composição do nosso público. Ao longo dos anos subsequentes, foi desenvolvido um sistema de seleção de pessoas interessadas, baseado em três princípios: **diversidade** (raça, gênero e experiência em Permacultura), **participação em movimentos sociais e ambientais** (seja por já ter participado de forma ativa anteriormente ou pelo desejo em atuar com esses grupos) e **perfil socioeconômico**, dando preferência a pessoas de baixa renda.

Entretanto, devido aos crescentes custos de inscrição, muitas pessoas não conseguiam participar dos PDCs, apesar de quererem, por **impossibilidade financeira**<sup>41</sup>. Para lidar com essa questão, o grupo passou a oferecer três opções de

---

<sup>40</sup> Em média, a cada ano, entre 2010 e 2018, recebemos 60 pedidos de inscrição para um total de 30 a 34 vagas em cada curso.

<sup>41</sup> Os PDCs do Curar surgiram dentro da universidade pública e, por isso, nas suas seis primeiras edições conseguimos oferecer um valor de inscrição relativamente baixo – nessas edições, não eram repassados custos de alojamento, equipamentos para as aulas e transporte durante as atividades práticas. Além disso, nas primeiras edições não houve remuneração para a equipe de apoio. Ao longo de toda sua história, os PDCs que organizamos nunca tiveram como objetivo gerar lucro para o coletivo: todo o valor arrecadado com as inscrições ou com outras fontes de financiamento eram totalmente utilizados no próprio curso. Em caso de excedente após o pagamento de todas as despesas, era



valores de inscrição cursos, a critério de escolha de cada participante: **valor social** (o valor de inscrição era menor do que o necessário para financiarmos todos os custos envolvidos), **valor real** (o valor da inscrição era igual ao necessário para cobrirmos os custos) e **valor fraterno** (o valor da inscrição era superior ao necessário para cobrirmos os custos, fato que possibilitava o financiamento de outra pessoa que optava pelo valor social), além de três ou quatro bolsas integrais.

Outras formas de financiar o curso foram testadas, como a realização de almoços e jantares beneficentes, rifas, patrocínios de pequenas empresas da cidade, e contribuições de órgãos de fomento.

Todo esse esforço contribuiu para permitir a participação de um público bastante diverso, balanceado quanto a gênero e prioritariamente com participantes das classes média baixa e baixa, ainda que fossem predominantes estudantes universitários/as. Apesar das tentativas, o público continuou majoritariamente branco, como já expusemos acima. Por outro lado, foi possível a vinda de agricultores/as, participantes de movimentos sociais, indígenas, pessoas que trabalham com extrativismo sustentável na Amazônia, pessoas atuantes em movimentos sociais ambientais noutros países, como o Haiti etc.

Na última seção deste capítulo, a partir dos dados coletados na pesquisa, falaremos sobre o público que participa dos PDCs no Brasil. Os dados utilizados para essas análises são provenientes das respostas dadas pelos/as educadores/as às perguntas: “**Quantas pessoas participam, em geral, de um PDC que atua como facilitador/a?**” e “**Qual o público-alvo dos PDCs onde atua como facilitador/a?**” (*Qual público você recebe e qual gostaria de receber nos PDCs que participa? Pessoas jovens ou adultas, qual profissão, renda etc., de forma geral*).

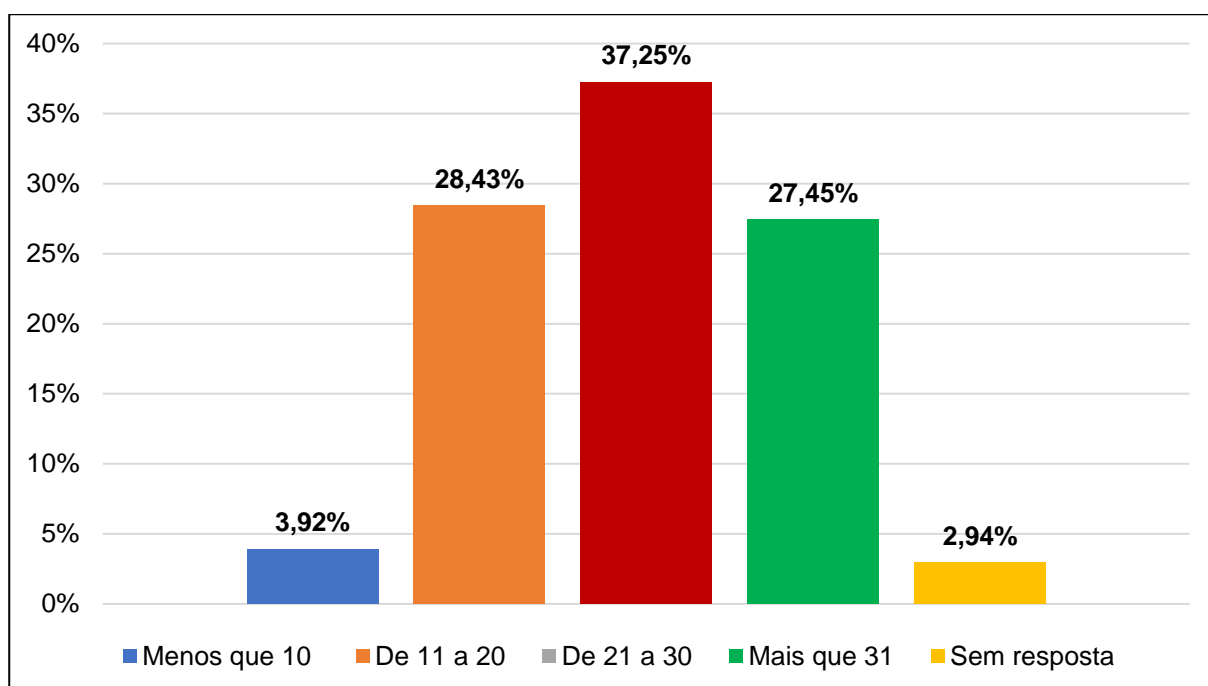
Primeiramente, vamos analisar a quantidade de pessoas que tem, em média, participado dos PDCs no Brasil.

De acordo com nossos, são mais comuns cursos que agregam de **21 a 30 participantes** por turma. Cursos com **11 a 20 participantes** e **mais que 31 estudantes** por turma vem logo em seguida, com percentuais similares. Apenas

---

discutido com o grupo de participantes qual destino deveria ser dado: já optamos por dividir entre membros da comissão organizadora, doar à Casa Diart's, instituição que recebeu nossos quatro últimos PDCs e guardar para oferecer bolsas integrais no PDC do ano seguinte, por exemplo.

quatro educadores/as indicaram realizar cursos com menos que 10 participantes (Figura 10). De forma resumida, nossos dados nos indicam uma média de **24 participantes por PDC**. Levando em consideração que, no período de 2013 a 2017 identificamos 95 PDCs no Brasil, podemos dizer que **2.280 pessoas** se formaram como permacultoras nesse período, uma média de 456 pessoas por ano.



**Figura 10.** Quantidade média de participantes em cada PDC.

A prática pedagógica em espaços de ensino formal nos mostra que turmas muito grandes têm efeito negativo na participação ativa dos/as estudantes, contribuindo para a utilização de metodologias de ensino mais expositivas.

Por outro lado, essas turmas numerosas permitem atingir um número maior de pessoas não apenas nos nossos cursos, mas no ensino de forma geral. Essa relação entre quantidade e qualidade é muito debatida quando se trata de educação. Mas, uma coisa é importante levar em conta: elas não são excludentes. A quantidade de pessoas que participam dos processos educativos e educacionais é tão importante quanto a qualidade desses processos. Como conciliar essas duas dimensões depende de cada realidade: condições de infraestrutura, objetivos dos processos, idade dos/as educandos/as, capacidade e experiência dos/as educadores/as etc.

Consideramos importante a reflexão, para educadores/as e coordenadores/as de PDC, sobre a questão qualidade e quantidade de pessoas atendidas em cada curso dos que estamos aqui analisando

Além da quantidade de pessoas atendidas, muito se discute, no universo da Permacultura, quanto à composição do público que participa dos PDCs. No senso comum, entende-se que o público é prioritariamente composto por **estudantes universitários, do sexo masculino, brancos, de classe média ou alta, com menos de 30 anos.**

Os dados coletados permitem, a partir das respostas dos/as educadores/as, identificar alguns padrões e desvelar intenções quanto ao público que gostaríamos de receber nesses cursos. A palavra-chave para descrever os/as participantes de PDCs no Brasil parece ser **diversidade**, negando, num primeiro momento, a percepção inicial exposta acima. No quadro 4, apresentamos alguns trechos das respostas que fazem menção a essa questão:

<b>Quadro 4.</b> Trechos das respostas dos/as educadores/as à pergunta “Qual o público-alvo dos PDCs onde atua como facilitador/a?”	
(Continua)	
<b>Participante</b>	<b>Trecho</b>
P4	<i>“Assim, seu público é eclético e diverso: Adultos das mais diversas formações, inserções sociais e com renda variada, Estudantes universitários, Agricultores e agricultoras.”</i>
P5	<i>“Público diverso.”</i>
P9	<i>“MUITO DIVERSO. PRODUTORES RURAIS, ESTUDANTES, EMPRESÁRIOS, ECONOMISTAS, ENGENHEIROS, AGRÔNOMOS.”</i>
P17	<i>“O mais variado possível.”</i>
P20	<i>“Tem sido tão diverso que fica difícil agrupar o grupo e rotular o mesmo.”</i>
P25	<i>“É um público bem variado, heterogêneo. Em geral a proposta é abarcar pessoas das mais diversas, com atenção àquelas em situação vulnerável socioeconomicamente, para que possam utilizar a permacultura para transformar suas vidas e o entorno.”</i>
P27	<i>“Es muy variado, gente de todas las edades, familiar enteras, mochileros, estudiantes, jubilados. No hay un patrón muy evidente fuera de que todos asisten porque sienten que algo no va bien en su cotidianidad.”</i>
P34	<i>“Normalmente buscamos uma diversidade nos participantes do PDC, priorizando acesso as pessoas de baixa renda, já que buscamos facilitar um PDC de baixo custo.”</i>

<b>Quadro 4.</b> Trechos das respostas dos/as educadores/as à pergunta “Qual o público-alvo dos PDCs onde atua como facilitador/a?” <div style="text-align: right;">(Conclusão)</div>	
Participante	Trecho
P36	“A mais variada possível, desde casais que levam os filhos junto, pessoas bem jovens, pessoas mais experientes, pessoas com as mais diversas formações acadêmicas e profissionais e de todos os lugares do país.”
P58	“O público mais diverso, sempre temos uma variedade incrível de pessoas. Desde jovens e adultos, até aposentados e famílias fazendo o PDC juntos.”
P66	“Depende. Já atuei em PDCs abertos ao público. Antes o público se resumia a estudantes universitários das áreas ambientais como engenharia floresta, biologia, geografia. Hoje, participam pessoas de todas as áreas dos saberes, estudantes, profissionais.”
P71	“Totalmente heterogêneo.”
P77	“Muito variado. Tem os estudantes de arquitetura, biologia, engenharia florestal, agronomia e muitas outras áreas. Tem aqueles que são profissionais destas e outras áreas e que querem adquirir mais conhecimentos. Tem os que estão se aposentando e querem novos horizontes para o restante de suas vidas. Mas, de maneira geral, são pessoas querendo fazer transformações em suas vidas. São pessoas com projetos. Vários são casais ou famílias. Vários já estão envolvidos em trabalhos comunitários, sociais, ONGs, funcionários públicos, professores.”
P86	“Muito variado. Não temos um público específico. Acho que permacultura tem que ser para todas faixas, idades, condições econômicas.”
P92	“O público é intergeracional, o que acho ótimo, quanto mais diverso melhor. normalmente dos 18 aos 65 anos. A maioria, talvez 70% dos participantes costumam ter entre 20 e 40 anos. Costuma haver uma maioria de homens e sinto falta de equilíbrio entre os gêneros nos grupos. As formações das pessoas são sempre bem diversas. Diria que 80% dos participantes são brancos de classe-média alta e não representam a maioria da população brasileira. Sempre há participantes de baixa renda nos cursos. Muitas vezes são de comunidades tradicionais ou movimentos sociais. É comum que as pessoas deste público tenham dificuldades com o conteúdo e a linguagem das aulas. Desejo que a presença de pessoas de baixa renda seja mais equilibrada e que a linguagem e metodologia das aulas seja mais acessível”

Essas e outras respostas nos levam a identificar algumas tendências no público dos PDCs brasileiros: se, inicialmente, o curso era frequentado por pessoas de classe média ou alta, a diminuição dos valores de inscrição tem permitido a inserção de pessoas das classes médias baixa e baixa; se havia predominância de homens, a atenção à diversidade dos grupos têm possibilidade um equilíbrio crescente quanto a gênero e permitido a participação de famílias inteiras, inclusive com a participação de crianças; estudantes universitários/as, inicialmente mais das áreas de Arquitetura e Ciências Biológicas, ainda são maioria, mas isso também é cada vez mais diverso, incluindo áreas como Jornalismo, Filosofia, Agroecologia, Agronomia, Engenharia

Florestal, Nutrição, Psicologia, Histórica, Engenharia Civil, Direito, e Ciências Sociais (essa cada vez mais presente).

Diante desses dados, podemos concluir que a abordagem holística e transdisciplinar da Permacultura tem atraído pessoas com diferentes formações, que a veem como uma possibilidade de melhorar sua prática profissional e vida pessoal; agricultores/as, quilombolas/as, pessoas participantes de movimentos sociais de acesso à terra na zona rural e acesso à moradia no ambiente urbano, moradores/as de regiões periféricas das grandes cidades e indígenas começam a participar mais dos PDCs também.

Ressaltamos aqui, que muitas outras iniciativas de caráter popular ocorreram antes do nosso período de estudo e em diferentes formatos. Cursos em parceria com o MST e outros movimentos sociais, Sindicatos Rurais, em parceria com o poder público, gratuitos e muitos outros foram realizados por Institutos de Permacultura no Brasil, especialmente na década de 1990. Além, claro, de outras iniciativas que não os PDCs. Mas, concordamos com Ferreira Neto (2018) ao percebermos que este movimento de popularização se fortaleceu a partir de 2008, ainda que de forma descentralizada e sem um diálogo estabelecido entre os diversos coletivos atuantes.

Apesar de todos os avanços conquistados nesses anos de desenvolvimento da Permacultura no Brasil, não podemos deixar de considerar que existe ainda um enorme fosso que impede a participação de pessoas negras e indígenas nesse processo formativo, como já vimos acima; apesar do crescimento da participação de mulheres, elas ainda são minoria na composição do público de estudantes e, especialmente, de educadores/as; a diversidade de gênero é raramente considerada como um ponto de reflexão (como podemos observar neste estudo, inclusive), e precisamos melhorar muito nesse item; pessoas com nível mais baixo de escolaridade também têm sua inserção dificultada, seja pela linguagem científica de difícil compreensão ou mesmo por não se sentirem parte do público desses cursos, por diversas questões, que vão desde a estética, formação de outros/as participantes, formato dos cursos, desconhecimento do termo “Permacultura” etc.

## PARTE I

### Capítulo 2. Os Cursos de Formação de Educadores/as de PDC<sup>42</sup>

Logo no início deste segundo capítulo, ao contrário do histórico e intenso – ainda que difuso – debate que existe no Brasil sobre os PDCs, há poucas iniciativas que promovem a formação pedagógica específica de educadores/as que atuam nesses cursos e as discutam. Assim, o mapeamento que apresentamos aqui traz poucos resultados.

Assim como os PDCs, não encontramos bases de dados que congreguem informações sobre esses cursos no Brasil. Por outro lado, existem bases de dados mais completas em outros países, em especial a base da *Permaculture Association* do Reino Unido<sup>43</sup>. Além dela, muitas outras iniciativas foram reconhecidas a partir de indicações de professores e professoras de outros cursos, um “boca-a-boca” mundial que nos permite ter um panorama mais amplo do que existe no mundo nessa área e nos traz subsídios para pensarmos em ações futuras por aqui.

Para obtermos os dados desta parte da pesquisa, além da análise documental, perguntamos aos/às educadores/as atuantes em PDCs: **“3.5. Você já participou de algum curso específico de formação pedagógica para facilitadores/as de PDCs?”**. Caso a resposta fosse afirmativa, a pessoa era direcionada a uma nova seção do questionário, que continha mais perguntas acerca do curso que havia feito: **“4.1. Qual curso de formação pedagógica você participou?”**; **“4.2. Qual foi o local de realização do curso?”**; **“4.3. Qual foi a carga horária do curso?”**; **“4.4. Quem organizou/facilitou o curso?”**.

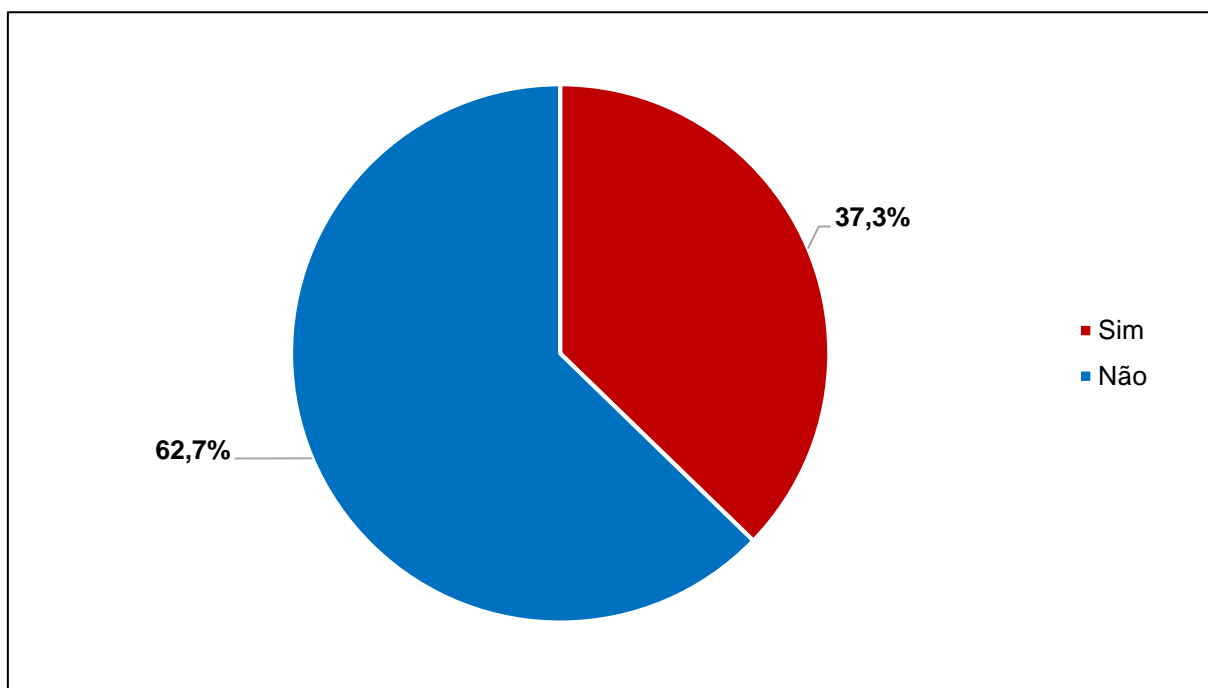
Das 102 pessoas participantes da pesquisa, **37,3%** afirmaram já terem participado de algum curso específico de formação de educadores/as de PDC (Figura 11). Apesar de representar menos que a metade dos/as educadores/as participantes,

---

<sup>42</sup> Noutros países, em especial na Europa e Oceania, este tipo de curso possui uma história mais longa e já tem reconhecimento maior pela própria comunidade de permacultores e permacultoras. Em inglês, são conhecidos como *Teacher Training*. No Brasil, os cursos existentes há mais tempo são chamados de “Cursos de Formação para Instrutores de PDC”, criados pela Rede Permacultores, sob a tutela de Jorge Timmerman e Suzana Maringoni.

<sup>43</sup> Uma lista de *Teacher Trainings* é disponibilizada no seguinte endereço eletrônico: <<https://www.permaculture.org.uk/education/course>>.

esse valor nos surpreendeu, pois sabemos do número reduzido de cursos dessa natureza oferecidos no Brasil.



**Figura 11.** Porcentagem de participantes da pesquisa que participaram de cursos específicos de formação de educadores/as de PDCs.

A seguir, apresentamos as respostas dadas por essas 38 pessoas sobre os cursos de formação específica que participaram, indicando o **nome, local de realização, carga horária e quem facilitou ou organizou os cursos** (Quadro 5). Os dados não nos permitem identificar um padrão quanto à carga horária desses cursos, observando iniciativas que se caracterizam como cursos de menor duração (em torno de 20 horas), com carga horária similar aos PDCs (em torno de 72 horas), e outros de caráter mais longo e regular, como cursos de mestrado e especialização. São ainda citadas ações formativas contínuas, porém, segundo os entrevistados, elas não possuem uma estrutura curricular estabelecida.

**Quadro 5. Cursos de formação pedagógica para educadores/as de PDC mencionados pelas pessoas participantes da pesquisa**

(Continua)

#	Curso	Facilitadores/as	Localidade	Carga horária	Quantidade de citações
1	<b>Formação de Instrutores de PDC de Yvyporã</b>	Jorge Timmermann e Suzana Maringoni Yvy Porã Estação de Permacultura	Florianópolis/SC, São Pedro de Alcântara/SC, São José do Cerrito/SC	72 h a 100 h	16
2	<b>Formação de professores de Permacultura da Rede Permear</b> <b>(anteriormente do Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro - IPAB)</b>	Suzana Maringoni e Edla Maria Faust Ramos Rede Permear	Florianópolis/SC, Botucatu/SP, São Paulo/SP	32 h	3
3	<b>Curso Avançado de Educação em Permacultura</b>	Skye Riquelme Núcleo de estudos e Práticas Permaculturais do Semiárido (NEPPSA), da Universidade Estadual do Ceará (UECE)	Itaperi/CE	40 h	2
4	<b>Formação para professores de PDC no Novo Paradigma</b>	Marsha Hanzi Marizá Epicentro	Tucano/BA	56 h	2
5	<b>Princípios Avançados em Permacultura</b>	David Holmgren e Jorge Timmermann Instituto Çarakura	Florianópolis/SC	20 h	2
6	<b>Training Permaculture Teachers (TPT)</b> <b>ou</b> <b>Permaculture Teaching Matters (PTM)</b>	Rosemary Morrow Accademia Italiana di Permacultura Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado	Bolsena, Itália Pirenópolis/GO	20 h 30 h	2
7	<b>Teaching Permaculture</b>	Max Lindegger, Lea Harrison e Morag Gamble Crystal Waters Community Co-operative	Conondale, Austrália	40 h 240 h	2

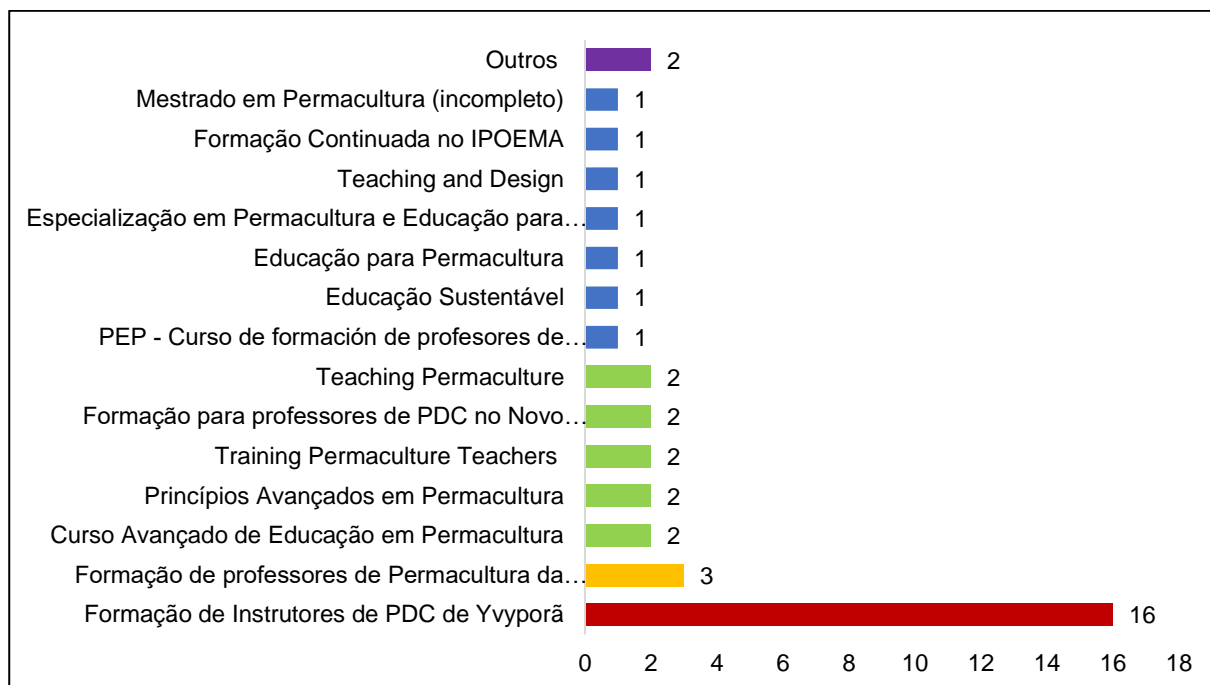


Quadro 5. Cursos de formação pedagógica para educadores/as de PDC mencionados pelas pessoas participantes da pesquisa					
#	Curso	Facilitadores/as	Localidade	Carga horária	Quantidade de citações
8	Educação para Permacultura	Marcelo Bueno e Skye Riquelme Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica	Ubatuba/SP	20 h	1
9	Educação Sustentável	Lucia Legan IPEC	Pirenópolis/GO	40 h	1
10	Especialização em Permacultura e Educação para a Sustentabilidade	Não soube informar	Fortaleza/CE	1,5 anos	1
11	Formação continuada no IPOEMA	Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente (IPOEMA)	Brasília/DF	Contínuo	1
12	Mestrado em Permacultura	Gaia University	On-line	2 anos	1
13	PEP - Curso de formación de profesores de permacultura	Rodolfo "Fyto" Sandoval Ecoescuela El Jardín	Merida, Venezuela	35 h	1
14	Teaching and Design	Lea Harrison e Max Lindeggar	Havaí	56 h	1
15	Outros	-	-	-	2

Os dados mostram uma atuação destacada dos cursos coordenados pelos permacultores Jorge Timmermann e Suzana Maringoni (**Formação de Instrutores de PDC de Yvy Porã**), derivados dos cursos promovidos pelo Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro (IPAB) e Rede Permeiar<sup>44</sup> (Figura 12). Se considerarmos esses dois cursos, **metade** dos/as educadores/as que realizaram cursos de formação específica para educadores/as de PDC se formaram aqui.

<sup>44</sup> O IPAB foi fundado pelo permacultor Jorge Timmermann na década de 1990 e encerrou suas atividades no começo dos anos 2000. Já a Rede Permeiar, que tem sua origem relacionada a esse término, continua a existir como uma rede informal de diálogos entre permacultores e permacultoras, apesar de não ter realizados encontros ou qualquer tipo de evento na última década.

Considerando o universo de educadores/as de PDCs atuantes no Brasil, podemos dizer que pelo menos 10% deles/as participaram dos cursos coordenados por Jorge e Suzana.



**Figura 12.** Cursos de formação pedagógica para educadores/as de PDC e quantidade de menções feitas nas respostas dos questionários de pesquisa.

A seguir, destacam-se as iniciativas de Skye Riquelme, permacultor australiano que vive no Brasil há décadas, com importante atuação no Ceará nos últimos anos. Seja em cursos oferecidos nesse estado ou em parceria com Marcelo Bueno, no IPEMA (Ubatuba/SP), Skye tem contribuído constantemente com o processo formativo pedagógico de educadores/as de PDC. Vale destacar que o permacultor, em parceria com a australiana Robyn Clayfield, publicou um extenso trabalho sobre formação de educadores/as em Permacultura na década de 1990, o **Manual for Teaching Permaculture Creatively**, ainda não traduzido para a língua portuguesa (CLAYFIELD; SKYE, 1995).

Ainda no Brasil, destacamos as recentes propostas elaboradas pela permacultora Marsha Hanzi, no Marizá Epicentro, em Tucano/BA. Marsha organizou o curso **Formação para professores de PDC no Novo Paradigma**, com sua primeira edição em 2017 e reuniu dezenas de pessoas, com ou sem experiência como

educadores/as de PDC, para compartilhar experiências de práticas pedagógicas em Permacultura.

Além dessas três iniciativas atuantes na formação pedagógica especificamente voltada para educadores/as de PDCs no Brasil, identificamos pelas respostas outras propostas que discutem a educação em Permacultura, mas sem ter os PDCs como foco de discussão. O curso “Princípios Avançados em Permacultura”, por exemplo, que contou com a participação de um dos fundadores da Permacultura, David Holmgren, e Jorge Timmermann, em 2007<sup>45</sup>, é relatado como uma espécie de PDC avançado voltado a pessoas que já possuíam reconhecida atuação em Permacultura. O curso “Educação Sustentável”, coordenado por Lúcia Legan<sup>46</sup>, e a “Especialização em Permacultura e Educação para a Sustentabilidade”, oferecido em Fortaleza/CE, também são exemplos de cursos voltados ao tema, mas com pouca expressão no universo de pesquisa.

Existem, ainda, educadores/as que participaram de cursos oferecidos no exterior, esses voltados especificamente à atuação pedagógica em PDCs. Destacamos o *Training Permaculture Teachers* (TPT) ou *Permaculture Teaching Matters* (PTM), curso organizado pela permacultora australiana Rosemary Morrow e oferecido no mundo todo. Os conteúdos abordados nesse curso estão sistematizados em duas publicações, ***Permaculture Teaching Matters*** e ***Earth User's Guide to Teaching Permaculture*** (MORROW, 2014; 2015). Os cursos oferecidos na Austrália por Max Lindegger, Lea Harrison e Morag Gamble, entre outros, assim como os trabalhos desenvolvidos por Lea Harrison<sup>47</sup>, são também mencionados.

Na América Latina, foi mencionado o curso “PEP – *Curso de formación de profesores de Permacultura*”, na Venezuela, sob coordenação do permacultor Rodolfo "Fyto" Sandoval. Por fim, são também mencionadas ações de formação continuada

---

<sup>45</sup> Os relatos indicam que esse curso foi possível devido à vinda de David Holmgren ao Brasil para participar da 8ª Convergência Internacional de Permacultura (IPC), mas que os eventos não estavam conectados.

<sup>46</sup> Lúcia Legan é uma das maiores referências em educação em Permacultura no Brasil com suas obras “A Escola Sustentável: Ecoalfabetizando pelo ambiente” (2007) e “Criando Habitats na Escola Sustentável” (2009), ambos publicados pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

<sup>47</sup> O curso oferecido por Lea Harrison e Max Lindegger, no Havaí, em 1990, foi mencionado pela permacultora Marsha Hanzí, uma das pioneiras da Permacultura no Brasil. Este curso reuniu dezenas de permacultores e permacultoras do mundo todo e teve um papel relevante na educação em Permacultura.

no tema no IPOEMA e um curso de mestrado incompleto pela *Gaia University*, à distância.

De forma sintética, podemos dizer que identificamos três iniciativas no Brasil de formação pedagógica voltadas a educadores/as de PDC, fato que evidencia um campo de atuação ainda jovem no país. Na Parte II<sup>48</sup> deste trabalho, analisaremos como esses cursos acontecem, com dados sobre seus objetivos, metodologias de ensino e currículo.

---

<sup>48</sup> Nas próximas seções, usaremos relatos coletados nos questionários (Apêndice 2) e entrevistas (Apêndice 3) realizadas durante a pesquisa, buscando preservar o anonimato das fontes. Nesse sentido, utilizaremos a letra “P”, seguida por um número (e.g. P47), em itálico, para indicar trechos de uma resposta dada ao questionário; a letra “E”, também seguida por um número (e.g. E3), será usada para indicar trechos da fala das pessoas que foram entrevistadas na pesquisa.

Parte

II

*Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador “acizentadamente” imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-la e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.*

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 1996. 54 p.



Amigos e amigas da Associação de Produtores Orgânicos de Boa Vista (APOBV) num workshop sobre Floresta de Alimentos, componente do IDDS Amazon, Boa Vista do Acará/PA, Brasil, em março de 2016



## PARTE II – ENSINO E FORMAÇÃO EM PERMACULTURA

Após os mapeamentos apresentados na Parte I do trabalho, que nos elucida qual o estado da arte dos PDCs e de Cursos de Formação de Educadores/as de PDC no Brasil, caminharemos, agora, para uma seção que trará análises de cunho qualitativo, trazendo pontos para reflexão, questionamentos e, quem sabe, ajudando a impulsionar futuros movimentos nos/as permacultores e permacultoras no Brasil.

Esta parte da tese objetiva analisar como se dá o **ensino e a formação em Permacultura** no Brasil, tendo como recorte principal **as pessoas que atuam como educadores/as nos PDCs**.

Para atender a esse propósito, a pesquisa conta com duas principais fontes de informação: a primeira delas vem dos **questionários respondidos pelos/as próprios/as educadores/as de PDCs no Brasil**<sup>49</sup> e traz dados sobre sua formação, participação em PDCs no papel de estudante e bases teóricas em Permacultura; a segunda traz dados coletados a partir de **entrevistas** realizadas com pessoas que oferecem cursos de formação pedagógica específica para educadores/as em Permacultura com foco nos PDCs no mundo todo.

Além dessas bases de dados principais, são relevantes também, aqui, as Observações Participante e Não-Participante feitas em Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs que pude participar enquanto aluno em 2011 (Brasil), 2017 (Itália) e 2018 (Brasil).

Organizamos essas discussões em quatro capítulos:

Capítulo 1. **“Um mergulho nos PDCs no Brasil”**: buscamos analisar detalhadamente o ensino de Permacultura através dos PDCs no Brasil, apresentando e discutindo seus objetivos, metodologias de ensino e currículos.

---

<sup>49</sup> A escolha metodológica em coletar os dados diretamente com as pessoas que atuam como educadores/as nos PDCs foi feita para permitir acesso a dados e posições mais fiéis à realidade, num movimento de superar a aparente unidade (de ordem política, metodológica, conceitual etc.) existente entre um grupo de pessoas que se propõem a oferecer um PDC.

Capítulo 2. **“Quem ensina Permacultura no Brasil?”**: no segundo capítulo, trabalhamos com a formação das pessoas que ensinam Permacultura no Brasil. Interessa-nos aqui, entender qual o perfil dos/as educadores/as de PDCs e como esse perfil influencia no planejamento e desenvolvimento dos cursos e, conseqüentemente, no formação das pessoas que atuarão com Permacultura quando terminarem o curso.

Capítulo 3. **“Um mergulho nos Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil – e uma mirada às experiências no exterior”**: neste capítulo, analisaremos como se dão os cursos de formação quanto seus objetivos, metodologias de ensino e currículos, discutindo as interfaces e divergências entre iniciativas que acontecem no Brasil e outras ações existentes no exterior.

Capítulo 4. **“Quem ensina quem ensina Permacultura?”**: no último capítulo desta segunda parte, analisamos o perfil das pessoas que têm sido responsáveis pela formação de novos/as educadores/as de Permacultura, especialmente dos PDCs. Quais são suas bases teóricas em Permacultura e Educação, como a organização curricular desses cursos influencia no perfil dos/as educadores/as que irão atuar e outras questões nos motivaram a organizar esta seção, como compreender quais são as principais referências teóricas no campo da educação para educadores/as de PDCs.



## PARTE II

### Capítulo 1. Um mergulho nos PDCs no Brasil

Neste primeiro capítulo, analisamos qualitativamente como são os PDCs oferecidos no Brasil. Como já exposto em seções anteriores, os dados utilizados para essa análise provêm das respostas advindas de **102 educadores/as** atuantes em PDCs, além de informações obtidas em análises documentais e de vivências do próprio autor.

A grande questão de fundo deste capítulo é entender como os PDCs têm acontecido na realidade concreta, e como essa prática educativa se articula com a teoria, naquilo que conhecemos como práxis:

“Em outros termos, vejo a práxis com uma prática fundamentada teoricamente. Se a teoria desvinculada da prática se configura como contemplação, a prática desvinculada da teoria é puro espontaneísmo. É o fazer pelo fazer. Se o idealismo é aquela concepção que estabelece o primado da teoria sobre a prática, de tal modo que ela se dissolve na teoria, o pragmatismo fará o contrário, estabelecendo o primado da prática. Já a filosofia da práxis, tal como Gramsci chamava o marxismo, é justamente a teoria que está empenhada em articular a teoria e a prática, unificando-as na práxis. É um movimento prioritariamente prático, mas que se fundamenta teoricamente, alimenta-se da teoria para esclarecer o sentido, para dar direção à prática. Então, a prática tem primado sobre a teoria, na medida que é originante. A teoria é derivada” (SAVIANI, p.120, 2012).

Para isso, de forma analítica, teremos como ponto de partida algumas perguntas feitas nos questionários de pesquisa: num primeiro momento, apresentaremos e discutiremos padrões observados, numa tentativa de sintetizar o grande volume de informações; a seguir, focaremos as análises em itens mais específicos, utilizando trechos das respostas dadas às perguntas abertas. As análises e discussões são apresentadas em três seções, as quais abordarão os **objetivos, metodologias de ensino e o currículo dos PDCs**.

### II.1.1. Objetivos dos Cursos de Design em Permacultura

Foram horas e horas pensando em como começar este capítulo. Não conseguia me decidir se relataria algumas situações vivenciadas no ensino de Permacultura, se tentaria apresentar uma base fundante para nossa análise ou se já apresentaria as respostas dadas pelos educadores/as à pergunta que fiz no questionário de pesquisa (**Na sua opinião, quais são os objetivos de um PDC? – Apresente, abaixo, qual sua percepção sobre os objetivos de um PDC: para que ele serve, qual seu intuito?**).

Numa das noites sem sono de escrita do trabalho, fui revisitar um livro que me encanta desde a primeira vez que o li. Paulo Freire conseguiu, como de costume, sintetizar o que eu gostaria de dizer no começo deste capítulo de forma brilhante. Assim, começo o capítulo com dois trechos do seu livro *Pedagogia da Autonomia*, para enfatizar, novamente, como vemos a educação:

“Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra”.

(...)

É na diretividade da educação, esta vocação que ela tem, como ação especificamente humana, de “endereço-se” até sonhos, ideais, utopias e objetivos, que se acha o que venho chamando politicidade da educação. A qualidade de ser política, inerente à sua natureza. É impossível, na verdade, a neutralidade da educação. E é impossível, não porque professoras e professores “baderneiros” e “subversivos” o determinem. A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política. Quem pensa assim, quem afirma que é por obra deste ou daquele educador, mais ativista que outra coisa, que a educação vira política, não pode esconder a forma depreciativa como entende a política. Pois é na medida mesmo em que a educação é deturpada e diminuída pela ação de “baderneiros” que ela, deixando de ser verdadeira educação, possa a ser política, algo sem valor” (FREIRE, p.28 e 42, 1996).

A educação nunca é neutra, ela é sempre um processo diretivo, intencional. Nesse sentido, os objetivos que temos para determinada prática educativa são fundamentais para o modo como essa prática se dará na realidade concreta; essa, por sua vez, influencia a nossa própria teorização, num ciclo contínuo de práxis.

Dessa forma, ter clareza quanto aos objetivos propostos para os Cursos de Design em Permacultura é essencial, pois eles têm influência direta na elaboração do currículo, conteúdos que serão trabalhados, metodologias de ensino, perfil dos participantes, escolha do espaço físico, custos repassados aos/às participantes e muitos outros componentes da prática educativa.

Quando comecei a atuar nos PDCs em Botucatu, o objetivo desse curso parecia bem claro e simples para o nosso coletivo: formar pessoas que querem trabalhar com Permacultura. Como esse é um curso oferecido mundialmente, já havia um currículo estabelecido que deveríamos seguir; em caso contrário, estaríamos descaracterizando o PDC.

Foi depois de duas ou mais edições, quando nosso coletivo começava a ganhar forma, que começamos a nos questionar sobre nossa própria prática e propósitos com esse curso. Afinal, por que fazíamos o que fazíamos? Por que 72 horas? Por que esses conteúdos? Por que essas pessoas participantes? Por que usamos metodologias de ensino similares as que tanto criticávamos quando éramos estudantes de graduação? Muitos porquês têm permeado nossa prática educativa no Grupo Curare, e nos interessava saber o que outras pessoas atuantes na mesma área pensavam. É esse “espírito” que norteia a seção sobre os objetivos dos PDCs no Brasil.

Segundo o Permaculture Institute, dos EUA, criado por Scott Pittman e Bill Mollison, “todos os cursos PDC oferecidos ao redor do mundo devem seguir o mesmo currículo para assegurar a integridade do processo de certificação” (PERMACULTURE INSTITUTE, [201-?]). Ainda, o instituto menciona como critérios que devem ser seguidos<sup>50</sup>:

---

<sup>50</sup> Tradução livre de:

- *“All PDC courses offered throughout the world must follow the same curriculum to assure the integrity of the certification process.*

- *The lead instructor is an established permaculture teacher with a Diploma of Permaculture Design in the field of Education or equal credentials. Lead instructor is present throughout the entire course and course certificate bears their signature*

- *The course provides a minimum of 72 hours of direct contact with instructors in addition to group design time/self-study time/hands-on projects/visits to demonstration sites/and other learning activities. Courses shorter than 12 contact-days are generally not offering sufficient time for learning and should be evaluated by potential students for their validity.*

- *The course material is inclusive of but not limited to all subjects listed in the PDC Curriculum Outline.*

“- O/a instrutor/a principal é um/a professor/a de permacultura reconhecido/a com um Diploma em Design em Permacultura no campo de Educação ou credenciais similares. Ele/a está presente durante o curso todo e o certificado do curso leva sua assinatura.

- O curso oferece um mínimo de 72 horas de contato direto com os/as instrutores/as, além do tempo de design do grupo/ tempo de estudo individual/ atividades práticas/ visitas a espaços de demonstração/ e outras atividades de aprendizagem. Cursos com menos de 12 dias de contato presencial geralmente não tem oferecido tempo suficiente para um bom aprendizado ou deveriam ser avaliados por potenciais estudantes sobre sua validade.

- O material do curso inclui, mas não se limita a todos os assuntos listados no Manual do Curso de Design Permacultural.

- O curso inclui pelo menos um projeto de design ou vários exercícios curtos de design.

- O curso inclui um Show de Talentos no fim”. (PERMACULTURE INSTITUTE, [201-?]).

O instituto reforça que “não há um grupo de supervisão único para a multidão de cursos de Permacultura oferecidos globalmente” e recomenda às pessoas interessadas em participar desses cursos que pesquisem a biografia dos/as educadores/as responsáveis e peçam acesso ao currículo, comparando-o com os critérios colocados acima (PERMACULTURE INSTITUTE, [201-?]).

Maringoni, Timmermann e Pamplona (2018) concordam que o currículo do PDC é mesmo no mundo todo. No currículo apresentado nesse documento, porém, não são feitas menções a um “Show de Talentos” – item curricular que nos causou estranheza – no fim do curso. Além disso, não há menção à necessidade de um instrutor principal que tenha um Diploma em Design em Permacultura. “O(a) instrutor(a) de um curso PDC deve ter feito um PDC ministrado por um instrutor(a) reconhecido(a) e ter alguns anos de prática” (MARINGONI; TIMMERMANN; PAMPLONA, p.11, 2018) é a única condição colocada como necessária para atuar como educador/a nesses cursos. Eles mencionam, também, a necessidade de que pelo menos um/a dos/as educadores/as acompanhe o curso integralmente e seja a pessoa responsável por assinar o certificado.

Ao longo da nossa pesquisa, porém, não conseguimos encontrar uma clara referência aos objetivos de um PDC. Já ouvimos relatos de que é curso voltado à

---

- *The course includes at least one design project or multiple design vignettes.*

- *The course includes Talent Show at the end.*”

formação de consultores/as de Permacultura, ou que é um curso necessário para todos/as que querem trabalhar nessa área, ou que é uma introdução a esse universo.

Essa constatação nos levou, como já mencionamos acima, a colocar essa questão no início do questionário enviado aos/às educadores/as. Com ela, buscamos coletar as impressões dos/as educadores/as sobre os porquês de um PDC.

Para a apresentação dos dados coletados, organizamos, de forma sintética, alguns padrões predominantes nas respostas das pessoas entrevistadas. Os dados nos mostram uma alta diversidade de respostas, as quais pudemos agrupar em 14 objetivos-síntese (Quadro 6).

A maior parte das respostas apresenta que os PDCs têm como objetivo **“Instrumentalizar ou fornecer uma base conceitual ou teórica introdutória à Permacultura ou promover uma formação inicial”**. Além disso, destaca-se também a menção a **“Sensibilizar, conscientizar ou promover a reflexão sobre as relações entre ser humano e o ambiente”** e **“Capacitar ou internalizar o método de design em Permacultura ou o planejamento sustentável de uma área”**. Essas e outras sínteses apresentadas pelos/as educadores/as são apresentadas no quadro abaixo (Quadro 6):

Quadro 6. Síntese dos objetivos dos Cursos de Design em Permacultura		
(Continua)		
#	Objetivo do PDC	Quantidade de citações
1	<b>Instrumentalizar ou fornecer uma base conceitual ou teórica introdutória à Permacultura ou promover uma formação inicial</b>	54
2	<b>Sensibilizar, conscientizar ou promover a reflexão sobre as relações entre ser humano e o ambiente</b>	32
3	<b>Capacitar ou internalizar o método de design em Permacultura ou o planejamento sustentável de uma área</b>	28
4	Repassar ou transmitir um conjunto de técnicas ou soluções práticas	16
5	Ampliar ou promover uma visão sistêmica, holística ou complexa, ou mudar a visão	14
6	Transformar a realidade ou favorecer uma transição, as vidas das pessoas e promover sua autonomia	13
7	Estimular a criação de redes entre pessoas e novas conexões	10

Quadro 6. Síntese dos objetivos dos Cursos de Design em Permacultura		
(Conclusão)		
#	Objetivo do PDC	Quantidade de citações
8	Empoderar ou engajar as pessoas para seu desenvolvimento humano	9
9	Multiplicar, disseminar, difundir ou popularizar a Permacultura	8
10	Promover a internalização ou difusão da ética e filosofia da Permacultura	6
11	Superar a concepção de Permacultura como técnica	3
12	Mostrar que vivemos o que ensinamos	1
13	Ressaltar a importância dos saberes tradicionais	1
14	Reforçar a importância de práticas corporais	1

Consideramos importante, com esses dados colocados, discutir quais desses objetivos podem ser considerados **nucleares** aos PDCs e quais deles se apresentam como **secundários**.

Nesse sentido, Saviani (2012), ao discutir as funções da escola e noções de currículo, faz um alerta sobre atividades secundárias e não essenciais a essa instituição social, numa análise que acreditamos contribuir para a compreensão dos objetivos nucleares de um PDC:

“Vejam o problema já a partir da própria noção de currículo. De uns tempos para cá, disseminou-se a ideia de que o currículo é o conjunto das atividades desenvolvidas pela escola. Portanto, currículo diferencia-se de programa ou de elenco de disciplinas; segundo essa aceção, currículo é tudo o que a escola faz; assim, não faria sentido falar em atividades extracurriculares. Recentemente, fui levado a corrigir essa definição acrescentando-lhe o adjetivo “nucleares”. Com essa retificação, a definição, provisoriamente, passaria a ser a seguinte: o currículo é o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola. E por que isto? Porque se tudo o que acontece na escola é currículo, se se apaga a diferença entre curricular e extracurricular, então tudo acaba adquirindo o mesmo peso; e abre-se caminho para toda sorte de tergiversações, inversões e confusões que terminam por descaracterizar o trabalho escolar. Com isso, facilmente, o secundário pode tomar o lugar daquilo que é principal, deslocando-se, em consequência, para o âmbito do acessório aquelas atividades que constituem a razão de ser da escola” (SAVIANI, p.15, 2012).

Assim, propomos aqui compreender com clareza qual a razão de ser dos PDCs, ou seja, quais objetivos são **nucleares** e o caracterizam como tal, lembrando que

partimos de uma perspectiva crítica ou progressista prática docente de educadoras ou educadores (FREIRE, 1995). Sob esse referencial teórico, precisamos estar alertas a propostas que veem que os PDCs têm como objetivo “Repassar ou transmitir um conjunto de técnicas ou soluções práticas”, seja por evidenciar uma concepção “bancária” da educação (FREIRE, 2019)<sup>51</sup> ou por reduzir a Permacultura a um conjunto de técnicas, desconsiderando todo seu arcabouço ético e filosófico.

Outros itens mencionados pelas pessoas participantes nos parecem ser bases que fundamentam um PDC, e não objetivos do curso. A segunda opção mais mencionada, por exemplo, “Sensibilizar, conscientizar ou promover a reflexão sobre as relações entre ser humano e o ambiente” mostra uma aproximação com a educação ambiental, não necessariamente em suas vertentes críticas. Apesar de considerarmos que a relação entre ser humano e ambiente transpassa todo o currículo desenvolvido no PDC, ela não se configura como um objetivo nuclear do curso. Como veremos na seção acerca do currículo, não há nenhuma menção à formação em educação ambiental durante o curso.

Da mesma forma entendemos as menções a “Ampliar ou promover uma visão sistêmica, holística ou complexa, ou mudar a visão”, “Empoderar ou engajar as pessoas para seu desenvolvimento humano” e “Ressaltar a importância dos saberes tradicionais”.

Outros objetivos apontados veem o PDC como uma estratégia, não como um espaço formativo em si. Novamente, aqui, consideramos importante ter consciência de que esses cursos são essenciais para “Multiplicar, disseminar, difundir ou popularizar a Permacultura”; por outro lado, eles possuem uma especificidade que não se esgota em tal ação. No mesmo sentido compreendemos o objetivo-síntese “Estimular a criação de redes entre pessoas e novas conexões” e “Mostrar que vivemos o que ensinamos”, essa se alinhando como uma estratégia de ensino.

Dentre as menções que encontramos, não nos parece apropriada às características dos PDCs “Reforçar a importância de práticas corporais”. Não encontramos nenhuma menção nos currículos historicamente elaborados com esse

---

<sup>51</sup> Sobre a concepção “bancária” da educação, o autor traz que: “o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro” (FREIRE, p.81, 2019).

propósito. Aqui, parece-nos, que o/a educador/a enfatiza essa importância durante a realização do curso, fato que não a caracteriza como uma razão de ser do PDC.

Sob esse ponto de vista e, a partir das respostas fornecidas pelos/as educadores/as atuantes em PDCs no Brasil, podemos dizer que um dos objetivos nucleares dos PDCs é “Instrumentalizar ou fornecer uma base conceitual ou teórica introdutória à Permacultura ou promover uma formação inicial”. Outros objetivos que consideramos nucleares são “Capacitar ou internalizar o método de design em Permacultura ou o planejamento sustentável de uma área”, “Transformar a realidade ou favorecer uma transição, as vidas das pessoas e promover sua autonomia”, “Promover a internalização ou difusão da ética e filosofia da Permacultura” e “Superar a concepção de Permacultura como técnica”.

No esforço de congregar esses objetivos numa síntese, propomos que os objetivos de um PDC sejam:

**“Propiciar formação inicial teórica e prática à Permacultura, com foco na Metodologia de Design e sua intrínseca relação com a ética e filosofia da Permacultura, favorecendo uma transformação da realidade e a crescente autonomia das pessoas participantes”.**

Com isso, esperamos trazer clareza aos propósitos de um PDC, enfatizando sua importância na superação de uma visão tecnicista da Permacultura, sua especificidade como um curso focado na Metodologia de Design (mas que não se sustenta sem a fundamentação ético-filosófica da Permacultura) e que tem firme propósito de contribuir com a transformação da realidade concreta ao fomentar a autonomia das pessoas participantes.

Como objetivos secundários desses cursos, defendemos que eles contribuem para a **criação de redes de cooperação entre permacultores/as** e para sua **difusão e popularização**.

Permeiam e sustentam esses objetivos a **educação ambiental**, no sentido de sensibilizar, conscientizar ou promover a reflexão sobre as relações entre ser humano e o ambiente, além de trazer uma visão ampla, sistêmica e complexa da realidade,



assim como a **valorização de saberes tradicionais** e a **educação pelo exemplo**, destacando ações concretas realizadas pelos/as próprios/as educadores/as ou outras pessoas que trabalham com Permacultura.

### II.1.2. Metodologias de ensino

Devido à formação acadêmica das pessoas que compõem o Curare, a discussão acerca das Metodologias de Ensino utilizada nos PDCs sempre foi bastante intensa ao longo dos anos. Desde que surgimos enquanto coletivo, pelo menos 90% de nós fez cursos de Licenciatura, a grande maioria em Ciências Biológicas no Instituto de Biociências, UNESP, campus de Botucatu.

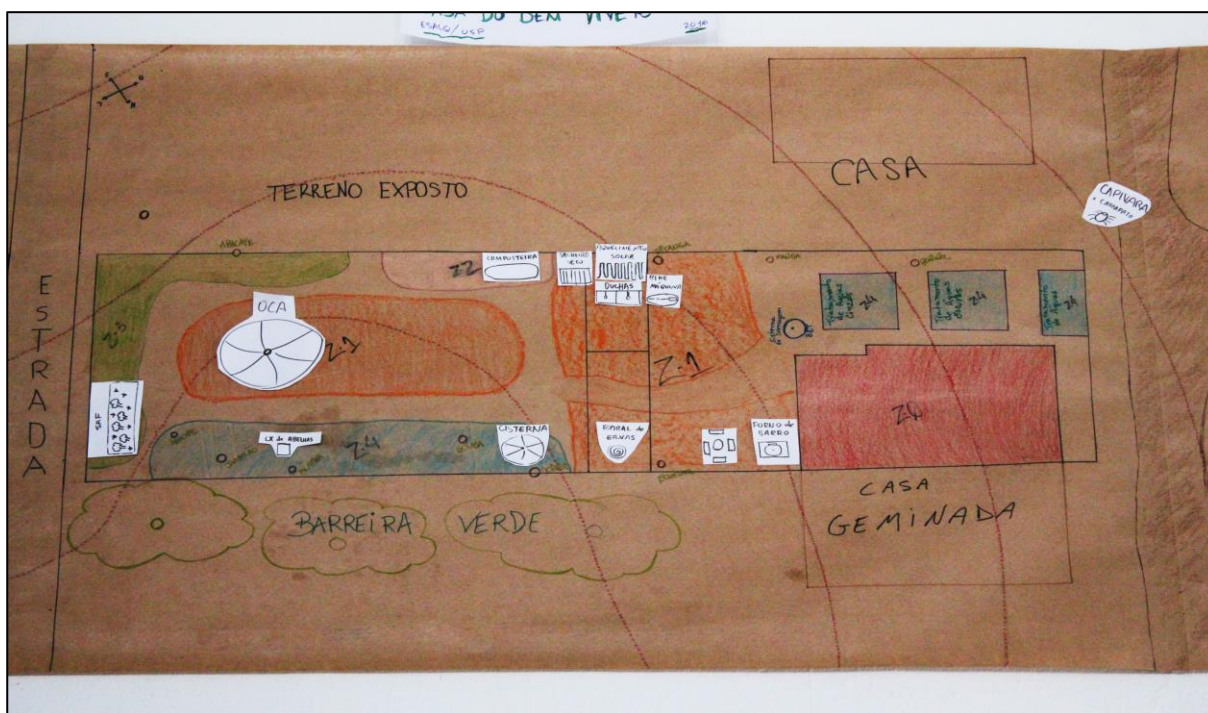
Nos primeiros PDCs do grupos, a porcentagem de aulas que apresentavam um caráter expositivo, mesmo que com intensa participação de participantes nas aulas, era bastante alta. Ao longo do tempo, o grupo se aproximou de metodologias mais participativas, mas não abrindo mão de aulas expositivas. Percebemos que, por se tratar de um grupo de participantes composto por pessoas adultas, precisávamos variar o máximo possível as metodologias e ferramentas de ensino utilizadas. Mesmo assim, muitas vezes o grupo foi questionado pelos/as participantes sobre o excesso de aulas “teóricas”, em detrimento às aulas “práticas”, dado o caráter prático (ou de “mão-na-massa”) que a Permacultura tem se manifestado.

Para abordar essas questões, iniciaremos esta seção concordando com MARINGONI, TIMMERMANN e PAMPLONA (2018), que caracterizam o PDC como “um curso basicamente teórico, onde as práticas vêm para ilustrar a teoria”. Essa percepção foi notada nas respostas dos/as educadores/as à pesquisa. P11, por exemplo, menciona que “*Procuramos mesclar teoria e prática. Assim, geralmente abrimos o tema com aula expositiva estimulando a discussão em grupo, depois passamos para a prática*”. Discordamos, porém, da compreensão de práticas como validação ou exemplificação de um determinado conteúdo teórico – além de entendermos que os termos “teoria” e “prática” têm sido usados de forma confusa.

Para isso, consideramos importante colocar que a divisão feita entre aulas “teóricas” e “práticas” nos PDCs parece corresponder, na verdade, a momentos de aulas com maior participação (**metodologias de ensino participativas**) ou menor participação (**metodologias de ensino bancárias ou passivas**) dos/as estudantes

do curso. Ancorando-nos no conceito de práxis, não compreendemos as ações mencionadas como práticas, nas quais os/as participantes põem a mão-na-massa, como uma forma de ilustrar ou comprovar a teoria, mas sim como um componente do dialético movimento de construção do conhecimento.

Além desses espaços de maior e menor participação dos/as estudantes ao longo do curso, os PDCs têm como característica nuclear a realização de exercícios e um projeto de design (PERMACULTURE INSTITUTE, [201-?]; MARINGONI; TIMMERMANN; PAMPLONA, 2018). Esse exercício parte da premissa da aplicação do método de design da Permacultura para a análise de um determinado espaço, tendo como produto um projeto com o planejamento da área (Figura 13).

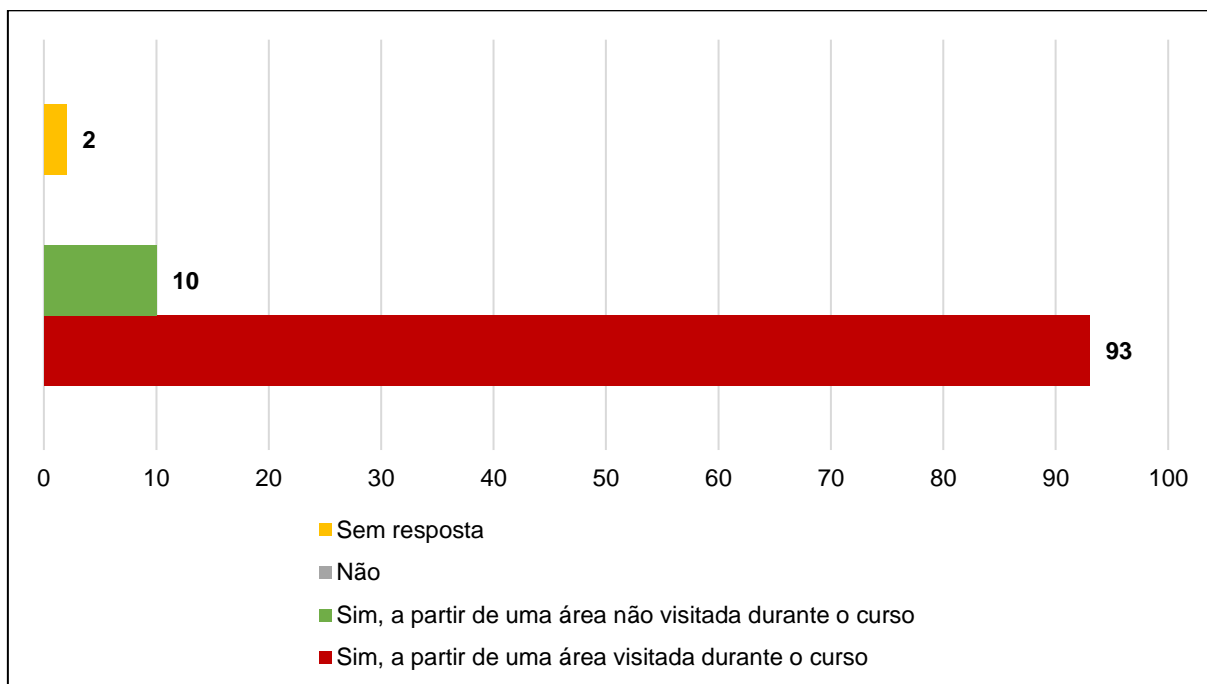


**Figura 13.** Parte de um projeto de design apresentado durante o I PDC Paulo Kageyama, realizado em Piracicaba/SP, em julho de 2018. Os projetos de design podem ter várias camadas, representando pontos importantes para a análise do território.

Por isso, interessou-nos entender se os trabalhos de design, momentos essenciais de participação previstos nos PDCs, estavam presente nos cursos oferecidos no Brasil.

O gráfico abaixo (Figura 14), elaborado a partir das respostas dos/as educadores/as ao questionário (**Os/As participantes do PDC elaboram um projeto de design durante o curso?**), indica que em mais de **90%** dos PDCs oferecidos no Brasil os/as participantes elaboram um projeto de design a partir de uma área visitada durante o curso. Muitas pessoas entrevistadas enfatizam que a realização desses exercícios é fundamental: “*Exercício de design em grupos (coração do curso)*” (P1).

Ainda, existem cursos nos quais os/as participantes fazem esse exercício, mas a partir de áreas não visitadas durante o curso: P69, por exemplo, indica que “*nos meus cursos alguns trazem imagens de satélites, fotos, vídeos e mapas da sua propriedade*”. Ninguém indicou que não se realiza um exercício de design nos PDCs oferecidos. Esses dados nos mostram um ponto bastante positivo desses cursos, já que entendemos que a apreensão método de design é um dos objetivos nucleares dos PDCs.



**Figura 14.** Realização de projetos de design como parte integrante dos PDCs oferecidos no Brasil. A soma das quantidades é maior do que o número de pessoas participantes da pesquisa porque há cursos que oferecem os exercícios de design a partir de áreas visitadas durante o curso e, também, de áreas não visitadas.

Além dos exercícios de design, que permitem uma participação ativa dos/as participantes, debruçamo-nos agora às metodologias de ensino utilizadas nos PDCs

mencionadas pelos/as educadores/as participantes como resposta à pergunta “**Quais metodologias de ensino são utilizadas durante as aulas dos PDCs? Quais são utilizadas mais frequentemente?** (Por exemplo, discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmica etc.)”.

Nenhum/a dos/as educadores/as participantes mencionou utilizar somente uma metodologia de ensino e nem defendeu a utilização exclusiva de metodologias de ensino bancárias. Notamos uma preocupação constante com a diversidade de métodos e ferramentas de ensino, ainda que cada grupo tenha preferência por uma determinada forma de ação pedagógica. Em boa parte dos cursos, há um revezamento entre a realização de aulas num espaço construído para esse fim (sala de aula) com outras realizadas ao ar livre ou “em campo”.

Alguns cursos têm utilizado mais metodologias expositivas, como escrito por P13: “*As aulas do PDC foram basicamente expositivas, com frequentes idas a campo*”. Outros indicam que a necessidade de momentos com a utilização de metodologias de ensino menos participativas antes da realização de atividades com maior participação dos/as estudantes: “*A teoria sempre precede a prática, então temos uma aula teórica expositiva, depois temos uma aula prática sobre a temática abordada*” (P69).

De forma geral, observamos uma tendência à valorização de **metodologia de ensino participativas**, mesmo que mescladas com espaços de menor participação. P76, por exemplo, responde que “*Diseño Social contiene muchas metodologías participativas, integrativas, de indagación apreciativa y creatividad*”.

A diversidade de metodologias de ensino pode ser vista em diversas respostas. P6 menciona que todas as metodologias mencionadas na própria pergunta são utilizadas: “*Todas essas citadas nas sugestões de exemplos*”. P20, num mesmo sentido, explica que “*Costumo fazer um PDC bem equilibrado em carga de aulas expositivas, aulas de campo, práticas mão na massa, dinâmicas de grupo, desenhos aleatórios, chuvas de ideias, roda de conversas, planejamento e projetos em grupo com o acompanhamento dos facilitadores*”. P4, enfatizando a diversidade de metodologias utilizadas durante o curso, responde que:

*“As metodologias que utilizamos são muito variadas: aulas expositiva e dialogada, exercícios em grupos, jogos cooperativos, atividades práticas,*

*visitas a espaços permaculturais na cidade e no campo, dinâmicas, vitalizadores, técnicas participativas como Café Mundial e chuva de ideias, experimentação, debates a partir de vídeos, dentre outros” (P4).*

Em cursos modulares realizados no período da noite notamos uma maior utilização de aulas expositivas. P67 menciona que *“Devido ao fato de as aulas serem à noite durante a semana, há muita exposição no Datashow. Ao máximo tentamos aproveitar o espaço da casa que nos abriga para algumas vivências no quintal”*, com a realização de aulas práticas aos sábados.

P89 faz uma importante consideração sobre a influência do espaço onde o curso acontece e do público para a escolha das metodologias utilizadas, evidenciando um amplo repertório de possibilidades metodológicas:

*“Todas - o fluxo do curso depende muito na interesse e anima dos participantes. também local tem impacto forte... um curso em propriedade rural tem oportunidade mais práticas e experiências externas, um curso em uma universidade por exemplo é bem limitado nesse sentido, e depende mais em apresentações, e discussões em grupos e até pesquisas individuais” (P89).*

Há educadores/as, entretanto, que defendem a utilização exclusiva de metodologias de ensino fora da sala de aula. P9 compartilha que nos seus PDCs *“TODOS OS MOMENTOS FORAM EM CAMPO, VINCULANDO AULA EXPOSITIVA ÀS PRÁTICAS”*. Outras menções não deixam claro quais são as metodologias de ensino utilizadas. P26, por exemplo, responde à pergunta com *“O PENSAMENTO CAÓTICO”*

No quadro abaixo (Quadro 7), apresentamos todas as metodologias de ensino mencionadas pelos/as participantes da pesquisa, evidenciando, novamente, a imensa diversidade presente nos PDCs no Brasil:

**Quadro 7.** Metodologias de ensino mencionadas pelos/as educadores/as participantes da pesquisa

#	Metodologia de Ensino	#	Metodologia de Ensino
1	Ambiente virtual de ensino e aprendizagem	27	Expressão corporal
2	Apresentação oral ( <i>de exercícios pelos/as próprios/as estudantes</i> )	28	Fogueiras
3	Apresentação teatral	29	Fórum
4	Atividades introspectivas	30	Jogos cooperativos
5	Aula expositiva	31	Leitura dirigida
6	Aula expositiva dialogada	32	Mapeamento socioambiental
7	Aula prática (mão-na-massa)	33	Mutirão
8	Bastão da fala	34	Oficina
9	Caminhada	35	<i>Open Space</i> (Espaço aberto)
10	Celebrações	36	Palestra
11	Chuva de ideias	37	Pesquisa-Ação
12	Círculo de cultura	38	<i>Piensa y escucha</i>
13	Círculo de partilha de sentimentos e experiências	39	Prática profissional orientada
14	Círculos de palavra	40	Roda de conversa
15	Comunicação Não-Violenta	41	Rodas dialógicas
16	Contação de histórias	42	Saídas de campo
17	Dança	43	Silêncio
18	Dia livre ( <i>geralmente no meio do curso, para permitir um descanso aos/às participantes e permitir conhecer a localidade</i> )	44	Trabalho em grupo
19	Dinâmicas de grupo	45	Trilha ecopedagógica
20	Discussão em grupo	46	Videoaula
21	<i>Dragon Dreaming</i>	47	Videoconferência
22	Entrevistas	48	Visita mediada
23	Estudos de caso	49	Vitalizadores
24	Exercício de design	50	Vivência
25	Exibição de filmes	51	<i>World Café</i> (Café Mundial)
26	Experimentações		

A quantidade de itens nas respostas dos/as entrevistados/as nos mostra um material muito rico de metodologias de ensino utilizadas nos PDCs no Brasil. Para

efeito comparativo, a publicação *Manual for Teaching Permaculture Creatively* (CLAYFIELD; SKYE, 1995), uma das grandes referências no tema mundialmente, apresenta 36 metodologias de ensino.

Terminamos esta seção com uma importante contribuição feita pela Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2012). Todo o cuidado e diversidade apresentados em relação às metodologias de ensino utilizadas nos PDCs, mesmo que sem base teórica definida (como veremos na parte II do estudo), só tem sentido de forma completa e crítica se dialoga com os conteúdos que são trabalhados no curso. É preciso que estejamos atentos/as a ambas as partes do processo educativo para que não percamos de vista que as metodologias de ensino não têm valor isoladamente ou descoladas de um determinado conteúdo. Forma e conteúdo devem ser componentes indissociáveis do planejamento e prática pedagógica dos/as educadores/as.

Concordando com esse referencial teórico, compreendemos que a discussão central quanto à forma que o ensino de Permacultura tem se dado não deve se ater à porcentagem de metodologias de ensino participativas e passivas, mas sim à coerência na escolha da metodologia de ensino mais apropriada a determinado conteúdo, público e território.

Isso não significa que devemos deixar de defender a utilização de metodologias participativas e ativas, mas que elas não conseguem atingir seu objetivo educativo quando estão descoladas de um respectivo conteúdo. De forma resumida: não adianta sempre organizar as cadeiras numa sala de aula em roda, mas não ter conhecimento técnico sobre o conteúdo trabalhado e agir de forma autoritária, não-dialógica, perante a turma.

### **II.1.3. O Currículo dos PDCs**

A última seção deste capítulo traz uma discussão sobre o currículo dos PDCs. Como vimos em seções anteriores, esse tema tem gerado intensos debates na Permacultura, ainda que, no Brasil, de forma descentralizada e com pouco diálogo entre os grupos.

Para iniciarmos a discussão, partiremos do conteúdo apontado no documento intitulado **Manual do Curso de Design em Permacultura** (em inglês, mencionado

como *Syllabus* ou *PDC Outline*) (MOLLISON; SLAY; JEEVES, 1985). Na versão a qual tivemos acesso, traduzida para serem utilizados em cursos de formação de educadores/as de PDC, são mencionados os seguintes temas como componentes do currículo do PDC (Quadro 8):

<b>Quadro 8.</b> Conteúdos programáticos do currículo elaborado por Bill Mollison (1985) para o PDC		
<b>Parte</b>	<b>Seção</b>	<b>Tema</b>
<b>Parte 1</b>	1	Introdução
	2	Princípios dos Sistemas Naturais
		Metodologias de Design
	3	Padrão no Design
	4	Perfil Clássico da Paisagem
	5	Solos
	6	Design para Catástrofe
	7	Prédios e Estruturas
	8	Tecnologia de Conservação de Energia Apropriada
	9	Florestas e Árvores
	10	A Água na Paisagem
	11	A Ecologia Cultivada
	12	Aquacultura e Maricultura
	13	Disposição das Sobras e Reciclagem
	14	Gerenciamento da Vida Selvagem
15	Sementes e Estufas	
<b>Parte 2</b>  As estruturas invisíveis do Assentamento		Reciclagem na Comunidade
		Economia Informal/Forma
		Acesso à Terra e Sistemas Urbanos
		Formas Legais
		Desenvolvimento da Vila
		Comércio
		Como os “ <i>trainees</i> ” em Permacultura operam



Este é o desenho clássico dos currículos dos PDCs mundialmente. Porém, como já vimos anteriormente, outras composições curriculares são encontradas. Outra referência como base para o currículo de um PDC é o livro ***Permaculture: a Designers' Manual*** (MOLLISON, 2009). Este livro não foi organizado de forma a compor uma ementa, como a apresentada acima. Apesar disso, como exposto por Pittman (2004b), essa publicação foi declarada por Bill Mollison como o currículo oficial do PDC. Para efeito comparativo, apresentamos os temas trabalhados (em tradução livre) em cada capítulo deste livro no quadro abaixo (Quadro 9). É importante ressaltar que não encontramos nenhuma menção na publicação de que ela tenha sido desenvolvida para ser o currículo dos Cursos de Design em Permacultura:

<b>Quadro 9.</b> Conteúdos do livro <i>Permaculture: a Designers' Manual</i> (2009), publicado originalmente em 1988	
<b>Capítulo</b>	<b>Tema</b>
1	Introdução
2	Conceitos e temas no Design
3	Métodos de Design
4	Compreensão de Padrões
5	Fatores climáticos
6	Árvores e suas trocas energéticas
7	Água
8	Solos
9	Movimentações de terra e seus recursos
10	Os trópicos úmidos
11	Estratégias para áreas secas
12	Climas frios e temperados úmidos
13	Aquacultura
14	As estratégias de uma nação global alternativa

Outros desenhos de currículo reconhecidos internacionalmente são apresentados abaixo.

O currículo proposto por Rosemary Morrow, na publicação ***Earth User's Guide to Teaching Permaculture*** (MORROW, 2014) é apresentado no Quadro 10. Nele,

podemos identificar um maior desenvolvimento do eixo Permacultura Social e Autonomia, além da ênfase ao planejamento por zonas, um dos pilares da Metodologia de Design proposto pela Permacultura.

<b>Quadro 10.</b> Conteúdo programático do currículo elaborado por Rosemary Morrow (2014) para o PDC		
(Continua)		
<b>Parte</b>	<b>Sessão</b>	<b>Tema</b>
<b>Introdução à Permacultura</b>	1	Apresentações
	2	Ecologia
	3	Ética, princípios e características
	4	Métodos de design
	5	Leitura de mapas
<b>A Ecologia Cultivada</b>	6	Água e paisagem
	7	Rejuvenescendo solos
	8	Fazendo o design com o clima
	9	Design com microclimas
	10	Movimentações de terra
	11	Plantas na Permacultura
	12	Florestas
	13	Quebra-ventos
<b>Fazendo o design de paisagens produtivas</b>	14	Padrões na Natureza
	15	Zona 0 – Localização e construção de casas
	16	Zona I – Jardins de alimentos para a casa
	17	Zona II – Pomares ou florestas de alimentos
	18	Zona III – Florestas de alimentos e pequenos animais
	19	Zona II – Lavouras e pequenos animais
	20	Zona IV – Florestas regenerativas
	21	Zona V – Proteção de florestas naturais
	22	Biozonas climáticas amplas

<b>Quadro 10.</b> Conteúdo programático do currículo elaborado por Rosemary Morrow (2014) para o PDC		
(Conclusão)		
<b>Parte</b>	<b>Sessão</b>	<b>Tema</b>
<b>Adicionando sustentabilidade e produtividade</b>	23	Análise do território (Leitura da Paisagem)
	24	Design gráfico e resolução criativa de problemas
	25	Rendimentos da terra
	26	Design para mitigação de desastres
	27	Manejo integrado de pragas
	28	Vivendo com as ervas daninhas
	29	Aquacultura
	30	Amigos da vida selvagem
<b>Permacultura Social e Autonomia</b>	31	Biorregiões
	32	Economia e investimentos éticos
	33	Permacultura no trabalho
	34	Posse da terra
	35	Acesso à terra e ética
	36	Estruturas legais
	37	Comunidades
	38	Permacultura suburbana
	39	Permacultura urbana
	40	A última sessão e o futuro

Robyn Francis, na publicação *Permaculture Design Course Handbook* (FRANCIS, 2008) (Quadro 11), Graham Bell, com o título *Permaculture Design Course Handbook* (BELL, 2010) (Quadro 12) e os currículos publicados regularmente pela **Permaculture Association Britain**, no material **Permaculture Design Course: Core Curriculum v 2.3** (PERMACULTURE ASSOCIATION BRITAIN, 2018) (Quadro 13) são outras configurações de propostas curriculares bastante utilizadas mundialmente.

Abaixo, apresentamos, em sequência, os temas trabalhados em cada um desses currículos (em tradução livre):

**Quadro 11.** Conteúdo programático do currículo elaborado por Robyn Francis (2008) para o PDC

<b>Parte</b>	<b>Seção</b>	<b>Tema</b>
<b>I - Introdução</b>	<b>1</b>	Introdução aos princípios da Permacultura e Ética
	<b>2</b>	Solução criativa de problemas e pensamento sistêmico
<b>II - Ecoalfabetização para a sustentabilidade</b>	<b>3</b>	Padrões na natureza
	<b>4</b>	Formas de relevo
	<b>5</b>	Água na Paisagem
	<b>6</b>	O solo vivo
	<b>7</b>	Florestas
	<b>8</b>	Climas – Biomas e microclimas
	<b>9</b>	Climas úmidos e perfis da paisagem, paisagens menores
	<b>10</b>	Zonas áridas e estratégias para áreas secas
<b>III - Design sustentável e Ecologia produtiva</b>	<b>11</b>	Padrões no design
	<b>12</b>	Processo de design
	<b>13</b>	Análise do território (Leitura da Paisagem)
	<b>14</b>	Tecnologias apropriadas
	<b>15</b>	Design para o jardim da casa
	<b>16</b>	Florestas de alimentos – Pomares
<b>III - Design sustentável e Ecologia produtiva</b>	<b>17</b>	Lavouras principais
	<b>18</b>	Sistemas animais nas Zonas I e II – Aves e abelhas
	<b>19</b>	Sistemas animais nas Zonas III e IV
	<b>20</b>	Sistemas florestais nas Zonas IV e V
	<b>21</b>	Zona V – Florestas e vida selvagem
	<b>22</b>	Aquacultura
	<b>23</b>	Manejo de ervas daninhas e pragas
	<b>24</b>	Design para catástrofes
<b>IV - Ecologia Social e Assentamentos Sustentáveis – As estruturas invisíveis</b>	<b>25</b>	Planejamento biorregional
	<b>26</b>	Sistemas legais
	<b>27</b>	Estratégias econômicas
	<b>28</b>	Assentamentos sustentáveis
	<b>29</b>	Sistemas urbanos
<b>V - Permacultura no trabalho</b>	<b>30</b>	Permacultura no trabalho

<b>Quadro 12.</b> Conteúdo programático do currículo elaborado por Graham Bell (2010) para o PDC		
<b>Módulo</b>	<b>Seção</b>	<b>Tema</b>
<b>I - Introdução</b>	<b>1</b>	O que é Permacultura?
	<b>2</b>	Ética
	<b>3</b>	Princípios de Bill Mollison
	<b>4</b>	SADIMET
	<b>5</b>	Zonas e setores
	<b>6</b>	Conto de 2?
<b>II - Observação e padrões</b>	<b>7</b>	Ferramentas de pesquisa
	<b>8</b>	Mapeamento, elevações e elaboração de mapas
	<b>9</b>	Fluxos de energia
	<b>10</b>	Análise de entradas e saídas
	<b>11</b>	Padrões
	<b>12</b>	Climas e microclimas
	<b>13</b>	Espirais de erosão e microclimas
<b>III - Análise e Solo</b>	<b>14</b>	Ferramentas de análise
	<b>15</b>	Solo
	<b>16</b>	Permacultura, agricultura orgânica e uso de ferramentas
	<b>17</b>	Cultivo e manejo de Plantas/Árvores/Florestas
	<b>18</b>	Árvores
<b>IV - Design e Pessoas</b>	<b>19</b>	Ferramentas de design
	<b>20</b>	Processo de design
	<b>21</b>	Exemplos de design
	<b>22</b>	Sistemas e contextos sociais
	<b>23</b>	Ambiente construído
	<b>24</b>	Ética 2
<b>V - Implantação e Manutenção / Água</b>	<b>25</b>	Água
	<b>26</b>	Estruturas e construções ecológicas
<b>VI - Apresentação, Avaliação e Melhorias / Celebração</b>	<b>27</b>	Projeto de design
	<b>28</b>	Apresentação dos designs
	<b>29</b>	Os próximos passos
	<b>30</b>	Avaliação do curso e revisão
	<b>31</b>	Festa

Quadro 13. Conteúdo programático do currículo elaborado pela Permaculture Association Britain (2018) para o PDC		
#	Módulo	Tema
1	Contexto	
2	Ética	
3	Princípios	Princípios atitudinais
		Princípios ecológicos
		Princípios elaborados por outras fontes (e.g. David Holmgren)
		O design em Permacultura pode ser visto por muitas perspectivas diferentes
4	Design	Estruturas do processo
		Habilidades, ferramentas e métodos
4	Design	Prática de design
		Apresentação dos designs
		Celebração
5	Temas	Solo
		Água
		Plantas/Árvores
		Produzindo seu próprio alimento
		Ambiente construído
		Uso de recursos
		Contextos e sistemas sociais
		Visita mediada a locais para exemplificar os princípios da Permacultura
6	Próximos passos e mais informações	
7	Avaliação	

Essa diversidade de currículos nos evidencia alguns pontos:

1. Não há um currículo-padrão utilizado mundialmente.
2. Vários países ou regiões elaboraram e/ou adotaram diferentes versões do currículo do PDC.
3. Apesar das diferenças entre eles, todos oferecem, no mínimo **72 horas de aulas e a realização de um projeto de design ao longo do curso.**

4. Não é possível identificar um padrão nos conteúdos ou na organização curricular entre os cursos, mas podemos observar temas presentes em todos eles, de forma resumida:

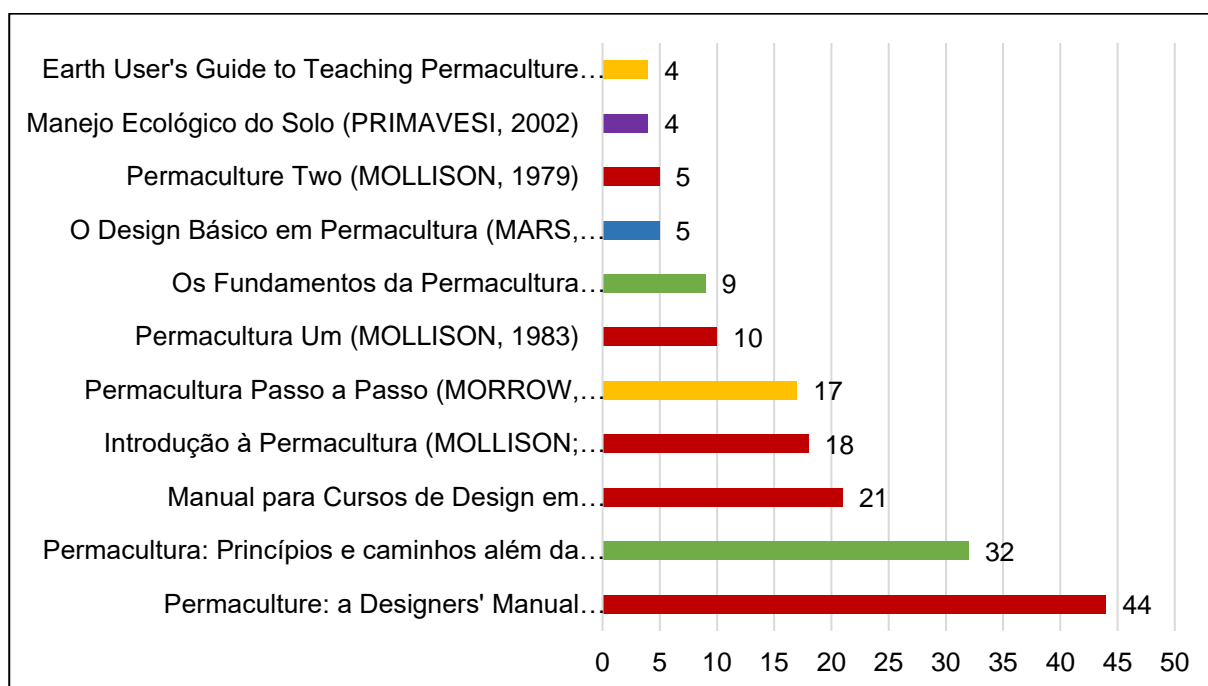
- a. **Ética**
- b. **Princípios da Permacultura**
- c. **Método de design**
- d. **Produção de alimentos**
- e. **Ambientes construídos**
- f. **Água**
- g. **Solo**
- h. **Animais**
- i. **Plantas**
- j. **Permacultura Social**

Essa percepção nos levou a pesquisar como são elaborados os currículos de PDCs no Brasil. Para isso, fizemos a seguinte pergunta no questionário enviado aos/as educadores/as de PDCs: “**Que publicação(ões) você utiliza como base para determinação dos conteúdos do PDC?**”.

A partir da citação nominal das obras nas respostas dadas pelos/as educadores/as de PDCs no Brasil, encontramos apenas **cinco autores/as** entre as maiores referências para a determinação dos conteúdos de um PDC, sendo que apenas uma é brasileira, a engenheira agrônoma Ana Primavesi, grande especialista no estudo das ciências do solo. As outras quatro referências mencionadas são originárias da Austrália, país onde a Permacultura surgiu: Bill Mollison, David Holmgren, Rosemary Morrow e Ross Mars.

Abaixo, apresentamos a quantidade de citações nominais às maiores obras de referência feitas pelos/as educadores/as de PDCs no Brasil (Quadro 14; Figura 15):

Quadro 14. Publicações utilizadas para determinação dos conteúdos do PDC				
#	Autor/a	Publicação	Citações	
1	Bill Mollison	Permaculture: A Designers' Manual (MOLLISON, 2009)	44	98
		Manual do Curso de Design em Permacultura (MOLLISON; SLAY; JEEVES, 1985) – “Syllabus”	21	
		Introdução à Permacultura (MOLLISON; SLAY, 1991)	18	
		Permacultura Um (MOLLISON, 1983)	10	
		Permaculture Two (MOLLISON, 1979)	5	
2	David Holmgren	Permacultura: Princípios e caminhos além da Sustentabilidade (HOLMGREN, 2013)	32	41
		Os Fundamentos da Permacultura (HOLMGREN, 2012)	9	
3	Rosemary Morrow	Permacultura Passo a Passo (MORROW, 2010)	17	21
		Earth User's Guide to Teaching Permaculture (MORROW, 2014)	4	
4	Ross Mars	O Design Básico em Permacultura (MARS, 2003)	5	5
5	Ana Primavesi	Permaculture Two (MOLLISON, 1979)	4	4



**Figura 15.** Obras de referência mais mencionadas pelos/as educadores/as de PDC no Brasil utilizadas como base para a elaboração do currículo dos cursos.

Esses dados nos trazem outra informação importante: a obra mais citada, o livro “*Permaculture: a Designers’ Manual*” (MOLLISON, 2009) não possui versão em



português. A obra “Manual do Curso de Design em Permacultura” (MOLLISON; SLAY; JEEVES, 1985), chamada de “*Syllabus*” pela maioria dos/as educadores/as também não possui uma versão pública traduzida para nossa língua – apenas cópias utilizadas em cursos de formação de instrutores de PDC.

Esses dados nos mostram que, se por um lado, os/as educadores/as de PDC brasileiros/as utilizam prioritariamente fontes clássicas em Permacultura para a elaboração dos currículos do curso, por outro evidencia a quase ausência de referências brasileiras. Além disso, não é mencionada nenhuma referência a trabalhos publicado na África e Ásia. Outras publicações utilizadas em diversas partes do mundo, como as mencionadas no início desta seção não são mencionadas, com exceção de uma menção a Graham Bell.

Outro dado que obtivemos com as respostas é que tem acontecido um processo interessante nos coletivos que têm atuado juntos há mais tempo, com o desenvolvimento de propostas curriculares mais apropriadas a seu contexto e utilizando as experiências do próprio grupo ao longo do tempo. Por outro lado, este desenvolvimento, quando ocorre de forma isolada (como, de fato, tem acontecido), pode contribuir para um distanciamento entre os currículos de PDCs oferecidos em diferentes partes de país, numa espécie de “especiação” dos cursos em cada localidade. P1, por exemplo, diz:

*“Considerando toda a compilação de conteúdos feita por Bill Mollison e David Holmgren no início da Permacultura, o conteúdo do PDC que ministramos é baseado especificamente nas publicações mais recentes de David Holmgren, na forma de apresentação dos princípios e em alguns exemplos, além da nossa experiência prática na aplicação da Permacultura em mais de 10 anos de trabalho. Também nos baseamos nos temas e experiências trazidos pelos participantes, para, a partir daí, trabalhar os conteúdos da Permacultura. Ou seja, o conteúdo específico trabalhado em cada PDC tem um nível de variação, de acordo com as características de cada turma, mantendo uma proporção equilibrada entre apresentação teórica e discussão com a turma, trabalhos em grupo com design propriamente dito, práticas de agroflorestas, bioconstrução, saneamento ecológico e outros temas aplicados e vivências de Reconexão com a Natureza, que é uma parte mais interna do aprendizado” (P1).*

Destacamos, ainda, o trabalho desenvolvido pela Rede Permeiar, como mencionado por P7, ao comentar que o currículo dos PDCs que atua possui: “*Uma estrutura construída a partir do que elencou o Bill Mollison, porém revisada por 22*

*permacultores de todo o Brasil em 2011. Usamos inúmeras referências, textos, vídeos etc.*". Apesar de essa rede não ter atuado enquanto tal nos últimos anos, contribuiu para formar uma série de educadores/as espalhados/as pelo Brasil que participaram de intensas discussões sobre o currículo e o ensino de Permacultura através dos PDCs. Esse currículo, tomado como base para os PDCs realizados por grupos como o Coletivo PermaSampa, Grupo Curare de Permacultura e Yvy Porã, por exemplo, é utilizado por Jorge Timmermann e Suzana Maringoni no curso mais tradicional existente no Brasil para a formação de educadores/as de PDCs (como vimos na Parte I deste trabalho). Além disso, ele serviu de base para uma proposta curricular desenvolvida pelo NEPerma da UFSC, num processo discutido por Nanni et al. (2018).

Apesar de todos os dados apresentados acima, que demonstram o comprometimento dos/as educadores/as com os currículos dos PDCs em que atuam, nossos dados também mostraram situações nas quais os/as educadores/as atuantes nos cursos não conhecem o currículo do PDC em sua totalidade, o que pode levar a um processo de fragmentação dos conteúdos trabalhados no curso e incoerências. P12, por exemplo, menciona que *"Eu atuo somente no tema da arquitetura apropriada, (...). Não organizo"*.

A falta de rigor ou a ausência de referências teóricas mais sólidas nas fontes de dados utilizadas para a elaboração das aulas também foi notada, apesar de ser pouco frequente. P14 menciona que *"Uso os materiais disponíveis na internet sobre permacultura, agroecologia, agricultura biodinâmica, agrofloresta, agricultura sintrópica etc. artigos de pesquisa pertinentes a agriculturas sustentáveis e vídeos. Além de livros disponíveis na biblioteca e próprios"*. P18 menciona somente *"Materiais didáticos e apostilas"* e P21 diz que *"Materiais e apostilas próprias"*, assim como outro educador que também mencionou sua própria obra.

Há também menções a dezenas de outros autores a autoras, desde referências na Permacultura (Geoff Lawton, Marsha Hanzi, Looby Macnamara, Rede Permeare, Lúcia Legan etc.), Agroecologia (Jairo Restrepo, Miguel Altieri e Vandana Shiva) e obras em outras diversas áreas, que vão desde a Comunicação (Marshall B. Rosenberg) até Agricultura Biodinâmica (Rudolf Steiner) e Ciências Humanas e Sociais (Hannah Arendt, Zygmunt Bauman, Edgar Morin). Aqui, muitas vezes, parece-nos que esses/as autores/as são referências teóricas na área de atuação de cada educador/as, mas não necessariamente para a elaboração do currículo do PDC.

Por fim, olhamos com receio o fato de que quase 10% das pessoas participantes da pesquisa não responderam à pergunta sobre os currículos dos PDCs – a maior porcentagem de respostas em branco de todas as perguntas feitas sobre sua atuação.

Os dados coletados neste estudo indicam que os/as permacultores/as brasileiros/as não têm acompanhado as discussões sobre o currículo dos PDCs que acontecem a nível mundial<sup>52</sup>. Por outro lado, alguns grupos têm tomado iniciativas isoladas ou em pequenas redes para a elaboração de currículos próprios para seus PDCs, geralmente tendo como base as publicações de Bill Mollison e David Holmgren mencionadas acima.

De forma sintética, nossos dados nos mostram que a maior parte dos PDCs existentes no Brasil tem utilizado referências clássicas em Permacultura para a elaboração de seus currículos. O baixo número de propostas elaboradas por grupos brasileiros e de referências bibliográficas locais, porém, pode causar um distanciamento do currículo dos PDCs oferecidos no país da sua realidade concreta.

Questionamos, nesse sentido, se a utilização acrítica e sem amplos debates de propostas curriculares elaboradas principalmente na década de 1980 na Austrália nos PDCs do Brasil não seria uma contradição com as próprias bases teóricas que sustentam a Permacultura e que indicam uma atuação na realidade concreta imediata.

---

<sup>52</sup> Durante minha participação na Convergência Internacional de Permacultura (IPC), que aconteceu na Índia em novembro de 2017, algumas situações me chamaram à atenção: a primeira é que eu era o único brasileiro com experiência em Permacultura presente (havia mais outros/as quatro colegas aqui, mas era seu primeiro contato com a área). Isso poderia indicar somente que o custo para chegar até a Índia é muito alto, mas a presença de pelo menos uma pessoa de outros países latino-americanos e africanos, financiados pelo Comitê Organizador, deixou essa hipótese um pouco mais distante. Além disso, nos diversos espaços de discussão, não encontrei nenhuma menção aos trabalhos em Permacultura desenvolvidos no Brasil, com exceção de uma roda de conversa organizada em parceria com Shaba Piffer (que chegou mais tarde ao evento) sobre uma proposta de Convergência Brasileira de Permacultura. Em diversas situações ali e durante o intercâmbio na Europa, diversas pessoas atuantes no ensino de Permacultura com quem conversei respondiam com clareza quais as propostas de currículo que podiam utilizar, discutindo seus pontos positivos e negativos – e ficando surpresos, muitas vezes, com minhas dúvidas. Essa percepção de isolamento do Brasil parece a se confirmar, por vários motivos que não conseguirei elaborar nesta tese.

## PARTE II

### Capítulo 2. Quem ensina Permacultura no Brasil?

Neste capítulo, interessa-nos conhecer quem são as pessoas que atuam como educadores/as no PDCs no Brasil, especialmente no que se refere a sua formação, acadêmica ou não, e trajetória de vida que os/as leva a ensinar Permacultura e como isso influencia nos PDCs em que atuam.

Pretendemos, também, nesta seção, traçar um perfil das pessoas que atuam como educadores/as nos PDCs no Brasil. Interessa-nos, aqui, entender quem são, como atuam, quais as bases teórico-práticas, visões de mundo etc. dos atores responsáveis pelo ensino e disseminação da Permacultura, a qual, como já vimos, dá-se principalmente através dos PDCs, além de traçar um perfil sociológico desse grupo. Comumente, como exposto por Ferreira Neto (2016; 2018), a percepção geral é de que a Permacultura é prioritariamente promovida por pessoas do sexo masculino, que se autodenominam brancas, cursam ou possuem formação de nível Superior e provêm das classes média ou média-alta.

Nossos sujeitos de pesquisa são as pessoas que atuaram na facilitação de PDCs no Brasil entre 2013 e 2017. Encontramos, na nossa investigação, **210 educadores/as** (Apêndice 4) de PDC em atividade no Brasil. Desses, obtivemos respostas de **102** deles/as (**48,5% do total**).

#### II.2.1. Sociedade e Permacultura no Brasil: escravidão, racismo e feminismo

É impossível discutir sociedade no Brasil, o que inclui a Permacultura, sem discutir alguns elementos que a compõe como contraditória e desigual.

Em 2015, participei do primeiro PDC do Grupo Curare de Permacultura fora de Botucatu/SP, na cidade de São Carlos/SP, numa parceria com a Associação Veracidade e o coletivo Pupa Permacultura (São José dos Campos/SP), num curso imersivo de 10 dias que aconteceu no Sítio Manacá. O curso, de caráter popular, contou com um público diferente daquele ao qual estávamos habituados em Botucatu, especialmente com relação ao histórico de participação em movimentos sociais com

diversas pautas (ambientais, identitárias, de acesso à terra, moradia etc.) classe social e raça/cor.

No terceiro dia de curso, um dos educadores/as fez uma fala ofensiva a homossexuais, a qual foi prontamente rebatida por um dos participantes do curso. O desconforto causado pela situação perdurou, com a eclosão de um grande conflito. A solução encontrada pelo grupo de educadores/as, naquele momento, foi interromper a programação do curso e, numa roda de conversa e escuta, dialogar sobre as questões que geraram incômodo.

Nessa roda, composta por mais de 50 pessoas, surgiram diversos questionamentos, críticas e pedidos de desculpa do corpo de educadores/as. Uma das falas, neste momento, ficou guardada em minha memória: ela se referia ao perfil dos/as educadores/as que atuavam no curso, majoritariamente composto por homens, heterossexuais e brancos. De fato, até então, nunca havíamos nos atentado a esses pontos... A seguir, outro participante, negro, continuou a fala, expondo que entendia que não tínhamos “culpa”, pois o grupo era resultante do contexto da nossa origem, a universidade pública.

Essa contradição, exposta de forma tão clara e concreta, deixou-nos sem chão por um bom tempo. Como nunca havíamos conversado sobre isso? Como não havíamos, enquanto coletivo, nem trazido esses pontos à consciência? Como nunca havíamos percebido que nosso grupo reproduzia um padrão que comumente criticávamos na Permacultura: a atuação predominante de homens brancos e heterossexuais, com toda sua (nossa) confortável arrogância?

Para entender como essas questões se relacionam com o conjunto da população brasileira, usaremos dados fornecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2017 (BRASIL, 2018b) sobre a composição da população brasileira. Essa pesquisa, realizada continuamente, indica que a população brasileira, quanto à cor ou raça, é composta por **46,8% de pessoas que autodenominam pardas, 43,6% brancas, 8,6% pretas e 1,0% amarelas ou indígenas**; quanto ao sexo, **51,6% são mulheres, enquanto 48,4% são homens**.

Os dados coletados nesta pesquisa de Doutorado nos mostram que a composição da população que atua no ensino de Permacultura no Brasil através dos PDCs é bastante distante do perfil da população brasileira. Os gráficos abaixo nos

mostram que, no universo das pessoas que atuam como educadores/as, **dois terços** são do **sexo masculino** (Figura 16), ou seja, os PDCs ainda são prioritariamente mediados por homens.

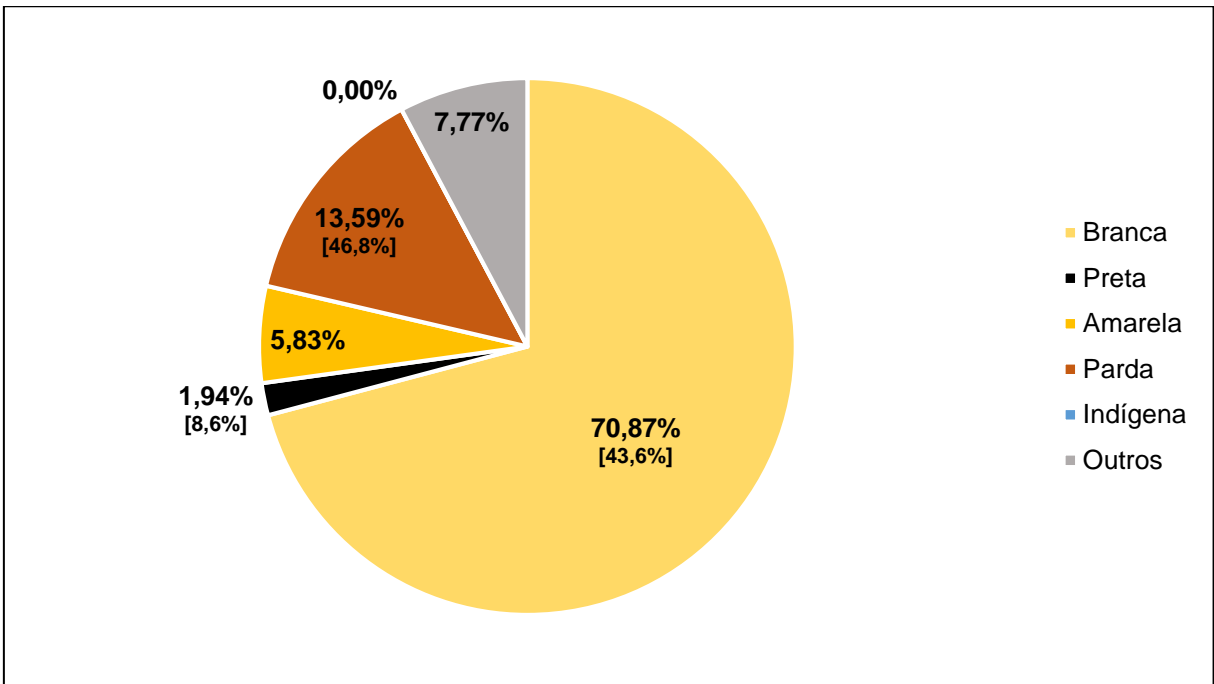
Com relação à raça<sup>53</sup>, observamos que **71%** dos/as educadores/as se denominam **brancos/as**; **pardos/as** correspondem a **14%** das pessoas, enquanto pessoas que se denominam **amarelas** correspondem a aproximadamente **5%** do total. Por fim, somente **2%** dos/as educadores/as atuantes nos PDCs se autodenominam **pretos/as** e, tristemente, **nenhuma** pessoa se autodeclara **indígena**. As porcentagens indicadas entre colchetes representam a proporção média da população brasileira, de acordo com o PNAD 2017 (Figura 17).

Esse perfil essencialmente composto por pessoas brancas foi também observado por Ferguson (2014), de forma ainda mais acentuada nos Estados Unidos. Nessa pesquisa, o autor coletou respostas de 448 estadunidenses que se identificavam com a Permacultura de alguma forma. Dessas, apenas 24 se identificaram como “não brancas” – ou seja, **94,6%** das pessoas entrevistadas e que tem algum tipo de relação com a Permacultura nos EUA se autodeclararam brancas/caucasianas.

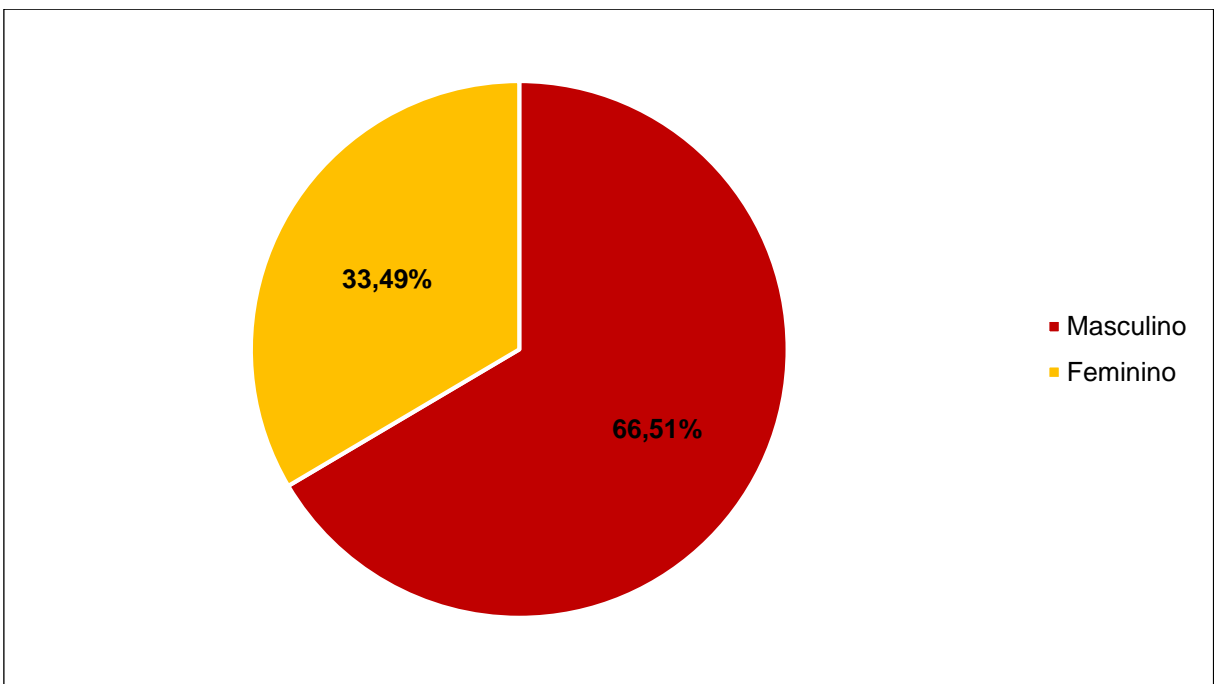
Durante a elaboração do questionário, optamos por não incluir o item “Orientação Sexual”, opção que se mostrou equivocada para a realização de uma caracterização mais completa dos/as educadores/as em Permacultura no Brasil. Acreditamos que essa questão deva ser discutida em trabalhos futuros.

---

<sup>53</sup> No questionário, optamos por colocar os termos “Raça/Cor/Etnia”, utilizados por diferentes instituições para abordar questões raciais. Ao longo do texto, utilizaremos o termo “raça” por ser o mais comumente utilizado em movimentos sociais. É importante ressaltar que consideramos essa discussão central na análise do sociedade brasileira, mas que o tema gerou respostas que evidenciam desagrado ou discordância por parte dos/as educadores/as de Permacultura no Brasil, como, por exemplo, “Irrelevante e atrasada pergunta”, “não concordo com esse sistema de classificação”, “O item raça/etnia/cor: sou da raça humana, cor se a pesquisa fosse para alguma doença ou maquiagem específico para uma determinada cor” e menção a outras denominações não presentes no padrão adotado pelo IBGE, referência para as opções que elencamos no questionário, como, por exemplo “mestiça”, “caboclo”, “Não sei definir minha cor”, “morena” ou “que misturou tudo”.



**Figura 16.** Raça/Cor/Etnia autodeclarada pelos/as educadores/as de PDCs no Brasil.



**Figura 17.** Porcentagem de educadores/as dos sexos masculino e feminino, a partir do mapeamento realizado.

## II.2.2. Classes sociais

Em diversos espaços de atuação junto a movimentos sociais e agroecológicos, notamos, numa percepção geral, que as pessoas que atuam com Permacultura

provêm de classes sociais mais altas – esse seria um dos motivos apontados, inclusive, para sua baixa inserção juntos a esses movimentos.

Para verificarmos se essa percepção tem sustentação na realidade, poderíamos utilizar uma série de parâmetros. Por fim, optamos por abordar a renda média dos/as educadores/as de PDCs, através da pergunta “**1.5. Renda mensal média (por pessoa)** (*Indique sua renda pessoal média - no caso de utilizar a renda familiar, divida esse valor pelo número de pessoas na família*)”, oferecendo as seguintes opções: Até 1 salário mínimo (Menos de R\$880,00)/ De 1 a 3 salários mínimos (R\$880,00 a R\$2.640,00)/ De 3 a 5 salários mínimos (R\$2.640,00 a R\$4.400,00)/De 5 a 15 salários mínimos (R\$4.400,00 a 13.200,00)/ Mais de 15 salários mínimos (Mais de R\$13.200,00)<sup>54</sup>.

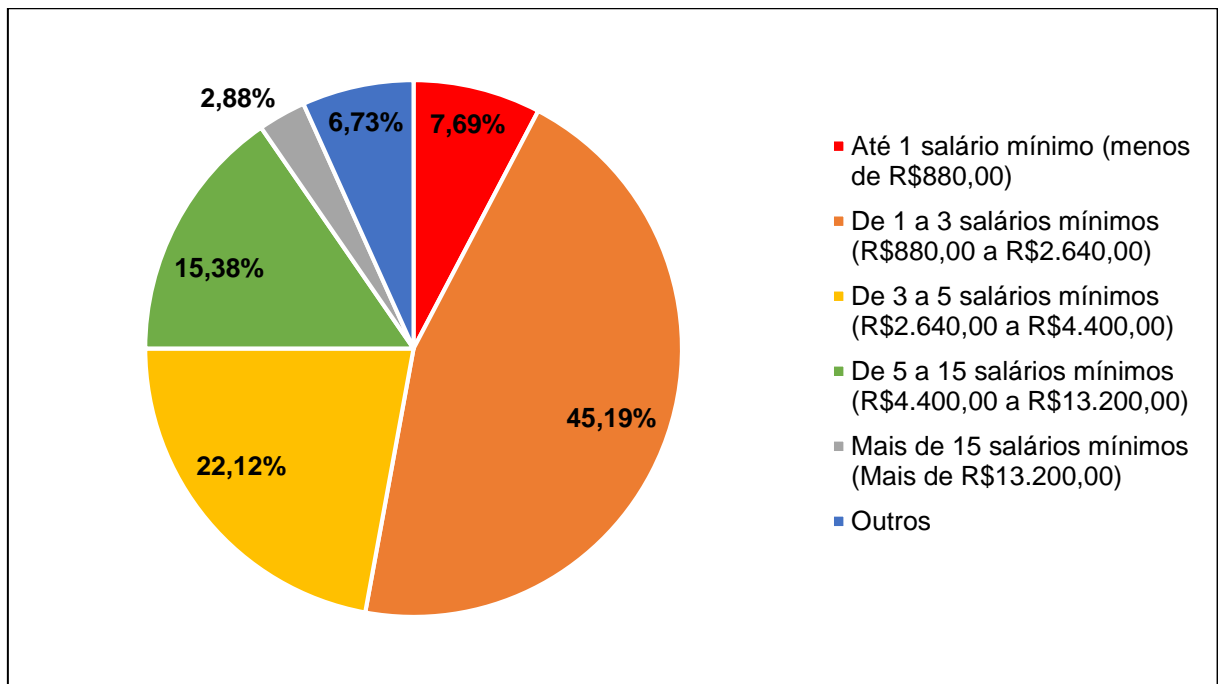
No nosso estudo, encontramos que quase a **metade (45,19%)** dos/as educadores/as de PDCs no Brasil possuem renda mensal média *per capita* de 1 a 3 salários mínimos (em 2016, de R\$880,00 a R\$2640,00 por mês). Se considerarmos as pessoas que dizem receber menos que um salário mínimo por mês (menos que R\$880,00), temos que a maioria as pessoas que atuam com ensino de Permacultura em PDCs faz parte das classes sociais D e E (Figura 18).

Por outro lado, é possível que os rendimentos declarados pelas pessoas participantes não reflitam, necessariamente, sua condição econômica, especialmente no que se refere a bens herdados ou pedaços de terra adquiridos. Mesmo assim, esses dados nos sugerem que a maior parte dos/as educadores/as de PDC no Brasil possuem baixos rendimentos mensais, o que os/as classificaria como parte das classes baixa ou média-baixa, diferentemente do que supúnhamos inicialmente (classes média-alta ou alta).

---

<sup>54</sup> Aqui, tomamos como base o valor do salário mínimo brasileiro no momento de início da coleta de dados (2016), que correspondia a R\$880,00/mês. Organizamos os dados de acordo com faixas salariais per capita por mês: Classe A: Mais de 15 salários mínimos; Classe B: Entre 5 e 15 salários mínimos; Classe C: Entre 3 e 5 salários mínimos; Classe D: Entre 1 e 3 salários mínimos; Classe E: Menos de 1 salário mínimo.





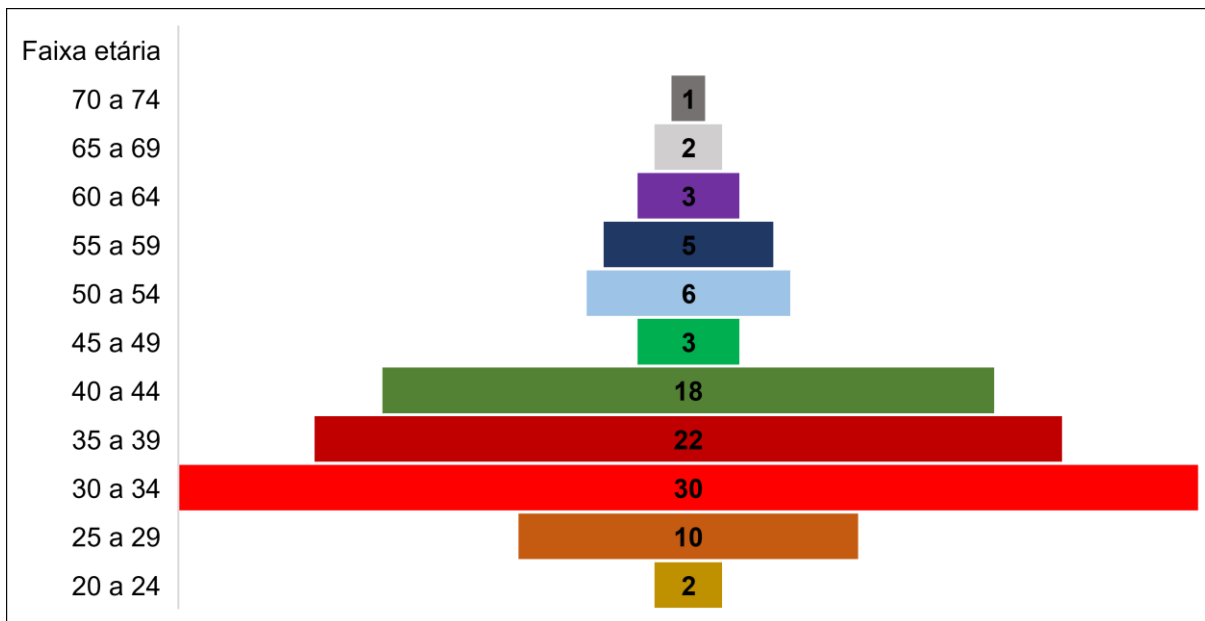
**Figura 18.** Renda mensal *per capita* média mencionada pelos/as educadores/as de PDC no Brasil.

### II.2.3. Perfil etário

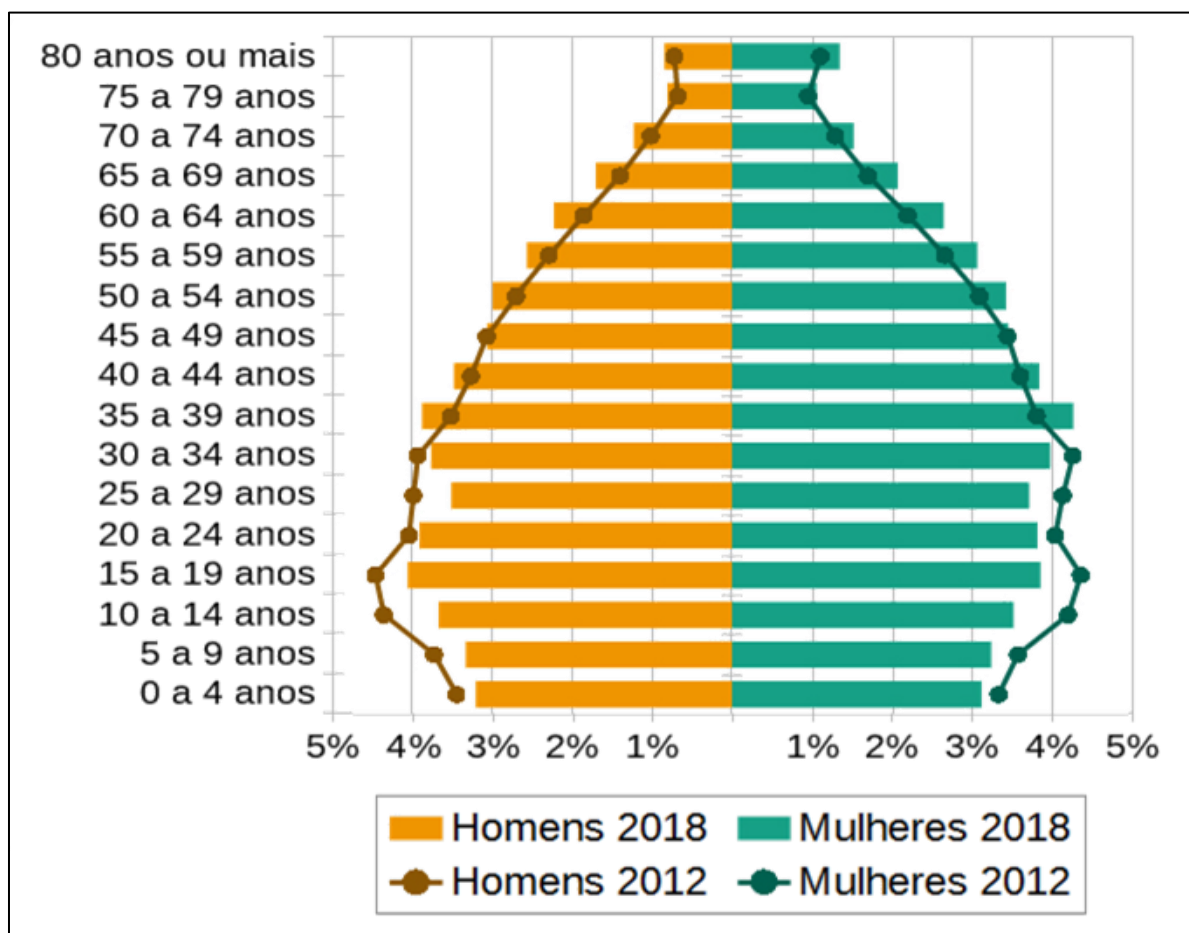
Outro quesito que podemos utilizar para caracterizar os/as educadores/as dos PDCs no Brasil é sua idade. Nossos dados nos indicam uma renovação das pessoas que têm desempenhado esse papel. Como apontado por Ferreira Neto (2018) ao propor etapas para o desenvolvimento da Permacultura no Brasil, após 2008 podemos identificar uma nova onda, na chamada fase de Popularização da Permacultura:

“A partir de 2008, tendo o movimento de permacultura atravessado distintos momentos, o que possibilitou a formação e a análise crítica das etapas anteriores, uma ‘nova onda’ (possivelmente a terceira) de permacultores e permacultoras começaram a questionar a elitização do acesso à permacultura dada a realidade de seus cursos e formação, inacessíveis em termos financeiros para a maioria da população” (FERREIRA NETO, p.142, 2018).

No gráfico abaixo (Figura 19), podemos observar que aproximadamente **metade dos/as educadores de PDCs no Brasil** possuem entre 30 e 39 anos. Isso evidencia a relevância da atuação de coletivo e grupos mais recentes no ensino da Permacultura, como já observado por Ferreira Neto (2018). A configuração se assemelha à Pirâmide Etária brasileira, mostrando uma boa representatividade de todas as faixas etárias no ensino de Permacultura em PDCs no Brasil (Figura 20).



**Figura 19.** Faixa etária dos/as educadores/as de PDCs no Brasil.



**Figura 20.** Pirâmide etária da população brasileira em 2018, a partir de estudo do IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2018 (BRASIL, 2018a) (Adaptado de: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>>. Acesso em 23 ago. 2019.

## II.2.4. Formação e atuação profissional

Outro quesito que despertou nosso interesse na pesquisa foi conhecer a formação e atuação profissional dos/as educadores/as de PDCs no Brasil. Na publicação “Bases para o Curso de Design em Permacultura – PDC”, há uma página específica sobre os/as instrutores/as do curso, reforça a importância das pessoas que desempenham esse papel, indicando que ela deve ter “boa prática didática e metodologia”, ser uma “generalista, e não um especialista em apenas um conteúdo, deve dominar todo o conteúdo do curso” (MARINGONI; TIMMERMANN; PAMPLONA, p.18, 2018).

No “Manifesto dos Aprendizes de Permacultura” (Anexo 1), documento publicado por estudantes de Permacultura com uma série de críticas e sugestões a como ela tem se manifestado no Brasil, pede-se que, na seção “Educação e Cultura”, que “Use termos como “ensino”, “curso” e afins quando de fato dominarem o assunto em questão, principalmente quando os eventos forem pagos e pessoas estiverem indo de longe para participar. É muito frustrante quando percebemos que os facilitadores não sabem ao certo do que estão falando ou não estão preparados” e “Quando o programa de ensino for experimental e os facilitadores ou professores ainda não dominarem o assunto, deixem isso claro”. (MANIFESTO, 2017).

Outro ponto frequentemente apontado nas conversas com outros/as educadores/as que tenho tido desde 2009 é a recomendação de que o/a educador/a de PDC deve viver o que ensina, ou seja, deve ter aplicado, na realidade concreta, os conteúdos que trabalha num PDC.

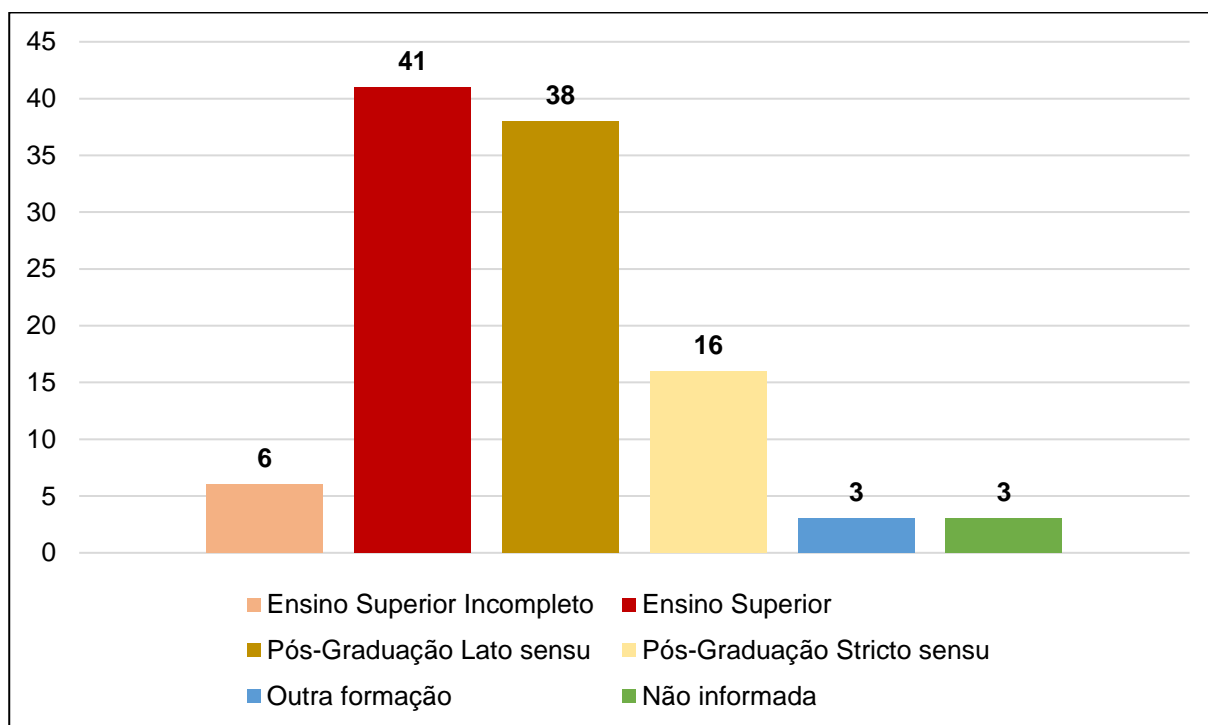
Assim, apresentamos algumas questões aos/às educadores/as para descobrir como foi seu caminho de formação, todas elas de caráter aberto. Buscamos, com isso, enfatizar que não nos referíamos, necessariamente, à formação acadêmica, oferecendo espaço para que cada pessoa relatasse os caminhos que a levaram a atuar no ensino de Permacultura. Essas perguntas eram: “**Formação** (*Conte um pouco da sua história, escrevendo sobre sua formação acadêmica ou não, ligada à Permacultura ou não*)” e “**Área de atuação profissional** (*Escreva sobre sua trajetória de atuação profissional, ligada à Permacultura ou não*)”.

Além disso, também nos interessou conhecer sua formação especificamente em Permacultura. Para isso, perguntamos “**Com quem você fez seu primeiro PDC**

**como aluno/a?** (Indique quais grupos foram responsáveis e quem atuou como facilitador/a nesse curso)".

Quanto à formação dos/as educadores/as de PDCs, organizamos os dados de forma a indicar o maior nível de formação no ensino formal, considerando as etapas Ensino **Fundamental**, **Médio** e **Superior**, a não ser em casos quando era indicados mais de um tipo de formação de pós-graduação.

O gráfico abaixo (Figura 21) nos indica que **101 pessoas** (de um total de 102 participantes) têm formação de **nível superior**, sendo que 6 dessas de forma incompleta. Chama-nos a atenção a porcentagem de pessoas com pós-graduação, que representa aproximadamente metade do total de educadores/as participantes (54). **Nenhuma das pessoas entrevistadas** relatou ter formação exclusiva de nível fundamental e médio ou, ainda, somente de nível técnico.



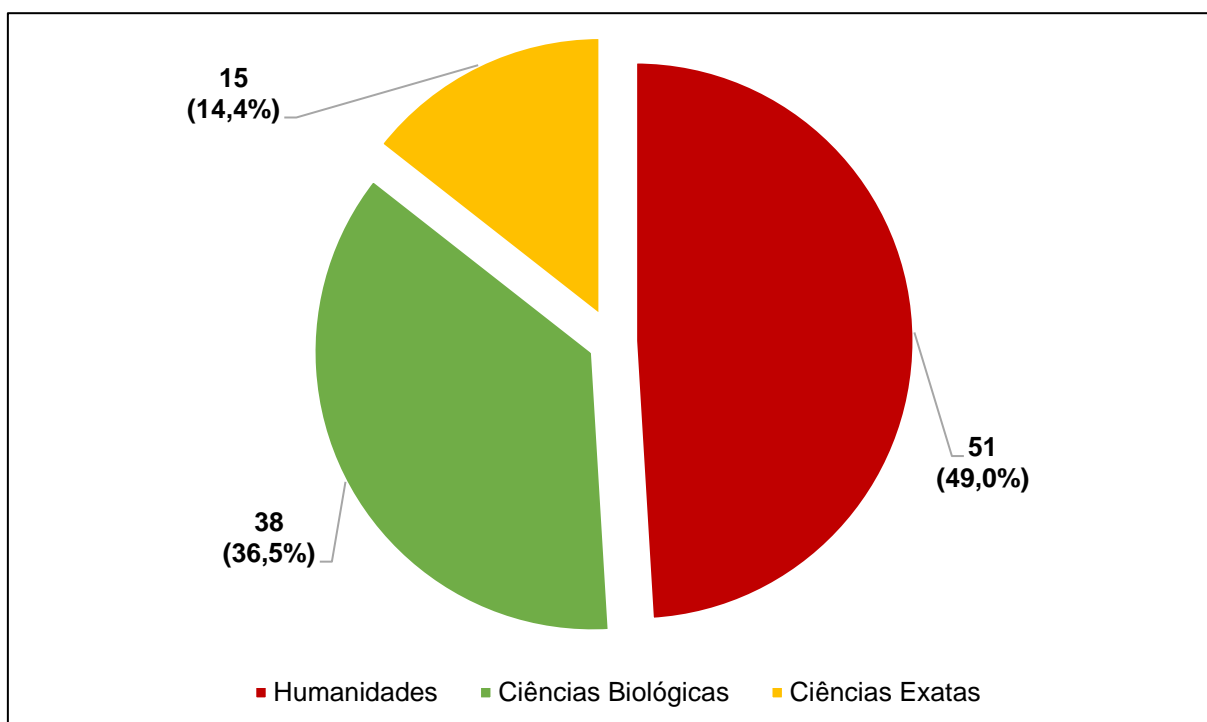
**Figura 21.** Nível de formação no ensino formal de educadores/as de PDCs no Brasil.

Esse resultado nos traz uma reflexão importante: mesmo com a imensa maioria dos/as educadores/as tendo formação de nível superior, o trabalho desenvolvido na academia é alvo constante de críticas entre permacultores e permacultoras, questão

que pude observar em muitos espaços de diálogo ao longo desses anos. Se, por um lado, esses dados poderiam indicar uma negação ao conhecimento produzido nas instituições de nível superior, por outro pode indicar um reconhecimento à limitação desses conhecimentos, especialmente quando descolados da realidade social – uma crítica bastante comum à academia pela população em geral. Podemos ler esses dados como um movimento, por parte dos/as educadores/as, de se aproximar da realidade social e agir de forma concreta na realidade, mas também a necessidade de conhecer melhor aquilo que é produzido nas Universidades em todas áreas do conhecimento, especialmente as áreas de ciências humanas e sociais.

Além do nível de formação, também nos interessou descobrir qual a área de formação dos/as educadores/as. Quase a totalidade das pessoas participantes indicaram, nas respostas abertas, qual curso de graduação e pós-graduação haviam realizado. Aqui, dada à imensa diversidade de cursos de pós-graduação existentes, teremos como foco de análise os cursos de graduação.

Para analisar a área de formação de nível superior, utilizamos como base as grandes áreas utilizadas pelas instituições de Ensino Superior: **Humanidades, Ciências Biológicas e Ciências Exatas** (SÃO PAULO, 2018) (Figura 22).



**Figura 22.** Área de formação de nível superior dos/as educadores/as de PDCs no Brasil.

O gráfico (Figura 22) nos indica que predominam educadores/as com formação na grande área de **Humanidades** (49,0%), seguida pela formação na área de **Ciências Biológicas** (36,5%) e, por último, na área de **Ciências Exatas** (14,4%).

Quanto ao curso de graduação realizado pelos/as educadores/as, notamos uma grande diversidade de opções indicadas. Há, porém, um predomínio de educadores/as com formação em **Ciências Biológicas, Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Agrônoma**, áreas que possuem grandes interfaces com os conteúdos trabalhados nos PDCs (Tabela 6).

**Tabela 6.** Cursos de graduação realizados por educadores/as de PDCs no Brasil

(Continua)

<b>Curso</b>	<b>Quantidade   Porcentagem</b>
<b>Ciências Biológicas</b>	<b>19 (18,27%)</b>
<b>Arquitetura e Urbanismo</b>	<b>13 (12,50%)</b>
<b>Engenharia Agrônoma</b>	<b>12 (11,54%)</b>
Engenharia Ambiental	7 (6,73%)
Ciências Sociais	5 (4,81%)
Artes Visuais	4 (3,85%)
Artes Cênicas	4 (3,85%)
Pedagogia	4 (3,85%)
Letras	3 (2,88%)
Geografia	2 (1,92%)
Comunicação Social: Jornalismo	2 (1,92%)
Ciências da Computação	2 (1,92%)
Direito	2 (1,92%)
Matemática	2 (1,92%)
Administração de Empresas	2 (1,92%)
Veterinária	2 (1,92%)
Engenharia Florestal	2 (1,92%)
Secretariado Executivo Bilingue	1 (0,96%)

**Tabela 6.** Cursos de graduação realizados por educadores/as de PDCs no Brasil

(Conclusão)	
<b>Curso</b>	<b>Quantidade   Porcentagem</b>
História	1 (0,96%)
Ecoturismo	1 (0,96%)
Educação Ambiental	1 (0,96%)
Educação em Artes	1 (0,96%)
Imagem e Som	1 (0,96%)
Publicidade e Propaganda	1 (0,96%)
Geologia	1 (0,96%)
Engenharia Civil	1 (0,96%)
Serviço Social	1 (0,96%)
Filosofia	1 (0,96%)
Marketing de Moda	1 (0,96%)
Antropologia	1 (0,96%)
Gestão Ambiental	1 (0,96%)
Física	1 (0,96%)
Engenharia de Produção Mecânica	1 (0,96%)
Astrofísica	1 (0,96%)
<b>TOTAL</b>	<b>104* (100,00%)</b>

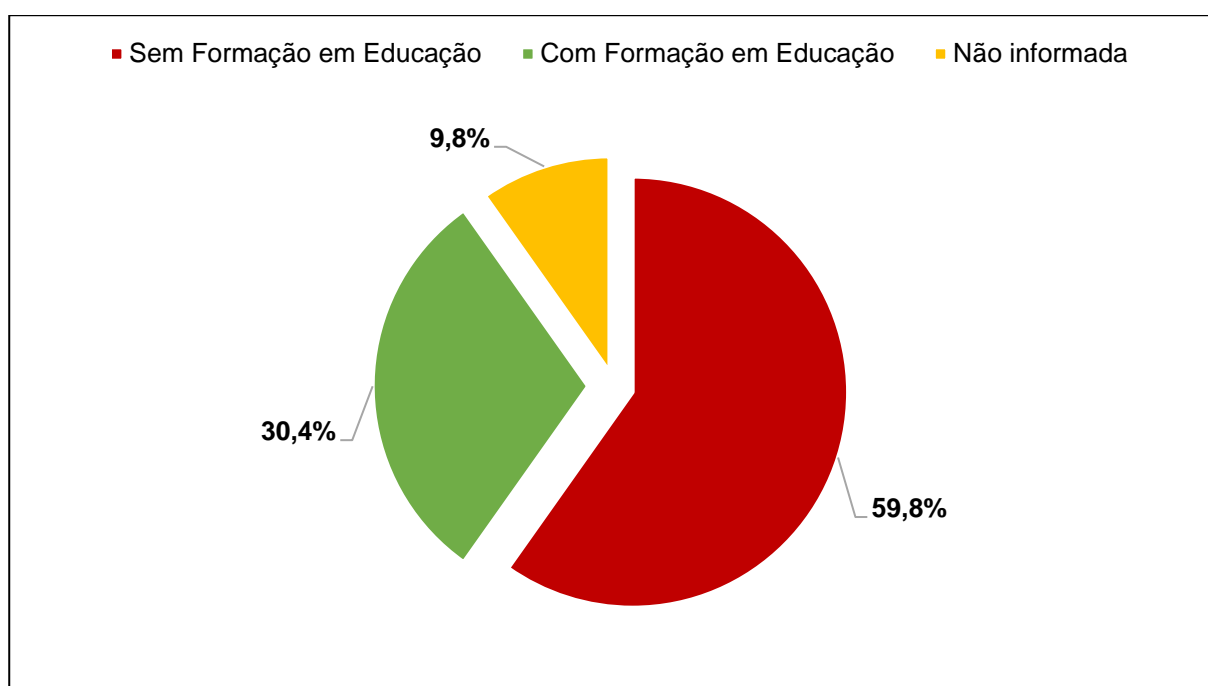
*\* O valor total é superior a 102 porque há educadores/as que indicaram possuir mais que uma graduação de nível superior.*

A relevância dessa análise se justifica porque entendemos que a formação dos/as educadores/as tem influência em como os PDCs se manifestam na realidade concreta. Apesar de partir-se da premissa que um/a permacultor/a deve atuar de forma generalista, seria ingênuo considerar que seu caminho no ensino formal não tem nenhum tipo de influência na sua atuação como educador/a.

Por isso, consideramos importante buscar uma diversidade de formações na composição do corpo docente de um PDC. Não entendemos essa questão como uma necessidade da presença de especialistas em cada conteúdo trabalhado no curso, mas sim como uma sugestão no sentido de trazer diferentes pontos de vista sobre

esses conteúdos, entendendo que é importante o diálogo de cada educador/a com todos os conteúdos trabalhados no curso.

Para além da área de formação, também nos interessou estudar se os/as educadores/as de PDCs no Brasil possuíam algum tipo de formação na área de Educação, independentemente do nível de ensino. Nossos dados indicam que mais que a metade (**59,8%**) dos/as educadores/as de PDC possui **nenhum tipo de formação na área de educação**. Apenas **30,4%** das pessoas participantes da pesquisa informou ter algum tipo de formação na área (Figura 23).



**Figura 23.** Formação na área de educação dos/as educadores/as de PDCs no Brasil.

Cabe ressaltar aqui que não indicamos a necessidade de formação na área de educação para a atuação como educador/a em PDCs, mas sim ressaltar que a formação do/a educador/a tem influência na forma como o curso se manifesta na realidade concreta. Assim, entendendo-se a educação como uma área do saber que tem sua natureza e especificidade (SAVIANI, 2012), é razoável considerar que pessoas com algum tipo de formação nessa área tenham uma ação pedagógica mais fundamentada.



Por último, nesta seção, buscaremos desvelar quais são as principais referências dos/as educadores/as de PDCs no Brasil na sua formação em Permacultura. Para isso, perguntamos aos/às participantes **“Quem são suas principais referências em Permacultura? (Indique quais autoras e autores tem utilizado como referência, assim como outras pessoas que não tenham publicações, mas que lhe sirvam como referência teórica/prática)”**.

As respostas encontradas são extremamente diversas (Quadro 15<sup>55</sup>), trazendo referência de várias áreas. Essa diversidade de citações evidencia a influência de diferentes áreas e abordagens na Permacultura e confirma a afirmação feita por Silva (2015, p.158), de que a Permacultura é uma “síntese de princípios, práticas e técnicas de caráter híbrido”, aproximando-a de um pensamento que rejeita qualquer tipo de projeto hegemônico de mundo.

<b>Quadro 15. Principais referências em Permacultura dos/as educadores/as de PDC no Brasil</b>			
(Continua)			
<b>#</b>	<b>Nome</b>	<b>País</b>	<b>Quantidade de citações</b>
1	<b>David Holmgren</b>	Austrália	<b>71</b>
2	<b>Bill Mollison</b>	Austrália	<b>70</b>
3	<b>Marsha Hanzi</b>	Suíça*	<b>34</b>
4	<b>Jorge Timmermann</b>	Argentina*	<b>22</b>
5	<b>Peter Webb</b>	Austrália*	<b>21</b>
6	<b>Rosemary Morrow</b>	Austrália	<b>21</b>
7	<b>Ernst Götsch</b>	Suíça*	<b>20</b>
8	<b>Geoff Lawton</b>	Austrália	<b>20</b>
9	<b>Tomaz Lotufo</b>	Brasil	<b>20</b>
10	<b>Ana Primavesi</b>	Brasil	<b>17</b>
11	<b>Suzana Maringoni</b>	Brasil	<b>16</b>
12	<b>Skye Riquelme</b>	Austrália*	<b>14</b>

<sup>55</sup> Apesar de ser um quadro extenso, optamos por manter todas as referências apresentadas pelos/as educadores/as no corpo principal do trabalho, seja para destacar os nomes das pessoas mencionadas, indicar a diversidade de menções ou para servir de base de dados para pessoas interessadas em buscar novas referências na área. Mantivemos as menções de acordo com o escrito por cada pessoa: assim, serão encontrados, além de referências pessoais, nomes de coletivos, grupos e institutos, além da menção de caráter mais amplo, como “agricultores/as” e “natureza”.

**Quadro 15. Principais referências em Permacultura dos/as educadores/as de PDC no Brasil**

(Continuação)

#	Nome	País	Quantidade de citações
13	<b>Masanobu Fukuoka</b>	Japão	<b>13</b>
14	<b>Guilherme Castagna</b>	Brasil	<b>12</b>
15	<b>Sérgio Pamplona</b>	Brasil	<b>11</b>
16	<b>Lúcia Legan</b>	EUA*	<b>10</b>
17	André Soares	Brasil	9
18	Marcelo Bueno	Brasil	9
19	<b>Agricultores/as</b>	-	6
20	Gardel Silveira	Brasil	6
21	Marcos Ninguém	Brasil	6
22	Cláudio Jacintho	Brasil	5
23	Frijot Capra	Áustria	5
24	Grupo Curare de Permacultura	Brasil	5
25	Johan van Lengen	Holanda*	5
26	Miguel Altieri	Chile*	5
27	Sepp Holzer	Áustria	5
28	André Santachiara Fossaluzza	Brasil	3
29	Arthur Nanni	Brasil	3
30	Djalma Nery Ferreira Neto	Brasil	3
31	Gaia University	Reino Unido	3
32	Gaston Tierra Martinez	Argentina	3
33	Jairo Restrepo Rivera	Espanha	3
34	João Rockett	Brasil	3
35	Jorge Belanco	Argentina	3
36	Lucas Lotufo Brant	Brasil	3
37	Otto Scharmer	Alemanha	3
38	Pupa Permacultura	Brasil	3
39	Alberto Barreto	Brasil	2
40	Bernd Walter Mueller	Alemanha	2
41	Biskuit	Brasil	2
42	Brad Lancaster	EUA	2
43	Buzz Holling	Canadá	2

<b>Quadro 15. Principais referências em Permacultura dos/as educadores/as de PDC no Brasil</b>			
(Continuação)			
<b>#</b>	<b>Nome</b>	<b>País</b>	<b>Quantidade de citações</b>
44	Cícero das Chagas	Brasil	2
45	Cláudia Visoni	Brasil	2
46	Cláudio Sanhotene	Brasil	2
47	Eugenio Gras	México	2
48	Felipe Pinheiro	Brasil	2
49	George Belizario	Brasil	2
50	Gernot Minke	Alemanha	2
51	Guillermo Gayo	Paraguai	2
52	Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC)	Brasil	2
53	Joanna Macy	EUA	2
54	John Croft	Austrália	2
55	Joseph Jenkins	EUA	2
56	Juliano Riciardi	Brasil	2
57	Lucas Ciola	Brasil	2
58	Luciana Kalil	Brasil	2
59	Mônica Carapeços	Brasil	2
60	Nádia Reciole	Brasil	2
61	Orlando Rivero	Venezuela	2
62	Paulo Campos	Brasil	2
63	Pedro Andrade Garcia	Brasil	2
64	Rede PermaPerifa	Brasil	2
65	Rob Hopkins	Inglaterra	2
66	Ross Mars	Austrália	2
67	Rudolf Steiner	Áustria	2
68	Thomaz Enlazador	Brasil	2
69	Yuri Almeida	Brasil	2
70	Zé Ferreira	Brasil	1
71	Adriana Galbiati	Brasil	1
72	Ali Shariff	Irã	1
73	Américo	Brasil	1
74	Ângela Sarastano	Brasil	1

**Quadro 15. Principais referências em Permacultura dos/as educadores/as de PDC no Brasil**

(Continuação)

#	Nome	País	Quantidade de citações
75	Arca Verde	Brasil	1
76	Associação Veracidade	Brasil	1
77	Bob Cannard	EUA	1
78	Buckminster Fuller	EUA	1
79	César Claro Trevelin	Brasil	1
80	Christopher Alexander	EUA	1
81	Cinara Sanches	Brasil	1
82	Cláudio Spinola	Brasil	1
83	Crawford Stanley Holling	Canadá	1
84	Cristina Brasileira	Brasil	1
85	DaTerra	Brasil	1
86	David Harvey	EUA	1
87	Desireé de Ferreira Moura	Brasil	1
88	Diogo Mantovelli	Brasil	1
89	Ecovila Terra Uma	Brasil	1
90	Eduardo Sevilla Guzmán	Espanha	1
91	Egydio Schwade	Brasil	1
92	Elinor Ostrom	EUA	1
93	Eliel Benites	Brasil	1
94	El Manzano	Chile	1
95	Emmanuel Khodja	Brasil	1
96	Espaço Natural	Brasil	1
97	Eugene Odum	EUA	1
98	Eugênio Paixão	Brasil	1
99	Fabiana Peneireiro	Brasil	1
100	Fábio Benitez	Brasil	1
101	Fábio Forgianari	Brasil	1
102	Fábio Macedo	Brasil	1
103	Fernanda Helena Palermo	Brasil	1
104	Francis Chaboussou	França	1
105	Francisco Lima	Brasil	1

<b>Quadro 15. Principais referências em Permacultura dos/as educadores/as de PDC no Brasil</b>			
(Continuação)			
<b>#</b>	<b>Nome</b>	<b>País</b>	<b>Quantidade de citações</b>
106	Gilberto Campos	Brasil	1
107	Gil Milanez	Brasil	1
108	Graham Bell	Reino Unido	1
109	Helder Valente	Portugal	1
110	Hiroshi Seó	Brasil	1
111	Holger Hieronimi	Alemanha	1
112	Humberto Maturana	Chile	1
113	Instituto Biorregional do Cerrado (IBC)	Brasil	1
114	Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA)	Brasil	1
115	Instituto de Permacultura do Paraná (IPEPA)	Brasil	1
116	Intuição pessoal	-	1
117	Irina Biletska	Ucrânia*	1
118	Isaías dos Reis	Brasil	1
119	Jailson Lara	Brasil	1
120	Jared Diamond	EUA	1
121	Javier Carrera	Equador	1
122	Jodi Roebuck	Nova Zelândia	1
123	Johann Wolfgang von Goethe	Alemanha	1
124	João Ambrósio	Brasil	1
125	João Figueiras	Brasil	1
126	João Paulo Becker Lotufo Júnior	Brasil	1
127	Joel Salatin	EUA	1
128	John Seed	Austrália	1
129	John Seymour	Reino Unido	1
130	José Albano	Brasil	1
131	José Pacheco	Portugal	1
132	Jorge Silva	Brasil	1
133	Juliana Faber	Brasil	1
134	Júlio Avanzo	Brasil	1
135	Ken Wilber	EUA	1
136	Leandro Sparrenberg	Brasil	1

**Quadro 15. Principais referências em Permacultura dos/as educadores/as de PDC no Brasil**

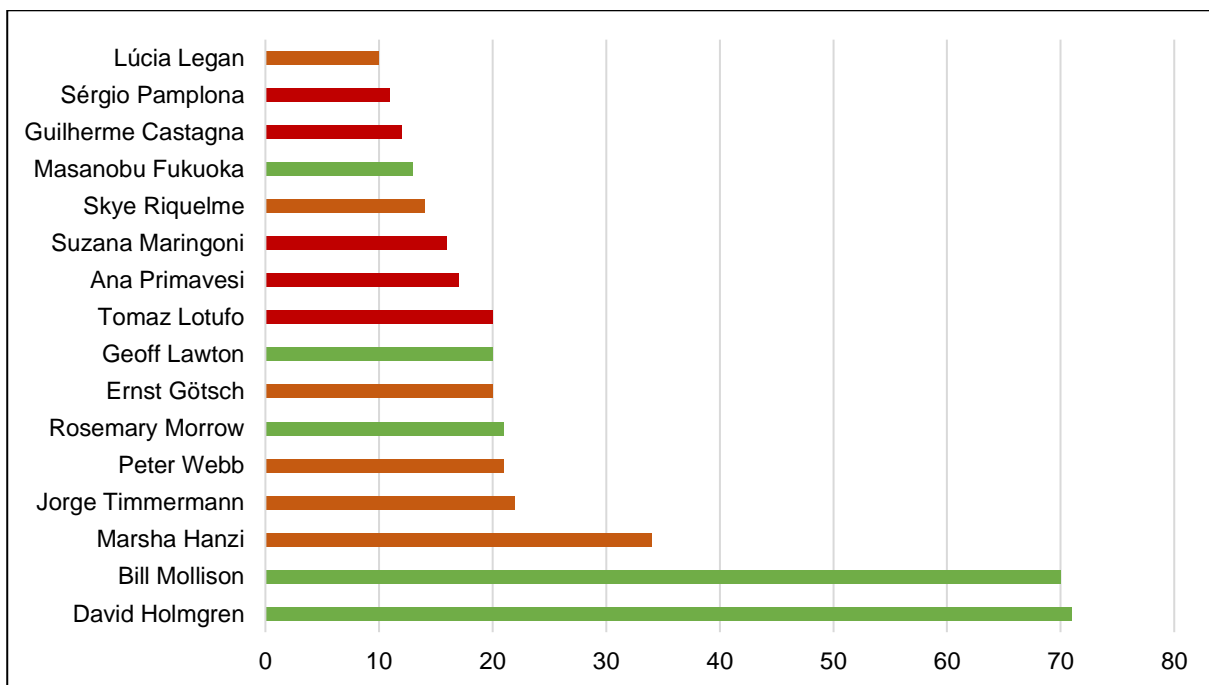
(Continuação)

#	Nome	País	Quantidade de citações
137	Leonardo Tannous	Brasil	1
138	Linda Woodrow	Austrália	1
139	Looby Macnamara	Reino Unido	1
140	Lucia Batt ragazore	Uruguai	1
141	Luciana Medeiros	Brasil	1
142	Luis Felipe Matheus e Silva	Brasil	1
143	Luiz Vieira	Brasil	1
144	Marcelo Sindeaux	Brasil	1
145	Marcelo Soares	Brasil	1
146	Marcelo Venturi	Brasil	1
147	Marcelo Tcheli	Brasil	1
148	Márcio Armando	Brasil	1
149	Marcos José de Abreu	Brasil	1
150	Marcos Tica	Brasil	1
151	Marcus Moraes	Brasil	1
152	Margaret Mead	EUA	1
153	Mário Fraga	Brasil	1
154	Marjory Mafra	Brasil	1
155	Marshal B. Rosenberg	EUA	1
156	Marshall Sahlins	EUA	1
157	Martin Ewert	Brasil	1
158	Michael Pollan	EUA	1
159	Milkwood Permaculture	Austrália	1
160	Mohamed Yunus	Bangladesh	1
161	Mokiti Okada	Japão	1
162	Murray Bookchin	EUA	1
163	Namastê Messershimidt	Brasil	1
164	Natureza	-	1
165	Nick Ritar	Austrália	1
166	Nir Kaplan	Israel	1
167	Núcleo Regional de Ofiologia (UFC)	Brasil	1

<b>Quadro 15. Principais referências em Permacultura dos/as educadores/as de PDC no Brasil</b>			
(Continuação)			
<b>#</b>	<b>Nome</b>	<b>País</b>	<b>Quantidade de citações</b>
168	Oscar Hidalgo Lopez	Colômbia	1
169	Paulo Bernarde	Brasil	1
170	Paulo Roberto Amaral Lencioni	Brasil	1
171	Paul Stamets	EUA	1
172	Peo	Brasil	1
173	Percival Alfred Yeomans	Austrália	1
174	Percy Ney Silva	Brasil	1
175	Pierre Clastres	França	1
176	Povos indígenas	-	1
177	Rafael Bueno	Brasil	1
178	Rafael Guerreiro Seraphim	Brasil	1
179	Rafaelle Mendes	Brasil	1
180	Ricardo Piva	Brasil	1
181	Robert Hart	Reino Unido	1
182	Rogelio Simbaña	Equador	1
183	Satish Kumar	Índia	1
184	Scott Pitman	EUA	1
185	Sebastião Pinheiro	Brasil	1
186	Sérgio Akira Adachi	Brasil	1
187	Sílvia Carvalho	Brasil	1
188	Silvio Calgaro	Brasil	1
189	Simon Velez	Colômbia	1
190	Sítio Beira Serra	Brasil	1
191	Sítio Igatu	Brasil	1
192	Stephen Gliessman	EUA	1
193	Steve Keen	Austrália	1
194	Surian dos Santos	Brasil	1
195	Taipal	Brasil	1
196	Francisco Ticote	Brasil	1
197	UniPermacultura	Brasil	1
198	Valdeci Canova	Brasil	1

Quadro 15. Principais referências em Permacultura dos/as educadores/as de PDC no Brasil			
(Conclusão)			
#	Nome	País	Quantidade de citações
199	Vandana Shiva	Índia	1
200	Vitor Lotufo	Brasil	1
201	Walmir Fachini	Brasil	1
202	Yogananda	Índia	1

Destacamos, aqui, pessoas que receberam mais de dez menções pelos/as educadores/as, apresentadas no gráfico abaixo (Figura 24)<sup>56</sup>



**Figura 24.** Principais referências em Permacultura para os/as educadores/as de PDC no Brasil.

Nossos dados nos mostram a importância das duas maiores referências em Permacultura na atuação dos/as educadores/as no Brasil: Bill Mollison e David Holmgren são mencionados por aproximadamente 70% das pessoas participantes da

<sup>56</sup> Utilizamos 3 cores para identificar as barras, de acordo com o seguinte padrão: **verde** – referências de outras nacionalidades; **vermelho** – referências brasileiras; **laranja** – referências de outras nacionalidades, mas que vivem no Brasil.



pesquisa. A seguir, destaca-se a figura de Marsha Hanzi, permacultora suíça que vive há décadas no interior da Bahia, responsável pela criação do Instituto de Permacultura da Bahia (IPB) e, posteriormente, do Epicentro Marizá, em Tucano. A seguir, são mencionadas outras pessoas de destacada e histórica atuação em Permacultura no Brasil: o argentino Jorge Timmermann e o australiano Peter Webb, ambos radicados no Brasil também há décadas – o primeiro com atuação destacada na região Sul do país, sendo o fundador do extinto Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro (IPAB), da Rede Permeiar de Permacultores e, atualmente, responsável pela Estação de Permacultura Yvy Porã, em Santa Catarina, ao lado de Suzana Maringoni, outra referência que se destaca no universo de citações; o segundo, também integrante da Rede Permeiar, atuante prioritariamente no estado de São Paulo.

A seguir, encontramos bastantes menções à Rosemary Morrow, permacultora australiana que se destaca pelo trabalho desenvolvido na formação de educadores/as de Permacultura e ações junto a refugiados/as em diversos continentes, com quantidade de menções semelhantes à Geoff Lawton, figura bastante atuante na Permacultura e apontado como um dos “maiores sucessores” de Bill Mollison, também da Austrália.

Ernst Götsch, suíço radicado no Brasil há décadas, surge como referência no meio, mesmo sem se denominar como permacultor. Ernst tem um brilhante e reconhecido trabalho com Sistemas Agroflorestais ou Agrofloresta, tendo criado, nos últimos anos, um novo campo de atuação, que batizou de Agricultura Sintrópica. Assim como ele, que não trabalha especificamente com Permacultura, é mencionada a engenheira agrônoma brasileira, nascida na Áustria, Ana Primavesi com seus magníficos trabalhos acerca do manejo ecológico de solo.

Também merece destaque as menções feitas a Tomaz Lotufo, Guilherme Castagna, Sérgio Pamplona e Suzana Maringoni, todos participantes da Rede Permeiar de Permacultores e com atuação de destaque em diferentes regiões do país e no exterior. Sérgio, atualmente responsável pelo Sítio Nós na Teia, em Brasília, em parceria com Mônica Carapeços, foi editor da Revista Permacultura Brasil nas décadas de 1990 e 2000; Tomaz e Guilherme têm sido importantes referências, especialmente no estado de São Paulo, com seus trabalhos na área de Arquitetura e Manejo de Água, respectivamente. Suzana, pedagoga, em Santa Catarina, destaca-se, principalmente, pela atuação na formação de educadores/as de PDC, sendo uma

das criadoras do Curso de Formação de Instrutores de PDC de Yvy Porã, trazendo uma base pedagógica muito bem fundamentada para esses espaços.

Ainda, há muitas menções à Skye Riquelme, permacultor australiano com ações em diversas áreas, sendo uma histórica referência da área e tendo acompanhado os primórdios da Permacultura na Austrália. Skye, em parceria com a permacultora Robyn Clayfield, é autor do livro “*Manual for Teaching Permaculture Creatively*” e, atualmente, atua no Ceará, numa importante ação em Permacultura em parceria com o poder público.

Masanobu Fukuoka, autor de “A Revolução de uma palha” e um dos grandes nomes da Agricultura Natural, também é mencionado várias vezes – ele é, inclusive, uma das referências dos próprios trabalhos desenvolvidos por Bill Mollison e David Holmgren.

Finalmente, destacamos a permacultora estadunidense Lúcia Legan, residente no Brasil há décadas, coordenadora do Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC), em Pirenópolis/GO. Ao lado de André Soares (que também recebe várias menções dos/as educadores/as), tem desenvolvido um extenso trabalho na área de educação em Permacultura, com publicações que tiveram alto alcance, como “A Escola Sustentável”.

Esses dados nos indicam que pessoas com notável e histórica atuação em Permacultura ou áreas afins são vistas como referência pelos educadores/as de PDC, as poderíamos considerar como clássicos da área, no sentido que Saviani (2012) atribui a esse termo, aquilo de caráter permanente, que resiste ao tempo.

### **II.2.5. Atuação como educador/a em PDCs**

A última seção deste capítulo busca fazer uma análise da atuação das pessoas participantes da pesquisa enquanto educadores/as em PDCs. Para isso, lançamos mãos de algumas informações na tentativa de identificar alguns padrões desse grupo. Essas informações provêm das perguntas “**Há quanto tempo atua como facilitador/a em PDCs?**”, dando as opções “*Menos de 1 ano/ Entre 1 e 5 anos/ Mais de 5 anos*”, “**Quantos PDCs participou como facilitador/a neste período?**”, com as opções “*1/ 2 a 5/ Mais de 5*”, “**Quando você fez seu primeiro PDC como**

aluno/a?” e “Com quem você fez seu primeiro PDC como aluno/a? (Indique quais grupos foram responsáveis e quem atuou como facilitador/a nesse curso).

Os primeiros dados que trazemos são relativos à data de realização do primeiro PDC como estudante. O gráfico abaixo (Figura 25) nos indica uma tendência a um maior número de educadores/as de PDCs que realizaram seus cursos como estudantes a partir de 2001, com notável aumento a partir de 2009, coincidindo com o período de popularização da Permacultura apontado por Ferreira Neto (2018).

Chamou-nos à atenção, também, a menção de que 10 dos/as educadores/as atuantes em PDCs no Brasil terem feito seu primeiro PDC, como estudante, em 2017, o que significa que essas pessoas começaram a atuar como educadores/as nos cursos menos de um ano depois de completar o curso.

Duas das pessoas entrevistadas disseram não ter participado de um PDC antes de atuarem como educadores/as, valor que consideramos baixo frente ao universo de pesquisa. Isso nos indica que, de forma majoritária, os/as educadores/as de PDC no Brasil já participaram de um curso completo como estudantes, concordando com a recomendação dada por diversos/as autores/as (PITTMAN, 2004a; MARINGONI, TIMMERMANN; PAMPLONA, 2018).

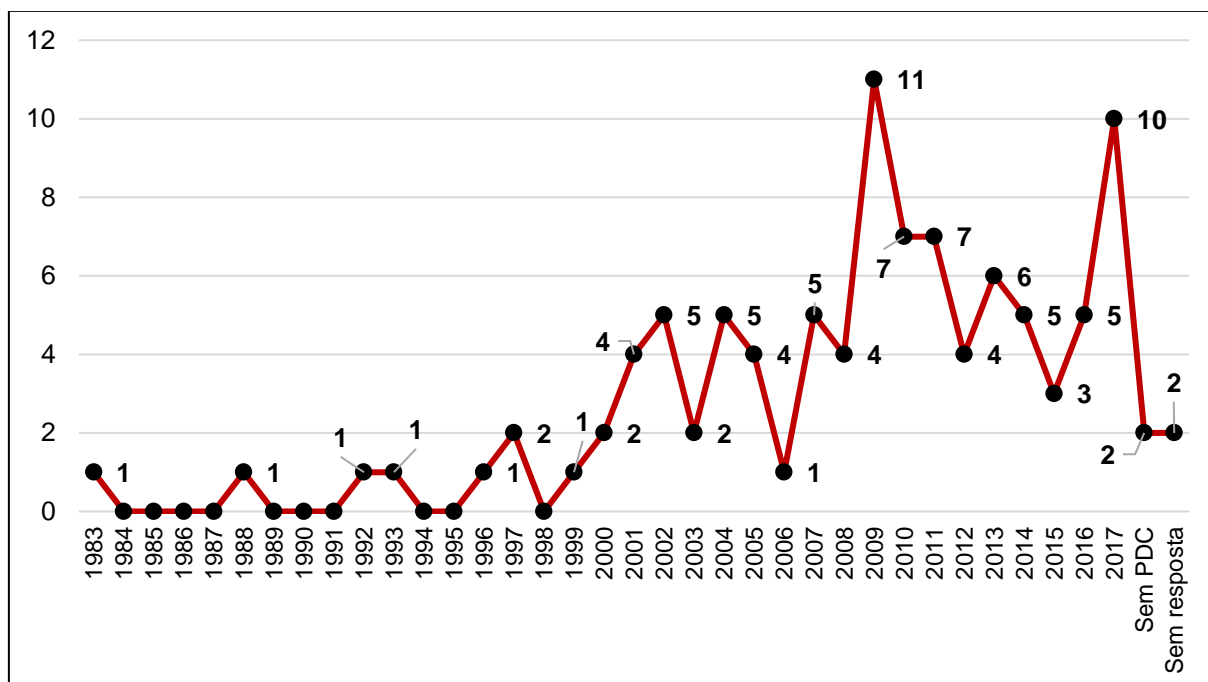


Figura 25. Ano de realização do primeiro PDC enquanto estudante.

Além da data de realização dos PDCs, gostaríamos de saber qual foi o grupo, coletivo, instituto ou permacultor/a responsável por esse primeiro curso realizado pelos/as educadores/as de PDCs no Brasil. Entendemos que a influência desse primeiro curso é intensa na atuação futura dessas pessoas, ainda mais num contexto como o brasileiro, onde são escassos espaços amplos de diálogo entre permacultores/as e sobre o próprio currículo dos cursos.

O quadro 16<sup>57</sup> nos mostra três principais atores responsáveis pela formação de permacultores/as que, posteriormente, viriam a atuar como educadores/as em PDCs: o **Grupo Curare de Permacultura**, o permacultor **Jorge Timmermann** e o **Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA)**.

O Grupo Curare de Permacultura, de Botucatu/SP, do qual faço parte, começou a atuar em 2009, ainda vinculado à universidade pública e sem ter sido “batizado”, com fundamental papel desenvolvido pelo permacultor Tomaz Lotufo como principal educador do curso. Ao longo dos anos, o próprio Tomaz foi nos estimulando a assumir, gradativamente, as aulas do PDC, num processo que seguia o seguinte padrão: participávamos de um PDC como estudante; a seguir, acompanhávamos o curso, integralmente, como observadores/as e fazíamos parte da Comissão Organizadora, ajudando a organizar alguma das aulas; depois, ficávamos responsáveis por alguma(s) das aulas, geralmente em duplas; finalmente, começávamos a atuar como educadores/as no curso.

A seguir, Jorge Timmermann, atuante em Permacultura no Brasil desde a década de 1990, tem um papel de destaque na formação de permacultores/as que atuam como educadores/as em PDCs. Jorge atuou em diversas regiões do país, como apontado, por exemplo por P14: “*Fiz meu primeiro PDC durante uma formação de professores do PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, junto aos agricultores do MST*”. Além dos PDCs regulares que oferecem em Yvy Porã, tivemos menções a cursos oferecidos nos estados do Rio de Janeiro, Ceará, Paraná e em diversas cidades de Santa Catarina. A contribuição de Jorge é ainda maior se

---

<sup>57</sup> Para organização do quadro, estabelecemos o seguinte critério: caso fosse feita menção a um grupo responsável pelo curso e ele estivesse listado no mapeamento que fizemos para o período de 2013 a 2017, registraríamos a menção a ele; caso fosse feita menção a um grupo responsável pelo curso, mas ele **não** estivesse listado no mapeamento, contabilizamos a menção aos/às educadores/as responsáveis indicados; caso fosse mencionado somente os nomes dos/as educadores/as responsáveis, sem menção ao grupo, a menção seria contabilizada a essas pessoas.

considerarmos sua atuação, em parceria com Suzana Maringoni, nos Cursos de Formação de Instrutores de PDC de Yvy Porã.

Por fim, outro grupo que se destaca é o IPEMA, em Ubatuba/SP, com 10 menções, um dos institutos mais longevos do Brasil. Os PDC no IPEMA, atualmente, são organizados por Surian dos Santos, Tomaz Lotufo, Hugo Dias da Silva e Leonardo de Britto, mas foram por ministrados, por muitos anos, por Marcelo Bueno e Skye Riquelme, duas figuras muito importantes no universo da Permacultura no Brasil.

Além desses três atores que destacamos, ressaltamos a atuação do IPEC, principalmente André Soares e Lúcia Legan. É também interessante notar que quatro educadores/as atuantes em PDCs no Brasil realizaram PDCs com Bill Mollison, fato que mostra a diversidade intergeracional, ou a influência de pessoas de todas os períodos da Permacultura no Brasil (FERREIRA NETO, 2018) nos PDCs atuais.

<b>Quadro 16. Grupo responsável pelo primeiro PDC do/a facilitador/a enquanto aluno/a</b>		
(Continua)		
<b>#</b>	<b>Facilitador/a</b>	<b>Quantidade de citações</b>
1	<b>Grupo Curare de Permacultura<sup>58</sup></b>	<b>16</b>
2	<b>Jorge Timmermann</b>	<b>15</b>
3	<b>Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica (IPEMA)<sup>59</sup></b>	<b>10</b>
4	Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC)	6
5	Bill Mollison	4
6	Geoff Lawton	4
7	Marcelo Bueno	4
8	Marcos Ninguém	4
9	Skye Riquelme	4
10	Suzana Maringoni	4
11	André Soares	3
12	Marsha Hanzi	3

<sup>58</sup> Nas menções feitas ao Grupo Curare de Permacultura consideramos, também, os PDCs oferecidos anteriormente ao grupo ser nomeado. Esses PDCs eram chamados de “PDC Moradia”, em alusão à Moradia Estudantil da UNESP, projeto de extensão ao qual os cursos estavam vinculados. Nesse período (2009-2014), deve-se destacar a atuação do permacultor **Tomaz Lotufo** como principal educador dos cursos.

<sup>59</sup> Os responsáveis pelos PDCs do IPEMA mudaram a partir de 2015. Antes disso, o curso era conduzido por Skye Riquelme e Marcelo Bueno.

**Quadro 16. Grupo responsável pelo primeiro PDC do/a facilitador/a enquanto aluno/a**

(Continuação)

#	Facilitador/a	Quantidade de citações
13	Thomaz Enlazador	3
14	Coletivo PermaSampa	2
15	Instituto Çarakura	2
16	Instituto de Permacultura: Organização, Ecovilas e Meio Ambiente (IPOEMA)	2
17	João Rockett	2
18	Lúcia Legan	2
19	Tomaz Lotufo	2
20	Ali Shariff	1
21	Andrew Jeeves	1
22	Ângelo Raiol	1
23	Carlos Miller	1
24	Caroline Schio	1
25	Coletivo Permacultores	1
26	Ecoescuela El Manzano	1
27	Fabio Benitez	1
28	Fábio Flecha	1
29	Gastón Tierra Martinez	1
30	Guilherme Permínio	1
31	Instituto Arca Verde	1
32	Instituto de Permacultura Cerrado-Pantanal (IPCP)	1
33	Instituto de Permacultura do Ceará (IPC)	1
34	Instituto de Pesquisas e Criação Taipal (IPC Taipal)	1
35	Instituto de Permacultura e Ecovilas dos Pampas (IPEP)	1
36	Javier Carrera	1
37	Joshua Campe	1
38	Juliana Faber	1
39	Kosha Joubert	1
40	Lea Harrison	1
41	Luciana Kalil	1
42	Marcos Marques	1
43	Max Lindegger	1

Quadro 16. Grupo responsável pelo primeiro PDC do/a facilitador/a enquanto aluno/a		
(Conclusão)		
#	Facilitador/a	Quantidade de citações
44	Morada da Floresta	1
45	Nova Oikos	1
46	Paul Mellet	1
47	Red de Guardianes de Semillas	1
48	Sandra Campe	1
49	Sérgio Borges Paim Pamplona	1
50	Sérgio Sandesh	1
51	UFCA	1
52	UFSC	1
53	Yuri Morais	1
54	Waleska Caldas	1

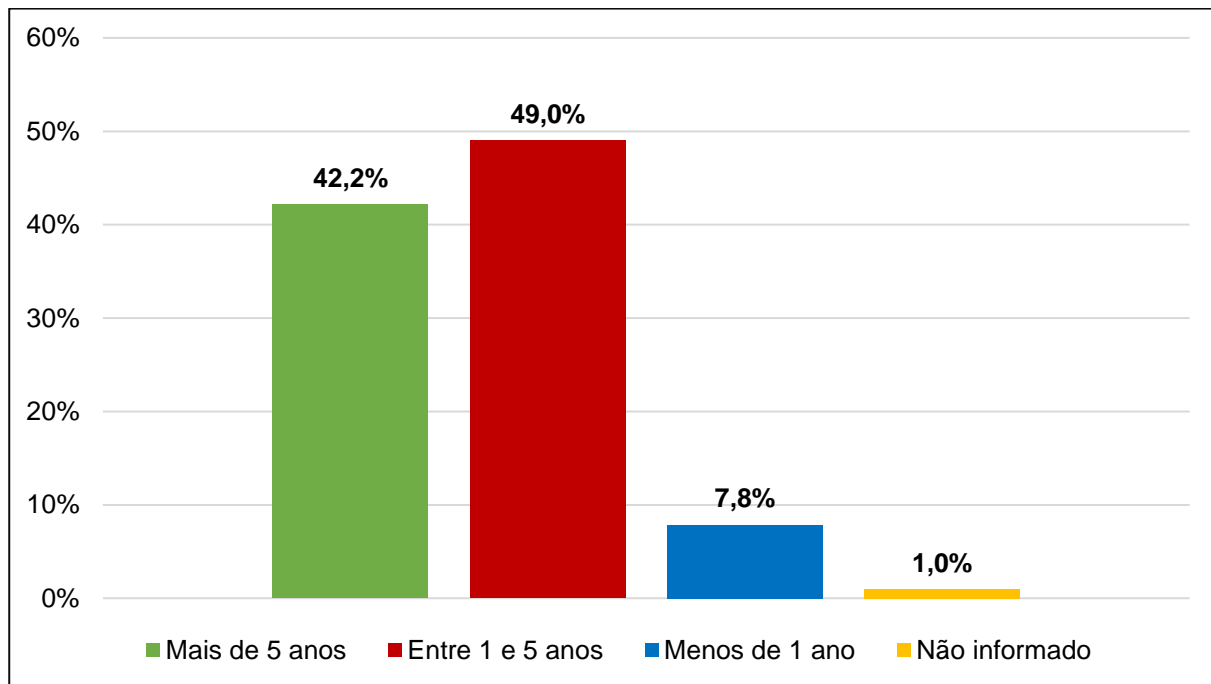
Avançando esta análise, veremos agora há quanto tempo os/as educadores/as têm atuado e em quantos PDCs trabalharam nesse período. Com essas informações, esperamos identificar qual o nível de experiência em PDCs dessas pessoas.

Nossos dados (Figura 26) indicam que quase a metade dos educadores/as atuam **há pelos menos um e no máximo cinco anos** (49,0%). Ainda, existe uma parcela de educadores/as que atua há **mais de cinco anos** (42,2%). Uma baixa porcentagem (7,8%) representa pessoas que atuam há menos de um ano em PDCs.

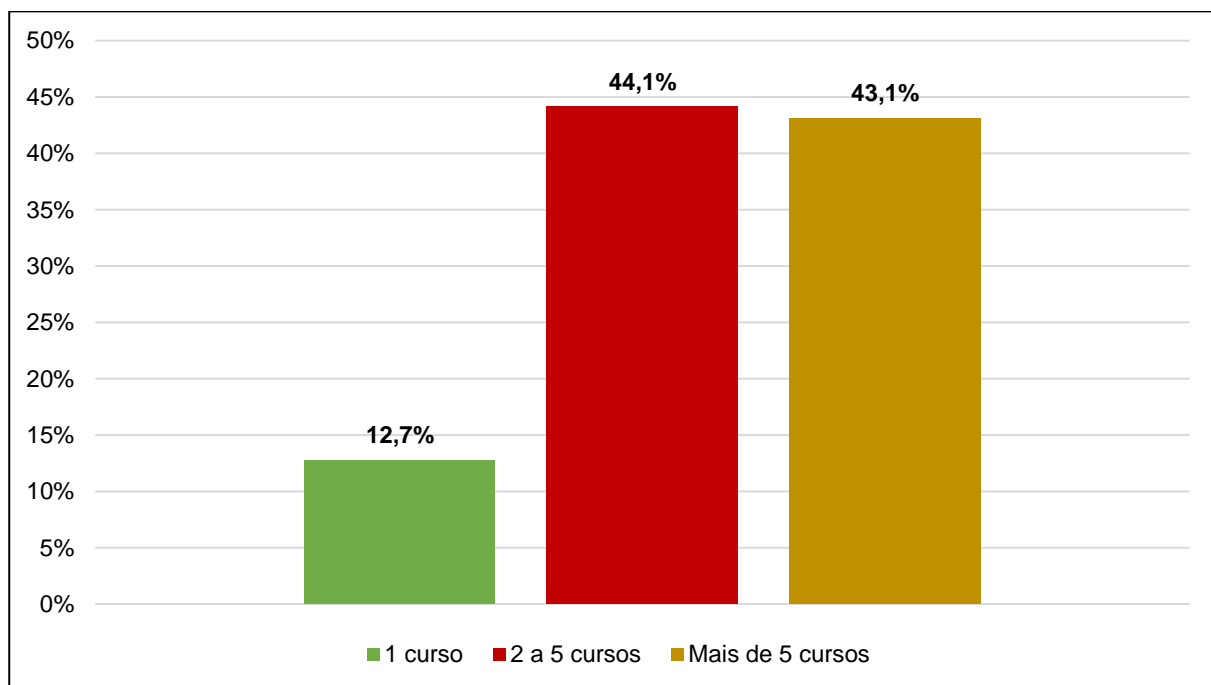
Quanto à quantidade de PDCs ministrados pelos/as educadores/as desde que começaram a atuar, somente **12,7%** deram aulas num único PDC. A maior parte dos educadores/as atuantes no Brasil já ofereceu **pelo menos dois PDCs**, sendo **44,1%** deles trabalharam entre dois e cinco cursos e **43,1%** em mais de cinco cursos (Figura 27).

A combinação desses dois conjuntos de dados nos mostra que predomina, no Brasil, a atuação de educadores/as com experiência considerável em PDCs, com atuação em mais de um curso e há, pelo menos, um ano. Isso pode nos indicar um amadurecimento desse papel e, ao mesmo tempo, um rejuvenescimento das pessoas que atuado na formação de novos/as permacultores/as. Novamente, aqui, vemos

pessoas que receberam influências de todas os períodos da Permacultura brasileira e internacional atuando como educadores/as nos PDCs atuais.



**Figura 26.** Tempo de atuação dos/as participantes da pesquisa como educador/a de PDC.



**Figura 27.** Quantidade de PDCs ministrados pelos educadores/as participantes da pesquisa.



## PARTE II

### Capítulo 3. Um mergulho nos Cursos de Formação de Educadores/as de PDCs no Brasil – e uma mirada às experiências no exterior

Os Cursos de Formação de Educadores/as de PDC não possuem um currículo pré-estabelecido, como nos casos dos PDCs. Porém neste capítulo, tentaremos detalhar essas iniciativas, tomando como base cursos oferecidos no Brasil e em outros países.

Os dados coletados para esta seção do trabalho são provenientes de **Observações Não-Participantes** nesses cursos realizadas em 2011, 2017 e 2018, além de **Entrevistas Não-Estruturadas** realizadas com os/as responsáveis por esses cursos (Apêndice 3).

Antes de trazermos esses dados, apresentamos os dados coletados junto aos/às educadores/as que responderam nosso questionário de pesquisa. Interessou-nos descobrir qual era sua opinião sobre os cursos específicos para a formação pedagógica de educadores/as de PDC. Com a pergunta **“Você julga como necessária uma formação pedagógica para sua atuação como facilitadores/as de PDCs? Por favor, explique-nos o porquê da sua resposta”**, encontramos que aproximadamente **70%** das pessoas participantes acredita ser necessária formação pedagógica para atuar como educador/a, ainda que muitos/as tenham indicado considerar necessário, mas que ela não deve ser um pré-requisito. Para esses/as, várias justificativas foram apontadas para sustentar que ela não deve ser um fator limitante à atuação docente.

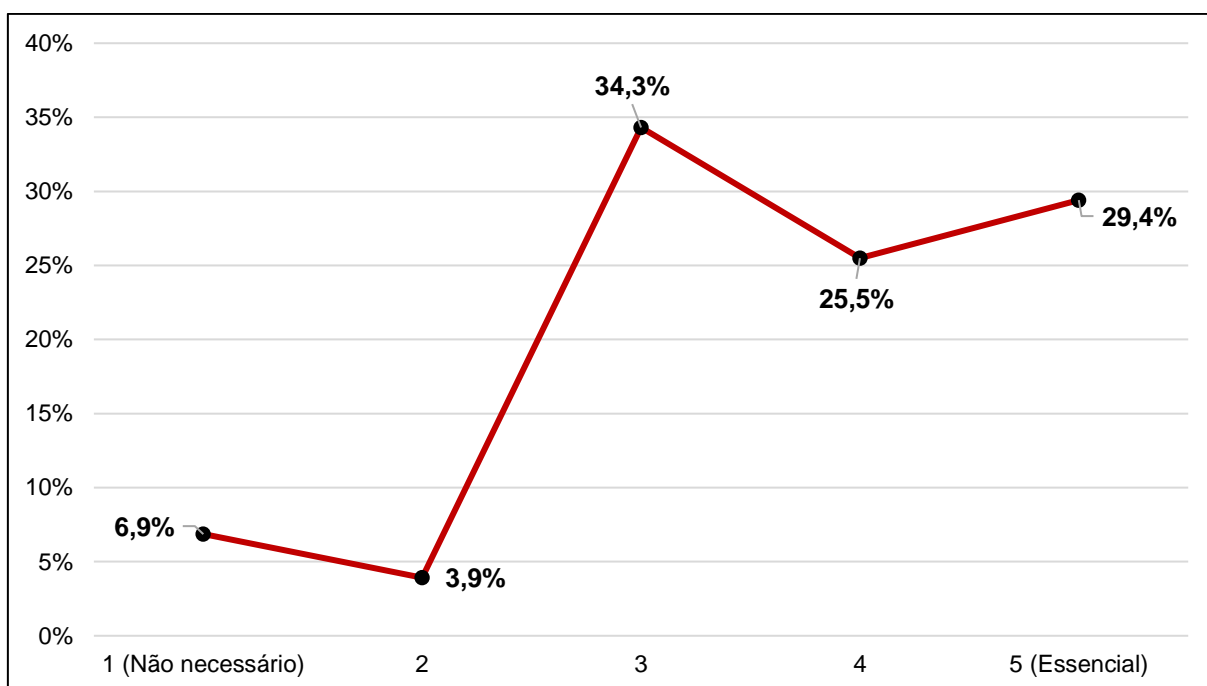
Em resumo, há pessoas que defendem que “Ensinar é algo intrínseco, um dom”, enquanto outras trazem que a “Formação se dá através da vivência prática no ensino ou em Permacultura”. Com apenas uma menção cada, as justificativas “Feriria o próprio caráter libertário da Permacultura”, “Formação autodidata” e “Distorceria a Permacultura” também são encontradas.

Ainda, **22 pessoas** relataram não ser necessária formação pedagógica para sua atuação enquanto educadores/as, com algumas justificativas similares às apresentadas pelas pessoas que a julgam necessária, mas não como pré-requisito. A síntese dessas respostas é exposta no quadro abaixo (Quadro 17):

Quadro 17. Você julga como necessária uma formação pedagógica para sua atuação como facilitador/a de PDCs?					
Resposta	Quantidade de citações	Descrição	Quantidade de citações	Justificativa	Quantidade de citações
Sim	74	Necessária	52	-	-
		Sim, mas não como pré-requisito	22	Ensinar é algo intrínseco, um dom	3
				Formação se dá através da vivência prática no ensino	10
				Formação se dá através da vivência prática em Permacultura	6
				Ferir o próprio caráter libertário da Permacultura	1
				Formação autodidata	1
				Distorceria a Permacultura	1
Não	22	Não necessária	-	Formação se dá através da vivência prática em Permacultura	6
				Todas as pessoas têm o dom de ensinar	1
				Não é necessária, mas ajuda	7
				A Permacultura deve ser disseminada de outra forma	2
				Dar mais atenção à Andragogia	1
				Nenhum tema específico necessita de formação de base	1
				Experiência pessoal mostrou não ser necessária	1
				Pode ser uma imposição	1
				É necessário ter vontade	1
Outras	4	-	-	-	-

Para entender um pouco melhor qual é essa percepção acerca da formação pedagógica pelos/as educadores/as, fizemos a seguinte pergunta a seguir: **“Na sua opinião, qual a importância de um curso específico de formação para facilitadores/as de PDCs?”**, oferecendo uma escala para marcação que ia de **1** (Não necessário) a **5** (Essencial).

Nossos dados mostram que há uma tendência (Figura 28), entre os/as educadores/as, a entenderem esses cursos como essenciais para a formação, ainda que o valor com maior quantidade de marcações seja o “3”. Certamente, podemos afirmar que é minoritária a opção de não haver necessidade de um curso desse formato. Entendemos que os/as educadores/as de PDCs tendem a serem simpáticos/as à realização de cursos específicos de formação pedagógica, ainda que uma parcela consideração não considere necessária qualquer tipo de formação pedagógica.



**Figura 28.** Nível de importância de um curso específico de formação pedagógica para facilitadores/as de PDC.

Com isso, olharemos com mais profundidade aos cursos de formação de educadores/as de PDC. Ao longo da minha trajetória na Permacultura, pude participar de dois cursos oferecidos no Brasil, em 2011 (quando acabara de dar minha primeira aula num PDC) e em 2018 (depois de anos de experiência nessa área), além de um curso oferecido na Itália, em 2017.

Quanto aos cursos realizados no Brasil, ambos tiveram formato similar, mas com algumas particularidades. Em 2011, estiveram reunidos 23 permacultores/as do Brasil (Figuras 29 a 32), num momento em que Rede Permeiar continuava ativa – dessas

pessoas, a maioria era integrante da rede, as quais indicaram outros/as participantes (YVY PORÃ, 2011). Assim cheguei a esse curso, através de uma indicação. A maior parte do grupo presente já possuía experiência na atuação como educadores/as em PDCs. Havia um caráter formativo nesse curso, mas seu principal objetivo foi elaborar, coletivamente, um currículo comum para os PDCs da Rede Permeiar.



**Figuras 29 a 32. A partir do canto superior esquerdo:** Participantes do I Curso de Formação de Instrutores de PDC, em Florianópolis/SC, 2011; participantes do IV Curso de Formação de Instrutores de PDC, em São José do Cerrito/SC, 2018; aula com o permacultor convidado Gardel Silveira, também em São José do Cerrito/SC, 2018; participantes do Curso de Formação de Instrutores de PDC, em Crato/CE, 2018 Acesso em: 25 ago. 2019. Fontes: <<https://yvypora.wordpress.com/2011/02/16/formacao-de-instrutores-de-pdc>> e <<https://yvypora.wordpress.com/2018/09/13/formacao-de-instrutores-2018>>

De acordo com um relato publicado no blog de Yvy Porã:

“Nestes dias discutimos alguns fundamentos da educação, de teoria de grupo e em especial os conteúdos propostos por Bill Mollison para o PDC. Fomos lendo, estudando, pensando, avaliando o curso, seguindo fiel à proposta de

Mollison, mas ampliando -a ao contexto do Brasil, discutindo os conceitos fundamentais de cada etapa, objetivos etc. Um trabalho e tanto, que o grupo encarou com alegria e responsabilidade” (YVY PORÃ, 2011).

Esse primeiro curso de 2011, na verdade, já é resultado de uma longa história de trabalhos coletivos dessa rede. Em entrevista realizada para este trabalho, uma das organizadoras do curso dizem que:

*“Acho que é assim, André, esse curso, como ele está formado hoje, ele vem de uma história que tem, pelo menos, 15 anos, 2002, é? Por aí, 2000, 2002. No começo, que foi inclusive o que originou a Permeiar, foi uma preocupação com a parte pedagógica de quem estava dando o PDC.*

*Aí então eu comecei a fazer umas formações pedagógicas, que era um curso que era dado só por mim, eu acho que isso começou em 98 acho que começou... Não, 2000, 2001 e 2002, que foram cursos que tinham como enfoque a questão, só a parte pedagógica. O que que era fazer o manejo de grupo, o que que era trabalhar com as emoções das pessoas, como era planejar uma aula (...)*

*Isso foi um caminho, que foi o embrião do curso como ele é hoje. Depois, começou a aparecer a preocupação pela seriedade dos PDCs. Tinha moçada que terminava o PDC e saia super entusiasmada, com uma intenção muito legítima e ingênua. Era uma intenção legítima de divulgar a permacultura, mas absolutamente ingênua de sair dando PDC e começaram as mutilações do PDC. (...)*

*E aí, a gente foi juntando as duas coisas. Então, os primeiros cursos de formação, que você fez, ou falar da segunda leva dos cursos de formação, foi um daqueles que você fez, foi um dos que começou, e a gente trouxe o material elaborado por aquelas ações pedagógicas de 2001, 2002, 2003, a gente ressignificou naquele encontro de 2013<sup>60</sup>, que foi quando você fez o curso, que foi trazer o que aqueles permacultores tinham discutido, foi rediscutido o curso. De lá pra cá, esse curso se estruturou. Então, o curso que a gente vem trabalhando, ele vem passando por processos, vem passando por dinâmicas. Começou com a preocupação pedagógica, depois com a seriedade do conteúdo que está dando, e hoje a gente pode dizer que esse curso junta as duas coisas, inclusive uma parte que a gente chama... Quase que foi de administração de um PDC” (E5).*

Já em 2018, a presença de pessoas com menor ou sem nenhuma experiência como educador/a em PDCs foi maior. Foram 17 pessoas participantes, também de diversas partes do país e convidadas a partir de indicações de outros/as permacultores/as. Nessa edição, predominou o caráter formativo, tendo como base o currículo elaborado pelos/as participantes do curso de 2011. Além disso, foi adicionada uma etapa à distância antes do curso, com duração de 20 horas, com a

---

<sup>60</sup> Nota: participei do curso em 2011, não em 2013, como mencionado pela entrevistada.

utilização da plataforma de uma rede social para debate dos conteúdos, os quais eram prioritariamente ligados à área de educação.

Além dessa edição do curso que pude participar, outra edição foi organizada na região do Cariri, em Crato/CE, também em 2018, com a participação de 22 pessoas:

“Este é o curso “PDC, medos, instrumentos e desafios”, que busca respaldar e dar ferramentas para instrutores de curso PDC. O grupo que se forma é composto exclusivamente por permacultores convidados, por nós, ou permacultores sérios e conhecidos que devem estar dentro dos critérios estabelecidos: ter feito um PDC reconhecido (com currículo do *Syllabus*), ter pelo menos dois anos de trabalho e prática em permacultura. O curso propõe 20 horas on-line, na modalidade EAD, com atividades e fóruns, e depois mais 80 horas presenciais, onde o estudo e as discussões sobre os conceitos fundamentais de cada bloco do *Syllabus* vão ampliando a visão do curso PDC. O grupo de instrutores organiza, planeja, e desenvolve os trabalhos coordenados por Suzana e Jorge, e contando com a participação de Gardel Silveira e Pedro Marcos Ortiz” (Yvy Porã, 2018).

O Curso de Formação de Instrutores de Yvy Porã, em São José do Cerrito/SC, em 2018, contou com 90 horas de atividades presenciais, num formato de imersão. O eixo norteador do curso foi o Manual do Curso de Design em Permacultura (MOLLISON; SLAY; JEEVES, 1985), ou *Syllabus*, com uma versão traduzida para o português exclusivamente para utilização didática. A cada dia trabalhamos uma ou duas seções do currículo, com a orientação de fazermos uma leitura prévia, à noite, dos conteúdos do Manual e estudo dos mapas conceituais elaborados pela Rede Permeare, que seriam temas das aulas no dia seguinte.

Em relação ao conteúdo do curso, a entrevistada explica que:

*“A parte pedagógica trabalha com manejo de grupo, leitura de grupo, planejamento de aula, organização de tempos, toda essa parte pedagógica. O administrativo é mais ou menos uma, são duas aulas de uma hora, duas horas de discussão, tem uma parte on-line, a gente trabalha no curso agora, que dá 10 horas que a gente trabalha on-line antes do curso, e as aulas têm sido divididas assim, a proposta das aulas é uma coisa que é assim: bom, este conteúdo, eu dou este conteúdo assim, blablabla, passa super rápido esse conteúdo. E aí fala, “tu dá esse conteúdo assim por quê?”, os conceitos fundamentais desse bloco são esse, esse e esse, e aí vem uma parte de dúvidas. É mais ou menos assim que está funcionando” (E5).*

Abaixo (Quadro 18), apresentamos os conteúdos trabalhados no curso:

<b>Quadro 18.</b> Currículo do IV Curso de Formação de Instrutores de PDC de Yvy Porã (2018)		
(Continua)		
<b>Dia</b>	<b>Tema</b>	<b>Estudo prévio</b>
<b>1</b>	Apresentação dos/as participantes e do espaço	“Introdução”, “Ética e Princípios da Permacultura” e “Princípios dos sistemas naturais (Ecologia)”
	Educação e Permacultura	
<b>2</b>	Introdução e história da Permacultura	“Padrões”, “Perfil clássico da paisagem nos diferentes climas” e “Metodologia de Design”
	Ética e princípios da Permacultura	
	Princípios dos sistemas naturais (Ecologia)	
<b>3</b>	Padrões	“Ecologia cultivada”
	Perfil clássico da paisagem	
	Metodologia de design	
	Teorias da aprendizagem	
<b>4</b>	Ecologia Cultivada ( <i>com Gardel Silveira e Pedro Marcos Ortiz</i> )	“Aquacultura e Maricultura” e “Gerenciamento da vida selvagem”
<b>5</b>	Aquacultura e Maricultura ( <i>com Gardel Silveira</i> )	“Design para catástrofes” ou “Design e eventos extremos”
	Gerenciamento da vida selvagem e controle de “pragas” biológicas	
	Permacultura em cidades	
<b>6</b>	Gestão de grupos	Solos” e “Arquitetura”
	Design para catástrofes	
	Água	
<b>7</b>	Solos	“Energia” e “Estruturas invisíveis” ou “Sociedade e Permacultura”
	Arquitetura apropriada	
<b>8</b>	Energia	Preparação da apresentação final
	Estrutura invisíveis	
	Administração de um PDC	
	Exercício final: planejando um PDC	
	Celebração	
<b>9</b>	Apresentação dos trabalhos finais: Propostas curriculares para PDCs	

Ao longo das aulas, quando discutíamos os conteúdos de cada um desses temas, eram propostas diversas metodologias de ensino. Trabalhos em grupo, debates, estudos dirigidos, dinâmicas, utilização de representações gráficas e maquetes, saídas de campo etc. Os conteúdos específicos dos PDCs foram

permeados por conteúdos da área de educação, alinhados com uma base teórica construtivista<sup>61</sup>:

*“De bibliografia a gente trabalha muito com Paulo Freire, Perrenoud, que trabalha com a base da aprendizagem por competências, isso a gente tem trabalhado bastante, e também temos trabalhando bastante com um enfoque dado pelo Fernando Hernandez, com a coisa do trabalho por projetos, ou seja, você trabalhar em cima de uma forma mais construtivista, mas aí você poderia ir para Piaget, parara, parara, parara, parara, até lá atrás. Basicamente são esses os que a gente trabalha. Claro que aí eu vou pegar, nessa coisa construtivista, a gente vai pegar textos mais digeríveis para quem não é da área de educação. Por exemplo, a gente pega fragmentos do Rubem Alves, pega fragmentos do Paulo Freire, pra você ir dando esse show antes” (E5).*

Além de E5, outros permacultores convidados eram os principais responsáveis por aprofundar os estudos nos conteúdos específicos em Permacultura; constantemente, porém, compartilhavam experiências didáticas que tiveram. Ao comentar seu ponto de vista sobre a atuação docente, E4 explica que:

*“Então, o professor, para nós, em qualquer atividade, não só em permacultura, tem que ser uma pessoa que convença os outros que vale a pena pensar assim, que vale a pena viver isso. E não um conjunto de regras, um conjunto de técnicas, uma forma de ver, de vivenciar e de viver. Então, nos interessa muito mais pensar, no caso, um curso de formação de professores, que as pessoas saiam motivadas, que saiam com força, que saiam, como se diz agora, empoderadas, todos os adjetivos que queremos colocar, para dizer “Vamos construir uma sociedade que consiga se instalar, se manter nesse planeta, apesar de todas essas bobagens que estão acontecendo (...).*

*É uma atitude libertária frente à educação, uma atitude libertária frente à vida do dia-a-dia. Então, a permacultura como conteúdo é libertário. A pedagogia que vai por trás, na verdade é isso, utilizada no curso, deve ser libertária também. Então, tem que permitir que a pessoa se aproprie do que você está falando, o internalize, o converta em “isso sou eu e agora vou falar do que eu sou ou do que eu proponho que sejamos”.*

*O curso podemos mudar, podemos ir evoluindo no tempo, mas a intenção de fundo é sempre essa, passar essa vontade de que vale a pena trabalhar esse tema, ser a mudança do mundo. Isso é bem gandhiano, né, de Gandhi. Conhecer a você a mudança que você está falando. Então, nós estamos aqui e, cada um de nós, no seu manejo, seremos uma massa crítica de mudança, não uma coisa que se vê nesses outros livros, parece que você tem que*

---

<sup>61</sup> Apesar da base construtivista predominante, houve grandes intersecções com propostas mais críticas da educação, com a utilização de referências como Paulo Freire. Apesar de mencionados, os conceitos de habilidades e competências não eram tão enfatizados – como acontece, por exemplo, no curso organizado pela permacultora Rosemary Morrow. A ênfase dada aos conteúdos me sugeriu uma aproximação com a Pedagogia Histórico-Crítica, apesar de essa referência não ter sido mencionada.





Outro estudo de caso possível nesta pesquisa foi um curso realizado no exterior (Figura 34), que pude participar em maio de 2017, em Stremiz, na Itália, durante meu período de intercâmbio na Universidade de Santiago de Compostela, campus de Lugo (Espanha). Este curso, desenvolvido inicialmente pela permacultora australiana Rosemary Morrow, tem sido ofertado em diversos países por ela ou, como neste caso específico, por educadores/as que atuaram com ela em edições anteriores e, agora, tem assumido a condução dos cursos. Isso tem acontecido devido à distância que Rosemary teria que percorrer a partir da Austrália, a sua atuação prioritária em ações em Permacultura junto a refugiados/as e a sua idade já avançada. Rosemary é uma figura muito importante na promoção da Permacultura, apontada, também no Brasil, como uma das maiores referências na área.

Os conteúdos trabalhados nesse curso estão sistematizados em publicação homônima, com especial foco às metodologias de ensino que podem ser utilizadas ao longo de um PDC. Além disso, essa publicação dialoga com outra, que tem como foco os conteúdos específicos de Permacultura trabalhados nos PDCs, o *Earth User's Guide to Teaching Permaculture* (2014).



**Figura 34.** Participantes do curso *Permaculture Teaching Matters* (PTM), em Stremiz, Itália, de 8 a 14 de maio de 2017.

A edição do curso PTM que pude participar não foi conduzida por Rosemary Morrow, mas por permacultores/as atuantes no ensino de Permacultura na Europa. Ele teve duração de 56 horas e foi realizado em formato de imersão.

Ao contrário do curso oferecido no Brasil, no PTM observamos um distanciamento maior entre forma e conteúdo. Ele é especialmente voltado a discussão de metodologias de ensino, gestão de grupos e administração do curso. Os conteúdos do PDC permeiam as discussões e são utilizados em exercícios práticos, mas não debatidos em profundidade.

Aqui, também é realizado um trabalho final em grupo de elaboração de um cronograma de PDC (Figura 35) – porém, não há indicação de quais currículos-base devem ser usados. Nesse sentido, o curso permitiu uma troca de ideias bastante interessante entre os/as participantes, pois vínhamos de diferentes contextos e carregávamos conosco nossa percepção de qual seria o currículo “oficial” de um PDC.



**Figura.** Apresentação do trabalho final do curso, uma proposta de cronograma de PDC.

Os conteúdos trabalhados neste curso são apresentados no quadro abaixo, em tradução livre para a língua portuguesa (Quadro 19). Percebe-se a diferença na

estruturação curricular: enquanto que nos cursos oferecidos no Brasil os conteúdos específicos do PDC são os eixos norteadores das aulas, aqui os conteúdos relacionados à metodologias de ensino, gestão de grupos e administração do curso são os fios condutores; os conteúdos específicos são trabalhados rapidamente nas seções “Miniaulas”, que eram sessões nas quais os/as participantes ensinavam um determinado conteúdo do PDC. O tempo disponível para cada apresentação aumentava ao longo da semana:

<b>Quadro 19.</b> Currículo do curso <i>Permacultura Teaching Matters</i> (PTM) (MORROW, 2015)			
(Continua)			
<b>Dia</b>	<b>Tema</b>	<b>Sessão</b>	<b>Conteúdos</b>
1	Construindo uma Comunidade de Aprendizagem	1	Cuidado com as pessoas: bases para o trabalho coletivo
		2	Como construímos nossa comunidade de aprendizagem
		3	Fatores que afetam os/as estudantes
		4	Como um PDC é ensinado
		Noturna	Ética, princípios, estratégias e técnicas
2	Estudantes adultos/as	1	Pioneiros/as na aprendizagem de pessoas adultas e cultura
		2	Perfil de nossos/as estudantes
		3	Estilos de aprendizagem de pessoas adultas
		4	Teorias de aprendizagem O que sabemos sobre aprendizagem Miniaula I
		Noturna	Trabalho sobre o PDC ou Uso de vídeos e filmes como um método de ensino
3	Educadores/as eficientes e boas práticas de ensino	1	Qualidades e papéis de facilitadores/as efetivos/as
		2	Linguagem e comportamento corporal
		3	Monitoramento e avaliação
		4	Miniaula II
		Noturna	Revisão de algum tópico OU Comportamentos desafiadores para facilitadores/as
4	Métodos de ensino	1	Avaliação da 1ª metade do curso Introdução aos métodos de ensino
		2	Questionando
		3	Dinâmicas do curso, de cada dia e dos exercícios Miniaula III
		4	Monitorando as miniaulas
		Noturna	Trabalho sobre o PDC e miniaulas

Quadro 19. Currículo do curso <i>Permacultura Teaching Matters</i> (PTM) (MORROW, 2015)			
(Conclusão)			
Dia	Tema	Sessão	Conteúdos
5	Ferramentas de ensino	1	Trabalho em grupo: Tamanho dos grupos e eficiência na aprendizagem
		2	Introdução às ferramentas de ensino
		3	Avaliação avançada Miniaula IV
		4	Estrutura e dinâmica do PDC
		Noturna	Trabalho sobre o PDC
6	Encerrando o PDC	1	Revisão do curso
		2	Responsabilidades dos/as educadores/as no último dia
		3	Apresentação das propostas de cronogramas dos PDCs
		4	Avaliação do curso Estado da acreditação de diplomas
		Final	Entrega de certificados e encerramento

Na entrevista realizada com as pessoas responsáveis pelo curso, podemos notar que o PTM tem como foco de atuação a forma como ensina. E1 diz que:

*“Eu concordo e adiciono que acredito que há muitos/as educadores/as ou potenciais educadores/as que também precisam de mais confiança ou, se eles/as tivessem mais confiança iriam começar a ensinar. Ou, talvez, eles/as tenham confiança, mas não possuam muitas ferramentas e/ou boa metodologia. Então, se eles/as têm deficiência em uma dessas duas questões, confiança e habilidades, então este é um curso realmente poderoso e que pode ter um efeito multiplicador na disseminação da Permacultura, tanto para a quantidade de educadores/as aptos/as a atuar, organizando e dando cursos, quanto para os/as educandos/as, na qualidade da educação em Permacultura que eles recebem e o que eles/as fazem com isso quando terminam o curso e veem a sociedade” (E1).*

Por outro lado, E2 diz que somente desenvolver as habilidades e confiança não é suficiente, enfatizando a importância do conhecimento técnico: *“também o fato que é muito importante que o/a educador/a transmita o tópico e o núcleo do tópico, aquilo que se deve saber do tópico da forma correta. Porque você também pode ter efeitos perigosos” (E2).* A seguir, ela enfatiza que este momento histórico, diferentemente dos primórdios da Permacultura, exige uma boa formação de educadores/as:

*“É diferente da época de Mollison quando todo mundo podia ensinar e o feedback era “OK, se você tem muitos/as estudantes você é bom/boa, se tem poucos/as estudantes é ruim”. Além disso, somente a história pode dizer se você é um/a bom/boa educador/a ou não. Agora, eu vejo que a Permacultura está espalhada em todos os lugares do mundo e tem um grande papel na mudança da nossa forma de pensar e na transformação na forma como gerenciamos nosso planeta e recursos, e eu acho que é um desafio, uma necessidade termos educadores/as bem formados/as” (E2).*

E3, por sua vez, enfatiza que não necessariamente um/a bom/boa permacultor/a será um/a bom/boa educador/a:

*“Sim, quero dizer, eu também acho, em geral, que as pessoas que fazem um PDC ou que tem um projeto em desenvolvimento ou que já vem fazendo um projeto por muitos, muitos anos e, então, decidem ensinar em um PDC, dizem “Bem, eu posso ensinar isso, porque eu acho que é importante”. Não é sempre o caso... Não é sempre o caso que a pessoa é boa em transmitir isso. Então, é como se... Não é como se todas as pessoas pudessem fazer tudo. Eu posso ser muito bom em cuidar da terra e trabalhar com animais, mas...” (E3).*

Os/as entrevistados/as dizem não acreditar que um curso de formação de educadores/as específico para o PDC seja algo obrigatório para a atuação docente. Entretanto, dizem que esse tipo de curso ajudaria muito, especialmente para pessoas com pouca experiência em educação e ensino.

Por fim, perguntei aos/às entrevistados/as quais eram as referências que utilizavam como base para a elaboração dos currículos de seus PDCs. Aqui, diferentemente do que vemos no Brasil, não foi mencionado o Manual do Curso de Design em Permacultura (MOLLISON; SLAY; JEEVES, 1985), o *Syllabus*. O livro *“Permaculture: a designers’ manual”*, porém, foi citado (MOLLISON, 2009), assim como a publicação de Robyn Francis, o *“Permaculture Design Course Handbook”* (FRANCIS, [2008]), as publicações de Rosemary Morrow (MORROW, 2006; 2014) e o da Permaculture Association Britain (2018). Eles/as ainda enfatizam que:

*“Na Partnership for Teaching Permaculture, nós conversamos muito sobre o programa, o currículo do PDC, e os/as permacultores/as da Europa entendem que 75-80% (do conteúdo) deve ser do PDC para que esse curso receba tal nome, e os outros 20-25% devem se relacionar ao contexto da região, ao território que você está. Além disso, nós preparamos uma pesquisa sobre os conteúdos nucleares do PDC e perguntamos aos/às educadores/as quais eles achavam que eram os itens mais importantes” (E2).*

Outra diferença considerável para o contexto brasileiro, segundo os/as entrevistados, é que é necessário possuir um diploma reconhecido por uma associação de permacultura para que possa atuar como educador/a em PDCs. Apesar desse contexto, E2 relata ter dúvidas se esse é o melhor caminho a seguir.

A seguir, nossa conversa caminhou no sentido de discutir as especificidades da Permacultura na Europa, como ela tem se organizado.

Nossos dados, por fim, indicam-nos que as discussões e oferecimento de cursos específicos para a formação de educadores/as de PDC tem crescido no mundo todo, entendendo que vivemos um contexto bastante diferente daquele no qual a Permacultura e os PDCs foram criados. Assim, apesar de não entendermos esses cursos como uma obrigatoriedade para a atuação como educadores/as em PDCs, consideramos que essas iniciativas são extremamente positivas para a formação pedagógica das pessoas que desempenham esse papel.

Esse movimento dialoga com nossa compreensão de que a educação e o trabalho educativo têm sua própria natureza e especificidade e, como tal, necessitam de estudos e desenvolvimento profissional, assim como qualquer outra área de atuação.

Apesar de avaliarmos os cursos oferecidos no Brasil como mais completos e coerentes com os referenciais teóricos em educação que utilizamos, consideramos outras propostas formativas, como a do PTM, importantes para a promoção do ensino de Permacultura com qualidade.

## PARTE II

### Capítulo 4. Quem ensina quem ensina Permacultura?

O último capítulo desta parte do trabalho analisa a formação em Permacultura e Educação das pessoas que atuam como educadores/as em PDCs no Brasil. Para isso, tomamos como base respostas fornecidas ao questionário de pesquisa, além de entrevistas realizadas por pessoas responsáveis por cursos de formação pedagógica para educadores/as de PDC no Brasil e em outros países.

De forma sintética, depois do mergulho na formação de educadores/as de PDCs, entendemos ser essencial uma formação de caráter pedagógico para essa forma de atuação, assim como para qualquer tipo de atividade docente. Vemos, porém, que os caminhos que podem contribuir para essa formação são muito diversos, entendendo que a formação acadêmica e participação em cursos específicos para formação de educadores/as de PDC, um dos objetos de estudos deste trabalho, não são as únicas opções que devem ser consideradas válidas.

Aqui, concordamos com P79, que defende *“Acredito que não exista um único caminho a ser percorrido, pois isto desconsidera toda uma complexidade de contextos, concepções políticas e formas de percepção diferentes”*. Por outro lado, discorre sobre os riscos que essa forma de pensar pode trazer, da qual também compartilhamos:

*“Defender um processo único ou mínimo de capacitação para um PDC subentende a criação de uma normatização e, conseqüentemente, de alguma instituição reguladora e “fiscalizadora”. Se isso acontece, há a perda da autonomia dos grupos em se autogerirem, lidarem com seus contextos específicos e de inovarem. Querer uma autonomia também para compartilhar o saber da Permacultura implica em sabermos lidar com as decorrências disso, citando, por exemplo, sua banalização, cursos pouco comprometidos, pessoas sem ética - cuidado com as pessoas - sua elitização entre outras. Mesmo porque, vejo na Permacultura uma filosofia ativa, de criação de novos mundos e é para isso que devemos canalizar nossa atuação e não em reatividade, combatendo quem não segue o mesmo “ideal” de Permacultura” (P79).*

Ao perguntarmos aos/as educadores/as atuantes em PDCs no Brasil quais seriam esses caminhos, encontramos respostas bastante diversas. O padrão que



mais observamos nas respostas é o de que se deve ter experiência com ações concretas em Permacultura. Além disso, vários/as participantes da pesquisa indicaram ser recomendável ter participado e acompanhado alguns PDCs antes de assumir o papel de educador/a.

P99, nesse sentido, indica que, apesar de considerar importante a realização de cursos de formação para atuar como educador/a, reforça ser essencial realizar uma série de vivências ao longo do tempo, entendendo que esse é um processo formativo gradual: *“Cuando hablamos de necesidad de cursos, es súper importante, pero en un proceso de tiempo gradual en el cual las personas puedan ir participando durante un tiempo interesante sobre esas experiencias que le nutran desde la vivencia, y no solo desde visiones netamente teóricas”*.

P1 e P26 reforçam que, apesar de não existir um único caminho possível, algumas questões são nucleares nesse processo. Segundo P26, *“(...) os únicos requisitos universais para alguém atuar como facilitador em um PDC seja que essa pessoa tenha alguma experiência prática, atue há algum tempo, saiba do que está falando, e já tenha tido algumas experiências pedagógicas anteriores para garantir que sabe como lidar e conduzir aulas e oficinas”*. P1, num mesmo sentido:

*“Mas acho senso comum, que a pessoa deve ter uma vivência prática em Permacultura, deve amar o estudo contínuo e a discussão e prática dos temas relacionados aos conteúdos, deve ter passado por alguns PDCs como aluno e/ou estagiário e, finalmente, facilitador participante de uma equipe de facilitadores, antes de se responsabilizar por um PDC” (P1).*

A necessidade de ter feito um PDC para ter a compreensão da totalidade do curso, e não somente de partes específicas de seu conteúdo, é outro item reforçado por muitos/as participantes da pesquisa. P102 menciona que *“o PDC é um curso de um método específico, logo o grosso do conteúdo e sua organização metodológica deve ser realizada por pessoas que ao menos tenham feito um PDC, a título de familiarização com a linguagem e metodologia”*.

Além da participação num PDC, P64 apresenta outros três pontos recomendáveis para atuar como educador. Enfatizamos, aqui, a menção aos conteúdos dos PDCs, além de estar aberto/a a escutar críticas e sugestões de outras pessoas:

*“1. Ter feito um PDC com alguém que tenha experiência notória na Permacultura. 2. Ter a Permacultura como prática na sua vida diária (3 princípios éticos e 12 princípios). 3. Demonstrar conhecimento sobre os conteúdos sob diferentes prismas. 4. Ser capaz de ouvir as experiências dos outros e ressignificar tanto a dos outros como as suas próprias sob a ética dos 3 princípios éticos e dos doze princípios” (P64).*

Outro/a participantes da pesquisa recomendam o fortalecimento de redes de cooperação entre educadores/as de PDCs, num esforço para promover uma melhoria na qualidade desses cursos:

*“Um caminho que me parece coerente para conseguir discernir quem são os educadores de um PDC, é fortalecer a rede de permacultura com encontros onde representantes das diversas iniciativas do país possam comparecer e pessoas que estão ativamente envolvidas e reconhecidas por essa rede com a disseminação e prática da Permacultura no país/região podem servir como tutores desses novos educadores. Assim poderíamos criar um processo participativo de discernimento e desenvolvimento das capacidades dos educadores para poderem atuar como educadores na Permacultura para além dos PDCs inclusive” (P72).*

P92 indica uma série de recomendações quanto a esse caminho formativo, inclusive sugerindo a realização de um curso específico de formação de professores. Além disso, sugere a busca pela diversidade na composição do grupo de educadores/as responsável por um PDC:

*“Fazer uma boa formação de professores. Solução pequena e lenta, pode-se começar dando uma aula numa área que se tenha mais segurança dentro de um PDC e fazer o curso pela segunda vez apoiando os outros facilitadores. Oferecer uma introdução a permacultura e, também um bom primeiro passo para treinar a capacidade de síntese e apresentação. Ter experiência prática em algum campo e uma vivência comunitária é bom. Não facilitar PDCs sozinhos, se apoiar na diversidade e no coletivo” (P92).*

Algumas pessoas, na mesma direção, reforçam a necessidade de buscar formação na área de educação, entendendo que esse tipo de atuação possui uma natureza e especificidade própria, não presente, necessariamente, em todas as áreas de atuação em Permacultura. P82, por exemplo, escreve que é recomendável *“Ter uma vivência na área de educação, como professor”*. P20 traz uma importante consideração sobre forma e conteúdo na atuação como educador/a: *“Na minha*

*opinião, o facilitador DEVE ser um bom educador e DEVE DOMINAR o tema que será responsável para ministrar”.*

Num outro sentido, há educadores/as que defendem um processo mais regulado, similar ao existente em outros países, como a Austrália, e inicialmente colocado por Bill Mollison. P69 considera importante *“Estudar muito e praticar muito. Depois ir criando um portfólio com seu trabalho. Criando know-how. Cursar um Diplomado de Permacultura”*. Em adição a esse ponto de vista, P56, também baseado na experiência australiana, diz que:

*“Conforme orientação que obtive quando de minha estadia no PRI (Austrália), junto aos próprios idealizadores do PDC, a principal recomendação para aqueles que desejam tornarem-se facilitadores é a prática de pelo menos dois anos na elaboração, implementação e manejo de sistemas permaculturais. Isso conferiria, segundo representantes do PRI, maturidade e confiança suficientes para a atuação como facilitador” (P56).*

Numa linha mais restritiva de atuação, P22 indica: *“Que (o/a educador/a) tenha experiências com processos permaculturais em pelo menos 5 ecossistemas diferentes”*.

De forma sucinta, a maior parte dos/as educadores/as indica ser recomendável **(1) experiência prática em diversas áreas, (2) ter participado de pelo menos um PDC como estudante e (3) dominar os conteúdos que vai ensinar**. De forma geral, apesar de menções à necessidade de formação pedagógica, elas são superadas pela “prática” do permacultor/a, especialmente se referindo às ações na realidade material concreta.

A diversidade de respostas nos indica que não há um caminho “oficial” para começar a atuar como educador/a em PDCs. Segundo permacultores/as mais experientes, o própria Bill Mollison, no começo dos PDCs, dizia que todas as pessoas que haviam completado um PDC estavam aptas para atuar como educadores/as. Atualmente, podemos entender que essa foi uma estratégia do permacultor para favorecer a disseminação da Permacultura, evidenciando uma escolha pela quantidade de pessoas atendidas, aparentemente sem a preocupação por uma formação pedagógica.

Nossa vivência anterior à pesquisa já nos indicava que a formação em educação não era um ponto relevante nas discussões acerca dos PDCs. Com exceção dos cursos de formação de educadores/as ainda raros no Brasil, como vimos anteriormente, a especificidade do trabalho docente parecia marginal no ensino de Permacultura.

Por isso, buscamos ir mais a fundo na área de educação. Aqui, buscamos desvelar quais são as principais referências nessa área para os/as educadores/as de PDC no Brasil. Para tal, fizemos a seguinte pergunta no questionário: **“Quem são seus principais referenciais teóricos na área de educação? Por quê? (Indique quais autoras e autores baseiam sua ação pedagógica ou quais correntes lhe despertam mais interesse)”**. No quadro 20, apresentamos todas as menções feitas pelos/as educadores/as.

A principal referência na área de educação os educadores/as de PDC no Brasil é indiscutivelmente, Paulo Freire, ainda que muitos/as tenham relatado já ter ouvido falar de seu trabalho e serem simpáticos/as a ele, mas nunca ter lido qualquer publicação sua – fato que consideramos bastante preocupante. Outra referência bastante citada é Rudolf Steiner, criador da Antroposofia, que fundamenta a Pedagogia Waldorf – essa, inclusive, mencionada na Flor da Permacultura. Outras referências que merecem destaque pela quantidade de citações são José Pacheco, criador da Escola da Ponte, em Portugal, e de Projeto Âncora, no Brasil; e Frijo Capra, que desenvolveu o conceito de Alfabetização Ecológico e grande referência Teoria da Complexidade.

<b>Quadro 20.</b> Principais referências em educação para os educadores/as de PDC no Brasil			
(Continua)			
<b>#</b>	<b>Autor/a</b>	<b>País</b>	<b>Quantidade de citações</b>
1	Paulo Freire	Brasil	67
2	Rudolf Steiner	Áustria	20
3	José Pacheco	Portugal*	19
4	Frijot Capra	Áustria	11
5	Leonardo Boff	Brasil	6
6	Moacir Gadotti	Brasil	6

**Quadro 7.** Principais referências em educação para os educadores/as de PDC no Brasil

(Continuação)

#	Autor/a	País	Quantidade de citações
7	Ana Thomaz	Brasil	5
8	Lúcia Legan	EUA*	5
9	Edgar Morin	França	4
10	Félix Guattari	França	4
11	Jean Piaget	Suíça	4
12	Maria Montessori	Itália	4
13	Bill Mollison	Austrália	3
14	Carl Gustav Jung	Suíça	3
15	Celestin Freinet	França	3
16	David Holmgren	Austrália	3
17	Lev Semyonovich Vygotsky	Rússia	3
18	Prática pessoal	-	3
19	Rosemary Morrow	Austrália	3
20	Skye Riquelme	Austrália*	3
21	Tião Rocha	Brasil	3
22	Alexander Neil	Reino Unido	2
23	André Soares	Brasil	2
24	Enrique Pichon Riviere	Suíça	2
25	Gernot Minke	Alemanha	2
26	Gilles Deleuze	França	2
27	Joanna Macy	EUA	2
28	Michel Foucault	França	2
29	Otto Scharmer	Alemanha	2
30	Philippe Perrenoud	Suíça	2
31	Suzana Maringoni	Brasil	2
32	Alexander Luria	Rússia	1
33	Allan Kaplan	África do Sul	1
34	Ana Cachafeiro	Espanha	1
35	Arly Cravo	Brasil	1
36	Augusto Cury	Brasil	1
37	Bernice McCarthy	EUA	1

**Quadro 7. Principais referências em educação para os educadores/as de PDC no Brasil**

(Continuação)

#	Autor/a	País	Quantidade de citações
38	Bert Helinger	Alemanha	1
39	Carla Ferro	Brasil	1
40	Carlos Rodrigues Brandão	Brasil	1
41	Carl Rogers	EUA	1
42	Casilda Rodríguez	Espanha	1
43	Cássia Regina	Brasil	1
44	Célio Turino	Brasil	1
45	Celso Vasconcellos	Brasil	1
46	Darcy Ribeiro	Brasil	1
47	David Owen	Inglaterra	1
48	Dominic Barter	Inglaterra	1
49	Fernando Hernandez	Espanha	1
50	Filhas	-	1
51	Friedrich Nietzsche	Alemanha	1
52	Gaston Tierra Martinez	Argentina	1
53	Gregory Bateson	Reino Unido	1
54	Helena Singer	Brasil	1
55	Homer Lane	EUA	1
56	Humberto Maturana	Chile	1
57	Irene Cardoso	Brasil	1
58	Ivan Ilyich	Áustria	1
59	Jack Mezirow	EUA	1
60	Johan van Lengen	Holanda*	1
61	Johann Wolfgang von Goethe	Alemanha	1
62	John Croft	Austrália	1
63	José Manuel Moran	Brasil	1
64	Juliano Riciardi	Brasil	1
65	Ken Wilber	EUA	1
66	Lama Padma Samten	Brasil	1
67	Lucidor Flores	Argentina	1
68	Mary-Ann Müller	Reino Unido	1

<b>Quadro 7. Principais referências em educação para os educadores/as de PDC no Brasil</b>			
(Conclusão)			
<b>#</b>	<b>Autor/a</b>	<b>País</b>	<b>Quantidade de citações</b>
69	Mauro Guimarães	Brasil	1
70	Mônica Passarinho	Brasil	1
71	Murilo Gun	Brasil	1
72	Natureza	-	1
73	Orlando Fals Borda	Colômbia	1
74	Peter Webb	Austrália*	1
75	Pierre Bourdieu	França	1
76	Reg Revans	Reino Unido	1
77	Rita Mendonça	Brasil	1
78	Robyn Clayfield	Austrália	1
79	Ross Mars	Austrália	1
80	Rubem Alves	Brasil	1
81	Ruth Cavalcante	Brasil	1
82	Sepp Holzer	Austrália	1
83	Sonia Hirsh	Brasil	1
84	Steve Johnson	EUA	1
85	Sugata Mitra	Índia	1
86	Talita Moser	Brasil	1
87	Tim Ingold	Reino Unido	1
88	Tomaz Amaral Lotufo	Brasil	1
89	Vandana Shiva	Índia	1
90	Viktor Frankl	Áustria	1
91	Vivian Dittmar	Alemanha	1
92	Viviane Mosé	Brasil	1
93	Wilhelm e Eva Reich	EUA	1

Além das menções nominais, foram também citadas: Educação para a sustentabilidade, Educação Integral, Construtivismo, Antroposofia, Educação Biocêntrica, Fenomenologia, Pedagogia da Cooperação, Pedagogia Griô, Escola Ayni, Escuta Ativa, Educação Circular, Escolas Libertárias, Escola do MST, Aprender pela Ação, Educação Livre, Desescolarização, Pedagogia Viva, Pedagogia Ativa,

Educação Gaia, Cidades Educadoras, Pedagogia da Escuta, Pedagogia Waldorf, Pedagogia Progressista, Pedagogia Histórico-Crítica, *Sudbrurry School*, Zapatistas.

Nossos dados evidenciam uma grande diversidade de referências, algumas, inclusive, que não fazem parte da área de educação, como Bill Mollison. Apesar da predominância das menções à Paulo Freire, parece-nos que não há um estudo aprofundado de sua obra. Nossa análise, ao término desse capítulo, é que os/as educadores/as de PDCs no Brasil carecem de formação na área de educação.

Isso não significa, por outro lado, que a prática pedagógica dessas pessoas seja de má qualidade. Essa própria prática, ao longo do tempo, favorece um processo formativo dos/as educadores/as, especialmente quando há um grupo, com diversas formações, atuando nas aulas de um PDC. Por outro lado, entendemos que o trabalho educativo requer uma formação diferente da formação em Permacultura, e que essa é uma questão-chave para o oferecimento de PDCs de qualidade.



*Tú no puedes comprar al viento  
Tú no puedes comprar al sol  
Tú no puedes comprar la lluvia  
Tú no puedes comprar el calor  
Tú no puedes comprar las nubes  
Tú no puedes comprar los colores  
Tú no puedes comprar mi alegría  
Tú no puedes comprar mis dolores*

*Não se pode comprar o vento  
Não se pode comprar o sol  
Não se pode comprar a chuva  
Não se pode comprar o calor  
Não se pode comprar as nuvens  
Não se pode comprar as cores  
Não se pode comprar minha'legria  
Não se pode comprar minhas dores*

Calle 13. Latinoamérica. Por Rafael Ignacio Arcaute. **Entren los que quieran**. Porto Rico: Sony BMG, 2011. Com participação de Susana Baca, Totó la Momposina e Maria Rita. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8>>. Acesso em: 20 ago. 2019.



Uma das inspirações para as técnicas de construção com terra crua usadas na Permacultura, o ninho do João-de-Barro. Aqui, muito bem instalado numa paineira, em Botucatu, indicando qual direção o vento tem na região.



## 4. CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao fim deste trabalho, depois de tanto nos debruçando nele, fazemos um esforço para tentar sintetizar tudo o que analisamos até aqui.

Reforçamos, primeiramente, que esta seção é colocada no sentido de promover reflexões sobre os temas trabalhados nesta pesquisa. Não temos objetivo aqui, oferecer conclusões definitivas e imutáveis, cientes de que, como todo trabalho científico, este também carrega visões de mundo determinadas por um ponto de vista. Um/a pesquisador/a diferente poderia chegar a conclusões totalmente diferentes das nossas a partir dos mesmos dados – aliás, até os dados seriam diferentes, pois provavelmente as perguntas, forma de coleta de dados e muitas outras questões teórico-metodológicas seriam outras ou compreendidas de outras formas.

Antes de partirmos para as reflexões, lembraremos alguns dados resultados dos mapeamentos realizados. Nossa pesquisa descobriu **38 grupos** que ofereceram PDCs no período de 2013 a 2017, com um total de **210 educadores/as** atuantes em PDCs – desses, participaram da nossa pesquisa **102** – distribuídos nas regiões **Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste** do país. Podemos afirmar que aproximadamente **2.300 pessoas** participaram desses cursos.

Também identificamos pelos menos **três iniciativas** estruturadas especificamente para a formação de educadores/as de PDC, coordenadas pelos/as permacultores/as Suzana Maringoni e Jorge Timmermann (SC), Marsha Hanzi (BA) e Skye Riquelme (CE).

Organizamos as seções seguintes dessa Conclusão em duas partes: na primeira, traremos uma síntese das análises dos dados de ordem quantitativa e qualitativa que fizemos; na segunda, traremos oito “desejos” que elaboramos para a Permacultura e, principalmente, seu ensino, criados após muitas reflexões trazidas por este trabalho e pelos mais de dez anos de trabalhos em Permacultura. Ressaltamos, aqui, que o ensino de Permacultura não se limita aos PDCs: há diversas outras formas de se ensinar e atuar em Permacultura. Os PDCs foram escolhidos como recorte para esta pesquisa devido a sua relevância no cenário mundial e por, geralmente, serem a porta de entrada para pessoas que desejam trabalhar com Permacultura. Como exposto por Holmgren (2012):

“A maioria das pessoas envolvidas nessa rede completou um Curso de Design em Permacultura (PDC), que por mais de 20 anos tem sido mundialmente o principal veículo de inspiração e treinamento. O aspecto da inspiração proporcionada pelo PDC atuou como uma “cola social” unindo participantes de tal modo que a rede mundial pode ser descrita como um movimento social” (HOLMGREN, p.4, 2012).

#### 4.1. Síntese da pesquisa

“A Permacultura e, conseqüentemente, seu ensino, apesar de ter surgido como uma proposta de superação do modelo capitalista de sociedade, tem tomado caminhos que a transformam num reflexo dessa mesma sociedade na qual está inserida, contraditória e desigual, compactuando e reproduzindo a lógica de mercado”.

Esta foi nossa hipótese inicial de pesquisa, apresentada na Introdução do trabalho. Aqui, discutiremos se essa hipótese se confirma com a análise dos dados coletados.

Após muito refletirmos, chegamos à conclusão que nossa hipótese **pode ser confirmada, em partes**, pelos seguintes motivos:

- Nossos dados indicam que, apesar de existirem intersecções entre as diversas ações educativas em PDCs no Brasil, a diversidade de cursos e educadores/as é alta, sendo que a busca por traçar um perfil desses cursos e da ação pedagógica dos/as educadores/as se mostraria um exercício que converteria uma realidade complexa numa apreensão simplista e limitada;
- Por outro lado, a ausência de formação pedagógica da maioria dos/as educadores/as de PDC e o desconhecimento em relação à especificidade e formação nessa área do saber para uma ação educativa de qualidade podem trazer prejuízos à ação formativa dos PDCs;
- Não há consenso e clareza entre os/as educadores/as de PDCs no Brasil sobre uma série de questões nucleares sobre esses cursos, em especial nas bases teóricas utilizadas para a elaboração do currículo e seus objetivos;
- Por outro lado, é possível dizermos que há uma aproximação maior entre os cursos no que concerne a metodologias de ensino;
- Apesar de termos observado um movimento a favor da popularização da Permacultura e repúdio a ações de cunho preconceituoso e discriminatório de qualquer natureza, nossos dados nos mostram que o ensino de Permacultura é predominantemente realizado, nos PDCs, por homens,

brancos e com nível superior e, além disso, os valores cobrados para as inscrições são muito altos quando comparados à renda da maior parte da população brasileira.

Com essas questões colocadas, defendemos a seguinte tese:

**A Permacultura se configura como um campo de disputa, com ações de caráter contraditório e heterogêneo no que se refere ao seu ensino. Se, por um lado, apresenta bases teórico-metodológicas que buscam a superação do modo capitalista de produção, que tem se refletido na busca por metodologias de ensino ativas, participativas e horizontais, por outro não se configura como um movimento social coerente com suas próprias bases, característica observada nos altos custos de inscrição nos PDCs; na menor participação das mulheres; na tímida participação de pessoas negras e indígenas; na inexistência de organização representativa, em nível nacional, que discuta e elabore princípios para uma proposta pedagógica nesses cursos – criando espaços para a construção autônoma de objetivos e currículo próprios e apropriados a cada realidade; e no reconhecimento parcial da essencial formação na área de educação para a atuação enquanto educadores/as, não necessariamente ligada ao ensino formal, para uma prática pedagógica de maior qualidade e coerente seus princípios éticos.**

Ainda, defendemos que:

**Apesar de concordarmos com a hipótese inicialmente levantada, entendemos que ela não representa o universo total do ensino de Permacultura através dos PDCs e dos cursos de formação de educadores/as de PDCs no Brasil. Dialeticamente, o ensino de Permacultura no Brasil também se caracteriza por ações que buscam: eliminar a restrição imposta pelos altos custos dos cursos, permitindo a crescente participação de pessoas das classes baixa e média-baixa; fomentar a participação de pessoas negras e indígenas, além de ativamente buscar a vinda de grupos marginalizados, como movimentos sociais rurais e urbanos, comunidades tradicionais e quilombolas; discutir de forma profunda e coerente o currículo e os objetivos dos PDCs,**

**organizando redes locais ou regionais de cooperação entre coletivos e até mesmo entre permacultores/as que atuam individualmente; na compreensão de que é necessária formação profissional na área de educação para que sua prática pedagógica seja de melhor qualidade e coerente com os pressupostos teórico-metodológicos da Permacultura, com poucas, mas interessantes iniciativas voltadas à formação pedagógica de educadores/as de PDC.**

A análise dos dados apresentados neste trabalho nos leva a concluir que o ensino de Permacultura no Brasil é bastante contraditório, assim como a própria sociedade na qual está inserida. Nossos dados nos indicam que o campo de estudo e discussão em Permacultura é ainda bastante jovem e – por isso ou não – possui uma série de questões que podem ser trabalhadas na perspectiva de seu amadurecimento e elevação da qualidade.

É importante apontar, portanto, que todo o estudo apresentado neste texto **não nos permite** traçar um único perfil sobre o ensino de Permacultura no Brasil. Ressaltamos, nesse sentido, a alta diversidade de ações formativas existentes.

## **4.2. Nossas propostas para o ensino de Permacultura no Brasil**

Ainda como Conclusão deste estudo, trazemos oito pontos elencados como contribuição para o planejamento, desenvolvimento e avaliação dos PDCs e cursos de formação de educadores/as de PDC.

Dedicamos essa contribuição ao educador brasileiro Paulo Freire por tudo que tem nos ensinado e, particularmente por ter nos inspirado nessa última tarefa: numa das últimas noites de trabalho na tese, ao revisitar seu livro “Pedagogia da Autonomia”, tive a ideia de organizar essa última seção no mesmo modelo que ele organizou seu livro elencando suas principais necessidades.

### **1) É preciso dialogar**

Do pioneiro trabalho de Jorge Timmermann e Suzana Maringoni, os trabalhos contínuos da Nova Oikos e o Instituto Çarakura em Santa Catarina, às iniciativas de Marcos Ninguém e da Unipermacultura no Rio Grande do Sul, Ceará e em Angola; da Rede Permeiar, que permitiu o surgimento de vários grupos, como o Coletivo PermaSampa, o Grupo Curare de Permacultura, o NEPerma e muitos/as outros/as

permacultores/as, ao trabalho de militância da Associação Veracidade em São Carlos/SP e da Permacultura nas periferias das grandes cidades, com o pessoal do Pupa, PermaPerifa, EPARREH e muitos outros; da histórica atuação dos institutos de Permacultura como o IPEC, IPEMA, IPC, IPB, IPOEMA, IBC e IPEP, construindo centros de referência e demonstração de Permacultura no território à belíssima rede de cooperação entre grupos no Ceará e outros estados no Nordeste brasileiro; das experiências de inúmeros sítios e estações de Permacultura como o Sítio Nós na Teia, em Brasília e o Sítio Beira Serra, em Botucatu/SP ao constante trabalho de permacultores/as com muita, mas muita bagagem como Marsha Hanzi, Peter Webb, Adriana Galbiati e Skye Riquelme. O ensino de Permacultura tem crescido e se popularizado no Brasil, especialmente na última década, com protagonistas espalhados em várias regiões do país.

Cada qual com suas fortalezas, cada qual com suas fraquezas.

Nosso estudo mostra que há uma ampla gama de experiências a serem estudadas e compartilhadas no Brasil. Mas, para isso, é necessário lembrar que a diversidade, por si só, não é suficiente. É preciso que relembremos outro conceito-base dos sistemas naturais e, conseqüentemente, da Permacultura: a **complexidade**.

Na Permacultura aprendemos que a complexidade se refere às conexões benéficas entre os diversos elementos que compõe o design. Assim, um projeto não se torna bom se apresenta muito elementos (ou seja, se é diverso), mas eles estão isolados um dos outros, ou causando algum prejuízo ao outro; ele se torna bom quando esses elementos dialogam entre si, estabelecendo relações benéficas, de cooperação, que impactam de forma positiva todo o sistema.

Este estudo nos mostra que, de forma geral, o comprometimento com o ensino de qualidade em Permacultura é uma questão comum aos grupos que o praticam no Brasil. Entendemos que faltam, agora, iniciativas que promovam o diálogo entre esses grupos, mesmo que para chegar à conclusão que há diferenças inconciliáveis.

Num momento histórico como esse que estamos vivendo, defendemos que busquemos evidenciar nossas similaridades e, paulatinamente, superarmos nossas diferenças. A proposta de sociedade da Permacultura é bastante clara: ela presa pelo cuidado com a Terra, cuidado com as pessoas e partilha justa. Não há espaço para propostas excludentes e preconceituosas, de qualquer ordem.

## 2) É preciso comprometimento político e competência técnica

Apesar de valorizarmos as iniciativas relativas ao ensino de Permacultura no Brasil, precisamos colocar que isso não significa que todas tenham a qualidade e a coerência esperada de quem se sustenta em princípios éticos como os que a Permacultura traz.

Como exposto por documentos publicados nos últimos anos por estudantes e educadores/as pioneiros/as no ensino de Permacultura, é preciso que estejamos atentos a ações que caminhem numa direção oposta aos pressupostos teóricos da Permacultura.

Assim, baseando-nos em Dermeval Saviani e Paulo Freire, defendemos que é preciso, enquanto educadores/as, que tenhamos compromisso político, no sentido de nos posicionarmos, de não nos escondermos atrás de uma pretensa e falsa neutralidade, e competência técnica, no sentido de dominarmos os conteúdos que nos dispusermos a ensinar, independentemente de sua natureza.

É preciso ter responsabilidade ao assumir o papel de educador/a, compreendendo todos os impactos que temos nas vidas das pessoas que participam de cada ação educativa, por menor que ela seja. E se essa reflexão nos levar à compreensão de que precisamos dar um passo atrás, formar-nos melhor, ganhar mais experiência e assumir que agimos de forma irresponsável, que sejamos sábios para entendê-la.

Os PDCs têm se caracterizado por serem cursos que causam grandes mudanças nas vidas das pessoas. Já é mais do que tempo de entendermos o quão importante é o papel que temos desempenhado.

## 3) É preciso entender a natureza e a especificidade dos PDCs

Existem muitos conteúdos maravilhosos na Permacultura e áreas correlatas! De técnicas de mediação de conflitos ao amplo universo da fermentação, cultivo de cogumelos, formas de organização política etc., há uma infinidade de temas que podemos entender como essenciais aos PDCs.

Porém, é preciso entender quais os objetivos **nucleares** de um PDC, e quais são secundários. Saviani (2012), ao discutir a educação escolar e a desvalorização dessa instituição, dos conteúdos e do papel do/a professor/a, chama-nos à atenção para um



fenômeno semelhante que pode acontecer ou vir a acontecer nos Cursos de Design em Permacultura.

É preciso estar atento às características que fazem um PDC ser um PDC, e não outro curso. Isso não significa que defendamos uma “ortodoxia” frente ao currículo, que ele não possa ser alterado e que devamos seguir exatamente, linha por linha, os currículos criados por Bill Mollison e outros pioneiros na década de 1980 – isso se pareceria mais com os dogmas de religião, e não acreditamos que essa seja a natureza da Permacultura. Mas sim que eles devem servir de base para discussões organizadas, responsáveis e com participantes que, muitas vezes, terão visões contraditórias.

O avanço realizado de forma descentralizada por diversos coletivos e redes no país é de fato maravilhoso, mas ele pode (e tem) se tornado prejudicial na medida em que não existe um diálogo de qualidade entre esses grupos.

É preciso, também, compreender que esse curso tem suas limitações. Ele não vai dar conta de tudo o que precisamos para a construção de sociedades justas e equilibradas, social e ambientalmente. Seria ingenuidade demais da nossa parte acreditar que, em pouco mais de 72 horas aprendêssemos tudo o que é necessário para vivermos bem e construirmos uma sociedade melhor. Muitas pessoas passaram suas vidas inteiras buscando respostas para as mesmas questões que a Permacultura se debruça e muitas ainda continuarão essas buscas.

Os PDCs podem trazer uma enorme contribuição ao desenvolvimento de novos modelos societários. Entretanto, com certeza, ele não conseguirá englobar todos as questões da vida humana. Por isso, sintetizamos que os objetivos **nucleares** de um PDC sejam **“Propiciar formação inicial teórica e prática à Permacultura, com foco na Metodologia de Design e sua intrínseca relação com a ética e filosofia da Permacultura, favorecendo uma transformação da realidade e a crescente autonomia das pessoas participantes”**, sendo secundários a **criação de redes de cooperação entre permacultores/as e sua difusão e popularização.**

#### **4) É preciso democratizar e popularizar a Permacultura**

É bem possível – e esperamos que isso aconteça – que você não concorde com as bases teóricas que utilizamos para analisar nossos dados e a visão de mundo e

sociedade que norteia este trabalho. Mas, com exposto no item 2, é preciso que tenhamos compromisso político. E nosso compromisso político não nos permite pensar de outra forma, neste momento, tal questão.

Parafrazeando Mujica, não fazemos aqui uma “Apologia da Pobreza”, mas uma “Apologia da Sobriedade”. Não é nossa intenção defender que quem atue com o ensino de Permacultura não possa obter vantagens financeiras como fruto do seu trabalho. Mas se, para obter esse rendimento, você explora a força de trabalho de outra pessoa e reproduz os mesmos mecanismos desse modo de produção perverso que conhecemos como Capitalismo, entendemos que não há coerência com as próprias bases teóricas da Permacultura.

Entendemos o quão difícil é a rotina de coletivos que não possuem nenhuma fonte de financiamento externo, que se desdobram entre dois, três ou mais empregos para conseguirem dinheiro suficiente para fazer qualquer ação em Permacultura acontecer. Não é disso que se trata aqui.

O que defendemos é que não é compatível com princípios e metas da Permacultura planejar e agir sob a lógica do mercado presente no modo capitalista de produção, pois a forma de pensar da Permacultura é oposta à forma de pensar deste modo de produção. Enquanto um tem como fim único a acumulação de capital pela geração de lucros, a outra busca o bem-estar, o bem-viver, o equilíbrio ecológico e a justiça social.

Por isso, é preciso que busquemos formas de democratizar popularizando a Permacultura, no sentido de enfrentar as barreiras das condições socioeconômicas e as características raciais, de gênero e orientação sexual para a participação de todos que queiram conhecer esse rico e promissor universo de transformação das sociedades injustas e desiguais.

Não é um caminho fácil. Mas, com certeza, é aquele mais coerente.

## **5) É preciso reconhecer que há disputas na Permacultura**

Além de alguns dados aqui apresentados, uma rápida pesquisa em fóruns virtuais ou presenciais com pessoas que dizem que trabalham com Permacultura nos mostra que ela é, ainda, um campo em disputa.

Disputas pelas narrativas oficiais, pelos currículos oficiais, por quem é o maior e mais reconhecido permacultor (aqui, somente no gênero masculino, pois é o grupo social que predominante tem encabeçado essa questão) etc. Disputas, inclusive, para definir o que é Permacultura.

Por isso, é preciso que tenhamos ciência dessa condição e nos organizemos para lutar em prol de uma Permacultura popular, não elitista, antissistema (mas com visão sistêmica), cooperativa, que não se restrinja a meras técnicas, que seja inclusiva, diversa, complexa. Porque há outras nuances que também buscam seu espaço: as Permaculturas elitistas, discriminatórias, excludentes, monocromáticas, cartesianas, restritas a técnicas, do “não é pra discutir política”.

#### **6) É preciso promover a aproximação da Permacultura com a Agroecologia, Educação Ambiental e os Movimentos Sociais**

Não há mais sentido plausível – se é que houve alguma vez – de não nos relacionarmos com pessoas à frente de movimentos que tem caminhado em busca de um mesmo horizonte.

É preciso olhar para o movimento da Agroecologia e somar forças, aprendendo com as experiências um do outro. Se de lado, temos um movimento com características mais “anárquicas” na Permacultura, por outro temos um trabalho de décadas da Agroecologia numa articulação, desde as bases, com movimentos sociais e ambientais, buscando espaços no ensino formal, nas escolas de formação do MST, nos congressos, simpósios e encontros organizamos em todo o país sobre o tema, participando da luta pelo acesso à terra.

Lembro-me de que, quando comecei a trabalhar com Permacultura, passávamos horas e horas discutindo para decidir qual era o movimento mais completo. Depois de muitos anos de vivências, em espaços de Agroecologia e Permacultura, entendemos que é preciso que vejamos ambos os movimentos como parceiros, e não como competidores.

A educação ambiental, como um campo mais desenvolvido de pesquisa, ensino e ação, em sua vertente crítica, também permite diálogos essenciais ao desenvolvimento coerente e bem fundamentado da Permacultura, especialmente nas suas bases teóricas e metodológicas.

É preciso entender que cooperação é a chave.

## **7) É preciso discutir sobre feminismo, raça e gênero na Permacultura**

Apesar de já termos mencionados essa questão acima, reforçamos aqui esse ponto dada sua importância. Não é possível mais fingir que o racismo e a discriminação contra LGBTQs e mulheres não existe na Permacultura.

A onda de críticas nos últimos anos às ações em Permacultura, com vários casos de assédio e abuso sexual, menor participação de mulheres, baixíssima presença de pessoas negras e indígenas como educadores/as e estudantes em PDCs, além da negligência (inclusive por este trabalho) nas discussões sobre LGBTQfobia, são um alerta para nós, que trabalhamos com ensino de Permacultura, esforcemo-nos para trazer essas questões à discussão e superar esse triste e revoltante cenário.

É preciso que não aceitemos mais essas situações e que trabalhem para transformar a forma com a Permacultura se manifesta na realidade concreta. Que pensem em mecanismos para dialogar com a diversidade que caracteriza a espécie humana, sem entrar na armadilha de práticas e discursos colonizadores.

É preciso que a imagem do permacultor homem, branco, heterossexual, o “guru” que vai resolver todos os problemas de uma comunidade com imensa facilidade e arrogância, seja superada.

## **8) É preciso viver a Permacultura para poder ensiná-la**

Nosso último ponto na conclusão não surge para defender que todas as pessoas que trabalham com Permacultura devam ter seu sítio, produzir todo seu alimento, tratar todos os seus resíduos etc. Ele vem no sentido que a Permacultura se configura como um conjunto de princípios, ferramentas e técnicas que podem ser utilizados em qualquer contexto das nossas vidas, independentemente se a pessoa é uma agricultora, professora ou motorista – desde que, claro, não seja incoerente com os princípios éticos da Permacultura, como já vimos acima.

Muitas pessoas saem do curso com muita animação, mas com a frustração de não possuírem uma propriedade, um espaço seu para começar a “fazer a Permacultura”.

Repito aqui uma frase que escutei há algum tempo, mas que, infelizmente, não me lembro a autoria: a Permacultura se vive, não se faz. Seja nos menores atos, como partilhar um pequeno excedente de alimento que você tenha, até construir um

pequeno canteiro numa área que não tinha nenhum pedacinho de verde, compartilhar seus saberes com outras pessoas, organizar uma associação de bairro ou não compactuar com empresas que exploram mão-de-obra escrava, até questões mais amplas, como não apoiar um governo fascista ou organizar um PDC popular, a Permacultura pode servir como fundamento para nortear nossas ações.

Mas é preciso, também, lembrar que ninguém se salva dessas questões sozinho. É preciso que compreendamos que a **autonomia**, essa palavra tão forte na Permacultura, não se consegue individualmente.

Não há outro caminho senão o de trabalharmos coletivamente, lado a lado, para construir uma sociedade que seja justa socialmente e equilibrada ecologicamente. E isso só se faz com muito diálogo.

Passo a passo.



## **Atemporal**

A pobreza do homem como resultado da riqueza da terra (Eduardo Galeano)

*De Cabral a Obama  
Da Família Real a Eike Batista  
Atemporal submissão massiva  
ao Capital  
e seus dominados dominantes*

*De Portugal às multinacionais  
Do roubo do Pau-brasil ao roubo da Vale:  
Atemporal exploração destrutiva  
Terra rica  
povo pobre*

*De Pero Vaz a William Bonner  
Dos jesuítas aos empresários de Deus:  
Atemporal manipulação massiva  
Uns escravizam quando escrevem  
Outros em um santo nome vão escravizando*

*De Zumbi a Marighella  
De Canudos às ocupações das fazendas:  
Temporais de indignação combativa  
Repressão, incompreensão, intransigência  
Chamas acessas de nossa atemporal resistência*

BRONZATTO, Lucas. **Cantos tortos**. São Paulo, Brasil: Dobra Editorial, 2014.



O Grupo Curare de Permacultura, no começo de 2019, na nossa reunião de planejamento





## 5. REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael Whitman. **Ideology and Curriculum**. 3. ed. Nova Iorque, EUA: Routledge Falmer, 2004, 234 p.
- APPLE, Michael Whitman; AU, Wayne; GANDIN, Luis Armando. **Educação Crítica: Análise Internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 547 p. Tradução de Vinicius Figueira.
- BELL, Graham. **Permaculture Design Course Handbook**: Graham Bell. Berwickshire, Escócia: [s.n.], 2010. 61 p. Disponível em: <<https://permateachers.eu/wp-content/uploads/2014/05/PERMACULTURE-DESIGN-COURSE-Handbook-November-2013.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- BRASIL. IBGE. (Ed.). **Rendimento de todas as fontes: 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2018 a. 8 p. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101559>>. Acesso em: 17 ago. 2019.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). **Características gerais dos domicílios e dos moradores**: 2017. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. 2018 b. 8 p. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101566>>. Acesso em: 17 ago. 2019.
- \_\_\_\_\_. (Ed.) **Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA: O que é**. Rio de Janeiro: IBGE. [201-]. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/precos-e-custos/9256-indice-nacional-de-precos-ao-consumidor-amplo.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 22 set. 2018.
- BRÜGGER, Paula. **Educação ou adiestramento ambiental?** 3. ed. Florianópolis: Argos, 2004, 197 p.
- CLAYFIELD, Robyn; SKYE. **Manual for Teaching Permaculture Creatively**. Maleny, Austrália: Earthcare Education, 1995. 326 p.
- CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. São Paulo: Editora Cortez, 2002, 296 p. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela.
- DEMO, Pedro. **Metodologia científica em pesquisas sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995. 293 p.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p. Tradução de Sandra Regina Netz.
- EUROPEAN PERMACULTURE TEACHERS ASSOCIATION. **Permaculture Course Formats**. 2014. Disponível em: <<https://permateachers.eu/permaculture-courses-formats/#pdcs>>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- FERGUSON, Rafter Sass; LOVELL, Sarah Taylor. Permaculture for agroecology: design, movement, practice, and worldview. A review. **Agron. Sustain. Dev.**, [s.l.], v. 34, n. 2, p. 251-274, abr.

2014. Paris, França: Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s13593-013-0181-6>. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s13593-013-0181-6>>. Acesso em: 08 mar. 2017.
- FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, 272 p. Tradução de Tomaz Tadeu Silva.
- FERREIRA NETO, Djalma Nery. **Uma alternativa para a sociedade: caminhos e perspectivas da Permacultura no Brasil**. São Carlos: [s.n.], 2018, 317 p.
- \_\_\_\_\_. **Caminhos e perspectivas para a popularização da Permacultura no Brasil**. 2017. 370 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ecologia Aplicada, Interunidades, Universidade de São Paulo (USP), Piracicaba, 2017. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-24082017-190404/publico/Djalma\\_Nery\\_Ferreira\\_Neto-versao\\_revisada.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-24082017-190404/publico/Djalma_Nery_Ferreira_Neto-versao_revisada.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Por uma Permacultura morena e ecossocialista**. 2016. Entrevista com Thomas Antonio Rodrigues Souza (Enlazador). Disponível em: <<https://outraspalavras.net/brasil/por-uma-Permacultura-morena-e-ecossocialista/>>. Acesso em: 20 set. 2018.
- FLORIANÓPOLIS. Núcleo de Estudos em Permacultura. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **Rede brasileira de núcleos de estudos em permacultura**. [2017?]. Disponível em: <<http://permacultura.ufsc.br/rede-neperma-brasil/>>. Acesso em: 18 ago. 2019.
- FÓRUM INTERNACIONAL DAS ONGs. **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**. Rio de Janeiro, 1995.
- FOSSALUZA, André Santachiara et al. Moradia Estudantil Agroecológica. **Rev. Ciênc. Ext.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 80-81, 2008. Disponível em: <[https://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/view/282/280](https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/282/280)>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- FOSSALUZA, André Santachiara; GARCIA, Pedro de Andrade Lopes; FREGONESI, Tamy Reis. Agroecologia na Moradia Estudantil da UNESP. In: MING, Lin Chau et al. (Org.). **Plantando Sonhos: Experiências em Agroecologia no Estado de São Paulo**. Feira de Santana: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2018. Cap. 15. p. 134-147. Disponível em: <<http://www.ceca.ufal.br/professor/jhq/Livro%20-%20Plantando%20Sonhos.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- FOSSALUZA, André Santachiara et al. Um passo à frente e já não estamos mais no mesmo lugar: a história do Grupo Curare de Permacultura. In: MING, Lin Chau et al. (Org.). **Plantando Sonhos: Experiências em Agroecologia no Estado de São Paulo**. Feira de Santana: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2018. Cap. 20. p. 178-200. Disponível em: <<http://www.ceca.ufal.br/professor/jhq/Livro%20-%20Plantando%20Sonhos.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- FRANCIS, Robyn. **Permaculture Design Course Handbook**. Nimbin, Austrália: Djanbung Gardens Permaculture Education Centre, [2008]. 139 p. Elaborado de 1991 a 2004. Revisado em 2007 e 2008. Disponível em: <[234](https://permateachers.eu/wp-</a></p></div><div data-bbox=)

content/uploads/2014/04/Permaculture%20Design%20Course%20Handbook.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 54 p. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. 256 p.

GOLDRING, Andrew (Ed.). **Permaculture Teachers' Guide**. [s. l.]: World Wide Fund For Nature, [201-?]. 379 p.

GRUPO CURARE DE PERMACULTURA (Botucatu). **O PDC**. 2016. Disponível em: <<http://grupocurare.com.br>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

GUEDES, José. **Visita ao antigo Instituto de Permacultura da Amazônia**. 2014. Texto publicado no blog "Um Zé na América". Disponível em: <<https://umzenaamerica.wordpress.com>>. Acesso em: 13 set. 2018.

HOLMGREN, David. **Future Scenarios**: Mapping the cultural implications of peak oil and climate change. 2011. Disponível em: <<http://www.futurescenarios.org/>>. Acesso em: 23 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Permaculture**: Principles and pathways beyond sustainability. Victoria, Austrália: Holmgren Design Services, 2002. 286 p.

\_\_\_\_\_. **Os Fundamentos da Permacultura**: Um resumo dos conceitos e princípios apresentados no livro 'Princípios e Caminhos da Permacultura Além da Sustentabilidade', de autoria de David Holmgren. [s. l.: Holmgren Design, 2012, 14 p. Disponível em: <[https://holmgren.com.au/downloads/Essence\\_of\\_Pc\\_PT.pdf](https://holmgren.com.au/downloads/Essence_of_Pc_PT.pdf)>. Acesso em 21 ago. 2019. Tradução de Alexander Van Pyris Piergili e Amantino Ramon de Freitas.

JENKINS, Joseph. **The Humanure Book**. 3. ed. Grove City, EUA: Joseph Jenkins Inc., 2005, 259 p.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambient. soc.** [online], São Paulo, v. XVII, n. 1, p. 23-40, jan./mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n1/v17n1a03.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998, 200 p.

LOUREIRO, Frederico. Pesquisa-Ação Participante e Educação Ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória. In: TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental**: reflexões teóricas. Botucatu: Fundibio, p. 13-56, 2007, 165 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986, 99 p.

LUDWIG, Art. **Create an Oasis with Greywater**: Choosing, Building, and Using Greywater Systems. 5. ed. Santa Barbara, EUA: Oasis Design, [2007]. 150 p.

MACNAMARA, Looby. **People & Permaculture**: Caring and Designing for Ourselves, Each Other and the Planet. Hampshire: Permanent Publications, 2012. 304 p.

- \_\_\_\_\_. **7 Ways to Think Differently**: Embrace potential, respond to life, discover abundance. Hampshire: Permanent Publications, 2014. 112 p
- MACY, Joanna; BROWN, Molly Young. **Nossa vida como Gaia**: Práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo. 1. ed. São Paulo: Gaia Editora, 2004. 254 p.
- MANIFESTO Coletivo: Aprendizes de Permacultura. **Aprendizes de Permacultura**. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Aprendizes-de-Permacultura-528583294007800>>. Acesso em: 14 set. 2018.
- MARINGONI, Suzana; TIMMERMANN, Jorge; PAMPLONA, Sérgio Borges Paim. **Bases para um Curso de Design em Permacultura (PDC)**: Permacultores Pioneiros do Brasil. [s. l.], 2018. 15 slides, color, 25 cm x 20 cm. Disponível em: <<https://yypora.files.wordpress.com/2018/03/bases-para-um-curso-de-design-em-Permacultura.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.
- MARIZÁ EPICENTRO (Tucano, Brasil). **Marsha Hanzi**. [20-?]. Disponível em: <http://www.marsha.com.br/marsha-hanzi>. Acesso em: 08 mar. 2017.
- MARS, Ross. **The Basics of Permaculture Design**. Hampshire, Inglaterra: Permanent Publications, 2003, 170 p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, 80 p.
- MOLLISON, Bill. **Permaculture Two**: Practical Design and Further Theory in Permanent Agriculture. Stanley, Austrália: Tagari Community Book, 1979, 162 p.
- \_\_\_\_\_. **Introduction to Permaculture**. 9. ed. Sparr FL, EUA: Barking Frogs Permaculture Center, 2001. 155 p. Editado a partir da transcrição do Permaculture Design Course no The Rural Education Center, Wilton, NH USA, 1981. Disponível em: <[http://www.barkingfrogspermaculture.org/PDC\\_ALL.pdf](http://www.barkingfrogspermaculture.org/PDC_ALL.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Permaculture: A Designers' Manual**. 2. ed. Sister Creek, Austrália: Tagari Publications, 2009, 576 p.
- MOLLISON, Bill; HOLMGREN, David. **Permacultura Um**: uma agricultura permanente nas comunidades em geral. São Paulo: Editora Ground, 1983, 154 p. Tradução de Norberto de Paula Lima.
- MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia; JEEVES, Andrew. **Permaculture Design Course Outline**. Santa Fé, EUA: Permaculture Institute, 1985, 75 p. Disponível em: <<https://permaculture.org/wp-content/uploads/2017/12/PDC-Outline.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2019.
- MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. **Introdução à Permacultura**. 1. ed. Sister Creek, Austrália: Tagari Publications, 1991, 202 p. Tradução de André Luis Jaeger Soares.
- MORROW, Rosemary. **Earth User's Guide to Permaculture**. 2. ed. Hampshire, EUA: Permanent Publications, 2006. 288 p.
- \_\_\_\_\_. **Permacultura passo-a-passo**. 2. ed. Pirenópolis: Mais Calango Editora, 2010. 204 p.

- \_\_\_\_\_. **Earth User's Guide to Teaching Permaculture**. 2. ed. Hampshire, Inglaterra: Permanent Publications, 2014. 188 p.
- \_\_\_\_\_. **Permaculture Teaching Matters**: a teaching course for permaculture teachers. Blackheath, Austrália: Mountains Wildfire Press, 2015. 192 p.
- NANNI, Arthur Schmidt et al. CONSTRUINDO A PERMACULTURA NA ACADEMIA BRASILEIRA. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 13, n. 1, may 2018. ISSN 1980-9735. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/22439>>. Acesso em: 06 nov. 2019.
- PASQUALINI, Juliana Campregher; MARTINS, Lúgia Márcia. Dialética singular-particular-universal: implicações do Método Materialista Dialético para a Psicologia. **Psicol. Soc.**, [s. l.], v. 27, n. 2, p.362-371, mai/ago. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>>. Acesso em: 11 ago. 2019.
- PERMACULTURE ASSOCIATION BRITAIN (Reino Unido). **Permaculture Design Course: Core Curriculum v 2.3**. [s. l.]: [s. L], 2018. 7 p. Disponível em: <[https://www.permaculture.org.uk/sites/default/files/page/document/pdf.core\\_curriculum\\_2.3\\_march\\_2018.pdf](https://www.permaculture.org.uk/sites/default/files/page/document/pdf.core_curriculum_2.3_march_2018.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2019
- PERMACULTURE INSTITUTE (EUA). **What is a PDC**. [201-?]. Disponível em: <<https://permaculture.org/what-is-a-permaculture-design-course/>>. Acesso em: 22 ago. 2019.
- PIRES, Álvaro. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 154-211. Tradução de Ana Cristina Nasser.
- PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 83-94, ago. 1997. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2017.
- PITTMAN, Scott. **Definition of PDC Standard**. [2014 a]. Disponível em: <<http://lists.ibiblio.org/pipermail/permaculture/attachments/20140915/1Ed7300/attachment.docx>>. Acesso em: 11 ago. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Documents from the Permaculture Institute and Scott Pittman**. [2014 b]. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/permaculturelist/home/documents-from-the-permaculture-institute-and-scott-pittman>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- PRIMAVESI, Ana. **Manejo ecológico do solo**: a agricultura em regiões tropicais. 3 reimp. São Paulo: Nobel, 2002.
- RESTREPO, Jairo Rivera; PINHEIRO, Sebastião. **Agricultura Orgânica**: La Remineralización de los alimentos y la Salud a partir de la regeneración Mineral del Suelo. 2. ed. Santiago de Cali: Feriva, 2009. 123 p.
- RESTREPO, Jairo Rivera. **Manual de Agricultura Orgânica**: Curso teórico-prático do ABC da Agricultura Orgânica: Remineralização e Recuperação da Saúde dos Solos; Microbiologia dos

Solos e Técnica da Cromatografia de Pfeiffer. Atalanta: [s. n.], 2014. 82 p. Organização de Dalva Sofia Schuch. Disponível em: <saude.pr.gov.br/arquivos/File/Manual\_AgriCULTURA\_ORGANICA\_Jairo\_Restrepo\_Rivera.pdf >. Acesso em: 23 ago. 2019.

RIBEIRO, Dionara Soares et al. (Org.). **Agroecologia na educação básica**: Questões propositivas de conteúdo e metodologia. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017. 164 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. 3. ed. 14 reimpr. São Paulo: Atlas, 2012. 334 p.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação Não-Violenta**: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006. 288 p. Tradução de Mário Vilela.

SÃO PAULO. Áureo Magno Gaspar Pinto; Fernando José Passarelli Neme. Prefeitura Municipal de São Paulo (Org.). **Guia de Permacultura para Administradores de Parques**: Versão Digital. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2012. 92 p. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/guidePermacultura\\_admparques\\_julho2012\\_1343416990.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/guidePermacultura_admparques_julho2012_1343416990.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2018.

SÃO PAULO. ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA DA REITORIA DA UNESP. (Ed.). **Guia de Profissões UNESP**: Universidade pública gratuita mais próxima de você. 26. ed. São Paulo: UNESP, 2018. 182 p. Disponível em: <[http://unan.unesp.br/guideprofissoes/pdf/m14\\_u6\\_21092017-13-40-56.pdf](http://unan.unesp.br/guideprofissoes/pdf/m14_u6_21092017-13-40-56.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2019.

SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina Moura (Org.). **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2005. 228 p. Tradução dos capítulos 1, 7, 9 e 10 de Ernani Rosa.

SAUVÉ, Lucie. Currents in Environmental Education: Mapping a Complex and Evolving Pedagogical Field. **Canadian Journal of Environmental Education**, Thunder Bay, Canadá, v. 10, n. 1, p. 11-37, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1991, 224 p.

\_\_\_\_\_. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 33. ed., Campinas: Autores Associados, 2000, 94 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev., 1ª reimpr., Campinas: Autores Associados, 2012, 153 p.

SCHILLING-TREIN, Eunice. A educação ambiental crítica: crítica de quê? **Revista Contemporânea de Educação**, [s. l.], v. 7, n. 14, ago./dez. 2012. ISSN 1809-5747. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1673/1522>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SILVA, Luis Fernando de Matheus. **Ilusão concreta, utopia possível**: contraculturas espaciais e Permacultura (uma mirada desde o cone sul). 2013. 338 p. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia Humana, Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados (Coleção temas básicos de pesquisa-ação). 1986, 108 p.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados (Coleção Educação Contemporânea), 2008, 166 p.

\_\_\_\_\_. A pesquisa-ação-participativa e a educação ambiental: uma parceria construída pela identificação teórica e metodológica. In: TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas**. Botucatu: Fundibio, p. 121-161, 2007, 165 p.

YVY PORÃ (Santa Catarina). **Formação de instrutores de PDC**. 2011. Disponível em: <<https://yvypora.wordpress.com/2011/02/16/formacao-de-instrutores-de-pdc>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Formação de Instrutores 2018**. 2011. Disponível em: <<https://yvypora.wordpress.com/2018/09/13/formacao-de-instrutores-2018>>. Acesso em: 25 ago. 2019.





*En primer lugar, no se desespere y en caso de zafarrancho no siga las reglas que el huracán querrá imponerle.  
 Refúgiense en la casa y asegure los postigos una vez que todos los suyos estén a salvo.  
 Comparta el mate y la charla con los compañeros, los besos furtivos y las noches clandestinas, con quien le asegure ternura.  
 No deje que la estupidez se imponga.  
 Defiéndase.  
 A la estética, ética.  
 Esté siempre atento.  
 No les bastará empobrecerlo y lo querrán someter con su propia tristeza.  
 Ríase estentóreamente.  
 Mófese: la derecha está mal cogida.  
 Será imprescindible cenar juntos cada día hasta que la tormenta pase.  
 Son cosas simples, sencillas, pero no por ello, menos eficaces.  
 Diga hacia el costado buen día, por favor y gracias.  
 Y la concha de tu madre cuando lo soliciten desde arriba.  
 Tírele con lo que tenga, pero nunca solo.  
 Ellos saben cómo emboscarlo en la desprevenida soledad de una tarde.  
 Recuerde que los artistas serán siempre nuestros.  
 Y el olvido será feroz con la comparsa de impostores que los acompaña.  
 Todo va a estar bien si me hace caso.  
 Sobreviviremos nuevamente, estamos curtidos.  
 Cuidemos a los pibes que querrán poderlos.  
 Solo es menester bien pertrecharse y no escatimarnos amabilidades.  
 Deberemos dejar a mano los poemas indispensables, el vino tinto y la guitarra.  
 Sonreírles a nuestros viejos como vacuna contra la angustia diaria.  
 Ser piadosos con los amigos.  
 No confundir a los ingenuos con los traidores.  
 Y aún con estos, tener el perdón fácil para cuando vuelvan con las ilusiones forreadas.  
 Aquí nadie sobra.  
 Y eso sí, ser perseverantes y tenaces, escribir religiosamente todos los días, todas las tardes, todas las noches.  
 Aún sostenidos en terquedades si la fe se desmorona.  
 En eso, no habrá tregua para nadie.  
 La poesía les duele a estos hijos de puta..*

ROBINO, Alejandro. **Instrucciones para capear el mal tiempo.**



Bosque de Castanheiras durante o inverno, Lugo, Galicia, Espanha, em março de 2017



# APÊNDICE 1

## Questionário de Coleta de Dados<sup>62</sup>

Este questionário foi elaborado com o intuito de coletar dados para minha pesquisa de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência (Faculdade de Ciências, UNESP, campus de Bauru).

Seu título é "A Permacultura NO BRASIL: OS CURSOS DE DESIGN E A FORMAÇÃO DE FACILITADORES/AS" e a pesquisa tem como objetivo mapear os PDCs existentes no Brasil e analisar como é a formação de permacultores/as nesses espaços, assim como a formação das pessoas que atuam como facilitadores/as nos cursos.

O questionário é longo, mas peço, com muito carinho, a colaboração de vocês para que consiga desenvolver um estudo de qualidade. Para isso, seria essencial que respondessem todas as perguntas, o que leva entre 40 e 60 minutos.

Se tiver quaisquer dúvidas, fique à vontade para me escrever.

Agradeço demais pela colaboração!

Os dados fornecidos serão cuidadosamente sistematizados e analisados! Comprometo-me a compartilhar os resultados e análises de forma completa e pública após a defesa da tese, prevista para março de 2019.

**Parte 1 – DADOS GERAIS** (*Estes dados são necessários para traçarmos um perfil das pessoas que atuam na facilitação de PDCs e serão utilizados para uma análise quantitativa mais geral. Isso significa que NÃO divulgaremos os dados individualmente: por exemplo, não direi que André tem 29 anos, é do sexo masculino, etc.; mas sim que o grupo entrevistado tem 30 pessoas de 20 a 30 anos, com renda média de 2 salários mínimos etc.*)

**1.1. Nome completo** (*Relembramos que não divulgaremos seu nome junto aos dados coletados*)

**1.2. Idade**

**1.3. Sexo** Masculino/ Feminino/ Outro

**1.4. Raça/Cor/Etnia** (*De acordo com a definição utilizada pelo IBGE em suas pesquisas populacionais*)

Branca/ Preta/ Amarela/ Parda/ Indígena/ Outra

**1.5. Renda mensal média (por pessoa)** (*Indique sua renda pessoal média - no caso de utilizar a renda familiar, divida esse valor pelo número de pessoas na família*)

Até 1 salário mínimo (Menos de R\$880,00)/ De 1 a 3 salários mínimos (R\$880,00 a R\$2.640,00)/ De 3 a 5 salários mínimos (R\$2.640,00 a R\$4.400,00)/De 5 a 15 salários mínimos (R\$4.400,00 a 13.200,00)/ Mais de 15 salários mínimos (Mais de R\$13.200,00)

**1.6. Formação** (*Conte um pouco da sua história, escrevendo sobre sua formação acadêmica ou não, ligada à Permacultura ou não*)

**1.7. Área de atuação profissional** (*Escreva sobre sua trajetória de atuação profissional, ligada à Permacultura ou não*)

**1.8. Quando você fez seu primeiro PDC como aluno/a?**

**1.9. Com quem você fez seu primeiro PDC como aluno/a?** (*Indique quais grupos foram responsáveis e quem atuou como facilitador/a nesse curso*)

**1.10. Há quanto tempo atua como facilitador/a em PDCs?**

---

<sup>62</sup> Disponível no endereço: <<https://goo.gl/forms/FOqXi4dViOKO5YgE3>> Acesso em 25 ago. 2019.

Menos de 1 ano/ Entre 1 e 5 anos/ Mais de 5 anos

**1.11. Quantos PDCs participou como facilitador/a neste período?** 1/ 2 a 5/ Mais de 5

**PARTE 2 – PDC** (As perguntas abaixo visam coletar dados sobre os PDCs que tem participado como facilitador/a)

**2.1. Na sua opinião, quais são os objetivos de um PDC?** (Apresente, abaixo, qual sua percepção sobre os objetivos de um PDC: para que ele serve, qual seu intuito?)

**2.2. Que publicação(ões) você utiliza como base para determinação dos conteúdos do PDC?**

**2.3. Como é a organização do currículo nos PDCs que participa?** (Descreva como é o processo de organização do cronograma, conteúdo e metodologias utilizadas nos PDCs que participa)

**2.4. Quais dos conteúdos abaixo você tem sido responsável nos PDCs que atua?**

Introdução/ Princípios dos sistemas naturais/ Método de design/ Padrão no Design/ Perfil clássico da paisagem/ Ecologia cultivada (Produção de alimentos)/ A água na paisagem/ Solos/ Habitações e estruturas/ Tecnologia e conservação de energias apropriadas/ Reciclagem na comunidade/ Economia formal e informal/ Design para catástrofes/ Aquacultura e maricultura/ Disposição das sobras e reciclagem/ Gerenciamento da vida selvagem/ Sementes e estufas/ Florestas e árvores/ Acesso à terra e sistemas urbanos/ Formas legais/ Desenvolvimento da vila/ Comércio/ Como os “trainees” em Permacultura operam/ Outros.

**2.5. Os/As participantes do PDC elaboram um projeto de design durante o curso?**

Sim, a partir de uma área visitada durante o curso/ Sim, a partir de uma área não visitada durante o curso/ Não.

**2.6. Quantas pessoas participam, em geral, de um PDC que atua como facilitador/a?**

Menos que 10/ De 11 a 20/ De 21 a 30/ Mais que 31

**2.7. Qual o público-alvo dos PDCs onde atua como facilitador/a?** (Qual público você recebe e qual gostaria de receber nos PDCs que participa? Pessoas jovens ou adultas, qual profissão, renda etc., de forma geral)

**2.8. Quais metodologias de ensino são utilizadas durante as aulas dos PDCs? Quais são utilizadas mais frequentemente?** (Por exemplo, discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmica etc.)

**2.9. Qual(is) dos seguintes formatos de PDCs você já participou?** (Marque as opções que caracterizam os PDCs que já atuou como facilitador/a. Caso participe de PDCs com carga horária inferior a 72 horas, marque a opção "Outro" explique como ele é)

Imersão - Dias seguidos e com todas as pessoas participantes convivendo integralmente no mesmo espaço/ Modular presencial - curso oferecido em módulos, de forma presencial/ Modular semipresencial - Curso oferecido em módulos, realizados de forma presencial e à distância/ À distância - Curso oferecido integralmente on-line/ Disciplina ou especialização - Curso caracterizado como parte de uma disciplina, disciplina completa ou programa de especialização/ Outro.

**2.10. Qual(is) dos formatos de PDC você prefere? Por quê?**

**2.11. Você tem alguma crítica/sugestão para o currículo (carga horária, conteúdos, metodologias de ensino, bases teóricas etc.) e outras questões acima levantadas sobre os PDCs?**

**PARTE 3 – BASES TEÓRICAS E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA** *(As perguntas abaixo são relativas a sua formação e atuação como facilitador/a de PDCs no Brasil. Pedimos, gentilmente, que as responda com tranquilidade e de forma detalhada, levando em consideração todo o período em que tem desempenhado este papel)*

**3.1. Quem são suas principais referências em Permacultura?** *(Indique quais autoras e autores tem utilizado como referência, assim como outras pessoas que não tenham publicações, mas que lhe sirvam como referência teórica/prática)*

**3.2. Quem são seus principais referenciais teóricos na área de educação? Por quê?** *(Indique quais autoras e autores baseiam sua ação pedagógica ou quais correntes lhe despertam mais interesse)*

**3.3. Você julga como necessária uma formação pedagógica para sua atuação como facilitadores/as de PDCs? Por favor, explique-nos o porquê da sua resposta.**

**3.4. Na sua opinião, qual a importância de um curso específico de formação para facilitadores/as de PDCs?**

Escala de 1 (Não necessário) a 5 (Essencial)

**3.5. Você já participou de algum curso específico de formação pedagógica para facilitadores/as de PDCs?**

Sim *(Caso marque essa opção, será direcionado/a à parte 4)/* Não *(Caso não marque essa opção, será direcionado à parte 5)*

**3.6. Na sua opinião, qual caminho (ou caminhos) deve-se percorrer antes de atuar como facilitador/a de um PDC?** *(Há algum pré-requisito ou recomendação para que uma pessoa desempenhe esse papel?)*

**PARTE 4 - FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA FACILITADORES/AS DE PDCS** *(As próximas perguntas se referem especificamente a cursos de formação pedagógica direcionados a quem atua na facilitação de PDCs)*

**4.1. Qual curso de formação pedagógica você participou?**

**4.2. Qual foi o local de realização do curso?**

**4.3. Qual foi a carga horária do curso?**

**4.4. Quem organizou/facilitou o curso?**

**4.5. Quais conteúdos e metodologias foram utilizadas no curso?** *(Descreva, de forma geral, como o curso foi organizado)*

**4.6. Qual a importância deste curso na sua atuação como facilitador/a de PDCs?**

Escala de 1 (Nenhuma importância) a 5 (Extremamente importante)

**PARTE 5 – CRÍTICAS, SUGESTÕES OU CONSIDERAÇÕES**

**5. Caso queira, compartilhe no espaço abaixo críticas, sugestões ou considerações sobre este questionário, sobre os PDCs ou sobre o caminho da Permacultura no Brasil.**

## APÊNDICE 2

### Respostas dos/as entrevistados/as ao questionário (Perguntas Abertas)

**1.6. Formação** (*Conte um pouco da sua história, escrevendo sobre sua formação acadêmica ou não, ligada à Permacultura ou não*)

**P1:** Tenho uma formação em Agronomia, onde cursei 95% do curso e não me formei. Formação em Engenharia Ambiental pela UFMS, Mestrado em Tecnologias Ambientais (Saneamento Ecológico - Tanque de evapotranspiração). Fiz meu primeiro curso de Introdução à Permacultura em 1996, com Márcio Armando, pelo PNFC e o primeiro PDC em 2007, com Skye. Minha principal formação em Permacultura foi por acompanhar e auxiliar a organizar os PDCs e demais cursos ministrados pelo Skye, entre 2003 e 2010 e participar de projetos de pesquisa e extensão da UFMS, em comunidades tradicionais, com temas relacionados à Permacultura (Saneamento Ecológico e Agricultura Urbana). Mais tarde, envolvimento com comunidades de Assentados, indígenas e quilombolas. Mas o momento em que mais aprendi, exponencialmente, foi quando comecei a ministrar PDCs, a partir de 2012. Também fiz cursos de curta duração com Marcelo Bueno, Juã Pereira, Guillermo Gayo, Patrícia Vaz, Marsha Hanzi, Tomaz Lotufo, Orlando Rivero e David Holmgren.

**P2:** Sou de Califórnia. Estou morando no Brasil há 8 anos. Trabalho, e sempre trabalhei com o corpo, com dança, terapias, arte e performance, massagem, coreografia. Aqui no Brasil estou ligada com a cultura nordestina, seus ritmos e danças, e sou Daimista desde que 2009. Tomei Santo Daime pela primeira vez aqui no Brasil, mas, me fardei em Califórnia no mesmo ano que mudei pra cá. Estou vendo que o Santo Daime e os movimentos concentrados nas medicinas tradicionais e os estudos e práticas delas, tem muito a ver com permacultura e as comunidades em que a prática dela é mais integrada.

**P3:** Pós-graduação em Educação. Mestrado em Design Urbano – Austrália. Permacultura com Bill Mollison na Austrália em 1993. Diplomado por Bill Mollison em 2001.

**P4:** Permacultora, Geógrafa e Mestre em Desenvolvimento Sustentável. Formada em moderação de processos participativos, planejamento e gerenciamento de projetos. Participei de diversos cursos de agrofloresta, agricultura orgânica e bioconstrução. Minha trajetória com uma vida sustentável começou desde criança. Venho de uma família onde vivia a partir de referências filosóficas e práticas voltadas à solidariedade, ao socialismo, à igualdade de gênero e de oportunidades. Meu pai participou do movimento de agroecologia desde o início, quando ainda se chamava de agricultura alternativa. Produzíamos orgânicos em uma chácara próxima a Brasília. Mais tarde, decidi seguir minha atuação profissional da área socioambiental e por isso cursei geografia na graduação. Meu contato com a permacultura começou em 2002 quando mudei para a Toca da Coruja e ganhei o livro Introdução à Permacultura de Bill Mollison. Eu e o [removido] nos encantamos com a ética e a lógica do design. Entusiasmados, compramos livros, buscamos informações na internet e começamos uma trajetória autodidata teórica e prática de vida permacultural. Com o tempo, participei de diversos cursos e do PDC, inclusive do curso de Formação de Instrutores de Yvy Porã. O design da [removido] hoje tem quinze anos de muito trabalho, aprendizados e aprimoramentos.

**P5:** Sou arquiteta e urbanista formada pela Escola da Cidade (2011). Cursei dois anos de engenharia ambiental na UFPR. Fiz PDC com o coletivo PermaSampa no Instituto Casa da Cidade (2017), e recentemente o Curso de Formação de Instrutores de PDC de Yvy Porã (2018).

**P6:** [EM BRANCO]

**P7:** Permacultor. Graduado em geologia, mestre em geologia ambiental e doutor em geociências. Foi professor adjunto da UFES e atualmente é professor adjunto da [removido] junto ao departamento de geociências. Tem experiência na área de ciências da Terra com ênfase em permacultura, recursos hídricos e geologia ambiental. Integrante do [removido].

**P8:** PDC. Cursos diversos de bioconstrucción. Cursos diversos de tecnologías sociales. Diversos cursos de sanación natural y espiritualidad.

**P9:** Sou bióloga, com doutorado em Fitotecnia/Agronomia. Vivencio a Permacultura desde 2004, quando fiz um curso de Introdução à Permacultura. Meu primeiro PDC foi este ano, mas não foi por falta de um PDC que a permacultura não permeou minha vida... Minha casa é bioconstruída, reutilizamos água cinza e temos BETs. Somos vinculados à juventude lixo zero, nossas únicas embalagens ainda produzidas são dos milhos de pipoca e café, todos os outros itens da feira são comprados à granel e colocados em recipientes que levamos de casa. Nosso espaço, chamado

[removido]" é aberto a visitas como forma de vitrine como forma de contagiar as pessoas com uma forma de convivência menos impactantes com os outros seres do planeta.

**P10:** Entrei na faculdade muito nova com 17 anos e acabei escolhendo um curso multidisciplinar e acabei escolhendo Secretariado Executivo Bilingue. O qual me fez na época me apaixonar por Marketing aí logo saindo da Faculdade fiz pós-graduação em Marketing pela ESPM. Depois de algum tempo muita coisa mudou dentro de mim o que me levou a estudar Psiquismo Humano, foram 4 anos na Escola Dinâmica Energética do Psiquismo Humano DEP seguido de uma Pós-graduação em Psicologia Transpessoal. Com o caminhar da vida e o conhecimento da Agroecologia e da Permacultura fui levada a cursar Pós-Graduação em Agricultura Biodinâmica e fazer alguns cursos de formação entre elas a Permacultura.

**P11:** Engenharia Florestal.

**P12:** Doutorado em andamento e Mestrado concluído em 2012 em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ-UFSC), ambos na área de arquitetura e construção com terra. Graduação em arquitetura e urbanismo na Uniritter (2004). PDC no IPEP (2004) e no Permacultura Montsant (ESP). Pós na Universidade Politécnica da Catalunya em Arquitetura e Meio Ambiente. Diversos cursos e formações em bioconstrução.

**P13:** Tenho graduação em arquitetura e urbanismo pela UFSC e mestrado em arquitetura e urbanismo pela USP de São Carlos. No meu mestrado estudei a produção da habitação camponesa a partir das políticas públicas de habitação no Brasil pré-golpe. Desde o início da minha graduação em arquitetura me interessei pela permacultura e desde então sigo estudando a respeito.

**P14:** Graduação: Agronomia (UFC). Mestrado: Solos e Nutrição de Plantas (UFC). Doutorado: Solos e Nutrição de Plantas (UFV).

**P15:** Sou formado em Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado) pela UNESP de Botucatu. Fiz o PDC em janeiro de 2010.

**P16:** Sou graduando em história pela Universidade Regional do Cariri e pós-graduado em Permacultura Pela Universidade Federal do Cariri.

**P17:** Sou jornalista, ambientalista e cultivo alimentos em casa e como voluntária na [removido]. Sou também ativista da água (uma das criadoras do [removido]) e dos resíduos (faço parte da iniciativa [removido]).

**P18:** -

**P19:** Eng. Agrônoma - UFPEL RS. Pós em agricultura orgânica UCS RS. Mestrado em educação UNIVALI SC.

**P20:** Engenheiro ambiental formado pelo Senac/SP 2009, permacultor formado por Jorge Timmerman, Suzana Maringoni e Tomaz Lotufo em 2008, agricultor biodinâmico formado pelo instituto Elo Botucatu/SP em 2013, apicultor formado pelo Senar. Me especializei, através da engenharia e permacultura, em manejo ecológico e integrado das águas. Atuando em diferentes ramos de projetos de drenagem, aproveitamento de água da chuva e tratamento de efluentes, desde 2007.

**P21:** Possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa (2008). Atualmente trabalha na divulgação de tecnologias sociais através da Permacultura, Agroecologia, Educação popular e Economia solidária. Atua em projetos de ensino, pesquisa e extensão que promovem o planejamento de propriedades rurais sustentáveis. Promove cursos e vivências nas áreas de produção e processamento agroecológico, bioconstruções e saneamento rural, desenho e planejamento ambiental. É produtor rural, integrante da rede de consumo solidário [removido]. Tem experiência nas seguintes áreas: Agroecologia, Permacultura, Extensão Rural, Movimentos Sociais, Radiestesia e Geobiologia, Educação Ambiental, Etnobotânica, Apicultura, Arte-educação e Redes solidárias.

**P22:** *Cursei Ecoturismo na PUC-Quito Equador, onde conheci a permacultura e comecei a fazer os primeiros cursos com a RED DE GUARDIANES DE SEMILLAS, depois trabalhei numa ong que impulsava a mobilidade alternativa na cidade, alguns anos depois empreendi uma viagem pessoal após Fórum Social Mundial, onde comecei a procurar espaços permaculturais e experiências comunitárias reais. Depois de 3 anos de viagem pela Venezuela e Brasil, instalo pra morar em Rio De Contas BA, onde estabelece parceria com [removido] e começa de formando com Marsha num PDC completo, onde convidamos a vários parceiros como Juli Faber, Organização Permacultura e Arte OPA, NEPPSA do UECE em fortaleza, Felipe Pinheiro, entre outros. Depois desta vivência começo a facilitar cursos. Fiz uma especialização com SKY Riquelme para professores de permacultura. PDC Plus com Marsha.*

**P23:** Sou nascida em São Jose dos Campos, uma cidade industrial e tecnológica, que teve um crescimento acelerado a partir da década de 1970 com a chegada da indústria aeroespacial e algumas décadas antes passou por um período sanatorial, onde era considerada Estância Climática para tratamento de tuberculose. Meus pais como muitos daqui, vieram de outros lugares, minha mãe de

Uberaba para o tratamento de tuberculose de minha avó e meu pai é de Rondônia e veio para o Sudeste em busca de expandir seus horizontes profissionais, ambos não cursaram faculdade e nem tinham essa tradição em família, sou parte da primeira geração de graduados da família. Fiz escola técnica no Ensino Médio e trabalhei dois anos na Indústria, como projetista de aviões, até que escolhi ingressar num curso bem diferente dos caminhos que a vida havia em trazido e fui muito feliz em fazer essa escolha de cursar Ciências Sociais, que me deu base e amigos para expandir meu projeto de vida nessa Terra, Hoje tenho um filho de 6 anos que é o grande motivo do meu engajamento na Permacultura, a urgência de construir um mundo um pouco melhor.

**P24:** Bacharel e licenciatura em Ciências Biológicas. - Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural. - Estudante de graduação em Agronomia. - Diversos cursos, dentre eles, PDC.

**P25:** Sou graduado em ciências sociais, na UNESP de Araraquara e, por volta de 2006 e 2007, amigos da república onde morei começaram uma horta. Em São Carlos, meu pai também tinha a sua, na qual eu ajudava muito raramente, com funções bem específicas, do tipo, juntar os resíduos orgânicos em uma pilha ou retirar alguns 'matos', mas sem me envolver. Percebi rapidamente o quão pouco sabia sobre a vida vegetal, e passei a me interessar por aquilo a partir da profundidade da minha ignorância atestada pelo total desconhecimento dos processos biológicos. Com a morte de meu pai em 2008, foi como se a horta houvesse se tornado uma herança, uma responsabilidade minha, e rapidamente estava então fazendo experiências, plantando, e testando o cultivo de diversas plantas. Dado o contexto universitário, uma das plantas que mais despertou meu interesse foi a cannabis, pois tinha um cultivo simples e evitava que o consumo da mesma se tornasse um ato de financiamento do crime organizado e do narcotráfico. A partir da pesquisa profunda dessa cultura, fui me apaixonando por outras: cenoura, rúcula, rabanete, alface etc. Registre-se que nunca fiz uso sistemático da planta, gostando mais de cultivá-la por questões políticas, sociais e experimentais do que usufruir da mesma. Enfim, dentro da universidade, eu havia iniciado estudos da área da arqueologia, com a qual trabalhei por um ano, e depois do indigenismo, no qual me especializei e que se tornou o recorte do meu TCC. Dentro da pesquisa com povos indígenas, aproximei-me da questão ambiental e ecológica e, simultaneamente, soube da permacultura por amigos da faculdade que estavam começando a praticá-la e estudá-la. Parti para uma série de viagens então, visitando agrovilas, ecovilas, sítios, fazendas e centros de permacultura no Brasil, Argentina e Peru. Foram inúmeras viagens que, somadas, são mais de um ano de estrada (sobre uma das mais longas escrevi um relato em forma de diário que pretendo publicar chamado ""Pequena Etnografia do Acaso""). Então, na prática, fui aprendendo sobre construção, plantio, cuidados, biodinâmica etc. Em termos de curso, nesse meio tempo, oficialmente, fiz apenas dois, no IPEMA: um sobre captação de água de chuva e outro sobre 'filtros biológicos', ambos gratuitamente graças a um financiamento da Petrobrás que o grupo obteve. Ao regressar das viagens e experiências, decidi, com mais gente, abrir um ponto de permacultura em São Carlos, e nasce então a [removido], em 2012. Um ano depois decido fazer mestrado no tema. Sou então aprovado no PPGI-EA da ESALQ e início os estudos com o objetivo de fazer um mapeamento nacional dos grupos de permacultura no ano de 2014.

**P26:** doutorado.

**P27:** *Soy venezolana, tengo un año viviendo en Argentina. Culminé la escolaridad en ingeniería ambiental, de la Universidad Nacional Experimental del Táchira, en Venezuela. Desde el 2012 vengo vinculándome con el término de la permacultura, siendo mis primeras ramas de trabajo la agricultura orgánica y la construcción con tierra. En el 2013 pude hacer mi primer curso oficial de permacultura con el Manzano, en el espacio del proyecto de La Pacha en Villavicencio en Colombia. He hecho cursos de geobiología, pastoreo racional, agricultura orgánica y bioconstrucción.*

**P28:** Pós-graduado Especialista em Gestão Ambiental.

**P29:** Sou licenciado em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências de Botucatu (Unesp) e fiz parte do Projeto Moradia Agroecológica, que conseguiu organizar o I PDC Moradia, realizado em 2009 na Unesp de Botucatu.

**P30:** Sou bióloga e atualmente estou me dedicando ao mestrado na área de botânica. Fiz o PDC em 2009 pelo Grupo curare de Permacultura e depois disso comecei a me envolver mais com o grupo e organizar os cursos.

**P31:** Cursei Ciências da computação pela Udesc, até o último semestre, quando viajei para aprender inglês na Austrália, acabei aprendendo muito mais, foi onde tive contato com a permacultura pela primeira vez, fazendo wwoofing, depois fui para Thailand onde convivi com mais gente que já praticava permacultura, acabei me apaixonando pelo assunto, e desde então larguei a faculdade e vivo a permacultura.



**P32:** Formada em Direito pela UniCuritiba, especialista em direitos coletivos e individuais indisponíveis pela FEMPAR e em Direito Socioambiental na PUCPR, Permacultora e Designer em Sustentabilidade pelo Programa Gaia Education.

**P33:** Sou formada em Educação em Artes, com especialização em Artes Visuais, Educação Popular, Educação para Sustentabilidade e Design para Sustentabilidade. Na permacultura me especializei em Permacultura Social ou Design Social Permacultural.

**P34:** Sou formada em Imagem e Som pela UFSCar, com um curso de especialização em Educação Ambiental na USP- São Carlos e agora com mestrado em andamento em Ecologia Aplicada na USP - ESALQ com previsão de finalização para junho de 2018. Além da formação acadêmica fiz cursos de curta duração sobre ecologia social, o PDC, habitações sustentáveis, economia solidária, entre outros com Ongs e Institutos.

**P35:** Cursei bacharelado e licenciatura em ciências biológicas pela UNIRIO, onde me especializei em botânica e tive meus primeiros contatos com agroecologia e permacultura graças aos encontros de estudantes. Logo após me formar, em 2012, me juntei com 4 amigos para criar a [removido], coletivo de permacultura focado em cursos e serviços. Desde ano passado me associei ao [removido], empresa de desenvolvimento de tecnologias para reciclagem.

**P36:** Curso de Publicidade e Propaganda incompleto, PDC e Permacultura Zona 1, ambos com Jorge Timmermann, cursos de Apicultura e de Agroecologia, na Epagri, Oficina de Agrofloresta, com Ernest Götsch, curso Princípios Avançados de Permacultura, com David Holmgren, I Formação de Instrutores para PDC de Yvy Porã.

**P37:** Sou formado bacharel em Linguística e técnico em bioquímica. Fiz o PDC no IPEMA em julho de 2011, e formações em Sistemas Agroflorestais com o Juã do Sítio Semente (à época ainda ligado ao IPOEMA em Brasília), e posteriormente com o curso avançado com o próprio Ernst.

**P38:** Graduado em Ciências Biológicas na UNESP de Botucatu, Bacharelado e Licenciatura, atualmente cursando Mestrado em Educação para a Ciência na UNESP de Bauru. Tive aproximações com o movimento estudantil na universidade, atuando no Centro Acadêmico durante a graduação. Conheci o [removido], onde tive a maior parte da minha formação em Permacultura, com eles fiz o PDC e passei a integrar o grupo e facilitar alguns espaços.

**P39:** Eu sou engenheiro civil, eu fiz mestrado em gerenciamento de projetos e engenharia civil na Austrália em 2000 e descobri a Permacultura na Índia voltando pro Brasil em 2002. Fiz meu PDC, minha primeira imersão na Permacultura, meu primeiro envolvimento na permacultura, em novembro de 2003. Não tinha feito nenhum curso antes disso, mas quando eu descobri a permacultura na Índia eu entendi que era muito mais do que eu estava imaginando, e achava que era um caminho valioso pra seguir, e aí decidi fazer um PDC e, misturado com a atuação profissional (eu fiz meu PDC no IPEC em novembro de 2003), em janeiro de 2004 fiz um curso de ecoconstrução no IPEP, eu queria requalificar minha formação como engenheiro civil, trabalhando numa lógica totalmente diferente, então fui fazer esse curso como uma maneira de eu me capacitar, construir de outra forma, já na linha da permacultura e acabei me envolvendo com o instituto (IPEP) na época e fiquei um ano e meio vivendo, vivenciando permacultura lá. Isso foi de janeiro de 2004 até julho/agosto de 2005, quando eu tive esse chamado pra começar a trabalhar com água, isso foi então nesse segundo semestre de 2005.

**P40:** segundo grau técnico em bioquímica, graduação na Universidade Federal Rural do RJ em Engenharia Florestal onde encontrei os grupos de extensão da universidade iniciei em 2001 os estudos em agroecologia e permacultura no Grupo de Agricultura ecológica GAE, grupo de Permacultura e associação Erva Doce restaurante de alimentação natural.

**P41:** Engenheiro Ambiental.

**P42:** Tenho uma forte tendência a transdisciplinaridade, o que marca minha trajetória acadêmica/profissional. A primeira graduação que iniciei foi Filosofia, fiz 3 anos do curso. Depois migrei para o Serviço Social, pois queria algo mais prático. Depois de formada, fiz um MBA em Gestão com Pessoas, queria entender o mundo corporativo. Mas, logo após concluir a graduação, comecei a trabalhar como assistente social intra-hospitalar, onde permaneci muitos anos. Conheci a Permacultura pouco antes de sair da área. Passei no mestrado (Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos – UNILA), logo depois fui convidada a dar aulas na graduação do curso de Serviço Social em uma Faculdade de gestão comunitária em Foz do Iguaçu. Coordenei o curso, trabalhei na reformulação do projeto e grade curricular, a permacultura permeava os processos, principalmente quando os estudantes elaboravam os “Projetos Integradores” (projetos que eram desenvolvidos com a comunidade. Todo semestre um projeto diferente, onde os estudantes integravam os conhecimentos adquiridos em aula, com a ação social). Logo após, passei no Doutorado (Interdisciplinar em Ciências Humanas – UFSC), pedi demissão da faculdade e vim para Florianópolis. Aqui conheci o [removido], tive a oportunidade de fazer um PDC, e tocava meu projeto de doutorado (Sobre o protocolo de morte

encefálica – continuação da pesquisa do mestrado, a área da saúde), concomitante com as ações que desenvolvia com o [removido]. Desde o PDC, fui convidada a dar o conteúdo de “Permacultura e Sociedade” na disciplina de Introdução a Permacultura ofertada na [removido] (primeira aula realizada em junho de 2016). A proposta é agregar conteúdos para a temática, tendo como base meus conhecimentos sobre filosofia, sociologia, antropologia, história e outros. No final de 2016, percebi que precisava escolher entre a permacultura e o protocolo de morte encefálica, não conseguia mais desenvolver os dois projetos. Foquei na permacultura, mudei de orientador, linha e tema. Hoje trabalho com mulheres permacultoras.

**P43:** Unesp biologia, USP pedagogia (incompleto), mestrado WUR ciências sociais, PDC com Skye e Geoff Lawton.

**P44:** Biólogo (1976), graduado na Universidade Nacional de Córdoba. Especialidade (entre 1976-1982) em Entomologia, Microbiologia e Ecologia.

**P45:** Artes Visuais tr.

**P46:** Licenciatura em Artes Visuais. Pós-Graduação em Docência em Sustentabilidade. Acadêmico do curso Licenciatura em Ciências Agrárias.

**P47:** Formado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo em 2012, estagiário do Instituto de Botânica de SP de 2007 a 2011; desde 2006 venho pesquisando e praticando a Permacultura atuando principalmente com compostagem e apoio a produção orgânica agroecológica, membro do grupo [removido] e participante do [removido]. Designer em sustentabilidade pelo Gaia Education na UMAPAZ em 2010 e Designer em Permacultura pelo Instituto Casa da Cidade em 2015.

**P48:** Formada em Artes Cênicas (UFRGS), Gestão Comunitária (NESSOP-UFSC), Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (EGEM-FECAM). Vem praticando e construindo os caminhos na busca da sustentabilidade no “[removido]”, Em Florianópolis, juntamente com seu companheiro, biólogo permacultor, [removido], e o filho [removido].

**P49:** Formada em Biologia, em 2004 descobri a Permacultura e foi “amor à primeira vista” resolvi me dedicar a estudar e estagiar nos locais onde havia permacultura em SC que ainda era um termo desconhecido, em 2005 fiz os cursos PDC e Bioconstrução no IPEP e segui fazendo estágios em sítios. Detalhes: <[removido]>

**P50:** Titulado em Engenharia Agrônoma em 2012, com formação em permacultura em 2008 e 2013.

**P51:** Engenheiro ambiental. Permacultor. Paisagista. Educador para a sustentabilidade.

**P52:** Formação Acadêmica: 2004 a 2006. - Curso de filosofia USP incompleto. 2008 á 2013 - bacharel em letras, habilitação em linguística. 2017 - Mestrado em andamento em línguas indígenas. Grupo de estudos de (Eparreh): 2004 a 2009: (agroecologia, biodinâmica e permacultura). Cursos livres: 2005 - Horta comunitária com Victorino na AAO – SP. 2007 - Filtros biológicos com Albino Eliseu no Ipema – SP. 2008 - Agrofloresta com Ernest no Tibá – RJ. 2010 - PDC no Ass. Ir. Alberta com Marcelo Bueno – SP. 2012 - Transition Towns na Schumacher College – Inglaterra.

**P53:** Primeiro PDC realizado em 2002 e Arquiteto formado pela Unesp Bauru em 2010.

**P54:** "UM POUCO DA MINHA VIDA. da onde venho...

Cresci na selva de pedras de São Paulo – mas com muitas escapadas na natureza! -, parte de uma família de muito amor, educada na Escola da Vila – uma escola construtivista –, aprendi desde cedo a ser muito crítica com tudo, e não aceitar caminhos pré-traçados e impostos pela sociedade. os caminhos que trilhei... Sempre apaixonada pela Vida, em todas suas formas, foi natural fazer Biologia na faculdade. Um acaso da vida, me levou para fazer faculdade na França, na Université Bordeaux. Da mudança de realidade de São Paulo para uma pequena cidade – Bordeaux – aos 17 anos de idade, aprendi sobre viver em uma nova cultura e tive contato com um movimento de pessoas buscando viver vidas mais ecológicas nas pequenezas do dia-a-dia: andar de bicicleta, comprar local e sazonal, ocupar a cidade, conhecer os vizinhos... Decidi fazer meu mestrado em Ecologia e Desenvolvimento Sustentável por conta da curiosidade pela Amazônia – o último massivo florestal do Planeta – e o desejo profundo de aprender como poderíamos continuar nos desenvolvendo sem degradar esse reduto sagrado da Vida e de todos os ciclos ecológicos. Encontrei “O único mestrado da face da Terra” que queria fazer e conseguiu entrar: um mestrado profissional em “Engenharia em Ecologia e Gestão da Biodiversidade” na Université de Montpellier. Por ser profissionalizante (e não ultra-acadêmico) tive a oportunidade de fazer duas imersões no mercado de trabalho. No primeiro ano sai voando para conhecer a Amazônia e fui parar na maior agroindústria brasileira de óleo de palma. Queria ver como uma grande empresa se portava frente à preservação da floresta. Foi uma experiência e tanto! No segundo ano, já tendo descoberto algumas coisas, queria trabalhar com sistemas agroflorestais NO brasil. O acaso do destino me trouxe em 2010 à Brasília, para trabalhar na EMBRAPA Cerrados em

parceria com a instituição de pesquisa francesa CIRAD, não com agroflorestas, mas com estudos científicos testando modelos de agricultura um pouco mais sustentáveis. Foi legal, mas ainda faltava taaaanto para ser realmente sustentável... A busca insaciável finalmente me revelou a Permacultura e [removido]. Foi paixão à primeira vista! Instantaneamente um sentimento brotou em mim de que eu havia encontrado meu lugar, eu senti o chamado da Terra. Depois de muitas idas e vindas, e muita teimosia taurina (ou como eu prefiro chamar: persistência!) consegui meu passaporte para entrar no Instituto.

**P55:** Arquiteto e Permacultor.

**P56:** Tenho formação técnica em edificações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE); bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Especialização em Permacultura e Educação para a Sustentabilidade, também pela UECE. Cursei PDC em Melbourne, Austrália, em 2009 com Bill Mollison e Geoff Lawton. Participei ainda de outros cursos relacionados à permacultura, tais como: Bioconstruindo, em 2013 no Ecocentro IPEC; e Curso de Sistemas Agroflorestais Sucessionais, com Ernst Götsch.

**P57:** Permacultor formado por Jorge Timmerman em 2001, com cursos de formação de instrutores em 2004 e em 2016, e participação em alguns eventos de permacultura como o Congresso Latino-americano de Permacultura na Bahia em 2003, e algumas reuniões da antiga PAL que aconteceram em SC, do antigo IPEMA, da antiga Permeiar Rede de Permacultores (da qual nunca fui membro, mas sempre fui próximo), dentre outras. Técnico em Saneamento, formado em 1996. Engenheiro Agrônomo formado na UFSC em 2005, Mestre em Agroecossistemas pela UFSC 2009. Doutorando em Geografia pela UFSC, pesquisando Permacultores Novos rurais e como a permacultura influencia na sustentabilidade de suas unidades.

**P58:** Venho de formação formal acadêmica na área de Comunicação e ao longo do tempo me especializando em comunicação digital. Quando conheci a Permacultura em 2010 me dediquei mais aos assuntos de Bioconstrução e Agroecologia, todos os cursos e vivências informais.

**P59:** Sou Engenheiro Agrônomo, com especialização em Avaliação Ambiental de Projetos e Mestrado em Ecologia.

**P60:** Sou graduada em Marketing de Moda.

**P61:** Pós-graduação em antropologia Sul-americana e arqueologia, Universidade da Florida, EUA; Mestrado e Linguística Aplicada, Essex, Inglaterra; Diploma em Permacultura desde 1994 (de Bill Mollison).

**P62:** Neto e filho de agricultores, com formação acadêmica em Gestão Ambiental, mestrado e doutorando em Agroecossistemas (UFSC).

**P63:** Graduada em Administração de empresas UDESC. Mestre em Desenvolvimento sustentável (FR). Mestre em Economia Social e Solidaria (FR). Graduanda em Arquitetura.

**P64:** Sou Licenciado em Física pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Física Aplicada pelo Instituto de Física da Universidade de São Paulo, Doutor em Geofísica Espacial pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) (Área de Estudo, Eletricidade Atmosférica) e Pós Doutor em Ciências Atmosféricas pelo Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP), (Área de Estudo, Meteorologia). Fiz meu PDC com o Skye em 2009 e um curso com a Marsha Hanzi em 2011.

**P65:** Tenho graduação em Ciências da Computação e mestrado em Computação aplicada na educação (Educação Cooperativa Apoiada por Computador). Esse caminho acadêmico me levou a conhecer e me envolver com diversas questões relacionadas a cooperação não apenas online. Então, por meio da minha orientadora no mestrado na UFSC – Edla Faust Ramos, conheci um grupo da Permacultura em Florianópolis e comecei a estudar esse tema e ecovilas. A partir de 2002, trabalhando na [removido], participei da proposta da [removido]. A partir daí passei a investir em diversos cursos ligados a Permacultura (Bioconstrução, Ecovilas, Bambu etc.). Em 2009 decidi sair da Universidade e focar na Permacultura. Voltei a residir em Florianópolis e colaborar na [removido]. Em 2011 vim para Brasília e entrei na coordenação do [removido] e passei a realizar diversas formações em metodologias voltadas ao design social e relações e de grupo (Dragon Dreaming, CNV, Sociocracia). Enfim, a formação em Permacultura não tem fim, difícil listar tantos estudos e formações...

**P66:** Bióloga pela UnB, permacultora, educadora para sustentabilidade com especialização em Educação Gaia - Design para Sustentabilidade. Faço, constantemente, diversas formações a fim de costurar conhecimentos. Dentre elas estão: treinamento em transition towns, coach e facilitação e moderação de grupos, democracia profunda, vivências com a natureza.

**P67:** Me formei em artes cênicas pela UNICAMP em 2008. Realizei o PDC em 2011 pelo IPEMA. Em 2013 realizei minha formação de doula. Hoje essas são minhas 3 atividades principais. Viajei um

bocado pelo Brasil procurando viver de maneira alinhada à permacultura e considero isso uma parte fundamental da minha formação. Na Amazônia aprendi sobre agricultura e manejo de produtos da floresta, em Santa Catarina aprendi um pouco sobre vinicultura, e entre 2012 e 2014 vivi com os Kaiowá Guarani no Mato Grosso do Sul, atuando como indigenista e educadora ambiental. Vivenciar outras culturas assim como vivenciar verdadeiramente uma vida rural foram experiências fulcrais para a construção de minha atual visão de mundo.

**P68:** 1- PDC com Jorge Timmermann e Suzana, (PDC Meruoca Ceará) PDC Marsha Hanzi e IPB, PDC Rio de Contas) formação em permacultura e educação com Skye Riquelme na UECE (Fortaleza-Ceará), formação em Dragon Dreaming com John Croft (Fortaleza-Ceará). formação em Transition Towns - Cidades em Transição. Educação Biocêntrica (fortaleza- Ceará).

**P69:** Sou Neto e filho de agricultores, tive uma infância sofrida e dura na roça no rio grande do Sul e em fazendas do mato grosso do Sul, meu pai era pantaneiro, então cresci subindo em tratores e colheitadeiras de soja e milho. Meu local predileto para brincar era o ferro velho, adorava inventar coisas, e minha primeira plantação eu tinha 5 anos, plantei com meu irmão mais velho...com o milho que recolhíamos das máquinas de plantar, o que se perdia pelo chão, plantamos e ganhamos as primeiras espigas de milhos próprias, lembro que meu pai ficou orgulhoso de nós. Então eu nasci neste contexto rural e de agricultura, depois adolescente comecei a trabalhar com oficina mecânica e de chapeamento e pintura de automóveis, e também tive essa vivência com ferramentas elétricas e manuais. E por fim fui servente de pedreiro, o que veio muito a calhar quando conheci a bioconstrução. Anos trabalhei como ator profissional e diretor de teatro, e sempre trabalhei produzindo espetáculos, festas e shows, e exposições de artes plásticas. Então eu costumo dizer que sem querer fui me preparando para a profissão de Designer em Permacultura, na medida em que acabei melhorando meu olhar estético pela influência das artes e do design, e também o canteiro de obras ou a roça foram lugares comuns para mim a vida toda. Costumo dizer que foi mais fácil pra mim me tornar um Permacultor. Conheci a Permacultura em 2003 na universidade, quando estava no movimento de agroecologia, e no movimento estudantil. Estava à procura de resgatar meus conhecimentos e minha conexão com a natureza e com a herança indígena que tenho e agricultora. Nesse caminho a permacultura veio me mostrar a importância de se discutir planejamento e como a ausência de planejamento era a origem de todos os males na sociedade, e como apresentar novos paradigmas poderia ser mais útil e efetivo que tentar negar os paradigmas existentes e torpes. A Permacultura surge para mim, que sou um militante de esquerda, e na época participava da luta dos movimentos sociais anticapitalistas, como uma resposta paradigmática para todos as pautas que de alguma maneira lutávamos, mas sem uma proposta concreta para paradigmas como resíduos, alimentação, saneamento, educação etc.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** Saudações caro (a)s hermanos e hermanas!!! Tenho 34 anos, sou natural de Fortaleza, sou casado com [removido] e pai de [removido]. Sou Designer em Permacultura, Educador Biocêntrico, Técnico em Arqueologia, Licenciado em Geografia, atualmente curso os Cursos de Especialização em Permacultura e Mestrando em Desenvolvimento Regional Sustentável, ambos pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Minha história na Permacultura se inicia em 2004 quando vivenciei pela primeira vez o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas na cidade de São Gotardo, interior do estado de Minas Gerais, foi lá que pela primeira vez ouvi falar sobre Permacultura. Quando do retorno a Fortaleza conheço Luciana (minha esposa), ao falar sobre ela prontamente me diz que já conhecia e me indicou um projeto no município de Maranguape que preconizava os valores e a ética da Permacultura. Tal projeto era capitaneado pelo arquiteto e professor da Universidade Federal do Ceará, Marcondes Araújo Lima, sendo este um dos principais entusiastas desta nobre ciência no estado do Ceará desde o final dos anos 90, época em que retorna do seu doutorado na Austrália. No ano seguinte em 2005, fui ao Fórum Social Mundial em Porto Alegre, e lá havia uma área inteira destinada ao debate em torno da Agroecologia e correlatas, estando a Permacultura como uma das protagonistas. Na ocasião participei de inúmeras vivências/oficinas/palestras, onde tive a satisfação de conhecer o grande Mestre do Bambu, o paraguaio Guillermeo Daniel Gayo. Ainda em 2005 fiz meu primeiro curso, este ocorrera na Faculdade de Arquitetura da UFC e foi facilitado por um Permacultor alemão que se encontrará em nosso estado por ocasião da realização de uma consultoria para a ONU/FAO. Como resultado do curso foi criado [removido], atrelado a [removido] e coordenado pelo professor [removido]. Permaneci no projeto até sua dissolução em meados de 2006. Em 2007 adentro na Universidade Estadual do Ceará para cursar a faculdade de Geografia, no mesmo ano em conjunto com professores e estudantes de dentro e fora da instituição fundamos o [removido]. O [removido] A até os dias atuais desenvolve trabalhos para fins de popularizar a Permacultura por meio de atividades de estudos, pesquisas, formação, consultoria, assessoria técnica, em conjunto com populações rurais e urbanas, incluindo: agricultores familiares e estudantes em todos os níveis de ensino. Em conjunto com a

fundação do [removido], organizamos de forma colaborativa um Curso de Design em Permacultura, na ocasião facilitado pelo diretor do Instituto de Permacultura e Ecovila da Mata Atlântica, o bioarquiteto Marcelo Bueno. Com esse curso deu início a um processo de formação em Permacultura de maneira popular, colaborativa e acessível até então sem precedentes na história da Permacultura em nossa região, tendo prestado uma salutar contribuição na formação de permacultores de todo o estado, de estados vizinhos e até de estrangeiros. Dentre as inúmeras atividades de formação em que coorganizei, tais como palestras, oficinas, cursos, minicursos entre outras vale destacar: Curso de Design em Permacultura (2007), I Jornada Permacultural do Ceará (2010), Curso Avançado de Educação em Permacultura com Skye Riquelme (2010), Curso Aproveitamento Sustentável do Bambu com Guillermo Gayo e I Expedição Científico Permacultural do Semiárido 2011, esta percorreu os estados do CE/PE/BA fazendo intercâmbios, incluindo vivência com Marsha Hanzi. Em 2008 tive a oportunidade de expor a experiência do [removido] na III Convergência Latino-americana de Permacultura em Cuba. Também no [removido] exerci a função de bolsista de extensão (CNPQ) junto comunidades de agricultores familiares, permanecendo na função do ano de 2010/2012. Durante os anos de 2010/2011 atuei como consultor na elaboração do Design Permacultural como parte do Plano de Manejo do Parque Natural Municipal das Dunas da Sabiaguaba e da Área de Proteção Ambiental da Sabiaguaba, ambas as unidades de conservação estão localizadas no município de Fortaleza. Em 2011 tive a honra de vivenciar uma temporada no Centro de Referência em Permacultura e Uso Sustentável do Bambu - Takuara Renda, localizado no Paraguai. Entre os anos de 2011/2013, atuei como assessor técnico em Permacultura no [removido], desenvolvendo projetos de ajuste ecológico de edificações junto aos vários projetos da instituição. Em 2013 me mudo com minha família para o município Crato na Biorregião da Chapada do Araripe. Por aqui estamos colaborando no processo de desenvolvimento da Permacultura na região, tendo participado de inúmeras experiências junto a organizações públicas e privadas iniciativas pessoais e institucionais, dentre as quais: o fortalecimento da Maloca Escola de Permacultura; Projeto Territórios Criativos da Universidade Federal Fluminense, desenvolvendo atividades de formação junto a assentados de reforma agrária; participação em comissão de elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação Tecnológica em Permacultura da Universidade Federal do Cariri. A construção de relato foi bastante oportuna, primeiro, pois me fez refletir sobre o quanto a Permacultura amadureceu e vem se solidificando em nosso estado nesses últimos 13 anos cujos quais pude presenciar. Segundo, ficou evidente que esse amadurecimento foi forjado, sobretudo no estabelecimento de parcerias. Venho aqui mais uma vez, me colocar à disposição de potencializar recursos e esforços para que venhamos colocar mais alguns tijolinhos no alicerce da Permacultura em nosso país.

**P72:** Sou Licenciado e Bacharel em Biologia pela UNESP de Botucatu e durante minha graduação me aproximei do grupo [removido], até então (2011) um grupo de estudos ainda sem nome, com o qual nesse ano fiz meu primeiro PDC como participante. Nos anos seguintes segui fazendo parte do grupo e então colaborando com a construção dos PDCs seguintes, o que foi essencial para uma formação continuada da minha atuação na permacultura. Em 2013 comecei a me desenvolver no âmbito da facilitação de processos sociais como profissional de desenvolvimento social e anfitrião de conversas significativas. Fiz diversos cursos ligados a essa área, como o Introdutório, avançado e captação empoderada de recursos do Dragon Dreaming, Germinar, Musicolabore, Art of Hosting, diversos introdutórios e básicos na Comunicação Não-Violenta e atualmente estou participando do Artistas do Invisível com Allan Kaplan numa parceria do Instituto Fonte com o Proteus Initiative da África do Sul. Dessa forma as três abordagens que mais me embasam em minha prática hoje são a Comunicação Não-Violenta, a Antroposofia e a Fenomenologia Goetheana.

**P73:** Engenheiro Agrônomo formado pela Faculdade de Ciências Agrônômicas da UNESP, Campus Botucatu.

**P74:** Ciências Biológicas, especialização em ciências agrárias, mestrado em agroecologia e desenvolvimento rural, diversos cursos.

**P75:** Agrônomo (horticultura) na Austrália, Agricultura Biodinâmica (Inglaterra), Permacultura (Austrália).

**P76:** *Estudié 3 años de Comunicación Audiovisual pero no terminé. Participé dos años en la Caravana Arcoiris por la Paz donde aprendí permacultura, facilitación, gestión cultural. Desarrollé durante 13 años el Festival Arte en la Calle donde practiqué la intervención artística pública comunitaria rural y urbana. Tomé cursos de Dragon Dreaming, Sociocracia, Art of Housting, Transición, PDCs, Gestión Emocional, Forum. Participé de varios Consejos de Visiones y Encuentros de CASA o de Ecoaldeas, organicé 3 Consejos de Visiones, todo es un aprendizaje constante.*

**P77:** Arquiteta e urbanista formada pela Universidade Federal de Santa Catarina desenvolve, desde 2003, projetos, obras, consultoria e capacitação de mão-de-obra em arquitetura com enfoque

ecológico e sustentável. Cursos nas áreas de: Construção com terra e bambu com Jorge Belanko e Luis Carlos Ríos (2016), Princípios Avançados em Permacultura com David Holmgren (2007), Tecnologia do Bambu (China, 2007), Conservação e Restauração de Arquitetura de Terra (2006), Ecoconstrução e Materiais Ecológicos (2005), Permacultura formada pelo Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro (2002). Esse é meu currículo, além disso sou mulher que dá grande importância à convivência entre outras mulheres-irmãs, mãe que deu à luz a dois filhos em casa, companheira de um incrível permacultor nato, catarinense da capital mas que escolheu Minas Gerais como novo "lar" dentro da proposta de vida dos novos rurais, aventureira, viajante do mundo mas que me aquietei na roça (sem ter desistido de viajar num futuro que ainda virá), natureba mas não radical, mãe de alunos Waldorf que optou em voltar a viver na cidade em função de uma educação um pouco mais próxima daquilo que acredito (pois não daria conta de encarar um *homeschooling* e tampouco me implantei numa comunidade que oferecesse ou quisesse receber uma nova proposta de educação)... enfim... tem muito mais, mas por hora é isso.

**P78:** Engenheiro ambiental e permacultor com as devidas formações concluídas. Mas também fotografo por formação. Por prazer educador e jardineiro agricultor.

**P79:** Sou bacharel e licenciado em Biologia. Minha área de estudo acadêmica foi Ecologia de Agroecossistemas e da Restauração. Sempre busco formações complementares nessas áreas e também em educação.

**P80:** Formada em comunicação social - Jornalismo, pela Universidade Positivo. PDC: set/2010 com Jorge Timmermann e Suzana Maringoni. Curso de Formação para Instrutores de PDC - fev/2013 - Yvy Porã Estação de Permacultura.

**P81:** Graduado Arquiteto Urbanista pela FAUUSP 2014.

**P82:** Formada em Ciências Biológicas e mestre em Botânica pela UNESP, campus de Botucatu. Cursou o curso de design em Permacultura em 2016 e desde então vem atuando junto ao [removido].

**P83:** Eu sou engenheiro de Produção Mecânica, falo inglês fluente e consigo compreender francês e italiano.

**P84:** Sou Médica Veterinária e Administradora de formação, tenho especialidades em Metodologia e Docência da Educação Superior e em Educação a Distância e em Vigilância e Controle das Endemias. Fiz o PDC em 2016 aqui em Aracati - Ceará. Sempre gostei de estar ao ar livre junto a natureza.

**P85:** Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas com Mestrado e Doutorado em Botânica. Atualmente pós doutorando do departamento de Botânica da UNESP-Botucatu. Colaborador e facilitador em PDCs há alguns bons anos, porém atualmente afastado dos cursos e vivências.

**P86:** Me formei em Arquitetura e Urbanismo no final de 1988. Em busca de uma arquitetura de cunho social em conjunto com soluções comunitárias e ecológicas acabei me deparando com a permacultura em 1995. Foi quando encontrei um "framework" mais amplo no qual a arquitetura voltava a fazer sentido para mim. Depois disso fui só mergulhando mais e mais nesse mundo.

**P87:** Sou formado em agronomia, mestrado em ciência do solo, doutorado em manejo de solo e água e duas formações em Design em Permacultura.

**P88:** Graduada em pedagogia, especialização em psicopedagogia. Graduação em ciências sociais - sociologia. Formada no I Seminário pedagogia waldorf no Brasil. Vários cursos de extensão filosofia e política pelos movimentos sociais. Na Permacultura, vários cursos oficinas atualmente ligado a [removido] e autodidatismo.

**P89:** M.Sc. (Integrated Eco-Social Design) - Gaia University International. B.Sc.(hons) (Astrofísica) - University of Melbourne, Australia. Ligado a Permacultura por 30+anos, com Diplomado em Permacultura (Instituto de Permacultura de Austrália) e Community Service Award (Instituto da Permacultura do Austrália).

**P90:** Graduação em Arquitetura e Urbanismo; Mestrado e Doutorado em Geografia (Desenvolvimento urbano e regional); Pós-Doutorado em Urban Design (em curso).

**P91:** Para o desenvolvimento de meu trabalho de conclusão de curso em arquitetura e urbanismo em 2002 fiz meu primeiro PDC, logo após em 2003 me formei arq./UFSC. após 2002 fiz um curso de formação para educadora em PDC com Jorge Timmermann IPAB Instituto de permacultura austro brasileiro. 2004 fiz curso de bioconstrução no IPEP Bagé, conheci Guillermo Gayo que é meu grande mentor em construções com Bambu, e parceiro no cultivo de Guadua no [removido]. em 2007 fiz curso avançado David Holmgren no [removido], onde desde 2005 até hoje já ministrei 10 cursos de PDC.

**P92:** Minha formação acadêmica foi como Bacharelado em Comunicação Social no campo de audiovisual. Dentro da universidade me envolvi com o movimento de rádios livres e tecnologias apropriadas desde cedo e comecei a atuar em comunidades tradicionais e periféricas tentando apoiar

com geração de autonomia e facilitação de grupos. Daí trabalhei para o ministério da Cultura do Brasil no programa dos pontos de cultura e pude conhecer a realidade de diversas regiões do país. Fui morar no campo em 2011 e trabalhar com um projeto de educação popular e agroecologia. Organizei muitas oficinas de tecnologias apropriadas para a vida no campo e, nesse período, tive um grande mestre, o sr. Milton Machado que me ensinou muito sobre o trabalho com a terra. Nesse período conheci os dois campos em que atuo e me identifico hoje: A comunicação não-violenta e a Permacultura. Desde então, fiz meu PDC, formações diversas (energia solar fotovoltaica, escola de bicitecnologias apropriadas, danças circulares, facilitação de grupos, comunicação não-violenta, etc.), 2 cursos de formação de professores de permacultura e dei aulas em 10 PDCs. Atualmente moro num sítio em Lumiar/RJ.

**P93:** pedagoga e educadora matemática. Permacultora desde 2002.

**P94:** Cursei a faculdade de Engenharia Agrônômica, com início em 2011, mas já conhecia a permacultura desde 2009, e já havia realizado meu primeiro curso ligado ao tema no Pupa em São José dos campos. Entrei na universidade buscando a agroecologia e a permacultura, encontrei o Grupo de estudos Timbó e no mesmo ano conheci o [removido], onde pude fazer meu primeiro PDC em 2012 e no ano posterior ser convidada a fazer parte do grupo.

**P95:** Estudei durante o ensino médio no IFSP-SP, tendo formação em música, literatura, latim, consciência corporal, e estudos sociais. Também optei por estudar rádio e Tv. Ensino médio nesta época de 2005 a 2007. Curso técnico em química na ETEC Getúlio Vargas, anos de 2006 e 2007. Unesp Botucatu - Licenciatura em ciências biológicas - comecei em 2008 e conclui em 2015, tendo os anos de 2011 e 2012 suspensos por motivos pessoais e de saúde. Conheci a permacultura em 2009 oficialmente em um PDC na FCA. Sempre estive envolvido com movimento estudantil e Seção da Biologia, um movimento/braço do MeBio - Movimento estudantil da Biologia. Ajudei a organizar PDCs - [removido] em 2010 e parcialmente em 2011. Retornei mais coeso e centrado como facilitador em cursos de permacultura nos anos de 2014, 2015 e 2016. A partir de 2015 me senti mais maduro e educador em permacultura. É uma jornada na qual sempre nos reinventamos e aprendemos ;). Unesp Botucatu 2016 - Bacharelado em ciências biológicas - Biotecnologia, biorremediação e bioquímica de lipases no contexto da agroindústria.

**P96:** Bacharel em Direito com ênfase em Legislação Ambiental. Mestrado em Políticas e Gestão Ambiental. Especialização em Educação Ambiental.

**P97:** Sou formado em Engenharia Ambiental (UFMS/2009) e em 2008 realizei meu PDC. Dentro do saneamento ecológico vi uma possibilidade de aliar minha formação profissional com a Permacultura. Sou mestre em Engenharia Ambiental (2012) e atualmente fazendo doutorado.

**P98:** [removido] - Arquiteto, Permacultor. Nascido em Santos, SP, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2004), Bioconstrução e Permacultura pelo IPEC em 2001 e 2003. Conta com mais de 10 anos de experiência na área de Bioconstrução, Saneamento Ecológico, com ênfase em Permacultura e Sistemas Sustentáveis. Durante 7 anos no México (2005 a 2012) desenvolveu e implantou diversos projetos de bioconstruções, saneamento ecológico e permacultura de variadas abrangências (sociais, empresariais e principalmente educacionais). De volta ao Brasil, trouxe tecnologias, métodos e conceitos que absorveu durante este período no exterior. Hoje atua como servidor Celetista da [removido] onde é responsável técnico pelo projeto e implantação das obras de Saneamento Ecológico na Comunidade Caiçara da Praia do Sono, em Paraty, RJ. Ainda em Paraty, fundou a [removido], empresa especializada em projetos de Bioarquitetura e Licenciamento ambiental.

**P99:** *Técnico en la computación Administrativa, Guía Interprete de la Naturaleza, Naturalista de Campo, Diplomado en Educación Ambiental, Diseñador de Permacultura, Diplomado en Permacultura, Maestro en Permacultura.*

**P100:** Sou formado em arquitetura e urbanismo. Durante os anos de faculdade, eu e um grupo de amigos gostávamos de construir em geral, principalmente com terra. Talvez este gosto encontrou um lugar na permacultura.

**P101:** Sou técnico em mecânica pela IFCE e eletrotécnica pela Chesf. Cursei, mas não concluí os cursos de matemática e pedagogia pela UFC e letras pela UECE. Tive minha formação em permacultura em 2012 pelo IPC (Instituto de Permacultura e Ecovilas do Ceará).

**P102:** Sou cientista social, formado pela UNESP de Araraquara, no ano de 2009. Atuo através da permacultura desde 2010, tendo feito o PDC neste mesmo ano. Na sequência participei de mais uma dezena de outros cursos, antes de ingressar na coprodução de cursos de permacultura do ano de 2011. Em 2012, tendo um pouco mais de experiência na área tendo participada da construção de algumas casas e tecnologias sustentáveis, iniciei o processo de facilitação de cursos de permacultura.

### 1.7. Área de atuação profissional (Escreva sobre sua trajetória de atuação profissional, ligada à Permacultura ou não)

**P1:** Produção e distribuição de verduras orgânicas. Trabalhei na empresa de rádio e televisão do Mato Grosso do Sul como assistente de produção e de jornalismo. Pesquisadora em projetos junto à [removido] (todos ligados aos temas da Permacultura). Palestrante e professora de Permacultura desde 2009. Consultora em projetos de Agricultura Urbana e Saneamento Ecológico.

**P2:** Me formei em dança e teatro em NYU, New York University, e trabalhei como artista e professora até eu mudei para o Brasil em 2009. Eu e meu marido, [removido], começamos a [removido] em 2011. Eu já tinha experiência com permacultura de Califórnia onde tenho muitos amigos ligados com as feiras orgânicas e as práticas sustentáveis. Participamos em nosso primeiro curso de permacultura em 2012 como anfitrião, recebendo um casal do sul do Brasil, Suzana Maringoni e Timmermann, junto com membros da comunidade dos [removido] aqui em Canoa Quebrada. Eu, como bailarina, estou desenvolvendo um estudo e uma vivência que se chama [removido], de consciência corporal, que eu acho que tem tudo a ver com a busca de sustentabilidade, de saúde, de uma vida mais agradável, e de união e harmonia nas comunidades. Estou integrando esta vivência com os PDCs e com as visitas ecopedagógica na [removido].

**P3:** Design de assentamentos. Design e construção de habitações sustentáveis. Formação de designers. Gestão de projetos sustentáveis. Inovação para a sustentabilidade.

**P4:** Trabalha com agroecologia, educação ambiental, metodologias participativas, consultoria em permacultura e práticas sustentáveis. É agricultora orgânica na [removido] e Diretora da [removido]. É idealizadora do portal [removido]. É consultora em planejamento, monitoramento e avaliação de planos, programas e projetos ambientais, sociais e voltados à conservação da natureza e sustentabilidade. Ministrou cursos de formação em facilitação e metodologias participativas. Atua como docente em PDC, cursos de introdução à Permacultura, de agroflorestal, de práticas sustentáveis no dia a dia, de educação ambiental, dentre outros.

**P5:** Fui voluntária no plano diretor estratégico e participativo em Boa Vista, Roraima, no qual sugeri algumas técnicas de permacultura como diretriz para os bairros periféricos (que no momento não foram inclusas no plano). Atuei como arquiteta na gestão social integrada com as famílias impactadas pelas obras do Rodoanel, através da [removido]. Participei com o [removido] no desenvolvimento da metodologia e execução das oficinas participativas para projetos de arquitetura com o povo Guarani Mbya. Atualmente atuo na coordenação pedagógica do [removido] e [removido], sou também mãe e dona de casa :)

**P6:** Socio-moradora do [removido].

**P7:** Digo que meu PDC foi autodidata realizado em 6 anos morando junto à natureza entre 2003 e 2009. Fiz um PDC e um curso de formação de instrutores em PDC. Atuo como geólogo e professor em paralelo, pois é o que o contrato que assinei exige, porém desenvolvo com tesão a permacultura em meio acadêmico.

**P8:** Cofacilitadora de los [removido].

**P9:** SOU PROFESSORA DO [removido], ONDE FACILITO A DISCIPLINA DE AGROECOLOGIA E COORDENO UM CURSO DE EXTENSÃO EM PERMACULTURA, NOS MOLDES DE PDC, JUNTAMENTE COM OUTROS PARCEIROS. NÃO HÁ CIRCULAÇÃO DE DINHEIRO. TODOS SOMOS MILITANTES PELA PERMACULTURA!

**P10:** No início de minha carreira trabalhei em empresas multinacionais depois estudando Marketing acabei abrindo meu próprio negócio o qual chegou a se tornar uma rede de franquia no ramo de restauração automotiva. Depois de algum tempo com os estudos da psicologia me tornei terapeuta, fundei a empresa Despertar da Consciência e passei a me dedicar ao cuidado com as pessoas até que com a iniciação em xamanismo surgiu dentro de mim a necessidade de estar mais próxima da terra e da natureza, em 2010 deixei São Paulo e a 7 anos sou moradora e coordenadora da [removido] um Centro de Referência em Permacultura, Agroecologia e Sustentabilidade.

**P11:** Vou responder as duas questões numa só, pois a história se mescla. Nasci no interior de MG, numa cidade pequena do triângulo mineiro. Fui criada com muito contato com a natureza, fazendo experimentos, conhecendo plantas e bichos. Decidi trabalhar com plantas ou bichos, mas por medo de sangue decidi pelas plantas. Em algum momento compreendi que era inevitável se relacionar, trocar com outras pessoas, afinal, assim vamos mais longe e ganhamos tempo no aprendizado.

Minha graduação foi em Engenharia Florestal em Piracicaba/SP e busquei práticas fazendo estágios e outras atividades no USP Recicla, em Silvicultura Tropical, Sistemas Agroflorestais,



Educação Ambiental, e onde eu sentia estar mais ligado ao que me atraía. Nessa época nascia o Mutirão Agroflorestral, o Instituto Terra Mater. Me formei em 1999 e voltei pra minha região natal e logo comecei a trabalhar no Instituto Estadual de Florestas, órgão que disciplina o uso e gestão dos recursos florestais, entre outras demandas.

No IEF trabalhei por 5 anos e fiz bastante trabalho de campo como as visitas às propriedades rurais para avaliar a situação e localização de áreas de preservação permanente, de reservas legais e também avaliar áreas com pedidos de supressão de vegetação; avaliar e acompanhar projetos de recomposição da flora, a produção de mudas em viveiros etc. Outros trabalhos não tão legais também estavam no script como, por exemplo, autuar infratores, fazer fiscalização em siderúrgicas e outros consumidores de lenha e carvão, avaliar as defesas de multas....

Cansada de focar no errado e ansiosa em aproveitar a vida na terra pensando, criando e praticando soluções, e aproveitando o convite de uma amiga que já estava trabalhando no Instituto de Permacultura da Bahia, arrumei minhas malas e o que coube no meu carro e me mandei pra Salvador.

Fiz meu primeiro PDC com Marsha Hanzi em Marizá, Tucano Bahia, e lá também fiquei por uns 20 dias pra me desapegar de medos e anseios em demasia.

Morar na capital foi um choque, mas o universo que se abria da Permacultura foi maravilhoso. Fui morar no sítio Mangará de uma amiga do IPB, também permacultora, local onde passamos a organizar visitas, oficinas, cursos e vivências nos temas relacionados a permacultura.

Depois de 6 anos em Salvador me mudei para Rio de Contas, na Chapada Diamantina e já há 6 anos morando aqui, conseguimos (eu e minha parceira) construir uma casa bioconstruída, iniciar os estudos e planejamento da ocupação coletiva de outra terrinha aqui perto e continuar seguindo sonhos e afetos.

**P12:** Proprietária do [removido], domiciliado em Florianópolis desde 2011. Consultora do MMA em diversos projetos. Autora da cartilha Curso de Bioconstrução. Autora de diversos artigos científicos na área. Experiência com agricultores familiares, junto ao MST e comunidades de pescadores. Diversos projetos e obras com uso da construção com terra.

**P13:** Quando me formei fui trabalhar como assessora técnica a movimentos de luta por moradia na grande São Paulo. Os projetos habitacionais que desenvolvíamos para estes grupos eram realizados através de processos participativos e de educação popular, e os canteiros de obras eram também constituídos por momentos de atividades coletivas. Trabalhávamos com a pedagogia de Paulo Freire para realizar as atividades com as comunidades. A ideia era propiciar um ambiente de aprendizado e desmistificação da atividade do arquiteto, aproximando os futuros moradores da linguagem técnica; e também para permiti-los compreender que a moradia é um direito, e que deve-se lutar por ele.

**P14:** Formatura -1983. Bolsista da UFC- 1984. Bolsista da Embrapa/Epace - 1985 -1989. Mestrado - 1990-1992. Professora de primeiro grau, ensino de técnicas agrícolas: 1992-1993. Professora de terceiro grau: 1993 – atualmente. Professora Associada [removido] ministro as disciplinas de Agroecologia, olericultura e Plantas Medicinais no curso de agronomia.

**P15:** Trabalho como permacultura junto ao [removido] (organização de PDC, aulas, visitas eco pedagógicas, elaboração de projetos de design). Também sou freelancer com comunicação científica (fotografias, ilustrações, diagramação de pranchas, logotipos) e ministro aulas particulares de fotografia e ilustração.

**P16:** Educador Social, Permacultor e Bio construtor.

**P17:** Atualmente me dedico sobretudo ao ativismo socioambiental. E dou aulas de agricultura urbana, permacultura e mobilização cidadã.

**P18:** Fundador e Sócio-Diretor da [removido] realiza ações e projetos para estimular a prática da compostagem doméstica na cidade de São Paulo e no Brasil. Desenvolve projetos de educação ambiental e gestão de resíduos orgânicos para indústrias, empresas, escolas e prefeituras. Idealizador e coordenador do projeto [removido] e Finalista do Prêmio Empreendedor Social 2016. Para aumentar a escala da prática da compostagem no Brasil, desenvolveu a [removido] uma composteira doméstica que resolve os limites e adaptações das composteiras confeccionadas em caixas industriais.

Em 2012, organizou o Seminário Compostagem na Cidade de São Paulo, realizado no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo. No início de 2013 mobilizou uma ação para a inclusão de diversas metas de compostagem no Programa de Metas da gestão 2013/16 da Prefeitura de São Paulo, esta ação resulta na Meta 92 que prevê a compostagem dos resíduos orgânicos de todas as feiras livres da cidade de São Paulo. Em 2013 contribuiu com metas relacionadas à gestão dos resíduos orgânicos do Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos da cidade de São Paulo. Em 2014 coordenou o projeto Composta São Paulo. Em 2015 projetou e modelou em 3D uma vermicomposteira

doméstica que incorpora inúmeras melhorias técnicas, estéticas e funcionais às vermicomposteiras produzidas atualmente pela [removido].

**P19:** Trabalho como eng. agr. paisagista na [removido], desde 2016 implantando uma proposta de jardinagem ecológica, com compostagem de resíduos das lanchonetes e restaurantes, biodiversidade, nativas, jardins comestíveis, bacias de evapotranspiração (3 unidades) implantadas nos campi entre outras...

**P20:** Ministro palestras e realizo projetos sobre permacultura e água. Há 7 anos morando e administrando a [removido] onde vivo a permacultura na prática diária coordenando a produção agroecológica e as atividades pedagógicas voltadas a sustentabilidade.

Atuo também no desenvolvimento de projetos para ambientes sustentáveis, manejo de água e implantação de hortas agroecológicas em propriedades urbanas e rurais.

**P21:** Trabalhei em diversos projetos de extensão pela UFV, ministrei cursos de agrofloresta e bioconstruções e acompanhei projetos de moradias sustentáveis. Atualmente comercializa diversos produtos agroflorestais em feiras e redes solidárias, atua como assessoria com projetos de educação ambiental e ministra cursos de extensão em Permacultura.

**P22:** Fui de equipe q implementou o projeto de reciclagem de papel na PUC- quito. 2002-2004. Trabalhei em [removido], uma ONG q promove o transporte alternativo em QUITO, trabalhei como monitor do projeto ciclopaseos para quito e depois como coordenador do projeto de [removido] cicloturismo direcionado para as pessoas da cidade de quito. 2002 – 2006. Viajem após FSM Caracas 2006 - ...

**P23:** Sou formada em Ciências Sociais, com foco em etnologia indígena, logo que sai da faculdade me conectei com a Permacultura, pela chegada do meu filho e necessidade de uma pratica mais construtiva que o trabalho intelectual e acadêmico, por enxergar na Permacultura uma ferramenta que permite um aprofundamento pratico sobre a emblemática relação natureza e cultura. Sou cofundadora do [removido], que tem hoje 5 anos onde venho desenvolvendo experimentos e pesquisas no tema moradas circulares (geodésicas e a tradição dos povos Nômades), Jardins Sensoriais (Cultivo e uso intuitivo de plantas medicinais), além de estudos na temática dos saberes populares, memoria, patrimônio imaterial e projetos de consciência corporal, com foco na relação do corpo com a paisagem.

**P24:** - Biologia -> Agroecologia/ Recuperação de áreas degradadas/ SAF

- Mestrado -> Permacultura com ênfase em planejamento e (re)desenho de Agroecossistemas/ Bioconstrução e saneamento ecológico/ ATER

- Agronomia -> fase empreendedora [removido]/ Ecoconstrutor

**P25:** Foi com o mestrado que comecei e fato a profissionalizar a atuação dentro da permacultura, tendo em vista que os trabalhos com a Veracidade eram bastante incipientes e não retornavam em termos financeiros praticamente nada (eu atuava então como professor de sociologia da rede pública estadual de ensino). Em paralelo ao mestrado e seu financiamento para pesquisa, as atividades da Veracidade foram se consolidando e hoje, em meados de 2017, após quase 5 anos de atuação ininterrupta, é que começamos a conquistar os primeiros espaços e algum tipo de estabilidade profissional.

**P26:** trabalho com permacultura desde 2003 e hoje sou professor do curso de pós-graduação em permacultura da [removido].

**P27:** *Durante el 2014 seguí trabajando con murales y huertas urbanas, pero a la par con un empleo como gerente de proyectos socio productivos en el Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación del Táchira, Venezuela, donde me encargaba de realizar trabajos de planificación y seguimiento de proyectos para campesinos de la región. En el 2015 trabajé con la Granja Integral Bambusa participando en la construcción con tierra, en sistemas de producción de alimentos y en el diseño y ejecución de programas de formación dirigidos al público en general. También en ese mismo año formé parte del [removido] donde me dediqué al diseño de paisajismo y diseños de permacultura urbana a pequeña escala. A mediados ese mismo año se me presentó la oportunidad de formar parte del equipo de coordinación del [removido] en un proyecto constructivo den Rio Grande del Sur Brasil; mi rol se fundamentó en manejo grupal de los estudiantes que iba a cursar un diplomado de 6 meses sobre permacultura y bioconstrucción, impartiendo un programa de estudio sobre construcción natural de 15 clases por periodo. También cumplí la función de planificar actividades prácticas y metodología de clases en los PDC impartidos por el instituto. En el 2016 viajé a Misiones Argentina, a tomar el rol de planificadora y facilitadora del proyecto de sede [removido]. En el 2017 me mudé a la provincia de Corrientes, en la ciudad fronteriza de Santo Tomé donde he movilizado una serie de eventos con el nombre de Encuentro de Ecología y Sustentabilidad, donde se ha juntado miembros de la comunidad para hablar sobre temas locales como la gestión de residuos, agricultura orgánica, entre otros.*

*Actualmente trabajo con huerta biointensivas comunitarias y junto con mi pareja estamos diseñando una posible prueba piloto de aproximadamente 95 hectáreas de pastorero racional voisin, tema en el que actualmente estoy capacitándome. Entre finales del 2016 y actualmente 2017 he formado parte del equipo de trabajo de la [removido], trabajando con sistemas de gestión de residuos, sobre todo residuos orgánicos a nivel domiciliario y urbano; he realizados trabajos de diseño de estructuras recíprocas, construcción con tierra, tratamiento de aguas grises, compostaje y agricultura orgánica en su sede en Escobar, Buenos Aires [removido].*

**P28:** Consultor Organizacional e Socioambiental, Coordenador de Projetos em Sustentabilidade.

**P29:** Professor efetivo de Ciências na rede pública estadual de São Paulo desde 2012. Sou integrante do [removido] e também professor voluntário no cursinho [removido] em Sorocaba.

**P30:** Trabalhei por 3 anos e meio como técnica na área de educação em uma Universidade e agora me dedico ao estudo de estruturas secretoras em plantas, além de trabalhar com o pessoal do curare em atividades de educação ambiental, designs de propriedades e organização de cursos ligados à permacultura.

**P31:** Trabalho com programação, trabalho nas empresa da família, e no momento meu maior foco é trabalhar e viver a permacultura na estação de permacultura/futura ecovila que estou construindo dia a dia.

**P32:** Hoje atuo principalmente na área de Resíduos Sólidos com o [removido], atuo também na assessoria jurídica e ambiental de organizações e articulo e fomento a sustentabilidade na administração pública e da Permacultura enquanto política pública no Brasil.

**P33:** [removido]

**P34:** Minha trajetória profissional é bem plural. Desde a universidade em 2000 comecei a dar oficinas relacionadas e arte e educação ambiental com crianças e adultos. Também desde cedo dou aulas de inglês e este tem sido um dos trabalhos mais fixos no momento. Na Permacultura iniciei minha atuação profissional ao me envolver com a [removido] em 2012, quando comecei a dar cursos, palestras e oficinas relacionadas a Permacultura, e a partir de 2014, em parceria com outros coletivos, comecei a atuar nos cursos de PDC, tanto na construção e logística, como dando aulas.

**P35:** Desde que sai da faculdade trabalhei com horas orgânicas, poda e paisagismo, estruturas de bambu, cursos teóricos e práticos de assuntos relacionados a permacultura, produção de mobiliário reciclado e desde ano passado, inovação em tecnologia de reciclagem.

**P36:** Trabalhei por 15 anos como Diretor de Arte em agências de propaganda. Depois de me mudar para o sítio, passei a me dedicar integralmente a ele e à divulgação da permacultura, tanto recebendo pessoas como através do nosso blog. Desde o início do ano passado tenho atuado como facilitador em PDCs.

**P37:** Venho trabalhando com permacultura e formações em agrofloresta (agricultura sintrópica) há uns 5 anos, mas também trabalho com massagens terapêuticas e atuei por muito tempo como revisor profissional de livros para uma editora familiar especializada na questão indígena. Venho de uma família de indigenistas (pai e mãe) e atuo com povos e etnias indígenas voluntariamente há muitos anos (temos uma ong - a [removido] - que atua nessa área desde 2006) e tenho realizado sempre aproximações entre o trabalho indigenista, a permacultura e o resgate da soberania alimentar e agriculturas ancestrais em comunidades indígenas. Realizei um trabalho dessa natureza (contratado como permacultor "CLT" em uma outra importante ong indigenista) na região de Dourados - MS, onde morei e trabalhei por 2 anos com os Guarani Kaiowá. Também em São Paulo implementei a primeira agrofloresta em uma aldeia indígena guarani na capital paulista em 2015 e no mesmo ano, em outro projeto junto à Prefeitura, coordenei um curso de sistemas agroflorestais por 4 meses e meio, no qual implementamos a primeira agrofloresta pública de São Paulo, na Vila Itororó.

**P38:** Atualmente estou em formação profissional na área da educação, com dedicação quase exclusiva ao projeto de mestrado. Atuo também, contudo, em projetos menores e mais pontuais do [removido] quando possível e leciono no Cursinho preparatório para o vestibular comunitário da instituição na qual me graduei em biologia.

**P39:** Faz, então, 12 anos que eu tô envolvido com projetos que incorporam a lógica da permacultura e usando a engenharia, que é minha formação, como ferramenta. Minha atuação hoje é através da [removido]. A [removido] surgiu em 2011, mas eu na prática, estou desde o segundo semestre de 2005 atuando com foco na água.

**P40:** engenheiro florestal focado em design para a sustentabilidade, implantação e manejos de sistemas agroflorestais, saneamento ecológico e bioconstrução! bioconstrutor de casa na arvore e facilitador de eventos e festivais conscientes.

**P41:** Trabalhos ligados a projetos socioambientais, projeto Caravana da Luz, cursos de capacitação em assentamentos do MST para manejo de água.

**P42:** Como a minha trajetória profissional está intimamente conectada aos processos acadêmicos, creio que a resposta anterior contempla esse item.

**P43:** educador.

**P44:** Pesquisa sobre pragas/doenças de interesse sanitário, florestal e agrônomo. Desenvolvimento de regiões áridas e semiáridas. Desenvolvimento local. Assessoramento a organizações de agricultores familiares nas encostas da Serra Geral e em São José do Cerrito. Cursos de PDC nas comunidades.

**P45:** Trabalho com produção e distribuição de alimentos orgânicos, além de uma produção artesanal de peças de cerâmica.

**P46:** Design e Consultoria em Sustentabilidade. Permacultura na Escola.

**P47:** Desde 2010 minha atuação profissional é como gestor do [removido], trabalhando basicamente em 3 frentes de atuação: - Consumo responsável e Ecogastronomia - Autoconhecimento e espiritualidade - Consciência ecológica e permacultura.

**P48:** Há 18 anos atua como [removido], sensibilizando para os cuidados com o Planeta, consigo e com os outros. Motiva, com arte, alegria e informações socioambientais, práticas permaculturais como alternativas para viver conectado com a Mãe Terra causando o menor impacto. Realiza intervenções cênicas, palestras teatralizadas e vivências [removido].

**P49:** Tenho uma trajetória bel longa em resumo: Trabalhei como bióloga alguns anos em ONGs, organizei PDCs e cursos afins, morei em comunidades, estudei astrologia, fui missionária, hoje atuo como mãe, empreendedora e astróloga. detalhes: [removido]

**P50:** Autônomo desenhista de organismos permaculturais e agricultura orgânica.

**P51:** Empresas e instituições voltadas aos cuidados da água e educação para sustentabilidade. Atuante desde 2008.

**P52:** 2004 a 2017 - Educador ambiental

2008 á 2017 - Educador Popular e Assistência técnica em Agroecologia

2012 á 2017 - Assessoria Linguística para materiais didáticos em línguas indígenas.

**P53:** Coordeno os trabalhos do [removido] e atuo com cursos, projetos e consultorias desde 2010.

**P54:** ...para onde vim

Enfrentando incertezas, bloqueios, oposição da família (felizmente só no início) e o desafio de fechar as contas no fim do mês, finalmente consegui sair do caminho que estava pré-traçado (doutorado, pós-doutorado...) para mim e criar minha própria trilha. Como uma vez me disse minha mãe, os mais novos precisam sair dos caminhos bem consolidados por onde vieram seus pais e ter a coragem de criarem novos caminhos que nos levem a novos lugares, melhores que para onde estávamos indo. E de fato, o caminhar da nossa sociedade não estava nos levando a um futuro muito promissor. É necessário e urgente mudar!

Em 2011, comecei no [removido] fazendo de tudo um pouco, do atender telefone a pensar programação dos cursos. Em um ano assumi a Coordenação de Cursos, e foi o ano que mais fizemos cursos diferentes, com novos temas e novas abordagens pedagógicas. O contato com tantas pessoas motivadas pelo nosso trabalho fortalecia em mim que estava no lugar exato que tinha que estar, e os novos conhecimentos vinham brotando inesperadamente. Assim surgiu para mim o Dragon Dreaming, o Design de Informações, a Sociocracia e a Comunicação Não-violenta.

costurando meu patchwork

Graças ao Marcelo Aguiar descobri sobre essa metodologia incrível de criação de projetos colaborativos que é o Dragon Dreaming diretamente com um dos criadores, o John Croft, em sua primeira viagem ao Brasil em 2011. Outro encontro que mudou a minha vida! Em 2013, o reencontrei para fazer o ToT, que me empoderou para ser uma treinadora da metodologia no Brasil.

Aprendi com a Mila Motomura da MOOM a trabalhar meu dom para sistematizar conteúdos visualmente, daí surgiu a facilitação gráfica na minha vida. Com Dominic Barter, outro ser humano inspirador, descobri que podemos revolucionar completamente o nosso modo de se comunicar, inclusive consigo mesmo, para ser mais amoroso e participar efetivamente para enriquecer a vida uns dos outros.

Na vivência de projetos usando o Dragon Dreaming – notoriamente no [removido] – ainda havia uma lacuna sobre como estruturar organizações, ter modelos de governança mais participativos e processos de tomada de decisão. Ai, apareceu a Sociocracia na minha vida e foi uma peça fundamental

para o novo desafio que se apresentava à minha frente: conduzir um projeto de grande porte, com impacto direto em mais de 5000 pessoas, equipe de mais de 30 pessoas, orçamento de milhões de reais.

Este foi o *Águas do Cerrado – O Futuro em Nossas Mãos* que tive o prazer de coordenar junto com o [removido], agora em tanto que Diretora Geral do [removido]. Foram dois anos de aprendizados intensos, desafios gigantes, e um grande exercício de paciência e flexibilidade.

Usando desse patchwork de metodologias criei e desenvolvi alguns projetos próprios, como a [removido]; projetos do [removido] como o [removido], e prestei dezenas de consultorias para projetos de terceiros.

construindo uma nova vida...

Durante 3 anos em Brasília, vivi no meu dia-a-dia a proposta de viver em comunidade no [removido], onde ajudei e facilitei na concepção do projeto de moradia ecológica, e fui muito feliz! Sai de lá para viver uma nova aventura pessoal: fundar uma família e virar mãe.

Ser mãe da Lila inaugura em mim uma nova vida, com novas prioridades e necessidades. Unindo meus valores e minhas habilidades, estou vivenciando junto a mais 6 famílias a experiência de criar uma comunidade para cuidar coletivamente de nossas crianças, como que recriando as tribos de antigamente.

e assim seguimos dando nosso melhor para construir um mundo melhor dia após dia...

**P55:** Ministrando cursos, fazendo projetos de design em Permacultura e projetos de casas ecológicas.

**P56:** Trabalho a 15 anos no [removido], inicialmente exercendo a função de Técnico de Campo e mais recentemente como Consultor de desenvolvimento no Ambiente de Políticas de Desenvolvimento, Célula de Meio Ambiente.

No tocante à Permacultura, participei, como sócio fundador, da criação do [removido], onde venho atuando como instrutor em PDCs desde 2010, bem como ministrando palestras, oficinas e visitas guiadas ao [removido] (unidade demonstrativa vinculada ao IPC).

**P57:** Hoje atuo como agrônomo na [removido] e ministro os PDC [removido] junto a outros professores - [removido], desde 2012.

Auxiliei em outros cursos PDC e no curso de formação de professores de permacultura no [removido].

2010 passei a atuar na [removido] como Agrônomo, e fiquei responsável pelas áreas de agroecologia ligadas [removido] em Florianópolis.

2002-2006 - Trabalhei na [removido] no interior de SC, como extensionista rural com ênfase em técnicas ligadas à permacultura.

**P58:** Trabalhei por muito tempo com agências de publicidade e cinema, depois lecionei em universidades na área de comunicação. Atualmente tenho um sítio que prático e vivo a Permacultura e leciono no PDC pelo [removido].

**P59:** Sou funcionário de carreira do [removido], onde sempre atuei na minha área, inicialmente com avaliação ambiental de projetos e atualmente na Célula de Meio Ambiente, na Direção Geral do [removido] em Fortaleza-CE.

**P60:** Sempre trabalhei com produção cultural, teatro, cinema e assessoria de imprensa.

**P61:** Participação num projeto de nutrição em Guatemala pelo "Corpo de Paz", nos anos 70; Na Europa, participei no movimento verde - consumo de orgânicos, horta orgânica, visitas a agricultores etc. 1974-1977

Cheguei no Brasil 1977, onde continuei meu interesse por agricultura orgânica. Compramos o [removido] onde minha filha [removido] atualmente tem um projeto de agroflorestas [removido].

Mudamos para a Bahia em 1987, onde conheci o trabalho de Ernst Götsch e me envolvi com o movimento agroflorestal.

Primeiro curso de Permacultura: PDC, Advanced, e Teachers, no Havaí com Lea Harrison e Max Lindegger 1992.

Segundo PDC com Bill Mollison e Scott Pittman em Porto Alegre, final 1993.

Organizei um curso com Ianto Evans e Alejandra Caballero em Juazeiro (Sertão) 1994

Fundei o [removido] com [removido] (que fez o curso com Bill Mollison em Porto Alegre) e mais 30 baianos, 1994;

Depois uns 20 PDCs como professora principal e um PDC como professora auxiliar com Geoff Lawton e Ali Sharif (Amazonas) até 2003, quando mudei para o Sertão baiano, para começar o [removido].

Nesta época trabalhei num projeto com o Ministério de Agricultura (departamento de cooperativismo) no pré-Amazonas, dando PDCs em Mato Grosso, Acre, Rondônia e Amazonas.

Depois de mudar para [removido], me dedico tempo integral à agricultura regenerativa.

Em 2017 voltamos a dar um PDC, e um curso para professores de Permacultura, mas resolvemos continuar nos dedicando exclusivamente à agricultura, nosso interesse principal (“nos” sendo eu e minha equipe).

**P62:** Vivo e respiro permacultura. Como idealizador do [removido] coordeno o projeto piloto na [removido]. Como cocriador do [removido], atuo na coordenação das estações de permacultura e produção de bens e serviços, cursos, vivências etc. Como cocriador do [removido], coordenação de projetos, eventos, mídias e comunicação. Como permacultor, sou guardião de dois jardins biodiversos na cidade de Campo Largo aonde produzimos grande parte da nossa alimentação.

**P63:** até o fim da graduação fiz de tudo, principalmente na área cultural. durante o mestrado trabalhei voluntariamente apenas. depois me dediquei à [removido], projeto de permacultura e pequenas obras de construção natural.

**P64:** Sou aposentado desde maio de 2016 como Funcionário Público pela [removido] onde trabalhei meus últimos 14 anos entre o [removido] em Corumbá (4 anos) e o atual [removido] (10 anos) de Campo Grande. Trabalhei por dois anos e meio como professor na [removido].

Atuei como professor do ensino Médio em escola com pedagogia Waldorf, escola que aplicava o Construtivismo Piagetiano e escolas convencionais.

Trabalhei como consultor de empresas na área de proteção contra descargas atmosféricas durante 15 anos na cidade de São Paulo.

Atualmente implementamos uma rede de Alerta Raios na cidade de Campo Grande-MS, incluindo escolas do ensino médio da cidade e estamos pesquisando o campo elétrico da Terra, e suas alterações provocadas pela presença de nuvens de tempestade.

**P65:** Educação sempre foi meu foco de atuação. Já fui professora de escola infantil, de curso de inglês, de escola de ensino médio e professora universitária. Atualmente sou educadora na Permacultura. Também tenho formação em Yoga e Ayurveda e estou iniciando uma jornada como terapeuta.

**P66:** Atua no [removido], onde promovo a Alfabetização Ecológica e educação para sustentabilidade. Estou como gerente da área Toca Experiências, responsável por cursos em agricultura, educação e alimentação, além dos projetos de permacultura no currículo na nossa escola de educação infantil e projeto em parceria com a rede pública de ensino de Itirapina. Todas essas frentes visam o objetivo de construção de comunidades humanas sustentáveis.

Iniciei meus trabalhos no [removido] (Instituto de Permacultura), como coordenadora pedagógica por mais de 5 anos, coordenando os cursos e projetos com escolas do DF.

Colaborei no desenvolvimento do currículo, planejamento e execução da disciplina Green Studies da Green School, em Bali, na Indonésia, que culminou no desenvolvimento do conceito de Educação para Transição.

**P67:** Ao me formar na universidade, formei o [removido], coletivo artístico que atuou com intervenção performática e teatro de rua em contextos marginalizados da cidade de São Paulo: albergues de moradores de rua, cracolândia, penitenciária feminina. A aridez urbana me fez ir para o Amazonas e esse processo foi me levando para os caminhos da permacultura. Depois de alguns anos viajando por alguns interiores, fui para Dourados/MS, em 2012, atuar junto aos Kaiowá da aldeia Panambizinho no projeto [removido] apoiado pelo [removido] e voltado para o resgate da segurança e soberania alimentar desse povo. Esse trabalho se apoiou muito na permacultura como estratégia pedagógica e de ação. Levamos pessoas da aldeia para fazer curso de SAF assim como realizamos um curso de SAF na aldeia e a partir dele passamos a cultivar uma pequena agrofloresta coletiva. Fez parte do projeto também a bioconstrução de uma sala de aula/espço para reuniões políticas. Em 2014 retornei a São Paulo com uma grande bagagem. Aqui, atuei na formação de professores da rede municipal de ensino em História e Cultura Indígena. Retomei o [removido] e retornamos à penitenciária feminina para a realização do projeto [removido], que procura dar voz a mulheres encarceradas (foi publicado um livro com os escritos de 6 detentas) a fim de visibilizar as mecânicas de terrorismo de Estado operadas em SP através de políticas de encarceramento em massa e seletividade penal. E, finalmente, desde 2015 estou coordenando o PDC promovido pelo [removido], que teve suas primeiras 5 edições em um formato adaptado ao contexto urbano, com aulas noturnas e divididas em 3 módulos.

As práticas do curso e o exercício de design são feitos em espaços periféricos da cidade que atuam como permacultura. Nossa ênfase é procurar fazer uma permacultura que de fato integre as pessoas e promova a partilha justa de recursos e saberes. Também integro aqui em São Paulo a [removido]. E desde 2013 atuo e milito como doula. Faço muitas coisas distintas e todas servem a um mesmo ideal, que é a promoção da autonomia e manutenção da vida e do bem-estar comum.

**P68:** Permacultor, atuando em cursos e oficinas, consultorias e planejamentos. tenho atuado na popularização da permacultura através de projetos e editais. Proponente do projeto [removido] que contou com 5 cursos de formação ( Rio de Contas - Ba,2012); proponente do Refazer projeto para coletivos e grupos, o dialogo da permacultura e a bioconstrução, com os mestres e artífices (FUNCEB 2014); Coordenador da bioconstrução [removido] (Rio de Contas-Ba, 2011); Coordenador e Permacultor responsável da bioconstrução da [removido],(Serra Grande- Ba, 2017)

Facilitador dos cursos de formação em construção de baixo custo, [removido] (Serra Grande- Ba, 2017).

**P69:** - Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2006).

- Diretor Executivo da empresa [removido]

- Foi professor no programa [removido].

- Professor de Permacultura na Pós-graduação em Permacultura da [removido].

- Conselheiro no [removido]

- Fundador e Diretor Executivo da [removido]

- Fundador da [removido].

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** Saudações caro (a)s hermanos e hermanas!!!

Tenho 34 anos, sou natural de Fortaleza, sou casado com [removido] e pai de [removido]. Sou Designer em Permacultura, Educador Biocêntrico, Técnico em Arqueologia, Licenciado em Geografia, atualmente curso os Cursos de Especialização em Permacultura e Mestrando em Desenvolvimento Regional Sustentável, ambos pela Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Minha história na Permacultura se inicia em 2004 quando vivenciei pela primeira vez o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas na cidade de São Gotardo, interior do estado de Minas Gerais, foi lá que pela primeira vez ouvi falar sobre Permacultura. Quando do retorno a Fortaleza conheço [removido] (minha esposa), ao falar sobre ela prontamente me diz que já conhecia e me indicou um projeto no município de Maranguape que preconizava os valores e a ética da Permacultura. Tal projeto era capitaneado pelo arquiteto e professor da Universidade Federal do Ceará, Marcondes Araújo Lima, sendo este um dos principais entusiastas desta nobre ciência no estado do Ceará desde o final dos anos 90, época em que retorna do seu doutorado na Austrália.

No ano seguinte em 2005, fui ao Fórum Social Mundial em Porto Alegre, e lá havia uma área inteira destinada ao debate em torno da Agroecologia e correlatas, estando a Permacultura como uma das protagonistas. Na ocasião participei de inúmeras vivências/oficinas/palestras, onde tive a satisfação de conhecer o grande Mestre do Bambu, o paraguaio Guillermo Daniel Gayo.

Ainda em 2005 fiz meu primeiro curso, este ocorrera na Faculdade de Arquitetura da UFC e foi facilitado por um Permacultor alemão que se encontrará em nosso estado por ocasião da realização de uma consultoria para a ONU/FAO. Como resultado do curso foi criado o [removido], atrelado a [removido] e coordenado pelo professor [removido]. Permaneci no projeto até sua dissolução em meados de 2006.

Em 2007 adentro na Universidade Estadual do Ceará para cursar a faculdade de Geografia, no mesmo ano em conjunto com professores e estudantes de dentro e fora da instituição fundamos o [removido]. O [removido] até os dias atuais desenvolve trabalhos para fins de popularizar a Permacultura por meio de atividades de estudos, pesquisas, formação, consultoria, assessoria técnica, em conjunto com populações rurais e urbanas, incluindo: agricultores familiares e estudantes em todos os níveis de ensino.

Em conjunto com a fundação do [removido], organizamos de forma colaborativa um Curso de Design em Permacultura, na ocasião facilitado pelo diretor do Instituto de Permacultura e Ecovila da Mata Atlântica, o bioarquiteto Marcelo Bueno. Com esse curso deu início a um processo de formação em Permacultura de maneira popular, colaborativa e acessível até então sem precedentes na história da Permacultura em nossa região, tendo prestado uma salutar contribuição na formação de permacultores de todo o estado, de estados vizinhos e até de estrangeiros.

Dentre as inúmeras atividades de formação em que coorganizei, tais como palestras, oficinas, cursos, minicursos entre outras vale destacar: Curso de Design em Permacultura (2007), I Jornada

Permacultural do Ceará (2010), Curso Avançado de Educação em Permacultura com Skye Riquelme(2010), Curso Aproveitamento Sustentável do Bambu com Guillermo Gayo e I Expedição Científico Permacultural do Semiárido 2011, esta percorreu os estados do CE/PE/BA fazendo intercâmbios, incluindo vivência com Marsha Hanzi.

Em 2008 tive a oportunidade de expor a experiência do [removido] na III Convergência Latino-americana de Permacultura em Cuba. Também no [removido] exerci a função de bolsista de extensão (CNPQ) junto comunidades de agricultores familiares, permanecendo na função do ano de 2010/2012.

Durante os anos de 2010/2011 atuei como consultor na elaboração do Design Permacultural como parte do Plano de Manejo do Parque Natural Municipal das Dunas da Sabiaguaba e da Área de Proteção Ambiental da Sabiaguaba, ambas as unidades de conservação estão localizadas no município de Fortaleza.

Em 2011 tive a honra de vivenciar uma temporada no Centro de Referência em Permacultura e Uso Sustentável do Bambu - Takuara Renda, localizado no Paraguai.

Entre os anos de 2011/2013, atuei como assessor técnico em Permacultura no Instituto Nordeste Cidadania, desenvolvendo projetos de ajuste ecológico de edificações junto aos vários projetos da instituição.

Em 2013 me mudo com minha família para o município Crato na Bioregião da Chapada do Araripe. Por aqui estamos colaborando no processo de desenvolvimento da Permacultura na região, tendo participado de inúmeras experiências junto a organizações públicas e privadas iniciativas pessoais e institucionais, dentre as quais: o fortalecimento da Maloca Escola de Permacultura; Projeto Territórios Criativos da Universidade Federal Fluminense, desenvolvendo atividades de formação junto a assentados de reforma agrária; participação em comissão de elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação Tecnológica em Permacultura da Universidade Federal do Cariri.

A construção de relato foi bastante oportuna, primeiro, pois me fez refletir sobre o quanto a Permacultura amadureceu e vem se solidificando em nosso estado nesses últimos 13 anos cujos quais pude presenciar. Segundo, ficou evidente que esse amadurecimento foi forjado, sobretudo no estabelecimento de parceiras.

Venho aqui mais uma vez, me colocar à disposição de potencializar recursos e esforços para que venhamos colocar mais alguns tijolinhos no alicerce da Permacultura em nosso país.

**P72:** Vinha atuando mais através da Permacultura até 2014, 2015 com os PDCs e outras atividades, porém aos poucos fui me afastando para me conectar mais profundamente com essa parte das relações humanas e o desenvolvimento social. Hoje me vejo tomando uma nova atuação profissional, não mais ligado a uma profissão específica, porém estou atuando em diversas áreas e buscando integrá-las nos encontros com cada grupo e pessoa. Dentre elas tenho escrito tanto artigos como poemas, também tenho atuado como compositor e músico e, no qual tenho dedicado mais a minha energia, tenho atuado junto a grupos dos três setores ao longo do Brasil colaborando com uma abordagem que através da conversa busca ajudar a observar e compreender os fenômenos em que grupos e pessoas se encontram em suas atividades, propiciando que uma maior consciência de suas questões, momentos e movimentos possa lhes ajudar a criar maior autonomia e desenvolvimento em suas jornadas.

**P73:** Atuei durante toda a graduação no âmbito da Agroecologia, tendo me especializado em sistemas agroflorestais sucessionais (os chamados hoje como sistemas sintrópicos). Atuei em Brasília como produtor agroflorestal e atualmente trabalho como educador social, na área de Permacultura, pela [removido] no município de Araçariquama-SP.

Também participo do [removido] como membro e educador.

**P74:** atuei como técnico, restauração de áreas degradadas, sistemas agroflorestais, extensão em agroecologia, bolsista de núcleo de agroecologia, coordenador de projetos, atualmente estou focado na produção orgânica.

**P75:** Aprendizagens com muitas pessoas diferentes em continentes diferentes que continua até hoje. Trabalhos em áreas diversas e vida sustentável durante 14 nas montanhas em Minas Gerais Brasil.

**P76:** *Desarrollé como gestora cultural y directora durante 13 años el [removido] donde practiqué la intervención artística pública comunitaria rural y urbana. Esto lo hice como empresa cultural, Dinamo con la que también realizamos campañas promocionales, spots audiovisuales, eventos, publicaciones para instituciones y empresas. Organicé 3 Consejos de Visiones. Capacitaciones y Conferencias: Facilitación Participativa, Redes y Movimientos Ecosociales, Permacultura, Liderazgo Participativo, Sociocracia. Empezamos Ecopoblaciones Ecuador en 2013 con proyecto de Ecorregión Ilaló, articulación de comunidades, permacultores, médicos, educadores alternativos y artistas que viven en*



*volcán Ilaló para declaratoria de Área Protegida y proyecto conjunto, organicé cursos de Forum, Gestión Emocional, Transición, Ceremonias Ancestrales, y a partir del terremoto de 2016, el Proyecto de Regeneración Ecosocial en Rambuche. Participe en [removido] en Gestión de Proyectos y Emergencias desde 2014.*

**P77:** Antes de me formar arquiteta e urbanista, eu já era permacultora, da capital, como falei. Mas sempre gostei de frequentar os sítios, quando possível.

Após minha formatura, decidi vir para o Sul de MG em busca de uma vida rural e para poder iniciar uma trajetória que acabou virando a *[removido]* (antes, Agroecologia), há dez anos.

Sempre trabalhei com arquitetura sustentável, como autônoma, em ONG e depois através da *[removido]*.

Numa fase inicial de nosso projeto, meu companheiro trabalhou bastante com hortaliças orgânicas, alguns cultivos de grãos, laticínios agroecológicos, SAFs e apicultura.

Participamos da fundação de uma feira de produtos permaculturais junto à *[removido]*.

Após cerca de 5 anos as atividades foram se direcionando mais à prestação de serviços de projeto, consultoria de planejamento permacultural, cursos de capacitação etc., e as demais atividades tornaram-se secundárias (sob o ponto de vista financeiro) e com foco no consumo familiar.

**P78:** Atualmente atuo como educador, cuidador do *[removido]*. Já trabalhei com projetos e implantação de sistemas biológicos de tratamento de esgoto, implantação e manutenção de jardins, implantação e manutenção de hortas orgânicas e comercializava alimentos orgânicos.

**P79:** Atuo como autônomo, seja em trabalhos coletivos com o *[removido]*, seja individualmente. Desenvolvo como atividades profissionais a organização e facilitação de PDC, projetos de design em Permacultura, oficinas, palestras, consultorias e assessorias. Recentemente, passei em concurso público para professor de Biologia, pretendendo estender minha atuação na área de educação formal.

**P80:** Desde 2011 atuando como facilitadora de palestras e oficinas de Introdução a Permacultura e desde 2015 atuando como facilitadora em PDC. 2015 também marca o início da aplicação do *[removido]* em Campo Largo/PR.

**P81:** *[EM BRANCO]*.

**P82:** Professora de biologia e ciências no ensino médio e fundamental desde 2013 e fotógrafa. Atualmente trabalha com o ensino (renda fixa), fotografia e permacultura.

**P83:** Sempre atuei no mercado automotivo em SP, fiz alguns estágios, fui analista e engenheiro de vendas, sempre em multinacionais francesas.

**P84:** Trabalho na *[removido]* na saúde pública ligada diretamente no controle das endemias e zoonoses, ou seja, naquelas doenças que são transmitidas entre animais e homem.

**P85:** Atualmente atuo na área de pesquisa acadêmica, investigando os mecanismos de produção de fragrâncias pelas flores de orquídeas e sua relação com os polinizadores, dentro do contexto evolutivo.

**P86:** Depois de conhecer a permacultura, me reconciliei com a arquitetura, agora bioarquitetura para mim. Construí minha casa e me lancei na terra para botar permacultura na prática. Comecei a fazer projetos de bioarquitetura e de permacultura, a dar consultorias, a projetar sistemas sustentáveis de tratamento de esgotos e de água de chuva. Agora começo a me enfronhar nos aspectos sociais de comunidades, para ajudar grupos a ocuparem sustentavelmente seus territórios.

**P87:** Iniciei com aulas em PDCs no ano de 2014, atualmente ministro aula de solos, geologia, agroecologia e agrofloresta na *[removido]*.

**P88:** Era professora da rede municipal de Chapecó pedi exoneração. Estou vivendo no período de transição e desenvolvendo o projeto da *[removido]*.

**P89:** Consultor da *[removido]*, em Permacultura, desenvolvendo cursos e materiais didáticos ligadas a permacultura por uso no rede escolar do estado.

**P90:** Professora na graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo.

**P91:** bioconstrução. *[removido]*.

**P92:** Atuo como educador desde muito cedo, em 2008 comecei a dar oficinas de tecnologias de código aberto e gestão de rádios livres/comunitárias. Fui me especializando no campo das tecnologias apropriadas e da facilitação de grupos. Já facilitei workshops de: rádio livre; software livre; energia solar fotovoltaica, fornos solares, redes mesh, sistemas de irrigação automatizadas, bancos de sementes comunitários, sistemas hidroelétricos de pequeno porte, bicitecnologias, comunicação não-violenta, ecologia profunda.

**P93:** Educadora há 37 anos, atuando no ensino fundamental, EJA campo, PRONERA, Projeto [removido]. Além de atuar em sala de aula, trabalhei também na formação de professores na Escola [removido], entre 2000 e 2015.

Permacultora formada pelo IPAB em 2002. Fundadora da rede [removido] e das estações de Permacultura [removido] em SC. Escritora do Livro [removido]. [removido] 2008.

**P94:** No fim de 2016, último ano da faculdade que cursava, descobri a gravidez, atualmente, sou mãe de um bebê de 4 meses e não estou atuando profissionalmente. Não tive a oportunidade de trabalhar como agrônoma ainda, mas durante a faculdade estagiei todos os anos, com temas como: Plantas medicinais, agroecologia e sistemas agroflorestais, permacultura (bioconstrução, ecologia cultivada, etc.). Desde 2013 (acho) também lecionei a aula de solos em alguns PDCs do [removido].

**P95:** [removido] nos anos de 2014, 2015 e 2016. Sigo como colaborador =)

Particpei dos PDC [removido] a em 2009, 2010 e parcialmente em 2011. Este grupo de educadores deram base ao que viria a ser o grupo [removido].

Articulador e membro fundador do [removido] - Punta Arenas 2017.

Educador socioambiental em [removido].

**P96:** Ativista Socioambiental a 20 anos. Mestre em Gestão e Políticas Ambientais pelo Prodemá UFPE, Cientista Jurídico com foco em legislação e educação ambiental. Articulador de Redes Socioambientais. Trabalha com Permacultura e Design Social. Sócio Fundador do [removido] e articulador de Ecoaldeias no Brasil. Integrou a organização do Fórum Social Mundial e foi co-idealizador das Aldeias da Paz nos Fóruns. É o atual secretário executivo do [removido]. Líder Operativo de [removido]. Idealizador do [removido] na zona rural do Recife. Presidente do [removido] - Chapada dos Veadeiros. Autor do [removido]. Foi curador ambiental da Bienal do Livro Pe e Expoidea.

**P97:** Iniciei minha atuação profissional em 2010 através de projetos hidrosanitários (projeto hidráulico e de saneamento) incorporando alternativas ecológicas como aproveitamento de água de chuva, aquecimento solar de água e tratamento ecológico de efluentes. Desde então venho realizando estes projetos para residências, órgãos públicos, pousadas paralelamente à minha pós-graduação.

**P98:** Nascido em Santos, SP, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2004), Bioconstrução e Permacultura pelo IPEC em 2001 e 2003. Conta com mais de 10 anos de experiência na área de Bioconstrução, Saneamento Ecológico, com ênfase em Permacultura e Sistemas Sustentáveis. Durante 7 anos no México (2005 a 2012) desenvolveu e implantou diversos projetos de bioconstruções, saneamento ecológico e permacultura de variadas abrangências (sociais, empresariais e principalmente educacionais). De volta ao Brasil, trouxe tecnologias, métodos e conceitos que absorveu durante este período no exterior. Hoje atua como servidor Celetista da [removido] onde é responsável técnico pelo projeto e implantação das obras de Saneamento Ecológico na Comunidade Caiçara da Praia do Sono, em Paraty, RJ. Ainda em Paraty, fundou a [removido], empresa especializada em projetos de Bioarquitetura e Licenciamento ambiental.

**P99:** *Diseño, Educación, Movimientos Sociales, Regeneración del Ser.*

**P100:** Trabalho com arquitetura fundada na permacultura. Faço design permacultural e sou educador.

**P101:** Sou operador de instalações de potência do sistema elétrico a 20 anos. Com a permacultura fui instrutor por alguns anos no curso de PDC [removido].

**P102:** Atuo no terceiro setor desde 2009, mais especificamente na [removido]. Nesta instituição desenvolvi trabalhos educativos com crianças e adolescentes, formação de professores e outros funcionários, administração geral da entidade e captação de recurso. Nos últimos 6 anos tenho me dedicado ao [removido], que é um experimento social dentro da entidade. Com organização coletiva e horizontal, o projeto desenvolve diversas atividades relacionadas a permacultura. Durante este período no [removido], as atividades profissionais foram as mais variadas possíveis, como organizar e ministrar cursos, vivências e palestras (cerca de 50), processos de educação ambiental com todas as idades, parcerias com o poder público, participando de articulações de conselhos e planos municipais, atuação em rede para promoção da permacultura, articulação com movimentos sociais, principalmente para o desenvolvimento da luta pela reforma agrária e valorização da agricultura familiar, construção de ao menos uma dezena de casas através da bioconstrução, implantação de dezenas de jardins, e a criação de um espaço experimental de permacultura, reunindo diversas tecnologias no mesmo local, enquanto modelo de sustentabilidade. Além disso atuei na área da cultura popular, desenvolvendo uma série de projetos para a comunidade local, proporcionando acesso à cultura popular, seja por oficinas, eventos ou uma biblioteca comunitária que mantemos nos últimos 3 anos.

**2.1. Na sua opinião, quais são os objetivos de um PDC? (Apresente, abaixo, qual sua percepção sobre os objetivos de um PDC: para que ele serve, qual seu intuito?)**

**P1:** Permitir que os participantes tenham intimidade com os conceitos da Permacultura - que na minha opinião é baseada em planejamento - através da prática e da vivência em grupo, de preferência tendo os benefícios da imersão;

Possibilitar ao participante uma mudança de paradigma, conquistando uma visão mais sistêmica e holística da realidade;

Vivenciar atividades de Reconexão com a Natureza, pra mim requisito essencial para se praticar o princípio de cuidar da Terra;

Propiciar ao participante ferramentas para embasar um trabalho prático relacionado à Permacultura, individual ou coletivo.

Preparar o participante para tomada de decisões cotidianas, tendo como base os princípios da Permacultura;

Treinar o olhar do participante para identificar os recursos e potenciais de um local, grupo ou situação, permitindo a intervenção inteligente, seguindo os princípios do design permacultural;

Servir de guia para um roteiro de estudos posteriores em outras fontes, vivências, livros e cursos.

Na minha opinião, um PDC não tem caráter de formação profissionalizante, apesar de qualificar os profissionais dentro de suas respectivas áreas de atuação.

**P2:** Eu acho que o PDCs serve como inspiradores, e dão uma oportunidade de ensinar coisas básicas, espalhe sementes boas, e dão um gostinho de viver em comunidade (os que eu participei pelo menos, em que tudo mundo ficou juntos por uma semana.) Eles também fortalecem (ou podem servir pra fortalecer) as redes de permacultores.

**P3:** 1-Formar novos designers

2-Motivar para mudança de vida

3-Organizar movimento é continuidade

**P4:** O PDC visa desenvolver capacidades, conhecimentos e habilidades para a compreensão e a prática da Permacultura na vida dos participantes. Para isso, o aprendizado da ética, dos princípios e do design permacultural são essenciais. Junto com este aprendizado, um PDC também objetiva introduzir conhecimentos nas diversas áreas da Permacultura e mostrar o caminho das pedras para que as pessoas se aprofundem, estudem mais e, essencialmente, apliquem no seu dia a dia. Igualmente importante num PDC, é mostrar que vivemos o que ensinamos, dar uma referência de um outro modo de vida e estabelecer conexões entre pessoas que já não se encaixam no sistema convencional.

**P5:** Formar permacultores - multiplicar a permacultura com qualidade, ética e princípios

Promover Autonomia e descentralização

Ampliar a rede de permacultores

Utilizar os recursos humanos para criar ambientes mais harmônicos entre as pessoas e com o meio ambiente

Função Social

**P6:** Orientar, sensibilizar, capacitar pessoas para cocriarmos uma sociedade mais justa e colaborativa, mais capaz de lidar com os desafios que a atualidade apresenta, em harmonia com a Terra, mais saudável, mais feliz.

**P7:** Empoderar as pessoas e com isso estimular a serem plenas de sua vida.

**P8:** *El PDC es una herramienta de diseño que nos ayuda allegar a la sustentabilidad. El propósito es al aprendizaje del diseño, tanto en lo social, técnico y espiritual.*

**P9:** Difundir a permacultura como ferramenta para a construção da cultura de paz e respeito a todos os seres vivos.

**P10:** Ao meu ver o objetivo maior de um PDC é ampliar a visão e a capacidade de observação do participante através de atividades e temas que o encaminhem para um pensamento sistêmico, cíclico e mais conectados com a natureza, capacitando-o a perceber a realidade ao redor, conhecer novas formas e técnicas, ampliar percepções, conhecer os fluxos energéticos e ser capaz de fazer um design (rural ou urbano) de uma propriedade organizando os espaços e zonas, cuidando de todo fluxo energético envolvido nunca deixando de lado a importância das relações e do cuidado com o meio. Um caminho de coerência, integridade e cuidado de forma geral.

**P11:** Pra mim um PDC tem objetivo de transformar vidas. Passar noções gerais sobre os principais pontos para se planejar um sistema sustentável de ocupação humana e aprofundar em alguns deles, a depender do local onde acontece o curso.

Levar a compreensão de que somos um com a mãe terra e que nossas ações, por menores que sejam, como o ato de comer, afetam o todo a todo momento, assim como o ato de pensar e a frequência que estamos a emitir.

Propor atividades que nos faça lembrar que o foco é a solução e não os problemas.

**P12:** Acho que os PDCs atuam como sensibilizadores a respeito do tema, e proporcionam noções gerais.

**P13:** Para mim um PDC deve permitir aos alunos a compreensão geral do que a permacultura é capaz enquanto ferramenta, visualizando a conexão entre os elementos de um sistema.

**P14:** A percepção sobre os objetivos:

- Nos preparar para sermos cidadãos mais conscientes com o meio que nos cerca e daqueles nos quais somos dependentes;

- A partir dessa consciência refletirmos sobre o nosso papel nele;

- Utilizarmos das informações recebidas no PDC para tornarmos nossas atividades sustentáveis.

Como professora fui fazer o PDC na busca de formação mais aprimorada, já que não tive no meu tempo na universidade, para poder repassar para meus alunos universitários e nos cursos de extensão para a comunidade,

**P15:** O curso de design em permacultura serve para ensinar os princípios do planejamento de sistemas sustentáveis tomando como base o currículo desenvolvido por Bill Mollison no livro "Permaculture – A Designer's Manual".

**P16:** PDC na minha concepção tem a missão de contribuir para uma vivência harmônica do ser humano com o planeta e todas que habitam nele.

**P17:** Formação básica para quem quer ser permacultor.

**P18:** introduzir o participante no universo da Permacultura e estimulá-lo a introduzir os conceitos, princípios, etc. no seu trabalho profissional. Na minha opinião o PDC não forma permacultores... os permacultores serão formados com aplicação dos conteúdos no dia e suas práticas diárias.

**P19:** Apresentar uma proposta diferenciada do modelo atual, trazendo a relação do sujeito, do grupo, do ambiente e dos desperdícios em uma reflexão profunda na busca de construção de novos modelos de gestão. tanto urbana como rural.

Entretanto 10 dias intensivos são, ainda, uma pequena pincelada pela magnitude da proposta, do conteúdo e das práticas.

**P20:** Apresentar de forma integrada e clara todo espectro da ferramenta da Permacultura, sua história, de onde veio, quais pessoas e estudos inspiraram e forneceram ingredientes para Mollison e Holmgren criarem essa ferramenta.

Apresentar de forma conceitual e prática a Ética da permacultura, seus princípios de design, a forma clara e objetiva de se trabalhar com essas ferramentas.

Empoderando os participantes a usarem as ferramentas em sua vida e projetos, e acima de tudo, mostrando que atitudes coerentes são a base de qualquer assentamento humano saudável e sustentável.

**P21:** Sensibilização e reflexão sobre a escassez dos recursos naturais, apresentar técnicas e princípios para energias renováveis, bioconstruções, produção de alimentos e medicina saudável, honrar as culturas ancestrais e a sabedoria dos povos tradicionais. Além de promover dinâmicas de integração de grupos e resolução de conflitos. Pensar uma nova economia para uma evolução sustentável.

**P22:** Passar de forma prático e teórico as bases para a compreensão da permaculturas e as relações entre as diversas fases (pétalas) da mesma.

**P23:** O PDC a meu ver é um curso INTRODUTORIO de Permacultura, que tem como objetivo trazer a luz o Método de Design Permacultural. Ele traz uma visão geral dos temas da Permacultura ao passo em que adentra e desenvolve o método de design, que é o modo de aplicação de todos os temas. É um curso bastante teórico, mas de um caráter vivencial muito transformador, principalmente no que tange as relações em grupo e esse modo participativo, integrado e social que o Curare tem proposto. Dessa maneira, além de trazer as bases para o desenvolvimento do método permacultural, tem o intuito de ser um marco vivencial.

**P24:** Introdução para quem nunca ouvir falar sobre Permacultura e profissionalizante/empoderador para quem já ouviu e estudou sobre.

Em minha opinião, o intuito é apresentar a caixa de ferramentas metodológicas que é a permacultura, além de destrinchar algumas em específico, internalizar os princípios éticos e design para específico, internalizar os princípios éticos e design para que os estudantes sejam capazes de analisar elementos para elaboração de planejamentos permaculturais eficientes e viáveis.

**P25:** Os objetivos do PDC são apresentar um compilado básico do conhecimento reunido dentro da permacultura de forma didática, simples e introdutória para que, a partir dele, as pessoas possam buscar suas áreas de atuação e aprofundamento.

Além disso, é um espaço de constituição de rede, onde nos encontramos com pessoas que possuem interesses comuns e com as quais podemos atuar.

A existência dos PDCs garante um acúmulo mínimo a ser transmitido, e permite uma certa coerência metodológica e prática na atuação com permacultura, de forma a socializar conceitos e conhecimentos, construindo uma visão comum do que pode ser feito a partir dessa ferramenta chamada permacultura.

**P26:** integrar.

**P27:** *El PDC originalmente es un curso que busca ecoalfabetizar con los términos, principios y metodologías utilizados con la permacultura. Los objetivos específicos cambian dependiendo de que institución dicte el curso, si bien hay una currícula establecida por el PRI (Permaculture Research Institute) hay varios maestros certificados que han buscado adaptarse más al contexto en el que trabajan.*

**P28:** Apresentar conceitos básicos de Permacultura de forma integrada.

**P29:** Trazer uma imersão aos conceitos e princípios da permacultura para o planejamento de sistemas sustentáveis a partir dos conhecimentos tradicionais e suas tecnologias, relacionando com o contexto social e ambiental dos dias de hoje.

**P30:** Para mim, o PDC tem como principal objetivo a popularização da permacultura, apresentando sua filosofia e ensinando as pessoas a pensarem de acordo com o contexto onde vivem ou trabalham.

**P31:** Os PDCs é uma introdução aos principais temas da permacultura, para as pessoas aprenderem a se empoderar, e ter uma visão melhor para fazer um design de um determinado projeto, ajuda a ter uma visão mais ampla.

**P32:** Para mim o objetivo de um PDC é introduzir conhecimentos da nova era com arte, beleza e cultura. É capacitar as pessoas para tornarem qualquer ambiente humano mais sustentável.

**P33:** Sensibiliza e prática princípios sistêmicos e tecnologias novas e também as ancestrais para uma cultura que sustenta a vida, integrada a natureza local, da qual fazemos parte. Uma cultura que aborda as necessidades básicas e fundamentais para a sobrevivência hoje.

**P34:** Os PDCs têm como objetivo dar uma panorama geral sobre o que significa a Permacultura e algumas ferramentas básicas de atuação, especialmente relacionadas ao design.

**P35:** Introduzir ao modo de pensar permacultural e apresentar ferramentas práticas para aplicação desse pensamento na realidade que for, seja rural ou urbana.

**P36:** Para mim o PDC serve para dar um conjunto de informações que possibilitará ao aluno observar e planejar de maneira ética e eficiente sua interferência no meio, seja ele urbano e rural. Ele deve ajudar as pessoas a tornarem-se agentes e autores das mudanças em suas vidas.

**P37:** Na minha opinião o objetivo principal de um PDC deveria ser a formação de sujeitos empoderados com a visão de mundo proposta pela permacultura, especialmente quanto aos seus princípios éticos, bem como os princípios básicos de design. Mas vejo a permacultura como uma filosofia de vida (prática/pragmática), não como um conjunto de técnicas para diminuir impactos ambientais. Acho isso uma visão extremamente pobre, simplista, reducionista e muito apropriável pelo capitalismo. Aliás, na minha opinião o permacultor (e a permacultura como um todo) é necessariamente anticapitalista, uma vez que propõe uma forma de vida mais autônoma, resiliente, solidária e livre de opressões. Acho que é função d@s facilitador@s e dos PDCs realizarem uma formação o mais crítica possível sobre os sistemas de opressão e exploração, tanto humanos, quanto animais e ecossistêmicos em geral.

**P38:** Para mim, os objetivos de um PDC permeiam uma sensibilização acerca da necessidade de repensarmos o estilo de vida de nossa sociedade moderna, seguida de uma instrumentalização das pessoas com conhecimento para que tenham condições de se aproximarem da sua autonomia e terem condições de impactarem suas realidades de maneira mais orgânica e harmônica, tal como previsto pelos princípios éticos..

**P39:** Para mim, é uma introdução mais ampla ao mundo da permacultura, mas principalmente trazendo a perspectiva do design. Muita gente fala que é permacultor, que conhecia fulano que era permacultor e que nunca fez curso de permacultura, e acho que tem uma confusão muito grande nisso porque permacultura não é aplicação de técnicas e sim aplicação de um design no qual as técnicas trabalham a favor desse plano macro. Então, o objetivo de um PDC é essencialmente introduzir os alunos aos princípios básicos da permacultura, a ética da permacultura, aos princípios de design, aos padrões naturais, e aí introduzi-los às temáticas básicas que são exploradas nos diferentes módulos: água, solo, energia, construção, economia, alimento, mas essencialmente, introduzir o pessoal no mundo do design, articulando suas intervenções a partir de um design.

**P40:** compartilhar ferramentas para a aplicação das tecnologias permaculturais seja no design social, bioconstrução e implantação de sistemas agroecológicos e sustentáveis.

**P41:** Sensibilização e empoderamento.

**P42:** Antes de fazer o PDC eu já havia lido muita coisa sobre a permacultura e conhecia bem a temática. O que adquiri no PDC foi uma visão ampliada e conexões sobre o assunto que até então eu não havia compreendido. As práticas, vivência e diálogos proporcionados por um PDC são fundamentais para compreender efetivamente o que é a Permacultura.

**P43:** fornece uma ideia básica do que é a permacultura e como aplicar o método de design.

**P44:** Primeiramente e fundamental é a difusão da ética da permacultura.

O PDC deve permitir que as pessoas se apropriem desta ética e a possam colocar em ação. Para isto se os capacita na metodologia do design permacultural.

**P45:** Acredito que serve para apresentar um conjunto de técnicas e ferramentas às pessoas que buscam uma transição para uma vida conectada aos ciclos naturais.

**P46:** Disseminar o Design de permacultura em seu modelo de formação internacional.

**P47:** Acredito que um curso de PDC tem como objetivo capacitar os participantes para entenderem a metodologia do design permacultural, compreenderem a ética e os princípios, se entenderem como parte de natureza, aprendendo e colaborando para a manutenção de um ecossistema abundante e saudável ao longo das gerações.

**P48:** Promover reflexões, compartilhar conhecimentos e preparar as pessoas para boas práticas.

**P49:** Ampliar a forma de pensar como conviver e viver no planeta de forma inteligente e cooperar junto com a natureza.

Ampliar a consciência dos envolvidos

Trazer a "história não contada na escola" sobre os modelos operantes

Trazer soluções para os problemas ambientais

Impulsionar e empoderar pessoas.

**P50:** Apresentar ferramentas para o aprofundamento em desenho, planejamento e prática de implementação de sistemas permaculturais.

**P51:** Introduzir e apresentar aos participantes A história princípios ética e algumas técnicas referentes a permacultura. A integração vivência em si entre os participantes é fundamental para despertar inicial sobre novas formas de relação e consciência ambiental visando a criação de um novo mundo planejado de forma holística e integrada com previsão para o futuro.

**P52:** primeiramente introduzir os participantes na visão holística e sistêmica da permacultura com foco para a ética (os princípios), o design e a leitura de paisagem,

Segundamente introduzir as técnicas práticas de sua implementação (agricultura, construção, manejo de água...

**P53:** Formação de multiplicadores dos princípios da Permacultura.

**P54:** A meu ver, são três principais:

- A descoberta da permacultura, da sua visão de mundo, princípios e ética, das suas áreas de atuação, e da diversidade de estratégias possíveis. digo que é como tirar a cabeça da pessoa de dentro de uma bacia onde ela só enxergava até ali, até um limite próximo, estimulado pelo "sistema". ai o PDC vem e levanta a cabeça da pessoa e ela passa a olhar o mundo todo ao seu redor e fazer a conexão entre as coisas.

- O aprendizado teórico e prático da metodologia específica do design permacultural para concepção de ocupações humanas sustentáveis (mesmo que em pequena escala)

- Conhecer algumas das técnicas mais utilizadas localmente e de acordo com as habilidades do grupo que propõe (como bioconstrução, agrofloresta, saneamento ecológico, metodologias participativas...).

**P55:** Introduzir a pessoa ao mundo da Permacultura, mostrando exemplos e praticando.

**P56:** No meu entendimento o PDC tem como principais objetivos:

- 1) Sensibilizar os participantes para a situação crítica do padrão civilizacional dominante;
- 2) Fornecer noções básicas de ecologia, climatologia, solos e padrões naturais;
- 3) Apresentar aos participantes tecnologias sociais voltadas para habitação, manejo da água e dos efluentes, além de práticas de produção agroecológicas e estratégias sociais.
- 4) Apresentar e exercitar com os participantes os principais métodos para elaboração do design permacultural.

**P57:** - O objetivo de um PDC é primeiramente sensibilizar os interessados para uma forma de planejamento do espaço humano que seja verdadeiramente equilibrada e em sintonia com todos os biomas.

- Em seguida capacitá-los a entender e desenvolver a metodologia que é praticamente exclusiva da permacultura e a diferencia de outras ferramentas "agroecológicas" ou "sustentáveis" para planejamento de ambientes humanos: o planejamento do espaço por zonas de energia, baseados no reconhecimento dos setores, utilizando-se de uma boa análise de elementos.

- Repassar um conjunto de técnicas que sirvam de subsídios para uso por permacultores em todos os biomas, levando em consideração a produção de alimentos e estruturas, o planejamento para uso de energia, água, eventos extremos e vida em sociedade.

**P58:** Considero o PDC um start na Permacultura, um encontro coletivo com várias cabeças pensantes e conectadas nos princípios éticos e que não tem como voltar atrás e continuar fazendo as coisas antes. O PDC muda a vida das pessoas, desperta para o fazer, a prática do coletivo e o cuidado com as pessoas e o planeta.

**P59:** Proporcionar aos participantes uma formação básica teórico-prática em Permacultura seguindo-se o currículo padrão dos PDCs, preparando-os para um modo de vida mais sustentável.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** O PDC é um curso de PLANEJAMENTO, que ensina a fazer conexões, e utilizar recursos naturais para implantar projetos, diminuindo assim trabalho e despesa. Acho importante por dar uma visão holístico do projeto, ajudando a manejar complexidades, usando informação e criatividade.

**P62:** Empoderamento e desenvolvimento humano. Com a permacultura podemos empoderar pessoas para governarem a si mesmas e construir seus sonhos, e não para serem governadas por outros.

**P63:** Dar as bases para uma pessoa que queira iniciar estudos e práticas na permacultura.

**P64:** 1. Contribuir para a formação uma consciência nas pessoas sobre os princípios éticos da permacultura, cuidar da terra, cuidar das pessoas e compartilhar recursos;

2. Compartilhar experiências e ressignificá-las sob o ponto de vista dos doze princípios;

3. Ensinar técnicas e conceitos que permitam a prática da permacultura no dia a dia;

4. Capacitar pessoas experientes em áreas de interesse da permacultura, a participarem de equipes de facilitadores, em suas áreas de expertise, em PDC organizados por um facilitador mais experiente.

**P65:** O PDC promove a consciência do cenário de crises atuais que vivemos e desenvolve uma base sólida de conceitos e habilidades em diferentes áreas essenciais para a criação de assentamentos Sustentáveis. Mas acima de tudo o PDC com o trabalho com a ética, princípios e metodologia de design promove uma mudança de visão, desenvolvendo o pensamento sistêmico. É um passo essencial para uma mudança de lógica, de visão de mundo, de cultura.

**P66:** Para mim, o maior objetivo de um PDC é proporcionar a aprendizagem sobre o conceito de permacultura, que envolve sua ética e princípios para o design permacultural. De modo que o participante sai com os conhecimentos mínimos e entendimento das diretrizes para poder planejar ocupações humanas sustentáveis.

**P67:** Como coordenadora de PDC me preocupo principalmente com que os participantes saiam daqui compreendendo o sentido da ideia de design e sabendo aplicar o método de design permacultural, de maneira local e com eficiência energética. Três entendimentos fundamentais me parecem esses: que design tem a ver ""designar"" funções; que projetamos para gerenciar fluxos energéticos (entendendo ""energia"" em sua multiplicidade de manifestações, mas como ""vida"" em última instância); e que é fundamental agir localmente e agora.

Além desses pontos básicos, é importante desfazer a ideia de que a permacultura equivale uma lista de tecnologias sustentáveis, e fortalecer a ideia de que o melhor sistema é aquele que gera as melhores conexões entre os elementos que o compõem, inclusive entre as pessoas! Acho importante

que os permacultores compreendam que eles são os próprios agentes da transformação que a permacultura apregoa, então que é inerente ao ser permacultor um certo empirismo e criatividade para transformar os problemas em solução. Também considero fundamental que a permacultura não se torne nunca uma espécie de doutrina, de forma que considero importante abordá-la de maneira crítica. Por estar em uma metrópole, sinto a importância de destacar a área da permacultura urbana como um campo fértil e em desenvolvimento constante. Por estar no Brasil, também considero importante ressaltar a importância dos saberes indígenas e latino-americanos e tomá-los como principal fonte de referência. Também procuro destacar a importância das práticas corporais, pois não há saber nem prática fora do corpo que, muitas vezes, é esquecido no design permacultural.

A minha ideia de PDC bem-sucedido é aquele que forma pessoas impelidas a testar os saberes com que se entra em contato, se sentindo autônomas para buscar e desenvolver mais conhecimento e responsáveis no sentido de procurar partilhar seus saberes e privilégios.

**P68:** • criar conexões e interações entre o Ser e o ambiente e estimular a observação da natureza e seus ciclos.

- Descobrir padrões que traga uma visão sistêmica e abrangente da Vida como um todo.

- Quebrar velhos paradigmas que nos aprisiona e nos limita, deixando assim uma mente apta a absorver novos paradigmas que valorizam a Vida e nos inspiram a ser observadores criativos, curiosos e parceiros do planeta como um Ser vivo inteligente.

- Adentrar, durante 72 horas, nas pétalas da permacultura com seus grandes temas, mostrando através da teoria e práticas que as conexões sempre estiveram ali, apenas deixamos de percebê-las.

- Tornar o participante um design em assentamentos humanos sustentáveis, inteligentes, diversos, produtivos e felizes.

**P69:** Apesar de Bill Mollison ter colocado o PDC como curso de formação de Designers, sinto que o objetivo do PDC é introduzir os alunos no universo do design em permacultura, já que é muito complexo toda a temática para se formar uma pessoa em 8 dias. Nesse período nem um curso de paisagismo você consegue capacitar uma pessoa. Sinto que o PDC foi uma grande estratégia de marketing e pedagógica de Bill para popularizar a Permacultura, e é nesse viés que eu trabalho.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** Introduzir a ciência do Design Permacultural.

**P72:** Para mim o PDC, assim como concebido por Bill Mollison, tem o intuito de trazer uma base conceitual e teórica introdutória para a Permacultura, nos levando para além de um campo meramente técnico e trazendo aspectos essenciais do design e dos princípios para que esse seja condizente com o que foi cunhado como Permacultura pelos fundadores. Ou seja, trazendo uma coerência maior entre observação, conceito e técnica nessa busca por uma Cultura da Permanência.

**P73:** Os objetivos consistem na apresentação da base e todos os aspectos que permeiam a Permacultura, de forma prática ou teórica.

**P74:** difundir o conhecimento em permacultura, permitindo aos participantes adentrar esse universo e colocar coisas em prática. contribuir pra transição agroecológica.

**P75:** ter uma base de entendimento dos princípios e ética da Permacultura. Ter contato com outras pessoas na construção de um projeto e perceber que tem diferenças nos pontos de vista de tod@s.

**P76:** *Sembrar profundamente la semilla de agentes de cambio con herramientas clave como el diseño ecológico y el diseño social.*

**P77:** Acho que o PDC é um divisor de águas de certa forma, para mim ele foi. É um curso que te amplia a percepção para uma visão sistêmica e holística da vida.

Acho que ele serve para dar instrumentos para promover mudanças, esse é um dos objetivos.

Outro, é demonstrar como as coisas podem ser organizadas numa forma mais harmônica nos âmbitos ecológico, social, econômico, de saúde, cultura etc.

Mas a forma como cada um irá utilizar isso em sua vida será muito particular. Uns conseguirão aplicar mais, outros menos.

**P78:** vejo que o PDC tem o objetivo de uma visão ampla dando condições pra noção de leitura da paisagem e assim planejar um ambiente. Assim como, conhecer técnicas ecológicas e diversos aspectos. Com essa noção das técnicas e de mapeamento a pessoa pode começar a pensar no planejamento dos espaços de forma mais eficiente.

**P79:** Vejo o PDC como, basicamente, uma formação focada na teoria sólida acerca dos conceitos, metodologia, princípios e aplicações da Permacultura. Esta formação possibilita uma maior autonomia às pessoas, que poderão atuar nos mais diversos contextos. Entendo, no entanto, a busca,



o encantamento e a necessidade didática da técnica, trazendo a importância da sua presença no PDC. Porém, acredito ser prejudicial a supervalorização da técnica, sem a reflexão e a conceituação por trás dela, não capacitando criticamente as pessoas a atuarem em contextos diferentes.

**P80:** Para mim, o principal objetivo de um PDC é mostrar ferramentas possíveis para que qualquer pessoa possa ser dona da sua realidade, gerando sustento e, por que não, renda de forma consciente e com o menor impacto negativo ambiental e social possível.

**P81:** Os objetivos de um PDC são capacitar o ser humano a agir de forma integrada e plena com a natureza. Reconexão com Gaia permitindo que reconheça na natureza padrões e saiba como usá-los para potencializar a abundância de alimentos, de inter-relações, e gerar riqueza em seu mais profundo sentido.

**P82:** Oferecer uma formação básica em Permacultura, objetivando principalmente a formação de pessoas que possam difundir os princípios e as possibilidades que ela nos dá. Os PDCs nos dão uma chance de saber como e quais os passos a seguir no começo do processo, oferecendo ferramentas e facilitando a formação de redes de pessoas dispostas e interessadas nos mesmos temas.

**P83:** Entendo o PDC como um curso introdutório, considerando o conceito e as práticas da Permacultura muito novas, o PDC tem a proposta apresentar um pouco a aplicação da metodologia e as inúmeras possibilidades, mas sempre num conceito introdutório/básico.

**P84:** Acho que é uma forma de se integrar e se comprometer com a natureza e de resgatar nossa humanidade. Para mim, duas frases importantes que podem resumir tudo o que procuro buscar são: "A natureza pode suprir todas as necessidades do homem, menos a sua ganância" (Mahatma Gandhi) e "Nós nos sentimos bem em meio à natureza porque ela não nos julga" (Nietzsche).

**P85:** Permitir que cada vez mais pessoas tenham acesso a esta coletânea de conhecimentos, que possibilitam a permanência dos organismos no planeta de forma harmoniosa.

Encontrar uma forma de se trabalhar em conjunto com a natureza, observando como os elementos interagem e apresentam múltiplas funções dentro de diversos sistemas complexos.

Formar agentes aprofundadores e multiplicadores desses conhecimentos.

**P86:** Em primeiro lugar, mudar a percepção da pessoa em relação ao seu "estar no mundo" e no ambiente. Exergar os problemas, ver as soluções e se colocar. Adotar a ética em sua vida e ação, adquirir a visão sistêmica necessária.

Em segundo lugar, entender o processo do design, capacitar designers.

Em terceiro lugar, empoderar a pessoa para ser ativamente parte da solução necessária, com o que tem, onde ela estiver.

Em quarto lugar, oferecer um leque de possíveis soluções práticas e viáveis

Em quinto lugar, estimular essas pessoas a criar as redes de atuação locais (e além disso) para o futuro de baixa energia.

**P87:** Apresentar uma nova perspectiva de vida para os educandos, através do ensino de tecnologias apropriadas para desenvolvimento de habilidades nos âmbitos, econômicos, ambientais, sociais e políticos.

**P88:** Apresentar a Permacultura como ciência e visão holística

Apresentar e vivenciar as "pétalas" seguimentos da Permacultura.

**P89:** Introduzir os alunos os conceitos, princípios e éticas da Permacultura. Desenvolver conhecimento em áreas apropriadas, como sistemas agroflorestais, eco construção, agricultura orgânica, sistemas sociais e financeiros, energias alternativas. Auxiliar eles entender a complexidade dos sistemas onde vivemos, os desafios que humanidade está enfrentando, e a ligação da comunidade, criatividade e comunicação com a construção de uma sociedade resiliente. Inspira eles começar a agir.

**P90:** Sensibilizar para uma nova visão sobre a produção de alimentos, cuidados com o planeta a partir de princípios, conceitos e práticas sustentáveis.

**P91:** formar novos permacultores, pessoas engajadas no cuidado com a Terra.

**P92:** Na minha visão, um PDC busca engajar pessoas para nutrirem relações mais harmoniosas no cuidado com a vida.

E um bom PDC oferece:

. Uma visão crítica sobre a história e o atual contexto "global/local" nas diversas áreas que afetam nossas vidas.

. A comunhão dos princípios éticos que norteiam a Permacultura.

. Base teórica sobre os sistemas vivos e metodologias de design, abarcando e expandindo o conteúdo do Syllabus.

. Desenvolvimento de um "olhar permacultural", através da prática de design e exercícios de sensibilização.

. Desenvolvimento de práticas e vivências voltadas para o campo social e o autocuidado onde o conteúdo do Syllabus é fraco e precisa ser expandido.

. Equilíbrio de tempo dedicado ao design ambiental (cuidado com a terra) e social (cuidado com as pessoas).

. Espaços de aprendizagem e troca de saberes estimulantes que promovam novos paradigmas na educação: foco no estudante, sala de aula ao ar livre, uso do corpo e movimento etc.

. Uma vivência coerente com os conteúdos trabalhados que promova a integração e a vivência comunitária.

. Apresentação de redes e oportunidades para o desenvolvimento das práticas e pesquisas pós-curso.

. Acompanhamento e apoio às pessoas formadas.

**P93:** Dar os instrumentos básicos que começam a formação de um permacultor. A pessoa, a partir daí, passa a ter uma visão de ler o meio onde vive, fazer conexões e buscar a sustentabilidade. É preciso seguir os conteúdos propostos por Mollison, visto que isto tem funcionado para este objetivo.

**P94:** Um PDC tem como objetivos, apresentar a permacultura como conceito e fornecer as bases para o início da sua prática, apresentar um conjunto de possibilidades para uma nova forma de se "olhar" e "viver". Fornecer o conhecimento de forma integrativa, permeando o científico, empírico, popular, tradicional e as esferas social, econômica, ambiental, além da ética e cultural. O objetivo final culmina na revolução do modo cartesiano e capitalista de se pensar e atuar.

**P95:** - Despertar de consciência

- Formar redes

- Mostrar que juntos *somos mas fuertes*

- Entender os princípios

- Viver os princípios

- Educação popular

**P96:** Oferecer uma visão sistêmica sobre um sistema de planejamento para o desenho de ambientes humanos regenerativos e resilientes, conectando o ser humano com os ciclos naturais, cocriando paisagens produtivas e fortalecendo a governança social e ambiental de uma ocupação.

**P97:** Apresentar os conceitos básicos da Permacultura, assim como os princípios e éticas. Mas principalmente formar um designer em permacultura, consciente dos diversos elementos que constituem um design.

**P98:** ENTENDER QUE HÁ OUTRO SENTIDO CONTRÁRIO ÀQUELE QUE ATROFIA A VIDA, E PRINCIPALMENTE SENTIRSE CAPAZ DE IR NAQUELA DIREÇÃO.

**P99:** *Los objetivos son amplios depende desde donde nosotros los podamos analizar. Yo puedo tener objetivos a modo personal como maestro de un PDC, pero al mismo tiempo a nivel grupo o Instituto de Permacultura podemos tener otros objetivos, al mismo tiempo que si observamos la realidad actual planetaria, podríamos decir que tendríamos quizás otros objetivos, sumando a esto a los objetivos que traen los estudiantes del mismo. Siento la necesidad de que podamos entender que los objetivos y el planteamiento de un PDC, deben de tener un enfoque desde una visión más integral y con un mayor holismo para poder lograr a cumplir dichos objetivos, que en si más allá del objetivo en sí, lo importante es tener una visión global que nos conduzca a un sueño de cambio planetario a nivel natural, social e interno, que usen a el contenido de esta experiencia para poder avanzar hacia los sueños de todos los que estén inmersos en esta actividad.*

**P100:** O PDC, busca promover a visão sistêmica do território, contribuindo na compreensão do habitat integrado a gestão de recursos naturais energéticos, alimentícios e hídricos. Pensar a respeito de processos orgânicos e sua influência na organização social. Capacitar os participantes a planejar um território com mínimo impacto ambiental e impacto social positivo. Por meio do método de Design e dos princípios de design, exercitar o reconhecimento de valor em algo que aparentemente não tem (portanto reconhecer recurso além das convenções sociais). Instrumentalizar pessoas para trabalhar com comunidades que estejam em áreas com poucos recursos financeiros. Compreender que não deveria existir lixo e que tudo deve estar relacionado.

**P101:** O PDC dá uma visão geral do que é a permacultura e como funciona os sistemas naturais e como podemos interagir com eles. É um despertar e um conectar que praticamente muda nossa forma de ver o mundo. É apenas o início de inquietações que muda a nossa vida por completo.

**P102:** O PDC tem por função a apresentação de um novo universo. Trata-se de uma grande chuva de ideias, métodos e possibilidades concretas de transformação da realidade. Acredito que tem por principal função despertar o senso de responsabilidade e empoderar o participante de sua existência, através de uma vivência profunda na metodologia de permacultura, da apresentação de uma infinidade de projetos e ações transformadoras e de um novo olhar proporcionado ao participante. Se trata muitas vezes de um marco do início de uma nova jornada de cada indivíduo em busca da transformação da realidade massacrante pós-moderna.

---

## 2.2. Que publicação(ões) você utiliza como base para determinação dos conteúdos do PDC?

**P1:** Considerando toda a compilação de conteúdos feita por Bill Mollison e David Holmgren no início da Permacultura, o conteúdo do PDC que ministramos é baseado especificamente nas publicações mais recentes de David Holmgren, na forma de apresentação dos princípios e em alguns exemplos, além da nossa experiência prática na aplicação da Permacultura em mais de 10 anos de trabalho. Também nos baseamos nos temas e experiências trazidos pelos participantes, para, a partir daí, trabalhar os conteúdos da Permacultura. Ou seja, o conteúdo específico trabalhado em cada PDC tem um nível de variação, de acordo com as características de cada turma, mantendo uma proporção equilibrada entre apresentação teórica e discussão com a turma, trabalhos em grupo com design propriamente dito, práticas de agroflorestas, bioconstrução, saneamento ecológico e outros temas aplicados e vivências de Reconexão com a Natureza, que é uma parte mais interna do aprendizado.

**P2:** [EM BRANCO].

**P3:** Designers Manual, Todos os livros de Bill Mollison, Livros de Rosemary Morrow, meus próprios trabalhos em design.

**P4:** Os conteúdos no nosso PDC, são baseados no Syllabus do Bill Mollison que determinou o currículo básico, além dele são referências essenciais: Permaculture: A Designers Manual (Bill Mollison). Permacultura - Princípios Além da Sustentabilidade (David Holmgren). Além destes, cada conteúdo específico do PDC tem inúmeros livros, publicações e referências. Se você desejar saber em detalhe, entre em contato comigo que poderei listar.

**P5:** Syllabus. Bill Mollison Reny Mia Slay, Andrew Jeeves. Permaculture One. Bill Mollison, David Holmgren. Permaculture Two. Bill Mollison. Permaculture, A Designers Manual. Bill Mollison. Introdução à permacultura. Bill Mollison, Reny Mia Slay. Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade. David Holmgren. Primavera Silenciosa. Rachel Carson.

**P6:** não entendi essa pergunta.

**P7:** Uma estrutura construída a partir do que elencou o Bill Mollison, porém revisada por 22 permacultores de todo o Brasil em 2011. Usamos inúmeras referências, textos, vídeos etc.

**P8:** [EM BRANCO].

**P9:** HOLMGREN, D. Permacultura: Princípios e Caminhos Além da Sustentabilidade. Porto Alegre, RS: Via Sapiens. 2013

MOLISSON, B. Introdução à Permacultura. Brasília, DF: PNFC – Projeto Novas Fronteiras da Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável, 1998

\_\_\_\_\_, bill. Permaculture: A Designers' Manual. In: [https://archive.org/details/PermacultureADesignersManual\\_306](https://archive.org/details/PermacultureADesignersManual_306).

CAPRA, F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

JONAS, H. O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma Ética para a Civilização Tecnológica. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto Editora: PUC-Rio, 2006.

NAESS, A. Ecology, Community and Lifestyle: Outline of an Ecosophy. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1989.

Riciardi, Juliano. Guia para design ecológico. Redes moleculares, Brasil, 2007

THIELEN, H. Ecologia Crítica. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2001

**P10:** Utilizo principalmente os livros do Bill Mollison: Permaculture a Designer's Manual, Permaculture Two - Practical Design for Town and Country in Permanent Agriculture, Introduction to Permaculture. E do David Holmgren Permaculture: Principles & Pathways Beyond Sustainability, Essence of Permaculture.

Entre outros mais específicos sobre água, solo, agrofloresta, agroecologia etc.

**P11:** Introdução a permacultura – Bill. Permacultura Passo a passo. O Design básico em Permacultura. E muitos outros de temas mais específicos.

**P12:** Eu atuo somente no tema da arquitetura apropriada, a convite da Nova Oikos em Camboriú. Não organizo.

**P13:** Principalmente o "Syllabus" e o "Permaculture, a designers' manual", do Bill Mollison, e o de David Holmgren "Permaculture: principles & pathways beyond sustainability".

**P14:** Uso os materiais disponíveis na internet sobre permacultura, agroecologia, agricultura biodinâmica, agrofloresta, agricultura sintrópica etc., artigos de pesquisa pertinentes a agricultura sustentáveis e vídeos. Além de livros disponíveis na biblioteca e próprios.

**P15:** Fragmentos do "Permaculture – A Designer's Manual", mas principalmente "Permacultura Passo a passo" (Rosemary Morrow), "O design básico em permacultura" (Ross Mars) e "Manejo ecológico do solo" (Ana Primavesi) por possui-los em português.

**P16:** Sigo as orientações do Syllabus e as obras dos pioneiros de ciência.

**P17:** No PDC oferecido em São Paulo pelo coletivo PermaSampa, dou aulas de história da permacultura e ativismo coletivo. O conteúdo é pesquisado sobretudo em sites na internet e entrevistas com colegas mais experientes (Marsha Hanzi, Peter Webb, Tomaz Lotufo, Guilherme Castagna).

**P18:** Materiais didáticos e apostilas.

**P19:** Utilizo minha vida profissional nas áreas de agricultura orgânica, engenharia natural, paisagismo e jardinagem, pois atuo no paisagismo funcional (Jardins comestíveis, sistemas de tratamento de efluentes e resíduos orgânicos....) os materiais disponibilizados Manual de Permacultura de Bill Mollison, ...

**P20:** Designers Manual - Bill Mollison. Permaculture I, II. Introduction to Permaculture. A revolução de uma palha – Fukuoka. Earthships – Reynolds. Flowforms – Wilkes. Water from sky – Reynolds. Patterns in Nature - Peter Stevens. ETC.

**P21:** Materiais e apostilas próprias.

**P22:** Bill Mollison. Marsha Hanzi. David Holmgren. Susana Monrow.

**P23:** Vale ressaltar que uma das aulas que eu dou no PDC é a aula Origens da Permacultura: Povos Tradicionais, que foi acrescentada ao curriculum base. Então pra essa aula eu me baseio principalmente nos estudos antropologia e história crítica, especialmente o estudo de Mitologia Indígena e Pensamento Selvagem de Maria Sílvia S. Carvalho, o Perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro e mitos recolhidos da tradição oral indígena e Os Fundamentos da Permacultura de David Holmgren. Já para outros temas da permacultura, eu me baseio no Permaculture: a Designer's Manual e Introdução a Permacultura do Bill Mollison e Alfabetização Ecológica do Fritjof Capra.

**P24:** - Introdução à permacultura. - Permaculture One (Panfleto do Mollison). - Permaculture Way (Graham Bell). - Design permacultural (Rosemary Morrow). - Princípios éticos e de design da Permacultura (David Holmgren). - Manual do Arquiteto Descalço (Johan van Lengen).

**P25:** Todos os livros de Bill Mollison e David Holmgren; livro de introdução a permacultura e permacultura passo a passo, Reny Mia Slay e Rosemary Morrow; ecologistas como Murray Bookchin; conteúdo específicos de determinadas aulas abordando temas como água (P. A. Yeomans) ou construções (Johan van Lengen).

**P26:** tenho um livro chamado PERMACULTURA E AS TECNOLOGIAS DE CONVIVÊNCIA.

**P27:** *Esto depende de tema que vaya a dar, en bioconstrucción las publicaciones de los arquitectos Gernot Minke, Johan van Legen y Michael Pawlyn las he usado varias veces. En metodología y diseño, lo básico de David Holmgren, Bill Mollison, Johana Macy, Rosemary Morrow, entre otras fuentes.*

**P28:** Muita coisa... seria injusto listar alguns e deixar outros de fora...

**P29:** Designer's Manual - Bill Mollison. Os Fundamentos da Permacultura - David Holmgren. Permacultura passo a passo - Rosemary Morrow. Earth User's Guide to Teaching Permaculture - Rosemary Morrow. A escola sustentável - Lucy Legan. Soluções Sustentáveis - Água - Lucy Legan.

**P30:** Utilizamos bastante os livros do Bill Mollison, como o Permaculture - Designs manual e o Permaculture II, além do livro da Rosemary entre outros.

**P31:** Permacultura Um, PERMACULTURA Princípios e caminhos além da sustentabilidade.

**P32:** Livros do Bill Mollison e David Holmgren, Livros da sustentabilidade nos aspectos sociais, econômicos, ecológicos e visão de mundo do Gaia Education ligado à GEN (rede global de ecovilas), dentre outros.

**P33:** Tenho uma biblioteca generosa que embasa minha prática profissional. Mas, além do livro fundador da permacultura, tenho utilizado os livros que até o momento abordam sobre Permacultura

Social que é minha área: People & Permaculture: Caring and Designing for Ourselves, Each Other and the Planet; People & Pattern: A Social Permaculture.

**P34:** Depende bastante do conteúdo que vou apresentar. Sempre como base as publicações clássicas do David Holmgren e Bill Mollison, mas também outros autores que discorram sobre a tema a ser abordado.

**P35:** Princípios da permacultura do Holmgren, manual do arquiteto descalço, comunicação não violenta do Marshal, livros antigos do Bill Mollison ... etc.

**P36:** Uso como base o Syllabus do Bill Mollison, com algumas adaptações à realidade brasileira.

**P37:** Essa questão é muito interessante. Uma vez que não temos ainda um corpo de materiais didáticos constituídos em português sobre o tema, e que as principais referências ainda são manuais e livros em inglês, produzidos por Mollison e Holmgren (a maioria ainda sem tradução ou edições de muito difícil acesso ao público brasileiro); existe uma base quase "tácita" de ter o Syllabus como referência mais básica; porém, além de materiais esparsos e diversos, e da experiência prática e didática de cada facilitador envolvido em nossos PDCs, temos realizado um esforço há algum tempo justamente no sentido de criarmos não apenas nosso próprio material didático como também uma metodologia para o estabelecimento de uma proposta pedagógica para PDCs brasileiros; ou seja, estamos tentando sistematizar um modelo de programa de PDC que possa ser, posteriormente, apropriado por outros grupos e ter seu conteúdo adaptado facilmente, sem perder a "essência" proposta pelo currículo original de 72 horas.

**P38:** Permaculture: A Designers Manual.

**P39:** Syllabus, do Bill Mollison, de 1985, Tagari, Manual do Designer, minhas próprias anotações do meu PDC, quando eu fiz e aí apoio de outros livros: Introdução à Permacultura, Permacultura Passo-a-Passo, outros livros de permacultura que não foram publicados no país, mas que eu tive acesso nos últimos anos.

**P40:** nos cursos usamos diferentes referencias apresentando uma abordagem holística e diferentes visões através de experiencias consagradas! seja com vídeos, livros e apostilas... e os clássicos manuais de permacultura de David Holmgren e Bill Mollison.

**P41:** [EM BRANCO].

**P42:** ARENDT, Hannah, "Trabalho, obra, ação". Tradução portuguesa de Adriano Correa. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/arendttrabalho-obra-acao.pdf>>

Bauman, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (2001).

DE WAAL, Frans. A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil. Companhia das Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FÉRNANDEZ-ARMESTO, Felipe. O ser humano, ou ser humano? A busca de uma solução cultural. In: Então Você Pensa que é Humano? Uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp 89-115.

HOLMGREN DESIGN SERVICES. Os fundamentos da Permacultura. 2007. Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/permaculturaFundamentos.pdf>> Acesso em 10 jun. 2016.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Vol. 3. Porto Alegre: Sulina, 2007.

**P43:** Designers' manual. apoio: Permaculture principles.

**P44:** Syllabus (1985), Bill Mollison. Permacultura I, David Holmgren e Bill Mollison. Introdução à Permacultura, Bill Mollison e Rey Mia Slay. Permacultura, princípios para além da sustentabilidade, David Holmgren. Design em permacultura, Ross Mars. Revolução em um rastro de palha, Masanobu Fukuoka. Agroecologia, Stephen Glisman.

**P45:** Livros de Bill Mollison, David Holmgren e experiências compartilhadas de colegas.

**P46:** Manual de Designer - Bill Mollison. Permacultura - Princípios e caminhos além da sustentabilidade - David Holmgren. entre outros.

**P47:** Syllabus, Introdução a Permacultura de Bill Mollison, Fundamentos da Permacultura de David Holmgren.

**P48:** "Permacultura 1" Bill Mollison. "Os 12 princípios da Permacultura" David Holmgren. "O sítio Abundante" Marsha Hanzl.

**P49:** Quando ministrava em PDCs eu trabalhava a parte de ética, valores e sobre a Zona Menos Um (parte interna do permacultor). Mais detalhes: [removido].

**P50:** Bill Mollison; David Holmgren; Jairo Restrepo Rivera; Sebastião pinheiro; Yogananda; Rosemary Morrow; entre outras.

**P51:** Conteúdo em PDF que determina os conteúdos mínimos básicos a serem trabalhados durante a formação criado e desenvolvido por Bill Mollison.

**P52:** Introdução a Permacultura, Permacultura passo-a-passo, Permacultura na Escola, Síntese da permacultura.

**P53:** As principais publicações que dão base aos conteúdos são: Introdução a Permacultura, Permaculture designers manual, Syllabus, Principles & Pathways Beyond Sustainability.

**P54:** Permaculture: Designer's Manual (Bill Mollison). Permacultura: princípios e caminhos para além da sustentabilidade (David Holmgren). Permacultura Passo a Passo (Rosemary Morrow).

**P55:** Princípios da Permacultura, diversos autores incluindo Bill Mollison.

**P56:** Utilizamos principalmente o "Permaculture Designer's Manual", de Bill Mollison; Como literatura complementar, lançamos mão do "Introdução à Permacultura", de Bill Mollison e Reny Mia Slay; "Permacultura: Princípios e caminhos para além da Sustentabilidade", de David Holmgren; "Permacultura passo a passo" de Rosemary Morrow, dentre outros.

**P57:** - primeiramente a cópia do Syllabus, utilizado por Bill Mollison, mas atualizado, com todo o conteúdo mínimo exigido para um PDC. - Os livros e publicações de princípios de David Holmgren. - Permaculture: a design manual, de Bill Mollison. - Apostilas de permacultura, transcritas dos cursos ministrados por Bill Mollison. (todo esse material e demais bibliografias, sites e vídeos utilizadas estão disponíveis em nosso moodle e podemos repassar a você caso tenha interesse)

**P58:** Designers' Manual do Bill Mollison, Manual do Arquiteto Descalço, Manual de construção com terra.

**P59:** Designer's Manual, Bill Mollison. Introdução à Permacultura, Bill Mollison. Além desses, recomendamos aos participantes diversos outros como: Permacultura Passo a Passo; Permacultura, Princípios e Caminhos Além da Sustentabilidade, D. Holmgren, entre diversas outras publicações e vídeos.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Os dois livros de Bill Mollison: Introdução à Permacultura e The Designer's Manual (E minha cartilha: O Sítio abundante).

**P62:** o padrão Syllabus.

**P63:** nossa... MUITA.. eis o top 5 então... David Holmgren - caminhos... designers manual, Brad Lancaster - gestão da água, agricultura - Jairo Restrepo, Ross Mars.. rosemary morrow... Gernot Minke... Johan Van Lengen... e segue longe...

**P64:** 1. Livros de permacultura do David Holmgren e do Bill Mollison. 2. Informação de dissertações e teses científicas sobre tema de ENERGIA. 3. Publicações especializadas na área de ENERGIA.

**P65:** O livro base da Permacultura de Bill Mollison - Designers Manual e Syllabus de Bill Mollison.

**P66:** Manual do Bill Mollison e David Holmgren. Permacultura passo a passo, Rosemary Morrow. Permaculture: principals and pathways beyond sustainability, David Holmgren. Sítio Abundante, Marsha Hanzi. A Escola Sustentável, Lúcia Legan. Criando Habitats para a escola sustentável, Lúcia Legan. Alfabetização Ecológica, Fritjof Capra. Smart by Nature, Institute Ecoloteracy.

**P67:** Principalmente o Syllabus, traduzido pelo Jorge Timmerman, pois leio mal em inglês. Também tenho como referência os Princípios de David Holmgren. Trabalho com pessoas mais experientes que eu, que ministram PDCs há muitos anos, como Tomaz Lotufo, Peter Web e Gui Castagna, a quem ouço muito.

Uma referência pessoal que considero que seria de grande utilidade para a permacultura é a obra de Vilém Flusser, filósofo Tcheo-Brasileiro, que escreve muito sobre design. Destaco e recomendo aqui principalmente os livros "O Mundo Codificado - Uma filosofia do design" e "Naturalmente - vários acessos ao significado de Natureza".

**P68:** O manual de introdução à permacultura Autor: Bill Mollison; PERMACULTURA Princípios e caminhos além da sustentabilidade/ Autor: David download Holmgren Permacultura Passo A Passo. Rosemary Morrow.

**P69:** Design I – Bill. Permacultura: Caminhos para Além da Sustentabilidade – David. Cenários Futuros – David.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** [EM BRANCO].

**P72:** Eu me embasei em diversos ensinamentos e abordagens com as quais fui tomando contato através de praticantes da Permacultura, atualizando e contextualizando o que achava necessário a cada edição de PDC que participei e, ao mesmo tempo, tendo como base essencial o Syllabus que o Bill ofereceu como base para o PDC e seu livro Permaculture: A Designers' Manual.

**P73:** Designer's Manual. Permacultura Passo-a-passo. Manejo Ecológico do Solo.

**P74:** Manejo Ecológico dos solos ANA Primavesi.

**P75:** O Manual.

**P76:** *Mi participación ha sido con respecto al proyecto que desarrollo de Regeneración Post Catástrofe, esto ha sido alimentado por bibliografía de Johana Macy, Bill Mollison, Dragon Dreaming, Sociocracia manual de Casa, Art of Housting, manual de Ecuador. Transition Network, Holger Hieronimi, Comunicación no violenta Marshal Rosenberg.*

**P77:** Introdução à Permacultura, Permacultura passo a passo, Cartilha de princípios do David Holmgren e o seu Permacultura - caminhos e princípios além da sustentabilidade, Materiais do blog Yvy Porã, cartilha do Juliano Riciardi, nosso próprio material acumulado nesses anos, pesquisas na internet sobre outros cursos nacionais e internacionais (como IPEC, IPEP, Permaculture Global, Melliodora, etc.).

**P78:** diversas.

**P79:** Os livros clássicos do Bill Mollison e David Holmgren e, mais recentemente, da Rosemary Morrow. No entanto, não me detenho somente a eles, buscando aprofundamentos específicos e também mais contextualizados, como agroflorestas em climas tropicais, por exemplo.

**P80:** Syllabus - Manual do Professor - Traduzido para o português pelo então Instituto de Permacultura Austro Brasileiro. (IPAB. Jan/2015). Introdução a Permacultura - Bill Mollison e Reny Mia Slay.

**P81:** Permaculture - A designers manual, Bill Mollison. Fundamentos da Agricultura Biodinâmica, R. Steiner.

**P82:** Permaculture - a designer's manual. Os fundamentos da Permacultura. Earth User's Guide to Teaching Permaculture. O dilema do onívoro.

**P83:** Permaculture Designer's Manual. Permacultura passo-a-passo. E hoje é muito fácil encontrar materiais na internet, coletivos como o Curare, o PDC on-line do Geoff Lawton etc.

**P84:** Nos dois PDCs que fui facilitadora falei sobre o manejo, cuidados e prevenção dos animais peçonhentos. Com isso, busco literaturas baseadas no assunto que faz parte da minha atuação profissional.

**P85:** Permaculture One, Two, Designer's Manual, Principles & Pathways Beyond Sustainability.

**P86:** Permaculture - A designer's Manual. Syllabus do Bill Mollison. Permacultura, princípios e caminhos - David Holmgren.

**P87:** Livro de Design em permacultura de Bill Mollison e David Holmgren, livros de agroecologia de Miguel Altieri.

**P88:** Permacultura princípios além da sustentabilidade, Devi H.

**P89:** Permacultura: Princípios e Caminhos para Sustentabilidade, atualizado com publicações de grupos como Stockholm Resilience Center, Resilience Alliance e inspirações como Vandana Shiva, Elinor Ostrom, Buzz Holling... e claro David Holmgren.

**P90:** As obras básicas de Permacultura e estamos construindo nossa própria bibliografia no Neperma-UFSC, a partir das nossas aulas.

**P91:** curso básico Bill Mollison e avançado de David Holmgren, além dos aprendizados com as práticas em bioconstrução ao longo dos últimos 13 anos.

**P92:** Syllabus de Bill Mollison. Permaculture, a designer manual de Bill Mollison. Permacultura: princípios e caminhos para a sustentabilidade de David Holmgren. Future Scenarios(<http://www.futurescenarios.org>) de David Holmgren. Earth user guide to Permaculture de Rosemary Morrow. Earth user guide to Teaching Permaculture de Rosemary Morrow. Permaculture Teaching Matters de Rosemary Morrow. Permacultura passo-a-passo de Rosemary Morrow. Permaculture Teacher's guide da Associação de Permacultura do Reino Unido. People & Permaculture de Looby Mcnamara. 7 ways to think different de Looby Mcnamara. Nossa vida como Gaia de Joanna Macy. Comunicação Não-Violenta de Marshall Rosenberg.

**P93:** Syllabus de Bill Mollison, princípios para além da sustentabilidade (Holmgren), mapas conceituais elaborados pelos permacultores da rede Permeare.

Outros livros entram como ajuda na formação, como todos os de Bill Mollison, Design em Permacultura (Ross Mars) etc.

**P94:** -Manual Ecológico do Solo - Ana Primavesi. -Introdução a Permacultura - Bill Mollison / Reny Mia Slay. - Agricultura Orgânica - Jairo Restrepo / Sebastião Pinheiro. - La Regeneración Mineral del Suelo - Jairo R./Sebastião Pinheiro. - Recursos audiovisuais da internet.

**P95:** Syllabus. Permaculture - O livro principal. Manual de design – David. Materiais da Rede PermaSampa/Permeat; materiais brasileiros. Geoff Lawnton material and site.

**P96:** Introdução a Perma - Bill Mollison. Permacultura - Princípios e Caminhos David Holmgren.

**P97:** Permaculture: A Designer's Manual - Bill Mollison. Introdução à Permacultura - Bill Mollison. Design Básico em Permacultura - Ross Mars. The Humanure Handbook - Joseph Jenkins. Create an oasis with greywater - Art Ludwig.

**P98:** PERMACULTURE DESIGN MANUAL.

**P99:** *Procesos de Investigación Educativa. Analisis Natural, Social e Interno profundo. Gestión de procesos en Sistemas Vivos. Pedagogia Caórdica (Nuestra Pedagogía). Facilitación Sistémica. Psicomagia. y muchas otras más que le dan un toque de integralidad y holismo a esta experiencia.*

**P100:** [EM BRANCO].

**P101:** Manual de Design em Permacultura. - Permacultura Passo a Passo.

**P102:** Não me lembro ao certo, mas tem a regulamentação da Syllabus, de Bill Mollison que regulamenta o currículo.

---

### **2.3. Como é a organização do currículo nos PDCs que participa?** (Descreva como é o processo de organização do cronograma, conteúdo e metodologias utilizadas nos PDCs que participa)

**P1:** A grade é distribuída entre:

- aulas teóricas e participativas (Histórico e princípios da Permacultura, princípios da Sustentabilidade, ciclos biogeoquímicos, passo a passo do design, aulas teóricas de Saneamento Ecológico, Bioconstruções, Manejo de Resíduos, Agricultura Urbana, Agricultura Sintrópica, coleta, processamento, armazenamento, uso e distribuição das sementes, alimentação ecológica, manejo da água e do solo, produção e usos da energia, sistemas invisíveis, economia solidária, mudança de paradigma)

- Aulas práticas (implantação de sistemas de saneamento ecológico, compostagem, bioconstruções, implantação de canteiros agroflorestais, manejo de áreas em produção, hortas agroecológicas, leitura da paisagem, identificação e preparo de PANCs, entre outras que sejam de interesse no momento para os anfitriões do curso)

- Vivências de Reconexão (rodas de música e movimento, vivência dos 4 elementos, momentos de reflexão individual ou em grupos, etc., de acordo com a capacitação dos facilitadores da equipe, composição coletiva de músicas, feira de trocas, celebração)

- Trabalho de design propriamente dito (feito em grupos, nos últimos 3 dias do curso, com atividades intercaladas com aulas teóricas a respeito do passo a passo do design). No último dia, o planejamento elaborado de forma criativa em mapas e detalhamentos é apresentado e discutido pela turma, com orientações dos facilitadores, para amarrar os conteúdos apreendidos e sanar dúvidas.

- Autogestão de processos (a turma é dividida em grupos que se responsabilizam por atividades coletivas, como auxílio na cozinha, harmonização dos espaços, guardiões do tempo, guardiões da água, guardiões dos resíduos, guardiões da alegria etc.)

Mesmo tendo essa base, cada PDC é bem diferente do outro, na ênfase que se dá a cada tema, de acordo com as demandas de cada turma.

**P2:** A gente trabalha com [removido] em produzir um ou dois PDCs cada ano. Normalmente o [removido], o irmão dele [removido], e o [removido] criam o currículo, e é o [removido] que tem autoridade de certificar as participantes. Eu estou sempre lutando (rs) pra mais influência feminina, mais vivencias corporais e culturais, e mais oportunidade pra as participantes trocar ideias também. A gente trabalha com várias outras pessoas na comunidade quem chamamos pra dar curso nos PDCs nas especializações, por exemplo agroflorestal, as massas, biodança etc. O [removido] tem especialização em energias renováveis e sempre ensina esta parte na teoria e na prática.

**P3:** O conteúdo é determinado pelo Designers Manual em adaptação às demandas do grupo em cada curso.

**P4:** Nos PDC promovidos pela [removido] e pelo [removido], realizamos diversos diálogos entre os facilitadores para definições integradas e por consenso. O processo de decisão é bastante fluido.



Como o PDC é modular e realizado nos dois sítios, buscamos potencializar as características de cada um e também contribuir para a melhoria dos espaços a partir dos exercícios de aprendizagem. Nossa abordagem é teórica e prática. Consideramos os encontros presenciais como círculos de cultura para troca de conhecimentos e vivências. Entre os módulos, utilizamos o Moodle para EAD, aprofundando discussões e conteúdos. Estimulamos a reflexão sobre os temas tratados no curso no dia a dia das pessoas enquanto estão entre um encontro e outro do curso.

Em outros PDC que colaboro, normalmente sou convidada a ministrar aulas específicas e me integro a uma equipe e a um cronograma previamente definidos.

**P5:** O cronograma é baseado no conteúdo do Syllabus.

Há uma coordenadora e assistente de coordenação, que ficam responsáveis por elaborar o cronograma e acompanhar todo o curso.

Começamos o último PDC com Introdução, História, Ética, Princípios dos Sistemas Naturais e Leitura da Paisagem, Biomas, Princípios de Design, Padrões, Planejamento Participativo em comunidades, Método de Design e visita a campo. Depois abordamos água, solos e ecologia cultivada, realizamos um dia de mutirão, práticas de design, energia, design nos climas, pré apresentação dos designs, arquitetura apropriada, bioclimática, permacultura em situações de catástrofe, sistemas econômicos e consumo consciente, governança comunitária, autogoverno, metodologias de tomada de decisão, estratégias para organização social e questões legais, e encerramento com a apresentação final dos projetos.

As aulas englobam diversas metodologias pedagógicas e são bastante diversas, incluindo aulas expositivas, dinâmicas individuais e em grupo, rodas de conversa, e o trabalho de design em grupos de 5 pessoas em média.

É de responsabilidade da coordenação deixar todos os facilitadores cientes do processo como um todo e garantir o encadeamento e costura das aulas.

**P6:** Buscando integrar o máximo possível de elementos-pétalas da permacultura, com foco especialmente nos saberes-práticas que já estamos desenvolvendo no projeto da [removido].

Os cursos têm oficinas teóricas, práticas, atividades lúdicas, buscando integrar as pessoas entre si e com o ambiente, como numa aldeia.

**P7:** Introdução: O que é permacultura? Por que Permacultura? Resumo do PDC. Programação do curso. Forma de funcionamento. Princípios: Éticos. De planejamento. Fundamentos de ecologia: Climas e biomas associados. A sucessão ecológica. Mutualismo. Simbiose. Padrões naturais: Tipos. Funções. Percepção. Interpretação. Aplicação. Leitura da paisagem: Leitura do perfil natural. Estratégias em diferentes climas. Método de planejamento do espaço: Setores. Zonas. Análise de elementos. Localização relativa. Solos: Características. Importância. Identificação. Manejo. Ecologia cultivada: Tipos de agroecossistemas. Estratégias de cultivo. Animais como elementos. Plantas alimentícias não-convencionais ou plantas da biodiversidade. Plantas medicinais e seus usos. Arquitetura e permacultura: Conceitos fundamentais. Cultura e paisagem. Conforto ambiental e estratégias bioclimáticas. Projeto e sistemas construtivos. Técnicas de bioconstrução. Água: Contexto de escala global e local. O ciclo e distribuição da água. Características e potencialidades de uso. Águas no espaço de planejamento. Tecnologias apropriadas. Manutenção da qualidade. Energia: Percepção na paisagem e no sistema planejado. Potenciais de aproveitamento. Tecnologias apropriadas. Planejamento para eventos extremos: O que são eventos extremos. Níveis de risco. Planejamento de prevenção. Planejamento de remediação. Estruturas invisíveis: Ecodesenvolvimento. Sistemas econômicos. Estratégias para organização social. Questões legais.

**P8:** *Según el pri de Australia, e in poco de la metodología propia de [removido] con aprendizaje en acción.*

**P9:** TEMOS UM GRUPO DE PERMACULTORES GESTORES DO CURSO QUE PENSAM O CURSO A PARTIR DOS RECURSOS DISPONIBILIZADOS PELOS ESPAÇOS E SUAS NECESSIDADES. O CURSO É REALIZADO EM CICLOS TEMÁTICOS, AO FINAL DOS QUAIS É FEITA UMA AVALIAÇÃO COM OS PARTICIPANTES PARA APERFEIÇOAMENTO DAS METODOLOGIAS.

**P10:** Seguimos a grade curricular com padrão internacional, abordando todos os temas mais importantes da Permacultura. Nossa grade segue os seguintes temas: Princípios e Ética da Permacultura, Resíduos e Recursos, Consumo consciente, Agroecologia, Sistemas Agroflorestais – SAFs, Manejo ecológico do solo, Animais · Pastagem Ecológica, Padrões da Natureza, Leitura da paisagem, Construções Naturais e Estruturas ecológicas, Design de ambientes humanos sustentáveis, Tecnologia de conservação e energia apropriada, Manejo sustentável da água (água de chuva e esgoto), Tecnologias sociais, Espiritualidade e Cooperativismo e Projeto de Design Permacultural.

**P11:** A partir do currículo base do PDC, das características do local de realização do curso, da demanda local, a equipe de facilitadores constrói o cronograma, em geral deixando um dia para cada grande área da flor da permacultura. Também procuramos mesclar em cada dia atividades teóricas e atividades práticas, além de exercícios individuais e coletivos. Geralmente também contamos com algum convidado em um tema específico, onde a equipe de facilitadores também aprende e agrega conhecimentos. Todos os dias procuramos criar um ambiente social aberto propício para as pessoas poderem dar feedback sobre a vivência durante o próprio curso, logo pela manhã, antes do desjejum.

**P12:** Não participo da organização.

**P13:** No primeiro PDC em que fui instrutora, discutimos coletivamente entre todos os instrutores como seria a organização do curso de forma geral. O conteúdo específico da unidade em que fui instrutora discuti apenas com o outros instrutor que daria o módulo comigo e com o professor âncora, que era o Tomaz Lotufo, e que fazia a amarração entre todos os módulos.

**P14:** Ainda não participei da organização de nenhum.

**P15:** Acredito que no primeiro curso (2010) foi utilizado como o currículo adotado pela Rede Permeiar de Permacultura que seguiu os princípios estabelecidos por Bill Mollison. O curso possui no mínimos 72 horas e é essencialmente teórico. Costumamos começar os preparativos do curso com pelo menos 4 meses de antecedência e todo ano discutimos coletivamente o cronograma do curso para alterá-lo de acordo com a avaliação do ano dos participantes da edição anterior e as colocações do grupo. As adequações são principalmente de carga horária por assunto e sequência dos assuntos abordados.

**P16:** Geralmente a organização é realizada pelo nosso coletivo que denominamos de *[removido]*.

**P17:** O PDC tem coordenadoras: *[removido]* e *[removido]*. Elas convocam reuniões de educadores para planejar cada curso.

**P18:** Início: Introdução, dinâmicas, divisão dos grupos. Meio: Dias temáticos (água, energia, construção, agricultura, resíduos, etc.) e desenvolvimento dos projetos em grupos. Fim: Apresentação dos projetos e feedbacks.

**P19:** Ambos seguem o cronograma determinado pelo David Holmgren, minha atuação tem sido na área da Agricultura orgânica e jardins comestíveis. apesar de já ter dado formações sobre sistemas de tratamento de efluentes (BET)., como implantei sistemas na universidade 2010 e 2015 (transformação de fossa clássica em bacia de evapotranspiração) é baseado em experiências e pesquisas próprias.

**P20:** Algumas vezes sou convidado para ministrar apenas conteúdo sobre água e manejo hídrico. Ficando responsável por todo desenvolvimento do tema. Nestes casos não participo da organização.

Mas quando estou organizando PDCs junto com parceiros, usamos como base da programação e carga horária o documento: PERMACULTURE DESIGN CERTIFICATE COURSE - COURSE OUTLINE do Permaculture Institute. E em cima do cronograma estipulado por eles construímos nosso PDC com as considerações e ajustes conforme contexto local de cada PDC.

**P21:** Módulo 1 – Introdução: princípios e éticas da Permacultura; pilares da sustentabilidade; planejamento e desenho de ambientes; Módulo 2 – Produção agroecológica: agrofloresta sucessional; jardins comestíveis; compostagem e biofertilizantes; produção de mudas em viveiro; banco de sementes ancestrais; Módulo 3 – Bioconstruções: princípios da construção ecológica; arquitetura bioclimática; técnicas de terra crua (adobe, pau a pique, cob e madeira, taipa de pilão, taipa ensacada); construções com bambu; Módulo 4 – Organização em consenso: técnicas para resolução de conflitos em grupos e comunidades; inteligências múltiplas; comunicação não-violenta; experiências em ecovilas; Módulo 5 – Manejo de água em agroecossistemas: ciclo da água nos ambientes naturais; sistematização da água em propriedades e casas; tratamento biológico (fossas e filtros ecológicos); reutilização para irrigação; captação de água de chuva; Módulo 6 – Energias renováveis: balanço energético para moradias; princípios e projetos para energia solar, eólica, hidráulica e biomassa; Módulo 7 – Saúde ambiental: geobiologia para harmonização de ambientes; mapa com radiestesia para diagnósticos de desequilíbrios ambientais; noções básicas para terapias no solo e água; Módulo 8 – Alimentação Vital: desidratação de alimentos; produção de polpas de frutas; alimentação viva (brotos e germinados); produção de farinhas e concentrados integrais; Módulo 9 – Economia solidária: autossuficiência e autonomia popular; organizações colaborativas; redes de consumo responsável; moedas sociais; feira de trocas; Módulo 10 – Design de projetos: planejamento, construção e socialização de projetos permaculturais.

Este curso é dividido em 10 módulos e são abordadas as principais temáticas promovidas pelos cursos de Permacultura tradicionais, acrescidas da experiência adquirida em mais de 10 anos de trabalhos e pesquisas do instrutor. Por meio de conteúdos teóricos e dinâmicas práticas, são

apresentadas metodologias de trabalho em grupo para soluções de desafios locais, como a soberania alimentar, construção de moradias populares, autonomia energética, geração de renda e aumento da qualidade de vida ambiental.

Os participantes do curso são incentivados a usarem ferramentas audiovisuais para promoverem a sistematização dos aprendizados e socializá-los ao longo de cada módulo, ajudando assim na construção do conhecimento coletivamente.

**P22:** São todos combinados entre a equipe de facilitadores. Nossa inspiração foi um PDC onde convidamos vários/as facilitadores/as de algumas organizações ou autônomos, aí recolhemos os métodos mais legais e seguimos usando esse modelo com algumas modificações dependendo dos convidados/as q aparecem.

**P23:** O Cronograma normalmente é organizado iniciando com momentos de apresentação dos participantes e do espaço, pessoas e grupos envolvidos, depois as aulas de caráter mais introdutório, como Histórico da Permacultura, Origens da Permacultura: Povos Tradicionais; Ética, Método de Design, Princípio dos Sistemas Naturais e na sequencia temas ainda gerais como Padrões, Energia, Água, Solos. e assim vai se aprofundando com Ecologia Cultivada, Arquitetura Apropriada a Diferentes Climas, Água na Paisagem, Exercícios de Design e Relações Invisíveis, onde também acrescentamos o Tema: Permacultura e Movimentos Sociais.

**P24:** O curso é realizado em 8 dias. No 1º dia tem o acordo coletivo, apresentação de conteúdo, equipe e objetivos, além do histórico da permacultura no Brasil e no mundo. No 2º dia são apresentados os princípios éticos e de design e a 1ª ferramenta do planejamento energético; a análise de elementos. É sugerida uma prática/ Dividem-se os grupos de trabalho. No 3º dia apresenta-se a setorização, o zoneamento e após o exercício prático, pede-se o planejamento e o desenho de uma determinada área. No 4º dia, apresenta-se o eixo água; no 5º dia o eixo agroecologia; no 6º dia o eixo bioconstrução (todo com tempo reservado para design do grupo e elaboração do trabalho sugerido). No 7º dia apresenta-se o eixo social; relações invisíveis e resolução de conflitos e acontece a qualificação. Pré-TCC. No 8º dia tem a apresentação do TCC e certificação.

**P25:** Até hoje, participei ativamente mesmo da construção de apenas 3 PDCs.

Desses, por haver um acúmulo prévio das experiências dos grupos (em especial o Curare) começávamos de um esboço dos cronogramas e conteúdos dos cursos anteriores, para irmos pensando adaptações e mudanças necessárias ao respectivo contexto. Acredito que o principal é reunir os facilitadores, colocando-os em contato presencial ou virtual, para ver o que pensam e como imaginam a atuação com o público com o qual irão trabalhar. Então é importante fazer algumas reuniões para que as pessoas que atuam na localidade ou comunidade onde será dado o curso passem um panorama específico do que pode ser esperado em termos de temas geradores, questões importantes e centrais a serem abordadas ou trabalhadas.

Sempre dialogando também com os conteúdos básicos dos livros de Mollison e Holmgren.

**P26:** TRABALHO SEPARANDO O ETHOS DO DESIGN.

**P27:** *Como dije antes, esto depende del lugar y que instituto dicte el curso. En la mayoría de PDCs que he participado se trabaja con varios procesos paralelo. La parte técnica que aborda clases puntuales sobre tópicos como suelos, agua, aire, agricultura y construcción; luego la parte de reingeniería del ser que implica los procesos de auto conocimiento y reconocimiento de los otros y la tierra; y por último los procesos de diseño que son al final fundamentados por algunas clases teóricas y ejercicios prácticos.*

**P28:** Mais sistêmico do que o tradicional, com inclusão de temas não previstos no original.

**P29:** O grupo [*removido*] se reúne um fim de semana para debater e analisar as avaliações de ex-participantes para adequar o currículo às demandas, alterando conteúdos, ordem do cronograma e metodologias que serão utilizadas.

**P30:** Todo ano discutimos o cronograma do curso, inclusive as horas de cada aula e o conteúdo delas. Tentamos manter o que deu certo/ recebeu bom feedback dos alunos e outros professores. As metodologias quase sempre são mudadas, assim como os espaços onde as aulas são ministradas. É um processo feito em coletivo, levando em consideração a avaliação dos alunos.

**P31:** É debatido sobre quais os principais temas que serão abordados, cada facilitador tem a liberdade de fazer a sua apresentação a sua maneira, caso precisar de ajuda todos os outros facilitadores estão disponíveis. Todos podem colaborar na apresentação de todos.

**P32:** A criação do currículo foi feita por uma equipe de pedagogos, não posso afirmar melhor sobre o processo pois facilitei o introdutório e a parte de gestão de resíduos com compostagem, não participei da criação do currículo.

**P33:** Sempre existe o básico comum entre todas e as adaptações locais, que ficam por conta de quem está desenhando o processo geral. Normalmente tenho liberdade de conteúdo a partir do assunto que vou abordar.

**P34:** Sempre realizamos a construção do currículo e cronograma do PDC em grupo, de forma colaborativa. A cada ano buscamos aprimorar as metodologias utilizadas, com vistas a maior participação dos integrantes, buscando inovar na didática e abordagem do tema. Buscamos manter o conteúdo básico requerido para que o curso seja de fato considerado um PDC, mas temos acrescentado conteúdo que nos parece importante para contextualizar no contexto atual.

**P35:** Na verdade nunca dei um PDC, desde 2013 nós da [removido] ministramos o CPDP, curso de planejamento e desenho permacultura, uma versão tupiniquim do PDC, baseado na mesma ementa mas adaptado a nossas expertises.

**P36:** Nos PDCs de [removido] a organização é feita pelo [removido] e participo de algumas reuniões para acertar detalhes de conteúdo, cronograma e metodologia. No PDC da [removido], fui convidado para ser facilitador, mas não participei de nenhuma fase da organização e não sei como ela é feita.

**P37:** Nos baseamos na experiência de permacultores que facilitam PDCs há muitos anos e em diversos contextos e formatos, além de uma grade esquematicamente baseada no Syllabus; mas, como expliquei acima, temos realizado uma lapidação contínua em nosso programa, de modo a torná-lo cada vez mais impessoal, possibilitando que os conteúdos mínimos e básicos possam ser ministrados por qualquer permacultor/a competente, sem que se perca a personalidade e contribuição individual específica de cada educador/a.

**P38:** Em termos de conteúdos é bem próxima do Syllabus proposto por Bill Mollison, temos incluído recentemente conteúdos para tratar sobre os povos tradicionais e sua relação com a permacultura e conteúdos sobre perspectivas de transformação social e política. As metodologias bastante variadas (descritas na questão 2.8), sempre com abertura para a contribuição de participantes mesmo nas aulas expositivas. Com o passar dos anos, temos detectado necessidades de aprimorarmos nosso processo avaliativo e nos preocupado em incluir espaços que deem conta de cuidar do estado emocional e das relações humanas no grupo, para que ocorra uma autorregulação do processo. Há também divisão de trabalhos entre participantes e facilitadores para prezar pelos espaços do local, bem como cuidar das pessoas e garantir a pontualidade.

**P39:** Na verdade, os últimos 6 PDCs eles foram organizados em conjunto com o [removido], e aí o coletivo que determina. O conteúdo básico a gente divide quem vai fazer o quê e aí a metodologia fica por cada facilitador e tem um grupo organizador por trás. A [removido] e a [removido] que organizam o cronograma de fato, quem vai atuar em qual dia e a gente vai se encaixando. Mas, o conjunto é decidido em conjunto e a metodologia individual.

**P40:** A ementa dos cursos é construída com os facilitadores que vão compor a equipe... sempre realizamos os cursos em coletivo e cada um pega uma parte do conteúdo.

**P41:** [EM BRANCO].

**P42:** A disciplina que é nomeada "Introdução a Permacultura", é oferecida pelo departamento de Geografia da [removido]. Por ter aulas semanais, são realizados encontros que iniciam as 14 e terminam as 16 horas, nas terças. Os conteúdos são pensados de acordo com o que é necessário para a certificação de PDC, agregando outras temáticas conforme disponibilidade e necessidade. Há um professor "âncora", responsável por acompanhar todo o processo dos estudantes durante o semestre. E, também, instrutores que são convidados de acordo com sua área de conhecimento, seguindo o cronograma da disciplina, a cada semana há um professor diferente, especialista no assunto, que trabalha com a turma.

**P43:** construção coletiva sem perder o foco no designers manual mas dialogando com o contexto local.

**P44:** A metodologia de ensino é baseada no aprendizado significativo e por projetos. Trabalhamos os conteúdos seguindo a base do Syllabus (1985) de Bill Mollison. O cronograma é construído no curso a partir de perguntas e atividades dos grupos.

**P45:** O curso é sempre baseado no currículo básico de 72h/mínimo que é padrão no mundo todo, com foco em práticas de design permacultural.

**P46:** hahahaaha aí tu tá pedindo muito. Quer uma consultoria???

**P47:** O Processo atualmente já está mais consolidado no grupo do [removido], temos um coordenador pedagógico que organiza o cronograma e conteúdos, as metodologias ficam como responsabilidade dos facilitadores. Temos pelo menos uma reunião antes do início do PDC e outra no final para avaliação geral.

**P48:** Baseado no Syllabus - Editado e revisado em 1985 por Bill Mollison, Reny Slay, Andrew Jeeves.

**P49:** Nos PDCs que organizei trabalhávamos por zonas, onde cada facilitador montava sua metodologia. Utilizávamos um modelo de conteúdo que existe para os PDCs, estipulado pelo Bill Mollison.

**P50:** O cronograma segue a linha proposta por Bill Mollison, com adicionais de nossos dons como organizadoras. Propostas com a temática de ecologia profunda, dinâmicas corporais e de reconexão com o ser individual e coletivo, círculos de palavra, feira de troca e interação com a comunidade local, entre outras, são constantemente trabalhados tangendo o cronograma do curso.

**P51:** O conteúdo básico deve ser trabalhado integralmente com carga horária mínima atendida de 72 horas. Teoria, prática e vivências de grupo são parte fundamental do currículo esperado.

**P52:** o curso é 70% teórico e 30 % prático, o conteúdo está baseado no livro Permaculture Designer's book. Oferecido no modo imersivo em 9/10 dias. A metodologia é intercalar as aulas expositivas com debates em grupo, exercícios de design e mais pra segunda metade do curso começa a intercalar isso tudo com as práticas. Dinâmicas de grupo/corporais no início de cada atividade e yoga pela manhã.

**P53:** Discutido de forma coletiva e democrática com todo o grupo de facilitadores.

**P54:** Quando eu cheguei no [removido], os primeiros PDC foram realizados de acordo com o cronograma que já existia e somente fazia um arranjo logístico das aulas, de acordo com a ementa pré-estabelecida. Desde que entrei, o nosso PDC já tinha mais horas (80h) que o formato oficial (72h) para poder oferecer outras temáticas que a "ementa obrigatória" e mais atividades práticas. Na verdade, sempre foi mais que 80h pois realizamos geralmente em formato imersão, e assim no período noturno também propomos atividades, mesmo que menos teóricas e mais bate-papo, apresentação de casos e experiências pessoais, exibição de filmes e debates.

Depois com o tempo fui me apropriando do tema, e como coordenadora de cursos (sou mais coordenadora do que facilitadora dos conteúdos "padrões de PDC") fui propondo melhorias na estrutura pedagógica do curso. Minha participação se dá mais na amarração das aulas, na proposta de dinâmicas, no cuidado com o grupo, na gestão pedagógica/logística do curso, e nas novidades que vamos implementando, novamente:

- Utilização do padrão da flor da permacultura do David conectando as aulas e o cronograma
- Na condução do trabalho em grupo para elaboração do projeto de design utilizando metodologias participativas (Dragon Dreaming principalmente, mas com pitadas de CNV, sociocracia, facilitação gráfica...)
- Uma aula na qual auxiliamos a pessoa a pensar como será depois do curso, como ela vai aplicar a permacultura na sua vida, no seu dia-a-dia.

**P55:** Seguindo o currículo mundial básico exigido em todos os PDCs.

**P56:** Os PDCs do [removido] tem sido baseados no conteúdo do Designer's Manual, conforme orientação do próprio Permaculture Reseach of Austrália: 01. Introdução; 02. Princípios e Temas em Design (noções de Ecologia); 03. Entendendo Padrões; 04. Arvores e suas transações energéticas; 05. Fatores Climáticos; 06. Métodos de Design; 07. Solos; 08. Trabalhos em terra; 09. Construções Naturais (climas áridos, úmidos e frios); 10. Água e Saneamento; 11. Produção de alimentos; 12. Estratégias Sociais; 13. Apresentação e avaliação dos Designs Permaculturais elaborados pelos participantes.

**P57:** O eixo central é baseado nas energias. A partir daí definimos os conteúdos mínimos necessários (sempre com mais de 80h) tendo como base a seguinte ordem:

(<https://moodle.ufsc.br/course/view.php?id=71342>)

07 mar: Apresentação da disciplina - História da permacultura e a inspiração. Por quê Permacultura? [removido]

14 mar: Princípios éticos e de planejamento [removido]

21 mar: Conceitos fundamentais de ecologia e Vermicompostagem [removido]

28 mar: Padrões naturais [removido] - Design) Padrões naturais: conteúdos extras

04 abr: Leitura da paisagem [removido]

11 abr: Método de planejamento do espaço [removido]

18 abr: Solos [removido]

25 abr: Ecologia Cultivada [removido] - Apresentação dos planejamentos para diferentes biomas - na sala CFH

02 mai: Ecologia Cultivada [removido]. Aula na Fazenda da Ressacada - Tapera  
06 maio: Saída de campo - Dia inteiro - saída 7HS - CFH - Sítio Silva - ANITÁPOLIS SC.  
09 mai: Ecologia cultivada - PANCS [removido] - AULA NO CCA - (encontro no laboratório de irrigação 13h30) - ITACORUBI  
16 mai: Águas no planejamento  
23 mai: Planejamento para eventos extremos [removido]  
27 maio: SAÍDA DE CAMPO - Visita Técnica no Sítio em Paulo Lopes SC, para coleta de informações para os trabalhos das equipes do Curso.  
30 mai: Energia [removido]  
06 jun: Permacultura e arquitetura [removido]  
13 jun: Ervas bioativas e visita ao horto do HU [removido]  
20 jun: Permacultura e sociedade - estruturas invisíveis  
27 jun: Apresentação dos projetos de planejamento permacultural para o sítio do Polaco.

**P58:** Aqui no [removido] seguimos o Syllabus que é a estrutura básica de um PDC organizado pelo Bill Mollison. Mas dentro dessa estrutura temos liberdade para adequar alguns temas que são relevantes no momento. Mas não desalinhamos da estrutura proposta por Bill. Reunimos os membros do Instituto meses antes do PDC e recordamos os PDCS anteriores e coletamos os prós e contras. Ouvimos feedbacks e organizamos cronograma que geralmente é proposto como modular 4 módulos com intervalo de 1 semana entre módulos, todos no fim de semana. Separamos os conteúdos entre os membros e discutimos métodos de ensino e quais as práticas que serão feitas, o que tem disponível em cada unidade demonstrativa, os sítios que podem ser uma experiências rica para os alunos.

**P59:** Seguimos o currículo padrão definido no Designer's Manual, com alguns ajustes agrupando alguns temas e dando maior ênfase a outros. Por exemplo, como vivemos na realidade semiárida quase equatorial do Ceará, não damos muita ênfase nas adaptações aos climas frios e damos maior ênfase nas adaptações aos climas tropical quente e úmido e quente e seco. Agrupamos informações sobre produção de alimentos em Permacultura. Como adições, sempre abordamos as construções naturais (bioconstrução) e a permacultura urbana.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Meus PDCs são de duas semanas inteiras, para permitir tempo de aplicação prática.

Todas as manhãs das 8:00 – 10:30 fazemos trabalhos práticos: plantio, construções etc.

Sempre fazemos vários desenhos durante o curso, de tamanhos diferentes: um quintal, um hectare, um sistema para animais, e finalmente desenhar um terreno como todo. Acho errada para ler os livros e pesquisar online. Eu acho fundamental PRATICAR as habilidades ensinadas nos PDCs. (Tenho participado em uns 6 PDCs como aluna ou professora auxiliar, e outros participantes têm dado o mesmo depoimento: a tendência de fazer um único desenho durante um PDC. Desenhar (projetar) é uma habilidade que se treina.

Temos uma aula técnica de sala de aula, das 10:30 – 12:30.

Às tardes, são atividades vivenciais: dinheiro, observação, desenhos etc.

Também acho errada a tendência nos PDCs de “repetir os livros”, passando a maior parte do curso sentados em sala de aula, de um formato acadêmico. Os participantes têm o resto da vida cursos acadêmicos e pouco práticos.)

**P62:** Como o programa de aprendizado é intensivo e bastante carregado, as atividades práticas são administradas de forma a fixar o conteúdo teórico oral, buscando equilíbrio entre teoria e prática, além de muitas dinâmicas utilizadas como método de autogestão.

**P63:** normalmente eu sigo o Syllabus internacional e acresço aspectos do design social como gestão de projetos, gestão de grupos etc.

**P64:** Os conteúdos e práticas são organizados de forma a permitir a compreensão de conceitos teóricos e a sua realização prática, sempre que possível, de forma integrada. Ou seja, uma parte é explicada e faz-se alguma atividade prática na sequência ou durante a própria explicação. Quando não é possível uma prática com os alunos utiliza-se demonstrações práticas durante as aulas teóricas para facilitar a compreensão dos conceitos.

Especificamente no assunto de energia que é o que ministro, conceituamos energia e suas transformações, explicamos conceitos físicos de estrutura da matéria e produção de corrente e tensão elétricas, terminologia específica da área de eletricidade, ao mesmo tempo que construímos baterias com limão, mostramos como montar sistemas fotovoltaicos, instalamos sistemas fotovoltaicos,

ilustramos conceitos de energia armazenadas em campos com instalação de sistemas de irrigação movidos por gravidade, roda d'água e bombas etc.

**P65:** A equipe se reúne para planejar junto. A cada tema um de nós fica responsável, mas todos estamos presentes e atuando juntos o máximo possível. Realizamos o PDC de forma modular em alguns finais de semana. Partimos da problematização do cenário atual de crises e introduzimos a Permacultura como possibilidade de uma outra cultura com soluções para nossa Sustentabilidade/permanência. Trabalhamos primeiro a ética da Permacultura e depois vamos avançando pelas diferentes áreas. Utilizamos diferentes metodologias. Algumas aulas são expositivas dialogadas. Mas temos muitas práticas, trabalhos de grupos, dinâmicas, jogos. Entre os módulos os estudantes realizam estudos/tarefas e utilizamos um ambiente virtual de aprendizagem como apoio.

**P66:** Todos os PDCs que participei enquanto facilitadora tiveram mais de 80h de duração. Envolviam atividades teóricas e práticas além de ser estruturado em formato de grupos de autogestão afim de que os participantes tivessem oportunidade de vivenciar outras formas de tomada de decisão além de serem agentes ativos nos manejos do elementos.

Sendo assim, o dia-a-dia possuía uma rotina fixa: - despertar; - atividade meditativa ou corporal organizado pelos grupos de auto gestão; - café da manhã; - explanação teórica ou aula pratica; - almoço; - trabalho em grupo: construção do projeto de design a ser entregue no fim do curso; - explanação teórica ou aula pratica; - grupos de autogestão em ação; - jantar; - cultural.

A estrutura de cada dia era mais ou menos como descrevi acima.

No ato da inscrição, perguntávamos se a pessoa já possuía um projeto. Caso sim, pedíamos para que explicasse um pouco que trouxesse algumas informações como imagem do Google Earth, algumas informações sobre topografia, clima, tempo, chuvas e ventos predominantes, informações de aspectos sociais... Tudo isso para alimentar o momento do projeto. no primeiro dia do curso há uma apresentação de cada projeto, de forma participativa, decide-se se quais projetos serão desenvolvidos e formam-se os grupos.

**P67:** No primeiro PDC que participei aqui eu era assistente de coordenação e [removido] era o coordenador. Eu observava todas as aulas e conversava com os alunos para averiguar a eficácia das estratégias pedagógicas. Então eu organizava feedbacks para os educadores (que são muitos!) e fazia propostas. A partir do momento que assumi a coordenação, sigo nesse movimento de feedback. Aqui o maior desafio é fato de as aulas serem noturnas. Procurei estruturar o curso para tirar proveito desse tempo dilatado e, no entanto, entrecortado. Aos poucos fui entendendo qual seria a melhor ordem das aulas e quais deveriam acontecer em campo (entenda-se que as aulas de campo acontecem nas periferias urbanas). No caso trabalho em educadores mais especializados em determinadas áreas. A gente tenta promover um rodízio, mas acontece pouco. Temos também um questionário que os alunos respondem e procuramos considerar suas pontuações. Enquanto pessoa que acompanha todas as aulas eu me responsabilizo pela "linha mestra", por dar continuidade e liga entre as aulas. E gosto de cuidar também das práticas corporais e incentivar os educadores a incorporar essas estratégias e serem menos dependentes do Datashow.

**P68:** O processo se inicia em um círculo dos sonhos onde cada um expõe, no círculo, seus sonhos para este trabalho. Após sonharmos juntos o curso, distribuímos as pétalas da permacultura pelos dias de curso. O curso tem no mínimo 72 horas, sempre trabalhamos em equipe de 4 a 5 pessoas além dos convidados locais que muda a cada PDC. Buscamos dar cursos em imersão de 8 dias. Dividimos os temas por duplas de facilitadores que vão se apoiando durante o processo. Buscamos trabalhar com uma linguagem ganha-ganha, tendo em foco a metodologia da Educação Biocêntrica, que tem como base a vida de todos os seres no centro das atenções. Cada tema é abordado de forma teórica e prática.

**P69:** Eu comecei a estudar permacultura de forma autodidata por livros e materiais de internet, e fui aplicando... comecei a dar cursos de introdução a permacultura em universidades e institutos , e quando já era reconhecido a nível nacional, [removido] me convidou para darmos o primeiro PDC Popular no Brasil, em 2009 no [removido], em Recife - PE, aí convidei [removido], que era permacultor e tinha morado um tempo no IPEP, e estava em Recife, para ministrar o curso comigo e com [removido], então costumo dizer que meu caso é uma exceção em vários sentidos, porque minha história de vida colaborou na minha formação, e meu ímpeto autodidata, me fez estudar muito por conta própria, ao ponto do primeiro PDC que eu fiz foi como aluno e como professor também.

Na época pegamos os programas do PDC de vários institutos no Brasil, que disponibilizavam a programação na divulgação do curso, e aí extraímos o design e algumas coisas que achamos interessante, e incluímos temas que achamos até hoje de suma importância, tipo: ecopedagogia, economia solidária, agrofloresta, justiça restaurativa, agroecologia etc. Aumentamos a carga horaria e colocamos o terceiro turno de curso, ou seja aulas a noite, bem como aumentamos a carga horaria das

aulas práticas, ou seja para tema abordado teoricamente deveria ter uma prática para solidificar o conceito.

Então além de inaugurarmos a Permacultura Popular no Brasil, com um valor mais justo (R\$400,00), e trazendo a discussão da pedagogia da terra de Paulo Freire, revisamos e inauguramos um novo programa que até hoje é adotado.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** [EM BRANCO].

**P72:** Nos PDCs que participei o processo de organização acontecia em reuniões que aconteciam pelo menos um semestre antes do curso ocorrer. Neles entrávamos em contato com os feedbacks dados pelos participantes da última edição do curso e também nos dávamos, entre os educadores do curso, retornos para que aprimorássemos nossa prática e coerência.

Então partíamos de 10 dias de curso e víamos que assuntos poderiam precisar de uma ampliação de sua carga horário ou não e íamos descobrindo juntos que forma essa nova edição e que metodologias poderiam contribuir.

Quando mais de uma pessoa iria oferecer uma mesma aula essas duplas, trios e/ou por vezes quartetos se reuniam, por vezes menos do que o desejado pelo o que o grupo considerava bom, e iam alinhando esse conteúdo e essa abordagem conjuntamente.

**P73:** O processo de organização do cronograma é feito de forma coletiva, normalmente seguindo a ordem lógica descrita no Designer's Manual. O conteúdo é baseado na Permacultura do Bill Mollison e David Holmgren, tendo complementos baseados na experiência profissional e pessoal de cada educador.

As metodologias gerais consistem no uso de dinâmicas e práticas, sendo quase a totalidade do curso de cunho teórico.

**P74:** o curso foi definido pelos mesmos parceiros com os quais fiz pela primeira vez. eu cuidava da parte de agroecologia.

**P75:** participativa, com quem vai ministra.

**P76:** *De manera colectiva, con los otros facilitadores, a través de trabajo participativo y laboratorio vivencial. Tomando en cuenta el público, el lugar, el contexto, las capacidades.*

**P77:** Geralmente organizo junto com [removido], meu sócio e companheiro, mas já houve participação de outras pessoas. Focamos bastante nas práticas que temos para realizar. Esse é um ponto-chave para nós, as atividades práticas são um dos focos que damos para transmissão e fixação do conhecimento. Nisso vamos definindo o cronograma e as metodologias também. Mas muita coisa fica para fluir no dia de acontecer, ou seja, acompanhamos o fluxo do grupo, da natureza, e temos maleabilidade para com o conteúdo.

**P78:** O processo de organização depende muito da disponibilidade dos facilitadores. é importante no início ter a ética da permacultura, passando pelos princípios, zonas e setores, padrões, mapas, aí as tecnologias diversas, depois entra no projeto.

**P79:** Construído coletivamente entre as pessoas envolvidas nos espaços de facilitação e organização. O processo em si são reuniões de imersão de curta duração (um fim de semana).

**P80:** Os conteúdos são divididos conforme o índice do Syllabus e por facilitadores (entre 3 e até 5 facilitadores dependendo do PDC). Geralmente um período do dia é destinado a parte teórica e o período seguinte destinado a parte prática para "amarrar" os conteúdos. Sempre há um facilitador que acompanha o grupo 100% do tempo para que certifique-se de que todo o conteúdo obrigatório tenha sido repassado; para 'linkar' um facilitador ao outro, dando estabilidade ao grupo. Faz-se uso de dinâmicas, sempre que possível, a fim de melhorar a interação do grupo e a fixação do conteúdo proposto.

**P81:** Temos três manhas de aula teórica, seguidas de 4 finais de semana em campo, onde há a possibilidade de imersão, e atuação no meio. Usando recursos locais há um consenso sobre o projeto a ser feito e todos trabalham juntos para alcançar esse fim.

**P82:** Quando fui acolhida pelo grupo o cronograma já estava definido com base no livro do Bill Mollison. O interessante foram as nuances que o grupo desenvolveu com base na formação de seus membros, com o acréscimo de assuntos que não são inicialmente relacionados à permacultura, como relações invisíveis, arquitetura apropriada e estratégias de transformação social.

**P83:** Participei de um único PDC como organizador, nos dividimos Teoria, Práticas e Design.

**P84:** A organização do PDC sempre ficou na responsabilidade dos promotores do mesmo; mas sempre se divide em teoria e prática.



**P85:** A organização é baseada na estrutura proposta pelo curso de formação de facilitadores que teve a participação de um dos membros do grupo Curare. O cronograma e conteúdo são discutidos entre os facilitadores do curso e as metodologias para cada aula são definidas de acordo com as vivências anteriores, mantendo aspectos que trouxeram bons resultados e tentando incrementar conteúdos que não corresponderam com as expectativas.

**P86:** Partimos do currículo padrão do Bill, de 72 horas. A partir dele vamos ampliando alguns temas de interesse e mudando os formatos de apresentação para ganharmos em agilidade e pedagogia. Também contamos com o apoio de uma sala virtual no ambiente Moodle.

**P87:** A base é mesma dos PDCs ministrados por Bill Mollison e David, os outros são a partir da demanda local.

**P88:** Construído coletivamente.

**P89:** Tenho grande variedade de apresentações, vídeos, dinâmicas lúdicas, exercícios práticos e vivências desenvolvidos além dos anos. Cada curso, começar com os básicos dos princípios, história (da Permacultura) e um exercício em design inicial. Depois disso estou bem guiado por perguntas e interesses do grupo.

**P90:** Basicamente, atuamos numa disciplina no curso de Geografia [removido], são vários professores de diferentes áreas e cursos. O conteúdo das aulas está de acordo com um PDC completo e forma permacultores em um semestre letivo.

**P91:** já temos um cronograma definido, 10 dias, manha tarde e noite com muitas aulas teóricas e práticas, apresentação de vídeos. geralmente uma equipe de 10 facilitadores com experiencia a mais de 5 anos em permacultura.

**P92:** Os processos de organização do currículo nos PDCs que participo não são o ideal a meu ver e tem muito a melhorar. O cronograma é dependente da disponibilidade de datas dos educadores e discutido a partir disso. Cada educador costuma tem autonomia para desenvolver as metodologias e conteúdos abordados nas aulas que é responsável. Por conta disso, não existem discussões profundas sobre as metodologias utilizadas em sala de aula o que é um grande problema e faz com que muitas aulas expositivas sejam feitas em seguida o que é extremamente cansativo para um estudante e para o percurso. São organizadas as dinâmicas dos espaços de início/fim de dia e entre aulas. Existe muito pouco alinhamento entre as diferentes aulas para que uma referencie a outra, acho isso péssimo e muito por conta de os educadores não assistirem as aulas uns dos outros. Os espaços de exercícios de design são encaixados ao longo da programação culminando na apresentação final.

**P93:** Seguimos o Syllabus, proposta oficial de Bill Mollison para o PDC. Incluímos os princípios propostos por David Holmgren. Trabalhamos com curso de imersão, 9 dias, e 82 horas de aulas.

Como usamos a metodologia de aprendizagem através de projetos de trabalho, começamos o curso com trabalhos em grupo, onde o grupo tem que pensar uma lista sobre a pergunta "o que o homem precisa para viver e ser feliz?", daí se organiza o cronograma, partindo da zona 0, 1, moradia, produção de alimentos etc. Em quase todos os dias incluímos uma prática logo depois do almoço. Esta prática tem a ver ou com o que foi tratado na aula teórica, ou o que será tratado na sequência.

Como atualmente damos PDC apenas em [removido], uma boa parte de princípios dos sistemas naturais, solos, é dada com caminhadas na mata atlântica. Nas noites trabalhamos muito com vídeos e discussões. Os dois últimos dias são para a elaboração do design da propriedade.

**P94:** O conteúdo básico do PDC está organizado de forma "padronizada" de modo que possa existir uma linguagem global entre os estudantes. Porém, vai muito além do conteúdo básico, onde nós, professores ampliamos e enriquecemos de acordo com a nossa realidade, com diversos outros temas de suma importância, os quais, através de muita conversa e reuniões, são escolhidos. Desta forma também se faz o cronograma, ajustando ano a ano, as atividades, os horários e conteúdo, para um PDC cada vez mais rico, onde se utilize da melhor maneira possível o tempo disponível. As metodologias são sempre participativas, integrativas.

Buscamos também, sempre abrir espaços para novas atividades que se comunicam com a permacultura, como por exemplo, CNV (Comunicação Não Violenta), entre outros.

**P95:** Horizontal, coletivo, tomando como base feedbacks dos últimos anos de atuação do grupo curare. Seguimos o Syllabus e melhoramos o que podemos com o tempo e espaço que temos. Fazemos com amor e não seguimos muita meritocracia ou titulação como base. Hierarquia muito menos. Bom senso e história do grupo e da permacultura no Brasil.

**P96:** Venho desenvolvendo um PDC diferenciado com uma proposta que insere o Design Social. Em média, nossos PDCs têm entre 90 e 100 hs aula. Buscamos ter muitas práticas e inserir temas para maior engajamento como biorregionalismo, economia, ativismo, conexão com movimentos sociais.

**P97:** Participei como facilitador em 3 PDCs, todos eles contemplavam os conteúdos e carga horária (72 hs) determinada por Bill Mollison (Syllabus). As metodologias incluíam aulas teóricas e práticas, com uma atividade de design a ser apresentada no final do curso. Em dois cursos eram imersões de 9 dias e um deles foi organizado em módulos de final de semana.

**P98:** CONFIDENCIAL.

**P99:** *La esencial es que existe un currículo corazón. Existe un ritmo en las actividades. Existen actividades con tiempos específicos que se conectan con los ritmos. Se trabajan sobre tres ejes fundamentales. Re-Ingeniería del Ser. Experiencia Social Profunda y Generación de abundancia dentro de un laboratorio social. Realmente es muy difícil explicar con palabras lo que pasa dentro de nuestros PDC. Ya hemos desarrollado cerca de 180. Y cada uno de ellos nos ha permitido ir creciendo y adaptando la curricula para que el cumplimiento de los objetivos de la misma pueda ayudarnos a cumplir un sueño más integral que ayude a la mayor cantidad de seres posibles.*

**P100:** Pergunta complexa porque cada espaço tem uma sistemática. No [removido] realizamos uma reunião com todo o coletivo de educadores antes do início do PDC e depois para avaliar. Como ele é urbano, pensamos muito em atualizações em relação as questões da cidade. Também, o curso não é imersivo, acontece durante uma semana por mês ao longo de três meses e isto nos leva a conversar muito sobre a metodologia necessária. Por último, entendemos que uma vocação urbana está na periferia, então as práticas vêm acontecendo na margens de São Paulo e os Designs também e isto implica em várias discussões metodológicas e de conteúdo. Estamos cada vez mais levando o tema de comunidades menos favorecidas para dentro do conteúdo.

**P101:** Módulo I - Fundamentos Teóricos: - Introdução a Permacultura. - Conceitos e Temas em Design e Padrões da Natureza. - Método de Design. – Solos. - Trabalho em Terra

Módulo II - Produção de Alimentos: - Produção de mudas. - Herbários e Hortas. – Agrofloresta. - Astronomia Agrícola. - Criação de animais. – Aquicultura.

Módulo III - Construção Natural, Água, Saneamento e Energias: - Fatores Climáticos. - Construções Naturais. - Água e Saneamento. - Energias

Módulo IV - Estratégias Sociais:- Estruturas Invisíveis. - Apresentação de designs

**P102:** A partir do currículo proposto por Bill Mollison, de 72 horas de duração, adaptamos o conteúdo as necessidades locais observadas nos anos de experiência do grupo que organiza e ministra o conteúdo. São adicionados alguns temas que julgamos importante para valorizar o caráter popular do PDC. Porém a base curricular permanece com poucas alterações.

---

## **2.7. Qual o público-alvo dos PDCs onde atua como facilitador/a? (Qual público você recebe e qual gostaria de receber nos PDCs que participa? Pessoas jovens ou adultas, qual profissão, renda etc., de forma geral)**

**P1:** O público mais numeroso é o de jovens, estudantes ou não, seguido de profissionais adultos, agricultores, indígenas, militantes sociais e ambientais, pesquisadores acadêmicos. Acredito que a maioria seja de renda baixa a média, com algumas exceções de renda muito baixa ou alta. Acho que esse é o grupo que eu gostaria de atender mesmo, porque é bem diversificado e grande parte dos participantes se envolvem posteriormente em projetos ligados aos temas da Permacultura e mudam seu padrão de vida, com hábitos mais sustentáveis. Também surgem algumas iniciativas coletivas após cada PDC, facilitada por participantes dos cursos.

**P2:** Muitos alunos de graduação e pós-graduação, gente dos centros urbanos procurando como ligar mais com a natureza, jovens. A gente dá bolsas pra alguns membros da comunidade local.

**P3:** Qualquer pessoa maior de 16 anos.

**P4:** O PDC é voltado a pessoas que desejam viver de forma sustentável. Assim, seu público é eclético e diverso: Adultos das mais diversas formações, inserções sociais e com renda variada, Estudantes universitários, Agricultores e agricultoras.

**P5:** Público diverso.

**P6:** Pessoas que de modo geral estão insatisfeitas com a realidade em que vivem, que querem e sabem que podem fazer mais. A maioria jovens adultos recém-formados na graduação.

**P7:** Acadêmicos de diversos cursos de graduação.

Perfil da turma atual - [removido].

**P8:** *Todo tipo de público hasta niños y niñas.*

**P9:** MUITO DIVERSO. PRODUTORES RURAIS, ESTUDANTES, EMPRESÁRIOS, ECONOMISTAS, ENGENHEIROS, AGRÔNOMOS, ...

**P10:** O público alvo são jovens e adultos de ambos os sexos que estão em busca de transformação, ou seja transformar a ação e fazer a diferença no mundo. São pessoas que estão em busca de novos conhecimentos e técnicas pois não acreditam mais na forma como o atual sistema opera. A renda não é medida aqui e sim o desejo de aprender sobre o tema, pois há bolsas e formas de parcelamento.

**P11:** Em geral, os participantes são estudantes, profissionais que querem aprender para trabalhar, donos de sítios que querem iniciar um projeto, técnicos de organizações parceiras, pessoas diversas que estão um pouco “perdidás” e querem buscar algo que lhes dê motivação e possibilidades de mudança de vida.

Gostaríamos de trabalhar mais com filhos de agricultores/as mas demanda um recurso pré-existente para custear as despesas. Estamos planejando algo para esta necessidade.

**P12:** Maioria jovens, menores de 30 anos.

**P13:** No PDC que atuei como instrutora o público eram estudantes de ensino superior.

**P14:** Todos com nível superior, independente da área.

**P15:** O público é diverso, mas acredito que a maioria dos participantes costumam ter de 18 a 27 anos. Profissões diversas e grande parte são universitários. Buscamos ter como público prioritário pessoas de baixa renda e/ou participantes de movimentos sociais e ambientais populares. Aplicamos um formulário socioeconômico para selecionar esse público. Porém, acredito que apesar dos esforços ainda atingimos mais a “classe média”.

**P16:** Estudantes e agricultores.

**P17:** O mais variado possível. O curso oferece 5 vagas sociais a cada edição para possibilitar a participação de quem não possui dinheiro suficiente para pagar por ele.

**P18:** Em maioria o público é composto por universitários.

**P19:** A maioria são jovens universitários de diferentes áreas de graduação, mas sempre no grupo aparecem outros com interesse no tema, já em atividade profissional, com idade acima de 40 anos.

**P20:** Tem sido tão diverso que fica difícil agrupar o grupo e rotular o mesmo.

Mas em essência são sempre pessoas que estão em busca de transformações positivas em suas vidas e comunidade.

**P21:** Estudantes, técnicos, agricultores e movimento social. Diversas classes sociais, profissões e idades.

**P22:** *Publico diverso em edades e profissões, o fator comum é q querem ou estão passando por uma mudanza na sua vida.*

**P23:** Hoje eu vejo que o público que mais acessa os PDCs é universitário e pessoas jovens recém-formadas, mas também costumam ter pessoas um pouco mais velhas que já tem um trabalho construído que dialoga com o tema da Permacultura. Eu gostaria que pessoas como agricultores, homens do campo, moradores de periferia, trabalhadores em geral conseguissem acessar um curso como o PDC.

**P24:** Agricultores, populações tradicionais, agentes de ATER, estudantes e profissionais das áreas agrônômica, ambiental e construção. Gostaria de receber mais idosos e crianças. Estamos pensando e elaborando um CPDPinho (para crianças até 12 anos).

**P25:** É um público bem variado, heterogêneo. Em geral a proposta é abarcar pessoas das mais diversas, com atenção àquelas em situação vulnerável socioeconomicamente, para que possam utilizar a permacultura para transformar suas vidas e o entorno.

Existe um recorte marcado de pessoas de classe média com formação universitária, em geral jovens (entre 20 e 30 anos), estudantes.

Gostaria de receber trabalhadores e trabalhadoras das periferias urbanas para desenvolver os cursos.

**P26:** ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS, POIS TAMBÉM SOU PROFESSOR DA [removido].

**P27:** *Es muy variado, gente de todas las edades, familiar enteras, mochileros, estudiantes, jubilados. No hay un patrón muy evidente fuera de que todos asisten porque sienten que algo no va bien en su cotidianidad.*

**P28:** Diverso.

**P29:** O [removido] prioriza pessoas de baixa renda e de pessoas que atuam em movimentos sociais, coletivos, ou pessoas que buscam a transformação social e ambiental a partir de novas estratégias, como a permacultura.

**P30:** Buscamos fazer o curso no menor valor possível para que pessoas que não tem condições de pagar muito por um PDC tenham chance de realizá-lo. Para isso, pedimos informações socioeconômicas durante a inscrição e posteriormente realizamos uma seleção com critérios bem estabelecidos (renda per capita, motivação...etc.).

**P31:** Todos em geral, mas como um dos facilitadores tem mais contato com professores, geralmente são o maior público.

**P32:** Pessoas de todas as idades são bem-vindas e é bom que tenha o máximo de diversidade possível para podermos trabalhar nossas relações com o outro tb no design social.

**P33:** Bastante diverso.

**P34:** Normalmente buscamos uma diversidade nos participantes do PDC, priorizando acesso as pessoas de baixa renda, já que buscamos facilitar um PDC de baixo custo. Normalmente a maioria das pessoas que participam destes cursos são jovens entre seus 20 e 30 anos, universitários. Gostaria que pudessemos acessar mais a população rural e das periferias da cidade.

**P35:** a maioria são de jovens universitários, mas o número de famílias com mais de 30 anos e filhos tem crescido bastante.

**P36:** A mais variada possível, desde casais que levam os filhos junto, pessoas bem jovens, pessoas mais experientes, pessoas com as mais diversas formações acadêmicas e profissionais e de todos os lugares do país.

**P37:** Tenho por princípio que a formação em permacultura deve ser acessível ao máximo de pessoas possível, especialmente as mais excluídas socialmente. Nossos PDCs sempre oferecem um número considerável de vagas sociais com isenção total do valor do curso, justamente para promover tanto o acesso à formação a pessoas de baixa renda quanto uma maior integração social e trocas de experiências e saberes entre os participantes oriundos de distintas classes e contextos sociais.

**P38:** O público é aberto, contudo temos como critério de seleção pessoas com potencial de partilhar o conhecimento em suas vivências (portanto, que pertençam a grupos e/ou atuem em comunidades, escolas, programas etc.).

Além disso, gostaríamos enquanto grupo de receber pessoas que não possuem condições de pagar por um PDC de valor mais elevado, uma vez que superar a elitização da permacultura é uma das principais questões que mobilizam nosso grupo. Alguns anos atingimos este objetivo com mais sucesso, em outro precisamos equilibrar os inscritos para viabilizar o curso aceitando pessoas com renda maior. Mas sempre oferecemos algumas bolsas integrais também.

**P39:** Não tem foco específico, mas acabamos atraindo pros PDCs do [removido] um público que está conectado nas ações de permacultura na periferia, que é o [removido], outro núcleo de trabalho que o [removido] acabou se envolvendo, mas vem gente de várias origens, várias "classes sociais", profissões, idades, renda, abordagem, de histórico, é um mix bem bacana, não tem um foco, mas a gente tem essa atração na permacultura urbana e de periferia também.

**P40:** jovens, universitários, membros de ecovilas e comunidades e proprietários de sítios e fazendas em transição ecológica.

**P41:** [EM BRANCO].

**P42:** Estudantes das graduações ofertadas pela [removido].

**P43:** comunidades específicas e pdcs com inscrição visando popularizar a permacultura.

**P44:** O público é variado, não interessando a profissão ou idade. Em média a idade é de 30 anos, e já temos recebido casais com e sem filhos.

**P45:** O público alvo são as pessoas que buscam uma transição real no seu modelo de vida. Vem pessoas de diversas áreas de trabalho e locais do Brasil e do mundo.

**P46:** Acadêmicos, professores, profissionais liberais, comunidade local, designers, agricultores e interessados.

**P47:** Público alvo dos PDCs promovidos pelo [removido] acabam sendo mais jovens de classe média, na maioria estudantes, muitos em transição de vida, buscando alternativas. Todo PDC garantimos algumas vagas sociais para integrantes que não teriam condições financeiras para participar.

**P48:** Público aberto, principalmente universitários, priorizando e facilitando a participação de indígenas, quilombolas e famílias rurais.

**P49:** Recebia em geral jovens - de 19-25 anos.

Profissões várias, em geral ligadas as áreas ambientais.

Maioria sem renda, estudantes

**P50:** Multiplicadoras, fazedoras e aprimoradoras do conhecimento ali compartilhado; aparecem de todos os perfis de pessoas, de todas as classes sociais. Que assim siga! Gostaríamos muito de que mais agricultoras e lideranças comunitárias participassem.

**P51:** Normalmente são jovens, estudantes e grupos de pessoas alternativas.

Gostaria que arquitetos, urbanistas, Engenheiros, professores, designers e construtores estivessem participando deste tipo de formação.

**P52:** ao longo dos 8 pdcs que participei passei por todo tipo de público, em todos ou metade ou 20 % dos participantes eram de baixa renda.

**P53:** Profissionais liberais e estudantes mas gostaria muito de atingir de forma efetiva os agricultores familiares e assentados da reforma agraria.

**P54:** varia bastante. geralmente são mais jovens (universitários) ou adultos entre 30-40, e de classe média. mas temos bolsas que atendem um público diverso, de agricultores, chacareiros, assentados a comunidades carentes, indígenas, movimentos sociais, associações comunitárias, moradores de regiões periurbanas vulneráveis... também temos sempre algumas pessoas de mais idade, as vezes até "idosos" buscando uma nova vida.

**P55:** Estudantes, mas é bem abrangente a todas as pessoas e idades.

**P56:** O público tem sido bastante variado, incluindo estudantes universitários (diversos cursos) profissionais de diversas áreas interessados em autonomia e sustentabilidade, pessoas ligadas a movimentos sociais etc.

**P57:** Prioritariamente estudantes universitários com faixa etária entre 18 e 30 anos, Rendas diversas entre as classes A e C (público universitário médio das universidades públicas federais), com presença comum de brancos mas sempre com alguma presença de pessoas negras e nenhum indígena, e turmas equilibradas em relação ao gênero feminino e masculino.

**P58:** O público mais diverso, sempre temos uma variedade incrível de pessoas. Desde jovens e adultos, até aposentados e famílias fazendo o PDC juntos.

**P59:** O [removido] tem oferecido PDCs modulares, como aulas em finais de semana alternados, ao longo de 2 meses. Com isso, além do usual público de estudantes universitários, temos também conseguido acessar funcionários e gestores de instituições públicas e privadas, professores universitários, produtores rurais. Temos recebido alunos de várias faixas etárias, variando de adultos jovens a partir de 17 anos até aposentados com mais de 60 anos.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Nossos cursos são diversos mas normalmente tendem a dois tipos de público: jovens profissionais e universitários, querendo fazer isso como profissão, ou pessoas de meia-idade querendo sair da cidade.

**P62:** Todos os interessados, profissionais ou não, estudantes, ativistas ou simplesmente guardiões de terrenos e territórios para os quais a permacultura pode ser uma ferramenta de transformação ou ativação de um valioso serviço à Terra e às pessoas que coabitam.

**P63:** jovens universitários na grande maioria ou profissionais indignados com a vida que estão levando.

**P64:** O público-alvo e o cidadão em geral. Tem participado estudantes de diversas áreas, profissionais de diversas áreas (arquitetura, agronomia, engenharia, artes, letras, física, etc....), permacultores, donas de casa, assentados, indígenas, profissionais liberais etc.

**P65:** O público é diverso. Mas tende a ser mais jovem e classe média.

Gostaria de integrar mais agricultores e lideranças comunitárias. Assim, costumamos oferecer em torno de 2 bolsas por curso para esse público.

**P66:** Depende. Já atuei em PDCs abertos ao público. Antes o público se resumia a estudantes universitários das áreas ambientais como engenharia floresta, biologia, geografia. Hoje, participam pessoas de todas as áreas dos saberes, estudantes, profissionais.

Também já ministrei PDCs em assentamentos rurais.

**P67:** Como pagantes, recebemos muitos arquitetos e estudantes de arquitetura, pessoas vivendo uma "transição" na vida profissional, empresários, pessoas da área da educação, biólogos e agrônomos, economistas, artistas e terapeutas. Além disso dispomos uma quantidade de vagas sociais, direcionadas a lideranças comunitárias e/ou pessoas com perfil multiplicador. Isso nos trouxe muita gente que tinha uma grande bagagem empírica com permacultura e que procurava sistematizar melhor esses saberes.

**P68:** Profissionais, estudantes, mestres, doutores, jovens e todos que queiram planejar e construir sua própria casa e sair de sua zona de conforto para evoluir.

**P69:** Nós cursos privados o público diverso, mas na maioria estudantes universitários. Nos cursos públicos ou gratuitos, agricultores na sua maioria.

**P70:** [EM BRANCO]

**P71:** Totalmente heterogêneo.

**P72:** Nos PDCs em que atuei normalmente vinham mais jovens, muitas vezes estudantes de faculdades, outros já atuantes no mercado. A princípio vinham mais arquitetos pelo vínculo com o [removido], porém com os anos foi se diversificando cada vez mais, havendo muitos biólogos também por boa parte dos membros do grupo serem desse meio.

Sempre buscamos públicos com uma renda menor, buscando também fazer um PDC mais acessível - tendo sido o nosso o mais barato do Brasil durante anos.

Não tenho muita precisão agora, porém imagino que a renda dessas pessoas em média devia girar em torno de 1 a 3 salários mínimos. Porém, muitos deles poderiam ter apoio de pais ou responsáveis, o que, na minha opinião, não faz esse dado ser tão assertivo enquanto representatividade de classes sociais.

**P73:** Recebemos uma maioria de estudantes universitários e pessoas da classe média. Porém, reservamos cerca de 10% das vagas sociais onde são contempladas pessoas com baixa renda, participantes de movimentos sociais ou povos tradicionais.

**P74:** atuei 2 vezes. pessoas de todas as idades, de diferentes camadas sociais. nos que atei, forte presença de universitários, jovens, alguns recém-formados

**P75:** pessoas desde pessoas analfabetos até com formações pós-graduação.

**P76:** Jovens, adultos.

**P77:** Muito variado. Tem os estudantes de arquitetura, biologia, engenharia florestal, agronomia e muitas outras áreas. Tem aqueles que são profissionais destas e outras áreas e que querem adquirir mais conhecimentos. Tem os que estão se aposentando e querem novos horizontes para o restante de suas vidas. Mas, de maneira geral, são pessoas querendo fazer transformações em suas vidas. São pessoas com projetos. Vários são casais ou famílias. Vários já estão envolvidos em trabalhos comunitários, sociais, ONGs, funcionários públicos, professores.

**P78:** Qualquer pessoa que tenha interesse pela permacultura.

**P79:** Temos como principal público-alvo pessoas que não teriam condições de realizar o PDC em outros locais devido a restrições financeiras. Não restringimos a participação de ninguém, mas realizamos um processo seletivo com base em critérios específicos. É um objetivo pessoal e do grupo que consigamos cada vez mais atingir pessoas de movimentos sociais populares.

**P80:** Identifico dois tipos de público:

Primeiro grupo - Jovens estudantes, de 20 a 30 anos, solteiros, classe média e média alta, com ensino superior. Segundo grupo - Adultos, 30 a 50 anos, classe média e média alta, ensino superior, estabilidade financeira, terreno próprio. Ambos os grupos com desejo de iniciar a transição para um espaço próprio (geralmente rural) de forma a aplicar a permacultura neste local.

**P81:** Pessoas interessadas em aprofundar conhecimentos acerca da natureza, da integração entre homem/natureza, pessoas que almejam conhecer novas técnicas construtivas, técnicas de cultivo, plantio e colheita de alimentos.

**P82:** [EM BRANCO].

**P83:** Só participei de um, foi numa comunidade terapêutica, ou seja, o público é a população em situação de rua com dependência química, ainda estamos estudando um modelo pra [removido].

**P84:** São bem distribuídos, desde agricultores a engenheiros, arquitetos, psicológicos, médicos veterinários, biólogos...

**P85:** O público alvo não apresenta uma faixa etária específica, porém era realizada uma análise socioeconômica dos participantes priorizando a participação do número máximo de pessoas que não teriam condições financeiras de pagar outros PDCs realizados por outros grupos/institutos.

**P86:** Muito variado. Não temos um público específico. Acho que permacultura tem que ser para todas faixas, idades, condições econômicas.

**P87:** A principal característica é que a maioria são jovens e variadas formações.

**P88:** Jovens e adultos pessoas que possam arcar com as despesas geradas no curso.

**P89:** Em experiência, a maioria que participam são jovens em momentos de crises (pessoal, pensando trancar seu curso universitário, crises com pais, com o globalização em geral). Também ativistas sociais e algumas pessoas mais de idade, buscando reciclar/renovar sua vida/profissão.

**P90:** Estudantes de graduação da [removido], de forma geral.

**P91:** diverso. jovens Universidade Federal de Santa Catarina. Índios guaranis (vagas gratuitas como bolsistas). melhor idade

**P92:** O público é intergeracional, o que acho ótimo, quanto mais diverso melhor. normalmente dos 18 aos 65 anos. A maioria, talvez 70% dos participantes costumam ter entre 20 e 40 anos. Costuma haver uma maioria de homens e sinto falta de equilíbrio entre os gêneros nos grupos. As formações das pessoas são sempre bem diversas. Diria que 80% dos participantes são brancos de classe-média alta e não representam a maioria da população brasileira. Sempre há participantes de baixa renda nos cursos. Muitas vezes são de comunidades tradicionais ou movimentos sociais. É comum que as pessoas deste público tenham dificuldades com o conteúdo e a linguagem das aulas. Desejo que a presença de pessoas de baixa renda seja mais equilibrada e que a linguagem e metodologia das aulas seja mais acessível.

**P93:** Jovens adultos. A faixa majoritária, aqui em [removido], é na faixa dos 30-40. Muitos casais e famílias. Já atuamos muito em outros lugares, onde a faixa era de universitários, entre 20-30.

**P94:** O público alvo são pessoas, em geral, interessadas no tema, identificadas como potenciais agentes transformadores, de diversas realidades, entre elas jovens, adultas ou acima de 60. As rendas podem variar de alta, média, baixa, até nenhuma, para quem se disponibiliza um número de bolsas de estudo, lembrando que geralmente é feito convites para pessoas de movimentos sociais ou indígenas. O público alvo geralmente é o qual eu gostaria, mas como há sempre muita dessas pessoas, gostaria que fosse possível haver mais PDCs por ano, para atingir mais grupos diversos.

**P95:** -conscientes -dispostas -abertas ao conhecimento -com potencial difusor.

**P96:** em geral, público universitário, mas articulamos sempre a presença de indígenas, assentados da reforma agrária, agricultores locais e jovens da comunidade.

**P97:** O público geralmente é composto em sua grande maioria por jovens (universitários) de classe média. Além de pessoas mais velhas, geralmente aposentadas.

**P98:** HETEROGÊNEO, MUITO VARIADO.

**P99:** *de todo un poco, aunque mayormente personas entre 20 y 35 años.*

**P100:** Diverso. Falo do PDC do [removido] por causa de suas particularidades. Por causa do local e formato, temos além dos estudantes universitários, adultos que buscam melhorar a atuação profissional que não conseguiriam realizar um PDC imersivo. Muitas pessoas que querem mudar a atuação profissional também participam. E as vagas sociais, 6 por curso, geralmente são ocupadas por representantes de coletivos na periferia de São Paulo.

**P101:** O público é bem diverso. De jovens a idosos. De estudantes a aposentados. De particular a instituições governamentais.

**P102:** Atualmente recebemos uma gama variada de público, de universitários (grande parte), a pessoas de alta renda, que cumprem o papel de viabilizar a participação de pessoas com menor renda. Contamos com bolsistas e pessoal de valor social, de menor renda e maior engajamento na proposta. Não tenho distinção de preferência de público, a pessoa aberta e interessada é sempre a pessoa certa para ali estar, porém, não me agrada participar de um PDC que exclui interessados pelo poder aquisitivo.

---

## **2.8. Quais metodologias de ensino são utilizadas durante as aulas dos PDCs? Quais são utilizadas mais frequentemente? (Por exemplo, discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmica etc.)**

**P1:** As aulas teóricas são dinâmicas e participativas, onde o conteúdo é apresentado a partir dos temas e realidades trazidos pelos participantes. Trabalho com imagens, apresentação em ppt, flip chart etc.

Costumo ministrar o curso em locais rurais com diversidade de paisagens, o que permite demonstrar na prática o que está sendo falado, através de passeios, coleta de plantas e solo, leitura da paisagem etc.

Aulas práticas tipo mão na massa.

Exercício de design em grupos (coração do curso).

Vivências de Reconexão com a Natureza, que são atividades mais introspectivas.

Discussões em grupo, tipo world café, com apresentação e discussão no grupo maior (uso essa técnica principalmente para levantar com a turma os princípios de funcionamento da Natureza e os princípios de sustentabilidade, de forma a interiorizar os conteúdos e preparar o entendimento dos princípios da Permacultura.)

Vivência prática de autogestão, simulando uma vida comunitária nos dias do curso, com divisão de tarefas cotidianas entre os grupos.

Manifestações artísticas.

Também deixo um horário livre ao final da tarde (não incluído nas 80 horas) para apresentação de projetos e conteúdos dos participantes (oficinas de arte, aula de I Ching, dança, plantas medicinais, projetos sociais etc.).

Antes do início das aulas da manhã, oferecimento de aula de yoga ou outra prática corporal, também fora das 80 horas consideradas para o curso (mas considero que faz parte da Permacultura).

**P2:** Palestra, discussão em grupo, aula de campo, mão-na-massa, vídeo.

**P3:** Todas as metodologias úteis para os diversos modos de aprendizagem, inclusive a prática profissional orientada.

**P4:** As metodologias que utilizamos são muito variadas: aulas expositiva e dialogada, exercícios em grupos, jogos cooperativos, atividades práticas, visitas a espaços permaculturais na cidade e no campo, dinâmicas, vitalizadores, técnicas participativas como Café Mundial e chuva de ideias, experimentação, debates a partir de vídeos, dentre outros.

**P5:** Aulas expositivas, dinâmicas individuais e em grupo, rodas de conversa, aulas em campo, atividades práticas, e o trabalho de design em grupos de 5 pessoas em média.

**P6:** Todas essas citadas nas sugestões de exemplos.

**P7:** Dinâmicas, exposições, práticas, aulas de campo e discussão em grupo.

**P8:** *Nuestra metodología es aprendizaje en la práctica y pedagogía en movimiento.*

**P9:** TODOS OS MOMENTOS FORAM EM CAMPO, VINCULANDO AULA EXPOSITIVA ÀS PRÁTICAS.

**P10:** Nossos PDC atual com aulas teóricas, aulas de campo, rodas de conversa, dinâmicas e principalmente muita prática (mão na massa). Em nosso último PDC tivemos como atividade prática: projeto e montagem de uma composteira, construção de fogão a lenha, montagem de um sistema de captação de água da chuva, produção de shimeji, implantação de uma agrofloresta e construção de um desidratador solar.

**P11:** Procuramos mesclar teoria e prática. Assim, geralmente abrimos o tema com aula expositiva estimulando a discussão em grupo, depois passamos para a prática.

A cada atividade trazemos alguma dinâmica integrativa, de empatia, de escuta ativa....

Nem sempre os locais de realização dos nossos PDCs dispõem de energia elétrica, então fazemos uso de imagens impressas, material bibliográfico, banner, cartilhas etc.

**P12:** Discussões, visitas, práticas, aulas expositivas, apresentação de trabalhos por parte dos participantes.

**P13:** As aulas do PDC foram basicamente expositivas, com frequentes idas a campo.

**P14:** [EM BRANCO].

**P15:** Discussão de grupo (pentágonos), aula expositiva, contação de história (princípios), aula a campo (leitura do paisagem no local do exercício de design), maquete (água na paisagem: modelo de terra), dinâmica para a turma entres em sintonia (palma permacultural), experimento (drenagem em diferentes solos), atividades práticas (os momentos, um com enfoque em produção de alimentos e outro em bioconstrução). São bem variadas e usadas com frequência.

**P16:** Metodologia Participativa e Pesquisa ação.

**P17:** Diversas metodologias, incluindo visitas de campo, tutoria com professores, aulas expositivas, debates, feiras de trocas, saraus etc.

**P18:** Dinâmicas de Grupos, Apresentações em PPT, Vídeos, Atividade Prática.

**P19:** Aula teórico-prática, discussão de tecnologias e experiências.

**P20:** Procuro criar uma equipe multidisciplinar de facilitadores, os quais já trabalho e conheço o trabalho e confio no mesmo.

Costumo fazer um PDC bem equilibrado em carga de aulas expositivas, aulas de campo, práticas mão na massa, dinâmicas de grupo, desenhos aleatórios, chuvas de ideias, roda de conversas, planejamento e projetos em grupo com o acompanhamento dos facilitadores.



Esse tem sido um dos nossos desafios, mas que tem dado bons resultados até agora. Trazer para os PDCs, que via de regra é bem conceitual e expositivo (devido a todos temas que devem ser abordados), todos conceitos da permacultura de forma dinâmica, conceitual e prática, de forma que possa atingir com eficiência todos os participantes.

**P21:** Todas essas: discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmica.

**P22:** Normalmente o conteúdo vai se construindo em grupo, motivando a participação dos integrantes da vivência, sempre tendo um facilitad@r puxando e outr@ apoiando.

Fazemos normalmente 1 dia mais teórico ou com práticas mais suaves de desenho ou outras e um dia mais prático, mão na massa, mais cansativo com caminhadas, leitura de paisagem, alguma prática relacionada a bioconstrução ou manejo de água, filtros, valhas. Assim alternando um mais puxado um mais leve.

**P23:** discussões em grupo são bastante utilizadas, aulas expositivas bastante também, algumas vivências de campo e visitas, também há momentos para atividades práticas, muitas dinâmicas.

**P24:** Discussão em grupo. Aula expositiva. Atividades práticas.

**P25:** Várias delas: dinâmicas de grupo, aulas expositivas, atividades práticas, mutirões etc. Quanto mais alternadas as metodologias, menos cansativo fica o curso.

**P26:** O PENSAMENTO CAÓTICO.

**P27:** *Se trabajan metodologías derivadas del aprendizaje transformativo en acción, con dinámicas grupales que fomenten la inteligencia colectiva. La teoría vista es adaptada a las actividades de campo que se van a realizar. Se promueven los "piensa y escucha" con la intención de reforzar la palabra impecable y la escucha consciente. Las aulas no son clases magistrales sino participativas, la información la construye los estudiantes.*

**P28:** Os exemplos citados (discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmica etc.) e atividades introspectivas, de conexão à natureza e ao grupo, atividades lúdicas, jogos, ...

**P29:** Durante o nosso PDC são utilizadas aulas expositivas, rodas de conversa, dinâmicas em grupo, expressão corporal, apresentação oral, aula de campo (visitas dos locais de design), oficinas práticas e atividades oferecidas pelos participantes nos horários livres.

**P30:** Ao longo desses anos já utilizamos: Aula expositiva, discussões em grupo, dinâmicas em grupo (mais lúdicas ou não), aula de campo, atividade prática...

**P31:** todas, com muita atividade prática, é bem dinâmica, podendo mudar durante o curso.

**P32:** dinâmicas de integração, acolhimento e criação do conhecimento em coletivo, pedagogia do círculo, grande parte prática, mas teórica também nos conhecimentos mais técnicos.

**P33:** Teórico e Prático, baseado em pedagogia da cooperação, pedagogia Paulo freire, pedagogia por projetos e co-aprendizagem.

**P34:** Buscamos utilizar metodologias variadas durante o PDC, mas acredito que a que utilizamos com mais frequência ainda são as aulas expositivas.

**P35:** Aula expositiva, discussão em grupo, trabalho em grupo, aula prática, dinâmicas, divisão de responsabilidades e tarefas, apresentação de filmes ...

**P36:** Aula expositiva, discussão em grupo, debates, aula de campo, atividade prática, dinâmicas e jogos etc.

**P37:** A maior parte das aulas são expositivas, com projeções de imagens, esquemas e ilustrações, textos, vídeos etc. Mas também temos uma carga considerável de aulas em campo, com atividades práticas (cerca de 30% da carga horária total), além de discussões em grupo, dinâmicas e outras formas de interação e ensino-aprendizagem alternativas, como práticas corporais e outras.

**P38:** Buscamos diversificar as metodologias de maneira equilibrada. Devido aos temas que tenho facilitado, em minhas aulas utilizo mais discussão em grupos e aula expositiva dialogada, mas também são presentes exercícios, apresentações em grupo e dinâmicas.

Com relação a todo o grupo e os demais conteúdos que colegas facilitam, estão presentes também as metodologias de aulas de campo, atividades práticas e atividades demonstrativas, sendo as mais frequentes, acredito eu, aula expositiva dialogada, exercícios (teóricos e/ou práticos), discussão em grupo e dinâmicas.

**P39:** Tem um mix de discussão em grupo, aula expositiva, atividade de campo, aula prática, de dinâmica, exatamente isso, não tem uma coisa só, a gente realmente, eu pessoalmente, procuro recorrer isso tudo e sempre que possível menos aula expositiva em sala e eu exploro, eu gosto de explorar o conteúdo conceitual em campo, ir pra campo, explorar um local que já tenha algo feito, nem

que seja a gente afixar umas folhas numa parede dum morro, um flipchart pra complementar com uns desenhos em campo mesmo, para não ficar muito tempo em sala de aula. E, também faço dinâmicas de sensibilização, geralmente no início e no fim das atividades para acolher o grupo, trazer o grupo junto.

**P40:** são oferecidas aulas expositivas, círculos de partilhas de sentimentos e experiências, dinâmicas integrativas, vídeos, confecção em grupo do projeto permacultural, celebrações.

**P41:** Teoria, Dinâmicas e prática.

**P42:** Cada instrutor utiliza a metodologia que considera adequada ao conteúdo pelo qual se responsabilizou. Eu trabalho com rodas dialógicas, pois compreendo que essa é a melhor forma de abordar questões referentes ao "humano". Nesse processo, entro realmente como facilitadora, conduzindo a reflexões sobre conhecimentos que os estudantes já têm. Meu papel é apenas costurar e ampliar percepções, facilitando trocas, em um processo de aprendizado horizontal.

**P43:** em ordem de utilização: aula expositiva, aula prática, dinâmicas de grupo.

**P44:** Trabalho em pequenos grupos Socialização no grande grupo. Aula expositiva (o maior peso no PDC). Aulas de campo. Atividades práticas.

**P45:** Geralmente reconhecimento da região, aula expositiva dos conceitos seguido de práticas, dinâmicas de integração do grupo e projeto de design.

**P46:** aula expositiva, saída de campo, atividades práticas, oficinas mão na massa, dinâmicas lúdicas.

**P47:** Muita aula expositiva ainda, mas a cada edição do PDC conseguimos incorporar mais atividades práticas e dinâmicas mais participativas. Temos alguns espaços reservados para aulas de campo e práticas, mas no geral conduzimos através de aulas expositivas ou discussões em grupo.

**P48:** É buscado que cada conteúdo tenha seu espaço teórico e prático, sendo que alguns ficam somente na teoria devido ao contexto do local de realização do PDC.

As dinâmicas de grupo e reflexão na ação são incentivadas e aprimoradas.

**P49:** Discussões, interação e bastante aula expositiva do conhecimento, dinâmicas entre turnos. Normalmente era meio turno teórico e meio prático.

**P50:** Discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmicas de reconexão, círculos de palavra, práticas de desenho individual e coletiva, videoconferências internacionais em tempo real, miniofícinas práticas de habilidades manuais...

**P51:** discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, visitas inspiradoras, atividade prática (mão-na-massa), dinâmica etc.

**P52:** já respondi acima.

**P53:** Depende do cronograma e tempo definidos pelo grupo mas entendo que o ideal seria o uso de todos esses métodos para cada tema.

**P54:** temos aulas expositivas, mas usamos e buscamos muitas ferramentas pedagógicas diferentes que promovam maior participação e uma diversidade de inteligências sendo despertadas para melhorar a absorção dos conteúdos. então também temos discussões em grupos, aulas de campo, atividades práticas e dinâmicas, mas também:

- Café mundial
- Rodas de conversa
- Jogos cooperativos
- Situações problema no qual os participantes devem encontrar uma solução juntos
- Facilitação de processos de grupo
- Exibição de filmes
- Passeios de conexão com a natureza e celebração
- Fogueiras

e temos muitas outras ideias em fase de gestação...

**P55:** Aulas teóricas e práticas.

**P56:** O curso ministrado pelo IPC apresenta em média as seguintes metodologias: aproximadamente 60% do tempo em aulas expositivas; cerca de 10% do tempo em atividades de grupo e aproximadamente 30% da carga horária em atividades práticas.

**P57:** Maioria das aulas são com aulas expositivas e discussões ou atividades em grupos.

Mas em cada turma desenvolvemos algumas aulas práticas, em especial nos conteúdos de leitura da paisagem, solos, ecologia cultivada, construções.

Realizamos por padrão pelo menos duas saídas de campo: uma visita a um agricultor permacultor que vive de sua produção, e outra à propriedade para o projeto final.

**P58:** Usamos todas as metodologias disponíveis, sala de aula com projetor, dinâmicas, e discussão, e quase todos os conteúdos com aula prática em campo e demonstração do que foi exposto na aula nos sítios que compõe as unidades demonstrativas do IPC.

**P59:** As metodologias mais frequentes têm sido:

- Aula expositiva com muita interação entre todos os participantes.
- Dinâmicas e trabalhos de grupo.
- Aulas práticas e de campo, com atividades em grupo.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Como já relatado em cima:

8-10:30 Aula prática

10:30-12:30 Sala de aula

14:30-17:00 Vivências diversas: dinheiro, desenhos, observação, visitas, entrevistas com vizinhos etc.

Noite: vídeos e atividades organizadas pelo próprio grupo.

Como o curso é de duas semanas, tem um dia livre no meio, onde a maioria das pessoas frequenta a feira livre em Tucano, que é muito grande e típico.

**P62:** Todas estas citadas. Por meio de atividades práticas o conteúdo teórico é apresentado equilibrando sessões de exposições orais\teóricas, demonstrações técnicas, dinâmicas de grupo e trabalho individual. Ao final do curso, os participantes devem realizar um design real para a propriedade, o qual pode ser posteriormente reavaliado e implementado pelos habitantes e visitantes no decorrer do ano.

**P63:** equilibramos muito em questão de tempo, em geral:

50% teoria dividido em exposição teórica (palestras), exercícios teóricos (escrita, desenho, mapas mentais), saída de campo

50% prático: projeto de design, dinâmicas e atividades práticas.

**P64:** Os percentuais são estimados:

discussão em grupo 5%, aula expositiva 20%, aula de campo 30%, atividade prática 40%, dinâmicas, 5%.

**P65:** Conforme respondido acima algumas aulas são expositivas dialogadas. Mas temos muitas práticas, trabalhos de grupos, dinâmicas, jogos.

Também buscamos fazer aulas ao ar livre e conectando com o tema. ex: aula de aquacultura na beira do lago; de princípios dentro da agrofloresta; de energia brincando com vários experimentos na oficina.

Entre os módulos os estudantes realizam estudos/tarefas e utilizamos um ambiente virtual de aprendizagem como apoio.

**P66:** Todas as mencionadas no exemplo da pergunta.

Utiliza-se muito do aprendizado horizontal e construção coletiva do conhecimento, metodologias do Dragon Dreaming para a construção dos projetos. Comunicação não violenta para os momentos de tomada de decisão. Além de várias ferramentas de moderação com uso de tarjetas e sistematização.

**P67:** Devido ao fato de as aulas serem à noite durante a semana, há muita exposição no Datashow. Ao máximo tentamos aproveitar o espaço da casa que nos abriga para algumas vivências no quintal. Aos sábados ocorrem as aulas em campo. No primeiro módulo é o reconhecimento do espaço e da comunidade local através da aula prática de metodologia de design. Depois retornamos pra um dia de mutirão de acordo com as demandas locais. Assim procuramos incentivar o espírito colaborativo e a vontade de realizar uma permacultura que se coloque a "serviço de". Os projetos de design são realizados em grupos com tempo de sala sob orientação dos educadores. Mas incentivamos que os grupos se encontrem em outros horários e façam visitas ao espaço tomado como estudo de caso. A realização de uma pré apresentação dos projetos de design se mostrou eficaz e trouxe um ganho qualitativo aos trabalhos. A perspectiva de que aquele projeto poderá realmente ser útil e posto em prática é algo que motiva bastante os grupos. Na última edição do curso iniciamos a prática de solicitar a cada aluno pelo menos 8 horas de prática permacultural realizada sob tutoria de algum dos educadores. Isso permite que as pessoas já possam ir se envolvendo com as áreas da permacultura que lhes chamam mais atenção e ir elaborando isso de forma singular e autônoma, criando redes etc.

**P68:** Utilizamos métodos de abordagem que valorizam a vida buscamos mesclar a teoria e prática de forma que as informações sejam experiências a nível mental e físico.

Nosso método de diálogo é em roda com base nos ensinamentos de Paulo freire, neste círculo estabelecemos uma relação onde possamos nos olharmos nos olhos e nos conectarmos a um nível cardíaco.

Através de vivências e diálogos vamos adentrando nos dias e nos temas que iremos abordar, o fato de sermos uma equipe que trabalha há anos juntos nos torna um grupo resiliente e complementar.

Oferecemos dados e informações através de apresentações de imagens, leitura de paisagem e diálogos que dão base para o planejamento e design do início ao fim.

Usamos também dinâmicas, mutirões, aulas de campo e aulas expositivas.

**P69:** A teoria sempre precede a prática, então temos uma aula teórica expositiva, depois temos uma aula prática sobre a temática abordada.

Rodas de diálogos, rodas de trabalho em grupo.

e uma visita a um projeto local.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** Círculos de cultura com temas geradores, Aulas expositivas dialogadas, Vivências, Vídeos.

**P72:** Enquanto grupo creio que predominantemente tínhamos um prevailecimento de aulas expositivas com slides ao longo do curso. Desde o primeiro em que atuei busquei fazer as minhas aulas mais dinâmicas e interativas possíveis. Usando atividades lúdicas, jogos e por vezes artísticas para experienciar o tema a ser tocado naquele espaço e também muitas conversas em grupos buscando fazer com que os próprios educandos construíssem seu saber a partir das reflexões e dos elementos que íamos experienciando e/ou a partir de experiências passadas e dos conhecimentos prévios de cada um.

As atividades práticas se restringiam a mais ou menos 3 períodos de 4 horas por curso de 10 dias - não contando com os momentos de design que também têm sua praticidade.

Quase todos os dias havia momentos para que os grupos trabalhassem em seus designs também em grupos.

**P73:** O PDC é majoritariamente teórico, sendo utilizado aulas expositivas, de campo, dinâmicas e discussões para colaborar com o aprendizado. Existem algumas atividades práticas durante o curso.

**P74:** todas elas: exposição com data show e diálogo, atividades em grupos, análise em campo, atividades práticas de construção e plantio.

**P75:** mão na massa, slide shows, brincadeiras e dinâmicas lúdicas, caminhadas.

**P76:** *Diseño Social contiene muchas metodologías participativas, integrativas, de indagación apreciativa y creatividad.*

**P77:** As mais frequentes são aulas expositivas com rodas de conversa, e aulas de campo e prática.

**P78:** Vejo que um bom curso tem um equilíbrio entre as metodologias acima citadas. Buscamos esse equilíbrio. Também gostamos muito do tempo livre na natureza, fogueiras com arte em alguma noite.

**P79:** Mais frequentemente são utilizadas aulas expositivas interativas. Porém, sempre que possível, buscamos metodologias alternativas de aprendizagem. Realizamos diversas atividades em grupo e discussões, por exemplo.

Também temos atividades práticas de introdução a determinadas técnicas simples e replicáveis.

Momentos de autorregulação no meio da grade buscam um aprendizado não teórico das questões humanas que surgem durante o curso.

**P80:** Exercícios escritos, discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmicas.

**P81:** Aulas expositivas, atividades práticas, aula de Campo, dinâmicas em grupo. O desenvolvimento de projeto e atuação prática frente aos desafios do local como atividade participativa é o princípio estrutural dos nossos cursos.

**P82:** Os PDCs organizados pelo [removido] utilizam muitas metodologias, não prevalecendo uma sobre a outra: aulas expositivas, aulas de campo, dinâmicas, discussões em grupo, atividades criativas e, com uma frequência menor, atividades práticas.

**P83:** Por conta do contexto do grupo as atividades práticas são sempre mais solicitadas, dinâmicas são bem-vindas e a discussão de grupo facilita as aulas teóricas.

**P84:** Todas são utilizadas: discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmica etc.

**P85:** As metodologias utilizadas passam por todas as citadas acima. As utilizadas com maior frequência são discussões em grupos e aulas expositivas.

**P86:** Tem de tudo. Tentamos fazer um mix de aulas, atividades em grupo, aula de campo, dinâmicas, atividades práticas. Além de atividades entre os módulos, com indicação de filmes e outros recursos.

**P87:** Discussão em grupo, aula expositiva, aula de campo, atividade prática (mão-na-massa), dinâmica.

**P88:** Aula expositiva, aula de campo, dinâmicas, atividades práticas, trabalho em grupo.

**P89:** Todas - o fluxo do curso depende muito na interesse e anima dos participantes. também local tem impacto forte...um curso em propriedade rural tem oportunidade mais práticas e experiencias externas, um curso em uma universidade por exemplo é bem limitado nesse sentido, e depende mais em apresentações, e discussões em grupos e até pesquisas individuais.

**P90:** Aulas expositivas e dialógicas e prática de campo. Trabalhos em equipe e multidisciplinar. Desenvolvemos também um curso PDC à distância pelo [removido].

**P91:** todas as citadas.

**P92:** Aula expositiva, sala de aula ao ar livre, rodas de conversa, atividades práticas, Open Space, World Café, Fórum, Bastão da fala e muitas dinâmicas, jogos e brincadeiras.

**P93:** Algumas atividades são em grupo, o instrutor problematiza, os grupos discutem e depois há uma socialização com uma síntese feita pelo mediador.

Há uma carga grande de aulas expositivas no PDC.

Como disse em 7/9 dias do PDC existem atividades de campo, como caminhadas, fazer canteiro, composto, plantio de frutíferas etc.

**P94:** o PDC é essencialmente teórico, com muitas aulas expositivas mescladas com dinâmicas e discussões em grupo. Também há momentos de aulas de campo, que complementam algumas aulas teóricas.

As atividades práticas também acontecem, talvez em dois ou três momentos, geralmente de forma circular, com 3 ou 4 atividades diferentes acontecendo ao mesmo tempo e com os alunos circulando entre elas, para vivenciarem um pouco de cada uma.

**P95:** - Educação popular,

- Dança

- Movimento

- Sensibilização por tato, sons e outros sentidos

- Círculo de Cultura

- Saídas de observação, leitura de paisagens...

- Dinâmicas!!!!

**P96:** Aulas expositivas, dinâmicas circulares, mutirões, representações teatrais, rodas, fogueiras com contação de histórias e aulas, visitas técnicas, trilhas eco pedagógicas.

**P97:** Aulas expositivas, aulas em campo, discussão em grupo, visitas guiadas, atividades práticas (mão na massa).

**P98:** TEORICO / PRÁTICA / SENSORIAL / VIVENCIAL.

**P99:** *Muchas metodologías educativas, mas nuestras propias metodologías. Podríamos decir que un PDC nuestro es algo único, diferente, con una metodología de [removido].*

**P100:** Aula expositiva, bastante dinâmica de grupos e atividade prática (mão na massa).

**P101:** Exposição teórica acompanhada de alguma prática para cada tema.

**P102:** Aula expositiva e aula em campo no caso das práticas. Tento me utilizar de histórias ilustrativas e mais recentemente de práticas sociais, com prática em tomada de decisões por exemplo.

---

## 2.10. Qual(is) dos formatos de PDC você prefere? Por quê?

**P1:** Imersão, porque o entrosamento do grupo potencializa o aprendizado e gera uma massa crítica mais consistente para promover mudanças na vida de cada um e na coletividade.

Mas também considero interessantes os modular presencial, por permitir que outros tipos de público participem. Nem todos tem como ficar em imersão por 11 dias.

Já os mistos entre presencial e à distância, até penso em oferecer um curso assim, pela vantagem de aulas virtuais poderem ser consultadas sempre que se tem uma dúvida, mas considero que a parte presencial precisa cobrir todo o conteúdo e ter no mínimo as 72 horas de praxe.

**P2:** Prefiro todo mundo ficando junto ou pelo menos perto porque acho a parte de viver em comunidade muito importante pra o desenvolvimento de um mundo mais sustentável e alegre.

**P3:** Imersão prática intensiva e contínua com seguimento modular orientado. É mais efetiva na formação de bons designers e resulta em menos aventureiros.

**P4:** Modular presencial com exercícios e reflexões à distância entre os módulos. Este formato permite que os participantes vivenciem uma imersão de dois a quatro dias e também tenham tempo para aprofundamento e reflexões no dia a dia. Dá tempo de internalizar, de dialogar, de integrar a permacultura na vida.

Imersão - dá oportunidade das pessoas vivenciarem o dia a dia de um espaço permacultural e de conviverem mais.

**P5:** Qualquer modelo que seja presencial.

**P6:** Gosto das imersões porque tenho essa possibilidade. Mas acho ótimo que existam formatos variados porque mais pessoas são incluídas.

**P7:** Imersão, pois possibilita interação integral entre os participantes e instrutores, o que complementa a carga horária de forma substancial.

**P8:** [EM BRANCO].

**P9:** IMERSÃO.

**P10:** Prefiro imersão pois acredito na importância da convivência, da troca de saberes diários, da mudança de hábitos, a permissão para viver durante 10 dias a permacultura na vida diária. Para mim faz toda a diferença.

**P11:** Prefiro este que estamos oferecendo, pois, a vivência em si traz algo muito profundo e transformador para o grupo todo.

**P12:** Só participei em imersões, tanto como participante quanto como facilitadora.

**P13:** Certamente a imersão é a melhor forma. O PDC que participei como aluna foi em três módulos presenciais, e percebi que o debate havia "esfriado" entre um módulo e outro. O de imersão permite que as pessoas convivam não apenas nas aulas, e o contato nestes momentos de socialização são muito importantes pois todos falam, se colocam, o que nem sempre acontece durante as aulas expositivas - porque as pessoas têm vergonha, por exemplo.

**P14:** Disciplina ou especialização/ Modular presencial.

**P15:** Imersão.

**P16:** Imersão.

**P17:** Modular presencial e à distância.

**P18:** Imersivo. Por ser uma vivência continuada, promovendo mais integração entre os participantes.

**P19:** IMERSÃO.

**P20:** Imersivo! Acredito que o PDC é como uma cirurgia, então devemos ficar "internados" em retiro, longe de "contaminação" externa. Assim que a cirurgia termina, os participantes voltam para suas rotinas e vidas, carregados e envoltos naquilo que foi trabalhado durante dias.

**P21:** Modular presencial, pois promove um aprendizado contínuo e gradual dos temas apresentados, integra os participantes para uma maior sintonia do grupo formado e gera oportunidade para se envolver em projetos permaculturais durante o curso.

**P22:** Imersão acho q a convivência integral facilita a compressão e envolvimento d@s participantes. Uma oportunidade pra propor praticamente algumas mudanças nos hábitos (paradigmas).

**P23:** O formato de imersão é o que eu acho mais interessante, seria o formato ideal a meu ver, pois considero de caráter transformador abrir um espaço significativo no tempo habitual da vida para mergulhar numa nova proposta de estar no mundo. Também vejo bastante vantagens no formato modular presencial, pois permite o acesso de outros públicos, de pessoas que tem um ritmo de trabalho que não permite tirar vários dias pra fazer um curso. Agora, PDC on-line, realmente me parece muito limitado, pois se perde a dimensão social da vivência, da convivência, do ritmo, das relações, esse conhecimento que é construído junto, pela interação das pessoas, pelas trocas, pelos encontros e não

apenas pela clássica relação professor aluno, educador e educando QUE JÁ CARREGA EM SI UM ASPECTO DE DISTÂNCIA E DE PODER, IMAGINA ISSO MEDIADO PELA PRESENÇA DE UMA MAQUINA, ME PARECE DE MUITA FRIEZA, ME PARECE PERDEMOS AÍ ASPECTOS HUMANOS. É ESSA VIVÊNCIA HUMANA QUE TRAZ A PERMACULTURA PARA O NÍVEL DE UMA FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL., É QUANDO NOS CONECTAMOS COM UM GRUPO DE PESSOAS AFINS, COM UMA REDE DE APOIO, QUE ESSES PROPOSITOS COLETIVOS DE MUDANÇA SÃO REANIMADOS E SE FORTALECEM.

**P24:** Imersão. Acredito que sensibiliza mais. Porém, também, gosto de modulares presenciais, pois flexibiliza e acessibiliza para quem tem outros compromissos e não dispõem de muitos dias para a imersão.

**P25:** Acredito que cada um tem sua vantagem, e devemos alternar entre os formatos, pois ainda que o imersivo seja o mais interessante, por promove uma vivência profunda, ele não é acessível a parcela da população que possui emprego fixo e ou afazeres cotidianos.

Dessa forma, acho que todos são válidos e o importante é se adequar a realidade do público ou comunidade que queremos trabalhar.

**P26:** O QUE PRIMEIRO FAZ COM QUE O ETHOS SE FORME E SÓ DEPOIS PODEMOS PENSAR JUNTOS O DESIGN.

**P27:** *inmersión, porque la sustentabilidad no es un contenido, es un estilo de vida.*

**P28:** Imersivo, modular ou não. Integrado a outros estudos, como forma de valorizar a generalização.

**P29:** Um curso de imersão faz com que os paradigmas sejam quebrados levando à reflexão todo o modelo de consumo e de vida que nos é imposto desde o nascimento. Assim, acredito que essa ruptura impulse a vontade de transformação social e ambiental, a partir da busca teórica ou de ações práticas na permacultura.

**P30:** Gosto de cursos em formato de imersão...eles permitem uma maior vivência, principalmente dos princípios éticos envolvidos na permacultura. Além disso, aprendemos muito sobre resolução de conflitos ao longo dos dias, nos faz permanecer com os pés no chão e encarar as dificuldades do dia a dia.

**P31:** Imersão. Realmente sentir a permacultura.

**P32:** Eu particularmente gosto da imersão, vejo com bons olhos adaptar para finais de semana para viabilizar que as pessoas participem, mas enquanto formação me parece que de forma integrada e continua tenha um impacto maior.

**P33:** [EM BRANCO].

**P34:** Nunca participei de um formato que não fosse o da imersão. Assim que não saberia comparar com assertividade. Mas tenho a sensação que este modelo de curso ainda é o mais efetivo na transformação das pessoas. O nível de envolvimento gerado através da convivência diária, do distanciamento da rotina externa, das trocas para além da sala de aula, são de fundamental importância na formação do ser.

**P35:** O formato de imersão é de extrema importância para criar o ambiente de confiança necessária para o aprofundamento do tema.

**P36:** Apesar de ter feito minha formação num PDC em módulos, prefiro o de imersão, pois parece que é mais impactante na vida das pessoas.

**P37:** Acho que o curso ser presencial é essencial, sempre que isso for possível, uma vez que as trocas pessoais, de experiências, vivências, o contato físico, afetivo, e a participação ativa nos processos de ensino-aprendizagem coletivos são de grande importância para a construção coletiva desses saberes; além disso, a mudança de perspectivas e de paradigmas proposta pela formação, é muito potencializada nesse contato direto com outras pessoas que já passaram pelo processo de (trans)formação.

**P38:** Acredito que o formato ideal varie de acordo com o contexto. Pensando em alguns públicos que se pretenda atingir, o formato em módulos seria ideal para garantir sua participação. Além de possibilitar flexibilidade na organização e disponibilidade das/os facilitadoras/es, tempo para uma avaliação mais detalhada, propostas didáticas diferenciadas (como tarefas a se concluir entre as aulas presenciais) e outras vantagens.

Mas de modo geral prefiro a imersão por facilitar que se criem vínculos entre participantes, facilita a continuidade do exercício de design, estabelece relações entre os temas com mais facilidade com vínculos mais recentes na memória e mantém um ritmo de trabalho contínuo. Contudo também traz como desafios a necessidade do cuidado com a energia, sobretudo de quem participa, a qual é muito

consumida continuamente, além do cuidado maior com as relações humanas que são intensificadas e com o exercício do resgate da memória, que também é continuamente exigida.

**P39:** É difícil dizer entre Imersão e Modular Presencial, porque são características muito diferentes, mas pessoalmente, acho que o curso de Imersão é muito poderoso, acho que as pessoas realmente se empoderam daquele conteúdo todo, tem a oportunidade de vivenciar 10 dias discutindo aqueles temas, discutindo com outros alunos, com os professores, aproveitando, vivenciando, fazendo práticas, acho que ele é muito transformador. Ele é mais transformador que o [modular] presencial e o à distância, com certeza, é mais um curso sensibilizador. Eu não vejo um PDC à q como uma alternativa, realmente. Pra mim, ele está fora de escopo.

**P40:** imersivo... 10 dias de curso mergulhando no tema.

**P41:** Imersão, por ter toda a questão de vivência e favorecer muito na troca de saberes e experiências.

**P42:** Presencial, seja por imersão ou disciplina. Permacultura é fundada em princípios que estão relacionados a relações entre seres humanos e natureza. O contato com a terra, a visualização e aplicação das técnicas, troca entre participantes é a base para a compreensão dos conteúdos abordados. Seguindo essa linha de raciocínio, se não ocorrer de forma presencial, não tem lógica fazer um PDC, já que a literatura disponível fora do PDC é suficiente para compreender os conteúdos. Quando fiz meu PDC, estive com vários outros participantes que nunca haviam feito uma horta, não conheciam plantas. Sem a participação presencial, essas pessoas não teriam essa experiência, fundamental para a permacultura, já que falamos de um design de destinado ao espaço compreendido como rural.

**P43:** imersão. melhor costura porem dificulta a participação.

**P44:** Imersão permite uma maior integração da população interveniente, inclusive os facilitadores. Na imersão a dinâmica de grupos se enriquece. A modalidade modular presencial é necessária quando o PDC é proposto a grupos de trabalhadores, empregados, sejam rurais, urbanos ou agricultores.

**P45:** Imersão, pois permite uma vivência intensa de prática dos conceitos apresentados.

**P46:** Imersão total.

**P47:** Gosto muito do formato de imersão, parece que desta forma ganha-se uma nova dimensão que emerge da convivência e integração que acredito ser fundamental para o entendimento da Permacultura. Esta dimensão humana se potencializa muito nos cursos imersivos e me parece ser um tópico de vital importância para a sustentabilidade de projetos no geral. Por outro lado, nos cursos extensivos temos a possibilidade de digerir com muito mais tranquilidade os assuntos abordados e conseguimos mais participantes por conta de disponibilidade no contexto urbano.

**P48:** Imersão - Dias seguidos e com todas as pessoas participantes convivendo integralmente no mesmo espaço

Porque o impacto na revolução pessoal de cada um é claramente mais forte, profundo e rápido.

**P49:** Acho o imersivo mais agregador e propõe o senso de comunidade, aproxima os laços. Mas não julgo que outras formas podem dar certo, mas é essencial as práticas.

**P50:** Imersão, porem incentivo, concordo e compreendo todas as possíveis formas outras de transmitir o conhecimento. sinto a imersão como uma oportunidade de vivenciar um processo de continuidade: apresentar ferramentas, vivenciá-las de maneira básica e sair com um produto (desenho permacultural) desta imersão, para futuro aprofundamento em estudos e vivências práticas.

**P51:** Imersão. A vivência prática a integração entre os participantes durante a formação sensibiliza profundamente os participantes, além da possibilidade da maior troca de informações entre os próprios participantes e os momentos informais com os professores.

**P52:** imersivo com responsabilização de todos, das tarefas de manutenção do espaço.

**P53:** Imersão ou especialização.

**P54:** Imersivo. Maior conexão entre participantes e dos participantes com os facilitadores, maior absorção dos conteúdos a partir da vivência na prática (seja do uso do banheiro seco ao convívio social).

**P55:** Imersão.

**P56:** Conforme nossa experiência nos PDCs ministrados pelo IPC, os cursos modulares presenciais apresentam uma melhor taxa de aproveitamento, haja vista que os participantes têm mais tempo para assimilar as informações e aprofundar alguns conhecimentos entre os módulos.

**P57:** Presencial Imersão ou modular. E Presencial em Disciplina.



Não acredito na eficácia do EaD que depende unicamente da vontade do participante podendo ser facilmente deturpado, o que complica para uma certificação (temos um artigo a respeito de nossa experiência com essa metodologia, podemos te passar depois), e por isso prefiro sempre os módulos presenciais.

Já dentre os formatos presenciais, prefiro a imersão, mas acredito que 72h é muito pouco tempo para se trabalhar todos os conteúdos que considero mínimos para formar um permacultor.

Acredito muito que o tempo de curso mínimo para um PDC deveria ser pelo menos 100h.

**P58:** Acho que Imersão pelo fato do contato mais profundo e "viver" junto com as pessoas por esse tempo é muito transformador. Mas o modular tem uma vantagem pois conseguimos atingir um público maior que não teria condições de uma imersão de 10 dias, e tem a vantagem de 1 semana de leitura e compreensão dos conteúdo antes das próximas aulas.

**P59:** Modular presencial. Pois é mais condizente com as rotinas de trabalhadores assalariados e empresários, permitindo acesso do PDC a um público que não tem sido contemplado nos PDCs contínuos de imersão. Ressalte-se que nos PDCs modulares oferecidos pelo IPC, temos sempre feito um primeiro módulo mais longo, entre 3 e 4 dias, por vezes em imersão, onde temos conseguido formar aquela liga inicial que integra todos os participantes do Curso. Os PDCs modulares também oferecem maior oportunidade para os participantes assimilarem e se aprofundarem no conteúdo do Curso.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Só presencial, de preferência imersão!

**P62:** Imersão, especialmente pela riqueza nas relações e troca de saberes. A imersão proporciona a vivência do conteúdo mais importante do PDC - o design social.

**P63:** períodos imersivos me têm dado a impressão de tocarem mais as pessoas. Mas já realizei um PDC urbano (o primeiro e único que soube) em Curitiba, onde os participantes voltavam para casa à noite... não acontece tanto a integração entre os participantes também..

**P64:** Imersão - Dias seguidos e com todas as pessoas participantes convivendo integralmente no mesmo espaço. Porque permite a formação de uma egrégora que facilita a realização do trabalho. Além disso trabalham-se muitas questões simultaneamente, como o compartilhamento de áreas comuns, divisão de tarefas para manutenção do espaço, solidariedade com todos, organização para cumprimento dos horários etc.

**P65:** Modular por ter oportunidade de aprofundar estudos e referências online. Ter tempo para "respirar" e acomodar aprendizagens.

**P66:** Imersão. Porque é mais intenso e proporciona maior profundidade nas relações entre as pessoas e o espaço.

**P67:** Vejo muitos desafios mas muitas potências também no formato modular. O que mais gosto é de ver a transformação do aluno no aqui e agora. A pessoa volta para casa todos os dias refletindo sobre o que aprende no curso e muda suas práticas imediatamente. De minha própria experiência como aluno no formato imersivo. Me lembro de, ao terminar o PDC, sentir que "acordava de um sonho" e não sabia como encaixar tudo aquilo na minha vida cotidiana.

**P68:** Imersão é o que sempre escolho. Este formato cria vínculos e torna o grupo mais sensível as mudanças que um curso tão intenso causa, além do fato de criar uma comunidade temporária. Mas estou bem a fim de dar um PDC modular presencial.

**P69:** Prefiro o Modular semipresencial. Porque ele dá tempo para aprofundar os estudos, e a teoria em um sistema online, é mais focada e a pessoa pode rever e ampliar a pesquisa. O encontro prático ajuda a integrar e desenvolver a inteligência prática e emocional.

**P70:** Estamos para testar um formato de ter todas aulas teóricas em vídeo e 10 dias de aulas práticas. Já fizemos pequenos testes com grupos pequenos. Para mim se mostra um formato promissor.

**P71:** Imersão, dada a possibilidade de uma vivência mais plena e integra por parte do cursista.

**P72:** Eu sempre gostei da imersão pois isso traz uma maior profundidade e intensidade do saber a ser compartilhado nesse curso.

Hoje, porém, tenho visto que um ritmo traz um processo de aprendizagem que pode ser mais efetivo e prático na incorporação desse saber no dia a dia dos educandos. Portanto, ultimamente tenho gostado de cursos (para além de PDCs) que têm módulos imersivos ao longo de um ano ou mais com atividades intermodulares.

**P73:** Acredito que cada formato tem a sua vantagem. Os cursos imersivos possuem a vantagem da vivência comunitária e o estabelecimento de conexões mais profundas entre os participantes e a equipe organizadora.

Os PDCs modulares são muito úteis em cidades grandes como São Paulo pois permite que as pessoas participem e aprendam sobre permacultura sem lesar o cotidiano profissional ou estudantil.

**P74:** só fiz imersão, acho bom pra adentrar o universo.

**P75:** [EM BRANCO].

**P76:** *Inmersión, se crea comunidad, se vivencia la experiencia y el conocimiento.*

**P77:** Imersão, é o único do qual participei, porém acho que os demais são muito interessantes por serem mais acessíveis.

**P78:** Imersão de 10 dias com presença integral. Prefiro pois uma imersão desse tipo é uma experiencia transformadora pra quem participa.

**P79:** Apesar de somente ter experiência com o formato de imersão, acredito que este possibilita uma maior vivência do princípio ético do cuidado com as pessoas. A imersão possibilita a prática de ferramentas sociais como os mutirões, a auto-organização entre outras. Além disso, em um ambiente de imersão, emergem relações interpessoais ricas para serem abordadas de forma conectada com aspectos teóricos. Resolução de conflitos, tomadas de decisão e a emocionalidade são temas que aparecem na imersão. Os facilitadores podem, também, criar um ambiente que facilite a criação de vínculo entre os participantes, possibilitando a formação uma rede de permacultores(as).

**P80:** PDC deve ser presencial e preferencialmente imersão integral. Pois considero que uma das partes mais ricas para o aprendizado seja a troca de experiências e a vivência com as outras pessoas

**P81:** Imersão é sempre mais interessante, mas nem sempre é prático, ou mesmo acessível. Módulos de final de semana permitem que o curso seja vivenciado por um número maior de pessoas.

**P82:** Acredito que a imersão ajude as pessoas a se concentrarem no aprendizado, pois são muitas aulas e conteúdos e que os alunos precisam assimilar.

**P83:** Acho que o modelo imersão tem melhores resultados, o grupo fica concentrado e consegue obter mais foco.

**P84:** Imersão. Pois temos uma maior interação com os participantes e facilitadores.

**P85:** Prefiro o formato Imersão por possibilitar uma vivência mais focada e também por possibilitar uma troca de experiências mais intensa e muito enriquecedora entre os participantes, que na maioria das vezes cria um clima familiar fortalecedor no grupo.

**P86:** Estamos gostando muito do nosso formato atual de módulos presenciais em fins de semana alternados. Dá tempo para a digestão das informações, permite a mais pessoas fazerem o curso, e permite também atividades complementares.

Gosto da imersão direta, mas é bastante cansativa.

**P87:** Prefiro presencial, pois a interação com os alunos é diferenciada e enriquecedora.

**P88:** Imersão experiencia de viver em grupo.

**P89:** Imersão - o impacto nos participantes é mais profundo, tem oportunidade desenvolver e pratica as questões sociais. Participantes frequentemente formam grupos, amizades e projetos quais continuaram bem depois o curso.

**P90:** [EM BRANCO].

**P91:** imersão. mais profundo, coeso, aproxima os participantes, mais discussão, melhor entendimento sobre o processo de amorosidade, compreensão, aceitação para mudança.

**P92:** Prefiro vivências imersivas por diversos motivos:

. criam espaços de aprendizagem mais ricos

. As relações sociais são aprofundadas

. Fomentam redes

. Criam um espaço de distanciamento dos padrões do cotidiano que permite a absorção de novos padrões

. Entre outros

Porém, o conteúdo do PDC é muito denso para uma única imersão de 9 dias ou mais, e muito conteúdo deixa de ser absorvido, o que é normal. As metodologias de aula influenciam muito no cansaço comum deste percurso, principalmente pelo excesso de aulas expositivas que exige pouco dos estudantes.

Ainda não experimentei mas desejo oferecer um PDC dividido em módulos imersivos.

Também tenho simpatia por PDCs dados dentro de comunidades em que as aulas podem ser pausadas por trabalhos de campo em coletivo e a extensão ser maior.

**P93:** O de imersão tem uma "mágica" interessante, permite um retirar-se do cotidiano para repensar mesmo a vida, e as possibilidades.

**P94:** Só participei do tipo imersão, mas tenho a impressão de que é a melhor forma, pois propicia tempo e ambiente favorável às pessoas exercitarem princípios, apreenderem conteúdo, gerarem questionamentos e debatê-los e claro, conviverem, exercitando relações humanas e aprendendo com elas.

**P95:** Imersão. É insubstituível, vivências, aprendizagens e a conexão real.

**P96:** Imersão, devido ao aprofundamento e da conexão entre educadores e educandos.

**P97:** Particularmente prefiro a imersão pelo convívio social constante, onde há grandes trocas de experiências. Mas reconheço o valor do formato de módulos de final de semana pois proporciona a oportunidade para quem não dispõe de muitos dias para a imersão.

**P98:** PRESENCIAL DE IMERSÃO. DEVE SER ASSIM, DE OUTRA FORMA NÃO SE CUMPRE O MAIS IMPORTANTE QUESITO, VIVER A PERMACULTURA.

**P99:** *Los formatos presenciales para mí son los mejores, y mucho mejor son los que buscan extender procesos y no se quedan solo con el PDC nada más.*

**P100:** Imersão. O objetivo (que não coloquei acima) e ver pessoas atuando com os princípios e a metodologia da permacultura. Estar imerso permite um envolvimento focado e de afeto com o tema, e isso favorece que a pessoas "vista a camisa". Além do mais as trocas entre participantes e vivências acabam fortalecendo o conteúdo que está sendo passado.

**P101:** Percebi que o modular presencial permite que os participantes se aprofundem no assunto entre um módulo e outro. Sempre o retorno vem preenchido de novas pesquisas sobre os diversos assuntos. Assim, há tempo de amadurecer e compreender melhor os conteúdos. Os demais eu não posso opinar.

**P102:** Imersão. A imersão produz o efeito vivencial que julgo ser um dos principais pontos fortes do PDC. É criada uma egrégora de transformação, onde nos sentimos partes de um movimento maior amparado por um coletivo. Este efeito de realidade muitas vezes dá a energia necessária pela continuidade da permacultura na vida dos participantes.

---

## **2.11. Você tem alguma crítica/sugestão para o currículo (carga horária, conteúdos, metodologias de ensino, bases teóricas etc.) e outras questões acima levantadas sobre os PDCs?**

**P1:** Acho importante o surgimento de cursos teóricos que abrangem o conteúdo de um PDC, mas não acho que esse formato deva ser chamado de PDC, se pretendemos manter o PDC como a formação mínima de um permacultor. A parte prática e o exercício de planejamento tendo como base uma área real conhecida são elementos essenciais para essa formação.

**P2:** Acho importante cuidar pra não dar muita palestra e procurar como integrar e mobilizar as participantes mais.

**P3:** PDC integral intensivo com estágio programado de até dois anos.

**P4:** Apesar de gostar do formato de imersão, considero que são muitos conteúdos e convites à transformação nas mais diversas dimensões da vida de uma vez só. Já vi pessoas que saíram de uma imersão sem saber bem o que fazer depois, na rotina do dia a dia.

**P5:** [EM BRANCO].

**P6:** Acho legal que um PDC possa aportar alternativas para pessoas que estão na cidade e não tem uma área própria para fazerem seus manejos e experimentos. Que os espaços de transformação possam acontecer nos lugares em que elas vivam, independente da escala.

**P7:** Toda edição de nossos PDCs é discutida antes de serem ofertadas, com intuito de sempre testar novas formas de compartilhamento do conhecimento. Nossa estrutura mais comum de PDC precisa se adequar a rotina da UFSC.

**P8:** [EM BRANCO].

**P9:** EQUILIBRAR OS TEMAS DE TODAS AS PÉTALAS DA PERMACULTURA. O QUE TENHO VISTO É UMA ÊNFASE EM BIOCONSTRUÇÃO, O QUE CAUSA CERTA CONFUSÃO NAS PESSOAS LEIGAS. A PÉTALA DO CUIDADO COM AS PESSOAS (SERES VIVOS), A MEU VER, É A MAIS NEGLIGENCIADA E, QUIÇÁ, A MAIS IMPORTANTE.

**P10:** Não gosto muito dos cursos sobre Permacultura ministrados pela internet, pois impossibilitam a troca e o fazer junto, porém são um começo uma abertura para que muitas pessoas cheguem a permacultura.

Também acho muito importante ter mais atividades práticas pois com o advento da internet tudo conhecimento dos livros e teorias podem ser acessados. Com as práticas o participante se sente mais empenhado e capaz de agir ao retornar para o seu dia a dia.

10 dias muitas vezes é pouco, por isso é impossível aprofundar todos os temas, mas sim plantar a semente para que o participante siga em seus estudos e práticas buscando mais conhecimentos e ações sobre os temas.

Aprofundar temas com foco a realidade do país que se vive também é bem interessante.

**P11:** [EM BRANCO].

**P12:** Não.

**P13:** Não me ocorre agora!

Mas acho que o PDC de imersão é muito bom para iniciar a pessoa no assunto. Junto com esta imersão acredito que é essencial um momento complementar, quando este aluno irá vivenciar por um tempo - um mês, seis, quanto for possível - uma estação de permacultura, para entender na prática o que é o design efetivamente.

**P14:** Ainda não sei responder.

**P15:** Não.

**P16:** Não.

**P17:** Não.

**P18:** Acho 72 horas pouco para atender todos os conteúdos abordados.

Devido ao conteúdo exigido, sobra pouco tempo para atividades práticas (mão na massa).

**P19:** Minha experiência nos PDCs é a necessidade de mais conteúdo e mais práticas, na verdade o PDC é uma introdução a PERMACULTURA, não é uma formação completa. ela abre o olhar! apresenta um leque de possibilidades...

**P20:** O currículo base de PDC é muito bom e completo.

Minha crítica seria para pessoas que não estão empoderadas suficientemente para facilitar cursos como esse, e mesmos assim o fazem. Seria mesmo uma questão de ética e bom senso do ser humano.

**P21:** Tentamos adaptar o currículo com base na realidade local, inserindo práticas como radiestesia e geobiologia no Design de espaços e tecnologias e saberes de povos tradicionais.

**P22:** Penso q o conteúdo é muito extenso para 72 horas, se quer seguir o q o livro manda seria um curso chato onde tem um professor\va na frente das pessoas falando o tempo inteiro. Penso q isso as vezes complica a compreensão pois a maioria das pessoas são leigas em quase todo o que o conteúdo oferece. Penso q os princípios e bases passados de forma didática já abre a porta pra q a pessoa q quer estudar mais tenha a autonomia de aprofundar nos temas q quiser.

**P23:** Seria interessante aprofundar o olhar pra essa relação ser humano e natureza, pois partimos de um contexto de separação, de sobreposição do homem à Terra, até os termos comumente usados por aí : a fauna, a flora, o meio ambiente, os recursos naturais, são termos que partem de uma relação de separação, da natureza como algo fora de nós, é isso o que está dado, é daí que partimos, por isso é muito importante uma constante reflexão e aprofundamento nesse lugar, tendo em vista que o que a gente não reflete, a gente com certeza reproduz. Então vale aprofundar nisso, envolve uma transformação de paradigmas, uma busca por integrar na vida esses aspectos, se trata realmente de integrar em vez de segregar e nesse mesmo tema de integração ao dos elos rompidos, acho de fundamental importância, cultivar um olhar mais feminino dentro do curso, seja através de espaços de dialogo desse tema, que eu acho fundamental, que possamos conversar sobre isso, sobre uma igualdade que não está dada, que precisa ser construída juntos, olhada juntos sempre, durante o curso e nas preparações do curso, para uma ampliação da consciência desses aspectos que residem nas pequenas coisas. Muitas vezes essa distância se manifesta no grau de valor que se dá para cada coisa!

Como por exemplo, as refeições que podem ser consideradas apenas o intervalo entre as aulas... seria muito legal trazer isso também para uma vivência, preparar uma alimento juntos, pode ser um alimento rápido, uma salada, algo que integre uma prática de plantio, de colheita, de relação, viver essas relações com cada vez mais profundidade e integração, esse aspecto feminino é isso também, é essa instância que acolhe, que integra, que recebe e não apenas propões e dirige entende, que escuta e não apenas fala, Não que não haja uma busca por um equilíbrio desses aspectos, sim é muito lindo como já é feito, mas vale olhar sempre pra isso, rever sempre tudo isso, aprofundar.. Nesse

sentido eu acho o PDC muito masculino ainda, assim como o contexto social maior e em relação a este, sim, está muito à frente, mas nas microrrelações entre as pessoas, da gente com a gente mesmo, do corpo com a mente, das pessoas com a Terra, dos homens e das mulheres.... há muito o que se refletir!

Me incluo nisso tudo, claro, e as vezes acho que a gente tem medo de perder o controle um pouco, talvez, rrr, pois quando a gente coloca num mesmo patamar, ouvir e falar, sentir e fazer, viver e pensar, ser humano e natureza, feminino e masculino, acolher e dirigir, propor e receber! Envolve abrir mão de tantas coisas que estamos acostumados, envolve uma transformação interna tão profunda, é mesmo aterrador, ao passo que é também o que nos move a estar aqui. Esses meandros, essas preparações e transições é o que conecta tudo, é o enlace, é o que faz assentar pro corpo as informações todas que foram dadas, é muito importante buscar um equilíbrio entre essas coisas, entre esse feminino e masculino dentro do grupo como um todo.

**P24:** No CPDP; trouxemos elementos autóctones para o conteúdo do curso (facilitadores caiçaras, indígenas e quilombolas).

**P25:** Acho que o fundamental é falar a língua das pessoas, partir dos temas geradores locais, entender as dinâmicas de cada público e comunidade específico onde vamos atuar e, aí, apresentar propostas e conhecimentos que dialoguem com isso. É importante partir da realidade concreta e ser flexível.

Acho que o currículo também precise se flexibilizar no sentido de incorporar o máximo possível de demandas e saberes locais, ainda que um ou outro tópico 'clássico' tenha que ficar de fora, por não fazer sentido em determinado espaço.

**P26:** NÃO.

**P27:** *Es un curso introductorio, no debe tratar de abarcar más de lo que la gente pueda soportar en tan poco tiempo.*

**P28:** Ainda muito focado no aspecto técnico, teórico-prático, muitas vezes apresentando "soluções ideais" que não consideram a diversidade do ecossistema ou das culturas.

Pouco (quase nenhum) foco nos aspectos de sociais, de governança, comunicação, ...

**P29:** Somente em relação a distância que ainda há da permacultura com as populações de baixa renda, pois muitas das estratégias mencionadas na literatura satisfazem as necessidades de grandes áreas de terra e recursos.

**P30:** Às vezes sinto que a carga horária do PDC é muito extensa. Muita informação em pouco tempo, mas não acho que um maior número de dias resolveria o problema, pois para muitas pessoas isso tornaria a participação inviável e então não condiziria com o que vejo como objetivo da deste curso. Talvez uma enxugada no conteúdo seja benéfica e o curso seja menos corrido.

**P31:** não.

**P32:** Não, agradeço pois vejo que é uma das metodologias que nos ajudam nessa transição planetária iminente.

**P33:** [EM BRANCO].

**P34:** A imersão, apesar de ser um espaço dos mais ricos de um PDC, diminui bastante a possibilidade de participação de muita gente. Particpei do curso do Germinar, que era dividido em módulos imersivos de 4 dias, separados por um intervalo de 2 meses cada modulo. Acho que poderíamos pensar em um currículo neste formato, que desse espaço a mais discussão em grupo, dinâmicas e práticas que atualmente, no currículo original do PDC, não encontram espaço por um cronograma apertado.

**P35:** Acho que o nosso exemplo deve ser seguido e o conteúdo dos PDCs devem ser adaptados a nossa realidade.

**P36:** Acredito que seria importante uma maior separação entre os conteúdos e práticas do PDC de atividades místicas/religiosos/dogmáticas/bicho grilo que existem em alguns PDCs por aí.

Também acho que PDC não tem que ser penoso e sofrido, e que tem que haver um mínimo de condições de estrutura física para que o aluno se sinta confortável e possa absorver melhor os conteúdos.

**P37:** Sim. Creio que a única crítica importante que eu faria é justamente relacionada ao fato de que o currículo, no mais das vezes, está em quase total dependência da experiência dos educadores envolvidos. Tanto no sentido da experiência pessoal adquirida como permacultor, quanto em seu conhecimento teórico e sua formação de base; e o mais importante ainda, a meu ver, em sua própria experiência didático-pedagógica como educador e mais ainda como educando quando de sua formação em permacultura. Ou seja, muito do que os educadores passam adiante foi basicamente o

que aprenderam em sua própria formação. Os PDCs em geral têm, claramente, uma "cara" específica em cada lugar ou centro de permacultura; alguns têm por foco as técnicas construtivas, outros a filosofia (às vezes de um modo até por demais esotérico), outros o engajamento social e político. É muito raro um PDC que consiga dar conta de toda a formação e olhar amplo e profundo proposto pela permacultura. Por isso acho que este é um ponto em que devemos insistir. Chegar a um currículo que permita ao educando compreender o olhar sistêmico da permacultura (com seus princípios éticos e engajamento político e social), porém que ao mesmo tempo dê conta da aplicação efetiva dos princípios de design.

**P38:** Acredito que o PDC já abarque em si uma amplitude grande que serve como um impulso inicial em termos de conteúdos, o que também justifica a carga horária alta (que se demonstra muitas vezes até insuficiente e precisa ser tratada pelo grupo organizador). Penso que mais conteúdos políticos, históricos e filosóficos são necessários para uma transformação social verdadeira e que apenas uma introdução sobre ética, reflexão sobre os princípios e discussões e apresentações acerca de relações humanas e econômicas não dão conta de criar um sentido sobre um posicionamento mais claro entre os/as participantes entre eles/elas, nosso modelo de sociedade atual e qual modelo almejam.

Também seriam muito bem-vindos espaços (talvez abertos) que tratem mais sobre questões da "zona-1", pois as limitações do PDC não dão conta de uma formação para que as pessoas tenham mais condições de cuidarem de si mesmas, para que estejam em equilíbrio interno e possam olhar para as outras zonas. Conteúdos como alimentação, educação física, filosofia e psicologia são essenciais para a manutenção de uma mente e um corpo saudáveis e sempre podem ser relacionados com questões mais amplas. Poderiam ser dadas referências e indicações para compensar a inviabilidade de tempo.

**P39:** Eu acho que como currículo básico o PDC cumpre muito bem o que se propõe a fazer, acho que cada um dos facilitadores acaba trazendo suas próprias experiências pro grupo e isso enriquece. Então, ainda que a gente tenha um currículo básico, cada facilitador traz essa riqueza própria, e isso acaba sendo uma mudança. Não uma mudança em si, mas um acréscimo ao currículo, e acho isso muito valioso, não ficar engessado só naquele curriculuzão, que afinal de contas foi criado há 30 anos, então existe uma necessidade de adaptação. Mas, eu também enxergo a importância de oferecer o curso dentro do currículo básico. Acho fundamental e acho temeroso o pessoal que oferece PDCs sem conteúdo básico, tem conteúdos que são absolutamente fundamentais, ainda que ele possa aparentemente estar fora de contexto, muitas vezes a gente dá um curso em São Paulo, por exemplo, e você falar de água na paisagem rural, de aquicultura rural, fica tudo um pouco distante. Mas, a gente sabe que a vida é assim mesmo, tudo muda, as coisas se modificam numa velocidade extrema, então o pessoal está saindo de um PDC de sampa e, daqui a 3, 5 anos vai se ver numa outra situação, de repente meio rural, num outro país, lidando com outro contexto, é fundamental que realmente o conteúdo básico seja explorado em sala de aula, ainda que não esteja ligado diretamente com o contexto no qual o curso está inserido. Acho que o tempero é dado para o contexto, mas a base, o arroz e feijão, tem que estar ali.

**P40:** sim... ele pode ser sempre adaptado a realidade local, fornecendo soluções q vão diretamente as condições locais, mas sim, com reflexões sobre outras regiões e outras possibilidades.

**P41:** [EM BRANCO].

**P42:** Os conteúdos de estruturas invisíveis são superficiais, tocando principalmente em questões econômicas. Não atendem ao princípio ético de "Cuidado com a Pessoas", pois são pensados em uma base capitalista. Da mesma forma com que é necessário adquirir conhecimentos técnicos que podem ser utilizados em qualquer condição de terreno, é necessário preparar os estudantes para questões socioculturais que surgem a partir do momento em que a permacultura passa a integrar suas vidas. A recente efervescência de relatos de falta de ética e cuidado com as pessoas, demonstra a defasagem nessa temática.

**P43:** cada instrutor dá um enfoque específico, tornando cada curso único. acho valido porem sempre apresentar um método de design.

**P44:** O PDC sugerido, originalmente, por Bill Mollison prevê um mínimo de 72 horas seguindo os conteúdos mínimos do Syllabus. Quando ampliamos estes conteúdos vemos que o tempo é pouco, seria ideal cursos PDC de 100 ou 120 horas. O problema é que os custos aumentam e se inviabiliza a dedicação dos interessados.

Hoje ministro PDC de 80 horas.

**P45:** Acho que a permacultura tem se tornado um 'movimento social urbano' e muitas vezes as pessoas focam em alguns elementos como um tipo de modismo ao invés de conceber a ideia como um todo, um conjunto de práticas para a sustentabilidade real.

**P46:** Que sigam o conteúdo do currículo mínimo estipulado pelos seus criadores e que não misturem outros conteúdos dizendo que é permacultura.

**P47:** Acredito que levarmos com maior seriedade o pós PDC como parte do currículo seria bem interessante, conduzir de uma forma mais metodológica a prática que se sugere para os 2 anos seguintes ao PDC. Como estender um curso de 72 horas para 2 anos de atuação antes de receber o diploma de Designer em Permacultura?

**P48:** Nos PDCs do [removido] temos incluído a zona – 1, aprofundando a questão espiritual e de autoconhecimento.

**P49:** Acho que precisa ser atualizado e revisto tudo e melhor organizado enquanto conteúdo. Mas como não existe uma organização formal que cuide disso, acaba sendo algo bem independente entre os organizadores e grupos que hoje facilitam um PDC.

**P50:** Sim. é necessário urgente que o conhecimento seja acessível e não tratado como mercadoria. sinto que os PDCs em sua maioria ainda estão fora da trilha rumo a popularização desse conhecimento.

**P51:** Os facilitadores devem ter experiência prática na área as quais irão ministrar O curso, não somente ter feito a formação de PDC.

O PDC dá uma introdução ao assunto, cabendo ao aluno se aprofundar nas áreas de interesse posteriormente fazendo novas formações específicas e/ou praticando.

Cursos EAD ou semipresenciais não funcionam para este tipo de formação, onde o "despertar" a sensibilização inicial são parte ESTRUTURANTE para o participante.

**P52:** O PDC é um curso maravilhoso em geral, mas suas possíveis variações deveriam observar:

\*Os conteúdos relativos à economia, designe social e ecovilas, devem ser baseados em referências reais que tenham funcionado com a população de baixa renda, ecovilas feitas pela classe média não tem utilidade para a permacultura nem para o planeta.

\*A Comunicação Não Violenta deveria ser incorporada a grade do PDC, assim como outras referências de mediação de conflitos.

**P53:** acredito que seria ideal ter mais carga horaria para que seja mais do que simplesmente apresentar conteúdo.

**P54:** Acredito que há muito espaço para melhorias nos "PDCs", inclusive se libertando um pouco do conteúdo obrigatório (mesmo que isso signifique não chama-lo mais de PDC) mas adaptando-o a realidade atual da sociedade e local, utilizando-se também das ferramentas virtuais e explorando suas qualidades pedagógicas, ao mesmo tempo que aproveitando melhor os momentos presenciais para um aprendizado mais transformador e capacitante.

tb acho fundamental a necessidade de trazeremos a permacultura para a vida no dia-a-dia das pessoas, e orientá-las como iniciarem essa transição, criarmos estruturas de acompanhamento e uma comunidade de apoio para essa caminhada. Além de falarmos mais de PC urbana no nosso caso onde grande parte das pessoas moram em casas e apartamentos dentro da cidade, e desconstruir essa ideia de que só dá para fazer permacultura "de verdade" em área rural.

tenho muitas ideias...

**P55:** Não trabalham a pessoa, a ecologia profunda, poucos dias para práticas.

**P56:** Sempre achei o currículo de 72h muito carregado, haja vista o grande volume de informações em relação ao curto tempo. No entanto seguimos o currículo original.

**P57:** Acredito que 72h é muito pouco tempo para se trabalhar todos os conteúdos que considero mínimos para formar um permacultor. Acredito muito que o tempo de curso mínimo para um PDC deveria ser pelo menos 100h.

Também acho que os PDCs deveriam ser promovidos sempre de forma interdisciplinar, isto é, com mais de um instrutor e de preferência com pessoas com formações ou práticas diversas, um coletivo de instrutores.

Quanto às bases teóricas: acredito que a permacultura se diferencia de outras "tecnologias" por algumas coisas, e essas devem ser ressaltadas (história, princípios éticos e de design, setores, zonas e elementos, assim como o projeto final, etc.). Os demais conteúdos podem ser passados de forma mais simples desde que linkadas ou associadas a sites, textos, vídeos e outras fontes onde os participantes possam se aprofundar caso precisem ou tenham interesse. É assim que tentamos trabalhar na disciplina regularmente na [removido].

**P58:** Acho que o conteúdo base que Bill Mollison propôs é excelente. O que precisa ser feita é uma adequação a realidade local e preparar o permacultor a ser generalista e pra isso cada PDC tem sua estratégia de prática e orientação.

**P59:** Creio ser importante seguir o currículo básico do PDC definido no Designers Manual, mas também é importante haver ajustes no formato do Curso de modo a potencializar a difusão da Permacultura conforme a realidade biorregional do lugar onde os participantes vivem e onde irão atuar na maior parte do tempo.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Acho que os PDCs no Brasil têm ficado "diluídos", muito mais superficiais do que quando comecei nos anos 90... E acho também que está sendo mal interpretado hoje como "curso de bioconstrução" e não curso de planejamento, que é o grande mérito deste curso!

**P62:** Na minha opinião não deve existir PDC à distância. Pode chamar de outro nome o curso, mas não é um PDC. Em relação a carga horária, o trivial é 72 horas, mas hoje um curso de PDC bem completo e que acompanha novos saberes - com outras disciplinas na metodologia de design, como sociocracia ou Dragon Dreaming, etc. - ultrapassa tranquilamente 80 horas de curso, podendo, como já experimentamos, chegar a 100 horas de curso.

**P63:** sim, acredito que o PDC BILL MOLLISONIANO não toca devidamente os requisitos de design social necessários e VITAIS para o desenvolvimento de qualquer projeto. Apenas técnicas não fazem revolução alguma. e famílias instaladas em zonas rurais em seus terreninhos sustentáveis também não são subversivas o suficiente para a transição...

**P64:** Acho que os facilitadores deveriam criar um fórum para a discussão de uma proposta básica de conteúdos para serem ministrados em um PDC. O que tenho presenciado ser feito tem sido eficiente, e de alta qualidade, porque tem transformado a vida das pessoas que participam dos PDC, mas desconheço como outros facilitadores organizam seus materiais especificamente para os PDC.

**P65:** O que consideramos mais produtivo é que o PDC se realize em espaços onde a Permacultura seja praticada. É muito rico para os estudantes verem na prática os assuntos que estão estudando.

**P66:** O ponto que considero relevante é a questão da permacultura social e de que PDCs precisam se conectar comprometia reais do dia-a-dia das pessoas.

Se não, fica parecendo um retiro e quando vou embora minha vida volta a ser a mesma de antes. Precisamos dar soluções pequenas e imediatas para sustentar a transformação. Ou seja, práticas de transição.

**P67:** 72 horas são pouco, mas é desafiador conseguir que as pessoas disponham mais tempo que isso. Sinto que pesa ainda a dependência do Datashow como metodologia principal e gosto mais de processos colaborativos de construção do conhecimento, os quais, por sua vez, demandam mais tempo. Sinto que carecemos de mais referências latino-americanas e indígena. Sinto falta de uma base teórica crítico, filosófico e político, para além de Holmgren e Mollison. Sinto falta de pesquisa. A proposta universalista da permacultura tropeça em si mesma, uma vez que é preciso encontrar soluções locais. Com a experiência da permacultura nas periferias da cidade, percebo que entre a zona sul, a zona oeste e a zona leste da cidade, a maneira de praticar a permacultura que se pratica já é completamente diferente, então para além dos biomas e dos terrenos precisamos considerar também as relações micropolíticas, as relações de classe, etnia, gênero, raça, gueto, crença religiosa etc... Também sinto falta de conteúdo relacionado ao corpo, tanto no sentido do psicossomatismo como da saúde em geral dentro da permacultura. Também acho que a permacultura deveria dialogar melhor com outros campos do saber, achar que aquela flor dá conta de tudo é pouco, é preciso articular e criar o "como" disso.

**P68:** [EM BRANCO].

**P69:** Eu acho que o PDC está obsoleto, e devemos focar em cursos de diplomado com carga horaria de um ano, e cursos de graduação e pós-graduação.

**P70:** Trazer pessoas para ficarem 10 dias assistindo palestra em Datashow é algo do séc. passado. Com as novas tecnologias acredito ser mais proveitoso o conteúdo teórico ser ministrado através de vídeos, apostilas e discussões online e se usar os preciosos 10 dias na estação de permacultura como uma experiência prática com trabalhos em todas as áreas permeadas pelo Curriculum.

**P71:** Como encaro o PDC como um curso um tanto quanto introdutório, então creio que as 72 hs são suficientes para tal feito. A metodológico vai da didática de cada um, o certo é que o facilitador tem que massa crítica acumulada é uma sortida "caixa de ferramenta" no que concerne de estratégias didáticas.

**P72:** Sim.

O Syllabus como criado por Bill Mollison foi desenvolvido há algumas décadas e creio que foi preciso para o processo de aprendizagem. Hoje, porém, vejo que tamanha carga horária cerca de 60



ou mais horas, de aulas majoritariamente expositivas tende a um cunho mais intelectual e pouco vivencial. Ao mesmo tempo, com a quantidade de conteúdos propostos pelo Syllabus nessas por volta de 72, 80 horas de curso, creio que para abordá-los em sua maioria as aulas expositivas são mais "rápidas", pois a complexidade das conversas em grupos pode facilmente trazer levar mais tempo do que esperado e são complexas, o que torna o processo educativo imprevisível também.

Então sintetizando, vejo que há uma grande quantidade de conteúdos para aquilo que foi cunhado como PDC através do Syllabus do Bill Mollison, fazendo com que as aulas acabam tendendo a serem expositivas para "dar conta" de abordar todos os conteúdos. Outros PDCs que já entrei em contato através de relatos de amigos e pessoas ligadas ao movimento da permacultura, trazem outros conteúdos e muito mais práticas ao longo do curso, porém abordavam uma quantidade muito reduzida desses conteúdos, se tornando um curso com tendência mais esotérica e/ou tecnicista - ensinando como fazer um banheiro seco, uma poda etc.

Aí então vejo que há duas tendências nessas formas metodológicas que os PDCs assumem: um mais teórico e intelectual e outros mais tecnicistas (sendo que alguns buscando uma praticidade espiritual trazem um cunho mais esotérico).

E aí vejo algo que considero uma contradição no processo educativo dos PDCs que tenho visto. Para mim nenhuma dessas abordagens cumpre com uma busca pedagógica completa para o objetivo do PDC em trazer bases introdutórias sobre o Design na Permacultura.

O tecnicista não consegue pois não dá a atenção e a profundidade necessárias para compreender os princípios éticos e de design da permacultura, se tornando técnicas descontextualizadas - o que leva aos maiores equívocos como construir um banheiro seco por ser um banheiro seco, como se isso fosse Permacultura por si só, mesmo que esse esteja sendo construído num local úmido e incoerente com a própria técnica.

O mais teórico e portanto frequentemente mais intelectual também não consegue cuidar desses objetivos de forma completa por uma contradição inerente entre o que a permacultura se propõe e o "como" estamos realizando ela. A permacultura nos traz uma abordagem que busca ser holística, porém o processo de aprendizagem nesses moldes tende a ser pré-formatado, pré-definido, planejado previamente de forma que tendemos a tornar uma abordagem mais linear, controlada. Tenho percebido que ao fazer uma abordagem mais linear como dito acima, podemos estar falando sobre Permacultura e sobre ser holístico, porém não estaremos trazendo uma abordagem holística no processo de aprendizagem e isso, em si, não educa para uma observação complexa e holística.

Portanto, vejo que os modelos de PDC que conheço hoje acontecendo ou "falam sobre" algo holístico, porém não o são por de alguma forma ficarem reféns da quantidade enorme de conteúdos a serem transmitidos, ou ficam mais técnicos, ficando vazios e não se sustentando e inclusive sendo essas técnicas apropriadas por iniciativas que valorizam da monocultura e multinacionais que querem ser "sustentáveis", sustentando todo um paradigma linear, porém com técnicas que dizem ser holísticas, porém não o são naquele contexto e abordagem. E tais abordagens tecnicistas tendem a continuar lineares e reducionistas também, pois o modelo mental, a forma como estamos vendo o mundo e nos relacionando com ele são pouco abordadas ou questionadas, ou seja, tendemos a ficar partindo da "mesma lógica" até então pouco refletida, porém agora com novas técnicas que me foram instrumentalizadas.

Creio que a base da Permacultura é a observação, a qual o Bill muito bebeu da abordagem fenomenológica de Goethe, porém para se "ensinar" isso, não basta nem falar sobre, nem fazer intervenções técnicas.

Como sugestão hoje vejo a importância de haver abordagens que buscam desenvolver mais profundamente essa relação do ser humano com o mundo em que vive, essa forma de observação participante, pois não se trata de falar como, porém de desenvolver habilidades de observação. Não se trata de falar sobre o holístico, mas desenvolver as capacidades para que possamos apreender a complexidade em nossa constituição.

**P73:** Eu sempre me incomodei com o modelo teórico abordado no PDC. Imagino que nós, educadores, devemos aprender muito mais sobre metodologias participativas e práticas para o ensinamento da Permacultura.

Acredito que, por essa característica, o PDC limita-se a um perfil de participante. Porém, hoje estou aplicando o mesmo modelo para dependentes em situação de rua e esperando os resultados práticos dessa experiência.

**P74:** imersões de 1 semana, são extensas pra maioria das pessoas, mas são curtas pra realizar atividades práticas em todos os fundamentos.

**P75:** [EM BRANCO].

**P76:** Cada PDC deve atender directamente al público y lugar que se realiza y especializar según eso.

**P77:** [EM BRANCO].

**P78:** [EM BRANCO].

**P79:** Não existe um único currículo ideal, perfeito e aplicável a qualquer contexto. É muito importante que as pessoas responsáveis pela facilitação do PDC estejam atentas a uma leitura do contexto, do grupo durante o curso - para que estejam abertas a mudanças na grade - e, principalmente às intencionalidades de cada espaço proposto.

Necessitamos sim de fundamentos teóricos para elaborar um currículo. Da mesma forma, é necessário seguir conteúdos mínimos e comprometidos com uma formação mais sólida em Permacultura, ou seja, que aprofundem nas suas especificidades: ética, método, ecologia aplicada.

Ao colocarmos o currículo em prática, devemos estar abertos a avaliá-lo e refletir sobre esta prática. Assim, é fundamental aplicar os princípios de aceitar os feedbacks e responder criativamente às mudanças. Este é um processo - o de criação do currículo - contínuo. Minha crítica, portanto, vai no sentido dos currículos fechados, imutáveis, irrefletidos e que não buscam criativamente outras metodologias.

**P80:** Conteúdos extras devem ser explicitados como conteúdos EXTRA, fora do currículo original. Um PDC deve ser LAICO.

**P81:** [EM BRANCO].

**P82:** A crítica é em relação à formação e preparação dos facilitadores. Quando vamos ensinar um conteúdo, temos que ter a responsabilidade de estudá-lo profundamente, com fontes confiáveis e seguras. Conteúdos superficiais ou que só são repassados porque vimos na internet em algum site ou postagem, são difíceis de retornar para o grupo como uma avaliação positiva. Dá pra notar quando um facilitador não domina o assunto, ou que se preparou menos para dar aquela aula ou liderar aquele espaço.

**P83:** Eu acho que mesmo o imersivo acaba sendo um curso muito teórico, a linguagem também é muito acadêmica, percebo isso por conta do meu público (população de rua e muitos semianalfabeto).

**P84:** [EM BRANCO].

**P85:** Não tenho sugestões por não ter experiência em participações de PDCs organizados por outros grupos.

**P86:** Não. Acho apenas que temos que cada vez mais incluirmos as estruturas invisíveis, sem nunca abrir mão da base da permacultura.

**P87:** Os PDCs sempre devem priorizar as demandas locais.

**P88:** Posso dizer que estou iniciando o processo.... tenho muito a aprender não tenho críticas tenho que exercitar esses conhecimentos.

**P89:** Claro que o 72 horas é muita pouca por uma tema tão ampla. Mas a realidade econômica não permitir expandir isso muito...no primeiro momento. Podemos desenvolver mais opções para os participantes continuarem estudando e aplicando. Precisamos animar os participantes mudar sua vida e animar e dedicar a ser mais proativa no futuro. Isso não ser faz com muita informação e dados, mas, com experiências profundos que tocam o coração e consciência de cada um.

**P90:** [EM BRANCO].

**P91:** não.

**P92:** Sim, muitas.

A permacultura aponta para um novo paradigma, novas formas de pensar e fazer. Porém, ainda é transmitida majoritariamente dentro do velho paradigma da educação.

Considero que há, atualmente, um terrível excesso de aulas expositivas baseadas em apresentações multimídia onde o foco está no professor e os estudantes falam pouco, em geral, para perguntar algo do conteúdo e muitas vezes não falam por medo de falar algo errado.

É possível de compreender. A maioria dos educadores foi formada na educação tradicional que se baseia em aulas expositivas. José Pacheco diz que "a maneira que se aprende é a maneira que se ensina" e eu concordo.

Creio ser necessário um esforço ativo por parte dos facilitadores para sair desse padrão e encontrar novas formas de se trabalhar o conteúdo. Formas que estimulem a troca de saberes, o uso do corpo e o diálogo para que os espaços de aprendizagem sejam atrativos e o foco saia do facilitador para os estudantes.

A maioria do público jovem-adulto que faz um PDC já passou pelos traumas do ensino escolar-acadêmico e se sente desestimulado ao encontrar o velho padrão sendo repetido.

Parece haver pouca confiança que conhecimentos científicos sejam passados de outra maneira. Esse é um dos maiores fatores, a meu ver, para que o percurso do PDC seja tão cansativo.

-----

Outra questão que me preocupa muito é o pequeno foco dado às relações humanas.

Na época em que Bill Mollison escreveu o Syllabus, anos 80, havia pouco acesso à informação e ainda poucas pesquisas e práticas nesse campo.

Não à toa, as velhas gerações de permacultores foram ótimas em criar estruturas físicas, mas não conseguiram criar muitas estruturas sociais e redes, muitos inclusive brigaram entre si e não trabalharam seus conflitos.

Hoje, as chamadas "estruturas invisíveis" ou "permacultura social" ocupam um espaço pequeno de tempo na maioria dos PDCs, algo em torno de 10 a 20% do foco do percurso.

Considero essencial que os PDCs estendam a carga horária do Syllabus para incorporar o design social e temas essenciais como tomada de decisões eficientes, auto-empatia e mediação de conflitos.

**P93:** A carga horária poderia ser maior, para poder aprofundar conteúdos.

Mas ao mesmo tempo, sei que isso inviabiliza o curso, pois conseguir que as pessoas saiam do seu cotidiano duas semanas, no contexto em que vivemos, é demais.

**P94:** Para os PDCs que já trabalhei, não chego a fazer alguma crítica negativa, pois sei o quanto se trabalha com amor e dedicação, para que façamos o melhor possível, então ano a ano tudo se ajusta e as melhoras surgem. Ao fim de cada PDC geralmente identificamos as falhas e as coisas boas, para que se faça melhor para o seguinte. Uma sugestão que tem me ocorrido, que gostaria muito de inserir futuramente, é alguma aula que introduza a questão dos oceanos na permacultura.

**P95:** Um dia a mais para não fazer nada. Mais tempo de ócio criativo, ou simplesmente para descanso de todos.

**P96:** A permacultura, nas suas metodologias de ensino, em especial os PDCs, se valem em especial do cuidar da terra. O cuidar das pessoas e a partilha justa, pouco é praticada nos PDCs.

A ausência de conexão com a realidade brasileira socio política econômica e macro ambiental, "forma" pseudos permacultorxs.

Os institutos via de regra, apresentam e se debruçam no design permacultural com foco na produção de alimentos e moradia. O Design Social, Governança, Economia, Educação, Política, Organização Institucional, Posse de Terra entre outros temas latentes que fazem parte dos princípios da Perma e são rasamente abordados ou ignorados.

A constatação é que boa parte dos educandos, saem bastante motivados dos cursos, com uma noção de iniciar um design permacultural mas sem as ferramentas para integrar um design social, ou seja, cuidar das pessoas e fazer a partilha justa, seja ela das terras, alimentos, moedas, conhecimentos.....

**P97:** Não.

**P98:** NÃO REALIZAR PDCs À DISTÂNCIA.

**P99:** *Sentimos que el PDC original necesita evolucionar, sin perder su corazón. Los procesos de enseñanza y aprendizaje han cambiado desde los años 80's a estos momentos. Debemos de entender quiénes son los que continuarán con nuestros trabajos (niños), y entender que ellos no soportarían tener 72 horas a una persona, hablando de solo teoría. Es por ello que debemos de desarrollar nuevas formas de pensar. Nosotros pensamos en multiniveles y multidimensiones.*

**P100:** Acredito que o Design (trabalho final) é fundamental para empoderar o participante. Devemos nos dedicar cada vez mais a este desenvolvimento. Seguir o currículo estabelecido internacionalmente é necessário para que seja garantida a qualidade do curso. Para um PDC acredito que seja importante que os educadores sejam permacultores, ou seja, pessoas que já fizeram o curso e estão praticando a permacultura.

**P101:** [EM BRANCO].

**P102:** Não há uma crítica específica, mas chamo a atenção para a reprodução automática de conteúdos que são inseridos em determinado momento histórico e localidade específica, e tendem a ser reproduzidos sem reflexão. Creio que o conteúdo e metodologia do PDC devem ser dinâmicos, sendo criado e recriado conforme a necessidade, absorvendo e acolhendo as mudanças e influências do público e da localidade. O apego a conteúdos específicos pode ser danoso ao processo e tende a criar um modelo de movimento que não me interessa, parecido com uma seita. Para evitar este movimento devemos ter abertura e seriedade na cocriação constante do caminho da permacultura.

---

**3.1. Quem são suas principais referências em Permacultura? (Indique quais autoras e autores tem utilizado como referência, assim como outras pessoas que não tenham publicações, mas que lhe sirvam como referência teórica/prática)**

**P1:** Tenho diversas referências na permacultura, as mais importantes são referências em suas atuações práticas. Além de Bill Mollison e David Holmgren, como suas publicações, tenho como referência a atuação do coletivo Curare no que tange a promoção de PDCs, Pete Webb em sua sensibilidade na relação homem natureza, a Ecovila Terra UNA e seus participantes no que tange organizações coletivas e implantação de comunidades, Ricardo Piva e Biskuit na bioconstrução, Emanueel Kodja nas relações invisíveis, Guilherme Castagna no saneamento, José Pacheco na educação, dentre tantos outros que encontrei nessa caminhada.

**P2:** Marcos Ninguém é minha referência principal porque conheço ele e a gente já trabalhou juntos muitas vezes.

**P3:** Bill Mollison, David Holmgren, Ali Sharif, Christopher Alexander, Buckminster Fuller, Margaret Mead, Masanobu Fukuoka, Rosemary Morrow e Robert Hart.

**P4:** David Holmgren, Bill Mollison, Ernest Götsch, Masanobu Fukuoka, Ana Primavesi, Marsha Hanzi, Jorge Timmermann, Suzana Maringoni.

**P5:** Bill Mollison, David Holmgren, Suzana Maringoni, Jorge Timmerman, Peter Webb, Tomaz Lotufo, Guilherme Castagna, Julio Avanzo, Irina Biletska.

**P6:** Tecnicamente, Bill Mollison principalmente. Mas especialmente a experimentação e vivência nos espaços que vivi nos últimos anos, em áreas rurais do interior do RS, junto da terra, dos parceiros de projetos com suas diferentes visões e habilidades, com os nativos locais e seus saberes, que nunca ouviram falar de permacultura.

**P7:** A natureza - referência de inspiração. Valdeci Canova (falecido em 2016) - referência prática. David Holmgren - referência escrita.

**P8:** Tierra Martinez, Geoff Lawton, David Holmgren.

**P9:** AUTORES: CAPRA E HOLMGREN. PERMACULTORES: MARSHA HANZI, ANA PRIMAVESI, CIÇÔ INVENTOR, GEORGE BELISÁRIO, LUCIANA MEDEIROS.

**P10:** Bill Mollison, Davids Holmgren, Peter Web, Marsha Hanzi, John Seymour, Gernot Minke, Johan Van Lengen, Jorge Belanko, Masanobu Fukuoka, Ana Primavesi etc.

**P11:** Bill Mollison, David Holmgren, Rosemary Morrow, Ross Mars, Marsha Hanzi, Ernst Götsch, Lengen, Lucia Legan, Albertinho Barreto de Carvalho, e outros.

**P12:** [EM BRANCO].

**P13:** Além de David Holmgren e Bill Mollison, gosto muito dos livros da Rosemary Morrow. Além destes, sempre que surge a oportunidade de dar um PDC recorro a mestres como Jorge Timmermann, Suzana Maringoni e Tomaz Lotufo. Minha grande referência prática é o permacultura Gardel Silveira, da estação de permacultura Curupira.

**P14:** - Bill Mollison e David Holmgren. - Marcos Ninguém, Ciço, Paulo, George Belizaro.

**P15:** Rosemary Morrow, Ross Mars, Bill Mollison, David Holmgren, Ana Primavesi, Geoff Lawton, Howard Odum.

**P16:** Bill Mollison e David Holmgren.

**P17:** David Holmgren, Marsha Hanzi, Peter Webb, Guilherme Castagna, Tomaz Lotufo.

**P18:** Bill Mollison, David Holmgren Peter Webb, Guilherme Castagna, André Soares, Marcelo Bueno, Luiz Vieira.

**P19:** David Holmgren Aus. e Bill Mollison Aus, Sepp Holzer Austria, Joao Rockett Bra, Jodi Roebuck Aus, Ernst Goetz Bra, Nick Ritar Aus grupo MILKWOOD referencia. Joel Salatin, Geoff Lawton.

**P20:** Grandes mestres da permacultura me inspiraram e me inspiram até hoje, como: Mollison, Holmgren, Geoff Lawton, Sepp Holzer, Peter Web, Jorge Timmerman, Suzana Maringoni, Tomaz Lotufo, Guilherme Castagna, Orlando Rivero, Leonardo Tannous, Rafael Bueno...

Grandes mestres que inspiraram e trouxeram a maior parte das informações que foram compiladas pela permacultura: Masanobu Fukuoka, P.A Yeomans.

E grandes mestres permacultores, que nem sabem que isso existe: Toninho meu vizinho, que vive do campo desde criança, Seu dito, Seu Zé e tantos outros pelo mundo a fora.

**P21:** Skye, Marcelo Bueno, Ernest Götsch, Claudio Jacinto. Lideranças e Griô das comunidades locais.

**P22:** Javier Carrera, Rogelio Simbaña, Marsha Hanzi, David Holmgren, Susane Monrow, Bill Mollison, Skye Riquelme, Jose Albano.

**P23:** Basicamente Bill Mollison e David Holmgren na Permacultura são muitas as outras referências, vou citar as mais marcantes: meu pai que é uma pessoa incrível de uma liderança muito delicada, que sempre faz brotar amor no coração das pessoas pra quem ele conta suas histórias, e ele tem muitas histórias e uma memória notável da qual me sinto herdeira, é o guardião das memórias de sua família, uma família que viveu na pele a história desse Brasil. A professora Silvia M S. Carvalho, que já é muito velhinha e que foi minha professora no Centro de Estudos Indígenas, especialista em Mitologia Indígena Brasileira, eu cito ela na aula, mas ela é referência pra mim não apenas pelo seu magnífico trabalho, mas pela pessoa humana que ela sempre foi, trazendo sempre acima de qualquer crítica social, um profundo senso de humanidade, de reverência para com todos os seres da Terra, posso ficar horas ouvindo ela contando os mitos, dos quais muitas imagens formam o imaginário que eu conquistei e que compartilho hoje com o mundo. Uma outra pessoa que é muito referência pra mim é a Dona Ângela Savastano, do Museu do Folclore, socióloga, estudiosa da cultura popular, que me inspira muito pelo seu olhar profundo para a riqueza de cada ser humano, o universo de cada pessoa que ela traz nas suas histórias, alguém que manifesta um verdadeiro amor pela humanidade que não se cansa de valorizar a riqueza dessa cultura feita de pessoas. E por fim, meu querido mestre Bisquit, vizinho, amigo, parceiro, mestre mesmo, que tem uma força de propósito, uma clareza de missão inabaláveis, Muita força de presença, de disposição pra sempre criar espaços, construir lares, construindo se pessoa, formando seres humanos, pelo seu exemplo de fazer e de viver, o PUPA só existe por causa dele com certeza.

**P24:** - Bill Mollison, - David Holmgren, - Graham Bell, - Rosemary Morrow, Geoff Lawton, - Joseph Jenkins, - Tomaz Lotufo, - Marsha Hanzi, - Eugênio Paixão, - Cláudio Jacintho CJ, - Peter Webb, - Marcelo Bueno, - Nir Kaplan, - Cinara IPEBA.

**P25:** Seus fundadores, Bill Mollison e David Holmgren. Murray Bookchin, como ecologista e anarquista; David Harvey, economista e escritor que tangencia a questão de experiências auto gestionárias como as das ecovilas; Luiz Fernando de Matheus e Silva, doutor em geografia pela USP que escreveu tese sobre a permacultura no cone sul; Tomaz Lotufo; Thomas Enlazador; Marsha Hanzi; Marcos José de Abreu (CEPAGRO em Florianópolis); Yuri Almeida (PUPA); André e Pitu (Curare); Claudia Visoni; Claudio Spinola (Morada da Floresta).

**P26:** TENHO TOMADO UM CAMINHO INTUITIVO CONSTRUÍDO NA RELAÇÃO COM AS PESSOAS ENVOLVIDAS, TANTO OS ESTUDANTES COMO OS OUTROS. ME ENVOLVI NUM PRESÍDIO EM TEIXEIRA DE FREITAS E HOJE MEU TRABALHO É BASEADO ALI.

**P27:** *Además de los que mencioné anteriormente tengo de referencia a Gaia University, Geoff Lawton, Jairo Restrepo, Eugeni Grass, entre otros.*

**P28:** Muitos... injusto esquecer algum.

**P29:** Além dos já citados no item 2.2, tenho como referência o arquiteto permacultor Tomaz Lotufo, que me orientou nas aulas ministradas nos PDCs do Grupo Curare. No tema tratamento de águas tenho como referência o permacultor Guilherme Castagna, que ministrou um minicurso no Humanaterra em 2012.

**P30:** Não sei se isso se aplica a mim, André. Eu só dei uma aula relacionada ao conteúdo do curso. Mas de qualquer forma, para o preparo dessa aula utilizei o Permaculture II, além de outros autores que tinham mais relação com o tema (água) do que com a permacultura em si.

**P31:** Bill Mollison, David Holmgren, Masanobu Fukuoka, Ernest Götsch.

**P32:** Esses dentre outros:

MOLLISON, Bill. Introdução à Permacultura. Tradução feita por YANKEE PERMACULTURE WILTON. Sparr: Centro de Permacultura Barking Frogs, 1981.

MOLLISON, Bill ; HOLMGREN, David. Permacultura um. São Paulo: Ground, 1983.

SOARES, André Luis Jaeger. Conceitos básicos sobre permacultura. Brasília: PNFC, 1998.

Com certeza uma das maiores referências para mim é o IPEMA, até por ter feito meu primeiro PDC lá. Para mim as pessoas que são referência são os vários permacultores do IPEPA, IPEC, IBC, Ernest Götsch, Ana Primavesi, Marcelo Bueno e Skye, dentre outros.

**P33:** já respondi em pergunta anterior.

**P34:** David Holmgren, Bill Mollison, Rosemary Morrow, Fritjof Capra, Rudolf Steiner.

**P35:** Ticote do IPECA, a galera do TAIPAL em Piedade\SP ...

**P36:** Bill Mollison, David Holmgren, Masanobu Fukuoka, Ernest Götsch, Ana Primavesi, Geoff Lawton, Jorge Timmermann, Suzana Maringoni, entre outros.

**P37:** Minha primeira "mentora" em permacultura, e com quem tive os primeiros contatos, formações e experiências foi a Cristina Brasileira, a principal referência de permacultura urbana "roots" em São Paulo. Ela tem/transmite uma concepção bastante profunda dos princípios tanto éticos como de design, de modo muito sistêmico, e com uma visão/postura política e ética muito clara (enquanto engajamento social), o que sempre achei raro na permacultura brasileira em geral (especialmente aquela apresentada nos grandes centros de referência).

Além disso, em termos de referências teóricas (como bibliografias) eu nunca me baseei em manuais ou outros materiais claramente didáticos de permacultura, mas leio e utilizo as mais variadas referências acadêmicas e científicas nos campos específicos como: ciências agrárias, químicas, biológicas, da saúde, arquitetura etc.

Também foram referências importantes na minha formação e entendimento da permacultura Marcelo Bueno e Skye Riquelme quando fiz o curso do IPEMA. Tinham uma linha bastante focada na função social da permacultura, além de suas experiências pessoais, como no caso do Skye que fez a formação com o próprio Mollison na Austrália.

E tenho ainda, como referências, os atuais colegas e parceiros atuantes com quem convivo ou divido as formações em nosso coletivo (o PermaSampa) e que têm muito mais tempo de experiência do que eu, ou experiências muito distintas, como: Tomaz Lotufo, Peter Webb, Guilherme Castagna, Felipe Pinheiro, Lucas Ciola, Nádia Recio e outros.

**P38:** Além das fontes básicas Bill Mollison e David Holmgren, tenho referências teórico-prática em integrantes e ex-integrantes do grupo ao qual pertencço, além de grupos parceiros (Veracidade, Pupa, Sítio Beira-Serra).

**P39:** Lucy e André [Soares] foram e são, ainda, porque foram meus mestres originais, mas eles já não estão tão envolvidos nessa linha de promoção da permacultura, então, acho que eles são uma referência inicial.

O Jorge Timmermann e a Suzana Maringoni, a Marsha Hanzi, o Skye, Sérgio Pamplona, são figuras que, aqui no Brasil, realmente, são referências extremas. Claro, o Pete Webb, sem dúvida. O próprio Tomaz Lotufo, um cara que eu gosto muito, tem uma abordagem de ensino, pedagógica, que tem uma linhagem direta com o Jorge Timmermann e a Suzana Maringoni, muito especiais.

Falando de publicações, os livros do Bill, da Rosemary Morrow, tem um livro muito bacana que é o Básico do Design em Permacultura, da Ross Mars, que eu acho um livro extraordinário, é um livro pouco conhecido, ele foi traduzido em português ali pela Via Sapiens, mas acabou que ele não teve o alcance que deveria ter. É um livro realmente muito bacana, eu acho que ele é mais ligado à Introdução à Permacultura, mas com um viés mais prático, muito legal. Tem o trabalho do David Holmgren, mas eu acho o trabalho dele bastante conceitual; como conceito é muito rico, mas eu tenho minhas limitações, talvez por eu ter sido formado mais na linha prática "a la Bill Mollison", nessa linha que o Ali trouxe, o André e Lucy, eu não tenho muita paciência para estudar esses conteúdos mais acadêmicos que são essa abordagem do David, mas acho muito positivo, muito interessante, muito rico.

**P40:** Miguel Altieri, Bill Mollison, David Holmgren, Pet web, Skye, agricultores tradicionais, comunidades quilombolas e indígenas.

**P41:** Bill Mollison, Guilherme Castagna, Isaías dos Reis, Marsha Hanzi, "Américo" (fundador do lar irmã Izolina em Ribeirão Preto, Creche que trabalha com a permacultura).

**P42:** Bill Mollison, David Holmgren, Suzana e Jorge (principais).

**P43:** Bill, David, Geoff, Peter Webb, Yvy Porã, Marizá.

**P44:** David Holmgren, Bill Mollison, Geoff Lawton, Ross Mars, Masianobu Fukuoka, Arthur Nani, Gardel Silveira, Suzana Maringoni, Sergio Pamplona, Tomaz Lotufo.

**P45:** Bill Mollison, David Holmgren, Geoff Lawton, Silvio Calgaro, João Rocket.

**P46:** Luciana Kalil, Lucia Legan, Andre Soares, Sky, Claudio Sanchotene, Fabio Benitez.

**P47:** Bill Mollison, David Holmgren, Geoff Lawton, Ana Primavesi, Marsha Hanzi, Ernst Götsch.

**P48:** Bill Mollison, David Holmgren, Marsha Hanzi, Ernst Götsch, Juliano Riciardi, Marcelo Tcheli.

**P49:** David Holmgren, Marcos Marques. Para Zona Menos Um, além de vivências pessoais, leio sobre Zen, budismo, empreendedorismo social etc. <https://zonamenosum.wordpress.com>.

**P50:** Juliana Faber, Bill Mollison; David Holmgren; Jairo Restrepo Rivera; Sebastião Pinheiro; Yogananda; Rosemary Morrow; Grupo Curare de Permacultura, e todas agricultoras e agricultores com quem trabalhei até hoje.

**P51:** Jorge Timmermann, Francisco Lima, Brad Lancaster, Geoff Lawton, Lucia Legan, Walmir Fachini, Guilherme Castagna,

**P52:** O PDC é um curso maravilhoso em geral, mas suas possíveis variações deveriam observar.

**P53:** [EM BRANCO].

**P54:** \*Os conteúdos relativos à economia, designe social e ecovilas, devem ser baseados em referências reais que tenham funcionado com a população de baixa renda, ecovilas feitas pela classe média não tem utilidade para a permacultura nem para o planeta.

**P55:** [EM BRANCO].

**P56:** \*A Comunicação Não Violenta deveria ser incorporada a grade do PDC, assim como outras referências de mediação de conflitos.

**P57:** Pessoas/permacultores de: Sítio Curupira (Santo Amaro da Imperatriz, SC), Sítio Yvy Porã (São Pedro de Alcântara, SC), Sítio Silva (permacultor Jorge Silva, Anitápolis, SC), Sítio Igatu (São Pedro de Alcântara, SC), Sítio Nós na Teia (Brasília, DF).

**P58:** Comecei a me interessar por permacultura em 2010, meus primeiros contatos foram com o IPEC, então li tudo que André Soares Publicou, e principalmente o Livro Passo a Passo da Rosemary Morrow. Depois fui tentando ler as publicações do Bill Mollison e David Holmgren. Após o PDC fiquei fã da Suzana e do Jorge da Rede Permeiar, até hoje são minha referência. Marcelo Sindeaux e Mário Fraga do IPC são grandes amigos e uma referência do dia-a-dia.

**P59:** Bill Mollison, David Holmgren, Geoff Lawton, Ernst Götsch, Ana Primavesi, Marsha Hanzi, Rosemary Morrow, João Ambrósio de Araújo Filho (Prof. Ambrósio), Linda Woodrow.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Bill Mollison, Bob Cannard, Sepp Holzer, Ernst Götsch, Vídeos de Geoff Lawton, Skye e Marcelo Bueno, Mark Shepard.

**P62:** Principalmente o Jorge e a Suzana, em seguida Marsha Hanzi e Peter Webb, Sergio Pamplona, Mônica Carapeços, Gardel Silveira, Arthur Nanni, Marcelo Venturi, Marcelo Soares, Cláudio Jacintho. De literatura, além dos pais da permacultura David e Bill, Ross Mars, Johan Van Legen, Paul Stamets, Rob Hopkins, e por aí vai.

**P63:** David Holmgren, Berndt Muller, Rosemary Morrow, Marsha Hanzi, Jorge Timmermann, Brad Lancaster, Suzana Maringoni, Martin Ewert, Rafaelle Mendes, Marcos Ninguém, Arthur Nanni, Sergio Pamplona, Peter Webb, Tierra Martinez, ...

**P64:** David Holmgren, Bill Mollison, Skye, Marcio Armando, Marsha Hanzi, Ernest Götsch, Adriana Galbiati, Gil Milanez.

**P65:** Difícil citar todos pois nas subáreas são muitas as referências. Então citarei apenas principais que abordam Permacultura como um todo: Bill e David (óbvio), Ross Mars, Rosemary Morrow.

**P66:** Além dos livros já citados em questão anterior, minhas grandes referências são Marsha Hanzi, Claudio CJ, Sérgio Pamplona, Gaia University.

Nos últimos 7 anos, meu foco tem sido de colocar a permacultura nas escolas. Realizar o design permacultura para criar comunidades humanas sustentáveis nas escolas. Referências para isso são Fritjof Capra, Otto Scharmer, Ken Wilber, Rudolf Steiner, o conceito de post-formal education, Ernst Götsch nas agroflorestas e Peo ([www.acasaredonda.com.br](http://www.acasaredonda.com.br)) na relação criança e natureza. Também é uma referência Satish Kumar, a ecologia profunda e a Sharing Nature.

**P67:** Sinceramente, acho que minha principal referência na Permacultura é o Tomaz Lotufo.

Tenho como referência de vida e também de permacultura o Egydio Schwade e sua família, pessoas que foram viver no meio da floresta amazônica e militam ao lado dos povos indígenas. (Vale a pena conhecer: <http://urubui.blogspot.com.br/>)

Obviamente os povos indígenas aqui das terras baixas são nossa grande referência do que queremos com a Permacultura. O Eliel Benites, professor Guarani Kaiowá da Universidade Indígena de Dourados/MS tem realizado um trabalho muito potente, no âmbito da interculturalidade, entre jovens e anciãos indígenas, em interface com a agroecologia: <https://www.youtube.com/watch?v=JtTSnxIO9DU&t=562s> e [https://www.youtube.com/watch?v=qRXP7JZc\\_3w](https://www.youtube.com/watch?v=qRXP7JZc_3w). Os textos de Pierre Clastres (A Sociedade Contra o Estado) e Marshal Sallins (Sociedade Original da Afluência) são importantes, ajudam a elaborar o pensamento sobre as sociedades autóctones.

Além disso, todos os educadores e as educadoras com quem trabalhei também são pessoas com quem aprendo diariamente (Claudia Visoni, Marjory Mafra, Lucas Ciola, Gui Castagna, Pete Web, Felipe Pinheiro etc.).

Em termos de mobilização política, tenho a Rede PermaPerifa como uma referência importante, organizando cooperativas, grupos de consumo na periferia, e estratégia de ação em rede. Cito aqui o Jaison Lara, Marcus Vinícius Moraes, Marcos Tica, etc.: <<https://www.facebook.com/cinesapo/videos/1346272392089057/>>

Admiro à distância o trabalho de Djalma Neri. E recentemente conheci o Surian Santos, que já se tornou referência.

Na agrofloresta minha maior referência ainda é o Ernst, embora conheça muitos agroflorestores fazendo um bom trabalho por aí.

Queria ter mais mulheres como referência na permacultura, mas infelizmente não tenho...

**P68:** Marsha Hanzi, Paulo Campos, Jorge Timmerman, Suzana Maringoni, Albertinho carvalho, Bill Mollison, Geoff Lawton, David Holmgren, Sepp" Holzer, Gilberto Campos.

**P69:** Bill Mollison, David Holmgren, Rob Hopkins, Fukuoka, Okada, Primavesi, Hiroshi, Gernot Minke, Ernest Goethe.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** Já fiz PDC com Marcelo Bueno (2007), Skye (2010) e Jorge Timmerman e Suzana Maringoni (2011). Quando fiz p primeiro, Marcelo embora novo, já detinha uma certa experiência, mas ainda carecia de acumular mais experiência para capitanear sozinho um curso de 80 hs intensivas, com assuntos totalmente distintos. Já o segundo (Skye), tinha muita experiência acumulada, mas a sua péssima dicção do português, era uma tremenda barreira para o diálogo dificultando uma maior apreensão. Os últimos foram de longe os melhores, ambos transmitem muita segurança em todo o processo, percebe-se muita propriedade e todas falas. Ao que parece não falam do que não vivenciaram. Desde então passaram a ser fortes referência para min. Além deles outros permacultores que me influenciam muito, cujo qual tenho estrito conta o paraguaio Guillermo Daniel Gayo (Fundação Takuara Renda) e Marsha Hanzi.

**P72:** Eu não fui tão estudioso como gostaria nesse campo da Permacultura em si diretamente. As pessoas que direta ou indiretamente mais me impactaram em meu desenvolvimento foram o Peter Webb, a Marsha Hanzi, Masanobu Fukuoka, Bill Mollison, David Holmgren. E, mais praticamente através da proximidade que tive, o Tomaz Lotufo que foi um tutor pra mim a cada edição de PDC que construímos juntos nessa minha entrada no mundo da permacultura.

**P73:** Bill Mollison, David Holmgren, Ernest Götsch, Ana Primavesi, Namastê Messerschmidt, Fabiana Penereiro, Zé Ferreira, Marsha Hanzi, Peter Webb.

**P74:** Bill Mollison, Ana Primavesi, Ernst Götsch, Miguel Altieri, Biscoito, agricultores familiares agroflorestais e orgânicos.

**P75:** [EM BRANCO].

**P76:** Holger Hieronimi, Ecoescuela El Manzano, Gaia University, Lucia Battegazore.

**P77:** Bill Mollison, David Holmgren, Marsha Hanzi, Ernst Götsch, Joao Rockett, Jorge Timmermann, Sergio Pamplona, André Soares, Lucy Legan, Tomaz Lotufo, Juliano Ricciardi, Guilherme Castagna.

Não tenho aqui os autores de Introdução à Permacultura e Permacultura passo a passo, mas eles tb.

**P78:** Bill Mollison, David Holmgren, Lúcia Legan, Peter Webb, arquiteto descalço, Jorge Belanco.

**P79:** As principais referências de Permacultura em si são os próprios Bill Mollison e David Holmgren. Busco outros autores para aprofundamento dos conteúdos específicos que me proponho a ensinar. Para citar exemplos, na ecologia cultivada, são referências Ana Primavesi, Miguel Altieri, Chaboussou, Fritjof Capra entre outros. Em relações invisíveis, tenho como referência Humberto Maturana e Marshal Rosenberg.

**P80:** David Holmgren, Jorge Timmerman, Suzana Maringoni, Sergio Pamplona, Peter Webb, Marsha Hanzi.

**P81:** Bill Mollison, Simon Velez, Oscar Hidalgo Lopez, Frei Otto, Vitor Lotufo, Lelé (João Filgueiras Lima).

**P82:** Bill Mollison, David Holmgren, Rosemary Morrow, Michael Pollan, Pupa Permacultura, Pedro Garcia, Lucas Lotufo.

**P83:** Bill Mollison, Geoff Lawton, Ana Primavesi, mas existem pessoas sem grandes publicações que me inspiram, como Tomaz Lotufo, Marsha Hanzi, João Paulo Lotufo, experiências do PermaPerifa, Zé Ferreira etc.

**P84:** NUROF - Núcleo de Ofidismo da Universidade Federal do Ceará, Paulo Sergio Bernarde, entre outros.



**P85:** Bill Mollison, David Holmgren, Geoff Lawton, Masanobu Fukuoka, Ana Primavesi.

**P86:** Atualmente, minha grande referência é David Holmgren.

**P87:** Bill Mollison, David Holmgren, Neimar Marcos da Silva, Geoff Lawton, Miguel Altieri, Ana Primavesi, Marsha Hanzi.

**P88:** Bill e David, Espaço naturalmente POA, Daterra Estância Velha RS, Arca Verde São Francisco de Paula, Unipermacultura Alpestre RS.

**P89:** David Holmgren, Bill Mollison, Vandana Shiva, Elinor Ostrom, Buzz Holling, Jared Diamond, Otto Scharmer, John Seed, Steve Keen, Mohamad Yunis, Fritjof Capra, John Croft.

**P90:** [EM BRANCO].

**P91:** Guillermo Gayo ONG Takuara Renda, Percy Ney Silva ONG Içara, Fabio Macedo ONG Içara, Marcos Marques Sítio Vagalume.

**P92:** David Holmgren, Bill Mollison, Rosemary Morrow, Joanna Macy, Looby Mcnamara, Sepp Holzer, Bernd Müller, Tomaz Lotufo, Jorge Timmermann, Marsha Hanzi, Helder Valente, Tomaz Enlizador, André Santachiara Fossaluzza, Djalma Nery.

**P93:** Bibliografia: Holmgren, Mollison, Ross Mars. Pessoas: Jorge Timmermann, Sérgio Pamplona, Tomaz Lotufo, Gardel Silveira.

**P94:** Bill Mollison, David Holmgren, sem dúvida meus professores e também companheiros do grupo Curare, Tomaz Lotufo, Lucas Lotufo, Peter Webb, Marsha Hanzi etc... também em agroecologia alguns como Jairo Restrepo, Ana Primavesi, Miguel Altieri, Gliessman, Guzmán, etc., que me complementam na permacultura.

**P95:** Marsha Hanzi, Tomaz Lotufo, Lucas Lotufo, David Holmgren, Bill Mollison, André Santachiara, Djalma Nery, Fernanda Helena Palermo, Rafael Guerreiro, César Trevelin, Yuri, Desireé, galera do Pupa, Rosemary Morrow, Pedro Garcia, Fukuoka, Sergio Adachi, Nádia Recio, Galera do Curare, odos que lutam pela PachaMama. Sem ordem de importância, o permacultor mais importante é aquele que está ao seu lado no momento presente. =)

**P96:** David, Bill, Marsha Hanzi, Peter Web, Tierra Martinez, Jorge Belanco.

**P97:** Autores como Bill Mollison, David Holmgren e Joseph Jenkins são referências internacionais com publicações.

Como permacultores mais próximos tenho como referências: Skye (facilitador do meu primeiro PDC) e o Leandro Sparrenberger, sócio fundador do Instituto Arca Verde (referencial prático).

**P98:** ANDRE SOARES, LUCY LEGAN, GEF LAWTON, BILL MOLLISON, SCOTT PITMAN, EUGENIO GRASS.

**P99:** *En verdad tengo muchas referencias en torno a la Permacultura. Cada una de esas personas me ha brindado procesos de aprendizajes diferentes.*

*Aclarando que muchos de ellos y ellas no conocían el termino permacultura.*

*Al darle una visión sistémica, integral y holística a nuestros procesos educativos (más que un solo PDC) podríamos tener muchos referentes para anotar aquí. Realmente son muchos.*

**P100:** Bill Mollison, David Holmgren, Goethe, Ana Primavesi, Masanobu Fukuoka, Jorge Timmermann.

**P101:** - Bill Mollison, - David Holmgren, - Ernest Götsch, - Johan Lengen.

**P102:** Tenho diversas referencias na permacultura, as mais importantes são referências em suas atuações práticas. Além de Bill Mollison e David Holmgren, como suas publicações, tenho como referência a atuação do coletivo Curare no que tange a promoção de PDCs, Pete Webb em sua sensibilidade na relação homem natureza, a Ecovila Terra UNA e seus participantes no que tange organizações coletivas e implantação de comunidades, Ricardo Piva e Biskuit na bioconstrução, Emanueel Kodja nas relações invisíveis, Guilherme Castagna no saneamento, José Pacheco na educação, dentre tantos outros que encontrei nessa caminhada.

---

### **3.2. Quem são seus principais referenciais teóricos na área de educação? Por quê? (Indique quais autoras e autores baseiam sua ação pedagógica ou quais correntes lhe despertam mais interesse)**

**P1:** Paulo Freire, Moacir Gadotti, Ana Tomaz, Viviane Mosé, Arly Cravo, Joanna Maicy, Skye, Ken Wilber.

Minha atuação pedagógica é muito mais baseada em ações e metodologias que promovem melhores resultados nas turmas do que em estudos teóricos. Nesse sentido, devo citar também Murilo Gun como importante inspiração e fonte de ideias metodológicas, apesar de ele não ser um autor conhecido na área pedagógica.

**P2:** Rudolf Steiner, porque acredito na educação mais "natural" e mais holística, ou uma educação que liga todo o ser e não só a mente.

**P3:** Jean Piaget Epistemologia, Paulo Freire, Viktor Frankl, Carl Jung, Gregory Bates.

**P4:** Paulo Freire - pedagogia da libertação - porque acredito numa abordagem problematizadora, de valorização do sujeito e de autonomia no processo de aprendizagem.

**P5:** Paulo Freire, Rubem Alves, José Pacheco, Helena Singer, Tomaz Lotufo, pela subversão da educação.

**P6:** Não tenho aprofundamento nessa área. Minha atuação como facilitadora é muito básica e simples. Compartilho as atividades que desenvolvo no projeto com oficinas práticas e roda de conversa.

**P7:** Puxa, não tenho foco em um método ou outro. Aprendi na dificuldade e sigo usando ela como guia para orientar minhas práticas de ensino. Tenho costume de sempre sair da "zona de conforto" quando estou lecionando algum tema e, procuro participar daqueles que não tenho tanto conhecimento para ficar em uma situação desconfortável e me virar, fazendo conexões e analogias práticas. Entendo ser essa a essência da visão sistêmica.

**P8:** *Paulo freire, Rudolf Steiner, y Jung. Porque ellos hablan de que todos los seres humanos somos diferentes y no hay un solo sistema o pedagogía que nos unifique, cada uno necesita formas diferentes y aprendemos en la práctica prueba y error esta es la forma donde más se nos queda lo aprendido y no se olvida.*

**P9:** PAULO FREIRE, MARIA MONTESORI. POR CONSIDERAR O RESPEITO ÀS DIFERENTES NECESSIDADES NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO EMANCIPADORA.

**P10:** Gosto muito da corrente Antroposófica e dos ensinamentos de Rudolf Steiner, da pedagogia profunda de Jung e também leio Paulo Freire, Fritjof Capra e outros pensadores.

**P11:** Paulo Freire – educação popular.

**P12:** [EM BRANCO].

**P13:** Meu conhecimento sobre a parte pedagógica é limitado. Já li e me identifico com Paulo Freire.

**P14:** Na minha formação universitária não fui direcionada para tal. Mas, me identifico com Paulo Freire, Maria Montessori e a Waldorf Rudolf Steiner. Porque: - levam em conta os oprimidos e adequação de linguagem a cada localidade e público; - levam em conta os excluídos, a praticidade das coisas da vida; - levam em conta a arte, espiritualidade e a natureza. E toda tem como base o respeito as diferenças.

**P15:** Jean Piaget pelo estudo no desenvolvimento cognitivo e Paulo Freire por ser um dos responsáveis pela criação da Teoria Crítica que leva em conta o contexto social e cultura do educando.

**P16:** Paulo Freire, por entender que ele conseguiu concretizar uma metodologia que possibilita compreensão para qualquer público.

**P17:** José Pacheco, sou adepta da educação livre.

**P18:** Rudolf Steiner e José Pacheco.

**P19:** Paulo Freire Brasil, a escola Antroposófica de Steiner. (arte e habilidades); tenho outra percepção da educação meus referenciais são antropólogos, no meu mestrado estudei TIM INGOLD, um outro viés! não acredito na escola clássica e suas metodologias.

**P20:** Muitos autores são minha referência: Rudolf Steiner, Vandana Shiva, Peter Web, Leonardo Boff... Ferramentas como fenomenologia, escuta ativa, educação circular, e principalmente o aprender pela ação. Aquilo que passa pela pele e sangue.

**P21:** Bill Mollison, David Holmgren, Paulo Freire, Rudolf Steiner, Irene Cardoso, José Pacheco.

**P22:** Escola Livre. Paulo Freire.

**P23:** Paulo Freire e sua pedagogia do oprimido, que valoriza o conhecimento e história de cada um como fundamentais para a construção do saber, esse caráter popular de sua pedagogia vai ao encontro do aspecto social e transformador da permacultura. Gosto muito do Fritjof Capra e seu tema Alfabetização Ecológica, pois traz uma compreensão sistêmica da vida, da relação com a natureza, é de uma minúcia no adentrar desse conceito da rede, da teia da vida, acho que tem tudo a ver com a permacultura. Também nessa linha bebo mito do Bert Helinger e seu tema Educação Sistêmica, que aprofunda nessa coisa da raiz de cada um, de sua herança ancestral, de sua constelação familiar. Gosto muito também do Rudolf Steiner pelo olhar aprofundado sobre o desenvolvimento desse ser

humano em total relação com a natureza e Goethe por esse aspecto da beleza e das imagens, da arte enquanto um meio de conexão com o divino, dessa beleza que está na vida e não fora dela.

**P24:** - Paulo Freire, - Montessori, - Frijot Capra, - Rudolf Steiner, - José Pacheco.

**P25:** Paulo Freire; Tião Rocha; Célio Turino.

**P26:** COMO DISSE, USO TEORIA DE FORMA MUITO CAUTELOSA, POIS PENSO QUE A PERMACULTURA DEVE ENCONTRAR UM CAMINHO DE AUTONOMIA. ENTÃO O PENSADOR QUE MAIS DE AGRADA É O STEVE JOHNSON, QUE ESCREVEU O LIVRO: EMERGENCIA, A DINÂMICA DE REDES EM CÉREBROS, CIDADES, SOFTWARES E FORMIGAS.

**P27:** Paulo Freire, Tierra Martinez, Reg Revans, Jack Mezirow, Orlando Fals Borda, entre outros.

**P28:** Muitos... injusto esquecer algum.

**P29:** Não sigo uma concepção pedagógica definida, mas tenho como inspirações o educador Paulo Freire e o idealizador da Escola da Ponte, o professor José Pacheco, que trazem muitas reflexões sobre o trabalho docente, principalmente a formação de jovens em situações vulneráveis.

**P30:** Não se aplica.

**P31:** Juliano Riciardi. Modelos mais libertários, Waldorf.

**P32:** Paulo Freire e o gaia education, por estar junto com a ONU pensando as melhores diretrizes para a educação para a sustentabilidade.

**P33:** já respondi em pergunta anterior.

**P34:** Paulo Freire. Estou totalmente de acordo com a visão deste autor com relação a educação e suas propostas metodológicas.

**P35:** infelizmente não tenho um estudo teórico sobre educação, sempre fui bastante intuitivo ...

**P36:** Autores principais: Paulo Freire, José Pacheco. Correntes de maior interesse: construtivismo, antroposofia etc.

**P37:** Tenho grande interesse em pedagogias alternativas, tendo estudado muitas linhas diferentes. A minha maior referência em termos de educação formal é a escola de Summerhill, de A. S. Neil. Também a linha de pensamento de Paulo Freire é uma referência pessoal na minha formação e tenho ainda interesse pelas discussões acerca da Desescolarização.

**P38:** Em minha formação em educação, tenho me identificado com a corrente da Pedagogia histórico-crítica, que tem como alguns princípios a ideia de que o ensino deve ter o objetivo de transformação social emancipatória das classes menos favorecidas, de que os educadores têm um papel fundamental neste processo onde devem partir da prática social dos educandos (a princípio com conhecimento mais estruturado que o deles) e passar pelo processo pedagógico de forma que ao fim se retorne à prática social dos educandos, que desta vez partilham do nível de conhecimento do educador. Penso que o compromisso com a transformação social desta corrente e sua visão de ser humano têm muito a somar com a proposta da Permacultura e com os princípios éticos.

**P39:** Eu não estou muito conectado com essa linhagem, mas, claro, tem o Paulo Freire, que é o "mestrão" e é a minha referência principal, mas eu confesso que nunca dediquei muito tempo de estudo para me basear, basear meu conteúdo, minha abordagem em sala de aula, neles. Pontualmente, de novo, o mestre, mas eu venho trazendo isso com umas vivências, diversos cursos, dinâmicas, danças, eu incorporo esse tipo de coisa. De sentir, ao longo dessa experiência de mais de 10 anos dando PDC também.

**P40:** escola da ponte (Pacheco), escolas libertarias, escola do MST e outras mais que fazem a integração das pessoas com a natureza.

**P41:** Tião Rocha, José Pacheco, Ana Thomaz, Mauro Guimarães, Capra, Paulo Freire, Rudolf Steiner.

**P42:** FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia.

FREIRE, P. À sombra desta mangueira.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação?

MORAN, J. M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar.

MORAN, J. M. Educação Humanista Inovadora.

**P43:** Paulo freire. pela perspectiva crítica.

**P44:** Paulo Freire, o saber não é capital individual; se constrói, pelo menos, entre dois. Os dois saberes juntos, sabem mais. Edgar Morin, sete saberes necessários para o século XXI. Philip Perrenoud, competências necessárias para o aprendizado. Pichón Rivière, leitura e dinâmica de grupos.

**P45:** [EM BRANCO].

**P46:** Lucia Legan, Feliz Guattari, Paulo Freire, Fritjot Capra, Leonardo Boff, entre outros.

**P47:** [EM BRANCO].

**P48:** Paulo Freire, Fritjof Capra, Sonia Hirsh, Augusto Cury, Lama Padma Samtem, Lucidor Flores.

**P49:** Minha ação pedagógica hoje vem da pedagogia da cooperação e suas práticas interativas, metodologias como World Cafe etc., com o máximo de participação do grupo.

**P50:** Paulo freire, Rudolf Steiner, Ivan Ilyich, entre outras...inspiram um olhar único para o ser humano e seu potencial, incentivam uma educação libertaria e dialógica, inspirada na realidade e contexto do local onde se aplica qualquer criação ou compartilhar de conhecimentos.

**P51:** Paulo Freire, Rita Mendonça, Bernice McCarthy.

**P52:** Paulo Freire, Rudolf Steiner, Vygotsky, Pacheco, Edgar Morin, Fritjof Capra, David Own, Bourdieu.

**P53:** Paulo Freire pela educação libertadora e próxima ao oprimido.

**P54:** Monica Passarinho, hehehe educação para a sustentabilidade, educação integral, construtivismo, não sei dizer tanto, atuou muito na intuição e experimentação.

**P55:** Minhas experiências práticas é que me dão base para meu conhecimento e metodologia Antroposófica.

**P56:** Método Paulo Freire e Educação Biocêntrica, haja vista a abordagem crítica, dialógica e interativa dessas linhas pedagógicas.

**P57:** Paulo Freire, Suzana Maringoni.

**P58:** Bill Mollison, David Holmgren, Johan Van Lengen, Gernot Minke, André Soares, Rosemary Morrow, Sepp Holzer, Ross Mars dentre outros. Atualmente o que mais me interessa é a bioconstrução e agricultura natural coreana.

**P59:** Paulo Freire, Leonardo Boff, Edgar Morin, Fritjof Capra.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Gosto muito da "Sudbury School" que acha que o próprio aluno é inteligente e tem capacidade de definir o que é importante aprender. Por isso, não sou fã do professor falando e o aluno tomando nota! Isto se reflete nos meus cursos. Os participantes nos PDCs foram exigidos a toda hora de criar, achar soluções, botar mão na massa... Como sempre trabalhei com energias, isto foi embutido nos meus PDCs, que chamo de "PDC-Plus" o "Plus" sendo visualização criativa, radiestesia, comunicação com as plantas... (Como Geoff Lawton falou que era proibido fazer isto no PDC, contornei a questão dizendo que estas coisas fazem parte do "Plus". Ironicamente, isto só aumentou a procura para nossos PDCs!

**P62:** Paulo Freire, Jose Pacheco, Rudolf Steiner. Pedagogia Viva, Pedagogia da Escuta, Pedagogia Waldorf, Pedagogia Progressista...

**P63:** rosemary morrow, john croft, eu mesma...

**P64:** Paulo Freire, Moacir Gadotti, Jean Piaget, Alexander Luria, Lev Vygotsky. Paulo Freire, de uma maneira geral, pela formação de conceitos que façam sentido para as pessoas, que sejam de suas experiências pessoais. Moacir Gadotti por trabalhar como tema pedagógico a motivação. Jean Piaget, pela técnica de construir o conhecimento a partir do conhecimento prévio que as pessoas tenham sobre o assunto. Luria pela psicologia cultural-histórica e Vygotsky pela psicologia cultural-histórica.

**P65:** Paulo Freire por seu viés de construção dialógica e libertária. Celso Vasconcelos que apresenta a metodologia dialética de construção do conhecimento de forma muito simples e tem um trabalho incrível sobre a essência da avaliação e acompanhamento da aprendizagem dos estudantes. Celestin Freinet sobre o aprender fazendo e pedagogia de projetos. Teoria que se atualiza com José Pacheco e comunidades de aprendizagem.

**P66:** Por incrível que pareça, minhas maiores referências na educação não são pedagogos. São referências que tratam de uma outra organização social. Se repetem com a questão anterior.

**P67:** Acho que os únicos teóricos da educação, especificamente, que li foram Alexander Neill, fundador de Summerhill, na Inglaterra; e Homer Lane, uma das referências de Neill. Acredito profundamente no potencial da liberdade e que devemos procurar estar livres de medo. Tem também a Ana Thomaz, e suas propostas no âmbito da Desescolarização; Casilda Rodríguez e Ana Cachafeiro, fundadoras da Sociedade Antipatriarcal, que reivindicam a autonomia das crianças e o não domínio sobre elas; o psicanalista Willian Reich e Eva Reich, sua filha, ao falar de sexualidade infantil e desenvolver técnicas de cuidado com bebês; José Pacheco e a experiência da Escola da Ponte; as práticas autonomistas dos Zapatistas; Nietzsche, Foucault, Deleuze e Guattari são filósofos que de

alguma maneira fundamentam meu pensamento crítico em relação às instituições de poder; ah, e claro, o Paulo Freire, que eu nunca li mas está no imaginário coletivo e não poderia faltar!

**P68:** Educação Biocêntrica, antroposofia, pedagogia Griô. metodologia Paulo Freire.

**P69:** Paulo Freire. O método do Paulo Freire é o melhor e mais humano método de partilha de conhecimentos e de aprendizagem. Ele traz uma visão politizada da realidade, e a partir desta compreensão e de uma prática dialética e dialógica, repensarmos o mundo através da educação e dos processos educativos. É muito lindo.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** Ruth Cavalcante e Cassia Regina ambas da Educação Biocêntrica.

**P72:** Atualmente o caminho que tem mais me inspirado está relacionado com a Antroposofia de Rudolf Steiner. Também gosto e me aproximei de Paulo Freire. Através das minhas práticas como atuante no desenvolvimento de grupos também me embasei por vezes na educação experiencial. Hoje tenho sido principalmente muito impactado pela abordagem trazida pelo Allan Kaplan em sua abordagem pedagógica e como profissional de desenvolvimento social a partir das bases na Fenomenologia Goetheana.

**P73:** Apesar de nunca ter lido, Paulo Freire é uma das minhas únicas referências na área da educação pois nunca me dediquei ao estudo aprofundado dessa ciência.

**P74:** Paulo Freire pela forma como dialoga e constrói os conhecimentos.

**P75:** [EM BRANCO].

**P76:** Johana Macy, Vivian Ditmar, David Holmgren, Bill Mollison, *hago mucho trabajo de campo donde pregunto a los antiguos o abuelos de lugar sus prácticas ancestrales.*

**P77:** Paulo Freire, Lucy Legan, Pedagogia Waldorf (Rudolf Steiner e outros), Mary-Ann Müller.

**P78:** Sky, Rudolf Steiner, José Pacheco, Paulo freire, Ana Tomaz, Moacir Gadotti, Frijot Capra,

**P79:** Possuo forte influência da educação popular libertadora - principalmente de Paulo Freire - e histórico-crítica. Sou também bastante adepto do pensamento sistêmico e da complexidade, podendo citar Edgar Morin e Humberto Maturana. Porém, não enxergo nenhuma teoria como totalitária, no sentido de dar conta de toda a complexidade que é o processo de ensino-aprendizagem.

**P80:** Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Talita Moser, Pedagogia da Escuta, Montessori, Pedagogia Ativa.

**P81:** Paulo Freire, Rudolf Steiner.

**P82:** Não dei continuidade a estudos mais profundos na área da educação. Meu referencial são Paulo Freire e o que vou construindo no meu dia a dia como educadora.

**P83:** Minha principal referência é o Paulo Freire, que parece até permacultural, por não tornar o contexto uma das principais ferramentas pro trabalho.

**P84:** [EM BRANCO].

**P85:** Paulo Freire, por tratar a educação de forma libertadora e geradora de autonomia aos educandos, integrando o conhecimento popular à pedagogia, e tornando inseparáveis a relação entre ensino e aprendizagem e entre educador e educando.

**P86:** Minha mulher, que estudou o assunto e me traz as referências a Paulo Freire, Freinet, rsrsr.

**P87:** Antroposofia de Rudolf Steiner e corrente freiriana.

**P88:** Paulo Freire, José Pacheco escola da Ponte ou Ancora, Rudolf Steiner, Escola Ayni Guaporé.

**P89:** Carl Rodgers, Paulo Freire, Otto Scharmer, Sugata Mitra, Robin Clayfield.

**P90:** [EM BRANCO].

**P91:** Gernot Minke construção com Terra.

**P92:** Carla Ferro, Ana Thomaz, Dominic Barter, José Pacheco, Rosemary Morrow, Paulo Freire.

**P93:** Minha prática educativa veio da linha construtivista: Paulo Freire, Vygotsky, Piaget, depois vem a turma da aprendizagem por projetos e competências: Fernando Hernández, Phillipe Perrenoud. Lidar com grupos: Pichón Rivièrè.

**P94:** O que aprendi de educação, foram com meus companheiros do Curare, muitos deles educadores formados pela licenciatura de biologia. Tenho pouco conhecimento de Paulo Freire, mas que gosto bastante.

**P95:** Paulo Freire - educação popular. Rudolf Steiner – antroposofia.

**P96:** Paulo Freire, Leonardo Boff, Capra, Moacir Gadotti. Ambos trazem uma visão de mundo sistêmica integrando o Social e o Ambiental.

**P97:** O Skye tem uma forma bem interessante e peculiar no ensinar, tenho ele como referencial. Mas confesso que não tenho muito conhecimento da área de educação. Nomes como Paulo Freire e José Pacheco entraram na minha vida em um movimento paralelo à minha atuação como facilitador de PDC. Durante a educação da minha filha em uma cooperativa de pais. Então acredito muito no aprender observando e fazendo.

**P98:** ANDRE SOARES, LUCY LEGAN. Excelente didática/vivencial. O PDC NO ECOCENTRO IPEC É INCOMPARÁVEL.

**P99:** *Hay muchas referencias teóricas en el área de educación, pero las principales son mis hijas, con las cuales aprendemos y lo que aprendemos de ellas, lo experimentamos con la gente. Mis hijas son mis verdaderas maestras, ya que, desde su pureza, simplicidad, amor, luz y todo lo que traen los niños, nos ayudan a crecer de una manera muy profunda en todos los niveles, incluidos también como referencias en el área de educación.*

**P100:** Paulo Freire, Célestin Freinet, Tião Rocha, José Pacheco. Participação, educação livre, cidades educadoras, Desescolarização.

**P101:** Minha referência de educação é a própria natureza. Como foi enfatizado no PDC ela é a nossa grande professora.

**P102:** José Pacheco, sem dúvida é uma referência inspiradora no processo educativo, que influencia predominantemente minha atuação. Na teoria básica da educação tenho Michel Foucault como referência em análise filosófica e histórica dos processos educativos atuais onde também trago em menor grau, contribuições de Deleuze e Guatarri neste tipo de análise.

---

### **3.3. Você julga como necessária uma formação pedagógica para sua atuação como facilitadores/as de PDCs? Por favor, explique-nos o porquê da sua resposta.**

**P1:** Não considero necessária nem eficiente uma formação pedagógica formal e teórica, mesmo porque eu não passei por ela. Considero importante, talvez porque tenha sido a minha formação como facilitadora de cursos de Permacultura, a participação na equipe de professores com uma atuação consistente, observando e propondo novas ideias, testando e avaliando, paralelamente aos estudos teóricos, que podem ser autodidatas.

**P2:** Necessária, não, porque a maioria das pessoas já estão acostumados com um tipo de educação não adequada. Mas melhor ou até muito melhor, sim, porque a questão de "como" é uma parte principal de permacultura e como a informação é divulgada é importante.

**P3:** Absolutamente sim. Sem reflexão sobre aprendizado o ensino é ilusório.

**P4:** Considero desejável, mas não necessária. Uma formação pedagógica gera mais ferramentas e amplia as abordagens de atuação de facilitadores de aprendizagem. Entretanto, isso não se aprende somente em cursos formais. Pode ser aprendido de forma autodidata ou no processo educativo de cada facilitador.

**P5:** Não considero uma exigência, porém considero bastante enriquecedora uma formação pedagógica para qualquer atuação como educador.

**P6:** Acho que uma equipe de PDCs pode e deve ser qualificada, atualizada e diversa. Mas também entendo que diversos saberes da permacultura se baseiam em conhecimentos empíricos de comunidades tradicionais, e trazer uma abordagem técnica para tudo que faz parte da permacultura pode tirar um pouco da beleza e a originalidade desses saberes. Acho que é importante o equilíbrio e valorização dos pontos fortes do que cada facilitador/projeto traz consigo.

**P7:** Respondida no item 3.2.

**P8:** Creo que sí, porque mayo hos facilitadores de permacultura enseñan basado en su sola verdad sin interesarles los demás una escucha consiente de como aprende cada persona y que.

**P9:** NÃO. CONSIDERO A VIVÊNCIA EM PERMACULTURA FATOR PRIMORDIAL, MAIS IMPORTANTE QUE A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA, POR POSSIBILITAR O ALCANCE DO ENTENDIMENTO DE QUE VIVEMOS NUMA TEIA DE COLABORAÇÃO COM A NATUREZA.

**P10.** Não acho necessário formação pedagógica especificamente, mas alguma formação e principalmente didática e conhecimento real e prático do assunto que irá abordar. Acredito que só podemos ensinar aquilo que somos e praticamos. Não adianta ter formação pedagógica e não ter experiência no assunto.

Uma formação pode ser interessante para alinhamento das grades, técnicas etc.

**P11:** Não necessariamente, no meu caso, minha trajetória ajudou muito a adquirir experiência que eu considero ser o mais importante para o profissional.

**P12:** Eu ministro cursos de bioconstrução em diversos locais, seja dentro ou fora de PDCs. Foi algo que fluiu em minha vida profissional naturalmente. Sinto falta sim de um embasamento a respeito de didática e pedagogia, que não foi proporcionado em minha formação com arquiteta, nem na graduação nem na pós.

**P13:** Sim, certamente. Acredito que para ser facilitador de PDC é essencial: 1) ter um tempo de prática como permacultor, de alguma forma, pois é difícil ensinar o que não se vivencia; 2) ter formação pedagógica para tal, pois não nascemos professores e é muito importante aprender a ensinar.

**P14:** Tem pessoas que parecem que já nascem com esse dom, ensinar. Mas, por via de regra seria bom se todos tivessem alguma formação. Eu gostaria muito de ter uma formação com profissionais que me auxiliassem nessa área, pois com toda certeza iria melhorar meu desempenho na transmissão de ideias e conhecimentos. Essa formação me daria uma postura necessária para enfrentar o desafio de estar numa sala de aula, sem me perder de mim mesmo.

**P15:** Julgo necessária, acredito que pode ocorrer informalmente. A formação pedagógica ajuda na escolha da estratégia de ensino mais adequada para determinado público e situação.

**P16:** Sim, pois se não tivermos essa compreensão não conseguiremos ser didáticos bastante para repassar o conteúdo e sermos compreendidos e compreender as necessidades de cada pessoa envolvida no processo.

**P17:** Não. E acredito na permacultura sobretudo como cultura, prática, outra maneira de viver e de produzir riqueza. Minha utopia é que ela se dissemine de tal forma que PDCs não sejam mais necessários. Que todos sejamos professores e alunos ao longo de toda a vida.

**P18:** Não. Não vejo necessidade de formação pedagógica para transmitir conhecimento.

**P19:** sim, desde que a busca seja por uma nova construção, uma escola que desperte interesses e valorize habilidades. Uma escola a céu aberto! novos horizontes e novas relações com os facilitadores.

**P20:** A princípio não, pois vejo muitos ótimos educadores não formados em áreas da pedagogia. O que me preocupa é justamente o contrário, pessoas não formadas ou até formadas em áreas da pedagogia, ministrando assuntos que não possuem muita experiência empírica, vivida, e muitas vezes com didáticas ultrapassadas e de baixa eficiência.

**P21:** Não necessariamente... a formação tradicional acadêmica não traz metodologias libertadoras propostas nos cursos, portanto os facilitadores precisam de vivência prática e sensibilidade às particularidades de cada grupo.

**P22:** Penso q mais importante q uma formação específica é ter boas referências. Isso se faz com experiências tanto como aprendiz ou como facilitador. O processo pedagógico e as metodologias sempre estão se transformando.

**P23:** Não, mas pode ser bom. Não julgo fundamental pois tive uma péssima formação pedagógica na licenciatura em Ciências Sociais, então tudo o que eu construí um pouco nessa linha foi por conta própria mesmo, mas vejo que faz diferença quando se tem uma formação melhor, vejo nas pessoas do Curare um olhar pra educação bem mais embasado as vezes, acho muito legal isso. Gia da vida né

**P24:** Sim, pois nem todos que se apropriam das práticas e teorias e se empoderam possuem conhecimento sobre as bases pedagógicas do PDC.

**P25:** Com certeza. Ministras aulas é uma prática que requer, além de sensibilidade, técnica e conhecimento. Não adianta sabermos muitas coisas se não soubermos como nos expressar e nos fazer entender. Sobretudo porque a prática pedagógica é mais uma prática de mediação do que de transmissão do conhecimento. Trata-se de auxiliar o educando a acessar o conhecimento que está no mundo ao redor, e não apenas transmiti-lo. É preciso refletir e praticar a respeito para conseguir chegar a níveis satisfatórios.

**P26:** ABSOLUTAMENTE NÃO.

**P27:** *Se puede o no tener una formación, pero la verdad que la mejor forma de adquirir herramientas de manejo de grupo, de discurso y organización temática es exponiéndose a facilitar un espacio. Un facilitador no tiene que ser un experto, solo debe ser un buen observador, empático y consciente del grupo y lugar en el que se encuentra y poder tener un amplio abanico de herramientas para fomentar la inteligencia colectiva.*

**P28:** Uma formação diversa, sem ser como "permacultor".

**P29:** Não julgo necessária que um educador em permacultura seja formado em uma universidade, mas que busque uma formação pedagógica para melhorar as habilidades de educador. Uma base pedagógica traz uma série de estratégias educativas que facilitam o aprendizado das pessoas, desde crianças até adultos com concepções bem enraizadas.

**P30:** Acho importante, pois quando dei aula percebi que muito me ajudou ser licenciada, mas não tenho uma opinião formada se isso seria essencial.

**P31:** Não, acredito que cada um tem um modelo que melhor se encaixa com seu perfil, e com o tempo, se a pessoa realmente gosta de ensinar ele vai se aperfeiçoando.

**P32:** Não julgo como imprescindível, claro que se a pessoa tem uma formação pedagógica melhor, mas acredito que seguindo um currículo básico padrão as pessoas qualificadas para tanto devem facilitar sim. Mas mais que isso vejo que pode e deve ser um curso dentro das universidades.

**P33:** Para a Permacultura Social e tudo que a envolve sim, além dos conhecimentos técnicos e metodológicos. Para algumas áreas mais técnicas da permacultura, não acho tão relevante uma formação pedagógica acadêmica, mas um aperfeiçoamento contínuo na comunicação e metodologia de ensinar.

**P34:** Acho importante um processo de formação pedagógica a facilitadores de PDC, pois considero diferente o saber sobre um determinado assunto e o saber comunicar e ensinar determinado assunto. Hoje acredito que os facilitadores de PDC acabam buscando esta bagagem pedagógica por conta própria, através de suas vivências e pesquisas individuais ou enquanto coletivo de permacultura. Isso é extremamente válido e legítimo, e um curso de formação não deveria minar estas iniciativas ou uniformizar a forma de atuação de cada um. Mas ainda assim, acho que um curso de formação de facilitadores de PDC poderia enriquecer MUITO a atuação, melhorar a qualidade e aumentar os espaços de trocas específicas sobre este tema: a dar aula.

**P35:** Para o PDC nos moldes que existe hoje em dia, com uma grade curricular bastante rígida eu acredito que uma formação é necessária ..., mas ainda prefiro "PDCs" adaptados a nossa realidade.

**P36:** Eu julgo necessária a formação pedagógica, pois não basta apenas saber o conteúdo, temos que aprender como passar estas informações de forma que seja melhor absorvida pelas pessoas.

**P37:** Não. Assim como não é um pré-requisito para ensinar temas específicos da permacultura que se tenha formação de base naquele campo. Por exemplo: engenharia civil ou arquitetura para bioconstruções; agronomia ou engenharia agrícola para sistemas agroflorestais; biologia para ecologia; etc.

**P38:** Acredito que seja necessária alguma formação pedagógica, ainda que não uma graduação ou especialização, mas como nos PDCs, se dão relações de ensino-aprendizagem, é de suma importância que o/a facilitador/a tenha consciência sobre as condições humanas e materiais sobre as quais essa relação se constrói. Penso que seja necessário, portanto, que tenha um posicionamento sobre a relação professor-aluno, sobre como se dá a aprendizagem, e conhecimento sobre as concepções humanamente construídas a respeito desses tópicos para se tomar posição (e que essa posição seja coerente com os princípios da permacultura), que tenha consciência sobre que o ensino-aprendizagem se dá sobre relações humanas, sujeitas a complexidades, subjetividades, emoções etc. Que toda turma é diferente, que é necessário refletir sobre a prática, pensar em métodos de ensino e de avaliação, pensar sobre as especificidades de um PDC, seu formato, objetivos, conteúdos e estrutura etc.

Acredito que sem isso, a ação profissional está comprometida ou ao menos limitada.

**P39:** Acho que seria relevante, acho que seria muito rica. Eu acho que, como facilitador de PDC, eu acho que seria muito positivo, na verdade. Eu não sei se obrigatório, mas, sem dúvida, recomendável, por essas razões que eu falei há pouco. Claro, uma coisa é você ter vivência, vai aprendendo dando cabeçada, mas nos primeiros anos, em especial, seria bacana ter uma abordagem pedagógica mais sólida para oferecer os cursos.

**P40:** creio que não... pois a formação em permacultura se faz com a experiência... o permacultor@ deve praticar bastante aplicar as técnicas se aprofundar em estudos físicos e biológicos para saber dar soluções para qualquer No que possa aparecer.

**P41:** Pesquisa pedagógica sim... formação não...

**P42:** Creio que, como em qualquer outra área, é necessária uma formação pedagógica para dar aulas. Não sei dizer se é necessária uma formação específica para facilitadores, mas sim, que é necessário o domínio de conteúdos que norteiem o trabalho do facilitador.

**P43:** não é necessária, mas aprender-ensinar é sempre bacana.



**P44:** A formação pedagógica não é requisito indispensável. Mas, ajuda muito à leitura do grupo e auxilia no posicionamento do facilitador frente ao grupo.

**P45:** [EM BRANCO].

**P46:** necessário pois facilita a forma didática do desenvolvimento metodológico do curso.

**P47:** Com certeza! Acredito que seja fundamental estar apropriado de ferramentas pedagógicas para conseguir transmitir com profundidade os assuntos. Acredito que ter experiência e muito embasamento teórico e prático não seja suficiente para ser um facilitador do PDC, acredito que a metodologia e outros aspectos pedagógicos sejam fundamentais para a transmissão efetiva do conhecimento.

**P48:** É importante para qualificar os facilitadores.

**P49:** Sim seria ótimo, para alinhar e dar bases para os facilitadores de várias vertentes distintas.

**P50:** Em meu caso uma formação complementar sim foi de fundamental importância, para desenvolver habilidades de comunicação não violenta e impositiva, escuta ativa, empatia, compreensão das diferentes épocas de vida e temperamentos do ser humano individual e em coletivo.

**P51:** Sim. Não adianta saber o conteúdo e não ter metodologia para passá-lo adiante de forma interessante e entusiasmante.

**P52:** No caso de PDCs com comunidades de baixa renda acho fundamental a formação em Paulo Freire. Para evitar a reprodução de uma educação colonizadora, permacultura não deve ser imposta, e sim ser humildemente sugerida para o povo. Afora isso, a formação no próprio PDC e o portfólio do permacultor devem ser os critérios para considerar alguém permacultor.

**P53:** Eu julgo como muito importante mas não como um pré-requisito, pois acredito que o mais importante e compreender a fundo os princípios da permacultura através de uma vivência prática, pois ensinar é algo que é intrínseco ao ser humano

**P54:** sim, com certeza! Conheço pessoas inteligentíssimas, que sabem muito da teoria e da prática, mas que não tem o menor talento para repassar esse conteúdo. além do que acho que estamos em momento de trocas e não de um fluxo unidirecional e alguns "mestres" não gostam deste lugar. eu mesma, gostaria de ter mais formação teórica.

**P55:** Para mim que ministro cursos a mais de 15 anos, desenvolvi uma metodologia própria, mas acredito que para um iniciante seria muito útil.

**P56:** Acho desejável, mas não uma condição para a atuação dos facilitadores de PDCs. Entendo que se a formação pedagógica passasse ao status de exigência, isso restringiria a difusão da permacultura, ferindo seu próprio caráter libertário.

**P57:** Acho interessante para garantir a qualidade do conhecimento dos futuros permacultores, mas não considero essencial. Acredito muito que a prática aliada a um conhecimento do que é o mínimo para ser considerado um PDC já sejam suficientes.

**P58:** Não acho necessária uma formação formal pedagógica. Mas é coerente a prática e o alinhamento junto ao grupo que está dando o PDC e também a experiência auto certifica o facilitador. Agora os cursos de formação de facilitadores são importantes para melhorar as práticas e gerar discussões para melhorias dos PDCs.

**P59:** Creio que conhecimentos sobre pedagogia são importantes para melhorar os resultados do PDC em termos de assimilação de seu conteúdo pelos participantes.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Não. Acho necessário Experiência Prática! De preferência de longa data...

**P62:** Claro, essa foi uma das primeiras orientações que recebemos. No meu caso, para ministrar PDCs fiz dois cursos de formação para professores de PDC. É a base para ética, coerência e de maneira geral, didática e confiança para multiplicar conhecimento.

**P63:** SIM, pois muitas vezes os facilitadores não têm didática, apesar de serem muito simpáticos e deterem o conhecimento... na sabem repassar ou não captam a atenção, ou não são estimulantes...

**P64:** É importante ter uma formação pedagógica, mas não é essencial. Tenho conhecido excelentes educadores na área da permacultura que não têm formação em pedagogia. São excelentes no que fazem e transmitem um entusiasmo naquilo que ensinam.

**P65:** Acho importante que o educador compreenda como se dá o processo de construção do conhecimento. Não sei se há a necessidade de formação pedagógica tradicional pedagógica. Considero que essa formação deve ocorrer entre pares Permacultores em comunidades de aprendizagem.

**P66:** Sim. A Permacultura, se entendida em profundidade, vai para além de um conceito sistêmico. É um conceito integral. Aqui devemos entender integral sob a definição de Ken Wilber. Algo

que é maior que sistêmico, maior que complexo. É algo inovador e que promoveu dança de paradigma. Por isso, precisamos desenvolver várias outras estruturas para proporcionar essa aprendizagem de forma coerente com sua proposta. Geralmente, desejamos o sistêmico e acabamos atuando de forma mecanicista. É para que isso não aconteça, temos que usar outras ferramentas. Por isso, faço uma diversidade de cursos (como os que listei em uma das primeiras perguntas). Uma formação que esqueci de mencionar é que considero fundamental é a Teoria U, de Otto Scharmer.

**P67:** Não considero absolutamente necessária, mas me parece uma boa ideia. A permacultura e o conteúdo do PDC vão "passando de mão em mão" e isso gera uma espécie de entropia, um esvaziamento de sentidos, uma reprodução mecânica (às vezes de equívocos, inclusive), que vão distorcendo a própria proposta inicial da permacultura.

**P68:** Não acho necessário. Até porque só se pode dar um PDC quem tenha feito, mas acho importante a responsabilidade e respeito pela permacultura na hora da realização do curso. Uma formação pedagógica é importante para dar ferramentas para permacultor no momento de passar o seu conhecimento e sua experiência. Acredito tanto nisso que nesse momento estou junto a uma rede de permacultores do Ceará montando um curso de formação de facilitador de PDCs com Jorge Timmerman e Suzana. Acredito que só venha a somar no desempenho do facilitador. Mas como falei antes não acho que isso deva ser uma regra, até porque ferramentas pedagógicas não se aprende só em formação. E se o facilitador tem uma equipe comprometida um complementa o que o outro.

**P69:** Acredito que sim! Mas não só pedagógica, mas sobretudo epistemológica, ou seja, não adianta saber ensinar, é importante saber o que realmente podemos conhecer e qual a origem de determinados conhecimentos e como eles se formam nessa transdisciplinaridade que é a permacultura. Primeira coisa a ser debatida na pedagogia da permacultura: ela é uma ciência interdisciplinar ou transdisciplinar? Se formos pelos conceitos de Ivani Fazenda, a permacultura é transdisciplinar. Eu tive a sorte de ser formado numa licenciatura em filosofia, fui professor, fiz estágio, e fui pesquisador do grupo Paulo Freire e isso me ajudou muito. Infelizmente no momento não tenho tempo para escrever, mas em breve eu quero poder teorizar mais sobre a permacultura.

**P70:** Tenho formação Waldorf, certamente ajudou bastante.

**P71:** As formações são sempre um auxílio no processo, mas não devam ser condicionantes para uma atuação como facilitados de PDC, uma vez que se a pessoa não tem o dom do ensino, não tem faculdade de Pedagogia que conserte. Logo, não seria fazendo um curso de facilitador que essa pessoa iria se apropriar de algo que ela não tem: o dom de ensinar.

**P72:** Sim, com certeza.

Pois, como disse nas minhas críticas e sugestões com relação aos PDCs, creio que o como construímos o processo pedagógico já é ou não condizente com os próprios pressupostos de qualquer abordagem que busque ser complexa, assim como a Permacultura. Para mim o como abordamos ensina mais do que sobre qual conteúdo estamos abordando. Lógico que essas coisas são inseparáveis, porém considero essencial uma profunda formação nesse quesito da formação pedagógica de educadores em Permacultura por conta do real impacto que ela traz na disseminação da própria Permacultura no mundo. Tenho visto muitas vezes em sua expressão no mundo a Permacultura como algo reducionista e linear com um discurso sobre complexidade e holístico - isso talvez seja uma das coisas mais alienantes nesse processos de transformação para uma cultura da permanência - e creio que isso se dá principalmente pelo despreparo dos educadores como educadores e pela não vivência prática e complexa da permacultura, porém com uma vivência mais intelectual ou mais técnica, porém não complexa e integrada.

**P73:** Acredito que uma vivência prática é capaz de transformar a percepção das pessoas, podendo encantar e despertar novos sentidos em pessoas que estavam totalmente desconectadas do ambiente natural. Porém, também acredito que a educação é uma prática que não pode simplesmente ser aprendida teoricamente.

**P74:** comecei a fazer licenciatura na universidade, mas não terminei. acho interessante a pessoa ter didática, e sim algum fundamento pedagógico pra construir o conhecimento de forma mais interativa.

**P75:** [EM BRANCO].

**P76:** *La formación viene de la experiencia y participación en proyectos colectivos y en encuentros, PDCs, cursos de transición. La permacultura se ha desarrollado fuera de la academia de forma vivencial, se puede ver una buena colaboración con la academia desde la sistematización, pero no perder el trabajo de campo como formación.*

**P77:** Não tenho essa formação, acho que ajudaria bastante, mas não vejo como essencial pois tem muita gente ensinando através de seus aprendizados e prática.... o aprender-fazendo, aprender

com outros mestres que nos guiam para como transmitir. Entretanto, atualmente tenho buscado essa formação complementar para melhorar meus conhecimentos e didáticas.

**P78:** Acho que não é necessária uma formação pedagógica. O que é necessário é a centelha no coração acessa. Ai a vontade de aperfeiçoamento na pedagogia é natural.

**P79:** Com certeza, uma formação pedagógica pode ajudar bastante na atuação de facilitadores/as de PDC no sentido de fornecer fundamentos para reflexão da prática educativa, das metodologias de ensino-aprendizagem e também de aspectos formais de planejamento de aulas e grade curricular. No entanto, diferentemente da minha opinião em relação à educação escolar, não vejo como uma necessidade em um PDC, pois, geralmente, não estamos num processo de formação de crianças - pedagogia -, mas sim de adultos - Andragogia. Esta característica exige outros conhecimentos teóricos, metodológicos e de facilitação de grupos. Acredito que seriam mais proveitosas e interessantes formações nestas áreas. Além disso, possuir uma "formação pedagógica" diz muito pouco sobre a atuação de uma pessoa se considerarmos a existência de diversas concepções político-pedagógicas, inclusive as mais tradicionais.

**P80:** É importante que se tenha conhecimento pedagógico para que saiba repassar o conteúdo. Eu não tenho formação pedagógica, mas busquei o curso de formação para instrutores de PDC e no curso que fiz nos foi repassado um pouco dessa metodologia, para que tivéssemos mais segurança (no sentido pedagógico) de que o conteúdo fosse abordado e repassado de forma coerente.

**P81:** Não, acredito que todos tem em si o dom de passar conhecimentos valiosos para outros. E acessar esse dom é algo fundamentalmente humano, não há curso que ensine, é algo que se aprende a partir da observação e da prática.

**P82:** Sim. Tive a formação básica da licenciatura, porém sabemos que ela é uma base fraca e que não nos dá muita direção. A vivência em escolas e processos de formação é o que nos torna professores e facilitadores. A prática nos deixa com a didática mais eficiente, conseguimos nos conectar mais com os alunos e, principalmente, nos permite organizar os conteúdos de forma lógica e que facilite o entendimento.

**P83:** Sim, acho que apesar de deter o conhecimento o facilitador do PDC precisa entender um pouco sobre a pedagogia e as dinâmicas de grupo, creio que isso facilitaria na construção das aulas e dos materiais.

**P84:** Sim e não. Porque muitas vezes a formação pedagógica pode ser "imposta" sem envolvimento e comprometimento que aqueles que não tem essa formação nos fornece.

**P85:** Vejo como algo vantajoso, porém que não impossibilita a atuação como facilitador. A formação adquirida ao longo da vida muitas vezes transforma pessoas sem formação pedagógica em educadores excepcionais. Por este motivo acredito que em muitos casos a formação possibilitada pela vida é mais libertadora e transformadora do que a oferecida pelos meios acadêmicos.

**P86:** Não. Acho importante que se leve o tema em consideração, mas não acho isso necessário.

**P87:** Acredito que sim, mesmo que esta formação não seja formal. É importante possuir um a boa didática para facilitar o compartilhamento do conhecimento.

**P88:** Talvez. O desafio é romper coma a visão Cartesiana de realidade a questão não é somente pedagógica.

**P89:** Eu animei e comecei interesse e desenvolver como facilitador quando Leigh Harrison me convidou co-facilitar um curso com ela. A confiança que ela mostrou em mim, e a oportunidade trabalhar com uma pessoa tão experiente foi o divisa das águas para mim. Como podemos gerar estas oportunidades para os próximos permacultores? Com certa frequência eu convidar ex-alunos aparecer e participar em cursos futuros, fazendo uma pequena experiência como facilitador.

**P90:** Não. Ampliar o leque, o conhecimento não reside em modelos. Há conhecimento em várias áreas e de várias formas, a formação pedagógica é uma delas, não a única.

**P91:** com certeza. facilitar a reprodução do conhecimento.

**P92:** Julgo essencial sim. Para mim essa formação se dá em 2 níveis. Uma é em relação ao currículo, para se ter maior clareza sobre o que é importante ser transmitido em cada aula do PDC e entender que a Permacultura é feita de relações e um olhar sistêmico e não de um conjunto de técnicas. Outra é em relação ao ensino de modo geral. Entender como se dá o fenômeno da aprendizagem e qual o meu objetivo como educador. Como a linguagem pode oprimir ou dar liberdade. Quais os padrões para a disposição de uma sala de aula. Como facilitar um grupo, interromper um assunto, mediar um conflito e tirar riqueza dessas situações. Percepção de onde está o foco, se no educador ou no grupo. Como aprender com o corpo. Salas de aula ao ar livre. Dinâmicas e jogos cooperativos. Características do público jovem-adulto. E por aí vai, há muito o que tratar sobre pedagogia!

**P93:** SIM MUITO necessária. A pedagogia vai dando ferramentas em como lidar com um grupo, como planejar uma aula, saindo do espontaneísmo e do que chamo o "agito da galera" - aquele trabalhar só o gostosinho do PDC.

Ou seja, num PDC existem conteúdos que enchem os olhos, que são fáceis de trabalhar, pois as pessoas adoram colocar a mão na massa. Porém, a prática sem fundamentação, sem teoria, é frágil. Então, entender que dar um PDC é mais do que pisar o barro, olhar a paisagem e sentir os ventos, entrar em conteúdos mais duros, exige ter ferramentas que são o conhecimento dos mesmos e COMO vou trazer isto para o grupo.

**P94:** Sim, sei que uma formação pedagógica me ajudaria a melhorar ainda mais minhas atividades, pois imagino que me apresentaria mais ferramentas e me ampliaria a visão para fatores que atualmente não enxergo e que não conheci ou exercitei em minha formação acadêmica, que foi um bacharelado.

**P95:** Sim, acredito que uma formação em permacultura e pedagogia com a natureza. Não necessariamente uma formação de ensino superior e sim uma de educação libertaria e para a autonomia.

**P96:** Para facilitar um curso com a densidade de um PDC, muito além de uma formação pedagógica, faz-se necessário ter uma práxis contínua. Ter um espaço onde as realizações e ações podem ser vistas é um dos melhores exercícios para um PDC.

Seria incrível ter um curso de especialização para formadores em Permacultura.

**P97:** Sim, acredito necessário, mas não como requisito. Creio que a formação pedagógica vem somar com o conhecimento teórico-prático, facilitando o processo de transferência do conhecimento.

**P98:** ACREDITO QUE CADA INSTITUTO DEVA TER SEU MÉTODO, E NÃO DEVÉSSEMOS ESTANDARIZAR O ENSINO DAS METODOLOGÍAS, E SIM PROMOVER NOVAS FORMAS PRÁTICAS E DE VIVENCIAR A PERMACULTURA. O ENSINO A DISTÂNCIA SEM VIVÊNCIA PRÁTICA NÃO É A SOLUÇÃO.

**P99:** *Si, es sumamente necesaria. Viéndola como un proceso de crecimiento en espiral, llendo poco a poco, desde la experiencia práctica y no desde la teoría.*

**P100:** De alguma maneira sim. Eu participei de diversos espaços de formação pedagógica e isso ajuda bastante nas aulas que participo. Vejo muitos educadores em PDC que não passaram por base de formação pedagógica (e que não precisa ser necessariamente formal) e as aulas ficam soltas, sem definição de conteúdo e conseqüentemente os objetivos não se realizam.

**P101:** Necessária, mas não obrigatória. Muitas pessoas já possui uma facilidade didática e pedagógica natural que não requer uma formalização disso. Exigir essa formação poderia tirar bons educadores naturais do processo.

**P102:** No sentido mais amplo sim, no sentido acadêmico não. Quando digo uma formação pedagógica mais ampla, me refiro a vivências pessoais e coletivas do facilitador que não precisa ser necessariamente acadêmica. A formação acadêmica deve ser valorizada, mas não como pré-requisito, afinal a permacultura se abre a diversidade, e atrelá-la a um processo científico é um tanto limitante quando se busca uma transformação profunda. Por outro lado, cursos específicos para o PDC podem ser essenciais no intuito de alinhar conteúdos e compartilhar metodologias testadas pelo mundo na produção de PDCs. Este processo pode facilitar o movimento contínuo de complexificação do curso, que gera aprimoramento e acompanhamento dos momentos históricos.

---

### **3.6. Na sua opinião, qual caminho (ou caminhos) deve-se percorrer antes de atuar como facilitador/a de um PDC? (Há algum pré-requisito ou recomendação para que uma pessoa desempenhe esse papel?)**

**P1:** Em primeiro lugar, acredito que ninguém de fora do coletivo onde o permacultor atua deva avaliar isso. Mas acho senso comum, que a pessoa deve ter uma vivência prática em Permacultura, deve amar o estudo contínuo e a discussão dos temas relacionados aos conteúdos, deve ter passado por alguns PDCs como aluno e/ou estagiário e, finalmente, facilitador participante de uma equipe de facilitadores, antes de se responsabilizar por um PDC. Acredito que um PDC pode ser uma produção coletiva, mas considero importante ter uma pessoa responsável pelos processos, pelo conteúdo e pela condução da turma através de um PDC.

**P2:** Eu acho mais importante a experiência pessoal, então os melhores professores já têm experiência "vivendo" permacultura no mesmo lugar por alguns anos pra madurecer como permacultora.

**P3:** É uma questão complexa, pois acredito que a capacidade de educar e fazer o design é de alguma forma inerente a todos em algum momento. Alguns foram "formatados" para esquecer esta capacidade. Outros a tem naturalmente enquanto adultos. Portanto a necessidade de formação é proporcional à esta possível formatação.

**P4:** Primeiramente ter participado de um ou mais PDC. Depois ter vivência em Permacultura. Estar aplicando os conhecimentos, a ética, os princípios na sua vida prática. Também considero fundamental aprofundamento técnico e teórico nas áreas de conhecimento da Permacultura. Além disso, desenvolver habilidade com a fala e diferentes abordagens didáticas.

**P5:** Ter feito um PDC e ser comprometido com a ética da permacultura, entre o que fala e prática.

**P6:** Não tenho opinião a respeito. Acho bom que os critérios sejam diversos.

**P7:** Muita prática!

**P8:** *Experimentar y lo primero en tu propia vida y cambiar desde lo interno para poder comprender a los otros y a la tierra.*

**P9:** VIVENCIAR A PERMACULTURA, É O CAMINHO MAIS HONESTO E VERDADEIRO! EXISTEM PESSOAS, NO MEIO ACADÊMICO QUE ESTUDAM PERMACULTURA E TÊM VÁRIOS PDC'S, CONTUDO NÃO RESPIRAM PERMACULTURA. EXPLORAM A PERMACULTURA COMO JOGO DE MARKETING, PARA GANHAR DINHEIRO. ESSE TIPO DE GENTE MANCHA O TRABALHO DOS PERMACULTORES DE BEM.

**P10:** Para mim deve-se antes de tudo praticar o que se fala e ensina. Ter bastante embasamento teórico e prático para que os participantes se sintam confiantes. A integridade de um PDC está principalmente ligada a integridade de quem facilita. Em nosso PDC procuramos trabalhar com muitos facilitadores, cada um em sua área de atuação e experiência para que estes possam trazer verdade e conhecimento sobre os temas que abordam. Não basta fazer um PDC e sair ensinando ou dando Curso, os facilitadores precisam viver o que ensinam.

**P11:** Para mim a experiência da pessoa é a parte mais importante aliada é claro a um bom conhecimento do conteúdo e das formas possíveis de se abordar os temas do currículo do PDC. Sobre o curso de formação para facilitadores de PDC que passei a conhecer este ano, considero importante para organizar o movimento, estreitar laços com outros permacultores, trocar conhecimentos, reciclar.

**P12:** Eu acho que o conhecimento profundo na área específica é muito importante, e a sensibilidade geral a respeito da permacultura é essencial. Creio que se leva uma vida para tornar-se permacultora.

**P13:** Sim, na minha opinião só deveriam ser facilitadores de PDC as pessoas que já tivessem um tempo de "sítio", de prática mão na massa com a permacultura. Isso não acontece, eu mesma não poderia ser facilitadora de PDC nestas condições. Mas realmente acredito que a pessoa que coloca a mão na massa é quem tem condições de explicar o que são as conexões propostas pela permacultura. Além disso, o que queremos com a permacultura é transformar o mundo, e isso tem que ser feito na prática...

**P14:** Vivenciar os princípios da permacultura.

**P15:** Já ter feito um PDC, ter clareza da estrutura total do curso (como os conteúdos interagem), aprofundar os conhecimentos no tema que deseja trabalhar (se possível de forma prática), harmonizar o conteúdo com os demais facilitadores, estudar e testar formar de abordar o tema.

**P16:** Vivenciar na prática depois de ter feito um PDC, estudar e ter muitas experiências exitosas e desastrosas para não ser pego pregando o que não vivencia.

**P17:** Ter experiência prática em permacultura e conhecimento de seus princípios. Viver segundo a ética da permacultura.

**P18:** Prática.

**P19:** Conhecer o tema. Ter prática no tema e desenvolver estratégias para lograr os objetivos do PDC; ter habilidades para despertar interesses e entusiasmo nos jovens; não deixar sem resposta as inquietudes do grupo.

**P20:** Na minha opinião, o facilitador DEVE ser um bom educador e DEVE DOMINAR o tema que será responsável para ministrar. Esta é a chave. E a equipe de organização deve ser formada por pelo menos 50% de permacultores formados por PDCs.

**P21:** Que tenha alguns anos de experiência, ministrando cursos menores, atuando em projetos comunitárias e participe como liderança de grupos e comunidades.

**P22:** Que tenha experiências com processos permaculturais em pelo menos 5 ecossistemas diferentes. E claro, se possível q faça um PDC, mas já conheci grandes permacultores q me ensinaram muito sem ter feito PDC.

**P23:** Eu acho fundamental ter feito um PDC, e ter experiencia em permacultura e como facilitador de cursos nesse tema.,

**P24:** Gostar de compartilhar e construir conhecimento.

**P25:** Isso é muito variável. Determinadas pessoas, por sua trajetória, já se depararam com reflexões e práticas pedagógicas dos mais variados tipos, estando aptas a rapidamente tornarem-se facilitadores de um PDC. Outras precisam de mais acúmulo para isso. Acredito que o primeiro passo é uma avaliação pessoal e do grupo onde a pessoa pretende ministrar aulas, para averiguar se ela está de fato pronta para tal atividade. Não acho um curso de formação específico um requisito necessário para 100% dos casos, mas certamente ele pode contribuir para a existência de uma comunidade coesa e formada para ministrar cursos de formação, e para o crescimento da prática e difusão da permacultura no Brasil. Acredito que os únicos requisitos universais para alguém atuar como facilitador em um PDC seja que essa pessoa tenha alguma experiência prática, atue há algum tempo, saiba do que está falando, e já tenha tido algumas experiências pedagógicas anteriores para garantir que sabe como lidar e conduzir aulas e oficinas.

**P26:** IR ATÉ AS COMUNIDADES MAIS AFASTADAS DOS CONFORTOS SOCIAIS E VIVENCIAR ALI A CONEXÃO COM AS PESSOAS DE LÁ.

**P27:** *Hay que jugar todos los roles posibles, ser alumno, ser alumno consciente y observador del facilitador, y luego facilitar pequeñas actividades o dinámicas, luego facilitar un tema entero y así.*

**P28:** Campo disciplinar de estudos e Experiência de atuação na implementação.

**P29:** Além do interesse por assuntos relacionados à permacultura, fazer um PDC antes é um dos requisitos para ser um educador e que colabore em um ou mais PDCs antes de assumir esse papel.

**P30:** Aqui no Curare acreditamos que seja muito importante a pessoa já ter realizado um curso de PDC como aluno.

**P31:** Praticar, viver, praticar e viver muito a permacultura.

**P32:** - Fazer um PDC, - Praticar e testar as técnicas por si mesmo.

**P33:** Facilitador, Educador e Pedagogos não são necessariamente a mesma coisa.

**P34:** Pra mim, o primeiro requisito básico para facilitar um PDC seria participar de um curso como aluno(a). Apesar de muitos permacultores(as) não terem esta formação para atuar na prática, e não acho essencial um PDC para se considerar um(a) permacultor(a), acredito que no caso da facilitação do curso este seja um requisito básico. Depois, uma atuação na área seria ideal, seja participando de um coletivo se possível, participando em mutirões. Acho que nesta trajetória a participação em um PDC como organizador, e não necessariamente palestrante, pode auxiliar no entendimento do curso como um todo, na dinâmica e nos links feitos entre um tema e outro. Ai sim, enriquecendo sua bagagem de conteúdo prático e teórico, um poderia iniciar sua jornada como facilitador de PDCs.

**P35:** Para alguns assuntos base da permacultura (histórico, flor da permacultura ...) é preciso uma base teórica de PDC, ou pelo menos um estudo das mesmas referencias. Mas para as áreas de atuação, como manejo da terra por exemplo, a vivência pratica e experiencia da pessoa é suficiente, seja ela um doutor em agronomia ou um agricultor semianalfabeto.

**P36:** Fazer o PDC, colocar em prática o que aprendeu (seja qual for a forma ou lugar), participar de PDCs como monitor, fazer uma formação para instrutor e estar sempre se atualizando.

**P37:** prática consistente de pelo menos 2 anos. é importante que se aproprie tanto dos conceitos de design e dos princípios.

**P38:** Basicamente: 1- Obviamente ter participado de um PDC, conhecer suas bases e sua totalidade. 2- Ter alguma formação pedagógica (não necessariamente acadêmica). 3- Ter aprofundamento no tema escolhido para facilitar.

**P39:** Vivenciar a permacultura. Não adianta fazer um PDC e querer ir lá "dar aulinha", eu acho que você tem que fazer o PDC, ir pra campo, experimentar alguns anos, não necessariamente uma questão de tempo, mas tem que ter experiência mesmo, bater cabeça, precisa fazer besteira, errar, acertar, entender como funciona esse processo de design, essa questão do tempo, a lógica de cada um, fazer design em diferentes lugares, trabalhar com pessoas, especialmente. Não seria ideal se você oferecesse um PDC se sua experiência está centrada só em você. Acho que atender outras pessoas permite que você possa chegar num curso e possa oferecer um conteúdo olhando a ótica do outro também.

**P40:** praticar muito... viver em Ecovila, na terra... conhecer agricultores e muitas experiências em permacultura e agroecologia.

**P41:** Vontade, pesquisa, experiência prática na área que for abordar no PDC e Amor.

**P42:** Além do PDC e o conhecimento específico na área (assunto que vai abordar), é necessário algum processo que contemple o aprendizado sobre didática de ensino. Pode ser em algum curso de licenciatura, ou em um curso específico para facilitadores.

**P43:** ter experiência teórica e prática e possuir um tutor que te acompanhe no começo da caminhada permacultural.

**P44:** Primeiramente ser um permacultor ativo e com prática no design. Quer dizer, não ser um permacultor teórico. A maior riqueza do permacultor/professor é quando ele transfere, na sala de aula, a sua experiência de vida.

**P45:** A prática (tentativa, percepções das falhas, evolução no processo de trabalho interior e exterior) das éticas e princípios da permacultura e o compartilhamento dessas experiências.

**P46:** desenvolver um design de permacultura com sucesso a mais de dois anos. Ter noções pedagógicas para ensinar. ter experiência suficiente.

**P47:** Acredito que para atuar como facilitador de um PDC precisa ter muita experiência no assunto abordado e saber conduzir uma dinâmica com muita escuta e embasamento teórico e prático.

**P48:** Vivenciar a permacultura no dia-a-dia por pelo menos 2 anos.

**P49:** Ter feito um PDC. Pelo menos 3 anos de vivência permacultural no tema a ser abordado. Fazer parte de um grupo ou coletivo que te represente ideologicamente. Prática com grupos e como facilitador.

**P50:** muito estudo, prática, práxis e vivências. Quanto mais em coletivo, melhor. Quando o coletivo se sente preparado em qualidade de compartilhar o conhecimento e se mostra o ambiente favorável, encorajo a organização e o fazimento de um curso com intenção de continuidade e permanência.

**P51:** Ter experiência prática na área e formação pedagógica. Experiência como facilitadores de outros cursos de menor duração também pode ajudar. Reuniões de alinhamento entre os facilitadores pré PDC seria ótimo também, a fim de criar uma "unidade" e "costurar" o conteúdo do curso para os participantes.

**P52:** Em condições ideais: 1-Fazer o PDCs. 2- Pelo menos 3 anos de prática e resultados concretos para mostrar para a "curadoria do curso" ou para os próprios alunos para que o reconheçam como um bom facilitador. 3-formação de Educador Popular com base no Paulo Freire para atuação com público de baixa renda.

**P53:** Acredito que é fundamental a pessoa ter alguns anos de uma boa vivência prática dos princípios da permacultura.

**P54:** acho que poderia ser feito algo como o que foi elaborado pela rede Dragon Dreaming brasil, a caminhada do aprendizado, que ao mesmo descentraliza, mas norteia o processo. vou achar e copiar aqui, mas acho que a ideia fundamental e que após fazer o ou os cursos, se você quer se tornar multiplicador e depois treinador, você deve seguir algumas etapas. escolher um tutor, realizar pelo menos um projeto do início ao fim, ler sei lá quais materiais, co-facilitar sei lá quantos cursos com outras pessoas habilitadas, apresentar seu projeto e os aprendizados que teve para a rede e aí ser reconhecido como habilitado para multiplicar (aplicar para outros) ou treinador (ensinar outros). Acho que poderia incluir aqui que a pessoa execute alguma atividade que seja benéfica para a rede como um todo (que não está articulada, então fica difícil saber o que) e etapas de estudo pedagógicos e aplicação para o treinador. link para caminho da aprendizagem DD: <[https://docs.google.com/document/d/1rlq5hflUH1c6JaXEZBhLWxk1i4UDEqeEv-F\\_ZH-0JR0/edit](https://docs.google.com/document/d/1rlq5hflUH1c6JaXEZBhLWxk1i4UDEqeEv-F_ZH-0JR0/edit)>.

**P55:** Praticar, visitar experiências e fazer alguns cursos.

**P56:** Conforme orientação que obtive quando de minha estadia no PRI (Austrália), junto aos próprios idealizadores do PDC, a principal recomendação para aqueles que desejam tornarem-se facilitadores é a prática de pelo menos dois anos na elaboração, implementação e manejo de sistemas permaculturais. Isso conferiria, segundo representantes do PRI, maturidade e confiança suficientes para a atuação como facilitador.

**P57:** Opção 1 - básico: ter PDC com conteúdo sobre "os conteúdos mínimos para um PDC" + Pelo menos dois anos de prática intensiva + parceiros permacultores com a mesma experiência.

Opção 2 - Melhor: ter PDC + Curso de instrutores de PDC + parceiros permacultores com experiência de pelo menos dois anos de prática intensiva.

**P58:** O pré-requisito é ter no mínimo vivenciado a permacultura por alguns anos e ter segurança da prática que está fazendo, pois as pessoas irão certificar sua prática, isso já acontece naturalmente.

**P59:** Creio ser importante o facilitador ter o conhecimento teórico sobre Permacultura, tendo participado de um ou mais PDCs e tendo imergido na literatura base. Também creio ser essencial a experiência de viver e praticar a Permacultura, na produção de alimentos (compostagem, horta, agrofloresta, criação de pequenos animais), nas construções naturais de habitações e de sistemas de captação e armazenamento de água e de saneamento, na vida em comunidade etc.

**P60:** [ACIMA].

**P61:** Alguns anos de experiência própria, e participar em mais de um PDC, como aluno ou professor auxiliar. Mas como o próprio Bill Mollison fala, "o público rapidamente fica sabendo quem dá um bom curso".

**P62:** Em primeiro lugar a ética. Sem ética seria como uma linda fachada de um casa, mas quando abre a porta e olha no interior está tudo desmoronando. Depois vem a prática, para ensinar é preciso primeiro fazer, testar, errar...

**P63:** no mínimo ter trabalhado com as mãos na terra e nos livros entre 2 a 5 anos antes de começar a facilitar. E iniciar sempre sob a orientação de um mentor, ao menos nos primeiros pdcs...

**P64:** 1. Ter feito um PDC com alguém que tenha experiência notória na Permacultura. 2. Ter a Permacultura como prática na sua vida diária (3 princípios éticos e 12 princípios). 3. Demonstrar conhecimento sobre os conteúdos sob diferentes prismas. 4. Ser capaz de ouvir as experiências dos outros e ressignificar tanto a dos outros como as suas próprias sob a ética dos 3 princípios éticos e dos doze princípios.

**P65:** Em primeiro lugar é essencial estar vivenciando a Permacultura há um tempo. Amadurecer os saberes com a prática e se manter sempre como aprendiz e pesquisador.

**P66:** Ser estudante em um ou mais PDCs e ser atuante em um projeto real.

**P67:** Assistir a um PDC mais de uma vez. Ter alguma prática em permacultura. Aprender a fazer autocrítica e a ouvir críticas que venham das pessoas.

**P68:** O caminho que escolhi foi ajudando em cursos de permacultura, com facilitares experientes, fazendo parte da equipe de organização e logísticas. depois de 3 cursos me senti seguro e comprometido para fazer parte de um time de facilitadores.

**P69:** Estudar muito e praticar muito. Depois ir criando um portfólio com seu trabalho. Criando know-how. Cursar um Diplomado de Permacultura.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** Muito estudo, pesquisa e vivência. Fruto disse será muita massa crítica acumulada. Aí acho que dá para começar.

**P72:** Acredito que não existem critérios fixos e pré-determinados. Aqui também podemos cair no mesmo perigo de buscando lidar com algo que é tão complexo, encontrarmos respostas fáceis e pré-determinadas, fixas.

Um caminho que me parece coerente para conseguir discernir quem são os educadores de um PDC, é fortalecer a rede de permacultura com encontros onde representantes das diversas iniciativas do país possam comparecer e pessoas que estão ativamente envolvidas e reconhecidas por essa rede com a disseminação e prática da Permacultura no país/região podem servir como tutores desses novos educadores. Assim poderíamos criar um processo participativo de discernimento e desenvolvimento das capacidades dos educadores para poderem atuar como educadores na Permacultura para além dos PDCs inclusive.

Se são por volta de 170 educadores no país, creio que tal número ainda seja viável para que as pessoas possam se encontrar anualmente todas juntas, com encontros mais constantes em regiões menores.

Outros critérios como "participar 1 vez participando de um PDC e outra como aprendiz" etc., no meu ver nos cegam para o contexto que estamos envolvidos e para a situação particular de cada educador. E, ao mesmo tempo, considero essencial que o educador de um PDC esteja compreendendo e reconhecendo o Syllabus e conheça os pressupostos para um PDC - não por um preciosismo, porém para que possamos chamar algo que seja parecido, que esteja a serviço de uma mesma ideia, de PDC. Se a pessoa quer fazer algo diferente do que está sendo chamado de PDC, que possa ser inclusive infinitamente melhor e mais adequado que um PDC para os nossos tempos, ótimo! Porém creio que para nos entendermos, isso pode ter outro nome, ou mudamos aquilo que chamamos de PDC e atualizamos nosso entendimento dessa expressão.



**P73:** Obviamente a pessoa deve ser formada em um PDC. Porém, apenas essa formação não dá bases para nenhuma pessoa abordar os temas propostos sem o mínimo de vivência prática. A Permacultura é uma prática e vivência diária, não podendo ser limitada apenas aos aspectos teóricos justamente porque ela se propõe como Cultura e não como Ciência.

**P74:** deve ter vivência e fundamento teórico nos temas q facilitará.

**P75:** [EM BRANCO].

**P76:** *Trabajar en proyectos de permacultura colectivos, haber implementado ya proyectos en campo, haber participado de muchos cursos y encuentros.*

**P77:** o caminho da prática.

**P78:** viver a permacultura no dia a dia.

**P79:** Esta é uma questão bastante complexa, o que torna impossível uma resposta definitiva, única e universal. Acredito que não exista um único caminho a ser percorrido, pois isto desconsidera toda uma complexidade de contextos, concepções políticas e formas de percepção diferentes. Defender um processo único ou mínimo de capacitação para um PDC subentende a criação de uma normatização e, conseqüentemente, de alguma instituição reguladora e "fiscalizadora". Se isso acontece, há a perda da autonomia dos grupos em se autogerirem, lidarem com seus contextos específicos e de inovarem. Querer uma autonomia também para compartilhar o saber da Permacultura implica em sabermos lidar com as decorrências disso, citando, por exemplo, sua banalização, cursos pouco comprometidos, pessoas sem ética - cuidado com as pessoas - sua elitização entre outras. Mesmo porque, vejo na Permacultura uma filosofia ativa, de criação de novos mundos e é para isso que devemos canalizar nossa atuação e não em reatividade, combatendo quem não segue o mesmo "ideal" de Permacultura.

**P80:** É vital colocar a "mão na massa" depois do PDC, experienciar na prática o que se aprendeu, entender os ciclos e os processos. Além disso, ter um acompanhamento de quem te formou permacultor(a) é fundamental para que se ganhe experiência e se trilhe um caminho coerente com o discurso.

**P81:** É vital colocar a "mão na massa" depois do PDC, experienciar na prática o que se aprendeu, entender os ciclos e os processos. Além disso, ter um acompanhamento de quem te formou permacultor(a) é fundamental para que se ganhe experiência e se trilhe um caminho coerente com o discurso.

**P82:** Ter uma vivência na área de educação, como professor.

**P83:** Dizem os grandes permacultores que depois de um PDC é preciso 2 anos de experiência pra ser considerar um bom permacultor, eu facilitei um PDC com menos de um ano de experiência e me senti bem despreparado em várias situações. Ou seja, acredito que ter experiência prática atenuaram grandes impactos.

**P84:** Acho que temos que ter vivência. Ninguém nasce com capacidade, nós é que fazemos a nossa capacidade.

**P85:** Participar de pelo menos um PDC como aluno, participar da construção coletiva de pelo menos um curso, assistindo as aulas com maior atenção sobre a forma de apresentação dos diferentes conteúdos pelos facilitadores. Realizar trabalhos de design colocando em prática as bases teóricas observando potenciais falhas no processo.

**P86:** Fazer mais de um como aluno, e começar a botar a permacultura na prática.

**P87:** Ter forte vontade para ministrar aulas, estudar e se dedicar para aprender os conteúdos e fazer no mínimo um PDC.

**P88:** Práxis.

**P89:** Claro o PDC, e por preferência algumas anos trabalhando com permacultura, como produtor, em projetos sociais, projetos ecológicos, como ONGs locais.... Depois estas experiências, participam em cursos do PDC como co-facilitador, apresentando em sua área da experiência da vida.

**P90:** Não, comecei a ensinar e a aprender ao mesmo tempo. O conhecimento se constrói no cotidiano, não há um antes e um depois. É um processo, é contínuo.

**P91:** como diz Bill Mollison 2 anos de prática após PDC.

**P92:** Fazer uma boa formação de professores. Solução pequena e lenta, pode-se começar dando uma aula numa área que se tenha mais segurança dentro de um PDC e fazer o curso pela segunda vez apoiando os outros facilitadores. Oferecer uma introdução a permacultura e também um bom primeiro passo para treinar a capacidade de síntese e apresentação. Ter experiência prática em algum campo e uma vivência comunitária é bom. Não facilitar PDCs sozinhos, se apoiar na diversidade e no coletivo.

**P93:** O facilitador de um PDC necessariamente deve ter um bom tempo de prática, de experimentar, de SER permacultor. Ter o tempo de construir algo, e ver como esta construção se comportou em um ano, pelo menos... Plantar uma horta, brigar com as formigas, tatus, etc. passar as estações e ver o que aconteceu. Assim, defendo que o instrutor de PDC deve ter no mínimo dois anos vivendo A permacultura, acompanhando um espaço, próprio ou coletivo, antes de sair dando aulas. Neste tempo, também acompanhar outros instrutores, como observador e equipe de apoio.

Depois destes dois anos, seria a participação em um curso de formação para instrutores.

**P94:** Para mim foi essencial participar de pelo menos 3 ou 4 PDCs antes de atuar como facilitador de uma atividade ou aula. A cada PDC se faz uma nova anotação, se observa uma nova situação em que você se coloca e observa como lidaria com aquilo, aprende assistindo às aulas e compreende melhor os conteúdos, o que complementaria, enfim, participar de PDCs complementa sua formação para facilitador. Também acredito que seria muito bom fazer o curso de formação de facilitadores agregado a isso. Além claro, do estudo contínuo por conta própria, participação em grupos de estudo e outros cursos de permacultura.

**P95:** - Ter feito PDC - Vivenciado a permacultura por no mínimo um ano, de preferência por dois ou mais. - Práxis

\*observação: posso falar por experiência própria, pois fiz o PDC em 2009 e em 2011 iria dar minha primeira classe em um curso de permacultura. Apesar de teoria completa e aprofundada, não estava preparado nem tinha práxis suficiente. É melhor ir lento e seguro, começando com workshops ou vivências compartilhadas. Como disse acima, comecei a me considerar permacultor em 2014/2015 e fiz o PDC em 2009. Sempre fui ser humano, vindo da terra, feito de humus ;)

**P96:** É preciso ter alguns anos de prática. Considero isso, indispensável quando você coordena um PDC. Para temas pontuais curriculares, não vejo tanta necessidade.

**P97:** Creio ser importante o facilitador ter realizado um PDC e ter conhecimento teórico e experiência prática no assunto a ser ministrado.

**P98:** CRIAR NOVAS METODOLOGIAS DE ENSINO E FORMAS DE VIVER A PERMACULTURA ENQUANTO SE ENSINA E PRINCIPALMENTE DEPOIS DO CURSO PDC... NÃO EXISTE UM PÓS PDC AQUI NO BRASIL E HÁ POUCA GENTE QUE SEGE O CAMINHO... HÁ FRUSTRAÇÃO DAS PESSOAS QUE NÃO VEEM SOLUÇÕES NAS CIDADES E EM SEUS MODOS DE VIDA.

**P99:** *En referencia a la pregunta y a los ítems anteriores debo mencionar que el curso como tal es parte de un proceso súper necesario.*

*Considero que este curso, no necesariamente es de 3, 5 o de 10 días, sino que por el contrario el curso es la vida misma, y desde nuestras perspectivas abrimos esta experiencia a la cual le llamamos ser Permaprendiz. Un permaprendiz es una persona que ha participado de un PDC de nosotros y quiere continuar con el camino de la facilitación. Dentro de esto en cada curso que brindamos (entre 25 a 30 por año) esta persona tiene la oportunidad de comenzar con el proceso de entender el curso, verlo desde una visión diferente a la de un estudiante, encontrarse con desafíos reales dentro de la experiencia y al mismo tiempo abrirse a recibir un proceso que lleva mucho tiempo. Cuando hablamos de necesidad de cursos, es súper importante, pero en un proceso de tiempo gradual en el cual las personas puedan ir participando durante un tiempo interesante sobre esas experiencias que le nutran desde la vivencia, y no solo desde visiones netamente teóricas.*

**P100:** [EM BRANCO].

**P101:** Acho que um bom caminho é a teoria-prática-teoria. Conhecer bem os fundamentos teóricos do assunto, buscar praticar ou vivenciar experiências, retornar à teoria para só assim ter a segurança para transmitir os conhecimentos.

**P102:** Não penso em pré-requisitos universais, como uma formação específica. Existem linguagens diversas que podem dialogar muito bem com a permacultura e enriquecer um PDC, como por exemplo, um indígena sem formação tem potencial absurdo de troca neste ambiente, e não deve ser privado desta oportunidade, pelo contrário, deve ser adaptada qualquer estrutura para favorecer sua participação. Por outro lado, o PDC é um curso de um método específico, logo o grosso do conteúdo e sua organização metodológica deve ser realizada por pessoas que ao menos tenham feito um PDC, a título de familiarização com a linguagem e metodologia. Caso contrário deve-se dar um outro nome ao curso, e contribuir para o processo criativo de novas possibilidades de atuação, ao invés de colocar sob o guarda-chuva do método da permacultura toda e qualquer manifestação que tenha relação com sustentabilidade. Devemos criar conceitos!

**5. Caso queira, compartilhe no espaço abaixo críticas, sugestões ou considerações sobre este questionário, sobre os PDCs ou sobre o caminho da Permacultura no Brasil.**

**P1:** Achei o questionário bem pertinente e conciso. Considero que a partir dos resultados dessa pesquisa, teremos mais subsídios para discutir em âmbito nacional consensos e critérios para a formação dos facilitadores.

Reforço que acho muito interessante que se ofereçam cursos de formação de facilitadores, mas a participação nos mesmos não deve ser uma prerrogativa para que a pessoa facilite cursos de Permacultura. Também considero que esses cursos só serão efetivos, se feitos em paralelo com a vivência prática na facilitação de cursos.

Próximas pesquisas nesse sentido poderão incluir os resultados práticos na vida dos participantes de PDCs no Brasil, para avaliarmos o verdadeiro impacto dos cursos e propor critérios para os conteúdos e metodologias.

Gratidão!

**P2:** [EM BRANCO].

**P3:** A Permacultura, como outras ideias, passa por fases e tendências. No Brasil está, no momento, seguindo a mesma tendência norte americana de personalização de celebridades. Da mesma forma que a agrofloresta.

A formação de bons designers não é relativa à personalidade do instrutor.

Este questionário parece ser mais uma tentativa na regulamentação, que sempre parte do insidioso meio universitário. Mais uma tentativa de apreensão de conhecimento e formatação para elitização.

Isto não invalida a questão de que existem mesmo muitos cursos e ofertas de Permacultura similares aos caça níqueis da internet.

**P4:** Parabéns pela iniciativa!

**P5:** [EM BRANCO].

**P6:** [EM BRANCO].

**P7:** Parceiro. Poderia ser mais direto, com opções de seleção que pudessem tornar o processo mais rápido de preenchimento, mas não é isso que mais me preocupa. O que me deixa intrigado é como processar os campos depois sendo que eles permitem respostas muito diferentes. Porém, tenho certeza de que estás bem assessorado e a metodologia pode até parecer "estranha" para mim, mas com certeza deve ser consagrada na educação. Enfim, uma pesquisa e conte com o NEPerma no que pudermos ser úteis.

**P8:** [EM BRANCO].

**P9:** [EM BRANCO].

**P10:** Gostei muito deste questionário, achei profundo e bem enriquecedor para o movimento da Permacultura no Brasil. Feliz também por estar sendo apoiado e reconhecido pela Unesp, pela Faculdade de Ciências e pelo CNPQ. Pois a Permacultura a meu ver deve ser inserida nas Universidades pois é uma ferramenta importante de transformação com seus princípios, ética, técnicas e forma de atuação e aplicação no dia a dia. Sinto que é um tema que precisa ser disseminado para que todos de forma geral possam ter acesso a essa filosofia de cultura permanente que não esgota os recursos e trabalha o cuidado em todos os níveis.

Sinto que é um movimento que vem crescendo no Brasil, com diversas iniciativas e cursos surgindo, o que precisa ser olhado com respeito e carinho.

**P11:** Muito interessante sua pesquisa. Gostaria de conhecer o material depois de concluída a pesquisa.

**P12:** Fico feliz a de conhecer essa pesquisa. Espero que frutifique.

Especificamente em relação à minha área, quando fiz os PDCs e formações em bioconstrução, eram ministradas por permacultores, como se arquitetos e engenheiros fossem dispensáveis, e se vendia a ideia que qualquer um pode ser um "bio"construtor. Isso é perigoso tecnicamente. Já vi muitos problemas em obras e sistemas de saneamento por conta dessa visão de que se sai de um PDC pronto pra construir edificações.

Acredito que o mesmo aconteça noutras áreas que fazem parte da permacultura.

**P13:** Fico muito feliz com tua pesquisa! Até onde sei este tema é inédito. Acho importante a permacultura entrar em todas as áreas, todos os campos, e a academia é um destes locais. Força!!

**P14:** Sobre o questionário: O quesito que pergunta sobre o sexo: o que é outro? biologicamente só existe dois sexos que são determinados por XX ou XY feminino ou masculino. Se o masculino ou o feminino vão se interessar por sexos contrários ou o mesmo sexo ou ainda dá por ambos isso é de foro íntimo. Eu só vejo o humano. O item raça/etnia/cor: sou da raça humana, cor se a pesquisa fosse para alguma doença ou maquiagem específico para uma determinada cor. Quanto a etnia ainda até aceito. PDCs deveriam ser divulgados e financiados também pelos governos. Permacultura no Brasil - agora me parece que está acordando.

**P15:** [EM BRANCO].

**P16:** [EM BRANCO].

**P17:** [EM BRANCO].

**P18:** O movimento da permacultura ainda é muito isolado... Há muito o que ser feito para aumentar o impacto da permacultura no Brasil.

**P19:** Apesar da Permacultura no formato que conhecemos ter nascido na academia com o Mestrado de David, temo os rumos que academia (no formato atual) possa dar ao conhecimento e as práticas. As gerações estão muito virtuais e distantes das práticas; no caso da Permacultura o contato com o campo, as práticas é o diferencial que não pode ser perdido. Um olhar mais contemporâneo e atual é também necessário para que não se perca nos preciosismos da história. Já hoje, a reformulação do PDC é necessária e urgente.

**P20:** Parabéns! A permacultura precisa muito de uma ajuda nesse sentido. estudar o que está acontecendo, para onde estamos indo e como estamos indo. fortalecer as redes e nivelar dentro do possível as formações em permacultura.

**P21:** Geralmente os PDCs requerem um investimento alto para os participantes e nem todos permitem uma forma de inscrição solidária. Por outro lado, existem muitas dificuldades em viabilizar a participação através de trocas de produtos e serviços, por falta de prática dos participantes nesses princípios. Os currículos devem ser adaptados as necessidades locais, do grupo formado e potencializar os recursos locais.

**P22:** Amigo. Penso q a permacultura nasce num momento de transição planetária, penso que o processo de aprender é mais q um processo acadêmico um processo pratico de mudanza de paradigmas, hábitos. Acho q tem evoluído muito e ainda vai mudar mais. Não acharia legal que pra alguém APRENDER a permacultura tenha q passar pela universidade ou por algum programa CONTROLADO por alguma instituição. Sinto q em min foi livre e gostaria q seja livre pra todas as pessoas. Na final ninguém nasce sabendo nada e as instituições têm feito e tirar o bom q o ser humano pode ser para colocá-lo numa viagem de competição y avaliações.

Digamos assim, quando as economias colapsarem e as pessoas sejam obrigadas a mudar seus hábitos, talvez não seja mais necessário nem falar da palavra permacultura. As pessoas vão nascer num mundo onde pensar e ser cooperação e respeito pros outros e a terra seja pão de cada dia, assim como hoje é o controle e o medo e a competição.

ASSIM COMO NO PASSADO AS MULHERES PARIAM EM CASA SEM NECESIDADE DE DOULAS OU PARTEIRAS FORMADAS, E HOJE QUEM QUER PRESISA DE ALGUEM FORMADO X UMA INSTITUICAO, QNDO AS MULHERES ENTENDEREM SUA FORZA E QUE PARIR E NATURAL E QUE COOPERAR ENTRE ELAS É BASICO PARA TODOS MEJORAR, TALVEZ AS INSTITUICOES QUE QUEREN FORMAR DOULAS COLAPSEN POIS O HABITO DE AJUDAR E ACOMPANHAR AS IRMAS NÃO PRECISA SER ENSINADO NA ACADEMIA E SIM PASADO D MAE PA FILHA OU DE MULHER A MULHER. O MESMO VAI ACONTECER COM O Q A PERMACULTURA QUER ENSINAR HOJE. NO FUTURO SERA PASADO DE PAI A FILHO DE VIZINHO A VIZINHO E AS INSTITUCOES COLAPSARAO JUNTO COM OS BANCOS.

**P23:** Depois de escrever de tudo lá em cima, deixo a sugestão de aprofundarmos na Leitura da paisagem, primeira etapa do método de Design, pois acho que é por aí que muitos dos pontos levantados a se integrar podem se dar de maneira efetiva, fica o convite de experimentarmos juntos isso, estou experimentado por aqui e quero compartilhar.

**P24:** - Elitização x Popularização

A elitização do conhecimento tem demandado o aparecimento de iniciativas de popularização. Para isso, recorrem-se a parcerias, apoios ou mesmo adaptações para acessibilizar o conhecimento para todos aqueles que querem e precisam.

O caminho da permacultura no Brasil é bem promissor, pois está sendo cada vez mais difundido e aplicado.

Permacultura é para todos!

**P25:** Achei o questionário bem legal, mas de fato um pouco extenso. Receio inclusive se as pessoas responderão a contento todo o conteúdo, e, se sim, se o volume dos resultados não pode prejudicar a análise de dados, tendo em vista a quantidade. Por outro lado, acho que não tem outro caminho: tanto para o pesquisador como para quem participa, temos mesmo é que falar e colocar as coisas que achamos para poder gerar bons e significativos resultados.

Sobre os PDCs, acho que estamos em um período interessante. Acho bacana começarmos a aplicar em outros formatos, modulares e descentralizados, que permitam a inserção de trabalhadores e trabalhadoras, além de tentar viabilizar cursos através de financiamentos externos e políticas públicas. Podemos também trabalhar com cursos introdutórios e específicos de menor duração para ir formando público e pessoas interessadas e capacitadas.

A Permacultura no Brasil é promissora. Muitos grupos surgem. Cursos, PDCs. É o caso de aproveitar essa massa crítica para darmos um salto qualitativo considerável que influencia inúmeras esferas da vida das pessoas, deixando de estar restrito a espaços muito específicos da sociedade.

**P26:** ACHO O QUESTIONÁRIO MUITO LIMITADO, COMO SE TU JÁ SOUBESSE COMO DEVE SER O CAMINHO A SER PERCORRIDO.

**P27:** Agradecida!

**P28:** Parabéns pela pesquisa!

**P29:** O maior problema que vejo ainda na permacultura é dela não chegar na periferia, no trabalhador rural, na população de baixa renda. Ela ainda é de acesso restrito para aqueles com acesso à universidade e outras plataformas de ensino. Se queremos que a permacultura seja uma ferramenta de transformação social, é de extrema importância a quebra desse muro que separa esse conhecimento das pessoas. Por isso acredito muito na proposta do Grupo Curare de Permacultura, que vem realizando PDCs a um custo baixo desde 2009, e de outras iniciativas pelo Brasil a fora.

**P30:** [EM BRANCO].

**P31:** Nada a acrescentar.

**P32:** Esse tema é muito relevante, parabéns pela iniciativa.

**P33:** suas perguntas em algum momento tornaram-se tendenciosas, como se sua hipótese impedisse uma investigação realmente aberta, ampla e generosa.

É óbvio que existem PDCs tecnicamente mais instrumentalizadores e outros mais sensibilizadores e a meu ver essa é uma responsabilidade mútua de quem realiza e quem participa.

**P34:** Seria muito interessante que esta pesquisa pudesse se desdobrar na efetivação de uma rede entre facilitadores(as) de PDCs. Acho que a Permacultura ainda peca muito no quesito trocas e criação de redes, em especial no Brasil, e precisamos avançar nisso. Precisamos aprender mais com os movimentos agroecológicos, especialmente no acesso a este conhecimento. Parabéns sobre a pesquisa, desejo que ela frutifique e fortaleça o movimento da Permacultura. Força na peruca amigo! :)

**P35:** A permacultura tem sido muito elitista, e muito presa a duas pétalas da flor, área construída e manejo da terra. Isso faz com que a maioria das pessoas da cidade pensem que é preciso fazer êxodo urbano para praticar permacultura. A cultura de permanência é relativa a tudo que concerne o ser humano, e deve ser adaptada para todas as suas práticas e situações de vida, em todos os lugares, por todas idades etc..

**P36:** Sobre os PDCs: Acho muito importante a separação dos conteúdos do PDC das atividades e/ou orientações religiosas, místicas, espirituais. Respeitando as individualidades pessoais, o PDC tem que ser laico.

**P37:** [EM BRANCO].

**P38:** [EM BRANCO].

**P39:** Gostei bastante do questionário, desejo bastante sucesso e fico à disposição.

**P40:** bem a permacultura e um conceito social que traz muitas soluções as cidades e áreas rurais... deve ser cada vez mais compartilhada através de programas comunitários nos bairros, vilarejos e exercitada... fazendo mais com menos! a permacultura deve ser mais acessível a todos... com uma linguagem de paz transformadora! deve entrar nas políticas públicas, nas gestões de municípios, parques e reservas ecológicas... e o caminho de reconexão com a natureza!

**P41:** O PDC é um curso com alta capacidade de transformação, é uma ferramenta de incentivo ao fazer, forma multiplicadores, traz uma visão ampla sobre o tema, vai além das técnicas e tem que estar em melhoria contínua.

A sugestão que trago é que todos os PDCs ofereçam bolsas sociais e que grupos consigam financiamentos para PDCs gratuitos sendo mais abrangentes para quem não tenha condições de pagar, normalmente é um curso com alto custo.

**P42:** Tive dificuldades com o TCLE, não tenho impressora em casa, vou ter que sair para imprimir e digitalizar o documento.

**P43:** como aproximar a permacultura e o movimento da agroecologia?

**P44:** Acho importante que se cuide muito a qualidade dos cursos PDC, seja no que respeita aos conteúdos como na qualidade do tratamento pessoal. Respeito absoluto ao segundo princípio da permacultura: Cuidado com as pessoas.

A permacultura no Brasil está entrando na sua fase de crescimento exponencial, devemos caprichar muito na difusão e qualidade dos trabalhos que estamos realizando.

Um valor agregado importante, no enorme Brasil, seria a construção de redes locais e regionais para troca de experiências.

**P45:** [EM BRANCO].

**P46:** [EM BRANCO].

**P47:** [EM BRANCO].

**P48:** [EM BRANCO].

**P49:** Na época em que eu iniciei na Permacultura existiam centros no Brasil onde só estes eram autorizados em fazer PDCs e cursos. Creio que por 2009 já estava bem diferente o cenário e já havia muitos em vários locais. Hoje acho que está muito mais aberto, é bom no sentido de espalhar e difundir, mas é ruim quando se perde qualidade, critérios básicos do conteúdo e etc.

Não existe, mais (até onde sei) um grupo de pessoas no Brasil cuidando desse aspecto dos PDCs. Existe muita desarticulação entre as pessoas e grupos.

Ao mesmo tempo um PDC não faz um Permacultor/a, o faz é sua prática e vivência...e sua visão de mundo, de vida, de postura com a vida.

Eu particularmente me frustrei bastante por não perceber as lideranças da época comprometidas em estarem juntas, percebi muito individualismo e pouco preocupadas com a evolução interna do ser como humanos, o que fez com que não existisse rede de fato, nem acordos;

Por isso hoje me dedico a trabalhar com cada ser e sua transformação individual, pois é nessa revolução que hoje acredito, para então estar pronto para um trabalho grupal.

Achei a ideia do questionário boa, acho que via Skype seria melhor do que escrever tudo mas entendo o processo.

**P50:** Excelente trabalho querido. Confio que seja de importante contribuição para os rumos da permacultura no brasil e no mundo. conte comigo!

Grato!

Habraços

**P51:** [EM BRANCO].

**P52:** O questionário pergunta quantos pdcs vc já facilitou. Depois pergunta coisas como se eu tivesse feito só 1 PDC. Acabei respondendo com base nos primeiros, certas perguntas responderia 1 diferente para cada PDC que eu fiz, mas como não tenho tempo para responder 8 vezes cada 1 respondi baseada principalmente nos primeiros. Confira se as perguntas não induzem a isso, talvez pensar numa nova condução do questionário para a próxima vez... ;)

**P53:** [EM BRANCO].

**P54:** acho que ainda somos muito articulados enquanto movimento (talvez pq estejam cada um no seu sitio fazendo suas coisas e isso já seja um baita trabalho), mas acho importante tecer essa rede e estruturar acordos que sejam claros, visíveis e inclusivos (e a diversidade de visões e opiniões é enorme!) , pois vivemos um pouco no mundo dos acordos "não-ditos" o que ao meu ver só faz gerar mais desentendimentos.

Que aliás, sei que existem, aconteceram no passado e acho uma pena que não tenha sido curado, para que um movimento forte pudesse existir, mesmo que numa lógica inovadora, descentralizado e de Organizações de Centro Vazio (OCV).

Acho que precisamos nos apropriar de ferramentas sociais como comunicação não violenta e sociocracia e nos propor mais ao diálogo para dar esse passo.

**P55:** Acredito que a Permacultura seja uma ferramenta importante para se elaborar projetos, mas acredito que para atingir o cidadão comum deveria os profissionais que projetam e constroem casas e elaboram urbanismo da cidade seja capacitado e tenham interesse em aplicar.

**P56:** [EM BRANCO].

**P57:** Primeiramente, sugiro uma metodologia de ferramenta estatística para comparar os textos de sua pesquisa de doutorado: Se chama ALCESTE, e permitirá agrupar as respostas semelhantes gerando dados estatísticos de acordo com os textos respondidos. É muito interessante. Informe-se.

Em segundo, acho que é utópico, mas precisaríamos arrumar meios efetivos de reunir todos os permacultores ativos do Brasil para discutir isso tudo.

Quem sabe esse teu trabalho não ajude também neste sentido.

**P58:** Acho incríveis essas iniciativas acadêmicas, sinto que precisamos mais estreitar o diálogo com os permacultores e a academia. Uma sugestão seria visitar os centros e institutos e perceber na prática como funciona. Sobre os PDCs, vemos várias críticas sobre a forma que estão dando os cursos, mas acho que isso no Brasil está amadurecendo, e com o tempo vamos se alinhando e fluindo naturalmente. É uma evolução natural!

Muito grato!

**P59:** Gostei de participar do questionário. Muito boa a iniciativa, parabéns!

Fiquei muito curioso para conhecer o resultado da pesquisa.

Na minha opinião a Permacultura no Brasil está em um momento interessante de expansão, com crescente reconhecimento no meio acadêmico, empresarial e na sociedade de um modo geral. Dentre tantas opções alternativas hoje presentes, creio ser tão importante a construção e manutenção da identidade do movimento Permacultural, como a capacidade de evoluir, aprender, interagir, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

**P60:** [EM BRANCO].

**P61:** Não sei explicar, mas acho que a Permacultura está migrando numa outra direção, deixando de ser um método para planejamento. Mas não acho isto um problema. Como o próprio Bill Mollison falou: ele ia soltar um bando de amadores para consertar o mundo. Não precisamos cristalizar o assunto.

Eu pessoalmente, depois dos dois cursos este ano, decidi de não dar mais cursos de Permacultura, me dedicando exclusivamente a agricultura regenerativa.

**P62:** Diferente da Agroecologia, a permacultura é um movimento rachado no Brasil. Tenho constantemente falado para mobilizar uma convergência nacional de permacultores, aonde possamos debater as diferenças com empatia e cocriar soluções e quiçá integrar novamente os permacultores e também integrar a permacultura com outros movimentos como o GAIA e a própria agroecologia. É urgente o diálogo sobre algumas questões de essência como essa levantada nesta pesquisa e a qualidade dos PDCs ministrados no Brasil, sobre a permacultura elitizada e excludente, sobre o machismo e empoderamento das mulheres, sobre meritocracia e acesso ao recurso ou terra etc. Em geral todos estes temas estão diretamente relacionados com a ética e espiritualidade, ou seja, para uma excelente formação em permacultura - PDC, temos dois eixos principais: a ética e a espiritualidade.

**P63:** [EM BRANCO].

**P64:** O questionário está bem resumido, mas está bom. A sugestão na questão 2.8 é acrescentar os percentuais como respondi acima. As perguntas abertas já sugerem as possíveis respostas, isso ajuda, mas também fecha as respostas, nesses casos é melhor fazer por itens. Sugiro a criação de um Fórum (pode ser virtual, mas que seja formal) onde os permacultores se encontrem e discutam suas ideias e principalmente como deve ser ministrado um PDC, como já apresentei acima.

**P65:** Excelente iniciativa. Desejo sucesso no trabalho.

**P66:** Ainda temos muito o que caminhar na democratização da permacultura no Brasil.

Um ponto que sempre me chama a atenção é como as pessoas costumam resumir um conceito tão complexo em apenas um único elemento. É fundamental sempre levarmos o nome da permacultura vinculado à sua ética do cuidado e aos seus princípios.

**P67:** Escrevi muito aqui! Foi como um brainstorm bem sincero!

Eu ando descrente da Permacultura porque os permacultores não se organizam bem como um movimento político e potente que poderiam ser. Vejo que as pessoas caem na ilusão de acreditar que fazer permacultura torna as pessoas boas. Como uma ferramenta que é, a permacultura é neutra, e precisamos adentrar os campos de produção ideológica e disputar esse discurso. Senão não é difícil a permacultura ser pervertida na forma de Green Washing e Capitalismo Verde. É preciso praticar uma permacultura que não seja (re)colonizadora no fim das contas. Mas isso não é uma tarefa tão simples quanto parece.

**P68:** Que a permacultura seja cada vez mais popular e acessível. Acho que este tipo de trabalho só vem a somar com a difusão da permacultura.

**P69:** Quero reafirmar que devemos aceitar que o PDC não é um curso de formação e sim de introdução e de divulgação, e que não é o caminho para formação e profissionalização da permacultura.

Atualmente tenho focado em cursos de 1 ano, e no fomento das especializações e graduações em universidades públicas.

**P70:** [EM BRANCO].

**P71:** Aqui dá uma tese, prefiro nem começar. Está de parabéns pela iniciativa.

**P72:** Quero primeiramente agradecer por essa pesquisa estar acontecendo pois considero essencial para, muito além do desenvolvimento de PDCs, o desenvolvimento de uma nova cultura mundial. Eu fico profundamente desanimado muitas vezes que vejo coisas se dizendo serem algo, serem complexo e na prática não o serem, inclusive os PDCs e a Permacultura como um todo. Para mim o primeiro passo para superarmos e crescermos nesse sentido é refletir sobre a situação atual que vivemos. Com base nisso, considero realmente importante essa pesquisa e deixo expresso aqui minha profunda gratidão.

Acho que já expressei minhas ideias em comentários anteriores, inclusive com críticas relacionadas aos PDCs e ao movimento da Permacultura no Brasil. Então quero frisar e reforçar um ponto que considero essencial.

Vejo que a observação na Permacultura, que no meu ver é a base de toda a Permacultura e seu processo de design, com a leitura da paisagem, dos setores, dos elementos... a observação tem sido trabalhada de forma superficial e determinista.

Creio ser essencial uma abordagem mais voltada para o desenvolvimento de capacidades e de uma abordagem mais profunda nessa observação. Um caminho de observação onde a própria terra possa se expressar através de nós assim fazendo da própria observação a intervenção coerente que podemos trazer.

Também gostaria de dizer que aqui possuem ideias minhas que podem ser melhor desenvolvidas e trabalhadas. Portanto me coloco a disposição do André para levarmos tais conversas adiante se houver interesse para tal e eu posso colocá-las num texto para que esse possa servir como base para as reflexões desse trabalho se assim for conveniente. Também deixo autorizado que frases minhas podem ser utilizadas e citado o meu nome se assim crer que elas podem servir - são reflexões que tenho cultivado e vejo sentido desses nomes serem compartilhados com suas ideias, caso elas tenham algum lugar de destaque tanto nas reflexões do pesquisador, tanto como citação direta.

Também quero ressaltar a importância de olhar para o PDC como se propõe a pesquisa, porém cuidando para que não se perda a relação com a permacultura e suas outras formas de expressão no Brasil e no mundo, pois o PDC é uma forma específica de expressão da mesma, só fazendo sentido, caso faça, nesse olhar ampliado da permacultura, olhando para outras qualidades de cursos, práticas profissionais etc.

Grato pela oportunidade em me fazer pensar sobre esse importante movimento no Brasil e no mundo.

**P73:** André, o questionário está ótimo e ele é muito importante para esse nosso momento na Permacultura.

No futuro vamos notar que o que fazemos de permacultura é inovador demais!

**P74:** Permacultura algo muito legal,

mas pessoas as vezes buscam um caminho totalmente alternativo, o que é válido, contudo chegam a se isolar e não trocar com o sistema, não tem atuação política, q seria interessante.

diversos cursos de permacultura são bastante caros, inacessíveis pra maior parte da população. acho importante a remuneração dos professores, mas por vezes me parece abusivo.

**P75:** [EM BRANCO].

**P76:** *aplauzo el movimiento en Brasil, hay mucho desarrollo con Gaia Education y los PDCs de las ecoaldeas, también gran cantidad de proyectos y agricultura sintrópica, también conozco proyectos de popularización e introducción a la educación formal, creo avanza muy bien en posicionarse y compartir a más gente las herramientas.*

**P77:** Algo que sempre nos tocou enquanto permacultores e educadores em permacultura foi a dificuldade de esses conhecimentos chegarem até as comunidades que realmente precisam deles e não têm acesso.

Sempre sonhamos em ter um ônibus e fazer um projeto itinerante.



Tem muita gente atuando junto a favelas, comunidades, etc., mas ainda é pouco perto da vastidão e da lacuna que há entre estas realidades.

Assim, aquela questão da permacultura não ficar elitizada, levantada por Thomaz Enlazador, Djalma Nery, etc., é muito importante.

Acredito que um caminho possa ser através de captação de recursos para projetos.

Enfim, muito há por vir ainda, mas, essas iniciativas de articulação entre os permacultores é muito positiva.

**P78:** acho que esse é o caminho. espalhar a semente com responsabilidade por onde passamos.

**P79:** A Permacultura vem crescendo bastante no Brasil: inúmeros PDC - inclusive à distância - muitas pessoas usando o termo. É um momento de observar esse fenômeno e refletir para interagir e este tipo de pesquisa pode contribuir muito neste sentido.

ps: desculpa a demora em responder... ^^

abração e bom trabalho ;)

**P80:** Acredito cada vez mais que é preciso ter um olhar mais crítico sobre os instrutores de PDC que se tem hoje no Brasil. Estamos num momento em que vem à tona denúncias de assédios e abusos de variados tipos por parte de instrutores de PDC, um grande pesar para o movimento da Permacultura no Brasil. Mas, cada vez mais acredito na verdade contida na frase do permacultor Martin Ewert: "Me diga com quem fez teu PDC e te direi quem és!".

**P81:** Iniciativa muito válida.

Gratidão por desenvolver uma pesquisa que possa contribuir para o desenvolvimento da permacultura no Brasil.

**P82:** A crítica é na preparação para o curso. Podemos nos alinhar melhor na didática, nos conteúdos e metodologias se estudássemos mais os temas que serão abordados no PDC. A preparação das aulas é geralmente feita na semana do curso. Isso faz com que o grupo não tenha uma visão geral dos conteúdos, não dê sugestões e críticas que podem melhorar a didática dos colegas, além de isolar os facilitadores dos alunos, fazendo com que percam os espaço de troca e confraternização.

**P83:** Gostaria de parabenizar a iniciativa, a Permacultura é muito nova no Brasil e iniciativas como essa questionam um pouco o trabalho que tem sido feito e também como têm sido feito.

**P84:** Só posso lhe parabenizar pela iniciativa e que seu trabalho possa nos render muitos frutos para uma maior divulgação e apreciação da permacultura e que possamos resgatar nossa humanidade.

"Sou daqueles que prefere guardar o voo dos pássaros, que um pássaro sem voo..."

**P85:** [EM BRANCO].

**P86:** Gosto de que o ensino de PDC seja algo meio livre e solto. O que acho é que os permacultores deveriam estar mais juntos na certificação participativa uns dos outros.

**P87:** A priori gostei do questionário, achei sucinto e bem elaborado. Sobre os PDCs, vejo que estes vem evoluindo bastante, principalmente no que tange a adaptação de conteúdos e práticas que tem relação com o local onde é aplicado.

**P88:** Parabéns, o movimento só cresce....

ter o cuidado pra não cartenesiar.

**P89:** Ouvi de vários participantes de PDCs com outros facilitadores que algumas cursos apresenta permacultura com um coletânea de práticas técnicas, sim muito explicação de porque ou onde é apropriado. Precisamos ter cuidado que permacultura será vista como receitas simples quais são aplicados em qualquer momento ou ambiente. Por exemplo eu vi a horta mandala promovida em exatamente a mesma forma de Ceará até Rio Grande do Sul.... climas e ambientes totalmente diferentes!

Cuidado! Cuidamos para lembrar que Permacultura é uma visão holística, integral e sistêmica. Com responsabilidade ecológica e social.

**P90:** Muito longo. Não consegui responder tudo, pois há muitas questões descritivas.

As questões objetivas são mais fáceis e rápidas.

**P91:** [EM BRANCO].

**P92:** Agradeço pela pesquisa André!

Considero o tema superimportante e me importo muito com o ensino da permacultura.

Desejo ver a colheita e o resultado desse material!

Desejo que organizemos uma convergência de Permacultura no Brasil para aumentar esse diálogo.

Tenho vontade de oferecer uma formação de professores em algum momento! Visto que a única formação do tipo que vejo no Brasil é a de Yvy Porã que acontece com frequência indefinida.

E também sinto de organizar um PDC para construir um modelo mais coerente com a minha visão.

Atualmente estou trabalhando no currículo de um curso de Permacultura e Design Social que sinto que pode contribuir com essa lacuna no currículo e ajudando (ao seu lado!) na tradução de um livro da Rosemary Morrow sobre o ensino da permacultura que sinto que tem bastante a contribuir com o movimento : )

**P93:** Crítica: os PDCs com MUITOS instrutores: Mollison diz que o permacultor é um generalista, e hoje temos "permacultores especialistas na aula de água, construções, etc."

Outro problema nestes cursos com muitos instrutores é a falta de alguém que tenha um mãos a sequência do curso, e que garanta que todos os conteúdos foram dados.

**P94:** Acredito que após anos de uma permacultura "tímida" mantida pelos institutos, com acesso mais difícil, atualmente, é cada vez maior sua disseminação e até sua popularização, com claro, ressalvas sobre como não é um caminho extremamente fácil, geralmente dependendo de muito trabalho e esforço de seu atuadores, geralmente com pouco apoio financeiro e numa realidade de poucos "editais, programas e patrocínios".

Achei esse questionário muito interessante para conhecer a história/ opinião/ sugestões de outros parceiros que trabalham com o tema, algo que sempre gera espaço para insights dentro de nós, que nos leva a novas ideias para enriquecer o mundo da permacultura.

**P95:** Acredito que a permacultura é um caminho para a emancipação dos povos e retomada de autonomia de comunidades. Estamos aprendendo a ser humanos e a permacultura pode ajudar. Temos que batalhar pela educação popular. Lembrar que é uma filosofia de vida/ciência e ícones ou ego em demasiado só atrapalha na missão do mundo em transição.

Acredito e sou grato pelo trabalho e existência do [removido].

Sou grato por ser brasileiro e estar neste contexto tão transformador e cheio de potencial. Dou gracias a todos que contribuem e constroem este trabalho.

[removido]

Obrigado por estar aqui e ler até aqui.

Obrigado amigos

Seguimos na jornada.

Ubuntu.

**P96:** A permacultura no Brasil já passou por vários momentos. Aquele momento inicial em que estava restrita a 4 institutos, depois uma segunda geração, uma terceira, uma quarta, quinta, acho que hoje já estamos indo pra sexta geração de permacultores nacionais, haja visto que a permacultura já vai fazer 25 anos, desde quando foi realizado o primeiro PDC2 nestas terras. A permacultura no Brasil carece de base social, de unidade em cooperação, confiança e estratégias conjuntas. (...) Um Brasil Permacultor precisa de PermaAtivistas. Articuladores Sociais da Permacultura, que farão o Eco para a popularização, visitaçao, integração, inclusão social e intercâmbios econômicos mais justos e cooperados em rede.

Latinizemos mais nossa permacultura, emancipemos politicamente nossos Ecoletivos e Organizações de Resistência e Defesa de Territórios. Por Gaia, por nós e pelas Futuras Gerações. Chegamos ao limiar da transformação.

A permacultura enquanto conceito e movimento podem agir com maior postura e firmeza nos processos da construção política dos Estados, Nações, Municípios, Vilas, Bairros, Biorregiões, e nos espaços de controle e participação social. Neles podem e devem ser pautados as soluções propostas pela permacultura. A partir dessa incisão em instancias e articulações institucionais, abre-se o leque para implementarmos uma Cultura Política Regenerativa, pautando a Permacultura como política pública na co-criação de Planos Diretores, Saneamento etc.

Trabalho por uma Permacultura Popular, Ecosocialista, Solidária, Cabocla e claro, com maior conexão espiritual com nossos ancestrais. Pela conexão com Pachamama, no respeito e na cura com as plantas de poder, no sacramento dos ritos e mitos, das intergerações e Biorregiões, de brancos, pardos, amarelos e negros, hippies e punks, de gays, trans e lésbicas, das nossas duas centenas de povos indígenas em franca ameaça, dos ribeirinhos, kalungas, mendigos e refugiados, dos favelados, dos atingidos por barragens, dos sírios, haitianos e ciganos... A Perma, Ecovilas e Práticas Sustentáveis ainda não estão acessíveis, e se encontram em universos econômicos elitizados. Os educandos de cursos de perma, moradores de ecovilas e afins são em geral, brancos, filhos de classes

média e alta, com bom nível universitário. A maior concentração de iniciativas se encontra no Eixo Sul-Sudeste. São poucos negros, indígenas, pescadores, rendeiras, sem teto e sem terras. Estão ainda parcialmente excluídos, mas eles dariam uma base concreta na formação política e Ecosocialista da Permacultura Popular Libertária.

Não nos limitemos a criar tão somente um movimento de redução da nossa pegada ecológica, muito menos da permacultura como um fim, e sim um meio.

Engajamento na base social, formação política, ações diretas de desobediência civil não violenta, alianças políticas com camponeses, indígenas, comunidades tradicionais, que como a própria permacultura, estão (estamos) à margem do sistema. Sem essa postura, nos fechamos em uma “bolha de luz verde e pseudo-sustentável” que não emancipa comunidades e muito menos insere socialmente.

Enxerguemos para além do número de painéis solares de nossos institutos ou ecovilas, dos basons e das bioconstruções, dos hectares de SAFs e Selfies. Deveria assumir uma postura mais aguerrida. De ecovilas de refugiados, de sanitários secos na favelas, da agrofloresta nos sertões e rincões, embaixo da ponte com moradores de rua... E isso, acaba se refletindo no Brasil que vivemos hoje, pode ser perigoso se não nos posicionarmos. Não só para uma ditadura, como é o medo de alguns, mas para que se instale uma democracia de fachada, como já vivemos em alguns aspectos.

Estamos criando uma tendência a uma elite de comunidades sustentáveis ambientalmente, e despolitizadas socioeconomicamente? Grande parte dos projetos no Brasil, incluindo as próprias ecovilas, acabam tendo posturas que refletem a postura de um cidadão que se alheia à política e se ocupa na construção do seu bem-estar social e zona de conforto. Uma desprezo pela política, mas uma visão de conformismo com o Capitalismo que acaba os encubando. Um arquétipo coxinha, só que com um recheio mais sustentável. Ao invés de ser uma coxinha de frango é uma coxinha de jaca. Ótimo! Que bom que é sustentável, que bom que é ecológico. Celebremos que ocupam esse espaço, e que indivíduos compromissados estão fazendo esse movimento ligado à sustentabilidade. Porém isso não basta! Se não houver emancipação e formação política da conjuntura biorregional, nacional e global das esferas socioeconômicas, ambientais e política, sem a busca pela unidade na construção de um Brasil Ecosocialista, Solidário e Diverso, continuaremos a permaculturar de nós pra nós mesmos”.

**P97:** Como facilitador vejo os PDCs como uma faca de dois gumes. Antes como aluno julgava ser muito caros os cursos, de certa forma elitizados. Hoje como facilitador vejo que os custos envolvidos justificam os valores, principalmente quando se tem uma equipe de facilitadores. Em termos de valores, ainda acho que estão elevados quando se analisa o valor do salário mínimo. Então creio que seja necessário buscar apoiadores/financiadores para os cursos de forma que as pessoas envolvidas na produção sejam valorizadas por seu trabalho, mas que o custo repassado ao aluno seja viável para um maior número de pessoas.

**P98:** [EM BRANCO].

**P99:** *El trabajo interno es súper importante y si el, realmente es imposible desarrollar experiencias que ayuden en este proceso realmente, si no hay trabajos profundos con las personas para poder lograr cumplir los sueños de las mismas, que en si es lo que tenemos que diseñar.*

*Los diseñadores que diseñan desde sus sueños en espacios de los clientes dejan solo campos estériles e inconclusos, ya que no tienen en cuenta el sueño de los clientes, en primer instancia, por no tener desarrollado u trabajo profundo sobre su propio sueño y tener al mismo tiempo un diseño del mismo. Siento que esto es algo importante, no solo con lo que pasa en Brasil, sino con los diseñadores del mundo.*

**P100:** [EM BRANCO].

**P101:** [EM BRANCO].

**P102:** Excelente! Vai possibilitar aprofundamento na prática do PDC no Brasil!

## APÊNDICE 3

### Entrevistas

#### Entrevista 1

**Entrevistados/as: E1, E2 e E3**

**Pesquisador: André Santachiara Fossaluza (Brasil – P)**

**Data da entrevista: 12 de maio de 2017**

**Língua original: inglês**

P – Well, there's no script in this interview, this interview is just part of my research, and I decided to make it in an open way. So, the idea is to just to hear from you, to have a conversation about the PDC teachers' education. So, I see you have proposed, you are offering this PTM course from Rosemary Morrow's idea. And I just would like to know why you are doing this, what are your beliefs, your objectives with such a course. Please feel free, it is just like a conversation. There is no limit of time... Yes, we have a limit of time, but it is just a conversation.

E3 – Well, I can start. To me, it is like... Teaching is very important, and being able to facilitate a teaching space and environment... And since I had experience as a language teacher previously, you know, and I met language teachers that are not doing their job very well and I saw how damaging that can be, and how stressful and how frustrating for them and especially for the students. I think being able to teach properly is an important added value to somebody that might be a very good expert on something, but they might not have the same skills to teach them properly, share them properly. So, I think it's a very important, very important tool that we can give and share.

E1 – I would agree with that and add that I think that are a lot of teachers or potential teachers that also need more confidence or, if they had more confidence, they would just go out there and teach. Or perhaps they have confidence, but they don't have so many tools and/or good methodology, so if they're lacking one of those two things, the confidence or the skills, then this is a really powerful course, and it can really have a multiplier effect in the spread of permaculture, both in number of teachers that are available and going out there and organizing courses and giving courses, but then also their students, the quality of permaculture education they received and what they do with that as well and go out and see society.

E2 – I accord with E1 and E3 at all and I think that the importance of teaching permaculture in a right way, in a good way with skills, abilities, capabilities and also the content, the knowledge of the topics and so, is also in the fact that it is very important that the teacher transmit the topic and the core of the topic, the must-know of the topic in the right way... Because you can also have very dangerous effects. Because when you have to teach methodology of the design that concerns the manage of the land, the manage of the system and the manage of some very important energy of the landscape, like is just mentioned, like water, soil and other... Big problem of our earth now, so you have to pay very, very, a lot of attention in the way you transmit this methodology because a lot of people as learners are convicted that they know already techniques or strategies, and then there is a risk to do a lot of disaster. So, it is a very big responsibility.

P – Good! I see that these courses, these teacher education courses, they are quite recent. I don't know a lot about Europe, but in Brazil we don't have more than ten years of those courses. And... Why do you think this has happened, why have they become so much more common? What's the reason behind that?

E2 – I connect it, I link to what I said before, the importance of form good teachers that are responsible, that are aware of what they are going to do. Teach permaculture in the right way. It's different from the time of Mollison which everyone can teach and the feedback was "OK, you have a lot of students you are good, you have few students you are bad". Also, only the story can say if you are a good teacher or not. Now, I think permaculture is spread everywhere in the world and has a big role in the change of thinking and change how manage our planet and resources, and I think it's a challenge, a necessity to have teachers formed.

E1 – And, also I think it's a... It's kind of a natural development, may be like an educational succession process of first you had a theory of permaculture, and then people starting mixing theory and putting it to practice, then the PDC was developed, then it gets better, then we see the need for more and better teachers. It's just like a successional process and also, perhaps, referring to something that E2 said, I think there is more emphasis on... on avoiding the kind of big personalities, then we want to diffuse permaculture in a more horizontal way and rely less on a few famous men.

E2 – Yes.

E3 – Yes. Yes, I mean, I also think, in general, people that do a PDC or that have a project going or have already been doing a project for many, many years, then they decide to teach a PDC and then they say "Well, I teach this, because I think it's important". It's not always the case... It's not always the case that they are good at transmitting that. So, it's like having... It's not that everybody can do everything. I can be very good at tending the land and working with animals...

E2 – Yes, but it's the same in the academic world because a researcher, a fantastic researcher, Noble prize researcher, it's not always... it's not in the same time a good teacher. Teacher is like a mission, no?

P – OK.

E3 – So, like those who feel that they might be good teachers, they might also realize they need more confidence, more skills, more tools, and then they can come to this kind of courses. Or those who had never thought about teaching, they think maybe I could teach, and might decide to come and see and try in a safe environment how this teaching thing goes and then decide by themselves "OK, I think I am better than I thought at teaching" or "Maybe I should give it a go". But, many times, people that are doing things, they just say "OK, I'll become a teacher", and then... They're not. It's not their thing. They're not so good at that.

P – All right. And then...

E2 – Because also teaching must be trained.

P – And that's one thing that comes to my mind right now. Do you think this... Everybody who teaches a PDC should have a course like this, the PTM, or do you think it's one of the ways people can go into teaching? What's your opinion about that?

E3 – For me, I don't think it's mandatory. I think not everybody wants to become a teacher, first of all.

P – Yes... Regarding the ones that teach in a PDC.

E3 – Ah... It helps.

E2 – I think that it's not mandatory, but I think it's really, really, a lot recommended.

E1 – I agree.

E3 – It helps a lot, especially if you don't have experience.

P – Yes... In Brazil, very, very recently, a group of permaculture learners, people who had joined PDCs, wrote a manifesto with a lot of critics to people who have worked with Permaculture in Brazil. And one of the most important things, in my opinion, is that people have been offering PDCs, but when you get there, they're not actually PDCs.

E1 – Ah... What are they?

E2 – Courses!

P – Permaculture courses, maybe an introduction, or maybe... I don't know... And that's my question to you, which is one of the things I'm going to talk about in this research. What are the elements, the core elements you think that are characteristic of a PDC? I mean, when I go to a course, I know this is a PDC and not a Perma-Yoga course, for example.

E2 – Ah, the Designers' Manual and Robyn Francis handbook.

E1 – And Rosemary Morrow's.

E2 – And Rosemary Morrow's as well.

E1 – If at least the PDC didn't use, and address and cover at least of these publications, then I think it's not a PDC.

E2 – Yes, it's not a PDC, it's a permaculture course, maybe, but not PDC.

P – OK, so just to make it clear, you would say either Permaculture: A Designers' Manual, from Bill Mollison, the one from Robyn Francis, which is the one that has been used in Europe, is that right?

E2 – From the Britain Association. They recommend it.

E1 – I'll give a copy of her handbook for a PDC.

P – All right. Or Rosemary Morrow's.

E2 – The Blue Mountain Institute's program.

P – All right. So, I can tell that this is a PDC.

E2 – In the partnership for teaching permaculture we discussed a lot about the program, the curriculum of the PDC, and because the European permaculturists think that 75-80% must be from PDC to give the name PDC and the other 20-25 in contextual to the zone, to the place which you are, but we also prepared a survey about the major topics of the PDC and asked to the teachers there, to the people there, to fill if they think this topic is more important...

E3 – Mandatory, more important, not so important...

E2 – Sometimes, with time. So, we filled this big survey and it was very, very interesting to see that some teachers there, also, some core topics that we think, this is mandatory, maybe someone not.

E3 – Doesn't.

E2 – Doesn't.

P – OK.

E2 – So, it's very interesting. So, if you want, I can give you.

E3 – As a matter of fact, you can find information about this work that was done at...

E2 – Permateachers.eu.

E3 - ... At the page [www.permateachers.eu](http://www.permateachers.eu). And there you'll find this.

E2 – But I don't know if there is the...

E3 – I think there is the... I think it was shared.

P – Good. Hm. You mentioned before and I guess you're going to mention later during the course, but I'd like to ask you about that right now. Regarding diploma. I just would like to know your opinion about that. I think, just to know how the context is, how important it is to work as a permaculture designer or permaculture teacher.

E2 – So, I think that diploma is important for who is doing the diploma pathway because develops a personal project in permaculture and applies the design's flow. And so, understands what means design, receive feedback and so on. But, it's also important, in some cases, because in Italy, when some diploma holders wanted to put on, to build the academy, structure that can give diploma to other people, because we thought that it was very important that the Italian people can take the diploma in Italy, and not go everywhere in Europe and so on. And the risk of this was that a lot of people, after the PDC, begin to teach without knowing really permaculture, because after a PDC maybe you are not so knowledgeable enough. So, the Italian Academy asked to teach who wanted to teach to be diploma holders to teach. Now, we are looking for more easy situation which we can, because we need though teacher, teachers, and we asked to do a PTM or teachers' training after your PDC. Then, we asked to be shadowing or participating in a PDC with a diploma holder, and then you can teach, with the diploma you can be tutor of the course and, also organize completely a PDC. So, this is our position now about the diploma.

P – So that's your position as an Italian Permaculture Association, Academy.

E2 – Academy.

E1 – E2, do you mean that if someone has done the PDC, the teachers' training, the shadowing, can they teach a PDC without the diploma? Or do they also need it?

E2 – No, no. Diploma is mandatory.

E1 – OK.

E2. But, meanwhile (...)

E1 – OK.

E2 – (...) he can teach shadowing or just some sessions, shadowing the tutor or the diploma holder of the course. Every PDC must have a diploma holder that refer and is responsible on what happens in this PDC. So, our position.

E1 – I recognize that the, what I think is the majority of European permaculturists would agree with this, that each PDC should have at least one teacher who holds the diploma. And I also agree that I think the diploma process is definitely useful for the person doing it, it's a great process. I have some concerns that, especially in Spain, where only until next Sunday, there's basically been no opportunity for people to do a diploma in Spanish, that by having this requirement, it has delayed and restricted development of permaculture in Spain. And I also recognize that Bill Mollison said after you done a PDC if you think you're ready, go out and teach; if you're not ready, people will not follow you, they would all get out (...)

E2 – Yes, yes...

E1 – (...) and I like that I agree with that, it has a nice aspect of self-regulation. So, I kind of have mixed feelings, you know. I think that the diploma is a good thing, but whether it should be absolutely mandatory, I'm not sure.

E2 – There's a risk in both, no?

E3 – Also, I mean, having a diploma means that you know the subject very well or quite well, or better than a person that comes out of a PDC. At the same time, you might not be a good teacher.

E2 – This is another question.

P – The diploma is not necessarily related to teaching?

E2 – No.

P – It's about working as a permaculture designer...

E2 – Yes. But, your diploma pathway, if you want to teach, you put teachers' training, you put shadowing, teacher shadowing with the tutor. So, your diploma pathway is focused on teaching. So, it's also (...)

E3 – It might be, but it's not sure that a person who has a diploma and organize a PDC will be a good teacher.

E2 – Oh yes, this is the first consideration.

P – Right. Just a curiosity (...)

E2 – Maybe also a person that attended to PTM will become a good teacher anyway... This is a...

P – I understand. Just a curiosity: you mentioned this Italian Academy and I see there are other organizations about permaculture here, and... Who can join? Who are the people that give the diplomas? How are they selected to give the diplomas?

E2 – Diploma holders.

E3 – One that has a diploma.

P – Just one example: if I get a diploma, then I'm able... I'm part of the Academy and then I'm also going to be responsible for (...)

E3 – For example, I can tell you the process now in Spain because we just started. In Spain, as E1 said there was nothing, no organism that would give a diploma. So, we joined couple of years ago. In this meeting, there were four diploma holders, and these diploma holders formed the structure for an academy, the organism that will give the diploma.

P – OK.

E3 – Then, they created a diploma pathway, general diploma pathway. Since there was the urgent need for more diploma holders to join this academy, which was quite small, they decided to have a shorter version of the pathway, which is not... You have to present everything you did, you have to present the same amount of material that you would present during a diploma pathway, but there are people who did their PDC ten years ago, have been working for ten years on permaculture, and if they have to start from scratch, another 2 years for the diploma, it would take longer to create this structure.

[Short dialog in Italian between E2 and E3]

P – OK.

E3 – This was the idea. In the end, it took 2 years.

P – OK.

E2 – Minimum 2 years.

E3 – Yes. So, the idea is that now that the academy would have like 6 diploma holders, these 6 people will teach, will be tutors for other people that want to have a diploma.

E2 – Yes.

E3 – And then, from there, these people will enter the academy and they will be teaching or will be tutoring other people and then on and on.

P – OK.

E2 – OK! Long time ago, so, just for example, in 2003 Italy had its first four diploma holders (...)

P – OK.

E2 – (...) in 2006, academy became an association, a juridical figure. Then, from 2006 to here, the diploma holders in Italy are 40.

P – 3 to 40 in 13 years. From 2003 to now.

E2 – 14 years. And, by one PDC for year the first years, I think that now we offer [26:00] about 30 PDCs in a year.

P – Thirty?

E2 – Yes... 20, 30 PDCs. So, each PDC has a medium of 10 people, no... Also 25, also 6 maybe...

P – In average.

E2 – In average. So, look at number of the PDC holders. But not all these people want to take the diploma.

P – I understand.

E2 – So, the academy now is about 400 people associated. Diploma holder, tutor, teacher and so, and students for the diploma holder, for the diploma.

P – All right.

E1 – How many PDCs a year are there in Portugal, I mean, in Brazil?

P – I really don't have that number right now, what I can tell you by now with my research is that 10 years ago they were most offered by institutes that had been created in the 90s after Bill Mollison came to Brazil. Now, most people who offer PDCs are like independent groups, like collectives, like mine, we aren't officially recognized by any association. We are basically regulated by the people who come.

E1 – Which is how permaculture has really been, and, you know, often times, a group such as a national academy is formed by people who were giving or who earned diplomas from other people who had diplomas, but even before there was an established body to give diplomas. So, it's... I think it's a very interesting process, and I feel it's necessary and is inevitable perhaps, that there will be more formalized standards, I think it's going to happen. But I still have some feelings of "is it always the best way?". I'm not sure.

E2 – [Agreeing].

P – OK.

E1 – And, for instance, the Spanish Academy, we studied a lot about the Italian Academy and we can see some really big advantages of having an academy, of having a formal structure, especially these gatherings, these two times a year there are these really big permaculture gatherings, they seem to have a strong effect, and we see that something that would be very useful in Spain, we see that as an advantage. What we would see in Spain, for instance, I know there is a guy, an English guy down in south of Spain who is teaching PDCs... Probably OK, I don't know really the quality of them, but he doesn't have a diploma. So, if it turns out that the Spanish Academy grows, which I hope it will, and I think it will, at some point will there be a conflict or will there be some kind of attempts to formalize and tell, for instance this guy, you can't teach without a diploma... These will be some big questions.

P – You know, I also wonder what would happen...

E1 – And like in Brazil...

P – I mean... Would this guy just say OK, you can tell me I can't, but I will continue.

E1 – Yes, exactly.

E2 – But to give the teaching just to the diploma holder is like to preserve the core topics of the PDC.

P – I understand.

E2 – So, it is... It's a balance...

E3 – Yes, it is tricky. For example, the first PDC I did as a student, it was at a farm, in southern France with an English couple, and they didn't have a diploma (...)

P – OK.

E3 – (...) and the PDC was quite good because the following year I did my second PDC with Rosemary and Alfred, and the subjects were very similar, taught in a different way, but the subjects were similar. So, I talked to this first teacher of mine, and he said "I know I don't have a diploma, but I have experience, I have my farm, I've been working here for many years and I think I am a good teacher", which he was. Despite the fact he used too many PowerPoints, but he was good at giving information and sharing. So, it's a tricky subject.

E2 – Maybe they have very clear what was a PDC flow and structure. Because if people have very clear this structure and flow, maybe it's near the PDC program, no?

E3 – Or, maybe, I don't know, just the fact...

E2 – Diploma or not diploma, the problem is that you have to teach a PDC, 72-hour model, no? So...



E1 – But, for instance, I met one of [name]’s PDC student who told me it was 10 days in the Canary Islands, people just showed up when they wanted to, super... Blah! But he has a diploma. He has a diploma!

E2 – Portugal.

E1 – From, actually, Permaculture Association UK.

E2 – Yes, from the Permaculture Association UK in Portugal. The delegation of the (...)

E1 – Ah...

E2 – (...) Do you remember? And not... So, he took his diploma in Portugal with the commission, Britain commission that came to Portugal during the IPT.

E1 – OK.

P – Great. I would say we could keep talking for hours. There are a lot of other things I’d like to ask you, but we’re very close to going back to class. We can continue later if you wish, it would be a pleasure to me too. Hm... Just to close the interview, I just would like you to share very quickly what’s your background on education. Why are you here? Why are you giving a PTM course? Focusing especially on these educational questions, if you could.

E2 – So, my story, my story. OK.

P – Mostly on education stuff.

E2 – I am [Short dialog in Italian between E2 and E3] ... I graduated in Physics, theoretical Physics, and I have a PhD and I took my habilitation in teaching coming to the academic world in Italy to teach Physics and Mathematics. So, I taught sometimes because I did a lot of research job, but sometimes we had some luck of money from scholarships, grants there, so it was very easy to go to teach in the school, secondary school. So, I did a little bit of practicing in teaching there, and then when I began to study permaculture, I didn’t think about teaching, but it was the PDC with Rosemary that changed my ideas and I understand the importance to try to spread the correct information about permaculture.

P – Thanks.

E2 – So then I began to teach.

P – Thanks, E2. E3?

E3 – Hm... I have a Masters in language and literature. I became a teacher of Italian as a second language in Canada and other places, in Australia actually I started. And then I started teaching other languages as well, English, Spanish, whatever, and when I first came in contact with Permaculture, I really liked the ideas and stuff and I did my PDC with the idea of teaching because I realized that I’d liked that. And I was lucky enough to be doing it informally from very early after the PDC, and then to do a teachers’ training with Rosemary and Alfred in 2013 and organized our first, my first PDC the following year, in Barcelona, and I’ve been teaching permaculture ever since, together with languages.

P – Good, thanks a lot.

E1 – Well, I was studying at university, studying Classics, and I dropped out to join the Sea Shepperd’s Society, an eco-activist group, and later I got a post-graduate diploma in sustainable architecture and renewable energy and I’m entering permaculture education because I feel somewhat... I’m inspired by the story of, for instance, Paulo Freire, from Brazil, and I think that Rosemary’s way of teaching has been influenced a lot by Paulo and also his pedagogy and I share really similar beliefs and I think in this somewhat similar way permaculture can have an impact on society here in Europe through this participatory educational methodology.

P – All right. Well, as I said so... I’m sorry we have to finish, I would like more, so I hope we can talk more later, and then, thanks a lot. I’m just going to stop recording, OK?

E2 – OK!

P – OK, this is Andre, May 12th, 2017, we are in Stremiz, just to remember.

## Entrevista 2

**Entrevistados/as: E4 e E5**

**Pesquisador: André Santachiara Fossaluzza (Brasil – P)**

**Data da entrevista: 25 de maio de 2017**

**Língua original: português**

P – Então, só para registrar, hoje é dia 26 de maio, estou falando com a E4 e com E5 sobre a pesquisa e para explicar a vocês, a ideia é que seja uma entrevista bem aberta, ela não tem nenhum roteiro, né. Só como eu expliquei pra vocês antes, a ideia da conversa é sobre os cursos de formação de professores de PDC.

E5 – Certo.

P – Então, eu fiz um levantamento a nível mundial, né, e já encontrei, por enquanto, mais ou menos 20 pessoas que estão oferecendo cursos assim, e aí no Brasil, além de vocês dois, agora a Marsha também ofereceu.

E5 – É, a Marsha começou este ano, né? Que bom!

P – Pois é! Então, eu gostaria mais de ouvir de vocês, né, como é que surgiu essa ideia do curso de formação de instrutores que acontece em [removido] já há algum tempo, contar um pouquinho dessa história e depois falar um pouco sobre a motivação que levou vocês a organizar esse curso, como ele vem acontecendo... É um papo bem aberto mesmo, tá? Então...

E5 – Acho que é assim, André, esse curso, como ele está formado hoje, ele vem de uma história que tem, pelo menos, 15 anos, 2002, é? Por aí, 2000, 2002. No começo, que foi inclusive o que originou a Permeiar, foi uma preocupação com a parte pedagógica de quem estava dando o PDC. Aí então eu comecei a fazer umas formações pedagógicas, que era um curso que era dado só por mim, eu acho que isso começou em 98 acho que começou... Não, 2000, 2001 e 2002, que foram cursos que tinham como enfoque a questão, só a parte pedagógica. O que que era fazer o manejo de grupo, o que que era trabalhar com as emoções das pessoas, como era planejar uma aula, isso tudo foi... E isso foi interessante porque esses encontros, que eram sempre, quase sempre com as mesmas pessoas, esse núcleo básico, era o núcleo que formou a Permeiar, que ficou na Permeiar. Então era o Sérgio Pamplona, a Nina, naquela época, o Jonas, o Lucas Brant e o Filhão, o Tomaz Lotufo... E aí a Rosimere, de Minas, toda essa turma, que a gente fazia essas formações pedagógicas, essa discussão, aí a coisa foi se aprofundando. Isso foi um caminho, que foi o embrião do curso como ele é hoje. Depois, começou a aparecer a preocupação pela seriedade dos PDCs. Tinha moçada que terminava o PDC e saía super entusiasmada, com uma intenção muito legítima e ingênua. Era uma intenção legítima de divulgar a Permacultura, mas absolutamente ingênua de sair dando PDC e começaram as mutilações do PDC. Tipo assim, “Ah, não, não tem sentido ensinar desenvolvimento de, por exemplo, design para catástrofes no Brasil porque nós não temos catástrofe no Brasil”. Como assim não tem catástrofe no Brasil? E ensinar Permacultura no árido porque não tem árido no Brasil, só tem semiárido, e olhe lá. Então, a gente falou, peralá, o curso PDC tem que ter 3 pontos, é o que eu falei contigo: a carga horária proposta pelo Bill Mollison, o currículo segundo o Syllabus e a elaboração do design no fim. Você pode dar curso do que você quiser, mas só vai chamar de PDC se você cumprir as 72 horas do curso, mínimo, 72 horas de curso, o currículo proposto no Syllabus e a elaboração de um design no final, com exercício de design. E aí, a gente foi juntando as duas coisas. Então, os primeiros cursos de formação, que você fez, ou falar da segunda leva dos cursos de formação, foi um daqueles que você fez, foi um dos que começou, e a gente trouxe o material elaborado por aquelas ações pedagógicas de 2001, 2002, 2003, a gente ressignificou naquele encontro de 2013, que foi quando você fez o curso, que foi trazer o que aqueles permacultores tinham discutido, foi rediscutido o curso. De lá pra cá, esse curso se estruturou.

Então, o curso que a gente vem trabalhando, ele vem passando por processos, vem passando por dinâmicas. Começou com a preocupação pedagógica, depois com a seriedade do conteúdo que está dando, e hoje a gente pode dizer que esse curso junta as duas coisas, inclusive uma parte que a gente chama... Quase que foi de administração de um PDC. No último curso a gente conseguiu por uma hora numa manhã da discussão de como organizar, de como esse curso ser viável financeiramente, o que que ele é, quanto que é eticamente viável cobrar por um PDC, como se organiza a parte de alimentação, inscrição, toda essa parte. Então, esse curso, hoje, está muito moldadinho, está bem... Acho que estamos bem satisfeitos, mas acho que a gente continua com uma restrição: a gente não dá esse curso todo ano, não é um curso para ser dado a granel. E só vem... A gente não

publica esse curso na internet, só vem permacultor indicado. Você veio indicado quando você veio, você não foi nosso aluno em PDC, você veio indicado por um permacultor que se responsabiliza. No ano que você fez, veio a Andrea, o Filipe lá da Bahia, e a Isabela, indicadas pelas Marsha Hanzi. Ou seja, só vem pra esse curso gente indicada ou que já tem uma vivência em permacultura para não sair aquele curso de gente sem experiência, entendeu? Então a ideia é essa. E, você pode falar da linhagem... Ele está passando a bola pra você.

P – Está passando a bola pra mim? Está bom! Legal, legal! Na verdade, eu fiz o curso em 2011...

E5 – Não foi 2013?

P – Não, foi 2011.

E5 – Ah dá na mesma!

P – Então, só pra confirmar, esse curso acontece a cada dois anos, em 2011, 2013...

E4 – Não é a cada dois anos. Na verdade, nós vamos esperando demandas, com essas demandas, quando se junta um grupo, se dá. Mais ou menos a cada dois anos. No meio, aí, passamos quase três anos sem dar o curso. Fizemos no atrasado e, talvez, tem um grupo para esse próximo verão, vamos ver se estão.

E5 – É, nós demos ano passado. Ano passado, 2016, nós fizemos. Tem um público agora aí, indo pra 2017, pra 2018, está se configurando. Vamos ver.

P – Certo. Legal, então hoje vocês poderiam dizer que o curso ele aborda uma parte pedagógica, uma questão dos conteúdos próprios do PDC e agora uma parte nova de administração também, é isso?

E5 – Mas essa de administração é mínima, André.

P – Tá, tudo bem.

E5 – Mas, conforma. A parte pedagógica trabalha com manejo de grupo, leitura de grupo, planejamento de aula, organização de tempos, toda essa parte pedagógica. O administrativo é mais ou menos uma, são duas aulas de uma hora, duas horas de discussão, tem uma parte on-line, a gente trabalha no curso agora, que dá 10 horas que a gente trabalha on-line antes do curso, e as aulas têm sido divididas assim, a proposta das aulas é uma coisa que é assim: bom, este conteúdo, eu dou este conteúdo assim, blablabla, passa super rápido esse conteúdo. E aí fala, “tu dá esse conteúdo assim por quê?”, os conceitos fundamentais desse bloco são esse, esse e esse, e aí vem uma parte de dúvidas. É mais ou menos assim que está funcionando.

P – Certo, legal! Com relação, mais especificamente à parte pedagógica, [removido], quais são as bases que vocês têm utilizado em educação? Onde que vocês se baseiam?

E5 – De bibliografia a gente trabalha muito com Paulo Freire, Perrenoud, que trabalha com a base da aprendizagem por competências, isso a gente tem trabalhado bastante, e também temos trabalhando bastante com um enfoque dado pelo Fernando Hernandez, com a coisa do trabalho por projetos, ou seja, você trabalhar em cima de uma forma mais construtivista, mas aí você poderia ir para Piaget, parara, parara, parara, até lá atrás. Basicamente são esses os que a gente trabalha. Claro que aí eu vou pegar, nessa coisa construtivista, a gente vai pegar textos mais digeríveis para quem não é da área de educação. Por exemplo, a gente pega fragmentos do Rubem Alves, pega fragmentos do Paulo Freire, pra você ir dando esse show antes.

P – Certo, legal! Muito bom. É, eu acabei de participar de um curso aqui que tem como base um material da Rosemary Morrow.

E5 – Eu olhei, o Sérgio compartilhou outro dia.

P – Isso. Gostaria de saber se vocês têm algum tipo de contato, algum tipo de conexão com outros cursos de formação de professores de permacultura que são dados por aí.

E5 – Não, infelizmente, não. Aqui no Brasil, como a Marsha começou a dar, a gente começou um diálogo, mas está ainda muito no princípio. Passei pra ela o Syllabus em português porque ela não tinha para entregar. Aí, encaminhei pra ela, mas ainda não tem esse diálogo. O que eu vi do material da Rosemary é que ela trabalha muito o, pelo menos é o que está no livro, não sei como é o curso... A Austrália toda está num movimento de trabalhar todos os currículos, já faz alguns anos, através dessa base de competências. Então, você vai ser capaz de fazer tal e tal coisa, você vai ser capaz de fazer tal e tal coisa. E aí, no material que eu vi escrito, André, não é no curso, é só no material que eu li, fica aquela coisa um pouco “americanística” demais. E você está aí na Europa, que é um pouco diferente. A sensação que me deu o material, embora tenha coisas muito legais, de vivência, está muito pouco amarrado frente aos conteúdos do PDC e um pouco meio, me lembra um movimento de educação, você está na área de educação, você já estudou sobre o movimento Nova Escola, Paulo Freire, lá na

época de 80... Ficou uma coisa um pouquinho solta demais pelo material que eu li, que foi o livro que o Sérgio compartilhou.

P – Certo. E como vocês veem que essa amarra pode ser mais bem-feita? Qual é a abordagem?

E5 – Na verdade, você não pode falar para uma pessoa – não estou pegando o material da Rosemary, estou pegando o movimento de Escola Nova no Brasil – você não pode pedir para alguém “Faça uma pergunta sobre o que você não sabe”. Ninguém faz pergunta sobre o que não sabe. Você faz pergunta sobre algo que você já está tendendo a pensar sobre ele, certo?

P – Certo.

E5 – Não sei se ficou claro.

P – Sim, sim.

E5 – Isso era o movimento Escola Nova, você ficava esperando surgir no grupo uma demanda. Não é assim. Que é que a gente pega, que aí é a Pedagogia de Projetos do Fernando Hernandez, que é muito interessante, que é você propor para um grupo uma pergunta que leva o grupo e discutir e perguntar sobre aquilo que está fazendo. Então, por exemplo, os nossos PDCs, depois daquele curso que você fez, eles mudaram completamente. Se antes, pelo Syllabus, Construção vai lá pro fim, e Estruturas Invisíveis também vai lá pro fim, hoje em dia nosso PDC começa com uma pergunta que vai dirigir as pessoas a refletirem sobre tudo que aparece no PDC. E a pergunta é muito simples: o que o ser humano precisa para viver e ser feliz? Ponto. Ou seja, você propõe que a pessoa comece a olhar, e aí ele faz uma lista de coisas e você começa a priorizar. Bom, vamos priorizar o que é bem concreto: casa e comida. Então você começa a trabalhar construção, o que é isso, depois vem Leitura de Paisagem, onde vou por essa casa, onde é que vou comer, ou seja, você começa a trabalhar, e foi o que eu senti um pouco de falta no material dela, que é que os conteúdos apareçam nessa reflexão das pessoas. Ela trabalha, do material que eu li, André, pelo amor de Deus, ela trabalha muito em cima das sensações e da chuva de ideias, mas abastece com pouca devolução, que é o que o professor precisa dar, né? A devolução de conteúdo, amarrar esse conteúdo. “Olha, você vai fazer assim, por que vai fazer assim, por causa disso, disso, disso”. O conteúdo do PDC tem que ser amarrado, significado em cima do que as pessoas pensaram. Não sei se ficou claro.

P – Sim, ficou bastante claro. [removido], também, se quiser completar...

E5 – [removido] vai falar. Vou ali ver o fogo que está esquentando a água do banho e já te falo.

E4 – A parte pedagógica eu deixo ela falar mais porque é área específica dela, histórica dela, mas é isso. Eu também tive essa mesma sensação. Eu li esse material, passei rápido por cima. Eu já tinha lido outros livros da Morrow e, sim, o que vemos, em geral, nos países do Norte, no caso a Austrália não é um país do Norte, mas não interessa, tem a mesma formação, eles dão valor ao que, às vezes, chamamos, meio que brincando, de um marketing de alta qualidade. Eles vendem imagens de coisas que funcionam muito bem. O próprio Bill, quando dava seu curso, na forma da fala dele, e a forma de fala de um norte-americano também, eles fazem qualquer coisa, qualquer coisa, qualquer pequeno detalhe, faz com que aconteça, e faz um Auê tremendo. E fazem de tal forma bem-feita que você se convence que isso é genial. E resulta ser que não nos valorizamos como eles, fazemos um monte de coisas interessantes e bem-feitas, mas não fazemos esse outro trabalho. Então, a sensação que temos, um pouco que [removido] colocou com termos mais específicos, essa coisa de falta de amarração, de falta de coerência, se quiser, entre as diversas coisas que vão se expondo, que todas tenham nenhum fim, e o fim não entra. Você pode, vai ser capacitado para fazer tal atividade, *sino* que você tem que ser permacultor, quer dizer que você tem que ter uma pessoa que pense, que vive a permacultura. Então, o professor, para nós, em qualquer atividade, não só em permacultura, tem que ser uma pessoa que convença os outros que vale a pena pensar assim, que vale a pena viver isso. E não um conjunto de regras, um conjunto de técnicas, uma forma de ver, de vivenciar e de viver.

Então, nos interessa muito mais pensar, no caso, um curso de formação de professores, que as pessoas saiam motivadas, que saiam com força, que saiam, como se diz agora, empoderadas, todos os adjetivos que queremos colocar, para dizer “Vamos construir uma sociedade que consiga se instalar, se manter nesse planeta, apesar de todas essas bobagens que estão acontecendo”. Fundamentalmente, a brincadeira da energia, a regulação de petróleo, tudo que significa poderes que não nos permitem ser autênticos e independentes. É uma atitude libertária frente à educação, uma atitude libertária frente à vida do dia-a-dia. Então, a permacultura como conteúdo é libertário. A pedagogia que vai por trás, na verdade é isso, utilizada no curso, deve ser libertária também. Então, tem que permitir que a pessoa se aproprie do que você está falando, o internalize, o converta em “isso sou eu e agora vou falar do que eu sou ou do que eu proponho que sejamos”. Não sei se eu fui claro.

P – Foi muito claro sim, [removido], muito claro.

E4 – Eu tenho por essa. O curso podemos mudar, podemos ir evoluindo no tempo, mas a intenção de fundo é sempre essa, passar essa vontade de que vale a pena trabalhar esse tema, ser a mudança do mundo. Isso é bem Gandhiano, né, de Gandhi. Conhecer você a mudança que você está falando. Então, nós estamos aqui e, cada um de nós, no seu manejo, seremos uma massa crítica de mudança, não uma coisa que se vê nesses outros livros, parece que você tem que mobilizar a massa para que a mudança aconteça. E você não tem que mobilizar ninguém! Você tem que, por tua mobilidade, por seu brilho no olho, os outros vão se convencendo juntos.

P – Perfeito, muito bom. Inclusive, gostaria, depois de ouvir sua fala, eu me recordei desse recente Manifesto que foi publicado, dos Aprendizes de Permacultura. É... Como que vocês receberam esse documento? Como que... Qual foi o sentimento que ele trouxe pra vocês, que vocês sentiram?

E4 – Olha, a primeira sensação que eu tive, eu vi isso, comecei a ler, até criei um preconceito com o título, sei lá. Achei muito oportuno, achei muito legal, e li ele duas ou três vezes, e todas as razões que foram aparecendo para ver se tinha alguma divergência, mas justamente bate no eixo da coisa primeira que falou [*removido*], é a preocupação pela qualidade, tocou-se na qualidade da atenção, a qualidade do permacultor fazendo o cuidado com as pessoas, a qualidade do permacultor com o cuidado com o planeta. E acho que as pessoas que escreveram esse manifesto e as experiências que levaram a escrever esse manifesto mostraram justamente nossa preocupação de que, por sorte, não fomos nós que escrevemos isso, foram pessoas que passaram por isso, ou por situações que as levaram a escrever e a demandar permacultura deve ser essa outra coisa, e acho perfeito. Gostei muito, muito dessa iniciativa.

E5 – Nós gostamos muito, nós batemos palminhas, porque muitas vezes nós falávamos coisas semelhantes e sempre éramos chamados como os caras ranzinhas, os radicais, “vocês são muito rigorosos”, e nós dizíamos “escuta, você não pode brincar...”. Eu lembro das brincadeiras com o Tomaz, falando assim “Tomaz, toma cuidado com as dinâmiquinhas”, nunca chegou nem perto do que as pessoas falaram ali no manifesto. Mas, assim ó, para você ver o nível de preocupação, a gente fala assim “Tomaz, cuidado com dinâmicas”. Mesmo as dinâmicas que a gente muitas vezes faz, você pode estar mobilizando as pessoas em coisas que você não tem como segurar! Então, o manifesto fala de experimentar experiências místicas e coisa e tal, é místico, psicológico, o caramba, o curso PDC já dá uma chacoalhada na vida e na cabeça das pessoas; se você, além disso, mistura com espiritualidade, com tratamento como se você fosse terapeuta, nós não somos terapeutas, nós somos instrutores de PDC. A outra coisa, a coisa das instalações, que seja claro. Nós, no nosso primeiro PDC que nós fomos dar em [*removido*], foi muito engraçado, que teve um cara que disse “Ai, eu posso ficar no quarto coletivo ou posso levar minha barraca?”. O que que eu fiz: eu tirei uma foto do quarto e disse “olha, você vai ficar nesse quarto com mais 5 rapazes”. “Ah, não, pra mim está ótimo!”. Então, assim, você esclarecer, desde a parte concreta, onde você vai dormir, onde você vai comer, onde é o banheiro. Até o cuidado de não mexa em área espiritual e psicológica, você não é terapeuta. Essa pessoa não veio aqui para ser “terapeutizada”, nem para entrar em nenhuma igreja. E a outra parte da segurança do conteúdo, que a gente sempre pautou muito e exigiu muito. Então, nós ficamos felizes com o manifesto.

P – Perfeito, perfeito.

E4 – Então, você o que achou?

P – Eu achei muito interessante, na verdade. Assim como vocês, acho que ele veio numa boa hora. Para nosso grupo, na verdade, ele concretizou uma série de questionamentos que a gente já fazia, assim como vocês. Acho que depois que eu participei do curso aí, eu voltei com uma visão bastante diferente da que eu tinha, do que era um PDC, e vinha me questionando. Até um dos motivos que me levou a escolher esse objeto de pesquisa foram essas questões, né. Então, acho que ele veio num momento muito, muito oportuno. E, realmente, eu tô ansioso, na verdade, tô curioso para saber o resultado das entrevistas dos questionários que eu vou fazer, porque no levantamento que eu fiz, eu encontrei mais ou menos 160 pessoas que oferece PDCs no Brasil, até agora...

E5 – Pois é! Isso nos surpreendeu!

P – 160, 170 pessoas... E ainda, né, eu imagino que agora que eu vou disponibilizar esse questionário para o público, ainda vão aparecer outras pessoas que eu não consegui encontrar, então, estou bastante curioso mesmo para saber o que vai aparecer. E também estou em contato com o pessoal que escreveu o Manifesto para perguntar algumas coisas a mais para eles, né, porque apesar de ter achado muito interessante, nos deixou muito preocupados também, que apesar de ser um momento de bastante expansão da permacultura que a gente vê no Brasil, e me parece que no mundo também, é... Ela vem acontecendo de uma forma um pouco perigosa, né. Eu tive contato com um amigo estadunidense, agora há pouco, ano passado, que a gente trabalhou junto, ele inclusive e disse que lá muitas pessoas não têm utilizado mais o termo permacultura pela conotação negativa que ela traz, por

tudo isso aconteceu lá, com coisas bem parecidas que aconteceram, que foram descritas ali no Manifesto.

E5 – Mas isso, André, tem um casal que está vindo aqui pra [removido], ela é francesa e ele é mineiro. Eles moram na França há muitos anos, têm dois filhinhos, e estão voltando pro Brasil ano que vem. Eles tinham descartado a Permacultura porque era uma coisa bicho-grilo demais. Através do blog de [removido], eles falaram “ah, apesar de ser Permacultura, vamos lá conhecer”, e entraram em contato e vieram e coisa se desenvolveu. Então, é um movimento mundial e não é de agora. Há 20 anos atrás, já tinha a turma super bicho-grilo e descaminhando a permacultura. No Instituto de Permacultura da Bahia, quando a Cinara apresentou o projeto de policultura no semiárido, chamaram de “policultura”, não chamaram de “permacultura” porque já tinha um estigma dentro do Ministério do Meio Ambiente.

P – Entendi...

E5 – Então, assim, eu não vou deixar de usar a palavra Permacultura por causa de permacultores que não estão nem aí... Eu vou é exigir de quem fez PDC comigo, e a gente exige assim ó: se responsabilizar de maneira cooperativa. Tem um amigo nosso, um rapaz, um homem de 60 anos, ele fez o PDC com a gente aqui em Santa Catarina, não aqui em [removido], mas em Santa Catarina. E aí ele queria porque queria fazer um PDC no Rio e a gente tinha agendado, só que eu e o [removido], depois do segundo infarto do [removido], nós só damos um PDC por ano aqui em [removido]. Resolvemos que deu e fazemos uma formação de instrutores. E aí tinha um PDC mais ou menos agendado com ele que era pra esse ano, né, que seja, e aí eu disse “nós não vamos” e indiquei os nomes de quem a gente indica, de permacultores que a gente sabe que dão um PDC mais ou menos parecido com o nosso. Ele acabou não conseguindo e foi pegar um cara que não tinha muito a ver, e eu disse “olha, não sei, não conheço, não vou dizer... Os que eu indico, são esses. Esse rapaz que ele disse já tinha feito construção, a gente tinha tido boas informações. Olha, eu até sei que na parte de construção ele é bom e é responsável, mas permacultor eu nem sei se ele é. Não sei com quem ele fez o curso, não sei nada. E aí ficou aquela coisa e eu falei “A única coisa que eu posso te ajudar é pede pra ele o planejamento das aulas e eu olho o que tá faltando”. E aí eu mandei pra ele o Syllabus, uma postagem de [removido] explicando sobre um PDC e tem o índice do Syllabus. E eu falei “olha, está faltando isso, está faltando isso, está faltando aquilo pra ser o PDC”. Aí está a coisa... Então, essa questão dos PDCs com pouco rigor, de tu manchar o nome, de picaretas, gente... Não são todos mal-intencionados – tem alguns que são, tem alguns que são mal-intencionados, mas é uma minoria. Os outros, acho que tem muito de ingenuidade e o agito da galera. Você está ficando mais velho e está conseguindo ver isso com outros olhos. Por isso que parece novidade pra você.

P – Sim, sim...

E5 – Mas isso não é novidade não.

P – Certo. Então tem uma disputa acontecendo há um bom tempo.

E5 – Não sei se é disputa, mas esses descaminhos têm. O Bill Mollison fala disso, em novas origens, ele fala deixe que a pessoa dê um curso de permacultura, se ele não for bom, ele não vai se manter. Infelizmente, alguns usam muito marketing e se mantêm, fazer o quê.

P – Sim, sim... Apareceu uma questão na primeira entrevista que eu fiz, com o pessoal que deu o curso lá na Itália, que é sobre uma diplomação, um diploma oficial em permacultura. E eu só gostaria de perguntar pra vocês se vocês já tiveram algum contato com isso, se vocês consideram isso uma exigência para atuar em permacultura...

E5 – De formação, sim... Ah! Diplomação? Entendi que era de formação, tá.

P – Isso, eles chamam de diplomação, um diploma em permacultura.

E6 – Está muito ligado com o tema que falamos antes, um discurso... O David deu um discurso na Universidade de Queensland, não sei se você sabe, porque ele e o Bill receberam doutorado honoris causa.

P – Sim.

E6 – Da universidade... Foi interessante ler, não sei se você já leu. Mas, não fala especificamente da coisa que estamos falando aqui, mas faz muita referência ao que é Permacultura e ao espírito da Permacultura. Eu gostei muito dessa, desse discurso que ele deu. Foi um discurso de aceitação do Doutorado. Ele conta um pouco da história, ele coloca a permacultura e suas origens em 3 ondas, como ele fala que foram passando pelo mundo, porque agora há outra vez a permacultura está avançando rapidamente. Não sei se você leu, se não, dá uma lida, porque quando eu li, me senti muito cômodo, muito bem. Eu ia falando com o David em 2007, quando ele veio pra cá, e essa escrita dele termina arredondando o que já havia sido falado. E ele mostra, 10 anos depois, que a coisa está sendo clara.

P – Certo.

E5 – Esse texto está compartilhado na minha Linha do Tempo no Facebook, André.

P – Isso. Eu vi, mas ainda não cheguei a ler.

E6 – Vale a pena ler. Tem muito... Reafirma um monte de coisas que podemos todos supor, pelo jeito do David, que dá um certo valor às coisas [...]

P – Claro, claro.

E6 – [...] Alguém que tem a história bem... Viveu a história.

P – Claro, claro.

E6 – O que você perguntou da diplomação, é um tema que há muito tempo se discute, há muito tempo se fala. A origem da diplomação já vem com Bill Mollison, isso não vem do David, obviamente, o David está muito longe da Academia. Ele faz referência a isso no seu discurso, David se afasta da Academia e sempre acaba, de uma forma ou de outra, se aproximando outra vez, com o Doutorado. Mas, tudo bem. O Bill tinha trazido, que eu imagino que tenha a ver com uma Permacultura bem australiana e se coloque aí 20 anos atrás, a de toda a diplomação, que é um reconhecimento que ele fazia pessoalmente, um permacultor que pudesse mostrar pra ele, através de seu trabalho, que ele realmente estava na permacultura. E a gente vinha falando de 2 anos de trabalho, no mínimo, exatamente vem daí. Então, se você é um permacultor que mostra trabalho, que está engajado na permacultura, que está afinado à permacultura, depois de 2 anos de trabalho, que podia ser na execução de um sítio, de passos permaculturais, ou na assessoria, ou dando cursos, ou sendo um publicitário que trabalhava fazendo propaganda pra permacultura, ou era um cineasta. Bom, ele tinha várias categorias que ele dava a diplomação. A diplomação, vista por ele, era um ato individual. Quando o Bill Mollison levanta isso, como eu o vejo: bom, Bill Mollison (David Holmgren, se for o caso, ele nunca falou desse tema) tem todo o direito do mundo a oferecer uma coisa do tipo “eu reconheço o seu trabalho e assim como você fez o PDC que eu criei e você é permacultor, você é reconhecido como diplomado em permacultura”, não só um certificado. Um certificado você sabe que o certificado o único que faz é dizer que você esteve presente em 72 horas no mínimo no curso de permacultura. Não avalia conteúdo, não avalia seu saber. O diplomado não. Mostra 2 anos de trabalho, mostra seu saber, tem alguma pessoa que o orientou, geralmente quem apresenta uma pessoa para diplomação. E aí vai todo o caminho, que tem parte burocrática, de quando se pensa em pagamento, papelada que tem que se juntar, certificações, e, por outro lado, o reconhecimento desse trabalho que fica num novo documento chamado diploma.

A partir disso, no mundo se espalhou um pouco a ideia, – aqui no Brasil se discutiu várias vezes nas duas décadas da Permacultura no Brasil, desde essa segunda onda, com mais expoentes, com mais... espalhada pelo Brasil inteiro – e se valorizou no momento também como uma necessidade para os jovens que querem ser mais reconhecidos. Muito se especulou como que isso seria uma ferramenta para conseguir trabalho, para conseguir categoria, venda, o que for... Depois isso parou, não se deu muito mais bola. Com todos os jovens que me consultavam no momento, bom, eu não vou me preocupar, eu já fiz tudo o que eu podia fazer, inclusive eu sou diplomado, mas não acho, pessoalmente, que vale a pena gastar muito tempo nisso, por mim. Agora, se as pessoas querem, eu estou totalmente disposto e vamos nessa. Nunca se organizou nada para dizer que não era tão importante, que não era tão necessário. Por um lado, é importante e necessário a pessoa gastar um tempo e se organizar para que aconteça. No momento, vejo, eu pessoalmente, o diploma, por dois trilhos bem separados um do outro. Nenhum dos dois é para tirar venda.

Um me mostra o que seria um reconhecimento que não, que pra mim não pode ser individual, tem que ser de um coletivo, ao trabalho de uma pessoa. Então eu acho que seria gratificante, seria gostoso, seria parte de um ritual, se você quiser, como existem rituais de passagem dos 15 anos, 18 anos, dos 21 ou dos 75 em que você, num coletivo que participa, podia um grupo de pessoas dizer “olha aqui, o trabalho seu é muito legal, você não é simplesmente uma pessoa que aparece aqui, que escuta, que olha e que não faz coisa nenhuma”. E esse reconhecimento seria uma diplomação dada por esse coletivo. Então, quando nos Estados Unidos, no Brasil, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na Argentina daqui a pouco vai lançar também, começam pessoas a diplomar! Eu vejo isso como um nicho, como um quiosque, como um pequeno espaço de poder, onde o “dedinho” vai funcionar, obviamente, e os amigos dos amigos terão diploma, querendo ocupar mais espaço de quem não tem.

Para que quer um diploma alguém que não seja simplesmente para ser reconhecido pelo seu grupo? Que quer um diploma porque vamos entrar numa academia, que não é aí a academia grega, vamos entrar na academia competitiva, na coisa mais setorial, quando você fala nas profissões, corporações...

Uma visão corporativa seria um outro trilho. Porque aí a diplomação se parece com uma corporação! Não, para um pouco, não quero saber de nada disso. Porque aparece como um reconhecimento como sabemos como quer chamar diploma, muito bem, vamos diplomar a pessoa que

faz tal trabalho, de todas áreas, não precisa ser um produtor de alface, pode ser um agricultor, pode ser um índio, de qualquer país do mundo, alfabeto ou analfabeto, inclusive discutíamos isso, não tem porquê saber meu código de escrita uma pessoa que mostre a qualidade que ele tem. Se isso está dentro do escopo da permacultura, eu vou ser um diplomado em permacultura. Essa atitude, digamos, na conversa mais gostosa que tivemos aqui no Brasil...

Hoje, você tem aqui no Brasil, que te mencionei, seguramente em outros, pessoas que fazem diplomação. Então, você se inscreve com eles, faz um roteiro de trabalho por 2 anos, paga 2, 3 5, 10 mil dólares por ano e ele te diploma. Eu acho isso uma vergonha, porque eu posso sim certificar individualmente que você estava presente no meu curso, que é uma responsabilidade mínima que eu tenho que dizer que essa pessoa veio e presenciou 72 horas, isso é um certificado de PDC. Agora, diplomar, que eu saiba, no mundo inteiro, até na academia, diploma é de uma academia. Quando o reitor ou o delegado, que seja, assina teu documento, teu diploma de graduado, não é ele que te está graduando, é o corpo de professores que você passou 4, 5, 6 anos que está dizendo que você aprovou, que você está apto para a profissão. É um grupo sempre, nunca é uma coisa individual. Então, achar que na permacultura, eu, individualmente, vou te avaliar, colocar frente ao mundo que você é uma pessoa que vale, é uma arrogância espantosa. Uma ingenuidade de quem é diplomado e uma arrogância de quem está diplomando.

P – Perfeito.

E5 – Agora, André, isso frente à sua pergunta ou nessa discussão que você tá falando. Isso vai garantir a qualidade do curso de quem tá dando? Hm... Ah, não sei! Vamos ver... Quanta gente tem Mestrado, Doutorado, Mestrado em Educação e não sabe montar uma porcaria de uma aula. Quantos... Aquele brilhante professor seu de Matemática na escola – a gente nunca viu um grande professor de Matemática na escola porque 90% deles são os caras que não estão trabalhando como matemáticos, ou seja, os piores alunos da turma. Então, assim, será que isso vai garantir? Pelo menos, garantiria que a pessoa estaria estudando? Pode ser, ou não.

Quando o [removido] fala do “dedismo”, eu indicar com meu dedinho “esse sim, esse não, esse sim, esse não”, uma Academia de Permacultura poderia ser, mas será que é o que a gente quer, uma Academia de Permacultura? A Permacultura eu acho que é mais anárquica, é mais... Então, aí, a gente entra num outro contraponto, e isso é interessante porque todas as discussões que a gente teve sobre esse assunto, com a Permeiar, com os amigos próximos, um grupo grande de amigos, acaba se chegando numa outra palavra que é “Linhagem”, que é quem segue uma linha de trabalho e se responsabiliza de maneira semelhante.

Quando você em diplomação e eu confundi com distorção, é, existe uma distorção nos PDCs, que foi o que eu falei contigo numa das conversas nossas, que é o cara fez o PDC, todo professor tem fragilidades, fragilidades individuais. Então, na hora de dar o PDC, “esse pedaço eu não vou dar”. Então, a terceira linha já vai com a deformação da linha anterior, ou seja, sei lá, ele vai pegar o bloco Ecologia Cultivada, Princípios de Ecologia, o cara não tem muito bem isso, então o PDC que essa terceira pessoa ouviu já vem com uma deficiência na parte de Ecologia. Aí, ele vai dar o PDC que já veio deficiente, então, na história da linhagem, dessa formação pedagógica para dar um PDC, eu acho que esse é um caminho interessante, é um caminho da educação, de eu conseguir ver o que eu não sei, aonde eu preciso me informar, aonde eu preciso ter atenção para conseguir trabalhar esse PDC da maneira completa. E o que a gente fala, quando a gente dá o curso, o Syllabus é distribuído no primeiro dia do curso, e aí a gente fala “amanhã é aula de tal e tal coisa”, então a pessoa tem que ler o que tem no Syllabus antes da aula, e a gente brinca com o pessoal “olha, onde você tem dúvida, no mínimo, segue o Syllabus, você vai estar dando um PDC completo”. O que você sabe a mais, que vai a mais, que bom; o que você tem fragilidades, não deixe de falar. Se for copiar, leia o que está escrito ali, mas fala! E aí, você cria a história da Linhagem. A Linhagem não é que “ah, você deve obrigação a fulano de tal”, não é nada disso. A Linhagem é simplesmente uma linha que pensa e que se esforça para dar o curso contemplando tudo aquilo que tem que ser dado. Mas essa é uma longa discussão.

E4 – Eu costumo falar que a Linhagem, que pode ser entendida e não deve ser entendida, como falou a [removido], quem fez o PDC comigo agora me deve? Eu sou o não-sei-o-quê deles? A Linhagem é, você cria uma Linhagem de responsabilidade. Ou seja, todo aquele que tem um certificado assinado por mim, eu sou responsável por eles, se fala bobagem, se usa bobagem... Então, nós sempre oferecemos depois de um PDC, você pagou um PDC, daqui pra frente, esqueça, a gente não quer mais pagamento de nada, a gente vai tudo por parceria e acompanhamento. Então, qualquer dúvida que você tenha, qualquer necessidade que tenha, por favor, entre em contato, manda e-mail, manda foto, pergunte como fazemos, porque cada bobagem que você faça vai cair direto em cima de mim. Direta ou indiretamente, aceite ou não aceite, essa é a responsabilidade que eu tenho. Isso pra mim é uma Linhagem.



P – Perfeito. Muito bom! É, eu gostaria de tocar, talvez, num último assunto, que vocês já citaram, que é com relação ao panorama da Permacultura em si no Brasil. Vocês citaram a Permeear durante a conversa e eu gostaria de saber como que vocês vêm a permacultura no Brasil hoje. Existe uma, alguma, algum meio de contato, alguma rede estabelecida, que tenha discutido a permacultura no Brasil de uma forma mais ampla? Ou isso tem acontecido mais localmente? Como isso tem acontecido?

E5 – Olha, André, não existe a permacultura, existe os permacultores. E os permacultores vão se identificando e entrando em contato e conversando muito pela afinidade de trabalho. E aí tem algumas coisas que são muito significativas, tem permacultor até morando bastante perto, que por não ter uma afinidade na linha de trabalho, no jeito de pensar, que muitas vezes a gente nem... Assim, ó, nem conhece. Eu tenho alguns aqui no Sul que eu nem conheço. Em contrapartida, muitas vezes, você tem permacultor, gente que vem do Acre pra um curso, outro que vem da Bahia, ou seja, gente que tem um pensamento mais semelhante. A Permeear a gente criou num momento e foi um grupo de amigos que se criou pela desinstitucionalização do Instituto de Permacultura Austro-Brasileiro que era coordenado pelo [removido] e pelo Pedro. Isso se desmontou e virou a Rede Permeear, que virou uma rede de pessoas. Então, a rede de pessoas existe e várias vezes eles se conectam. Vamos pensar como uma rede de neurônios. Você quer fazer uma mega rede que abranja todo mundo, olha, não sei, não existe, não vai muito. Tá sendo interessante ver um movimento, é, que tá sendo muito bonito de ver, eu tô muito feliz, foi o movimento que a Marsha fez. A Marsha teve um tempo que ela fez a coisa da instituição, ela trabalho pro Instituto de Permacultura, montou, brigou, trabalhou; depois, ela foi pra um projeto pessoal dela numa determinada fase da vida, que foi o Marizá, em Tucano, na Bahia; e agora, tá sendo muito interessante, a Marsha saiu um pouco de onde ela estava – porque ela não saía muito de Tucano. Agora, uma das filhas dela tá assumindo um sítio em São Paulo, tá super envolvida com a permacultura, a Marsha saiu de novo. Ela não saiu pra fazer um monte de coisa. Ela saiu porque ela tá formando a herdeira dela, formando outras pessoas e tá trabalhando com outras coisas. Ela não tá preocupada, a Marsha não tá preocupada em ganhar dinheiro.

Um das coisas que a gente questiona bastante dessa diplomação individual que o [removido] fez, é que existe, possivelmente, de repente, você vê se não existe aí onde você tá na Espanha, porque é muito possível que exista, uma série de pessoas, de permacultores, que às vezes passam a vida vivendo de dar curso, e isso tem, assim, um pequeno problema, talvez não tenha oportunidade, não consiga se concentrar, de construir o seu espaço de sustentabilidade. E aí, quando esse cara fica velhinho, do que que ele vai sobreviver? Então, aí, ele junta duas coisas: de ajudar a formar os pares e, ao mesmo tempo, se manter, que é uma coisa que é viável, não vou condenar, embora a gente ache que a diplomação tem que ser de um grupo, mas eu acho que não tem um movimento no Brasil, tem vários; você tem o nosso aqui no Sul, você tem o Sérgio e a Mônica com a turma de Brasília, eles estão fazendo coisas muito legais em Brasília, que tem a ver com como funciona Brasília. Eu acho que a questão que deveria ser a Permacultura e tem se formado a Permacultura no Brasil, são muitas pequenas redes; algumas dessas pequenas redes se conectam, mas não se conectam via instituição, se conectam via pessoas. As pessoas que têm identidade que vão trocando informações, eu acho que é mais ou menos por aí. Eu não acredito em nenhum movimento centralizado, nem de política e nem em Permacultura política, vamos dizer assim.

P – Uhum... Perfeito. [removido]?

E5 – Sim. Você queria algo mais?

P – Não, é que eu pensei que tinha ouvido você falar.

E4 – Ele está brincando com a régua na mão aqui.

P – Perfeito. Ah! Só pra dar um *feedback*, o que tem acontecido aqui na Europa, pelos lados que eu tive, estão se formando academias de permacultura, como já existe na Inglaterra, existe na Itália, acabou de ser criada uma academia na Espanha, e esses grupos têm oferecido diplomação. Então, têm se organizado dessa forma. Não sei como que funciona a questão de custos, como que é processo em detalhes, mas basicamente é esse projeto de 2 anos e a Academia que diploma a pessoa depois, né.

E5 – Você diz... Quem são... Se criou uma academia, quem criou a academia? Quem é essa academia?

P – É um grupo de permacultores e permacultores que vinha atuando, né, se comunicavam e decidiram criar esse tipo de organização. Então, por exemplo, na Espanha, agora, 4 pessoas que trabalhavam com Permacultura tiraram esse diploma, se não me engano, na Inglaterra ou na Itália, e eles eram as 4 pessoas diplomadas na Espanha. E, a partir daí se criou uma academia que agora diploma outras pessoas, que reconhece o trabalho de outras pessoas.

E5 – A figura da Academia é uma figura jurídica?

P – Sim, é uma associação. Na Itália está organizada como uma associação.

E5 – Eles estão fazendo para dar um pouco mais de peso à diplomação que eles propõem?

P – Me parece que sim, me parece sim.

E5 – Eu, à diferença da [removido], sim gosto de julgar, inclusive, às vezes, um pouco antes do tempo. Já que você está pesquisando, pelo menos te coloco uma. Pra mim, isso são pequeníssimos nichos de poder, ou seja, eu sou diplomado, conheço mais 3 diplomados no Brasil, que existem, nós juntamos, criamos uma estrutura que vai diplomar. E diplomar significa ter um passo na frente do PDC, que não só damos PDC, também diplomamos, me permite cobrar x por ano, porque, ainda que não tenha muito gasto, algum gasto deve ter, você deveria receber da pessoa o trabalho que você investiu um tempo. E acho que, só isso é uma brincadeira de poder outra vez.

Agora me falam de academia, e aqui no Brasil já está acontecendo em vários lugares, que na academia, na universidade, começa a ser reconhecida a Permacultura de uma outra forma, e você tem cursos, disciplinas que são Permacultura, você tem graduações, inclusive está se caminhando para graduações em Permacultura, eu fico bastante preocupado também. Por um lado, eu acho legal, porque bom, que seja reconhecida a Permacultura, não deixa de ser um grande passo, pero preocupado porque daqui a pouco só doutores na academia convencional vão poder dar PDC, sei lá. Eles também são corporativos. Então, mesmo que tenha o fator, outra vez a academia acaba sendo pequenas estruturas corporativas para defender seus próprios interesses.

E4 – [Conversa com E5]

P – Entendo.

E5 – Então, me preocupa um pouco essa coisa. Voltamos a quitar, não são uma pessoa, são 4, *pero* quando se propõe reuniões da Permeiar ou qualquer reunião a cada 4 ou 5 anos, quando o pessoal quer se reunir porque há muito tempo não nos vemos, juntar 20 ou 30 pessoas, sempre aparece o tema diplomação, pelo sim e pelo não. Acaba sendo “não” porque ninguém faz nada de concreto para encaminhar, mas a necessidade se discute em algum momento, e se chega sempre à mesma conclusão: ser um diplomado não me dá nada a mais. Só me cria uma série de problemas e, eventualmente, cria essa outra situação ou o primórdio dessa situação, que é muito negativa. Então, como fazer, frente às institucionalizações, uma realidade que não temos de reconhecimento dos demais, numa atitude, reconheço que estamos numa atitude muito anarquista, que não queremos nada com isso, mas a gente tem que manter a posição, porque, senão, rapidinho já teríamos um monte de pequenas estruturas nas regiões do Brasil fazendo exatamente esse caminho. E quando você começa por aí, é o mesmo que 20 anos atrás que discutimos se, para manter e garantir a qualidade do PDC, não precisamos de uma comissão de ética. Você imagina o que teria sido do Brasil se tivéssemos criado essa comissão de ética, de hoje estarmos um grupo de 6, 3, 2 pessoas viajando o Brasil, presenciando cursos e fiscalizando? Isso não se chama comissão de ética, isso se chama...

E4 – Inquisição.

E5 – Inquisição, se chama qualquer outra coisa. Ou seja, você passa a falar que o mais importante é a burocracia, é mais importante passar pela comissão de ética do que dar um bom PDC. Seria uma loucura, uma loucura total. E estou vendo essas pequenas iniciativas, que começaram na Inglaterra, foram aí por Alemanha, passaram por França, Itália... Claro, se você imagina que você volta da Europa, vem com um diploma, se junta com alguns outros diplomados, abre seu próprio quiosque, é um negócio que não tem concorrência, e você diploma 20 pessoas por ano no Brasil tá incluído. Porque imagina, milhares de permacultores que deve ter, começa a fazer um belo marketing dizendo que isso, sei lá o que, não sei que coisa bárbara que isso vai dar, e depois de uns anos você vai ver.

E4 – Olha só, veja bem, 10 pessoas, 4.000 por diploma, cobrando barato, 4.000 dólares por pessoa, olha que legal, 10 pessoas por ano, 40.000 dólares, oba!

André, acho que assim, nosso discurso pode ficar, nossa conversa pode ficar quase que maluca, dar um nó na cabeça de quem ouve, porque de um lado a gente fala de um rigor, o quanto a gente quer ser rigoroso em cima do PDC, quanto a gente quer ser rigoroso nessa... Assim, ó, vai dar PDC que já tem experiência de 2 anos, vai dar o PDC quem já estudou o Syllabus, isso você viu muito nas nossas conversas pelo Face. Nós somos de uma forma intransigentes e exigentes que você não vai dar o PDC, chamar de PDC se você não tem o Syllabus na mão. Ponto. Não vai inventar. Você vai inventar o jeito que você vai dar aula, o conteúdo você não vai mexer. Quer saber como se trabalha o conteúdo significativamente, a gente vai discutir isso pedagogicamente. Então, de um lado, nós temos um rigor. E, de outro, a gente tem uma visão meio anárquica, de anarquismo, que é a autorregulação dos grupos é a melhor coisa que tem. Na hora que você inventou caixinhas, uma academia, por mais que sejam 3, 4, 20, que seja uma academia brasileira de permacultura, quantos teriam que ter pra ser uma academia? 10, 20, 30? E esses 30, quem são esses 30? E quantos já fizeram PDC no Brasil? Outro

dia nós estávamos fazendo uma conta por cima, do [removido] comigo, pegando nosso trabalho, nós estamos chegando perto de 2.000 pessoas. Os PDCs do IPEC são PDCs de 60 pessoas, há quantos anos o IPEC dá PDC?

P – É muita gente, né.

E4 – Então, quem você vai chamar para compor essa academia? Ah, talvez seja uma coisa com pessoas que estão a mais tempo, [removido], Marsha, Skye, Suzana, André Soares, Cláudio Sanchotene... Você consegue juntar uns 20 que são mais velhos. Poderia? Poderia! Será que funciona? Então, deixa a coisa andar nesse sentido... Pra ver, vou dar um exemplo: você não teria começado a dar PDC se tivesse academia de PDC.

P – Perfeito.

E4 – Porque vocês começaram fortalecidos pelo Tomaz, por um grupo que se formou na universidade de Botucatu, você era um moleque quando começou a dar o curso de PDC, você era um menininho.

P – Sim, sim... Eu até...

E4 – Então, se você for por esse critério acadêmico, você tá fora. E quantas pessoas você conseguiu formar no total? Um monte! Então, a gente tem que acreditar nos processos e na coisa meio anárquica, sabe? Mas não sem o conteúdo.

E5 – Anárquica sim, mas anarquismo quer dizer sem estrutura, não quer dizer a coisa “porralouca”. O conteúdo sim, deu, mas você não me deve nada nem, sei lá. Você faz o que der pra fazer, mas bem feito?

P – Não, ficou muito muito claro a posição de vocês, acho que ficou muito bem colocado. É, eu acho que, por enquanto, tá bom. Eu acho que já deu pra gente analisar bastantes questões que eu gostaria de discutir, é... Gostaria só, se vocês pudessem, falar só um pouquinho da história que levou vocês ao PDC e, pessoalmente, a esse curso de formação de professores, qual é a formação de vocês, o caminho que vocês percorreram pra gente encerrar a entrevista.

E4 – Eu sou educadora há... Meu deus do céu! Desde os 21... Há 34 anos. Trabalhei desde educação infantil até educação de jovens e adultos, trabalhei, acho que nos últimos 20 anos, não, menos, 18 anos, trabalhando com formação de professores. Sempre foi um ponto importante na minha perspectiva e atuação profissional. Em 2002 eu fiz o PDC com esse senhor aqui do meu lado e aí... Mesmo antes de eu fazer o PDC eu fazia assessoria para o [removido], como ela daria o curso de Permacultura. Que conteúdos que ele conseguiria dar de uma maneira mais construtivista. Isso foi uma coisa muito divertida, que eu ainda não tinha feito o curso e eu assessorava como que ele ia dar determinadas aulas. E, depois que eu fiz o PDC e comecei a me ver como permacultora, cada vez mais me preocupou essa coisa de fazer a formação pedagógica para o curso de permacultura. Então, foi isso, juntando essa história de vida como educadora e na parte de formação como permacultor, saiu muito essa ideia do curso de Permacultura, de formação de instrutores de permacultura.

P – Perfeito. Obrigado, [removido]! [removido]?

E5 – Qual é a pergunta?

E4 – Sua biografia...

P – É um pouco o caminho, sua formação que levou você a querer dar esse curso de formação de professores de PDC.

E5 – Bom, primeiro foi chegar a ser permacultor. Então, eu cheguei aqui no Brasil no 95, e minha prática era como ecólogo no campo, trabalhando com agricultores familiares, e depois eu me dei conta, já falando um pouco da história numa perspectiva mais atual, eu era um tremendo “eco-chato”. Aquela coisa de dizer o que você não pode fazer, e não dizer como se pode fazer. A partir do curso de Permacultura, de formação, eu me senti que calçava as luvas. No 97, quando eu conheci a Permacultura, havia a proposta de realizar um monte de sonhos que tínhamos fazia décadas no mundo inteiro, que era fazer exatamente isso: a proposta de quer trazer de volta pro campo, quer trazer de volta a agricultura, que é a eficiência sustentável, em todas as regiões, em todas as condições, uma coincidência total com a permacultura, que seria a agricultura permanente.

Obviamente, depois que você vai um PDC você se dá conta que não é só agricultura, precisamos de uma permanência do homem no planeta Terra. Então é uma cultura permanente frente a uma situação de crise cultural como estamos atualmente, ou seja, nossa crise não é econômica, não é política, não é ambiental, é civilizatória. Com o Ocidente contagiando violentamente o Oriente para que não possamos mais estar no planeta. Então, a partir dessa visão a Permacultura passa a ser não somente um arcabouço de conhecimentos, de princípios e aplicações técnicas para resolver o seu problema individual, *sino* que passa a ser uma baita estratégia revolucionária de fazer a re-evolução da nossa cultura. Nesse sentido, então, não revolucionar os antigos, *sino* re-evolucionar a forma

anterior. Então, o PDC e a formação de professores é a atitude mais revolucionária que eu posso ter hoje, à diferença da forma da década de 60 e 70 que se achava que com um fuzil poderia resolver o problema... Os dois lados erraram feio na metodologia. O trabalho é estar individualmente convencido do que está fazendo, recriar e criar condições de permanência no planeta. Por isso que, pra mim, um PDC e com formação de professores, nesse momento, é a tarefa principal.

E4 – E parte disso é que a gente, na cama do hospital, decidiu, chega, nós vamos dar um PDC por ano e pensamos... Ah, mas é tão gostosinho dar pro pessoal novo... A nossa missão, não sei se é a palavra, missão... Então, vamos fazer assim: a gente continua com a formação de instrutores, dando força pra essa moçada seguir em frente, e fazemos um curso uma vez por ano assim, só de sobremesa, porque é gostosinho, e assim tem sido desde 95, e está sendo interessante, tá sendo gostosinho.

P – Perfeito! Olha, muito obrigado, *[removido]*, muito obrigado, *[removido]*. Eu vou encerrar a gravação aqui, tá? Mas não vou desligar ainda. Muito obrigado! Só pra registrar novamente, agora aqui na Espanha, já é 27 de maio, e tô terminando a entrevista com *[removido]*.

---

## Entrevista 3

**Entrevistada: E6**

**Pesquisador: André Santachiara Fossaluzza (Brasil – P)**

**Data da entrevista: 13 de junho de 2017**

**Língua original: português**

P – A ideia da conversa, [removido], é entender um pouco a proposta do curso de formação de professores/as de PDC que você está propondo. Gostaria de saber os porquês que te levaram a oferecer esse curso: qual sua motivação, de onde veio a ideia?

E6 – OK!!! Vai ser longo, mas acho que vai gostar...

P – Sem problemas.

E6 - A Permacultura é um sistema de planejamento dentro do "novo paradigma": sistêmico, dinâmico, complexo, baseado na cooperação, ajustes constantes num sistema em constante evolução. É seu grande valor, acho eu, ao contrário da agricultura orgânica por exemplo, que pode ser bastante "velho paradigma": linear simplista, baseado no controle. O que percebo, depois de ter participado em seis PDCs oferecidos por outros professores (inclusive Bill Mollison!) que o curso está sendo ensinado de uma forma "velho paradigma": uma sala de aula, com professor lá na frente falando, e os alunos tomando nota. Dizer: linear, simplista, estático, e baseado no controle (do professor.) Os conhecimentos dos participantes dificilmente encontram espaço para serem compartilhados. Foi por este motivo que decidi dar este curso, já que, ao longo dos anos, temos desenvolvido um PDC muito mais dinâmico e participativo.

Assim, vamos fazer o seguinte no curso: 1. Aprofundar a questão do "velho paradigma" e do "novo paradigma" e como isto se refere à Permacultura e como seria um curso de Permacultura no estilo do novo paradigma. 2. Vou montar várias vivências com eles para mostrar como isto se pode desenvolver dentro de um PDC, de aulas minhas particularmente bem-sucedidas. 3. Os participantes vão ter amplo espaço para trocar suas experiências. Cada vai oferecer uma aula de 15 minutos. Além de circular as informações, é minha intenção mostrar que cada pessoa pode desenvolver seu estilo próprio de dar o curso- algo que falta muito no ensino de Permacultura! 4. Ao mesmo tempo vão participar no dia-a-dia de uma "permaculture farm" em plena atividade, na época de plantio. (2 horas por dia). OOF! É isso- espero que aguento o pique!

P – Ótimo!

E6 – Acho que vai ser um curso ótimo!

P – Imagino! Gostaria de estar mais por perto para poder participar. Muito interessante!

E6 – Fiz o curso para professores de Lea Harrison, no Havaí, em 1993, e muitos dos elementos peguei dela mesmo, porque achei o curso excelente! Ela aprofundou assuntos como: do que você tem medo? Ou: e se você fica doente, como fazer? Ou e se você se apaixonar por alguém no curso e fica de coração partido! Tudo isso rola nos cursos!

P - Questões de relacionamento entre as pessoas.

E6 – Sim! Outra coisa boa nos nossos cursos é o ritmo: Começamos as 7:15 com uma roda de silêncio ou de inspiração, abraços gerais, e depois cada conta como está. Porque um curso destes provoca crises! Assim se alguém entra em crise, estamos sabendo, e deixamos aquela pessoa em paz! Também, qualquer pedido ao grupo: silêncio a noite, cabelos no ralo do chuveiro etc. De fato, são raros, mas é uma forma de evitar conflitos maiores.

P – Sim. Isso tanto no curso de formação quanto no PDC?

E6 – Nunca tivemos conflitos. Acho que com esta roda, e somente duas semanas, não dá tempo para conflitos mais profundos. Temos até recebido pessoas bem complicadas, e os grupos têm conseguido lidar com elas de uma forma pacífica... Eu faço questão que o curso seja de duas semanas, porque precisa de tempo para experiências práticas. Não tem sentido um curso na sala de aula- já têm tantos livros e vídeos para isso!

P – Certo.

E6 – O que conta mesmo é a EXPERIÊNCIA. Por isso, nos meus cursos os participantes fazem 5-7 desenhos. É só assim que você aprende pensar de uma forma sistêmica! TODOS os cursos que conheci- mesmo de Bill Mollison \_ se resumem a um único desenho no final do curso, que acho muito pouco. As pessoas saem dos meus cursos com bastante confiança porque já desenharam um quintal,

um sistema para animais, um sítio de um hectare etc. além do desenho final... Acho que é isto a contribuição maior da permacultura: o pensamento sistêmico, sabendo fazer as conexões, ler as complexidades da paisagem. Isto leva tempo, e precisa ser treinado! OOPS- me desviei...

P – [Risos]

E6 – Sim, vou fazer este ritmo com os professores para sentirem como é benéfico! A gente alterna ativo- sentado, mental-criativo, receber-dar (tipo receber um vídeo ou dar uma aula). Com este ritmo eles não cansam, e ficam tão "frescos" e animados até o último dia. EU que fico um caco!

P – Eu imagino bem! O trabalho de facilitação de um espaço assim é muito cansativo.

E6 – E ainda estamos tocando uma "fazenda permacultural" em plena atividade, além do curso! Mas tenho um "Dream Team"...

P – Com uma equipe boa, conseguimos trabalhar bem.

E6 – Somos em 5- todos competentes na sua área: campo, construção, arquitetura, animais, culinária. Estamos juntos há mais de 7 anos...

P – No curso de formação todos participarão?

E6 – Nem tanto quanto na PDC, mas todos estão presentes. O curso de professores não tem tanta folga de tempo... Mas certamente nestas duas horas por dia, um deles vai estar na ativa!

P – Certo.

E6 – Como já tenho 72 anos, estou passando cada vez mais autonomia à equipe! Não aguento o pique de antigamente!

P – Totalmente compreensível! Queria eu ter o mesmo pique que você, [removido], [removido], [removido]...

E6 – É de fato uma preocupação mesmo - estou mais "de plantão" neste curso do que no PDC...

P – Certo. [removido], mais especificamente com relação à área de educação: quais as referências que você tem usado e que vai usar nesse curso?

E6 - Estas mesmas! 1. Os participantes são inteligentes e têm vivências a contribuir. 2. Aprender sentado não é a forma mais eficaz. 3. Somos seres orgânicos com um ritmo orgânico. Não funcionamos bem em tempo linear (fazendo a mesma coisa o dia todo). 4. O professor é mais um facilitador do que o dono da sabedoria. 5. Para um assunto ser eficaz, precisa exemplos concretos do mundo real. Se você está perguntando de alguma linha educacional, cheguei a tudo isso ao longo de muitos anos de refletir sobre a educação, especialmente como mãe... Tive experiência com a Educação Waldorf - que acho linda e fascista ao mesmo tempo, por ter uma ideia pré-estabelecida do "homem perfeito". Gosto muito da educação Sudbury que reza que a criança é inteligente e sabe bem o que importa fazer e estudar. Minha filha estudou na escola Brockwood, de Krishnamurti, que também da liberdade de escolha de currículo ao aluno, mas com um pano de fundo espiritual (algo que Sudbury não tem). Eu estudei em várias universidades em vários países (Florida, Suíça, Inglaterra) ... É um longo processo da vida toda.

P – Sim, sim

E6 – Lembro me perguntando, ainda universitária, se a escola precisava mesmo ter paredes... Se quiser estudar o Sertão, que fosse para o Sertão, por exemplo. Consegui responder à pergunta?

P – Sim, sim, completamente. Você foi à escola nos EUA?

E6 – Sim, até completar pós-graduação em Arqueologia e antropologia. Fui para Guatemala para fazer a monografia, enquanto trabalhava num projeto de nutrição, conheci meu marido suíço - e nunca mais voltei para os EUA.

P – Certo. Você conheceu diferentes contextos mesmo. Muito bom! Você chegou a ter contato com outras pessoas que oferecem esse tipo de curso no Brasil e em outros países, [removido]?

E6 – Não. Suzana e Jorge Timmermann me mandaram o currículo do Bill Mollison (que já tenho por que fiz o curso dele!), como se o curso para professores é somente para ensinar como aplicar o currículo. Como você vê, é muito mais profundo do que isso, algo que minha professora (Lea Harrison) apresentava muito bem!

P – Sim. Por sinal, ela continua a oferecer esses cursos?

E6 – Perdi ela de visto - andei procurando ela ultimamente. Mora na Austrália...

P – Ótimo.

E6 – Mas ela está invisível... Minha filha Karin vai dar uns cursos na Austrália em novembro, e espero que consiga encontrar ela!

P – Certo! Há pouco mais de um mês estive num curso na Itália que tinha como base a proposta da Rosemary Morrow.

E6 – Amo ela e o estilo dela!!! Adoraria fazer um curso com ela... A gente se conheceu na Inglaterra...

P – A abordagem que vocês duas dão parece ser bastante semelhante.

E6 – Acho que sim! Mesmo estilo.

P – Sim, o curso é ótimo. Ela não pode dar o curso na Itália, também está diminuindo um pouco o ritmo.

E6 – Última notícia que tive era que estava indo para um acampamento de refugiados para "permaculturar" o acampamento deles...

P – Sim! No Iraque.

E6 – Junto com uma amiga com dons organizacionais...

P – Mas já voltou à Austrália.

E6 – Iraque! Wow... Ah... Quando eu a vi, estava indo para a Grécia, onde, com o colapso econômico, está tendo muitos movimentos de comunidades...

P – Sim, muitos movimentos acontecendo por lá!

E6 – Você mora na Espanha agora?

P – Fico aqui até o fim de agosto, pelo menos. Vim para um período de intercâmbio do doutorado. Até agosto do ano que vem tenho que voltar ao Brasil para terminar o doutorado. Até lá, está um pouco incerto onde vou estar. Estou na dúvida se estico mais um tempo para tentar ir à Índia, ao IPC.

E6 – Vai ser bem interessante! Não tenho coragem - acho a Índia um país duro para viajar, mas vou certamente ir para a Argentina...

P – Argentina será a próxima, né?

E6 – Mas minha experiência na Inglaterra foi maravilhosa! Mesmo com uma gripe tão forte que passei metade do tempo de cama...

P – Dureza.

E6 – Sim. Argentina. Foi lá que conheci Rosemary Morrow.

P – Certo! Ótimo, [removido].

E6 – Bom - acho que falei tudo. Mas, qualquer coisa...

P – Bem... Com relação ao curso, era mais ou menos isso que tinha para conversar.

E6 – Estou aqui todos os dias...

P – [removido], muito muito obrigado pela ótima conversa! Espero que possamos nos encontrar presencialmente algum dia! Há tempos que gostaria de conversar com você e conhecer o trabalho na Bahia Um grande amigo meu, Surian, estará no curso com vocês em julho. Mando um abraço daqui através dele!

E6 – Sim! Um último detalhe interessante: O curso teve tanta procura que precisei fechar as vagas em abril! Teve gente implorando para fazer... Parece que tem uma procura grande! Acho que isto é um dado importante...

P – Sim, parece um movimento a nível mundial. Uma necessidade que vem surgindo.

E6 – Vou repetir a dose em outubro no projeto da minha filha perto de Extrema, MG...

P - Ótimo! Se estiver de volta ao Brasil, pode me esperar por lá!

E6 – Não vamos sair do mapa! (Vou passar o Natal na Suíça, onde mora minha filha... Sou Suíça por casamento...) Então bom fim de pesquisa! E boa sorte no seu doutorado...

P – Ixi, ainda estou começando! Tenho que conversar com muita gente ainda. Certo =] Uma boa semana por aí! Se tiver qualquer dúvida, só me escrever por aqui ou pelo e-mail (acabo de encaminhar os termos). Um grande abraço!

E6 – Outro!

## APÊNDICE 4

### Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017

<b>Quadro 21.</b> Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017
(Continua)
<b>Nome completo</b>
Adailton Xavier
Adriana Farina Galbiati
Albertinho Barreto de Carvalho
Aleph Mesquita
Alessio dos Passos Santos
Amanda Papadakis
Ana Carolina Veraldo
Ana Flecha
Anália Amorim
Anarrita Bueno Buoro
André Oliveira Sampaio
André Santachiara Fossaluzza
André Soares
Andrea de Oliveira
Andrea Zimmermann
Andressa Lopes Capriglione
Ângela Maria da Costa Araújo
Angélica Jost
Arno Blankesteyn
Arthur Nanni
Beatriz Ramirez
Brisa do Svadeshi Cabral De Melo
Carla Nicolini
Carol Bona
Catarina Silveira Camargo
Cecília Heidrich Prompt



**Quadro 21.** Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017

(Continuação)

<b>Nome completo</b>
Cecília Lenzi
Célida Socorro Vieira dos Santos
César Claro Trevelin
Cesar Pegoraro
Chivi Marincola
Cicero Silva Chagas
Cintia Aparecida de Godoy
Clairton da Silva
Claudia Visoni
Claudio Eduardo Silva Nadaletto
Cláudio Jacintho
Cláudio Spínola
Clóvis Oliveira
Cristiano Arejano da Silva
Cristina Brasileira Nobre Maria
Dalva Sofia Schuch
Daniel Augusto Martins Corrêa
Daniel Barbare
Daniel Bonamin Martins
Daniel Cintra
Daniel Medeiros Mujalli
Daniél Rocha
David Alejandro Borja Ramos
Desireé De Moura Ferreira
Diego Frazão
Diogo Fonseca Mantovanelli
Diogo Monteiro
Djalma Nery Ferreira Neto
Edison Ricardo Carrascoza
Edite Faganello Querer

**Quadro 21.** Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017

(Continuação)

<b>Nome completo</b>
Eduardo Bonzatto
Eduardo Lyra Rocha
Elba Echeverría
Emmanuel Khodja
Enio Yoshinori Hayasaka
Eugênio Paixão
Fabio Benitez Forgiarini
Fábio Flecha
Fábio França
Fabio Macedo de Castro Faria
Felipe Hoffmann
Felipe Pinheiro
Fernanda Helena Palermo
Fernanda Leite
Fernando Galera
Fernando Massera
Filipe Andrade Lima
Flávia de Sá Sotto Maior
Flavia Lorena Marcondes Vivacqua
Flavia Torunsky
Francisca Pereira dos Santos
Gabriel Varella De Oliveira
Gardel dos Santos Silveira
George Belisário
Gilberto Machel Veiga D'Angelis
Giuliana Capello
Guilherme Augusto Fernandes
Guilherme Castagna
Gustavo da Motta Pollmann
Henny Freitas

**Quadro 21.** Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017

(Continuação)

<b>Nome completo</b>
Hugo Leonardo Del Ben Dias da Silva
Iana Carla Couto
Ivone Riquelme
Jandir Santin
Jeff Pietro Mota
João Daniel Simões Pires
João Gilberto Peixoto Milanez
João Paulo Becker Lotufo Júnior
João Rockett
Jorge André Gonçalves Pereira
Jorge Timmermann
Jorge Vinicius Maron
Josieli Maria
Julia Lucena Martins
Juliano P. Ricciardi
Julio Avanzo Neto
Karina Signori
Karoline Lisanne Fendel
Kenny Roncon
Leandro Sparrenberger
Leonardo de Britto
Leonardo Tannous
Lucas Blaud Ciola
Lucas Lotufo Brant
Lucia Battezzore
Luciana Kalil
Luciana Vieira
Lucy Legan
Luis Octavio de Faria e Silva
Luiz Fernando Carneiro

**Quadro 21.** Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017

(Continuação)

**Nome completo**

Luiz Roberto Salgueiro

Luiz Torres

Luiza Padoa

Marcelo Bueno

Marcelo Casimiro Cavalcante

Marcelo Chini

Marcelo de Oliveira Sindeaux

Marcelo Figueiredo Duarte

Marcelo Venturi

Marcio Mortari

Marco George Oliveira Lima

Marconi Júnior

Marcos José de Abreu

Marcos Molz

Marcos Tica

Maria Clevandira Dias Mota

Maria Eugênia Fraga Brasil

Mario Eduardo Fraga Da Silva

Marjory Mafra

Marsha Kearny Hanzi

Martin Ewert

Mateus Raymundo Müller

Melissa Dornelles

Mildred Gustack Delambre

Moacir Lacerda

Monica Carapeços Arriada

Mônica Passarinho

Murilo Leandro Marcos

Nádia Reciola de Souza

Nagoy Sol Correa da Silva

**Quadro 21.** Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017

(Continuação)

<b>Nome completo</b>
Neimar Marcos da Silva (Marcos Ninguém)
Nilson Dias
Ondalva Serrano
Orlando Enrique Rivero
Pablo Barrantes
Paulo Eduardo Rolim Campos
Paulo Roberto Amaral Lencioni
Pedro de Andrade Lopes Garcia
Pedro Kawamura Gonçalves
Percy Ney Silva
Peter Webb
Piedad Viteri
Priscila Martins Last
Rafael Bueno da Silva
Rafael Cabreira
Rafael Carvalho
Rafael Guerreiro Seraphim
Rafaelle Cristine Mendes da Silva
Rainer Grassmann
Raphael Autran Dourado
Raquel de Arruda Santos
Rebecca Dalfior Signorelli
Renan Veronesi Compagnoli
Renata Fontes
Richard Smith
Roberto Alfredo Pompéia
Rodolpho Schlickmann
Rodrigo "João de Barro"
Rodrigo Borghezán
Rodrigo Cesar Bicudo Merege

**Quadro 21.** Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017

(Continuação)

<b>Nome completo</b>
Rodrigo Flaire
Rodrigo Nantes
Samile De Andrade Lima
Sebastião Cavalcante
Sérgio Akira Adachi
Sérgio Pamplona
Sheyla Cristiane Xenofonte de Almeida
Sílvio Roberto
Simone Marcon
Skye Riquelme
Soraya Nór
Sumara Lisboa
Surian Dos Santos
Suzana Martins Maringoni
Tamy Reis Fregonesi
Tatiana Cavaçana
Tereza Theruco
Thiago Oliveira
Thiago Silva de Carvalho
Thomas Antonio Rodrigues Sousa (Enlazador)
Tiago Lemos Guedes
Tiago Oliveira
Tiago Ruprecht
Tierra Martinez
Tomaz Ahau
Tomaz Lotufo
Valdemir Lúcio Rosa
Vinicius Pereira
Viviane Corazza
Wagner Santos

**Quadro 21.** Educadores/as atuantes em Cursos de Design em Permacultura (PDCs) no Brasil entre 2013 e 2017

(Conclusão)

**Nome completo**

Wil Som

Wilkson Gondim

Wilton Oliveira Matos

Yuri José Gonçalves de Almeida

# APÊNDICE 5

## Termos de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

#### Questionário

*Este documento foi elaborado de acordo com as recomendações da Resolução CNS 466/12*

Você foi convidado/a a participar voluntariamente de uma pesquisa científica. Após ser esclarecido/a sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, preencha os dados pedidos abaixo, os quais confirmam a veracidade das informações fornecidas. Você receberá uma via deste documento assinada pelo pesquisador proponente.

Informamos que você pode se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo a sua pessoa. Além disso, não há qualquer tipo de despesa por sua participação.

Os resultados da pesquisa serão compartilhados publicamente após a defesa da tese, prevista para março de 2019.

Garantimos que os dados coletados pelo questionário serão publicados de forma anônima, ou seja, **não** será possível sua identificação junto aos dados apresentados. Afirmamos, entretanto, que há possibilidade de cruzamento de informações e que estaremos atentos para que isso não aconteça. Essa possibilidade existe porque pretendemos publicar uma lista de Cursos de Design em Permacultura existentes no Brasil.

Título do projeto de pesquisa: **“A PERMACULTURA NO BRASIL: OS CURSOS DE DESIGN E A FORMAÇÃO DE FACILITADORES/AS”**.

Objetivos: mapear os PDCs existentes no Brasil e analisar como é a formação de permacultores/as nesses espaços, assim como a formação das pessoas que atuam como facilitadores/as nos cursos.

Metodologia de pesquisa:

- 1) Facilitadores/as de PDCs no Brasil: questionário.**
- 2) Organizadores/as de cursos de formação para facilitadores/as de PDC no Brasil e no exterior: entrevista não-estruturada e/ou observação não-participante.
- 3) Grupo Curare de Permacultura: observação participante.

Pesquisador Responsável: André Santachiara Fossaluzza/ Telefone: (19) 981208756/ E-mail: fossaluza.andre@gmail.com

Endereço: Rua Manoel Bandeira, 238, Vila Santa Inês, 13469-040, Americana/SP, Brasil

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Freitas de Campos Tozoni Reis

Instituição proponente: Faculdade de Ciências, UNESP, campus de Bauru

Instituição financiadora: CNPq

---

Nome completo

---

Assinatura

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

RG/CPF: \_\_\_\_\_



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### Entrevistas não-estruturadas

*Este documento foi elaborado de acordo com as recomendações da Resolução CNS 466/12*

Você foi convidado/a a participar voluntariamente de uma pesquisa científica. Após ser esclarecido/a sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, preencha os dados pedidos abaixo, os quais confirmam a veracidade das informações fornecidas. Você receberá uma via deste documento assinada pelo pesquisador proponente.

Informamos que você pode se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo a sua pessoa. Além disso, não há qualquer tipo de despesa por sua participação.

Os resultados da pesquisa serão compartilhados publicamente após a defesa da tese, prevista para março de 2019.

Garantimos que os dados coletados na entrevista serão publicados de forma anônima, ou seja, não será possível sua identificação junto aos dados apresentados. Afirmamos, entretanto, que há possibilidade de cruzamento de informações e que estaremos atentos para que isso não aconteça. Essa possibilidade existe porque pretendemos publicar uma lista de organizadores/as de cursos de formação para facilitadores/as de PDC no Brasil e no exterior.

Título do projeto de pesquisa: **“A PERMACULTURA NO BRASIL: OS CURSOS DE DESIGN E A FORMAÇÃO DE FACILITADORES/AS”**.

Objetivos: mapear os PDCs existentes no Brasil e analisar como é a formação de permacultores/as nesses espaços, assim como a formação das pessoas que atuam como facilitadores/as nos cursos.

Metodologia de pesquisa:

- 1) Facilitadores/as de PDCs no Brasil: questionário.
- 2) **Organizadores/as de cursos de formação para facilitadores/as de PDC no Brasil e no exterior: entrevista não-estruturada e/ou observação não-participante.**
- 3) Grupo Curare de Permacultura: observação participante.

Pesquisador Responsável: André Santachiara Fossaluza/ Telefone: (19) 981208756/ E-mail: fossaluza.andre@gmail.com  
Endereço: Rua Manoel Bandeira, 238, Vila Santa Inês, 13469-040, Americana/SP, Brasil  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Freitas de Campos Tozoni Reis  
Instituição proponente: Faculdade de Ciências, UNESP, campus de Bauru  
Instituição financiadora: CNPq

---

Nome completo

---

Assinatura

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

RG/CPF: \_\_\_\_\_

## WRITTEN INFORMED CONSENT FORM

### Non-structured interviews

*This document has been elaborated according to the Resolution CNS 466/12*

You have been invited to voluntarily join a scientific research. After being clarified about the following information, in case of accepting being part of this study, fill in the required data, which confirm the veracity of the data you have provided. You will receive a copy of this document signed by the researcher.

We inform that you can leave the research any time without any kind of harm to yourself. Moreover, there is no kind of expense due to your participation.

The results will be publicly shared after the thesis defense, which is supposed to take place in March 2019.

We guarantee the collected data will be anonymously published, i.e., it will not be possible to identify who provided the data. Nevertheless, we affirm there is a chance of crossing information and that we will be aware so that this will not happen. This possibility exists because we intend to publish a list of PDC teacher training courses that exist in Brazil and other countries.

Research project title: **“PERMACULTURE IN BRAZIL: THE DESIGN COURSES AND FACILITATORS’ TRAINING.”**

Objectives: to map the existing PDCs in Brazil and analyze how the training of permaculture designers is, as well as the education of the people who act as facilitators in these courses.

Research methodology:

- 1) PDC facilitators in Brazil: questionnaire.
- 2) Organizers of PDC teachers training courses in Brazil and abroad: non-structured interview and/or non-participant observation.**
- 3) Curare Permaculture Group: participant observation.

Researcher: André Santachiara Fossaluzza/ Telephone: (+5519) 998337-9607/ E-mail: fossaluza.andre@gmail.com

Address: Rua Manoel Bandeira, 238, Vila Santa Inês, 13469-040, Americana/SP, Brazil

Tutor: Prof. Dr. Marília Freitas de Campos Tozoni Reis

Institution: UNESP’s School of Sciences, Bauru campus

Financial support: CNPq

---

Complete name

---

Signature

Date: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

ID: \_\_\_\_\_





*A justiça é o pão do povo.  
Às vezes bastante, às vezes pouca.  
Às vezes de gosto bom, às vezes de gosto ruim.  
Quando o pão é pouco, há fome.  
Quando o pão é ruim, há descontentamento.  
Fora com a justiça ruim!  
Cozida sem amor, amassada sem saber!  
A justiça sem sabor, cuja casca é cinzenta!  
A justiça de ontem, que chega tarde demais!  
Quando o pão é bom e bastante  
O resto da refeição pode ser perdoado.  
Não pode haver logo tudo em abundância.  
Alimentado do pão da justiça  
Pode ser feito o trabalho  
De que resulta a abundância.  
Como é necessário o pão diário  
É necessária a justiça diária.  
Sim, mesmo várias vezes ao dia.  
De manhã, à noite, no trabalho, no prazer.  
No trabalho que é prazer.  
Nos tempos duros e nos felizes.  
O povo necessita do pão diário  
Da justiça, bastante e saudável.  
Sendo o pão da justiça tão importante  
Quem, amigos, deve prepará-lo?  
Quem prepara o outro pão?  
Assim como o outro pão  
Deve o pão da justiça  
Ser preparado pelo povo.  
Bastante, saudável, diário.*

BRECHT, Bertold. O pão do povo. **Poemas**: 1913-1956. 2 ed., Brasília, Brasil: Brasiliense, 329 p.



Lavagem do Açaí produzido num sistema agroflorestal, Boa Vista do Acará/PA, Brasil, em agosto de 2019



## ANEXO 1

### Manifesto Coletivo – Aprendizes de Permacultura

A Permacultura vem crescendo no Brasil.

Coisa boa!

A cada dia, se multiplica o número de: Informações sendo compartilhadas pela internet; Simpatizantes e curiosos; Espaços Permaculturais e ecovilas com propostas variadas; Pessoas tentando ampliar seus conhecimentos e formas de ver o mundo partindo em jornadas de conhecimento, experiência e aprendizado sobre o assunto; Cursos, vivências e outros formatos de oportunidades de experiências Permaculturais.

Muito prazer! Somos parte daqueles integrantes do grupo crescente de pessoas tentando ampliar os conhecimentos.

Atualmente nossos principais recursos de aprendizagem vêm do grupo crescente de novos espaços Permaculturais e ecovilas. Isso através, principalmente, dos cursos, vivências e outras oportunidades encontradas pelo Brasil.

Um dia fomos aqueles simpatizantes curiosos que se encantaram com um novo mundo de possibilidades, seja apresentado em alguma publicação da internet ou relato de algum amigo que “largou tudo” e foi ser feliz.

Temos tantas histórias lindas pra compartilhar! Sorrisos, alegrias, novos saberes e experiências incríveis compõem o quadro de lembranças Permaculturais.

Mas como nem tudo são flores, vêm surgindo novos aspectos e histórias não tão lindas assim. Nos últimos meses, às vezes basta um de nós se abrir um pouco para falar de desafios que viveu para outros se identificarem e perceberem que já passaram por situações desagradáveis semelhantes.

Atualmente os desabafos se referem a espaços em comum. Lamentamos por não podermos nos abrir sobre quem somos e lamentamos também por não podermos falar diretamente sobre os lugares aos quais nos referimos. Lamentamos, pois, alguns de nós já sofreram ameaças de processos judiciais

Este manifesto é o melhor que podemos fazer por agora. Muito gratos pela sua atenção e leitura!

#### **Muitos de nós já:**

Tiveram lesões por falta de EPI (Equipamento de Proteção Individual) ou seu uso incorreto;

Foram assediados sexualmente;

Passaram por constrangimentos de cunho de imposição religiosa/espiritual;

Trabalharam sem nenhum tipo de troca ou remuneração (nem mesmo aprendizagem), ou seja, trabalho análogo à escravidão;

Pagaram por cursos que não cumpriram o divulgado (conteúdo, datas, conhecimento, certificação);

Se hospedaram em estruturas diferentes das divulgadas;

Passaram frio e fome;

Foram expulsos por questionar ou discordar;

Compraram casas com conceito Permacultural enganoso e que podem oferecer riscos à segurança e à saúde.

Que fique claro! Temos total consciência de que a maioria dos lugares, projetos e permacultores está fazendo o melhor que pode com muito carinho, seriedade e dedicação, que muitos estão no início aprendendo e experimentando como nós. Sabemos que inesperados acontecem e a caminhada é longa. Abraçamos e somos gratos!

Estes lugares e mestres honramos, apoiamos, recomendamos, guardamos no coração e nas boas lembranças.

Tamo junto!

Mas também temos a consciência de que apropriações de discursos e conceitos revolucionários e transformadores podem acontecer por pessoas cujas motivações maiores têm como base o egocentrismo exagerado, medo de escassez (acúmulo) ou ausência de empatia.

Resultado observado até o momento: Alguns lugares e projetos ensinando muito mais o que não é Permacultura do que ela realmente é. Gerando ainda experiências traumatizantes através do descaso e falta de cuidado com as pessoas. O que estamos falando aqui é uma realidade.

Hey! Isso está mesmo acontecendo!

Acreditamos que, além dos que foram diretamente lesados financeiramente, fisicamente e psicologicamente, tal situação pode afetar negativamente todo movimento Permacultural a nível nacional e internacional.

Visto que distorce e descaracteriza: conceitos; motivações; propósitos; lutas; conquistas. Já tem gente que não acredita mais na Permacultura por causa dessas situações negativas. Mas quer saber? Vamos aumentar a energia positiva!!!!

Esse não é um manifesto para causar a discórdia e blá. Afinal, cada um aqui nos bastidores falou sobre o que realmente viu e viveu. É um desabafo sincero que vem com alguns pedidos coletivos pra não deixar a peteca cair.

Trazemos pedidos para os permacultores e espaços. Servindo também de alerta e pontos a se ficar atento para os novos aprendizes que vão chegando.

**Pedido 01: Diálogo!** | Temos a necessidade de falar abertamente sobre o assunto e chamar a comunidade, adeptos, estudantes e simpatizantes da Permacultura para o diálogo. Todos nós somos atingidos por tais situações. TODOS. Incluindo os idealizadores dos outros espaços realmente Permaculturais e firmes no propósito.

Procuramos por entendimento.

Vamos conversar? O que você acha disso? Já soube de algo parecido? Já passou por isso? Já fez alguém passar por isso? Tem sugestões do que pode ser feito?

### **Saúde e bem-estar espiritual**

**Pedido 02** | Quando se propuserem a nos receber e houver trabalho prático envolvido, tenham o EPI necessário à disposição. Caso não tenham, nos avisem previamente para estarmos cientes tanto dos riscos como das necessidades levar os nossos.

**Pedido 03** | Tenham consciência do que podem fazer e de onde podemos ir em casos de doenças ou acidentes. Se possível tenham a disposição uma lista com endereços e telefones úteis para emergências. Muitas vezes somos forasteiros e não conhecemos nada nem ninguém na cidade. Tenham um plano para casos de emergência.

**Pedido 04** | Perguntem sobre restrições alimentares, alergias, contatos de emergência, plano de saúde, restrições físicas, condicionamento físico de quem vem participar de vivências ou cursos imersivos.

**Pedido 05** | Aceitem, entendam e respeitem nossos limites físicos. Cada ser humano é único. Lembrem-se de que não somos máquinas e não vamos conseguir acabar com a Monsanto se estivermos quebrados.

**Pedido 06** | Informem com antecedência sobre: Tomadas de decisões, procedimentos administrativos e resoluções de conflito serem feitas com base em alguma religião, crença ou seita específica. Forma de alimentação e restrições praticadas no espaço.



**Pedido 07** | Caso o espaço mantenha algum tipo de prática espiritual da qual não somos praticantes, por favor respeitem nossa liberdade laica. Saibam separar hora e lugar para tais práticas, sem que nos afete. Afinal, a Permacultura fala sobre espiritualidade, mas não se foca em nenhuma religião específica. Procurem não distorcer os conceitos da Permacultura a favor de suas práticas e crenças pessoais específicas. Estamos buscando aprendizagens Permaculturais e não proselitismo religioso.

### **Espaço construído**

**Pedido 08** | Antecipadamente à nossa chegada sejam claros e realistas ao nos informarem sobre:

Estrutura do local onde vamos nos hospedar, onde vamos aprender e onde vamos trabalhar, se for o caso.

Como é a estrutura e funcionamento dos dormitórios, banheiros, campings, cozinha etc. Às vezes alguns de nós têm restrições físicas. Ou, como cada um está em um momento do processo de adequação às estruturas Permaculturais, pode estar preparado ou não para se adequar a certas realidades. Deixem essa escolha por nossa conta, sejam honestos.

Necessidade de levar cobertores, sacos de dormir, roupas de cama, colchões e afins.

**Pedido 09** | Muitos de nós sabem pouco sobre práticas Permaculturais, então nos ensinem com calma e amor como funciona cada parte do espaço: separação de lixo, composteira, sistema de saneamento, uso de material de limpeza etc. Afinal, buscamos o seu espaço para aprender e posteriormente multiplicar.

### **Economia e finanças**

**Pedido 10** | Não usem o discurso antissistema capitalista e falsos propósitos solidários quando forem empreendedores tradicionais e estiveram buscando acúmulo financeiro pessoal.

Percebemos quando a teoria não encontra a prática. Sejam antecipadamente honestos e transparentes com a gente e também com vocês mesmos.

### **Posse da terra e governança comunitária**

**Pedido 11** | Sejam previamente sinceros e claros sobre:

A instituição ser privada ou não; Tipo de instituição: ONG, OSCIP, instituto, escola, estação de Permacultura, universidade, república, ecovila, casarão de Senhor Feudal, etc; Formato de governança do espaço e onde nos enquadrados nele ao longo do período que estivermos lá.

### **Manejo da terra e natureza**

**Pedido 12** | Procurem nos ensinar e instruir sobre como manejar as hortas e plantios em geral, podemos e queremos ajudar nos processos de manejo de terra e gostaríamos de ser bem instruídos para tal.

Queremos aprender a plantar comida também.

### **Ferramentas e tecnologias**

**Pedido 13** | Antes de nos pedirem que façamos manuseio de alguma ferramenta, ensinem e sejam claros sobre a forma de uso correta. Alguns de nós já tiveram lesões por falta de instruções básicas.

## Educação e cultura

**Pedido 14** | Usem termos como “ensino”, “curso” e afins quando de fato dominarem o assunto em questão, principalmente quando os eventos forem pagos e pessoas estiverem indo de longe para participar. É muito frustrante quando percebemos que os facilitadores não sabem ao certo do que estão falando ou não estão preparados. Disponham-se a ensinar o que sabem.

**Pedido 15** | Quando o programa de ensino for experimental e os facilitadores ou professores ainda não dominarem o assunto, deixem isso claro. Tudo bem estarmos aprendendo juntos!

**Pedido 16** | Tenham a certeza de que seu curso se enquadra nos parâmetros oficiais do PDC (Permaculture Design Course) antes de usarem essa classificação para a divulgação. Se na ementa só existe o ensino de um fogão foguete e uma parede de pau a pique sem abranger de forma coerente as outras pétalas da Permacultura, especifiquem que o curso é introdutório de bioconstrução.

**Pedido 17** | Sejam honestos quanto a classificação e nomenclatura dos cursos e também justos com os valores. Não deixaremos de fazê-los, nos sentiremos mais respeitados e encorajados a participar de outros cursos caso haja essa transparência.

**Pedido 18** | Imprevistos acontecem, mas quando se propuserem a dar cursos e afins, se esforcem para seguir a ementa proposta, tenham os equipamentos e infraestrutura previamente. Planejamento e comprometimento são coisas importantes. Não deixem para última hora.

**Pedido 19** | Divulguem parcerias e certificações dos seus cursos que tenham validade comprovada e que sejam reais. Vocês não vão deixar de ter alunos e participantes de seus cursos por não darem certificados. A maioria de nós só quer aprender e viver momentos incríveis, mas quando uma certa certificação ou reconhecimento é prometida e não cumprida nos sentimos tristes e enganados.

**Pedido 20** | Estudem bem conceitos e definições do universo da Permacultura e ferramentas que ela utiliza antes de repassá-las a nós. A Permacultura é tão linda, nos move e dá esperança de um mundo melhor. Quando vai sendo passada de forma ruidosa, vai perdendo sua força. Exemplo: se uma das características de uma agrofloresta é a presença de plantas lenhosas, não nos ensine que um canteiro com tabaco e abóbora em uma terra que há 3 meses tinha plantação de milho com uso de agrotóxicos é agrofloresta orgânica.

## Programas de vivências contínuas nos espaços

**Pedido 21** | Repensem a abordagem de “voluntariado”.

Voluntariado: É o ato de doar seu tempo e seu conhecimento para fomentar a sociedade em que você vive, através de ações que não são remuneradas mas que têm um valor muito importante para sua comunidade e para o próximo.

Em programas de voluntariado sérios, pagamos por vezes valores baixos pela alimentação e temos em troca conhecimentos e vivências incríveis.

Para os tipos mais tradicionais de relação de trabalho, vamos usar a nomenclatura correta para evitar desgastes?

**Pedido 22** | Façam um acordo prévio de quantidade de horas de atuação, horários a serem cumpridos para bom andamento, funções e etc. Não façam cobranças de coisas que não foram acordadas ou exigências de trabalhos que não foram combinados.

Se procura apenas por mão de obra barata, informe-se sobre as leis trabalhistas. No fundo você pode estar alimentando um formato de escravidão moderna ou sendo aproveitador. Remunere de forma justa e clara seus funcionários.

**Pedido 23** | Procure entender a diferença entre aluno, turista, hóspede, voluntário, estagiário, funcionário e escravo. Seja claro sobre qual destas funções você espera de nós e defina previamente como se dará a troca monetária nas conformidades do bom senso, da ética, da justiça e da lei.

### **Cuidado com as pessoas**

**Pedido 24** | Não caçoem ou nos julguem quando antes de ir ao seu espaço fazemos muitas perguntas por e-mail ou telefone. Temos muitas dúvidas, precisamos nos resguardar, cada um de nós está em um momento diferente e à procura de experiências específicas.

**Pedido 25** | Antes de unirem em um só espaço pessoas de estados, culturas e realidades diferentes, tenham um plano para situações que exijam resolução de conflitos. Estamos todos aprendendo juntos e não existe uma resposta definitiva para casos assim, mas tentem não deixar para última hora pensar sobre o assunto. Mais cedo ou mais tarde pode acontecer algum conflito.

**Pedido 26** | Não nos trate como objetos descartáveis. Somos seres humanos, únicos, insubstituíveis, temos sentimentos. Não somos lixo. Respeite nossa opinião, mesmo se ela for diferente da sua. Quando a gente deixar de ser "útil" pra você, por favor não nos trate mal. Não grite. Se não estivermos cumprindo com suas expectativas, pode nos chamar e assim podemos conversar francamente. E quando a gente for conversar com você, não precisa fingir que é nosso amigo e concordar com tudo que a gente fala só pra parecer que está tudo bem, mas aí no dia seguinte fazer exatamente o contrário do conversamos. Seja sincero.

### **Cuidado com as pessoas**

Durante a convivência é comum e saudável que pessoas se conheçam e se interessem afetiva/sexualmente entre si. E isso é ótimo, desde que exista respeito de ambas as partes, sem forçar a barra, sem usar sua posição ou sua religião para tentar "convencer" alguém a ficar com você.

Também não é legal enviar fotos de nudez não-solicitadas para quem já demonstrou que não tem interesse. Ninguém vai se "apaixonar" porque viu seu nude.

Se seu relacionamento é não-monogâmico e seu cônjuge não tem nenhum problema em relação a isso, perfeito. Mas nem todos são iguais e tem pessoas que não querem esse tipo de relacionamento, então sua condição de não-monogâmico também deve ser transparente desde o princípio para seus novos relacionamentos.

Também não é nada legal usar as pessoas como mero objeto sexual descartável, sem se importar com seus sentimentos.

### **Precisamos falar sobre Ecovilas**

O número de pessoas buscando uma vida com mais qualidade e perto da natureza vem crescendo. Principalmente quando se vê no Facebook anúncios com promessas de casas boas e baratas. Comercializar casas em Ecovilas é uma grande responsabilidade, visto que inclui uma enorme quantidade de movimentos, reorganizações (culturais, financeiras, físicas, psicológicas, etc) na vida de quem compra uma destas casas.

Imprevistos acontecem, mas mantenham a palavra sobre a ideologia e planejamento destes lugares coletivos. Não vendam condomínios como "Ecovilas" e nem a ideia de "liberdade" se no fundo estão criando um espaço para serem senhores feudais modernos.

A proposta de Ecovila é viver em comunidade e não em regime ditatorial de seus idealizadores. Acreditamos no poder dos acordos de convivência criados de forma coletiva. Acordos estes que podem ser o ponto inicial e parâmetros para os interessados em se unirem.

Antes de nos mudarmos para as ecovilas, é importante conhecermos os acordos de convivência reais do espaço para, antes de comprarmos nossas passagens e vendermos nossos bens, sabermos com clareza se nos sentiremos plenos e felizes.

Cada um de nós tem o direito de viver em uma comunidade que abrace e tenha pontos em comum com nossas crenças e valores.

No caso de comercialização de casas em “eco condomínios” com regras de convivência pré-estabelecidas, não subestimem a capacidade de pensamento crítico dos envolvidos, deixem claro em contrato quais são tais regras e sigam.

Suas crenças são suas! Podem não ser a de todos. Principalmente se envolvem substâncias que nem todas as pessoas consomem.

Vale lembrar que uma Ecovila é feita de pessoas e não só de casas.

### **Sobre Condomínios “Tipo Eco”**

**Pedido 27** | Tenham no mínimo a participação de um engenheiro e um arquiteto (capacitados, por favor) para realizar o projeto das casas vendidas pela internet.

**Pedido 28** | Tenham a certeza de que a comunidade local entende e aceita a existência do condomínio.

**Pedido 29** | Tenham um orçamento realista e bem planejado para a construção e criação de toda a estrutura. Não existe vantagem em comprar uma casa barata se ela não terá condições de ficar em pé. Ou se ainda, posteriormente, começarem a nos avisar de custos extras que só foram descobertos depois por falta de planejamento prévio.

Isso é muito sério.

Isso não é uma brincadeira.

**Pedido 30** | Quando as paredes estiverem ficando tortas, caírem, haver infiltrações e as casas visivelmente oferecerem riscos às pessoas por falta de estrutura bem construída, por favor parem, assumam o erro, assumam seus limites de experiência, conhecimento e planejamento. Não coloquem a culpa nas forças da natureza, no universo, nos “voluntários” e muito menos em inimigos inventados.

A vida, integridade física e saúde dos outros seres humanos valem mais do que do que ter um nome famoso e belas fotos no Facebook.

**Pedido 31** | Tenham todas as informações relacionadas ao que faz o condomínio ser “eco”, Permacultural, sustentável ou como queiram chamar. Assim podemos avaliar por nós mesmos se o conceito se aplica na prática.

Quando compramos uma casa no conceito Permacultural não esperamos receber um bloquinho com toneladas de concreto.

### **Pedidos aos aprendizes e futuros aprendizes**

Você que é um aprendiz de Permacultura e encontrou um espaço legal pra ter sua experiência, temos alguns pedidos pra você também:

Levar o trabalho a sério e participar das atividades propostas.

Trabalhar a quantidade de horas previamente combinada com os donos do espaço;

Pagar pela alimentação é justo e necessário para os espaços sérios. A experiência provavelmente será incrível, você vai ganhar muito conhecimento em troca, então nada mais justo que bancar sua própria comida. Os donos dos espaços não são os pais dos aprendizes e não tem obrigação de sustentá-los;  
Aprenda muito e passe a informação pra frente

### **Conclusão**

Com este Manifesto esperamos contribuir para abertura de um canal de diálogo entre permacultores e aprendizes em âmbito nacional. Esperamos que os permacultores e permacultoras tenham lido o documento com o coração aberto e tenham recebido não apenas como um amontoado de críticas, mas como um desabafo sincero e pedido de ajuda que tem como objetivo o fortalecimento do movimento.

Solicitamos o apoio na divulgação e participação no debate saudável a respeito dos temas levantados.

Não vamos desistir da Permacultura!!!

A Permacultura é uma ferramenta incrível que tem potencial de mudar o mundo. Mas quando seu nome é usado apenas para promoção pessoal, sem seguir sua ética, pode ser prejudicial para todo o movimento.

Devemos ser responsáveis e fazer Permacultura de verdade, respeitando todos os seus princípios, em especial o "cuidado com as pessoas". Nunca devemos nos esquecer que pessoas não são descartáveis.

## ANEXO 2

### Bases para um Curso de Design em Permacultura – PDC: Permacultores Pioneiros do Brasil

#### Slide 1

Bases para um Curso de Design em Permacultura – PDC: Permacultores Pioneiros do Brasil:  
Permacultores Pioneiros do Brasil

#### Slide 2: Bases para o Curso de Design em Permacultura - PDC

- Este documento foi escrito e discutido por um grupo de permacultores pioneiros da Permacultura no Brasil (desde início dos anos 90), com longa história e experiência. O que nos mobilizou foram as crescentes reclamações e denúncias sobre posturas antiéticas, PDCs superficiais e casos graves de abusos de diversas formas. Isto não é Permacultura!

- A intenção deste documento é dar, como geração mais velha, parâmetros das boas práticas e fidelidade à proposta do Curso de Design em Permacultura (PDC) como ferramenta na formação de permacultores.

#### Slide 3: O Curso PDC

O PDC ou Permaculture Design Course foi um curso imaginado e montado por Bill Mollison para formar um permacultor. O curso é baseado no livro clássico Permaculture Designer's Manual (Manual do Designer em Permacultura), uma publicação que em suas 576 páginas apresenta bases conceituais das diferentes áreas de conhecimento que integram a Permacultura, bem como ética, metodologia e princípios de design para criar espaços abundantes e sustentáveis. Além de trazer extenso referencial teórico é recheado de exemplos e repertório em técnicas para aplicação prática.

#### Slide 4: O Curso PDC

Permacultura é uma ciência complexa e não uma técnica ou um conceito vago. Também não se restringe a uma área do conhecimento ou especialidade. Assim, para iniciar o planejamento de espaços Permaculturais é essencial ter essa base ampla. Mollison elenca os conteúdos e uma carga horária mínima de 72h, além da obrigatoriedade de se elaborar o design como atividade de conclusão de curso. Também estipula a obrigatoriedade de 100% de presença para que se receba o certificado.

Permacultores no mundo inteiro recebem essa formação, que foi balizada por um programa curricular mínimo (Syllabus) publicado em 1985, conforme copiamos traduzido abaixo:

#### Slide 5: Programa Curricular PDC – Syllabus

Parte 1 – Design em Permacultura

Introdução

Princípio dos sistemas naturais

Metodologias de design

Padrão no Design

Perfil Clássico da Paisagem

Solos

Design para Catástrofes

Prédios e estruturas

Tecnologia de conservação de energia apropriadas

Florestas e árvores

Água na Paisagem  
Ecologia Cultivada  
Aquacultura e Maricultura  
Disposição das sobras e reciclagem  
Gerenciamento da Vida  
Selvagem Sementes e estufas

Parte 2 – As estruturas invisíveis do Assentamento  
Reciclagem na Comunidade  
Economia Informal / Formal  
Acesso à terra e Sistemas Urbanos  
Formas Legais  
Desenvolvimentos da Vila  
Comércio

### **Slide 6: Programa Curricular PDC – Syllabus**

O conteúdo do curso PDC é o mesmo no mundo todo. Mas de acordo com a metodologia pedagógica de cada instrutor os temas podem ser reorganizados e denominações também serem adequadas para facilitar a compreensão do seu público. Ajustes são comuns. Contudo, não se pode reduzir esse conteúdo, nem alterar sua essência e relação com o Permaculture Designer's Manual.

### **Slide 7: Atenção 1**

- Um PDC é um curso basicamente teórico, onde as práticas vêm para ilustrar a teoria. Para dar conta de tão extenso conteúdo é necessária organização espaço temporal (aulas respeitando os horários combinados, espaço adequado para aulas etc.).

- O PDC compreende aulas teóricas e os exercícios de Design, com apoio dos instrutores do PDC e no espaço do curso como trabalho de conclusão do curso.

### **Slide 8: Atenção 2**

- O PDC é um curso LAICO, respeita religiões e religiosidades (TODAS). Por partir da ética de cuidado com as pessoas, não propõe NENHUMA vivência religiosa, ou medicinal (rapé, ayuasca, daime, tabaco, Santa Maria, missa, culto etc.).

- Conteúdos extras relevantes, que por opção se coloquem no PDC devem ser explicitados como conteúdos EXTRA, fora do currículo original. E não são obrigatórios para o certificado do PDC.

### **Slide 9: Atenção 3**

- A Permacultura é profundamente política, à medida que questiona a organização da sociedade e propõe uma nova cultura de permanência. Contudo, política partidária e alinhamento ideológico ficam restritos a opiniões pessoais e não devem ser trazidos para o curso.

- A Permacultura não impõe restrições ao manejo de animais nos sistemas Permaculturais, nem ao consumo de alimentos e uso de produtos de origem animal. No entanto, o PDC respeita as opções de alimentação/ relação com animais de cada participante.

- Ética de cuidado das pessoas e respeito à diversidade deve ser observado no espaço do curso.

### **Slide 10: Atenção 4**

- As práticas no PDC são com fins didáticos (ilustrativas, de oportunidade, e não de exploração do trabalho voluntário).

- O valor de um curso é variável. Porém deve respeitar o princípio ético da PARTILHA JUSTA.

- No PDC, como em qualquer curso, existem papéis (instrutores, equipe de apoio, estudantes). Estes papéis devem respeitar a ética e reconhecer suas particularidades específicas, sem abuso de poder. Assédio sexual e moral por parte de qualquer parte envolvida não são aceitos. Cabe a todos a denúncia de qualquer inadequação.

- Quem CERTIFICA um PDC é o instrutor que ministra o curso.

- Recebe o CERTIFICADO do curso quem tiver 100% de presença nas aulas.

#### **Slide 11: Os Instrutores**

- O(a) instrutor(a) de um curso PDC deve ter feito um PDC ministrado por instrutor(a) reconhecido(a) e ter alguns anos de prática. Antes de se inscrever em um curso de Permacultura, analise quem são os instrutores. Você também pode pedir para ver seus certificados e pesquisar no site [permaculturglobal.com](http://permaculturglobal.com) para verificar com quem fizeram seus PDCs.

- Não confie em propaganda. Solicite a programação completa do curso e busque conversar com pessoas que já fizeram curso com este(a) instrutor(a). Busque saber sobre sua experiência, coerência entre teoria e prática, ética e solidez do seu trabalho.

#### **Slide 12: Os Instrutores**

- Um PDC pode ter vários instrutores, mas pelo menos UM deles deve acompanhar o curso em 100% do tempo, para amarrar os conteúdos e tudo o que é falado, preenchendo lacunas nas falas dos distintos instrutores.

- Este instrutor que acompanha o grupo é quem assina o certificado.

- O instrutor deve ser ético e ter clareza do seu papel e função no curso. Respeito, tranquilidade e entusiasmo pela Permacultura devem pautar suas ações.

- Situações de assédio, de qualquer tipo, são inaceitáveis.

- Deve interagir com o grupo de forma tranquila e respeitosa. Evitar os ISMOS (machismo, autoritarismo, partidarismo, sexismo).

- O instrutor deve buscar uma boa didática e metodologia. Espontaneísmo e falta de cuidado com o planejamento das aulas comprometem o curso.

- Observar e interagir, aceitar os feedbacks do grupo são ações que um instrutor deve seguir ao longo do curso.

- Um PDC é um curso que mobiliza muitas coisas nos participantes. O instrutor deve ter cuidado ao aconselhar pessoas, tendo claro que sua função é de instrutor, e não terapeuta.

- O permacultor é um generalista, e não um especialista em apenas um conteúdo, deve dominar minimamente todo o conteúdo do curso.

#### **Slide 13: O Espaço**

- O espaço do curso deve ser confortável para as aulas.

- Nos cursos de imersão alojamento, alimentação, cama, banho devem seguir o princípio de cuidado com as pessoas, entendendo a diversidade de ambientes. No Brasil, banho quente no Sul é fundamental, já no nordeste não é necessário, por exemplo.

- Nas práticas deve ser considerado que muitos cursantes não têm nenhuma experiência com ferramentas. Todos devem ser orientados e utilizar EPI.

#### **Slide 14: O Grupo**

- Um bom número de participantes de um curso deve ser entre 12 e 40 pessoas.

- Momentos de autogestão e cooperação entre todos são interessantes para a formação do grupo (manutenção e limpeza da sala de aula e outros espaços coletivos, limpeza de louça e apoio à cozinha etc.).



**Slide 15: Assinam este documento**

Jorge Timmermann

André Soares

Sérgio Pamplona

João Rockett

Suzana Maringoni

Ivone Riquelme

Marsha Hanzi

Skye

Peter Jonathan Webb

Lucy Legan

Marcelo Bueno

Carlos Miller

Cláudio Sanhotene

Redação, revisão e edição: Suzana Maringoni, Jorge Timmermann, Sérgio Pamplona